

**ROBERT A.
HEINLEIN**
**AMOR SEM
LIMITES**



As vidas de Lazarus Long

Robert A. Heinlein

AMOR SEM LIMITES
As vidas de Lazarus Long

Edição integral



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Título do original: "Time enough for love"

Tradução: Marina Leão Teixeira Viriato de Medeiros

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

As vidas do Membro Sênior das Famílias Howard (Woodrow Wilson Smith; Ernest Gibbons; capitão Aaron Sheffield; Lazarus Long; Daze "Feliz" Sua Serenidade Serafim, o Moço, Supremo Sacerdote do Único Deus em Todos os Seus Aspectos e Árbitro Abaixo e Acima; Prisioneiro Proscrito número 83M2742; Meritíssimo Juiz Lenox; cabo Ted Bronson; dr. Lafe Hubert; e outros), Membro Mais Velho da raça humana. Este relato baseia-se principalmente nas Próprias Palavras do Sênior, registradas em muitas ocasiões e lugares, especialmente na Clínica Howard de Rejuvenescimento e no Palácio Executivo de Nova Roma, em Secundus, no ano 2053 após a Grande Diáspora (ano gregoriano de 4272 do Velho Lar Terra) — suplementadas por cartas e relatos de testemunhas oculares, o conjunto então ordenado, comparado, condensado e (quando possível) reconciliado com registros oficiais e histórias contemporâneas, como determinado pelos Curadores da Fundação Howard e executado pelo Arquivista Emérito da Howard. O resultado é de importância histórica única, apesar da decisão do arquivista de deixar nele inexactidões clamorosas, alegações em causa própria e muitas anedotas imorais, inconvenientes para pessoas jovens.

Introdução

De como escrever a história

"A história tem com a verdade a mesma relação que a teologia tem com a religião — isto é, nenhuma que mereça menção."

L. L.

A Grande Diáspora da raça humana, que começou há mais de dois milênios, quando o Êxodo Libby-Sheffield foi divulgado, e que continua até hoje não mostrando sinal algum de diminuir, tornou a redação da história, como narrativa única — ou mesmo muitas narrativas compatíveis —, impossível. No século XXI (gregoriano)⁽¹¹⁾, no Velho Lar Terra, a nossa raça era capaz de dobrar o seu número três vezes em cada século — desde que tivesse espaço e matérias-primas.

O Êxodo para as Estrelas proporcionou ambos. O *Homo sapiens* espalhou-se por este setor da nossa galáxia a muitas vezes a velocidade da luz e multiplicou-se como fermento. Se tivesse ocorrido a duplicação no potencial do século XXI, nosso número seria agora da ordem de $7 \times 10^9 \times 2^{68}$ — número este tão grande que chega a desafiar o controle emocional; ele é adequado apenas para os computadores:

$$7 \times 10^9 \times 2^{68} = 2\,066\,035\,336\,255\,469\,780\,992\,000\,000\,000$$

ou mais de dois mil milhões de bilhões de trilhões de pessoas — ou uma massa de proteína vinte e cinco *milhões* de vezes maior de que toda a massa do planeta nativo da nossa raça, Sol III, Velho Lar.

Um absurdo.

Digamos que isso seria absurdo se a Grande Diáspora não tivesse ocorrido, porque a nossa raça, tendo atingido o potencial de duplicar três vezes em cada século, havia chegado também a uma crise na qual não podia duplicar nem mesmo uma vez — aquela dobra na curva da lei do crescimento do fermento na qual uma população só pode manter uma estabilidade precária de crescimento zero matando seus próprios membros com rapidez adequada... para que não se afoguem nos seus próprios venenos, cometam suicídio através da guerra total ou tropecem em alguma outra forma de solução final malthusiana.

No entanto, a raça humana não aumentou (achamos) até esse número monstruoso, porque o número-base para a Diáspora não deve ser considerado como de sete bilhões, mas, antes, de alguns milhões no início da era, mais as inumeráveis centenas de milhões, pequenas mas ainda crescendo desde então, que emigraram da Terra e dos seus planetas-colônias para lugares mais distantes ainda durante os dois últimos milênios.

Não somos mais capazes, porém, de fazer uma estimativa razoável do número da raça humana, nem temos sequer uma contagem aproximada dos planetas colonizados. O máximo que podemos dizer é que deve haver mais de dois mil planetas colonizados e mais de quinhentos bilhões de pessoas. Os planetas colonizados podem chegar ao dobro desse número e a raça humana pode ser quatro vezes mais numerosa do que isso. Ou mais.

Assim, até os aspectos demográficos da historiografia se tornaram impossíveis; os dados já estão desatualizados quando os recebemos, e sempre incompletos. Apesar disso, não tão numerosos e têm um grau de confiança tão variável, que muitas centenas de computadores humanos da minha equipe se ocupam em tentar analisá-los, conferi-los, interpolá-los e extrapolá-los, comparando-os com outros dados, antes de incorporá-los aos registros. Tentamos manter padrões de 95 por cento de probabilidade de dados corrigidos e 85 por cento de grau de confiança pessimista; nossos resultados estão mais próximos de 89 por cento e 81 por cento — e tendem a piorar.

Os pioneiros pouco se preocupam em mandar registros para o escritório da matriz; estão ocupados em manter-se vivos, fazer filhos e matar qualquer coisa em seu caminho. Geralmente uma colônia já está em sua quarta geração até que *qualquer* dado chegue a este escritório.

(Nem pode ser de outra maneira. Um colono interessado demais em estatísticas se torna ele próprio uma estatística — como cadáver. Eu pretendo emigrar; certa vez fiz isso, não vou incomodar-me se este escritório souber ou não por onde ando. Meti-me neste trabalho essencialmente inútil por quase um século, em parte através de incentivos e em parte por disposição genética — sou um descendente direto e reforçado do próprio Andrew Jackson Slipstick Libby. Mas sou descendente também do Sênior, e possuo — acho eu — um pouco da sua natureza irrequieta. Quero acompanhar os gansos selvagens e ver o que está acontecendo lá fora — casar-me novamente, deixar uma dúzia de descendentes num planeta novo não superpovoado e depois, possivelmente, seguir em frente. Uma vez que tenha coletado as memórias do Sênior, os Curadores podem, como se diz no antigo idioma do Sênior, pegá-las e enfiá-las no rabo.)

Que tipo de homem é o nosso Sênior, meu ancestral e provavelmente seu também, e certamente o mais velho ser humano vivo, o único homem que tomou parte em todo o espetáculo pomposo da crise da raça humana e sua superação da crise através da Diáspora?

Porque a superamos. Nossa raça pode perder agora cinqüenta planetas, cerrar fileiras e seguir em frente. Nossas valorosas mulheres podem substituir as baixas numa única geração. Não que isto pareça possível acontecer; até agora não encontramos nenhuma raça tão baixa, tão sórdida, tão mortífera como a nossa. Uma extrapolação conservadora indica que chegaremos àquele número absurdo dado anteriormente em mais algumas gerações — e nos mudaremos desta galáxia para outras antes de terminarmos de colonizar esta aqui. Na verdade, informações de mais longe ainda indicam que as naves coloniais intergalácticas já estão se dirigindo para as Profundezas Sem Fim. Estas informações não foram

verificadas — mas as colônias mais viris estão sempre muito longe dos centros mais populosos. Pode-se ter esperança.

Na melhor das hipóteses, a história é difícil de compreender; na pior, é uma coleção mortífera de registros duvidosos. É mais viva através das palavras de testemunhas oculares. e só temos uma testemunha cuja vida abranja os vinte e três séculos de crise e a Diáspora. O segundo ser humano mais velho cuja idade este escritório foi capaz de verificar tem apenas pouco mais de mil anos de idade. A teoria da probabilidade torna possível haver em alguma parte uma pessoa com a metade dessa idade — mas é tanto matemática como historicamente certo não haver nenhum outro ser humano vivo atualmente que tenha nascido no século XX.^[2]

Alguns podem perguntar se este Sênior é o membro das Famílias Howard nascido em 1912 e também o Lazarus Long que levou as Famílias em sua fuga do Velho Lar em 2136, etc. — acentuando que todos os antigos métodos de identificação (impressões digitais, tipos de retina, etc.) agora estão superados. É verdade, aqueles métodos eram adequados para sua época, e a Fundação das Famílias Howard tinha motivos especiais para usá-los com cuidado; o Woodrow Wilson Smith cujo nascimento foi registrado na Fundação em 1912 é certamente o Lazarus Long de 2136 e 2210. Antes de aqueles testes deixarem de ser dignos de confiança, foram, suplantados por testes modernos insuperáveis, baseados primeiro em transplantes de clones e, posteriormente, em identificação absoluta dos padrões genéticos. (É interessante mencionar que apareceu um impostor há cerca de três séculos, aqui em Secundus, e recebeu um novo coração de um pseudocorpo clonado do Sênior. Isso o matou.) O Sênior cujas palavras são citadas aqui tem um padrão genético idêntico ao de um pedaço de tecido muscular retirado de Lazarus Long pelo dr. Gordon Hardy na nave estelar *Novas Fronteiras* por volta de 2145, e cultivado por ele para pesquisa de longevidade.

Q.E.D.^[3]

Mas que tipo de homem é ele? Você deve julgar por si mesmo. Ao condensar esta biografia, dando-lhe um tamanho manuseável, omiti muitos incidentes históricos verificados (os dados brutos estão à disposição dos estudiosos nos arquivos) — mas deixei nela mentiras e histórias pouco prováveis na suposição de que as mentiras que um homem conta contêm mais verdades sobre ele — quando analisadas — do que a "verdade".

Está claro que este homem é, pelos padrões habituais das sociedades civilizadas, um bárbaro e um patife.

Mas não compete aos filhos julgarem seus pais. As qualidades que fazem dele o que é são precisamente aquelas necessárias para manter-se vivo numa selva — ou numa fronteira inóspita. Não se esqueça do seu débito para com ele, tanto genético quanto histórico.

Para compreender o nosso débito histórico para com ele é necessário examinar um pouco da história antiga — parte tradição ou mito, e parte fato tão firmemente estabelecido quanto o assassinato de Júlio César. A Fundação das

Famílias Howard foi instituída pelo testamento de Ira Howard, que morreu em 1873. Seu testamento instruiu os curadores da Fundação a usarem o seu dinheiro para "prolongar a vida humana". Isto é fato.

A tradição diz que ele estabeleceu isto por raiva da própria sorte, porque se viu morrendo *de velhice* aos quarenta e oito anos — morto aos quarenta e oito anos, solteiro, sem descendência. Assim, nenhum de nós possui o seu gene; sua imortalidade está apenas num nome, e numa idéia — a de que a morte pode ser evitada.

Na época, a morte aos quarenta e oito anos não era fora do comum. Acreditem ou não, naquele tempo a idade média em que se morria era trinta e cinco anos! Mas não de senilidade. A doença, a fome, os acidentes, o assassinato, a guerra, o parto e outras violências ceifavam a maioria dos seres humanos muito antes de a senilidade aparecer. Mas o ser humano que tivesse passado por todos esses obstáculos ainda podia esperar a morte por velhice em alguma ocasião entre os setenta e cinco e os cem anos. Pouquíssimos atingiam os cem; no entanto, todo grupo populacional tinha sua ínfima minoria de "centenários". Há uma lenda sobre o Velho Tom Parr, que julgam haver morrido em 1635 com cento e cinquenta e dois anos de idade. Se a lenda é verdadeira ou não, a análise das probabilidades dos dados demográficos dessa época mostra que alguns indivíduos devem ter vivido um século e meio. Mas eram realmente poucos.

A Fundação iniciou o seu trabalho como uma experiência de criação pré-científica, já que nada se conhecia então de genética: os adultos de linhagens que viviam muito eram encorajados a cruzar com outros como eles, sendo o dinheiro o incentivo.

Por surpreendente que pareça, o incentivo funcionou. Por surpreendente que pareça, esta experiência igualmente funcionou, já que era um método empírico usado pelos criadores de gado durante séculos antes de surgir a ciência da genética: cruzar para reforçar uma característica, depois eliminar o refugo.

Os arquivos das Famílias não revelam como os primeiros refugos foram eliminados; revelam simplesmente que alguns foram eliminados das Famílias — raízes e ramos, todos os descendentes — pelo pecado imperdoável de morrerem de velhice jovens demais.

Na crise de 2136, todos os membros das Famílias Howard tinham expectativas de vida de mais de cento e cinquenta anos, e alguns ultrapassaram tal idade. A causa dessa crise parece inacreditável — contudo, todos os registros, tanto de dentro como de fora das Famílias, concordam com ela. As Famílias Howard estavam extremamente ameaçadas por todos os outros seres humanos simplesmente por viverem "tanto". Por que isto era verdade é uma questão para psicólogos de grupo, não para um arquivista. Mas *era* verdade.

Elas foram capturadas e concentradas num campo de prisioneiros, e estavam prestes a serem torturadas até a morte, numa tentativa de lhes arrancarem seu "segredo" da "eterna juventude". Fato — não mito.

Aqui o Sênior entra na história. Por meio de audácia, talento para mentir

convincentemente, e o que poderia parecer à maioria das pessoas atualmente um prazer infantil na aventura e na intriga por si mesmas, o Sênior dirigiu a maior fuga de presos de todos os tempos, seqüestrando uma nave estelar primitiva e fugindo para fora do Sistema Solar com todos os membros das Famílias Howard (totalizando, então, cerca de cem mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças).

Se isto parece impossível — tantas pessoas e apenas uma nave —, lembrem-se de que as primeiras naves estelares eram muito maiores do que as que usamos agora. Eram planetóides artificiais auto-suficientes, projetados para permanecer no espaço por muitos anos a uma velocidade abaixo da velocidade da luz, *tinham* que ser enormes.

O Sênior não foi o único herói desse êxodo. Entretanto, em todos os relatos variados e um tanto conflitantes que chegaram até nós, ele era sempre a força impulsora. Ele foi o nosso Moisés, o homem que livrou o seu povo da servidão.

Ele o trouxe de volta para casa três quartos de século mais tarde (2210) — mas não para a servidão. Porque essa data, ano 1 do calendário galáctico padrão, marca o início da Grande Diáspora... causada pela pressão extrema da população no Velho Lar Terra, e tornada possível por dois novos fatores: o Paraêxodo Libby-Sheffield, como era conhecido então (não um êxodo em qualquer sentido verdadeiro, mas um meio de manipular os espaços n-dimensionais), e as primeiras técnicas eficazes (e mais simples) de longevidade: sangue novo criado *in vitro*.

As Famílias Howard fizeram com que isto acontecesse simplesmente fugindo. Os seres humanos de vida curta na Terra, ainda convencidos de que as famílias de vida longa possuíam um "segredo", resolveram tentar descobri-lo por meio de pesquisas amplas e sistemáticas. Como sempre, a pesquisa deu resultados surpreendentes, não revelando o "segredo" não-existente, mas chegando a algo quase tão bom: uma terapia e, finalmente, uma série de terapias para protelar a velhice e prolongar o vigor, a virilidade e a fertilidade.

A Grande Diáspora foi, então, tanto necessária como possível.

O grande talento do Sênior (além da sua capacidade de mentir extemporânea e convincentemente) parece ter sido sempre um dote raro para extrapolar as possibilidades de qualquer situação — distorcendo-a depois para servir a seus próprios interesses. (Ele chama a isso: "Você precisa ter percepção do que faz a rã saltar". Os psicometristas que o estudaram dizem que ele tem um talento *psi* extremamente elevado, expresso como "precursores" e "sorte" — mas o que o Sênior tem a dizer sobre *eles* é menos amável. Como arquivista, abstenho-me de opinar.)

O Sênior percebeu logo que esta bênção da juventude prolongada, embora prometida a todos, seria limitada, na verdade, aos poderosos e seus favoritos. *Não* se podia permiti-la aos bilhões de servos que vivessem além do seu período normal; não havia espaço para eles — a menos que emigrassem para as estrelas, caso em que haveria espaço para cada ser humano viver por quanto tempo

pudesse. Como o Sênior explorou isto nem sempre é claro; ele parece ter usado vários nomes e muitas fachadas. Suas companhias-chave foram transferidas para as mãos desta Fundação e depois liquidadas, para que mudassem a Fundação e as Famílias Howard para Secundus — por ordem sua, tendo ele reservado "as melhores propriedades" para os seus parentes e descendentes. Sessenta e oito por cento daqueles que então viviam aceitaram o desafio das novas fronteiras.

Nosso débito genético para com ele é tanto indireto como direto. O débito indireto está no fato de que a migração é um processo de classificação, uma seleção darwiniana forçada, pela qual a linhagem superior vai para as estrelas, enquanto os deficientes ficam em casa e morrem. Isto é verdadeiro mesmo em relação àqueles que são transportados à força (como nos séculos XXIV e XXV), a não ser que a seleção tenha lugar já no novo planeta. Numa fronteira inóspita, os fracos e mal-adaptados morrem; a linhagem forte sobrevive. Mesmo aqueles que emigram voluntariamente ainda passam por esta segunda seleção, especial e drástica. As Famílias Howard foram selecionadas desta maneira pelo menos três vezes.

Nosso débito genético para com o Sênior é ainda mais fácil de provar. Parte dele requer apenas aritmética simples. Se vocês vivem em qualquer parte exceto no Velho Lar Terra — e quase certamente vivem, se estão lendo isto, em virtude do miserável estado atual das Belas Colinas Verdes da Terra — e podem afirmar ter pelo menos um membro das Famílias Howard entre os seus ancestrais — e a maioria de vocês pode —, então, com toda a probabilidade, descendem do Sênior.

Pelas genealogias oficiais das Famílias, esta probabilidade é de 87,3 por cento. Vocês descendem também de muitos outros membros das Famílias Howard do século XX se descenderem de qualquer um deles, mas falo aqui apenas de Woodrow Wilson Smith, o Sênior. No ano da crise de 2136 quase um décimo da geração mais jovem das Famílias Howard descendia do Sênior "legitimamente" — com isso quero dizer que cada nascimento de ligação foi registrado como tal nos arquivos das Famílias e os antepassados foram confirmados pelos testes disponíveis na época. (Nem os tipos de sangue eram conhecidos quando começou a experiência de criação, mas o processo de seleção propiciou às mulheres a vantagem de não se extraviarem, pelo menos não para fora das Famílias.)

Agora a probabilidade cumulativa é, como disse, de 87,3 por cento se vocês tiverem *qualquer* antepassado Howard — mas, se vocês tiverem um antepassado Howard de uma geração recente, sua probabilidade sobe em direção a um eficaz cem por cento.

No entanto, como estatístico, tenho motivos para crer (apoiado por análises de computador dos tipos de sangue, tipos de cabelo, cor dos olhos, quantidade de dentes, tipos de enzimas e outras características sensíveis à análise genética) — fortes motivos para crer que o Sênior teve muitos descendentes não registrados nas genealogias, tanto dentro como fora das Famílias Howard.

Para colocar a coisa moderadamente, ele é um bode velho sem-vergonha cujo sêmen está espalhado por toda esta parte da nossa galáxia.

Considerem os anos do êxodo, após ele seqüestrar a *Novas Fronteiras*. Ele não se casou nem uma vez durante aqueles anos, e os arquivos e lendas da nave, baseados em lembranças daquela época, sugerem que ele, num idioma primitivo, "tinha ódio às mulheres", era um misógino.

Talvez. Os arquivos bioestatísticos (mais que as genealogias), quando analisados, sugerem que ele não era tão inabordável. O computador que analisou o assunto propôs apostar comigo até dinheiro em mais de uma centena de filhos gerados por ele durante aqueles anos. (Recusei a aposta; aquele computador ganha de mim no xadrez, apesar de eu insistir numa vantagem de uma torre.)

Não acho isto surpreendente em virtude da ênfase quase patológica atribuída à longevidade entre as Famílias naquela época. O homem mais velho, se ainda viril — e ele certamente o era —, estaria sujeito a uma tentação interminável e teria oportunidades sem fim com as mulheres, ansiosas por terem filhos com sua superioridade comprovada — "superioridade" pelo único critério que as Famílias Howard respeitavam. Podemos presumir que o *status* matrimonial não importava muito; todos os casamentos das Famílias Howard eram casamentos de conveniência — o testamento de Ira Howard garantia isso — e raramente duravam a vida inteira. O único aspecto surpreendente é que tão *poucas* mulheres férteis conseguissem enganá-lo quando indubitavelmente tantos milhares delas o desejavam. Mas ele sempre teve os pés ligeiros.

Assim sendo... se hoje vejo um homem com cabelos ruivos, nariz grande, sorriso fácil e conciliatório e um olhar ligeiramente feroz nos olhos verde-acinzentados, sempre fico imaginando há quanto pouco tempo o Sênior passou por esta parte da galáxia. Se esse estranho se aproxima de mim, coloco a mão sobre a carteira. Se ele fala comigo, resolvo não fazer apostas ou promessas.

Mas como conseguiu o Sênior, ele próprio apenas um membro da terceira geração da experiência de criação de Ira Howard, viver e permanecer moço nos seus primeiros trezentos anos *sem* rejuvenescimento artificial?

Uma mutação, naturalmente — o que quer dizer simplesmente que não sabemos. Contudo, durante o curso dos seus vários rejuvenescimentos, aprendemos um pouco sobre sua constituição física. Ele tem um coração extremamente grande, que bate muito devagar. Tem apenas vinte e oito dentes, nenhuma cárie, e parece ser imune a infecções. Nunca sofreu cirurgias, a não ser em ferimentos ou procedimentos de rejuvenescimento. Seus reflexos são extremamente rápidos — mas parecem ser sempre razoáveis; portanto, pode-se duvidar da propriedade do termo "reflexo". Seus olhos nunca precisaram de correção, quer para longe ou para perto; o alcance da sua audição é anormalmente alto, anormalmente baixo e de uma precisão fora do comum em toda a escala. Sua percepção das cores inclui o índigo. Ele nasceu sem prepúcio, sem apêndice vermiforme — e aparentemente sem consciência. Estou satisfeito por ele ser meu ancestral.

Justin Foote 45°
Arquivista-chefe, Fundação Howard

Prefacio da Edição Revista

Nesta edição popular condensada, o apêndice técnico foi publicado separadamente, a fim de dar espaço para um relato dos atos do Sênior após ele deixar Secundus, até o seu desaparecimento. Uma história apócrifa e obviamente impossível dos últimos acontecimentos de sua vida foi incluída por insistência do editor das memórias originais, mas ela não pode ser levada a sério.

Carolyn Briggs

Arquivista-chefe

NOTA: Minha encantadora e erudita sucessora no cargo não sabe do que está falando. Com o Sênior, o mais fantástico é sempre o mais provável.

Justin Foote 45.º

Arquivista-chefe emérito

Prelúdio I

Quando a porta da suíte se abriu, o homem sentado, que olhava sombriamente para fora da janela, olhou em volta.

— Quem diabo é você?

— Sou Ira Weatheral, da Família Johnson, o Presidente Temporário das Famílias, Ancestral.

— Você demorou muito. Não me chame de "Ancestral". E por que só Presidente Temporário? — resmungou o homem na cadeira. — O diabo do Presidente está ocupado demais para me ver? Não mereço nem *isso*?

Ele não fez nenhum movimento para se levantar, nem convidou seu visitante a se sentar.

— Perdoe-me, Pai. Sou o executivo-chefe das Famílias. Mas é hábito já há algum tempo, há vários séculos, o executivo-chefe ter o título de Presidente Temporário... prevenido a possibilidade de o senhor aparecer e tomar o martelo.

— Hein? Ridículo! Não presido uma reunião dos Curadores há mil anos. E Pai é tão ruim quanto Ancestral.. chame-me pelo nome. Faz dois dias que mandei chamá-lo. Você veio pela estrada panorâmica? Ou a regra que me dá direito a falar diretamente com o Presidente foi revogada?

— Não tenho conhecimento dessa regra, Sênior; provavelmente foi muito antes do meu tempo... mas tenho a honra, o dever e o prazer de servi-lo a qualquer momento. Ficarei feliz e honrado em chamá-lo pelo nome, se me disser qual é o seu nome agora. Quanto à demora, as trinta e sete horas desde que recebi seu chamado, passei-as estudando inglês antigo, porque me disseram que o senhor não responderia em qualquer outra língua.

O Sênior pareceu ligeiramente embaraçado.

— É verdade que não estou familiarizado com a algaravia que falam aqui... Minha memória vem falhando ultimamente. Acho que ficava de mau humor para responder mesmo quando entendia. Nomes... Esqueci com que nome me registrei quando aterrei aqui. Hum, Woodrow Wilson Smith era o meu nome na infância. Nunca o usei muito. Suponha que Lazarus Long seja o nome que tenha usado mais vezes... chame-me de Lazarus.

— Obrigado, Lazarus.

— Por quê? Não seja tão terrivelmente formal! Você não é um garoto, ou não seria Presidente... que idade você tem? Deu-se realmente ao trabalho de aprender minha linguagem da infância apenas para me ver? E em menos de dois dias? E começou do nada? Levo pelo menos uma semana para compreender uma língua nova e outra semana para corrigir o sotaque.

— Estou com trezentos e setenta e dois anos padrão, Lazarus... pouco menos de quatrocentos anos terrestres. Aprendi inglês clássico quando assumi este cargo,

mas como língua morta, para poder ler os velhos registros das Famílias no original. O que fiz desde que me chamou foi aprender a falá-lo e a compreendê-lo... no idioma norte-americano do século XX, sua "linguagem de infância", como disse, já que isso é o que o analisador computou que você estava falando.

— Maquininha esperta. Talvez eu a esteja falando como quando era moço; eles afirmam que essa é a única língua que o cérebro nunca esquece. Eu devo, então, estar falando com um sotaque dissonante da Zona do Milho, como um serrrote enferrujado... ao passo que você está usando um tipo de fala arrastada do Texas com um revestimento britânico de Oxford. Estranho. Imagino que a máquina escolha a versão dos seus dados mais próxima da amostra com que a alimentaram.

— Acredito que sim, Lazarus, embora as técnicas envolvidas não sejam o meu campo. Você teve alguma dificuldade para compreender o meu sotaque?

— Oh, absolutamente nenhuma! Seu sotaque está bom; está mais próximo do americano comum instruído daquele tempo do que do sotaque que aprendi quando criança. Mas posso acompanhar qualquer coisa, desde o sotaque dos negros até o de Yorkshire; isso não é problema. Foi muito amável de sua parte incomodar-se. Reconfortante.

— O prazer é meu. Tenho talento para línguas, não deu muito trabalho. Tento estar apto a falar com cada um dos Curadores em sua língua materna. Estou acostumado a estudar um idioma novo rapidamente.

— É mesmo? De qualquer maneira, é uma coisa amável... Tenho me sentido como um animal num zoológico, sem ninguém com quem falar. Aqueles bonecos — Lazarus inclinou a cabeça na direção dos dois técnicos de rejuvenescimento em trajes de isolamento e capacetes de sentido único, que esperavam tão longe da conversa quanto a sala permitia — não sabem inglês. Não posso falar com eles. Ah, o mais alto compreende um pouco, mas não o suficiente para bisbilhotar. — Lazarus assoviou, apontando para o mais alto. — Ei, você! Uma cadeira para o Presidente... depressa! — Seus gestos tornaram claro o sentido de suas palavras. O técnico mais alto tocou nos controles de uma cadeira próxima; ela afastou-se rolando, deu a volta e parou a uma confortável distância de Lazarus, *tête-à-tête*.

Ira Weatheral disse "obrigado" — a Lazarus, não ao técnico — e sentou-se. Depois suspirou, quando a cadeira o sondou e envolveu.

— Confortável? — perguntou Lazarus.

— Bastante.

— Alguma coisa para comer ou beber? Ou fumar? Você vai ter que ser bom intérprete.

— Nada, obrigado. Mas posso pedir para você?

— Agora não. Eles me mantêm cheio como a um ganso... certa vez me alimentaram à força, malditos sejam! Já que estamos confortáveis, vamos continuar a discussão. — De repente gritou: — QUE DIABO ESTOU FAZENDO

NESTA PRISÃO?

— Prisão não, Lazarus. — respondeu Weatheral calmamente. — A suíte VIP da Clínica Howard de Rejuvenescimento, em Nova Roma.

— Prisão, eu disse. Só faltam as baratas. Esta janela... não se pode arrombá-la nem com um pé-de-cabra. Aquela porta... ela abre a qualquer voz... exceto a *minha*. Se vou até a latrina, um desses bonecos fica junto ao meu cotovelo. Aparentemente com medo de que eu me afogue no vaso. Que diabo, nem sei se aquela enfermeira é homem ou mulher! E, de qualquer modo, não gosto disso. Não preciso de ninguém para segurar minha mão enquanto faço pipi. Isso me ofende.

— Verei o que se pode fazer, Lazarus. Mas os técnicos estão compreensivelmente nervosos. Uma pessoa pode ferir-se com bastante facilidade em qualquer banheiro... e todos eles sabem que, se você se ferir, não importa por que contratempo, o técnico responsável no momento sofrerá uma punição cruel e fora do comum. Eles são voluntários e estão ganhando altos bônus. Mas estão nervosos.

— Foi o que imaginei. Prisão. Se isto é uma suíte de rejuvenescimento... ONDE ESTÁ O MEU INTERRUPTOR DE SUICÍDIO?

— Lazarus... "A morte é um privilégio de todos os homens".

— Foi isso o que eu disse! Esse interruptor deve ficar bem ali; você pode ver que ele foi desmontado. Portanto, estou numa prisão sem julgamento, com o meu direito mais básico negado. *Por quê?* Estou furioso, homem! Você percebe o perigo que está correndo? Nunca provoque um cão velho, ainda pode restar-lhe uma dentada. Velho como sou, posso quebrar os seus braços antes que aqueles bonecos consigam chegar até nós.

— Terei prazer em que quebre meus braços, se isto lhe agradar.

— Hein? — Lazarus Long pareceu desanimado. — Não, não vale a pena o esforço. Eles o remendariam, deixando-o como novo em menos de trinta minutos. — De repente, sorriu. — Mas posso partir-lhe o pescoço e depois esmagar-lhe o crânio quase com a mesma rapidez. Esse seria um ferimento além do poder dos rejuvenescedores.

Weatheral não se moveu, nem se abalou.

— Tenho certeza de que pode — disse ele calmamente. — Mas não acho que você mataria um dos seus descendentes sem dar-lhe uma oportunidade de negociar sua vida. Você é meu avô afastado, Sênior, por sete linhas diferentes.

Lazarus mordeu o lábio e pareceu infeliz.

— Filho, tenho tantos descendentes que a consangüinidade não importa. Mas você está essencialmente certo. Em toda a minha vida nunca matei um homem desnecessariamente. Acho eu. — Depois sorriu. — Contudo, se não receber de volta meu interruptor de suicídio, posso fazer uma exceção no seu caso.

— Lazarus, se você quiser, posso mandar montar esse interruptor imediatamente.

Mas... Dez Palavras?

— Hum... — Lazarus pareceu descortês. — Está bem. Dez Palavras. Não onze.

Weatheral hesitou uma fração de segundo, depois contou nos dedos:

— Aprendi... sua... língua... para... explicar... por... que... precisamos... de... você.

— Dez pela Regra — admitiu Lazarus. — Mas significam que você precisa de cinqüenta. Ou quinhentas. Ou cinco mil.

— Ou nenhuma — corrigiu Weatheral. — Você pode ter o seu interruptor sem me dar *nenhuma* oportunidade de explicar. Eu prometi.

— Puxa! — exclamou Lazarus. — Ira, seu velho patife, você me convenceu de que é realmente meu parente. Achou que eu não me suicidaria sem ouvir o que tem em mente... uma vez que eu soube que você se deu ao trabalho de aprender uma língua morta apenas para conversar fiado. Está bem, fale. Pode começar dizendo-me o que estou fazendo aqui. Eu sei... eu *sei*... que não pedi para ser rejuvenescido. Mas acordei aqui com o trabalho já quase terminado. Portanto, gritei pelo Presidente. Está bem, por que estou aqui?

— Podemos começar antes disso? Conte-me o que estava fazendo numa casa de cômodos na pior parte da Cidade Velha.

— O que eu estava *fazendo*? Estava *morrendo*. Calma e decentemente, como um cavalo cansado. Isto é, estava, até que os seus xeretas me agarraram. Pode imaginar um lugar melhor do que uma casa de cômodos para um homem que não quer ser perturbado enquanto está ocupado nisso? Se o catre é pago adiantado, eles deixam o homem ficar. Ah, eles roubaram o pouco que eu tinha, até os meus sapatos. Mas eu esperava isso... teria feito o mesmo eu próprio nas mesmas circunstâncias. E o tipo de pessoas que moram nessas espeluncas são quase sempre bondosas para com aquelas em pior estado do que elas... qualquer uma vai buscar um gole de água para um homem doente. Isso era o máximo que eu queria... isso e ser deixado a sós para encerrar minha conta à minha própria maneira. Até que os xeretas apareceram. Diga-me, como foi que me encontraram?

— Como o encontramos não é a parte surpreendente, Lazarus, mas o fato de a ForSeg... os tiras?... sim, tiras... o fato de os meus tiram levarem tanto tempo para identificá-lo, depois achá-lo e o recolherem. Um chefe de seção perdeu o emprego por isso. Não tolero ineficiência.

— Então você o despediu. Problema seu. Mas por quê? Cheguei a Secundus de Muito Longe e não acho que tenha deixado alguma pista para trás. Tudo está diferente desde a última vez em que estive em contato com as Famílias... quando comprei meu último rejuvenescimento em Supremo. Às Famílias estão trocando dados com Supremo atualmente?

— Céus, não, Lazarus, não dirigimos a eles nem uma palavra amável. Há uma forte minoria entre os Curadores a favor de cessar os contatos com Supremo, em vez de simplesmente manter o embargo.

— Bem... se uma bomba nova atingisse Supremo, eu não lamentaria por mais de trinta segundos. Mas tive um motivo para fazer o serviço lá, embora tivesse que pagar alto pelo clonamento forçado. Mas isso é outra história. Filho, como foi que você me pegou?

— Sênior, durante os últimos setenta anos houve uma ordem geral para tentar descobri-lo, não só aqui mas em todos os planetas onde as Famílias mantêm escritórios. Quanto a como... lembra-se de uma inoculação forçada contra a febre de Reiber na Imigração?

— Sim. Fiquei aborrecido, mas não pareceu valer a pena criar um caso; eu sabia que ia para aquela espelunca. Ira, eu sabia que estava morrendo havia algum tempo. Isso era bom; eu estava preparado. Mas não queria fazê-lo sozinho, lá fora, no espaço. Queria vozes humanas à minha volta e cheiro de corpos. Infantil da minha parte. Mas eu estava bastante mal quando aterrei.

— Lazarus, não existe nenhuma febre de Reiber. Quando um homem aterra em Secundus e todas as identificações de rotina são negativas, a febre de Reiber ou alguma outra peste não-existente é usada como desculpa para se obter um pouco de tecido dele enquanto se injeta uma solução salina estéril e neutra. Nunca deveriam ter permitido que você deixasse o porto celeste até que o seu padrão genético fosse identificado.

— É mesmo? O que é que vocês fazem quando dez mil imigrantes chegam numa nave?

— Nós os arrebanhamos para dentro de quartéis de detenção até termos conferido todos. Mas isso não acontece muitas vezes atualmente no Velho Lar Terra, no estado lamentável em que se encontra. Mas você, Lazarus, chegando sozinho num iate particular que vale de quinze a vinte milhões de coroas...

— Digamos trinta.

— ...que vale trinta milhões de coroas. Quantos homens na galáxia podem fazer isso? Dos que têm condições para fazê-lo, quantos prefeririam viajar sozinhos? O padrão deveria ter tocado campainhas de alarme na mente de todos eles. Em vez disso, tiraram seu tecido, aceitaram sua declaração de que iria ficar no Romulus Hilton e deixaram-no ir embora... e sem dúvida você conseguiu outra identidade antes de escurecer.

— Sem dúvida alguma — concordou Lazarus. — Mas os seus tiras fizeram subir o preço de um bom número de identificações falsas. Se eu não estivesse tão cansado, eu mesmo as teria feito. Mais seguro. Foi assim que fui apanhado? Você obteve essa informação à força do comerciante de documentos?

— Não, nunca o encontramos. A propósito, você deve dizer-me quem é ele, para que...

— Não devo — disse Lazarus bruscamente. — Não denunciá-lo estava implícito no acordo. A mim pouco importa quantas de suas regras ele infrinja. E, quem sabe, posso precisar dele outra vez. Certamente alguém vai precisar dos seus serviços, alguém tão ansioso para evitar os seus tiras quanto eu. Ira, sem dúvida

você tem boas intenções, mas não gosto de organizações onde é necessário identificar-se. Disse a mim mesmo, séculos atrás, para ficar longe de lugares apinhados demais para exigí-la, e geralmente tenho seguido essa regra. Devia tê-la seguido desta vez. Mas eu esperava não precisar de *nenhuma* identificação por muito tempo. Com os diabos, mais dois dias e eu estaria morto. Acho eu. Como foi que você me pegou?

— Com dificuldade. Logo que soube que você estava no planeta, tomei providências; aquele chefe de seção não foi o único homem infeliz. Mas você desapareceu de uma maneira tão simples, que frustrou os esforços de toda a força. Meu chefe de segurança expressou a opinião de que você tinha sido morto e que seu corpo tinha desaparecido. Eu lhe disse que, se esse fosse o caso, era melhor ele começar a pensar em migrar para fora do planeta.

— Continue! Quero saber como bobeei.

— Não diria que você tenha bobeadado, Lazarus, já que conseguiu ficar escondido, com todos os tiras e alcagüetes deste globo à sua procura. Mas eu tinha certeza de que você não tinha sido morto. Ah, temos assassinatos em Secundus, especialmente aqui em Nova Roma. Mas grande parte é do tipo comum, marido-mulher. Não temos conseguido muita coisa desde que instituí uma política que torna a pena proporcional ao crime, e realiza as execuções no Coliseu. De qualquer maneira, eu tinha certeza de que um homem que havia sobrevivido mais de dois milênios não se deixaria matar em algum beco escuro.

"Portanto, presumi que você estivesse vivo. Depois perguntei a mim mesmo: "Se eu fosse Lazarus Long, como faria para me esconder? Meditei profundamente e pensei no assunto. Em seguida tentei refazer os seus passos até onde os conhecia. A propósito..."

O Presidente Temporário lançou sua capa para trás do ombro, apanhou um grande envelope selado e entregou-o a Lazarus.

— Aqui está o envelope que você deixou no cofre do Harriman Trust.

Lazarus apanhou-o.

— Ele foi aberto.

— Por mim. Prematuramente, admito... mas você o endereçou a mim. Só eu o li, ninguém mais. E agora vou esquecê-lo. Exceto para dizer que não estou surpreso por você ter deixado sua fortuna para as Famílias... mas fiquei emocionado por ter destinado seu iate ao uso pessoal do Presidente. É uma nave encantadora, Lazarus; estou ansioso por ela. Não tanto, porém, a ponto de querer herdá-la tão depressa. Mas comecei a explicar por que precisamos de você... e desviei-me do assunto.

— Não estou com pressa nenhuma, Ira. Você está?

— *Eu?* Sênior, não tenho deveres mais importantes do que conversar com você. Além disso, meu pessoal dirige este planeta com mais eficiência se eu não supervisioná-lo muito de perto.

— Esse foi sempre o meu sistema — Lazarus inclinou a cabeça, concordando — nas ocasiões em que me deixei envolver. Aceitar a carga toda, depois transferir o trabalho para outras pessoas tão depressa quanto pudesse escolhê-los. Está tendo algum problema com os democratas atualmente?

— Democratas? Ah... você se refere aos "igualitários". Pensei, a princípio, que quisesse referir-se à Igreja do Democrata Sagrado. Deixamos essa igreja em paz; eles não se intrometem. Há um movimento igualitário de poucos em poucos anos, certamente, sob vários nomes. O Partido da Liberdade, a Liga dos Oprimidos... os nomes não importam, já que todos desejam pôr os patifes para fora, a começar por mim, e colocar seus próprios patifes no lugar. Nunca os incomodamos; simplesmente nos infiltramos. Uma noite, então, reunimos os chefes e suas famílias e, ao nascer do dia, eles são despachados como emigrantes involuntários. Transportados. "Viver em Secundus é um privilégio, não um direito."

— Você está me citando.

— Naturalmente. Suas palavras exatas, conforme o contrato pelo qual você transferiu Secundus para a Fundação. Você dizia que não deve haver nenhum governo neste planeta, somente as regras que o presidente em exercício ache necessárias para manter a ordem. Mantemo-nos fiéis ao nosso acordo com você, Sênior; sou o único chefe até que os Curadores resolvam substituir-me.

— Foi isso o que pretendi — concordou Lazarus. — Mas, filho, o cargo é seu e nunca tocarei nesse martelo outra vez. Tenho dúvidas se seria sábio livrar-me dos criadores de casos. Todo pão precisa de fermento. Uma sociedade que se livra de todos os seus encrenqueiros vai para o brejo. Carneiros. Construtores de pirâmides, na melhor das hipóteses, selvagens decadentes, na pior. Você pode estar eliminando o seu um décimo de um por cento criativo. O seu fermento.

— Receio que estejamos, Sênior, e esse é um dos motivos por que precisamos de você...

— Eu disse que não tocaria nesse martelo!

— Quer ouvir-me até o fim, Sênior? Não lhe pedirão para tocar nele, embora seja seu pelo antigo costume, se desejar empunhá-lo. Mas preciso de conselhos...

— Não dou conselhos. As pessoas nunca os seguem.

— Desculpe. Talvez seja apenas uma oportunidade de falar sobre os meus problemas com uma pessoa mais experiente do que eu. Sobre estes criadores de casos... Não os eliminamos no antigo sentido; eles ainda estão vivos, ou a maioria deles. Pôr um homem no ostracismo num outro planeta é mais satisfatório do que matá-lo pelo crime técnico de traição; isso nos livra dele sem fazer seus vizinhos ficarem muito indignados. Nem os desperdiçamos, já que os estamos usando para fazer uma experiência: todos os transportados são embarcados para o mesmo planeta, Felicidade. Por acaso o conhece?

— Não por esse nome.

— Acho que você poderia ter tropeçado nele apenas por acidente, Sênior; nós o

mantivemos fora dos registros públicos a fim de usá-lo como reserva botânica. Não é um planeta tão bom como o nome sugere, mas é bom, mais ou menos equivalente ao Velho Lar Terra antes de ser arruinado, ou muito parecido com Secundus quando nos estabelecemos aqui. É bastante inóspito para testar um homem e eliminar os fracos; generoso o suficiente para permitir a um homem sustentar uma família, se ele tiver a determinação de trabalhar e suar.

— Parece um bom lugar. Talvez você devesse ter ficado lá. Há nativos?

— A raça proto-dominante é de selvagens bastante ferozes... se é que algum ainda está vivo. Não sabemos, não mantemos sequer um escritório de contato lá. Essa raça nativa não é nem bastante inteligente para ser civilizada, nem bastante tratável para ser escravizada. Talvez pudessem ter evoluído e chegado lá por si sós, mas tiveram a infelicidade de encontrar o *Homo sapiens* antes de estarem prontos para ele. Mas não é essa a experiência; os transportados estão certos de vencerem essa competição, pois não os mandamos de mãos vazias. Mas, Lazarus, essas pessoas acreditam que podem criar um governo ideal pela regra da maioria. Lazarus riu, desdenhoso.

— Talvez *possam*, Sênior — persistiu Weatheral. — Não sei por que não. Essa é a experiência.

— Filho, você é um tolo? Ah, não pode ser, os Curadores não o manteriam no cargo. Mas... Que idade você disse que tem?

— Sou dezenove séculos mais moço que você, Sênior — respondeu Weatheral calmamente. — Não discutirei sua opinião a respeito de nada. Mas não sei pela minha própria experiência se este experimento vai funcionar; nunca vi um governo do tipo democrático, mesmo nas numerosas vezes em que estive fora do planeta. Simplesmente li sobre eles. Pelo que li, nenhum jamais foi formado por uma população em que todos os membros acreditassem na teoria democrática. Portanto, não sei.

— Hum. — Lazarus parecia frustrado. — Ira, eu estava prestes a enfiar minha própria experiência com esses governos pela sua garganta abaixo. Mas você tem razão, esta é uma situação completamente nova... e *não* sabemos. Ah, tenho opiniões arraigadas, mas mil opiniões racionais nunca são a mesma coisa que mergulhar num assunto e descobrir. Galileu provou isso, e essa pode ser a única certeza que temos. Hum... todas as assim chamadas democracias que já vi ou de que ouvi falar ou eram impostas de cima sobre a maioria, ou cresceram devagar do populacho quando este descobria que podia votar em si mesmo para obter pão e circo... por algum tempo, até que o sistema viesse abaixo. Lamento não ver o resultado da sua experiência. Suspeito de que ela seja a mais rigorosa tirania imaginável; a regra da maioria dá aos homens fortes e implacáveis bastante campo de ação para oprimir seus companheiros. Mas não sei. Qual é a *sua* opinião?

— Os computadores dizem ...

— Esqueça os computadores. Ira, a máquina mais sofisticada que a mente humana pode fabricar tem em si as limitações da mente humana. Qualquer um

que pense de outra forma não compreende a segunda lei da termodinâmica. Pedi a *sua* opinião.

— Sênior, recuso-me a emitir uma opinião; faltam-me dados suficientes.

— Hum! Você está ficando velho, filho. Para chegar a qualquer parte ou mesmo para viver por um longo tempo, um homem tem que imaginar, e imaginar certo, sem parar, sem dados suficientes para uma resposta lógica. Você estava contando como me encontrou.

— Sim, Sênior. Aquele documento, o seu testamento, deixou claro que você esperava morrer logo. Então — Weatheral fez uma pausa e sorriu enviesado — tive que "imaginar certo sem dados suficientes". Levamos dois dias para descobrir a loja onde você havia comprado as roupas para rebaixar seu *status* aparente... e ficar de acordo com a moda local, acho eu. Suspeito de que você tenha comprado sua identificação falsa logo depois disso.

Ele fez uma pausa; Lazarus não fez nenhum comentário; Weatheral continuou:

— Outro meio dia para descobrir a loja onde você rebaixou seu *status* aparente mais ainda, quase até o fim... demais talvez, já que o lojista se lembrou de você, tanto pelo fato de ter pago em dinheiro, como por estar comprando roupas usadas que não eram nem tão boas, mesmo quando novas, quanto as que estava usando. Ah, ele fingiu acreditar na sua história sobre uma festa à fantasia e ficou de bico calado; sua loja é de objetos roubados.

— Naturalmente — concordou Lazarus. — Certifiquei-me de que era vigarista antes de comprar lá. Mas você disse que ele ficou calado?

— Até estimularmos sua memória. Um receptor tem uma posição difícil, Lazarus; precisa ter um endereço permanente. Isto pode, algumas vezes, forçá-lo a ser honesto.

— Ah, eu não estava culpando o caro e velho tio. A culpa foi minha; permiti-me ser conspicuo. Eu estava cansado, Ira, sentia o peso dos meus anos, e deixei isso me apressar a fazer um serviço relaxado. Mesmo cem anos atrás eu teria feito um serviço mais artístico... Sempre soube que é mais difícil rebaixar o *status* convincentemente do que elevá-lo.

— Não acho que você precise sentir-se envergonhado do serviço como de uma obra de arte, Sênior; você nos enganou por quase três meses.

— Filho, o mundo não paga por uma "boa tentativa". Adiante.

— Usamos força bruta então, Lazarus. Aquela loja fica na pior parte da cidade; pusemos um cordão de isolamento em volta da área e a saturamos com milhares de homens. Mas não por muito tempo; você estava no terceiro pulgueiro que revistamos. Eu mesmo o localizei, estava com um dos grupos da batida. Depois seu padrão genético confirmou sua identidade. — Ira Weatheral deu um sorriso ligeiro. — Mas estávamos pondo sangue novo em você antes de o analisador genético informar sua identidade; você estava mal, Sênior.

— Fico de péssimo humor quando estou mal; eu estava simplesmente

morrendo... e cuidando dos meus próprios assuntos, um hábito que você poderia imitar. Ira, percebe o golpe sujo que deu em mim? Um homem não deve ter que morrer duas vezes... e eu havia passado pela parte má e estava pronto para o *finale*, tão fácil como dormir. Ai você se meteu. Nunca ouvi falar de alguém ser forçado a rejuvenescer. Se eu tivesse suspeitado de que você havia mudado as regras, nunca teria chegado perto deste planeta. Agora terei que passar por isso outra vez, quer com o interruptor de suicídio, e o suicídio é uma idéia que sempre desprezei, quer da maneira natural. E isso pode agora levar um longo tempo. O meu sangue velho ainda está por aí? Guardado?

— Vou perguntar ao diretor da clínica, Sênior.

— Hum! Isso não é uma resposta, portanto não se preocupe em mentir. Você me colocou num dilema, Ira. Embora eu não tenha recebido o tratamento completo, sinto-me melhor do que me senti por quarenta anos ou mais... o que significa que devo esperar por isso novamente por muitos anos aborrecidos, ou usar aquele interruptor quando o meu corpo não estiver dizendo "Hora de parar". Seu patife intrometido, com que autoridade... não, você não tem autoridade. Baseado em que princípio ético você interfere na minha morte?

— Precisamos de você, Sênior.

— Isso não é um motivo ético, mas apenas pragmático. A necessidade não é mútua.

— Sênior, estudei a sua vida tão completamente quanto permitem os arquivos. Parece-me que você muitas vezes agiu pragmaticamente.

Lazarus sorriu.

— Muito bem, garoto! Eu estava imaginando se você teria o desplante de transformar isso em algum alto princípio moral, como um maldito pregador. Não confio num homem que fala sobre ética quando está me batendo a carteira. Entretanto, se ele está agindo em seu próprio interesse e diz isso, geralmente consigo descobrir algum meio de negociar com ele.

— Lazarus, se nos deixar completar o seu rejuvenescimento, você se sentirá vivo outra vez. Acho que sabe disso; já passou por isso antes.

— Com que fim, Ira? Quando vivi mais de dois mil anos tentando tudo? Quando vi tantos planetas que eles se confundem em minha mente? Quando tive tantas mulheres que não posso lembrar-me dos seus nomes? "Oramos por uma última aterragem no globo que nos viu nascer..." Não posso fazer sequer *isso*; o encantador planeta verde em que nasci envelheceu ainda mais do que eu; seria um sofrimento voltar para ele, não uma feliz volta ao lar. Não, filho, apesar de todo o rejuvenescimento, chega um momento em que a única coisa razoável a fazer é apagar a luz e ir dormir... e você, maldito seja, você privou-me disso!

— Lamento... não, não lamento. Mas peço-lhe perdão.

— Bem... você o terá. Mas não agora. Qual era este motivo imperioso pelo qual precisava de mim? Você mencionou algum outro problema além dos criadores de caso que tem transportado.

— Sim, embora não seja um motivo que me fizesse interferir com o seu direito de morrer à sua própria maneira; posso cuidar disso de um modo ou de outro. Acho que Secundus está ficando não só superpovoado como muito civilizado...

— Estou certo disso, Ira.

— Portanto, acho que as Famílias devem mudar-se novamente.

— Concordo, embora não esteja interessado nisso. Como regra empírica, pode-se dizer que, a qualquer momento em que um planeta começa a ter cidades de mais de um milhão de pessoas, está se aproximando da massa crítica. Em um ou dois séculos não se poderá mais viver nele. Você tem um planeta em mente? Acha que pode fazer os Curadores concordarem? E as Famílias, acatarão os Curadores?

— "Sim" para a primeira pergunta. "Talvez" para a segunda, provavelmente. "Não" para a terceira. Tenho em mente um planeta como Tertius, tão bom ou melhor do que Secundus. Acho que muitos dos Curadores concordarão com as minhas ponderações, mas não estou certo do apoio maciço que essa mudança exigiria... Secundus é confortável demais para que o perigo pareça iminente à maioria das pessoas. Quanto às próprias Famílias... Não, não acho que possamos convencer a maioria delas a arrancarem as raízes e se mudarem... mas apenas algumas centenas de milhares bastariam. Bando de Gedeão⁽⁴⁾... você me entende?

— Estou muito adiante de você. As migrações envolvem sempre seleção e aperfeiçoamento. Elementar. Se eles fizerem isso. Se. Ira, passei um mau bocado vendendo a idéia às Famílias quando nos mudamos para cá no século XXIII. Não poderia tê-las convencido absolutamente se a Terra não se tivesse tornado um lugar enfadonho. Boa sorte... Você vai precisar disso.

— Lazarus, não espero conseguir. *Tentarei*. Mas, se eu falhar, pedirei demissão e emigrarei de qualquer maneira: para Tertius, se puder organizar um grupo suficientemente grande que torne a colonização viável; para algum planeta colonizado mas com baixa população, se não puder.

— Está mesmo resolvido, Ira? Ou, quando chegar o momento, vai enganar a si mesmo achando que é realmente seu dever ficar? Quando um homem tem o temperamento para o poder, e você o tem, ou não estaria onde está, acha difícil abdicar.

— Estou decidido, Lazarus. Ah, eu gosto de dirigir as coisas. Sei disso. Desejo dirigir as Famílias em seu terceiro êxodo. Mas não espero fazê-lo. Contudo, acho que minhas possibilidades de organizar uma colônia viável (de pessoas jovens, com não mais de cem anos de idade, duzentos no máximo), sem o auxílio da Fundação, são razoavelmente boas. Mas, se eu falhar nisso também — ele encolheu os ombros —, a migração será o único caminho compensador aberto para mim; Secundus não terá mais nada a oferecer. — Weatheral acrescentou: — Talvez eu me sinta como você, Sênior, numa escala menor. Não tenho nenhum desejo de ser Presidente Temporário a vida inteira. Já o fui por quase

um século; é o bastante. Desde que eu consiga realizar isto.

Lazarus ficou pensativo, em silêncio; Weatheral esperou.

— Ira, instale aquele interruptor de suicídio para mim. Mas amanhã. Não hoje.

— Sim, Sênior.

— Não quer saber por quê? — Lazarus apanhou o envelope grande, com seu testamento. — Se você me convencer de que vai emigrar, aconteça o que acontecer e não importa o que os Curadores façam, quero reescrever isso. Meus investimentos e contas em dinheiro aqui e ali, se alguém não os tiver roubado enquanto eu estive afastado, montam a uma bela quantidade de trocados. Provavelmente o suficiente para determinar entre o sucesso e o fracasso na organização de uma migração. Isso, se os Curadores não a apoiarem com os fundos da Fundação. E não apoiarão.

Weatheral não disse nada. Lazarus olhou irritado para ele.

— Sua mãe não lhe ensinou a dizer "obrigado"?

— Por que motivo, Lazarus? Por me dar alguma coisa após você estar morto e não precisar mais dela? Se o fizer, será para afagar sua vaidade... não para me agradar.

Lazarus sorriu.

— Que diabo! Sim. Devo estabelecer a condição de que você batize o planeta de Lazarus. Mas não tenho meios de fazê-la cumprir. E acho... Você respeita boas máquinas?

— Hein? Sim. Tanto quanto desprezo máquinas que não fazem o que são destinadas a fazer.

— Ainda nos compreendemos. Acho que vou deixar o *Dora*, meu iate, para você pessoalmente, em vez de para o presidente das Famílias... se você liderar a migração.

— Oh... fico tentado a agradecer-lhe.

— Não agradeça. Apenas seja bom para ele. É uma nave agradável, nunca conheceu nada senão bons tratamentos. Dará uma ótima capitania para você. Com um reequipamento simples — há especificações para isso em seu computador — abrigará uma tripulação de vinte ou trinta pessoas. E você pode aterrisar e reconhecer com ela, depois decolar novamente... coisa que os seus meios de transporte não podem fazer, muito provavelmente.

— Lazarus... não quero herdar seu dinheiro nem seu iate. Deixe-os terminar o seu rejuvenescimento... e venha conosco, homem! Eu me afastarei e você poderá liderar. Ou poderá não fazer absolutamente nada. Mas venha!

Lazarus sorriu, desanimado, e sacudiu a cabeça.

— Já estive em seis dessas aventuras colonizadoras em planetas virgens, sem contar Secundus. Todas em planetas que descobri. Desisti disso há séculos. Tudo acaba ficando monótono com o tempo. Você acha que Salomão cumpria seus

deveres com *todas* as suas mil esposas? Se assim fosse, que tipo de serviço prestaria ele à última? Pobre moça! Se descobrir alguma coisa *nova* para eu fazer, não tocarei naquele interruptor de suicídio e ainda darei a você tudo o que tenho, para a sua colônia. Seria uma troca razoável... já que este meio rejuvenescimento é muito pouco satisfatório; não me sinto bem e, apesar disso, não posso morrer. Portanto, estou preso entre o interruptor de suicídio e concordar com o tratamento completo... como o burro que morreu de fome entre dois montes de capim. Mas teria que ser alguma coisa *nova*, Ira, não algo que eu já tenha feito repetidas vezes. Como velha prostituta, subi os mesmos degraus vezes demais; meus pés estão doendo.

— Pensarei no problema, Lazarus. Vou fazer uma pesquisa intensa e sistemática.

— Aposto sete contra dois que você não descobrirá *nada* que eu não tenha feito.

— Tentarei realmente. Você deixará em paz o interruptor de suicídio enquanto pesquiso?

— Nada de promessas. Não modifiquei este testamento nenhuma vez. Você pode confiar no seu advogado mais competente? Posso precisar de uma certa ajuda... porque este testamento — ele bateu de leve no envelope —, em que deixo tudo para as Famílias, vigoraria em Secundus não importa quantas falhas contenha. Mas se deixar para um particular, você, quero dizer, alguns dos meus descendentes (um número bastante grande) gritarão "Influência indevida!" e tentarão anulá-lo. Ira, eles o manterão preso aos tribunais até se esvaír em custas legais. Vamos evitar isso, está certo?

— Podemos. Fiz certas alterações nas regras. Neste planeta um homem pode submeter seu testamento à homologação antes da sua morte, e, se houver falhas, o tribunal é obrigado a ajudá-lo a redigir o documento novamente, para que atinja os seus fins. Se ele assim o fizer, nenhuma impugnação poderá ser apreciada por qualquer tribunal; o testamento entrará em execução automaticamente quando ele morrer. Naturalmente, se ele mudar seu testamento, o novo deverá passar pelo mesmo processo, o que torna a mudança de idéia dispendiosa. Mas, usando a pré-homologação, não é preciso advogado mesmo para o testamento mais complexo. E os advogados não poderão tocar nele depois.

Os olhos de Lazarus se arregalaram de prazer.

— Você não aborreceu alguns advogados?

— Já aborreci tantos — disse Ira secamente —, que todos os transportes para Felicidade têm emigrantes voluntários ... e tantos advogados *me* aborreceram que alguns são emigrantes involuntários. — O Presidente Temporário pareceu amargamente divertido. — Certa vez eu disse ao meu Presidente do Supremo Tribunal: "Warren, tenho que revogar muitas das suas decisões. Você vem estabelecendo distinções sutis demais, interpretando mal as regras e ignorando a equidade desde que assumiu o cargo. Vá para casa; você está sob prisão domiciliar até que a *Ultima Oportunidade* decole. Pode ter uma escolta durante o

dia para resolver seus assuntos particulares".

— Devia tê-lo enforcado. — Lazarus riu entre dentes. — Você sabe o que ele fez, não sabe? Foi advogar novamente em Felicidade e ia entrar na política. Mas foi linchado.

— Problema dele e dos outros, não meu. Lazarus, eu *nunca* deixei um homem ser executado por ser tolo... mas, se ele for odioso demais, deporto-o. Não há necessidade de suar sobre o seu testamento se quiser fazer um novo. Dite-o simplesmente com quaisquer minúcias e explicações que julgar adequadas. Depois o passaremos por um analisador semântico para rephraseá-lo em linguagem legal irrefutável. Uma vez satisfeito, poderá submetê-lo ao Tribunal Superior, que virá até você se preferir, e o tribunal o homologará. Feito assim, ele só poderá ser derrubado pelo ato arbitrário de um novo Presidente Temporário. O que considero muito pouco provável; os Curadores não colocam homens assim no cargo.

E Weatheral acrescentou:

— Mas espero que você demore bastante, Lazarus. Quero uma possibilidade razoável de procurar alguma coisa nova, alguma coisa que restaure o seu interesse pela vida.

— Está bem. Mas não perca tempo; não me fará mudar de idéia, com um número de Xerazade. Faça com que me mandem um gravador... Amanhã de manhã, digamos.

Parecia que Weatheral ia dizer alguma coisa, mas não disse. Lazarus olhou para ele vivamente.

— Esta conversa está sendo gravada?

— Está, Lazarus. Som e holografia, tudo o que acontece nesta suíte. Mas... com o seu perdão, Sênior! Isto vai apenas até a minha mesa e não se torna um registro permanente antes de eu ter verificado e aprovado. Isto é, nada até agora.

Lazarus encolheu os ombros.

— Esqueça isso, Ira. Aprendi, há séculos, que não há nenhuma privacidade em qualquer sociedade suficientemente populosa para precisar de identificações. Uma lei que garanta a privacidade significa simplesmente que os aparelhos clandestinos (microfones, lentes e assim por diante) são muito mais difíceis de localizar. Eu não tinha pensado nisso até agora, porque presumo que a minha privacidade seja invadida sempre que visito esses lugares... Então ignoro o assunto, a menos que pretenda fazer algo de que a lei local não goste. Nesse caso uso táticas evasivas.

— Lazarus, esta gravação pode ser apagada. Seu único objetivo é certificar-me de que estão cuidando adequadamente do Sênior, responsabilidade esta que não delegarei.

— Eu disse "Esqueça isso". Mas estou surpreso com a sua inocência — um homem na sua posição — em achar que a gravação seja transmitida apenas até sua mesa. Faça qualquer aposta, a quantia que quiser, como ela vai para mais

um, dois e mesmo três lugares.

— Se assim for, Lazarus, e eu puder descobrir, Felicidade terá alguns colonos novos... após terem passado algumas horas desagradáveis no Coliseu.

— Ira, isso não importa. Se qualquer tolo desejar observar um homem velho, muito velho, grunhindo na privada ou tomando banho, o problema é dele. Você mesmo garantiu que isso aconteceria determinando que a gravação fosse secreta, para você apenas. O pessoal da segurança sempre espiona os seus chefes; eles não podem evitar isso, é uma síndrome própria da profissão. Já jantou? Gostaria que você ficasse, se tiver tempo.

— Ficaria realmente honrado em jantar com o Sênior.

— Ah, deixe disso, garoto! Não há virtude alguma em ser velho, apenas leva muito tempo. Quero que fique porque estou apreciando a companhia humana. Aqueles dois ali não são companhia; não estou nem certo de que sejam humanos. Robôs, talvez. Por que eles usam aquelas roupas de mergulhador e capacetes brilhantes? Gosto de ver a cara das pessoas.

— Lazarus, aquelas roupas são de isolamento total. Para sua proteção, não deles. Contra infecções.

— O *quê*? Ira, quando um bicho me morde, o bicho morre. Mesmo assim, já que eles têm que usar isso, como é que você entra usando roupas comuns?

— Absolutamente, Lazarus. Para o que eu queria precisava de uma conversa social, face a face. Assim, passei as últimas duas horas antes de entrar fazendo um exame físico muito cuidadoso, seguido de esterilização da cabeça aos pés: pele, cabelos, orelhas, unhas, dentes, nariz, garganta... até uma inalação de um gás cujo nome não sei, e de que não gostei. Enquanto isso, minhas roupas eram esterilizadas mais completamente ainda. Até esse envelope que entreguei a você. Esta suíte é estéril e mantida assim.

— Ira, essas precauções são tolas. A menos que minha imunidade tenha sido diminuída intencionalmente.

— Não. Ou, permita-me dizer, acho que não. Não há nenhuma razão para isso, já que qualquer transplante será feito, naturalmente, do seu próprio clone^[5].

— Então isto é desnecessário. Se não peguei nada naquele pulgueiro, por que iria pegar alguma coisa agora? Mas eu não pego nada. Trabalhei como médico durante uma epidemia. Não fique surpreso; a medicina é apenas uma das cinquenta e tantas profissões que tive. Uma epidemia desconhecida em Ormuzd; todos a pegaram, vinte e oito por cento morreram. Salvo eu aqui, que nem fiquei fanhoso. Portanto, diga àqueles... Não, você vai querer fazer isso através do diretor da clínica; passar por cima da sua cadeia de comando estraga o moral... embora não saiba por que deveria importar-me com o moral desta organização, já que sou um hóspede involuntário. Diga ao diretor que, se eu tiver de ter enfermeiras, quero que se vistam como enfermeiras. Ou, melhor ainda, como pessoas. Ira, se você quiser que eu coopere de alguma maneira, deve começar cooperando comigo. Do contrário quebrarei esta espelunca com minhas próprias

mãos.

— Vou falar com o diretor, Lazarus.

— Muito bem. Agora vamos jantar. Mas primeiro um drinque... E, se o diretor achar que não devo tomar um, diga-lhe sumariamente que ele terá de voltar à alimentação forçada, e há alguma dúvida quanto à garganta de quem o tubo descerá. Não estou disposto a que me digam o que fazer. Há algum uísque verdadeiro neste planeta? Na última vez em que estive aqui não havia.

— Não sou de beber. Mas gosto do conhaque local.

— Muito bem. Conhaque e soda para mim, se isso for o melhor que podemos conseguir; um conhaque Manhattan, se alguém souber o que quero dizer com isso.

— Eu sei, e gosto disso. Aprendi alguma coisa sobre bebidas antigas quando estudei sua vida.

— Ótimo. Então peça para nós bebidas e jantar. Quero ver quantas palavras poderei entender. Acho que a minha memória está voltando um pouco.

Weatheral falou com um dos técnicos; Lazarus interrompeu-o:

— Deve ter um terço de vermute doce e não metade.

— É mesmo? Você compreendeu?

— Em grande parte. Raízes indo-européias, com sintaxe e gramática simplificadas; estou começando a me lembrar.

Que diabo, para um homem que teve que aprender tantas línguas como eu é fácil esquecer uma. Mas ela está voltando.

O serviço foi tão rápido que parecia haver uma equipe pronta para apresentar qualquer coisa que o Sênior e o Presidente Temporário pedissem.

Weatheral ergueu seu cálice.

— Vida longa.

— Uma ova! — resmungou Lazarus, e tomou um gole. Fez uma careta. — Puxa! Leite de onça. Mas há álcool nisso. — Tomou outro gole. — Melhora à medida que a língua fica dormente. Muito bem, Ira, você já protelou bastante. Qual é o seu motivo real para me negar o meu descanso bem merecido?

— Lazarus, precisamos da sua sabedoria.

Prelúdio II

Lazarus olhou para ele, horrorizado.

— O que foi que disse?

— Eu disse — repetiu Ira Weatheral — que precisamos da sua sabedoria, Sênior. Realmente.

— Pensei que estivesse mergulhado outra vez num daqueles sonhos que precedem a morte. Filho, você bateu na porta errada. Procure outro.

Weatheral sacudiu a cabeça.

— Não, Sênior. Bem, não é necessário usar a palavra "sabedoria", se ela o ofende. Mas precisamos aprender o que você sabe. Você tem mais que o dobro da idade do segundo membro mais velho das Famílias. Mencionou ter exercido mais de cinquenta profissões. Esteve em toda parte, viu muito mais do que qualquer outra pessoa. Aprendeu certamente mais do que qualquer um de nós. Não estamos fazendo as coisas muito melhor agora do que há dois mil anos, quando você era moço. Deve saber por que ainda estamos cometendo os erros que os nossos ancestrais cometiam. Seria uma grande perda se você apressasse sua morte sem esperar para nos contar o que aprendeu.

Lazarus franziu a testa e mordeu o lábio.

— Filho, uma das poucas coisas que aprendi é que os seres humanos dificilmente aprendem alguma coisa pela experiência dos outros. Aprendem (quando aprendem, o que não acontece muitas vezes) pela experiência própria, da maneira mais difícil.

— Essa afirmação merece ser gravada para sempre.

— Hum! Ninguém aprenderá nada com ela; é isso o que diz Ira, a idade não traz sabedoria. Muitas vezes simplesmente transforma a estupidez numa presunção arrogante. Sua única vantagem, até onde pude verificar, é que ela abrange a *mudança*. Uma pessoa jovem vê o mundo como uma fotografia, imutável. Uma pessoa velha esfregou o seu nariz e tantas e tantas vezes em mudanças e mais mudanças, tantas vezes, que *sabe* que aquilo é um quadro animado, eternamente. Ela pode não gostar disso (provavelmente não gosta; *eu não gosto...*), mas sabe que é assim, e saber é o primeiro passo para enfrentar isso.

— Posso gravar abertamente o que acabou de dizer?

— Hein? Isso não é sabedoria, é um clichê. Uma verdade óbvia. Qualquer tolo o admitirá, mesmo que não aja de acordo com isso.

— Teria maior peso com o seu nome, Sênior.

— Faça como quiser; é apenas senso comum. Mas, se você acha que contemplei a face nua de Deus, pense outra vez. Não comecei sequer a descobrir como funciona o universo, muito menos para que serve. Para imaginar as perguntas básicas sobre este mundo seria necessário postar-se do *lado de fora* e olhar para

ele. Não dentro. Não, não em dois mil anos, nem em vinte mil. Quando um homem morre, ele pode livrar-se da sua perspectiva restrita e ver a coisa como um todo.

— Então você acredita numa vida posterior?

— Vamos devagar! Não *acredito* em coisa alguma. Sei certas coisas por experiência... pequenas coisas, não os Nove Bilhões de Nomes de Deus. Mas não tenho *nenhuma* crença. A crença obstrui o caminho da aprendizagem.

— É isso o que queremos, Lazarus; o que você aprendeu. Embora diga não ser nada senão "pequenas coisas". Posso afirmar que alguém que conseguiu ficar vivo tanto tempo quanto você deve necessariamente ter aprendido muitas coisas, ou não poderia ter vivido tanto tempo. Muitos seres humanos têm mortes violentas. O próprio fato de vivermos tanto tempo mais do que os nossos ancestrais torna isto inevitável. Acidentes de tráfego, assassinatos, animais ferozes, esportes, erros do piloto, um pouco de lama escorregadia... alguma coisa nos pega finalmente. Você não viveu uma vida segura e plácida... bem pelo contrário! Apesar disso, conseguiu burlar todos os riscos durante vinte e três séculos. *Como?* Não pode ser sorte.

— Por que não pode ser? As coisas menos prováveis acontecem, Ira. Não há nada tão pouco provável como um bebê. Mas é verdade que sempre observei onde punha os pés... e nunca lutei quando podia evitar... e, quando tive que lutar, sempre lutei desonestamente. Quando tinha que lutar, queria que *ele* morresse em vez de *min*. Portanto, tentava dispor as coisas dessa maneira. Não sorte. Ou não muita, de qualquer maneira. — Lazarus piscou, pensativamente. — Nunca remei contra a maré. Certa vez uma turba quis linchar-me. Não tentei discutir com eles; tratei simplesmente de ficar vários quilômetros longe deles o mais depressa que pude, e nunca mais voltei lá.

— Isso não está em nenhuma de suas memórias.

— Muitas coisas não estão nas minhas memórias. Aí vem a comida.

A porta dilatou-se, uma mesa de jantar para dois deslizou para dentro, posicionou-se por si só enquanto as cadeiras se separavam para dar-lhe lugar, e começou a se desdobrar para servir. Os técnicos se aproximaram em silêncio e ofereceram seu serviço pessoal desnecessariamente.

— Está cheiroso — comentou Weatheral. — Você tem algum ritual para comer?

— Hein? Rezar ou coisa parecida? Não.

— Não desse tipo. Tal como... Veja: se um dos meus executivos come comigo, não permito que ele discuta negócios à mesa. Mas, se você permitir, gostaria de continuar esta conversa.

— Certamente, por que não? Desde que falemos de assuntos que não irrite o estômago. Você ouviu alguma vez o que o padre disse à velha empregada? — Lazarus deu uma olhada para o técnico junto ao seu cotovelo. — Talvez não agora. Acho que o mais baixo é mulher e pode ser que saiba um pouco de inglês.

Você estava dizendo...

— Eu estava dizendo que suas memórias estão incompletas. Mesmo que você esteja decidido a morrer, não quer pensar em conceder a mim e aos seus outros descendentes o resto das suas memórias? Simplesmente falar, contar-nos o que viu e fez. Uma análise cuidadosa pode nos ensinar um bocado. Por exemplo, o que foi que aconteceu na Reunião das Famílias em 2012? As minutas não dizem muita coisa.

— Quem se importa agora, Ira? Todos eles estão mortos. Seria a minha versão sem dar a eles uma oportunidade de responder. Vamos deixar os cães que dormem enterrar seus próprios mortos. Além disso, eu disse a você que a minha memória me está pregando peças. Usei as técnicas hipnoenciclopédicas de Endy Libby (elas são boas) e aprendi também a armazenar em séries as lembranças de que não preciso todos os dias, com palavras-chave para fazer a série desdobrar-se quando precisar dela, como um computador, e mandei várias vezes lavar do meu cérebro lembranças inúteis, para desocupar aquelas gavetas do arquivo para dados novos... e, apesar disso, não adianta. Metade das vezes não consigo lembrar-me de onde pus o livro que estava lendo na noite anterior, depois perco uma manhã procurando-o... antes de me lembrar de que *esse* livro era um que eu estava lendo um século atrás. Por que você não deixa um velho em paz?

— Tudo quanto você tem que fazer é mandar-me calar a boca, Sênior. Mas espero que não mande. Sei que a memória é imperfeita, mas você foi testemunha ocular de milhares de coisas que o resto de nós é moço demais para ter visto. Ah, não estou lhe pedindo para expor uma autobiografia formal cobrindo todos os seus séculos. Mas você poderia recordar-se de qualquer coisa sobre a qual quisesse falar. Por exemplo, não há nenhum registro, em parte alguma, dos seus primeiros anos. Eu e milhões de outros estaríamos extremamente interessados em qualquer coisa que você lembrasse da sua infância.

— O que há nela para lembrar? Passei minha infância da mesma maneira que todos os meninos... tentando impedir que os mais velhos descobrissem o que eu estava aprontando.

Lazarus limpou a boca e ficou pensativo.

— Em geral, eu era bem sucedido. As poucas vezes em que fui apanhado e surrado ensinaram-me a ter mais cuidado na próxima vez. Ficar mais de boca calada e não pregar mentiras complicadas demais. Mentir é uma das belas artes, Ira, e parece que está morrendo.

— Realmente? Não notei nenhuma diminuição.

— Quero dizer como bela arte. Há ainda uma porção de mentirosos desajeitados, aproximadamente tantos quanto o número de bocas. Você conhece as duas maneiras mais artísticas de mentir?

— Talvez não, mas gostaria de aprender. Só duas?

— Ao que eu saiba. Não basta ser capaz de mentir com cara de pau; alguém

descarado o bastante para deixar de se ruborizar pode fazer isso. A primeira maneira de mentir artisticamente é contar a verdade... mas não toda. A segunda maneira consiste em contar a verdade também, mas é mais difícil: conte exatamente a verdade e talvez ela toda... mas conte-a de forma tão pouco convincente, que o seu ouvinte fique certo de que você está mentindo.

"Eu devia ter doze, treze anos de idade e, quando aprendi essa forma apropriadamente. Aprendi-a do meu avô materno; puxei um bocado a ele. Era um velho diabo mesquinho. Não entrava em igrejas nem consultava médicos. Afirmava que nem os médicos nem os pregadores sabiam o que fingiam saber. Aos oitenta e cinco anos podia partir nozes com os dentes e erguer com o braço estendido uma bigorna de trinta e cinco quilos pelo bico. Saí de casa mais ou menos nessa época e nunca mais o vi. Mas os arquivos das Famílias dizem que ele foi morto na Batalha da Inglaterra, durante o bombardeio de Londres, que foi alguns anos depois."

— Eu sei. Ele é meu ancestral também, naturalmente, e o meu nome é em homenagem a ele. Ira Johnson^{6} ^{7}.

— Oh, certamente, esse era o nome dele. Eu o chamava simplesmente de "vovô".

— Lazarus, este é exatamente o tipo de coisa que quero registrar. Ira Johnson é não só seu avô e meu avô remoto, mas também ancestral de muitos milhões de pessoas aqui e em outros lugares... contudo, a não ser as poucas palavras que você acabou de dizer sobre ele, tem sido apenas um nome, uma data de nascimento e uma data de morte, nada mais. De repente você o fez viver novamente... um homem, um ser humano único. Colorido.

Lazarus ficou pensativo

— Nunca pensei nele como "colorido". Na verdade, ele era um sujeito desagradável e estúpido... não uma "boa influência" para um menino criado pelos padrões daqueles tempos. Hum, houve alguma coisa sobre uma jovem professora solteirona e ele na cidade em que morávamos, algum escândalo... "escândalo" para aquela época, quero dizer. Acho que foi por isso que nos mudamos. Eu nunca soube direito o que foi, porque os adultos não falavam sobre isso diante de mim.

"Mas aprendi um bocado com ele; ele tinha mais tempo para falar comigo (ou dedicava mais tempo a isso) do que os meus pais. Algumas coisas que ele disse ficaram. 'Sempre corte as cartas, Woodie', dizia ele. 'Você pode perder de qualquer forma... mas não tantas vezes, nem tanto. E, quando você perder, sorria.' Coisas assim."

— Lembra-se de mais alguma coisa que ele tenha dito?

— Hein? Após todos estes anos? É claro que não. Bem, talvez. Um dia ele me levou para fora da cidade, ao sul, para me ensinar a atirar. Eu tinha talvez dez anos e ele... Oh, não sei. Ele sempre pareceu noventa anos mais velho do que Deus para mim^{8}. Ele espetou um alvo, acertou um na mosca para me mostrar

que isso podia ser feito, depois me entregou a carabina. Era uma pequena 22 de tiro único, que não servia para muita coisa a não ser alvos e latas. "Muito bem, está carregada; faça exatamente o que fiz; mantenha-a firme, relaxe e aperte o gatilho." Assim fiz, e tudo quanto ouvi foi um clique... ela não disparou.

"Eu disse a ele e comecei a abrir a culatra. Ele deu um tapa na minha mão, tomou-me a carabina com a outra mão... depois me deu um bom cascudo. 'O que foi que eu disse a você sobre armas que negam fogo, Woodie? Você está doído para andar por aí com um olho só o resto da sua vida? Ou está simplesmente tentando matar-se? Se for isso, posso mostrar-lhe várias maneiras melhores."

"Depois ele disse: 'Agora preste atenção'. E abriu a culatra. Vazia. Então eu disse: 'Mas, vovô, você me disse que estava carregada'. Tapeação, Ira, eu o vi carregá-la, pensei.

"Disse, sim, Woodie', concordou ele. 'E menti para você. Fingi que carregava e empalmei o cartucho. Agora, o que foi que eu disse a você sobre armas carregadas? Pense bem e responda direito... ou serei forçado a dar-lhe outro cascudo para sacudir o seu cérebro e fazê-lo funcionar melhor.'

"Pensei depressa e respondi direito; vovô tinha a mão pesada. 'Nunca acredite em ninguém que diga que uma arma está carregada.'

"'Correto', concordou ele. 'Lembre-se disso toda a sua vida... e verifique!... ou não viverá muito tempo.'¹⁹

"Ira, lembrei-me disso toda a minha vida... e também de sua aplicação a situações análogas após essas armas saírem de moda. E isso realmente me manteve vivo várias vezes.

"Depois ele me fez carregá-la, dizendo em seguida: 'Woodie, aposto com você meio dólar... você tem meio dólar? Eu tinha consideravelmente mais, mas eu havia apostado com ele antes, portanto admiti ter apenas um quarto. 'Está bem', disse ele. 'Digamos duas moedinhas; nunca permiti a um homem apostar a crédito. Aposto duas moedinhas como você não consegue atingir o alvo, muito menos na mosca.'

"Depois ele embolsou minhas duas moedinhas e mostrou-me o que estava errado com o que eu tinha feito. No momento em que ele estava pronto para desistir, eu sabia o essencial sobre como levar uma arma a fazer o que eu queria que fizesse, e quis apostar com ele outra vez. Ele riu de mim e me disse que ficasse grato pelo fato de a lição ser tão barata. Passe o sal, por favor "

Weatheral passou-o.

— Lazarus, se eu descobrisse uma maneira de fazer com que se lembrasse do seu avô, ou de qualquer coisa, acho que poderíamos extrair desse registro coisas sem fim que você aprendeu, coisas importantes... quer você prefira chamá-las de sabedoria, quer não. Nos últimos dez minutos você declarou meia dúzia de verdades básicas, ou regras de vida... chame-as como quiser. E, aparentemente,

sem tentar.

— Tais como?

— Ah, por exemplo, que a maioria das pessoas aprende apenas pela experiência...

— Correção: a maioria das pessoas não aprende nem pela experiência, Ira. Nunca subestime o poder da estupidez humana.

— Ai está outra. E você fez um par de comentários sobre a bela arte de mentir... três, realmente, já que mencionou também que uma mentira nunca deve ser complicada demais. Você disse também que a crença obstrui o caminho da aprendizagem, e algo sobre o fato de o conhecimento de uma situação ser o primeiro passo para enfrentá-la.

— Eu não disse isso... embora pudesse tê-lo feito.

— Generalizei algumas coisas que você disse. Afirmou, também, que nunca remou contra a maré... o que eu generalizaria como "Não tenha muita fé em que as coisas vão dar certo". Ou como "Encare os fatos e aja de acordo". Embora eu prefira a maneira como você disse: tem mais sabor. E "Sempre corte as cartas". Não jogo cartas há muitos anos, mas acho que isso significa: "Nunca despreze qualquer meio disponível de maximizar as suas probabilidades numa situação controlada por acontecimentos aleatórios".

— Hum! Vovô teria dito: "Guarda o palavreado difícil, meu filho".

— Então vamos pôr isso novamente nas palavras dele: "Sempre corte as cartas... e sorria quando perder". Se é que são mesmo palavras dele.

— Ah, são dele mesmo. Bem, acho que são. Que diabo! Ira, após um longo tempo é difícil distinguir uma lembrança verdadeira de uma lembrança de uma lembrança de uma lembrança de uma lembrança verdadeira. É isso o que acontece quando se pensa no passado: a gente o corrige e o reordena, torna-o mais tolerável...

— Essa é outra!

— Ora, cale-se! Filho,, não quero recordar-me do passado; é uma indicação segura de velhice. Bebês e crianças pequenas vivem no presente, no "agora". Os adultos maduros tendem a viver no futuro. Só os senis vivem no passado... e esse foi o sinal que me fez perceber que eu havia vivido bastante, quando descobri que estava passando cada vez mais tempo pensando no passado... e pensando menos no agora... e tempo nenhum no futuro.

O velho suspirou.

— Portanto — continuou —, sabia que estava acabado. A maneira de viver um longo tempo (Ah, mil anos ou mais!) é alguma coisa entre a maneira como uma criança o faz e a maneira como um homem maduro o faz. Pensar o suficiente no futuro para estar pronto para ele... mas não se preocupar com ele. Viver cada dia como se fosse morrer no próximo nascer do sol. Depois enfrentar cada nascer do sol como uma criação nova e viver para *ele*, alegremente. E nunca pensar no

passado. Nenhum arrependimento, nunca. — Lazarus Long parecia triste, depois sorriu de repente e repetiu: — "Nenhum arrependimento". Mais vinho, Tra?

— Meio cálice, obrigado. Lazarus, se você está decidido a morrer em breve (é um privilégio seu, certamente!) que mal poderia haver em lembrar o passado agora... e gravar essas lembranças em benefício dos seus descendentes? Seria um legado muito maior do que deixar sua fortuna para nós.

As sobranceiras de Lazarus se ergueram.

— Filho, você está começando a me aborrecer.

— Perdão, senhor. Permite-me ir embora?

— Ah, cale a boca e sente-se. Termine o seu jantar. Você me lembra de... Bem, havia este homem no Novo Brasil que concordava com o costume local de bigamia em série mas sempre tinha cuidado para que uma das suas mulheres fosse tão totalmente feia quanto a outra era surpreendentemente linda, a fim de que... Ira, essa sua máquina que está nos ouvindo, ela pode ser regulada para escolher determinadas declarações e arrumá-las como um memorando separado?

— Certamente, Sênior.

— Muito bem. O fazendeiro... Silva? Sim, acho que o nome dele era "Silva", dom Pedro Silva... Não adianta contar como ele enfrentou a situação quando se viu ligado a duas mulheres bonitas ao mesmo tempo, exceto para notar que, quando um computador comete um engano, é ainda mais estupidamente teimoso para corrigi-lo do que o homem. Mas, se eu pensar bastante, pode ser que desencave essas "jóias de sabedoria" que você acha que tenho. Isto é, diamantes falsos. Ai não teremos que carregar a máquina com histórias cacetes sobre dom Pedro e coisas parecidas Uma palavra-chave?

— "Sabedoria"?

— Vá lavar sua boca com sabão.

— Não vou. Você bem merecia essa, Sênior. "Senso comum" ?

— Filho, essa frase é autocontraditória. O "senso" nunca é "comum". Registre a palavra-chave "Caderno de notas"... isso é tudo quanto tenho em mente, apenas um caderno de notas para anotar coisas que percebi e que podem ser bastante importantes para serem registradas.

— Ótimo! Devo corrigir a programação agora?

— Você pode fazer isso daqui? Não quero interromper o seu jantar.

— É uma máquina muito flexível, Lazarus; o com plexo total é o que uso para governar este planeta... até o ponto moderado em que o governo.

— Nesse caso tenho certeza de que você pode colocar uma impressora auxiliar aqui, que seja regulada para a palavra-chave. Posso querer rever minhas jóias cintilantes de sabedoria... quero dizer que os comentários extemporâneos soam melhor quando não são extemporâneos, .. ou por que os políticos têm redatores fantasma.

— Redatores fantasmas? Meu domínio do inglês clássico é menos do que perfeito; não reconheço essa expressão.

— Ira, não me diga que você escreve seus próprios discursos.

— Mas, Lazarus, não faço discursos. Nunca. Apenas dou ordens e, muito raramente, faço relatórios escritos para os Curadores.

— Meus parabéns. Pode apostar que há redatores fantasmas em Felicidade. Ou haverá em breve.

— Mandarei instalar essa impressora imediatamente, Sênior. Alfabeto romano e ortografia do século XX? Se é que você pretende usar a língua que estamos falando.

— A menos que isso crie muita tensão numa pobre máquina inocente. Se assim for, posso lê-la em fonética. Acho.

— É uma máquina *muito* flexível, Sênior; ela me ensinou a falar esta língua... e, antes, a lê-la.

— Muito bem, faça isso. Mas diga a ela para não corrigir minha gramática. Os editores humanos são suficientemente duros; não aceitarei esse comportamento arrivista de uma máquina.

— Sim, Sênior. Se me der licença por um momento... — O Presidente Temporário ergueu a voz ligeiramente e mudou para a variante de Nova Roma da língua galacta. Depois falou na mesma língua ao técnico mais alto.

A impressora auxiliar foi instalada antes que a mesa lhes servisse café.

Após ter sido ligada, ela deu um zumbido rápido.

— O que ela está fazendo? — perguntou Lazarus. — Testando seus circuitos?

— Não, Sênior. Imprimindo. Tentei uma experiência. A máquina tem um julgamento considerável dentro dos limites dos seus programas e experiências gravadas na memória. Ao acrescentar o programa extra, eu também disse a ela para voltar, rever tudo o que você me disse e tentar selecionar todas as afirmações que parecessem aforismos. Não tenho certeza de que ela possa fazê-lo, já que qualquer definição de "aforismo" que tenha sua memória permanente certamente é bastante abstrata. Mas tenho esperanças. Contudo, disse a ela com firmeza: nada de reordenar.

— Bem. "A coisa espantosa sobre um urso que valsa não é a graça com que ele valsa, mas que ele chegue a valsar." Não eu. Algum outro cara; estou citando. Vamos vet o que ela tem.

Weatheral fez um gesto; o técnico mais baixo foi depressa até a máquina, puxou um exemplar para cada um deles e levou-os de volta.

Lazarus examinou o seu exemplar.

— Hum... sim. Essa seguinte não é verdadeira... apenas uma piada. Devo rephrasar a terceira um pouco. Ei! Ela pôs um ponto de interrogação depois desta. Que ferro-velho impertinente! Conferi esta séculos antes, quando ela não

era nada mais do que minério não-extraído. Bem, pelo menos ela não tentou revisá-la. Não me lembro de ter dito *isso*, mas é verdade e eu quase morri aprendendo.

Lazarus ergueu os olhos do exemplar impresso.

— Está bem, filho. Se você deseja isso registrado, não me importo. Desde que me permitam conferir e revisar... porque não quero que minhas palavras sejam tomadas como o Evangelho, a menos que tenha uma oportunidade de eliminar os disparates casuais. Que sou exatamente tão capaz de enunciar como qualquer homem.

— Certamente, Sênior. Nada irá para os registros sem a sua aprovação. A menos que você prefira usar aquele interruptor... caso em que terei de editar, eu mesmo, qualquer comentário não editado que você tenha deixado. Isso é o melhor que posso fazer.

— Tentando tapear-me, hein? Hum... Ira, suponha que eu lhe proponha um acordo Xerazade invertido.

— Não compreendo.

— Xerazade se perdeu, afinal? Sir Richard Burton ^[10] viveu em vão?

— Ah, não, Sênior! Li *As mil e uma noites* no original de Burton... e as histórias dela atravessaram os séculos, foram alteradas diversas vezes para que se tornassem compreensíveis às novas gerações... mas, acho eu, com o sabor conservado. Simplesmente não compreendo o que você está propondo.

— Entendo. Você me disse que falar comigo é a coisa mais importante que tem a fazer.

— E é.

— Só fico imaginando. Se você acha isso mesmo, então virá aqui todos os dias para me fazer companhia... e bater papo. Porque não vou ficar tagarelado para a sua máquina, por mais esperta que ela seja.

— Lazarus, ficarei não só honrado como muito satisfeito se me permitir fazer-lhe companhia pelo tempo que quiser.

— Veremos. Quando um homem faz uma declaração ampla, muitas vezes tem reservas mentais. Quero dizer *todos* os dias, filho, e o dia *inteiro*. E *você*... não um representante. Apareça duas horas após o café da manhã, digamos, e fique até que eu o mande para casa. Mas qualquer dia que você faltar... Bem, se for tão urgente que você tenha simplesmente que faltar, dê suas desculpas pelo telefone e mande uma moça bonita me visitar. Uma que fale inglês clássico e tenha juízo bastante para ouvir em vez de falar... já que um velho tolo é capaz de falar com uma moça bonita que simplesmente agite as pestanas para ele e pareça impressionada. Se ela me agradar, deixarei que fique. Ou poderia ser tão petulante que a mandaria embora e usaria aquele interruptor que você prometeu mandar reinstalar. Mas não me suicidarei na presença de um hóspede; isso é

grosseria. Compreende-me?

— Acho que sim — respondeu Ira Weatheral devagar. — Você será tanto Xerazade como o rei Xariar, e eu serei... Não, isso não está direito; sou *eu* que tenho de manter isso andando durante mil noites, quero dizer, "dias"; e, se eu falhar... mas não falharei! ... se eu falhar, você estará livre para...

— Não leve uma analogia longe demais — aconselhou Lazarus. — Estou simplesmente pagando para ver o seu blefe. Se as minhas divagações são tão importantes para você como afirma, então você aparecerá e as ouvirá. Pode faltar uma vez, ou mesmo duas, se a moça for bastante bonita e souber como excitar minha vaidade (a qual tenho bastante) da maneira correta. Mas, se você faltar muitas vezes, ficarei sabendo que está aborrecido e o acordo estará cancelado. Estou apostando que a sua paciência se esgotará muito antes de quaisquer mil e um dias terem passado... ao passo que eu *sei* como ser paciente, ano após ano se necessário; essa é uma das principais razões por que ainda estou vivo. Mas você ainda é jovem; aposto que posso agüentar mais que você.

— Aceito a aposta. Quanto a essa moça, se eu *tiver* que me ausentar algum dia, você objetaria se eu mandasse uma de minhas filhas? Ela é muito bonita.

— Hein? Você parece um feitor de escravos de Iskandrian leiloando a mãe. Por que sua filha? Não quero casar-me com ela, nem mesmo dormir com ela; desejo simplesmente que me divirtam e lisonjeiem. Quem foi que lhe disse que ela é bonita? Se ela é realmente sua filha, provavelmente se parece com você.

— Deixe disso, Lazarus; você não pode aborrecer-me tão facilmente assim. Admito a parcialidade de um pai, mas já vi o efeito que ela produz nos outros. Ela é bastante moça, tem menos de oitenta, e esteve casada contratualmente apenas uma vez. Mas você especificou uma moça bonita que falasse sua língua de infância. Há poucas. Mas esta minha filha herdou meu talento para línguas e está muito excitada pela sua presença aqui... *Quer* conhecê-lo. Posso retardar as emergências o bastante para que ela se torne letrada em sua língua.

Lazarus sorriu e encolheu os ombros.

— Faça como quiser. Diga a ela para não se preocupar com o cinto de castidade; não tenho tanta energia. Mas ainda ganharei a aposta. Provavelmente sem pôr os olhos nela; não levará muito tempo para você decidir que sou um velho insuportavelmente chato. O que sou e fui por quase tanto tempo quanto o Judeu Errante, um chato de lascar como nunca vi outro! Eu disse a você que o conheci?

— Não. E não acredito que o tenha. Ele é um mito.

— Você conhece mesmo muita coisa sobre ele, filho. Eu o conheci, ele é autêntico. Lutou contra os romanos em 70 A.C., quando Jerusalém foi saqueada. Lutou em todas as Cruzadas... provocou uma delas. De cabelos ruivos, naturalmente; todos os de vida longa natural trazem a marca de Gilgamesh. Quando o conheci, ele estava usando o nome de Sandy Macdougall, sendo esse um nome melhor para a época e o lugar de sua profissão, que era a de um antigo vigarista, com variações^[11]. Estas últimas envolviam... Olhe, Ira, se você não

acredita nas minhas histórias, por que se dá ao trabalho da gravá-las?

— Lazarus, se acha que pode chatear-me até a morte (correção: até a *sua* morte), por que se incomoda em inventar ficções para me entreter? Quaisquer que sejam os seus motivos, ouvirei tão cuidadosamente, e por tanto tempo, como o rei Xariar. A propósito, o meu computador principal está gravando o que quer que você resolva dizer, sem corrigir; garanti isso... mas ele tem incorporado em seu interior um analisador de verdades muito sutil, capaz de identificar qualquer ficção que você inclua. Não que eu me importe com a exatidão histórica; desde que você *fale*... já que está claro para mim que você inclui automaticamente suas avaliações, aquelas "jóias de sabedoria", não importa o que diga.

— "Jóias de sabedoria." Jovem, use essa expressão mais uma vez e ficará retido depois das aulas para limpar o quadro-negro. Esse seu computador... É melhor informá-lo de que as minhas histórias mais estranhas são as que têm mais probabilidade de serem verdadeiras... já que essa é a verdade literal. Nenhum contador de histórias jamais foi capaz de sonhar nada tão fantasticamente improvável como o que *acontece* realmente neste universo louco.

— Ele sabe disso. Mas vou preveni-lo novamente. Você me falava sobre Sandy Macdougall, o Judeu Errante.

— Falava? Nesse caso, e se ele estava usando esse nome, isso deve ter sido no fim do século XX e em Vancouver, pelo que me lembro. Vancouver era uma parte dos Estados Unidos onde as pessoas eram tão espertas que nunca pagavam impostos a Washington. Sandy deveria ter operado em Nova York, que era notável em estupidez mesmo então. Não darei detalhes das suas traças; podem corromper a sua máquina. Basta dizer que Sandy usava o mais velho princípio para separar um otário do seu dinheiro: escolher um otário que gostasse de levar a melhor.

"Isso é tudo que é preciso, Ira. Se um homem é ganancioso, você pode enganá-lo todas as vezes. O problema era que Sandy Macdougall era mais ganancioso ainda que suas vítimas. Isso levou-o à loucura do excesso e forçou-o muitas vezes a deixar a cidade enquanto estava escuro, largando as coisas roubadas para trás. Ira, quando a gente esfolava um homem, tem que deixá-lo recuperar-se e a pele crescer... senão ele fica nervoso. Se você respeitar esta regra simples, uma vítima verdadeira pode ser esfolada repetidas vezes, e isso simplesmente a mantém saudável e produtiva. Mas Sandy era ganancioso demais para isso; não tinha paciência."

— Lazarus, parece que você tem uma grande experiência nessa arte.

— Ora, Ira. Um pouco de respeito, por favor. *Nunca* trapaceei um homem. No máximo fiquei calado e deixei-o trapacear a si mesmo. Isto não faz mal, já que um otário não pode ser protegido contra a sua loucura. Se você tentar fazer isso, não só despertará sua animosidade, como também estará ameaçando privá-lo de qualquer benefício que ele seja capaz de obter com a experiência. Nunca tente ensinar um porco a cantar; isso toma o seu tempo e aborrece o porco.

"Mas entendo um bocado de trapanças. Acho que todas as variações de todas as trapanças possíveis foram tentadas comigo, uma vez ou outra.

"Algumas delas funcionaram, antigamente, quando eu era muito moço. Depois segui o conselho do vovô Johnson e desisti de procurar levar a melhor; daí em diante não pude mais ser trapaceado. Mas não fui capaz de aproveitar o conselho de vovô até me queimar algumas vezes. Ira, está ficando tarde."

O Presidente Temporário ergueu-se prontamente.

— É verdade, Sênior. Posso fazer duas perguntas antes de ir embora? Não para as suas memórias, são apenas questão de procedimento.

— Faça-as curtas e rápidas.

— Você terá o seu interruptor de opção final amanhã de manhã. Mas falou que não se sente bem, e não há nenhuma necessidade disso, mesmo que você prefira terminar num futuro próximo. Podemos recomençar os procedimentos de rejuvenescimento?

— Hum. Segunda pergunta?

— Prometi fazer o máximo para descobrir alguma coisa completamente nova para interessá-lo. Prometi também passar todos os dias aqui com você. Vejo um conflito.

Lazarus sorriu.

— Não brinque com o seu velho vovô, filho; você vai delegar essa pesquisa.

— Certamente. Mas preciso planejar como começá-la, depois verificar o progresso a intervalos periódicos e sugerir novos caminhos a explorar.

— Hum... se eu concordar com o procedimento completo, estarei fora de circulação um ou dois dias de vez em quando.

— Creio que a prática atual requer um dia de descanso profundo aproximadamente a cada semana, variando para se adequar à condição do cliente. Minha própria experiência é de cerca de cem anos atrás; compreendo que houve progressos. Decidiu submeter-se a eles, Sênior?

— Direi a você amanhã... após aquele interruptor estar instalado. Ira, não tomo decisões apressadas se elas não exigem pressa. Mas, se eu consentir, você terá tempo livre para usá-lo como desejar. Boa noite, Ira.

— Boa noite, Lazarus. Espero que resolva aceitá-lo. — Weatheral virou-se em direção à porta, parou a meio caminho e falou com os técnicos, que deixaram a sala imediatamente. A mesa de jantar saiu apressadamente atrás deles. Uma vez fechada a porta, Weatheral virou-se e encarou Lazarus Long. — Vovô — disse ele baixinho, com a voz um tanto embargada. — Uh.. posso?

Lazarus havia deixado sua cadeira afundar para trás numa posição reclinada que o segurava como uma rede, tão ternamente como os braços de uma mãe. Ao ouvir as palavras do homem mais moço, ergueu a cabeça.

— Hein? O quê? Ah! Está bem, está bem, venha cá... meu neto. — Estendeu um

braço para Weatheral.

O Presidente Temporário dirigiu-se apressadamente até ele, tomou-lhe a mão, ajoelhou-se e beijou-a. Lazarus retirou a mão vivamente.

— Pelo amor de Deus! Não se ajoelhe diante de mim... *nunca* faça isso. Se você quer ser meu neto, trate-me como tal. Não assim.

— Sim, vovô. — Weatheral ergueu-se, inclinou-se sobre o velho e beijou-o na boca.

Lazarus afagou-lhe o rosto.

— Você é um sentimental, meu neto. Mas um bom menino. O problema é que nunca houve muita procura de bons meninos. Agora tire essa expressão solene do rosto, vá para casa e descanse bem à noite.

— Sim, vovô. Irei. Boa noite.

— Boa noite. Agora dê o fora.

Weatheral saiu rapidamente. Os técnicos saltaram de lado quando ele saiu, depois voltaram para a suíte. Weatheral seguiu em frente, ignorando as pessoas à sua volta, mas tinha no rosto uma expressão mais doce e suave do que era seu desejo. Passou por um banco de transportes até o transporte particular do Diretor; este abriu-se à sua voz, depois o levou rapidamente até as entranhas da cidade e diretamente para o Palácio Executivo.

Lazarus ergueu os olhos quando os seus servidores voltaram; fez sinal para o mais alto se aproximar. A voz do técnico, filtrada e desfigurada pelo capacete, disse cuidadosamente:

— Cama... senhor?

— Não, quero... — Lazarus fez uma pausa, depois falou para o ar. — Computador? Você pode falar? Senão, imprima.

— Estou ouvindo-o, Sênior — respondeu uma voz melíflua de contralto.

— Diga a este enfermeiro que quero o que quer que eles tenham permissão de me dar para dor. Tenho trabalho a fazer.

— Sim, Sênior. — A voz desencarnada mudou para a língua galacta, foi respondida da mesma forma, depois continuou: — O Técnico Chefe Principal deseja saber a natureza e a localização da sua dor, e acrescentar que o senhor não deve trabalhar esta noite.

Lazarus ficou em silêncio enquanto mentalmente contava dez chimpanzés. Depois disse baixinho:

— Que diabo, sinto dor em *toda parte!* E não quero conselhos de uma criança. Tenho coisas a terminar antes de dormir... porque nunca se sabe se se vai acordar outra vez. Esqueça o analgésico; não é tão importante assim. Diga-lhes para saírem e ficarem fora.

Lazarus tentou ignorar a troca de palavras que se seguiu, já que o aborrecia o fato de quase não entendê-la. Abriu o envelope que Ira Weatheral lhe havia

devolvido, depois abriu seu testamento, um longo fole dobrado de formulário de computador, e começou a ler enquanto assoviava desafinado.

— Sênior, o Técnico Chefe Principal declara que o senhor deu uma ordem nula, que é uma declaração verdadeira pelos regulamentos da clínica. Um analgésico geral está para chegar.

— Esqueça-o. — Lazarus continuou a ler e passou a cantar baixinho a música que estava assoviando.

*"Há uma casa de penhores
Na esquina
Onde geralmente guardo meu sobretudo*

*Há um bookmaker
Atrás da loja de penhores
Que cuida dos meus investimentos."*[121](#)

O técnico mais alto apareceu junto ao seu cotovelo carregando um disco brilhante com tubos presos.

— Para... dor.

Lazarus fez um gesto com a mão livre, mandando-o embora.

— Vá embora, estou ocupado.

O técnico mais baixo apareceu do outro lado. Lazarus olhou na direção dele e perguntou:

— O que deseja?

Quando ele virou a cabeça, o técnico mais alto moveu-se rapidamente; Lazarus sentiu uma picada no antebraço. Esfregou o ponto e disse:

— Ora, seu patife! Enganou-me, não foi? Está bem, dêem o fora. Fora! Sumam!

Esqueceu-se do incidente e voltou a trabalhar. Um momento depois disse:

— Computador!

— Às suas ordens, Sênior.

— Registre isto para imprimir. Eu, Lazarus Long, conhecido algumas vezes como o Sênior e listado nas genealogias das Famílias Howard como Woodrow Wilson Smith, nascido em 1912, declaro que esta é a minha última vontade e testamento... Computador, volte à minha conversa com Ira e descubra o que foi que eu disse que queria fazer para ajudá-lo a dirigir uma migração... Entendeu?

— Descoberto, Sênior.

— Corrija a linguagem e acrescente isso na minha declaração inicial. E... deixe-me ver... coloque algo assim: na hipótese de Ira Weatheral deixar de se qualificar para a herança, então toda a minha fortuna terrena deverá destinar-se a... ahn... a... fundar um lar para indigentes e batedores de carteira aposentados,

prostitutas, achacadores, vigaristas, ladrões e outros pobres sem valor. Entendeu?

— Registrado, Sênior. Por favor, fique avisado de que esta alternativa tem uma grande probabilidade de ser anulada se testada pelas regras atuais deste planeta.

Lazarus expressou um desejo retórica e fisiologicamente improvável.

— Está bem, ponha então para gatos perdidos ou algum outro fim inútil mas legalmente aceitável. Verifique sua memória permanente para achar finalidades que *sejam* aprovadas pelos tribunais. Certifique-se de que os Curadores não possam pôr as mãos nisto. Compreende?

— Não há meio de ter certeza disso, Senhor, mas será tentado.

— Procure uma saída. Imprima isso o mais depressa que puder pesquisar e redija tudo. Agora se prepare para um memorando dos meus bens. Começo. — Lazarus começou a ler a lista, mas percebeu que seus olhos estavam ficando turvos e não focalizavam. — Que inferno! Aqueles bonecos me deram um remédio forte e está começando a fazer efeito. Sangue! Preciso de uma gota do meu próprio sangue para imprimir o meu polegar com ele! Diga àqueles bonecos para me ajudarem e diga-lhes *por quê...* e previna-os de que morderei minha língua para consegui-lo se não me ajudarem. Agora imprima meu testamento com qualquer alternativa exequível... mas *depressa!*

— Impressão começando — respondeu o computador calmamente, depois passou para galacta.

Os "bonecos" não discutiram com o computador; mexeram-se depressa, um puxando a nova folha da impressora auxiliar no momento em que esta parou de zumbir, o outro produzindo do nada uma ponta estéril e furando a polpa do dedo mínimo esquerdo de Lazarus após dar a este uma fração de segundo para ver o que estava sendo feito.

Lazarus não esperou que o sangue fosse retirado pela pipeta. Espremeu o dedo furado para tirar uma gota, esfregou o polegar direito nele, depois assinou imprimindo o dedo no seu testamento, enquanto o técnico mais baixo o segurava para ele.

Depois se recostou.

— Está feito — sussurrou ele. — Diga a Ira. — Caiu num sono pesado imediatamente.

Contraponto I

A cadeira transferiu Lazarus suavemente para a cama, enquanto os técnicos supervisionavam em silêncio. Depois o mais baixo observou os gráficos de respiração, as batidas cardíacas, o ritmo cerebral e outros dados físicos, enquanto o mais alto colocava os documentos, o velho testamento e o novo, num impervolope; ele o selou, destacou e imprimiu o polegar no selo, escreveu "Entregar apenas ao Sênior e/ou ao Sr. Presidente Temporário", e depois ficou com ele até seus substitutos chegarem.

O técnico chefe substituto ouviu o registro do plantão, passou os olhos nos dados físicos e observou o cliente que dormia.

— Tempo marcado — declarou.

— Neolethe. Trinta e quatro horas.

Ele assoviou.

— Outra crise?

— Menos grave do que a última. Pseudodor com irascibilidade irracional. Dados físicos dentro dos limites para esta fase.

— O que há no impervolope lacrado?

— Assine, apenas, e inclua as instruções para a entrega em seu recibo.

— Perdoe-me por usar oxigênio!

— Seu recibo, por favor.

O substituto redigiu um recibo, destacou-o, imprimiu o polegar nele e trocou-o pelo impervolope.

— Eu o substituo — disse bruscamente. — Obrigado.

O técnico mais baixo estava esperando junto à porta. O técnico chefe principal fez uma pausa para dizer:

— Você não precisava esperar. Em algumas ocasiões levo três vezes este tempo para passar o plantão. Você está livre para ir embora assim que o oficial substituto júnior de plantão chegar.

— Sim, técnico chefe principal. Mas este é um cliente *muito* especial... e pensei que você precisasse de mim com o sr. Bisbilhoteiro.

— Posso cuidar dele. Sim, um cliente muito especial, realmente... e recomenda bem você o fato de a Junta de Habilitações designá-lo para mim quando o seu antecessor" optou pela saída.

— Obrigado!

— Não me agradeça, técnico associado. — A voz, apesar de distorcida pelo capacete, pelo relê e pelos filtros, pareceu amável, embora as palavras não o fossem. — Isto não é um cumprimento, mas a declaração de um fato. Se você

não se tivesse saído bem no seu primeiro plantão, não haveria um segundo... Como você diz, "um cliente muito especial". Você se saiu bem... apesar do nervosismo que o cliente possa sentir por não poder ver-lhe o rosto. Mas você superará isso.

— Ah... espero. Eu estava muito nervoso!

— Prefiro ter um assistente tenso estimulado do que um que saiba tudo e seja relaxado. Mas você devia estar em casa, agora, e descansando. Venha; vou levá-lo. Onde você se veste? Na sala intermediária? Passo por lá.

— Ah, não se incomode por minha causa! Mas irei com você se puder. Depois trarei o carro de volta.

— Relaxe! Uma vez fora do serviço, não há hierarquia entre nós, que seguimos a Vocação. Não lhe ensinaram isso? — Passaram pela fila junto aos transportes públicos, pelo transporte do próprio diretor e pararam junto à plataforma dos executivos.

— Sim, mas... Nunca fui designado para alguém do seu posto até agora.

Isso foi recebido com um riso entre dentes.

— Mais uma razão para seguir essa regra comigo... quanto mais alto se está, mais se precisa esquecer isso fora de serviço. Aqui está um carro vazio. Entre e sente-se.

O mais baixo entrou, mas não se sentou até que o técnico chefe principal estivesse sentado. O rejuvenescedor chefe ignorou isso, regulou os controles, esparramou-se e suspirou quando o carro começou a se mover.

— Eu próprio sinto a tensão. Ao sair do plantão sinto-me tão velho quanto *ele*.

— Eu sei. Estou imaginando se poderia suportar isso. Chefe? *Por que* não o deixam terminar? Parece tão cansado!

A resposta foi vagarosa e fria:

— Não me chame de "chefe". Estamos fora de serviço.

— Mas não sei o seu nome.

— Tampouco precisa saber. Hum... A situação não é bem como parece ser; ele já se suicidou quatro vezes.

— O quê?

— Oh, ele não se lembra disso! Se você acha que a memória dele está ruim agora, devia tê-lo visto três meses atrás. Na verdade, o nosso trabalho aumenta cada vez que ele faz isso. Seu interruptor, quando ele o tinha, era alterado; deixava-o simplesmente inconsciente. Depois seguíamos em frente com a fase seguinte, qualquer que ela fosse, enquanto o hipnotizávamos mais com suas fitas de memória. Mas tivemos que parar isso e retirar o interruptor alguns dias atrás; ele lembrou-se de quem é.

— Mas... Isso não está de acordo com os Cânones! "A morte é privilégio de todos os homens."

O técnico chefe principal tocou no controle de emergência; o carro continuou em frente, encontrou um bolso de estacionamento e parou.

— Eu não disse que isso estava previsto nos Cânones. Mas os oficiais de plantão não decidem sobre política.

— Quando fui aceito, fiz o juramento... e parte dele era de "dar vida livremente àqueles que a quiserem... e nunca recusar a morte àqueles que ansiarem por ela".

— Você acha que não fiz o mesmo juramento? A diretora está com tanta raiva que saiu de licença. Pode ser que ela peça demissão; não me arriscaria a adivinhar. Mas o Presidente Temporário não tem a nossa Vocação; não está preso ao nosso juramento, e a máxima acima da entrada não significa nada para ele. A máxima *dele é*, ou parece ser: "Toda regra tem exceção". Olhe, sei que precisava ter esta conversa com você, e estou satisfeito de me haver dado uma oportunidade antes do nosso próximo plantão. Agora preciso perguntar-lhe: você deseja optar pela saída? Isso não afetará a sua folha de serviço. Cuidarei disso. Não se preocupe com o substituto; o Sênior ainda estará dormindo quando eu entrar de plantão novamente, e qualquer assistente servirá para esse plantão... o que deixa tempo para a Junta de Habilitações escolher o seu substituto.

— Oh... *quero* cuidar dele. Isso é um grande privilégio, que nunca sonhei que me caberia. Mas estou transtornado.

Não acho que ele esteja sendo tratado justamente. E quem tem mais direito a tratamento justo nisto do que o Sênior?

— Estou transtornado com isso, também. Fiquei extremamente chocado quando percebi pela primeira vez que estavam me ordenando que mantivesse vivo um homem que havia terminado voluntariamente. Ou a quem permitiram que pensasse estar terminando. Mas, meu caro colega, a escolha *não* nos compete. Este serviço será feito, não importa o que pensemos. Quando percebi isso... Bem, não me falta confiança profissional. Chame isso de presunção. Acho que sou o oficial de plantão graduado mais bem qualificado da lista. Resolvi que, se o Sênior das Famílias vai ter que passar por isto, não optarei por sair e deixar que o trabalho seja feito por colegas menos habilitados do que eu. Os bônus nada têm a ver com isso; doei os meus para o Santuário dos Defeituosos.

— Eu podia fazer o mesmo, não podia?

— Sim, mas seria um tolo se o fizesse; ganho muito mais do que você. Mas devo acrescentar isto: espero que o seu corpo tolere estimulantes com facilidade, porque supervisiono todos os procedimentos principais e espero que o meu assistente ajude, quer isso ocorra durante nosso plantão regular, quer não.

— Não preciso de estimulantes, uso auto-hipnose. Quando necessário. Raramente. Ele estará dormindo no nosso próximo plantão. Hum...

— Colega, quero a sua resposta *agora*. Para que eu possa notificar a Junta de Habilitações, se necessário.

— Bem... ficarei! Ficarei enquanto você ficar.

— Muito bem. Achei que ficaria. — O técnico chefe principal estendeu a mão novamente para os controles. — Sala intermediária agora?

— Um momento. Gostaria de conhecê-lo melhor.

— Colega, se você ficar, me conhecerá bem demais. Tenho uma língua ferina.

— Quis dizer socialmente, não profissionalmente.

— Bem!

— Está ofendido? Cheguei a admirá-lo sem sequer tê-lo visto. Agora gostaria de vê-lo. Não estou tentando granjear favores.

— Acredito em você. Conceda-me o respeito de acreditar que estudei sua psique antes de aceitar a escolha da junta. Não, não estou ofendido; estou lisonjeado. Jantaremos juntos em alguma ocasião, talvez?

— Claro. Mas tenho mais em mente. O que diria de Sete Horas de Êxtase?

Houve uma curta pausa, que pareceu longa. O técnico chefe principal perguntou;

— Colega, qual é o seu sexo?

— Isso importa?

— Suponho que não. Aceito. Agora?

— Se isso lhe convém.

— Convém. Eu ia simplesmente para o meu compartimento, ler por algum tempo e dormir. Vamos para lá?

— Eu estava pensando em levá-lo para o Eliseu.

— Não há necessidade. O êxtase é no coração. Mas obrigado.

— Posso pagar. Ah, não dependo do meu salário. Posso pagar facilmente o melhor que o Eliseu tem a oferecer.

— Talvez em outra ocasião, caro colega. Mas o compartimento de um residente aqui na clínica é bastante confortável e pelo menos uma hora mais perto, sem contar o tempo que perderíamos para tirar a armadura de isolamento e vestir-nos para enfrentar o público. Iremos direto a minha casa, acho que estou ansioso. Santo Deus, não tenho este tipo de divertimento... há muito tempo.

Quatro minutos mais tarde o técnico chefe principal os fez entrar no compartimento — grande, como havia dito, bonito e arejado —, uma suíte "feliz". Um fogo simulado crepitava alegremente numa lareira de canto e lançava luzes saltitantes pela sala acolhedora.

— Você encontrará um quarto de hóspedes atrás daquela porta, está mais fresco lá dentro. O tubo para descartáveis fica à esquerda; cabides para capacetes e roupas de isolamento à direita. Precisa de ajuda?

— Não, obrigado. Sou bastante desembaraçado.

— Bem, grite se precisar de alguma coisa. Encontre-me aqui diante do fogo em dez minutos, está bem?

— Está.

O técnico associado saiu em pouco mais de dez minutos, livre por fim da armadura de isolamento e parecendo ainda mais baixo de pés descalços e sem o capacete. O técnico chefe principal ergueu os olhos do tapete da lareira.

— Ah, aí está você! Você é *homem!* Estou surpresa. Mas satisfeita.

— E você é mulher. E estou *muito* satisfeito. Mas não acredito nem por um instante que você esteja surpresa. Viu os meus registros.

— Não, querido — negou ela. — Não o seu dossiê pessoal, apenas o sumário que a junta fornece ao supervisor em perspectiva... e eles são meticulosamente cuidadosos quanto a omitir nome, sexo e outras irrelevâncias; seu programa de computador cuida disso. Eu *não* sabia, e meu palpite estava errado.

— Não tentei adivinhar. Mas certamente estou satisfeito. Não sei por que tenho esta preferência por mulheres altas. Mas tenho. Levante-se e deixe-me olhar para você.

Ela se contorceu preguiçosamente.

— Que critério irracional! Todas as mulheres são da mesma altura... deitadas. Portanto, venha deitar aqui; é muito confortável.

— Mulher, quando digo "levante-se!", espero ação. Ela riu.

— Você é um atávico. Mas bonito. — Ela esticou o braço, pegou-o pelo tornozelo e desequilibrou-o. Ele caiu. — Assim é melhor. Agora estamos da mesma altura.

Contraponto II

— Você gostaria de tomar um lanche no meio da noite, Soneca? — perguntou ela.

— Cochilei, não foi? Tinha motivos — disse ele. — Sim, gostaria. O que me oferece?

— Escolha, simplesmente escolha. Se eu não tiver, mandarei buscar. Estou me sentindo muito terna em relação a você, querido.

— Está bem. Que tal dez virgens altas, ruivas, de dezesseis anos? Garotas, quero dizer.

— Sim, querido. Nada é bom demais para o meu Galahad. Embora, se você insistir em virgens com atestado, possa demorar mais tempo. Por que este fetiche, meu caro homem? Seus perfis psíquicos não indicam nenhuma anormalidade exótica.

— Cancele esse pedido e peça um prato de sorvete de manga.

— Sim, senhor. Pedirei imediatamente. Ou você pode tomar sorvete de pêssego instantaneamente. Provoque. Não sou incomodada por esse tipo de provocação desde que tinha dezesseis anos. Há muito tempo.

— Fico com o de pêssego. Há *muito* tempo.

— É para já, caríssimo homem. Você vai comer de colher ou devo lambuzá-lo no seu rosto? Não com esse tipo de provocação. Fiz um rejuvenescimento exatamente como você, e conservo minha idade cosmética mais jovem do que a sua.

— Um homem precisa parecer maduro.

— E uma mulher prefere parecer moça; sempre preferimos. Mas sei não só sua idade rejuvenescida como sua idade do calendário, Galahad... e a minha idade do calendário é menor que a sua. Quer saber como sei, meu caro? Reconheci-o no instante em que o vi. Ajudei a rejuvenescê-lo, querido... e estou muito satisfeita por isso.

— Uma ova que está!

— Mas *estou* satisfeita, caro homem. Um bônus tão bom, e não inesperado! É tão raro ver-se um cliente outra vez! Galahad, você percebe que não usamos *nada* rotineiro para garantir um feriado extático juntos? Apesar disso, não senti falta. Sinto-me mais jovem e mais feliz do que me sentia há anos. Ainda me sinto.

— Eu também. Só que não estou vendo nenhum sorvete de pêssego.

— Porco. Animal. Bruto. Sou maior do que você; vou passar-lhe uma rasteira e cair-lhe em cima. Quantas colheradas, querido?

— Ah! vá enchendo até o seu braço cansar; preciso restaurar minhas forças.

Ele acompanhou-a até a copa e serviu a ambos pratos cheios de sorvete.

— Apenas uma precaução — disse ele — para que você não lambuze minha cara com ele.

— Oh, deixe disso agora. Acha que eu faria isso realmente com o meu Galahad?

— Você é uma mulher muito extravagante, Ishtar. Tenho hematomas para provar isso.

— Bobagem! Fui meiga.

— Você não conhece sua própria força. E é maior do que eu, como mencionou. Em vez de Ishtar eu devia chamá-la de... Qual é o nome dela? A rainha das amazonas na mitologia do Velho Lar?

— Hipólita, querido. Mas não posso qualificar-me como amazona, em virtude dos motivos pelos quais você estava me lisonjeando... de maneira infantil.

— Queixas, hein? Lá na cirurgia poderiam corrigir sua desqualificação em dez minutos sem deixar sequer uma cicatriz. Não importa, Ishtar fica melhor para você. Mas há algo injusto a respeito disto.

— Como, querido? Vamos levar isto para dentro e comer diante do fogo.

— Está bem. É o seguinte, Ishtar. Você me diz que fui seu cliente e que se lembra de ambas as minhas idades; portanto, por uma lógica magistral, deduzo que você conhece meu nome registrado e minha Família, e pode se lembrar até de um pouco da minha genealogia, já que deve tê-la estudado para o meu rejuvenescimento. Mas, pelos costumes das Sete Horas, estou impedido até de tentar saber seu nome registrado. Tenho que rotulá-la em minha mente como "aquela técnica chefe principal louca e alta que..."

— Ainda tenho bastante sorvete para lambuzá-lo!

— ... "me permitiu chamá-la de Ishtar durante as sete horas mais felizes da minha vida". Que estão quase terminadas, e não sei se você me deixará levá-la ao Eliseu algum dia.

— Galahad, você é o namorado mais exasperador que já tive. Naturalmente que pode levar-me ao Eliseu. E você *não* tem que ir para casa no fim das sete horas. E meu nome registrado é Ishtar. Mas, se mencionar meu cargo alguma vez a não ser quando necessário, em serviço, terá hematomas verdadeiros para se lembrar de mim. E dos grandes.

— Fanfarrona. Estou com medo. Acho que devo ir embora na hora, para que você possa dormir antes de voltarmos ao plantão. Mas o que é isto sobre o seu nome ser realmente Ishtar? Será que tirei cinco ases nos dados quando demos nomes um ao outro?

— Sim e não.

— Isso é uma resposta?

— Eu tinha um dos nomes padrões da linhagem da minha Família... e jamais gostei dele. Mas fiquei encantada e lisonjeada pelo nome carinhoso que você me deu. Portanto, enquanto você estava dormindo, liguei para os arquivos e mudei

meu nome. Agora sou Ishtar.

Ele ficou olhando para ela.

— Isso é verdade?

— Não fique assustado, querido. Não vou prendê-lo. Não vou sequer machucá-lo. Não sou doméstica, absolutamente. Você ficaria chocado se soubesse quanto tempo faz que um homem esteve neste compartimento pela última vez. Você é livre para partir no momento em que desejar; comprometeu-se comigo apenas por sete horas. Mas não precisa ir embora. Você e eu vamos faltar ao plantão amanhã.

— Vamos? Por quê... Ishtar?

— Dei outro telefonema e coloquei uma equipe extra naquele plantão. Devia ter feito isso mais cedo, mas você me deixou perturbada, querido. O Sênior não vai precisar de nós amanhã; está dormindo profundamente e não vai saber que se passou um dia. Mas quero estar lá quando ele acordar; portanto, refiz a escala de serviço para o dia seguinte também, e podemos ficar de plantão o dia inteiro; dependendo do estado dele. Isto é, eu posso ficar. Não insisto em que você dê um plantão duplo ou triplo.

— Posso dá-lo, se você pode, Ishtar? Este cargo profissional que você me proibiu de mencionar... Você realmente tem um cargo ainda mais alto do que esse, não tem?

— Se tenho, e não estou afirmando isso, proíbo-o sequer de especular a respeito. Se quiser continuar designado para este cliente.

— Puxa! Você tem uma língua afiada. Será que mereço isso?

— Querido Galahad! Desculpe. Quando você estiver de plantão, querido, quero que pense apenas em nosso cliente, não em mim. Fora do plantão sou Ishtar e não quero ser nada mais. Este é o caso mais importante que jamais teremos. Pode levar muito tempo e ser muito cansativo. Portanto, não sejamos impacientes um com o outro. Eu estava tentando dizer que você... nós dois... temos agora mais de trinta horas antes de precisarmos voltar ao serviço. Você será bem-vindo aqui por tantas dessas horas quanto quiser. Ou pode ir embora quando quiser; eu sorrirei e não me queixarei.

— Não quero ir embora, eu já disse isso. Desde que eu não a impeça de dormir...

— Não impedirá.

— ... e me dê uma hora para apanhar um maço novo de descartáveis, vestir-me e passar pela descontaminação. Gostaria de ter trazido um maço, mas não havia planejado isto.

— Digamos uma hora e meia. Meu telefone tinha uma mensagem à minha espera. O Sênior não gosta do nosso aspecto em trajes de isolamento; deseja poder ver qualquer pessoa à sua volta. Portanto, temos que prever, em vez disso, o tempo para fazer a descontaminação corporal e depois atendê-lo em trajes comuns.

— Hum... Ishtar, isso é prudente? Podemos espirrar sobre ele.

— Você acha que fui eu que decidi esta política? Querido, a mensagem veio direto do palácio. Além disso, as mulheres têm ordens específicas de parecerem tão bonitas e estarem tão atraentemente vestidas quanto possível... Portanto, preciso pensar no que vou usar que possa passar pela esterilização. A nudez não é aceitável; isso foi especificado também. Mas não se preocupe com espirros. Você nunca fez uma descontaminação total do corpo? Quando aquela turma acabar o serviço, você não conseguirá espirrar, não importa a vontade que tenha. Mas não diga ao Sênior que fez descontaminação; ele deve pensar que simplesmente chegamos da rua... Nenhuma precaução especial.

— Como poderia dizer isso a ele, se não falo a sua língua? Ele tem algum fetiche contra a nudez?

— Não sei. Estou apenas transmitindo a ordem que foi dada a todos na escala de serviço.

Ele ficou pensativo.

— Provavelmente não é um fetiche. Todos os fetiches são contra a sobrevivência, isso é elementar. Você me disse que o problema principal era romper-lhe a apatia. Sentia-se satisfeita por ele estar de mau humor, embora dissesse que era uma hiper-reação.

— Certamente que me sentia satisfeita; isso mostrava que ele estava reagindo. Galahad, esqueça isso agora; não tenho nada para usar, você terá que me ajudar.

— Estou falando sobre o que você deve usar. Acho que isso foi idéia do Presidente Temporário, não do Sênior.

— Caro homem, não tento ler a mente dele; simplesmente cumpro suas ordens. Não tenho gosto nenhum para roupas, nunca tive. Você acha que o uniforme de assistente de laboratório seria adequado? Suporta a esterilização sem mostrar vestígios... e fico muito bem nele.

— Estou tentando ler a mente do Presidente Temporário, Ishtar... imaginar suas intenções, pelo menos. Não, não acho que um uniforme de laboratório servisse; não ia parecer que você "simplesmente chegou da rua". Se concordarmos que não se trata de uma síndrome de fetiche, então a única vantagem de vestir a nudez nesta situação é a de criar variedade. Contraste. Mudança. Algo que o ajude a livrar-se dessa apatia.

Ela ficou olhando para ele pensativa e interessada.

— Galahad, até agora, baseada em minha própria experiência, sempre achei que o único interesse do homem nas roupas da mulher fosse em tirá-las. Pode ser que eu tenha de pô-lo na lista de promoções.

— Não estou preparado para ser promovido; estou na Vocação há menos de dez anos. Estou certo de que você sabe disso. Vamos dar uma olhada no seu armário.

— O que é que você vai usar, querido?

— O que vou usar não importa; o Sênior é homem, e todas as histórias e mitos a

respeito dele indicam que continuou orientado pela cultura primitiva em que nasceu. Não é sensualmente polimorfo.

— Como pode ter certeza? São mitos, querido.

— Ishtar, todos os mitos dizem a verdade se a gente souber interpretá-los. Estou supondo, é uma suposição razoável, já que é algo em que eu costumava ser um tanto especializado. Até ser rejuvenescido... até você me rejuvenescer. Depois me meti em coisa mais ativa.

— O quê, querido?

— Em outra ocasião. Eu estava dizendo simplesmente que acho que não importa o que eu vou usar. Uma túnica. Calça curta e camiseta. Saiote escocês. Até as roupas de baixo que uso sob os trajes de isolamento. Ah, vou usar cores vivas, e alguma coisa diferente em cada plantão... mas ele não olhará para mim, olhará para você. Portanto, vamos escolher alguma coisa que ele gostaria que você vestisse.

— Como é que você vai saber, Galahad?

— Muito simples. Vou escolher alguma coisa que eu gostaria de ver uma loura bonita de pernas compridas usando.

Ele ficou surpreso ao ver quão pouca coisa Ishtar tinha em seu armário. Em toda a sua variada experiência com mulheres, ela era a única que parecia não ter a vaidade necessária para comprar roupas desnecessárias. Enquanto procurava, preocupado, cantarolou e depois cantou um trecho de versos populares.

— Você fala a língua de infância dele! — disse Ishtar.

— Eu? O quê? De quem? Do Sênior? Certamente que não. Mas preciso aprendê-la, suponho.

— Mas você estava cantando na língua dele. Uma pequena canção que o Sênior canta sempre que está ocupado com alguma coisa.

— Você quer dizer isto? "Há u'a loja de *penhor*... Atrás lojdapenhLLL..." Tenho um ouvido fonográfico, isto é tudo; não compreendo as palavras. O que significam?

— Não tenho certeza de que signifiquem alguma coisa. A maioria delas não está no vocabulário que aprendi até agora. Suspeito que isso seja apenas um ritmo anfigúrico, um auto-tranquilizante. Semanticamente nulo.

— Por outro lado pode ser a chave para compreendê-lo. Você tentou perguntar ao computador?

— Galahad, não me deram acesso ao computador que grava o que acontece naquela suíte. Mas duvido que alguém possa compreendê-lo, em profundidade. Ele é um primitivo, querido. Um fóssil vivo.

— Eu gostaria muito de tentar compreendê-lo. Esta língua que ele usa... é difícil?

— Muito. Sintaxe irracional, complicada, e tão carregada de peculiaridades e valores múltiplos que tropeço mesmo em palavras que penso conhecer. Gostaria

de ter o seu ouvido fonográfico.

— O Presidente Temporário parece não ter tido nenhuma dificuldade.

— Acho que ele tem um talento especial para línguas. Mas, se você quiser tentar, querido, tenho os programas de instrução aqui.

— Aceito! O que é isto? Um vestido de baile?

— Isso? Não é roupa. Comprei-a como capa para o sofá. Depois a trouxe para casa e vi que não combinava com a minha sala.

— Isso é um vestido. Fique parada aí e não se mexa.

— Não faça cócegas!

Variações Sobre um Tema I

Negócios de Estado

Apesar do que eu disse ao Sênior, meu avô ancestral Lazarus, trabalho duro para governar Secundus. Mas apenas pensando em política e julgando o trabalho dos outros. Não faço trabalho de burro; deixo isso aos administradores profissionais. Mesmo assim, os problemas de um planeta com mais de um bilhão de pessoas podem manter um homem ocupado, especialmente se sua intenção é governar o menos possível — já que isso significa que ele deve ficar de olho vivo e ouvido sintonizado para os sinais de que os subordinados estejam tomando medidas desnecessárias. A metade do meu tempo é usada no trabalho negativo de remover esses funcionários intrometidos e dar ordens para que nunca sirvam novamente em qualquer cargo público.

Depois geralmente suprimo seus cargos e todos os outros subordinados a eles.

Nunca notei qualquer mal decorrente desses cortes, salvo que os parasitas cujos empregos foram eliminados precisam descobrir alguma outra maneira de evitar a fome. (Eles são bem-vindos à fome — melhor que a sofram. Mas não sofrem.)

O importante é localizar estes crescimentos malignos e removê-los enquanto são pequenos. Quanto mais habilidade um Presidente Temporário adquire nisto, mais crescimentos emergentes ele descobre, o que o mantém mais ocupado do que nunca. Qualquer um pode ver um incêndio na floresta; a habilidade está em farejar a primeira fumaça.

Isto me deixa pouco tempo para o meu trabalho principal: pensar em política. O objetivo do meu governo é nunca fazer o bem, mas simplesmente evitar fazer o mal. Isto parece simples, mas não é. Por exemplo, embora a prevenção de revoluções armadas obviamente faça parte da minha obrigação principal, isto é, manter a ordem, comecei a ter dúvidas quanto à prudência de transportar líderes revolucionários anos antes de vovô Lazarus chamar minha atenção para isso. Mas o sintoma que despertou minha preocupação era tão nulo que levei dez anos para notá-lo: durante esses dez anos não houve nenhuma tentativa para me assassinar.

Na ocasião em que Lazarus Long voltou a Secundus a fim de morrer, este sintoma perturbador se prolongava havia vinte anos.

Isto era de mau agouro e o percebi. Uma população de mais de um bilhão tão satisfeita, tão uniforme, tão enfatuada que nenhum assassino decidido havia aparecido em duas décadas. Uma população seriamente doente, não importa quão saudável parecesse. Nos dez anos que se passaram após eu haver notado esta falha, preocupei-me com ela durante todas as minhas horas livres — e me vi perguntando a mim mesmo repetidas vezes: "O que faria Lazarus Long?"

Eu sabia de uma maneira geral o que ele havia feito — e foi por isso que resolvi emigrar — levar o meu povo para fora do planeta, ou ir sozinho, se ninguém me acompanhasse.

(Ao reler isto, parece que eu procurava ser assassinado em algum sentido místico, como em *O rei tem que morrer*. Absolutamente! Estou cercado em todos os momentos por salvaguardas poderosas e sutis cuja natureza não divulgarei. Mas não há nenhum mal em mencionar três precauções negativas; minha aparência fisionômica não é conhecida do público, pois quase nunca apareço em público, e, quando apareço, isso nunca é anunciado. O trabalho de governante é perigoso — ou deve ser —, mas não pretendo morrer disso. O "sintoma perturbador" não é que eu esteja vivo, mas sim não haver nenhum assassino morto. Ninguém parece odiar-me o suficiente para tentar. Assustador. Onde foi que falhei com eles?)

Quando a Clínica Howard me avisou que o Sênior estava acordado (com um lembrete de que apenas uma noite havia se passado para ele), eu não só estava acordado como havia terminado o trabalho necessário e passado adiante o resto; fui imediatamente para a clínica. Após me descontaminarem, encontrei-o fazendo hora sobre o café, tendo acabado de comer.

Ele olhou de relance para cima e sorriu.

— Alô, Ira!

— Bom dia, vovô. — Dirigi-me para ele pronto a oferecer uma saudação respeitosa, tal como a que ele havia permitido quando lhe desejara boa-noite na noite "anterior" —, mas observando os sinais que poderiam dizer "Sim" ou "Não" antes que a boca falasse. Mesmo entre as Famílias há uma grande variedade desses costumes — e Lazarus é, como sempre, a própria lei. Portanto, venci o espaço que faltava com grande deliberação.

Ele respondeu-me recuando tão ligeiramente, que teria passado despercebido se eu não estivesse prevenido quanto a isso. Ele acrescentou um aviso amável:

— Estranhos presentes, filho. Parei imediatamente.

— Pelo menos acho que são estranhos — acrescentou ele. — Estive tentando travar relações, mas tudo quanto temos em comum é um pouco de linguagem corrompida e um bocado de gestos. Mas é bom ter pessoas por perto em vez daqueles zumbis... nós nos entendemos. Ei, querida! Venha cá. Isso, menina.

Fez sinal para um dos seus técnicos de rejuvenescimento — dois de plantão, como de hábito, e esta manhã um deles era mulher, o outro era homem. Fiquei satisfeito ao ver que a minha ordem de que as mulheres deviam "vestir-se atraentemente" havia sido cumprida. Esta era uma loura graciosa e bastante atraente para quem gosta de mulheres altas. (Eu não desgosto, mas aprecio uma que seja suficientemente pequena para caber no meu colo — embora eu não tenha tido muito tempo para isso ultimamente.)

Ela deslizou para a frente e esperou sorrindo. Estava vestida com alguma coisa — as modas femininas não permanecem as mesmas por tempo bastante para que eu possa acompanhá-las, e esse era um período em que cada mulher de Nova Roma parecia estar tentando vestir-se de maneira diferente de todas as outras. O que quer que fosse, era um azul iridescente que lhe destacava os olhos,

e muito justo nos lugares onde lhe cobria o corpo; o efeito era agradável.

— Ira, esta é Ishtar. Compreendi o seu nome certo desta vez, querida?

— Sim, Sênior.

— E aquele jovem ali é, acredite ou não, Galahad. Conhece algumas lendas da Terra, Ira? Se ele soubesse seu sentido idiomático, o mudaria... o cavaleiro perfeito que nunca possuiu mulher alguma^[13]. Mas estive tentando lembrar por que o rosto de Ishtar é tão familiar. Querida, alguma vez fui casado com você? Pergunte a ela para mim, Ira; pode ser que ela não tenha compreendido.

— Não, Sênior. Nunca. Com certeza.

— Ela o compreendeu — disse eu.

— Bem, pode ter sido sua avó. Uma moça perigosa, Ira. Tentou matar-me; por isso a deixei.

A técnica chefe principal falou rapidamente em galacta.

— Lazarus — informei —, ela diz que, embora nunca tenha tido a honra de ser casada com você contratual ou informalmente, está bastante disposta a isso, se você quiser.

— Bem! Uma moça atrevida... deve ter sido a avó dela. Neste planeta, há oitocentos, novecentos anos atrás, mais ou menos... perdi a noção dos meios séculos. Pergunte-lhe se Ariel Barstow é sua avó.

A técnica pareceu muito satisfeita e começou a falar repetidamente em galacta. Eu ouvi e traduzi:

— Ela diz que Ariel Barstow é sua tetravó e está alegre em ouvi-lo dizer que reconhece o parentesco, já que essa é a linhagem pela qual ela descende de você... e que ficaria supremamente honrada, tanto por si mesma como em nome dos seus irmãos e primos, se você convergisse a linhagem novamente, com ou sem contrato. Após seu rejuvenescimento estar completo, acrescenta ela. Não está tentando apressá-lo. Que tal, Lazarus? Se ela tiver usado toda a sua cota de reprodução, eu ficarei feliz em abrir-lhe uma exceção a fim de que não tenha de emigrar.

— Uma ova que ela não está tentando apressar-me. Assim como você. Mas ela colocou a coisa amavelmente, portanto vamos dar-lhe uma resposta amável. Diga-lhe que estou honrado e o nome dela vai para dentro do chapéu... mas não lhe diga que estou embarcando na quinta-feira. Em outras palavras: "Não ligue para nós, nós ligaremos para você..." , mas faça com que ela se sinta feliz quanto a isso; ela é uma boa garota.

Corrigi a mensagem, diplomaticamente; Ishtar sorriu, radiante, fez uma reverência e afastou-se de costas.

— Puxe uma cadeira de balanço, filho — sugeriu Lazarus —, e sente-se um pouco. Abaixou a voz e acrescentou: — Cá entre nós, Ira, estou absolutamente certo de que Ariel me passou para trás. Mas com outro dos meus descendentes. Portanto, esta garota descende de mim de qualquer maneira, embora talvez não

tão diretamente. Não que isso importe. O que é que você está fazendo de pé, tão cedo? Eu disse que você podia aparecer duas horas depois do café.

— Costumo acordar cedo, Lazarus. É verdade que você resolveu submeter-se ao processo completo? Ela parece pensar assim.

— Provavelmente é a resposta mais simples. — Lazarus pareceu aflito. — Mas como posso saber se vou receber meus próprios testículos de volta?

— As gônadas do seu clone são suas mesmo, Lazarus; isso é básico para a teoria.

— Bem... veremos. Acordar cedo é um vício, Ira; isso vai retardar seu crescimento e encurtar os seus dias. Por falar nisso... — Lazarus ergueu os olhos de relance para a parede. — Obrigado por mandar reinstalar aquele interruptor. Não me sinto tentado por ele nesta linda manhã, mas um homem gosta de ter uma alternativa. Galahad, café para o Presidente, e traga-me esse envelope plástico. — Vovô Lazarus suplementou a ordem com gestos, mas acho que o técnico entendeu suas palavras. Ou foi algo um tanto telepático; os rejuvenescedores são bastante empáticos... têm que ser. O homem moveu-se imediatamente para cumprir a ordem.

Entregou a Lazarus um impervolope e serviu-me café — que eu não queria; mas beberia qualquer coisa que o protocolo exigisse. Lazarus continuou:

— Aqui está o meu novo testamento, Ira. Leia-o e archive-o em alguma parte e passe ao seu computador. Já aprovei a maneira pela qual ela o redigiu, li-o novamente para ela e disse-lhe para colocá-lo em sua memória permanente com proteção. Seria preciso um advogado de Filadélfia para privá-lo de sua herança agora, embora sem dúvida um deles pudesse fazê-lo.

Ele afastou o técnico com um gesto.

— Chega de café, rapaz, obrigado. Vá sentar-se. Vá sentar-se também, querida. Ishtar. Ira, o que são estes jovens? Enfermeiros? Serventes? Empregados? Ou o quê? Eles pairam sobre mim como uma galinha com um único pinto. Nunca desejei mais serviço do que preciso. Apenas sociabilidade. Companhia humana.

Eu não podia responder sem perguntar. Não só é desnecessário para mim saber como a Clínica de Rejuvenescimento é organizada, como também ela é uma empresa privada, independente dos Curadores — e minha intervenção no caso do Sênior foi muito mal recebida pela sua diretora. Portanto, eu interferia o mínimo possível — desde que minhas ordens fossem cumpridas.

Falei com a técnica, em galacta:

— Qual é a sua designação profissional, senhora? O Sênior deseja saber. Ele diz que você se tem comportado como uma empregada.

Ela respondeu calmamente:

— Temos prazer em servi-lo de qualquer maneira que pudermos, Presidente. — Depois hesitou e continuou: — Sou Ishtar Hardy, técnica chefe principal administradora de rejuvenescimento, diretora substituta de condutas de rejuvenescimento, e meu funcionário de plantão assistente é o técnico associado

Galahad Jones.

Tendo sido rejuvenescido duas vezes, e habituado com a idéia toda a minha vida, não me surpreende quando a idade cosmética não combina com a idade do calendário. Mas admito ter ficado surpreendido ao saber que esta jovem não era apenas uma técnica, mas chefe do seu departamento — provavelmente a terceira pessoa mais importante em toda a clínica. Ou possivelmente a segunda, enquanto a diretora estava longe, de mau humor, em seu pavilhão — malditos sejam seu pescoço duro, sua obsessão pelo dever. Ou mesmo diretora temporária com seu substituto, ou alguma chefe de departamento animada em "cuidar da loja".

— É mesmo? — respondi. — Posso perguntar sua idade no calendário, senhora administradora?

— O sr. Presidente Temporário pode perguntar qualquer coisa. Tenho apenas cento e quarenta e sete anos de idade... mas sou qualificada; esta tem sido minha única profissão desde a minha primeira maturidade.

— Não insinuei dúvidas sobre as suas qualificações, senhora, mas estou espantado em vê-la dando plantão em vez de estar sentada diante de uma escrivaninha. Embora confesse que não sei como a clínica é organizada.

Ela sorriu levemente.

— Presidente, posso expressar um sentimento semelhante pelo seu interesse pessoal neste caso... mas eu acho que o compreendo. Estou aqui porque preferi não delegar a responsabilidade; ele é o *Sênior*. Investiguei todos os funcionários de plantão designados para ele... os melhores que temos a oferecer.

Eu devia ter sabido disso.

— Compreendemo-nos um ao outro — acrescentei. — Estou satisfeito. Mas posso fazer uma sugestão? Nosso Sênior é independente por temperamento e altamente individualista. Ele deseja um mínimo de serviços pessoais, apenas aqueles de que precisa.

— Estivemos aborrecendo-o, Presidente? Solicitos demais? Posso observar e escutar do lado de fora da porta e ainda estar aqui instantaneamente se ele precisar de alguma coisa.

— Possivelmente solicitos demais. Mas fique à vista. Ele *quer* companhia humana.

— Que blablablá todo é esse? — perguntou Lazarus.

— Tive que fazer perguntas, vovô, porque não conheço a organização da clínica. Ishtar não é uma empregada; é rejuvenecedora e altamente qualificada... bem como seu assistente. Mas têm prazer em proporcionar qualquer serviço de que precise.

— Não preciso de adutores; estou me sentindo muito bem hoje. Se eu quiser alguma coisa, gritarei; não precisam ficar de mãos e pés em cima de mim. — Depois sorriu. — Mas ela é uma coisinha atraente em tamanho grande,

econômico; é um prazer tê-la por perto. Anda como uma gata... nenhum osso, apenas flutua. Ela me lembra realmente Ariel... Eu lhe disse que Ariel tentou matar-me?

— Não. Gostaria de ouvir, se você quiser me contar.

— Bem... Pergunte-me quando Ishtar não estiver por perto. Acho que ela sabe mais inglês do que deixa parecer. Mas prometi falar se você aparecesse para ouvir. O que gostaria de ouvir?

— Qualquer coisa, Lazarus. Xerazade escolhia seus próprios assuntos.

— É verdade. Mas não tenho nenhum preparado.

— Bem... você disse, quando entrei, que "acordar cedo é um vício". Disse isso seriamente?

— Talvez Vovô Johnson dizia que era. Ele costumava contar a história de um homem que fora condenado a ser fuzilado ao nascer do sol... mas dormiu demais e salvou-se. Sua sentença foi comutada naquele dia e ele viveu outros quarenta, cinqüenta anos. Disse que isso provava sua opinião.

— Você acredita que essa história seja verdadeira?

— Tão verdadeira como qualquer uma de Xerazade. Entendi-a como significando "Durma sempre que puder; você pode ter que ficar acordado por muito tempo". Acordar cedo pode não ser um vício, Ira, mas certamente não é nenhuma virtude. O velho ditado sobre o pássaro madrugador serve apenas para mostrar que a minhoca devia ter ficado na cama. Não posso suportar pessoas que se vangloriam por acordarem cedo.

— Não quis vangloriar-me, vovô. Acordo cedo devido a um antigo hábito... o hábito do trabalho. Mas não digo que seja uma virtude.

— Qual deles? O trabalho? Ou acordar cedo? Nenhum dos dois é virtude. Mas acordar cedo não faz com que se trabalhe mais... como também não se pode aumentar o tamanho de um pedaço de barbante cortando uma ponta e amarrando-a na outra. A gente trabalha menos se persistir em levantar-se bocejando e ainda cansado. Não se está alerta, comete-se enganos e tem-se que fazer tudo de novo. Esse tipo de açodamento é perdulário. Bem como desagradável. E aborrecido para aqueles que dormiriam até tarde se seus vizinhos não estivessem tão ruidosamente ativos na hora pavorosa de ordenhar as vacas. Ira, o progresso não vem dos madrugadores... O progresso é conseguido pelos homens preguiçosos que procuram maneiras mais fáceis de fazer as coisas.

— Você me faz sentir como se tivesse desperdiçado quatro séculos.

— Talvez tenha, filho, se você os passou acordando cedo e trabalhando duro. Mas não é tarde demais para mudar os seus hábitos. Não se aborreça por causa disso; desperdicei a maior parte da minha longa vida... embora talvez de maneira mais agradável. Gostaria de ouvir a história de um homem que fez da ociosidade uma bela arte? Sua vida exemplifica o Princípio do Menor Esforço. Uma história verdadeira.

— Certamente. Mas não insisto em que seja verdadeira.

— Ah, não permito que a verdade me embarace, Ira; sou um solipsista^{14} de coração. Ouça, então, Ó Poderoso Rei.

Variações Sobre um Tema II

A História do Homem que era Preguiçoso Demais para Fracassar

Ele foi meu colega numa escola para treinamento de oficiais da marinha. Não a marinha espacial; isso foi antes de a raça humana ter atingido sequer o único satélite da Terra. Essa era a marinha molhada, navios que flutuavam na água e procuravam afundar uns aos outros, muitas vezes com lamentável sucesso. Vi-me metido nisso por ser moço demais para perceber emocionalmente que, se o meu navio afundasse, eu provavelmente afundaria também — mas essa não é a minha história, mas a de David Lamb [\[15\]](#).

Para explicar David, devo retroceder até a sua infância. Ele era um caipira, o que significa que vinha de uma área não-civilizada mesmo pelos padrões frouxos daqueles dias — e Dave vinha lá do fundo das montanhas, onde o pio da coruja acompanhava o das galinhas.

Sua educação foi numa escola rural de uma só sala e terminou aos treze anos. Ele gostou disso, porque cada hora na escola era uma hora sentado sem fazer nada mais difícil do que ler. Antes e depois das aulas ele tinha que cumprir tarefas na fazenda da sua família, o que odiava, já que consistiam no que era conhecido como "trabalho honesto" — significando duro, sujo, ineficiente e mal pago — e envolvia também levantar-se cedo, o que ele odiava ainda mais.

O dia da formatura foi sombrio para ele; significava que agora faria "trabalho honesto" o dia inteiro, em vez de passar seis ou sete horas descansadas no colégio. Num dia quente ele passou quinze horas arando atrás de uma mula... e quanto mais ficava olhando para a extremidade sul daquela mula, respirando a poeira que ela levantava e enxugando o suor da labuta honesta dos olhos, mais a odiava.

Naquela noite partiu de casa informalmente, caminhou vinte e quatro quilômetros até a cidade e dormiu atravessado na porta dos correios. Quando a agente do correio abriu a porta na manhã seguinte, ele alistou-se na marinha. Havia envelhecido dois anos durante a noite, de quinze para dezessete o que o deixou com idade suficiente para se alistar.

Um menino muitas vezes envelhece rapidamente quando sai de casa. O fato não era perceptível; certidões de nascimento eram desconhecidas naquela época e lugar, e David tinha um metro e oitenta e três de altura, ombros largos, músculos bem proporcionados, era bonito e de aparência madura, a não ser por uma expressão selvagem nos olhos.

David gostou da marinha. Eles lhe deram sapatos e roupas novas e o deixaram passear sobre a água, vendo lugares estranhos e interessantes — livre das mulas e da poeira dos milharais. Esperavam que ele trabalhasse, embora não tanto ou tão duramente como numa fazenda das montanhas —, e, uma vez tendo percebido a estrutura política a bordo do navio, ele tornou-se adepto de não realizar muito trabalho, embora sendo ainda satisfatório para os deuses locais, ou seja, os suboficiais.

Mas isso não era totalmente satisfatório, já que tinha ainda que se levantar cedo, muitas vezes dar serviço à noite e algumas vezes esfregar os conveses e realizar outras tarefas inadequadas ao seu temperamento sensível.

Depois ouviu falar daquela escola para candidatos a oficiais — "aspirantes", como eram conhecidos. Não que importasse a David como eles eram chamados; a questão era que a marinha pagaria para ele se sentar e ler livros — sua noção de céu — sem ser perturbado com os conveses para esfregar e pelos suboficiais. Ó Rei, estou aborrecendo-o? Não?

Muito bem — David estava mal preparado para essa escola, sem nunca ter tido os quatro ou cinco anos adicionais de colégio considerados necessários para entrar lá — matemática, o que passava por ciência, história, línguas, literatura, e assim por diante.

Fingir ter quatro anos a mais de colégio era mais difícil do que aumentar dois anos na idade de um rapaz superdesenvolvido. Mas a marinha desejava encorajar os alistados a se tornarem oficiais; portanto, havia estabelecido uma escola de orientação para ajudar os candidatos ligeiramente deficientes no preparo acadêmico.

David entendeu "ligeiramente deficiente" como significando seu próprio estado; disse a seu suboficial mais graduado que havia "perdido por pouco" a formatura no ginásio — o que de certa forma era verdade; havia-a perdido por meio município, sendo esta a distância de sua casa até o ginásio mais próximo.

Não sei como David induziu seu instrutor a recomendá-lo; David nunca discutiu isto. Basta dizer que, quando o navio de David partiu para o Mediterrâneo, ele foi deixado em Hampton Roads seis semanas antes de a escola de orientação se reunir. Ele era um extranumerário nessa ocasião. O oficial de pessoal (na verdade, seu subordinado) designou a David um beliche e uma mesa, e disse-lhe para ficar sumido durante as horas de trabalho nas salas de aula vazias onde seus companheiros, cheios de esperança, se encontrariam seis semanas mais tarde. David fez isso; havia nas salas de aula os livros usados na orientação dos assuntos acadêmicos que faltavam aos candidatos — e David precisava de todos. Ele ficou sumido; sentou-se e leu.

Isso foi tudo quanto fez.

Quando a turma se reuniu, David ajudou o professor de geometria euclidiana, um dos assuntos exigidos e talvez o mais difícil. Três meses mais tarde prestou juramento como cadete naval nas margens do rio Hudson, em West Point.

David não percebeu que havia saltado da frigideira para o fogo; o sadismo dos suboficiais era uma coisa suave comparada com os horrores premeditados infligidos aos novos cadetes — "calouros" — pelos cadetes das turmas mais adiantadas, especialmente pelos mais graduados, os primeiros da turma, que eram delegados ambulantes de Lúcifer naquele inferno organizado.

Mas David tivera três meses para descobrir isto e -imaginar o que fazer, sendo essa a ocasião em que as turmas superiores estavam no mar, praticando operações militares. Da maneira como via aquilo, se ele pudesse resistir a nove

meses destes riscos, todos os reinos da Terra seriam seus. Portanto, disse consigo mesmo: Se uma vaca ou uma condessa podem suar nove meses, eu também posso.

Ele dispôs os riscos mentalmente, em termos do que devia ser suportado, do que podia ser evitado e do que devia procurar ativamente. Na ocasião em que os senhores da criação voltaram para espezinhar os calouros, ele tinha uma política para cada tipo de situação e estava preparado para enfrentá-las segundo determinada doutrina, variando as doutrinas apenas o suficiente para atender às variações da situação, em vez de enfrentá-las apressada e improvisadamente.

Ira — "Ó Rei", quero dizer —, isto é mais importante para sobreviver em situações difíceis do que parece. Por exemplo, vovô — isto é, o avô de David — avisou-o para nunca se sentar de costas para a porta. "Filho", disse ele ao neto, "pode ser que novecentas e noventa e nove vezes você consiga salvar-se... que nenhum inimigo seu entre por aquela porta. Mas na milésima vez... aí é que são elas." Se o meu próprio avô obedecesse sempre a essa regra, poderia estar vivo hoje e ainda saltando das janelas dos quartos. Ele sabia disso, mas falhou apenas uma vez, por estar ansioso demais para participar de um jogo de pôquer, e portanto coube-lhe a única cadeira vazia, uma de costas para a porta. E isso acabou com ele.

Ele levantou-se da cadeira e esvaziou três tiros de cada um dos seus revólveres no seu assaltante antes de cair; a gente não morre com facilidade. Mas foi apenas uma vitória moral; ele já estava fatalmente morto, com uma bala no coração, antes de se levantar daquela cadeira. Tudo por se sentar de costas para uma porta aberta.

Ira, nunca me esqueci das palavras de vovô — e não se esqueça também.

Portanto, David calculou os riscos e preparou suas doutrinas. Uma coisa que tinha de ser suportada era o interrogatório sem fim, e ele aprendeu que um calouro nunca tinha permissão para responder "Não sei" a qualquer colega mais adiantado, especialmente um da classe dos mais velhos. Mas as perguntas geralmente recaíam em categorias — história da escola, história da marinha, ditados navais famosos e capitães de times e esportistas notáveis das várias modalidades atléticas, quantos segundos faltavam até a formatura, qual era o cardápio para o jantar. Estas não o preocupavam; podiam ser decoradas — exceto o número de segundos que faltavam até a formatura, e ele imaginou artifícios para isso, artifícios estes que lhe foram vantajosos anos mais tarde.

— Que tipo de artifícios, Lazarus?

Hein? Nada elaborado. Um número pré-calculado para a alvorada a cada manhã, num número suplementar para cada hora seguinte, tais como: cinco horas após a alvorada às seis horas, subtraía dezoito mil segundos do número básico, e doze minutos mais tarde do que isso tire outros setecentos e vinte segundos. Por exemplo, na entrada em forma do meio-dia cem dias antes da formatura, digamos exatamente às doze-e-um e treze segundos, imaginando a formatura às dez da manhã, o que era padrão, David podia responder: "Oito

milhões, seiscentos e trinta e dois mil, setecentos e vinte e sete segundos!" quase tão depressa quanto o líder da sua turma podia perguntar-lhe, simplesmente por haver pré-calculado a maior parte.

Em qualquer outra hora do dia, ele olhava para o relógio e fingia esperar até o ponteiro dos segundos chegar à marca, quando realmente estava fazendo subtrações de cabeça.

Mas ele aperfeiçoou isso; inventou um relógio decimal — não esse que se usa aqui em Secundus, mas uma variação do sistema desajeitado, então em moda na Terra, do dia de vinte e quatro horas, hora de sessenta minutos e minuto de sessenta segundos. Ele dividiu o tempo desde a alvorada até o silêncio em intervalos e subintervalos de dez mil segundos, mil segundos, cem segundos, e decorou uma tabela de conversão.

Você pode perceber a vantagem disso. Para qualquer um exceto Andy Libby, que Deus dê descanso à sua alma inocente, subtrair dez mil, ou mil, de uma longa fila de algarismos na casa dos milhões era mais fácil de se fazer mentalmente, rapidamente e sem erros, do que subtrair sete mil duzentos e setenta e três — o número a ser subtraído no exemplo que acabei de dar. O novo método de Dave não implicava guardar números auxiliares mentalmente ao procurar a resposta final.

Por exemplo, dez mil segundos após a alvorada são oito e quarenta e cinco da manhã. Uma vez que David elaborou e decorou sua tabela de conversão — levou menos de um dia; decorá-la apenas foi fácil para ele —, uma vez tendo dominado isso, podia converter para o intervalo de cem segundos que vinha em seguida quase instantaneamente e depois somar (não subtrair) dois algarismos, que representavam o tempo ainda restante para os dois últimos lugares em sua resposta aproximada, para obter a resposta exata. Já que os dois últimos lugares eram sempre zeros — confira você mesmo —, podia dar uma resposta em milhões de segundos tão depressa quanto pronunciar os números, e dá-la corretamente todas as vezes.

Já que ele não explicou o seu método, adquiriu a reputação de ser um calculador relâmpago, um talento sábio-idiota, como Libby. Não o era; era simplesmente um menino do campo que usara a própria cabeça num problema simples. Mas o líder da sua turma ficou tão aborrecido com ele por ser "sabidinho" — sendo que o líder da turma não podia fazer isso — que obrigou Dave a decorar a tábua de logaritmos. Isso não intimidou Dave; nada o assustava exceto o "trabalho honesto". Começou a decorá-los, à razão de vinte por dia, sendo esse o número que o primeiro da turma julgou que bastaria para desmoralizar aquele "sabidinho".

O primeiro da turma cansou-se do assunto quando David havia completado apenas os primeiros seiscentos números — mas Dave continuou com isso outras três semanas até os primeiros mil —, o que lhe deu os primeiros cem mil números para interpolação e tornou-o independente das tábuas de logaritmos, habilidade essa de enorme utilidade para ele daí por diante, já que os computadores eficazes eram desconhecidos naquele tempo.

Mas a avalanche incessante de perguntas não incomodou David, a não ser pela possibilidade de morrer de fome na hora das refeições — e ele aprendeu a engolir as garfadas depressa, enquanto estava sentado rigidamente em posição de sentido, e ainda responder a todas as perguntas endereçadas a ele. Algumas eram perguntas difíceis, tais como: "Cadete, você é virgem?" Qualquer que fosse a resposta, o calouro ficaria em dificuldades... se desse uma resposta direta. Naquele tempo era atribuída alguma importância à virgindade ou à sua falta; não sei dizer por quê.

Mas perguntas difíceis requeriam respostas difíceis; Dave descobriu que uma resposta aceitável para essa pergunta era: "Sim, senhor!... na minha orelha esquerda". Ou possivelmente no umbigo.

Mas a maioria das perguntas difíceis tinha por fim pegar o calouro numa resposta submissa — e a submissão era um pecado mortal. Digamos que um dos mais velhos da classe dissesse: "Cadete, você diria que sou bonito?" Uma resposta aceitável seria: "Talvez sua mãe dissesse isso, cadete... mas não eu". Ou "Cadete, o senhor é o homem mais bonito que já vi procriado com a intenção de ser um macaco".

Essas respostas eram arriscadas — elas podiam deixar um da primeira classe furo de raiva —, mas eram mais seguras do que as respostas submissas. Mas não importa quão cuidadosamente um calouro tentasse alcançar padrões impossíveis, cerca de uma vez por semana algum cadete da primeira classe decidia que ele precisava de punição — uma punição arbitrária, sem julgamento. Esta podia ser branda, tal como exercícios repetidos até o colapso físico — de que David não gostava por lembrarem-no do "trabalho honesto" — até sovas nas nádegas. Você pode achar que isso não é muita coisa, Ira, mas não estou falando das sovas que as crianças levam algumas vezes. Estas sovas eram dadas com a parte chata de uma espada ou com uma vassoura gasta, reduzida a um cabo longo e pesado. Três pancadas dadas por um homem adulto de saúde perfeita reduziam o traseiro da vítima a uma massa de contusões roxas e bolhas de sangue, acompanhadas de uma dor excruciante.

David tentava arduamente evitar incidentes com probabilidade de resultarem nesta tortura calculada, mas não havia meio de evitá-los completamente, a não ser desistindo do curso, porque alguns da primeira classe aplicavam esses golpes por puro sadismo. David cerrava os dentes e aceitava-os quando não tinha remédio, achando — corretamente — que seria expulso da escola se desafiasse a autoridade suprema de alguns dos mais velhos. Portanto, pensava na extremidade sul daquela mula e agüentava firme.

Havia um outro risco muito maior para a sua segurança pessoal e futuras perspectivas de uma vida livre do "trabalho honesto". A mística do serviço militar incluía a idéia de que um oficial em perspectiva devia destacar-se nos esportes atléticos. Não pergunte por quê; isso não estava mais sujeito a uma explicação racional do que qualquer outro ramo da teologia.

Os calouros em particular tinham que — sem escolha! — praticar esportes. As duas horas por dia, que eram nominalmente livres, David não podia passá-las

dormindo ou sonhando no silêncio da biblioteca da escola, mas sim necessariamente em exercícios suarentos.

Pior ainda, alguns esportes eram não só excessivamente enérgicos, como envolviam também riscos para a pele favorita de David. O "boxe" — que é uma luta simulada, estilizada, há muito esquecida e completamente inútil, na qual dois homens batem um no outro durante um tempo determinado ou até que um deles fique inconsciente. O "*lacrosse*" — esta é uma luta simulada herdada dos selvagens que haviam habitado anteriormente esse continente. Nela, multidões de homens lutavam com cacetes. Havia um projétil duro com o qual se marcavam pontos — mas foi a perspectiva de ser aberto em dois ou ter os ossos quebrados com esses cacetes que despertou a aversão do nosso herói.

Havia uma coisa chamada "pólo aquático" na qual nadadores que se opunham tentavam afogar-se uns aos outros. David evitou esse esporte não nadando mais do que o suficiente para permanecer na escola — uma habilidade exigida. Ele era um excelente nadador, pois tinha aprendido a nadar aos sete anos, ao ser atirado dentro de um riacho por dois primos mais velhos — mas escondeu sua habilidade.

O esporte de mais prestígio era uma coisa chamada "futebol" — e os da classe dos mais velhos classificavam por tamanho cada novo grupo de vítimas em busca de candidatos que esperavam que se destacassem, ou aprendessem a se destacar nessa chacina organizada. David nunca havia visto tal jogo — mas viu, então, e isso encheu sua pacífica alma de horror.

Não era para menos. Ele envolvia dois grupos de onze homens de frente um para o outro num campo e tentando impelir uma bexiga elipsóide pelo campo contra a oposição do outro grupo. Havia rituais e uma terminologia esotérica, mas essa era a idéia.

Parece inofensivo e um tanto tolo. Tolo era, inofensivo não — porque os rituais permitiam ao grupo oposto atacar o homem que tentasse impelir a bexiga de várias maneiras violentas, das quais a mais suave era agarrá-lo e atirá-lo ao chão como uma tonelada de tijolos. Muitas vezes três ou quatro atingiam-no ao mesmo tempo, e algumas vezes infligiam aos outros indignidades e lesões corporais não permitidas pelos rituais, mas escondidas pelo monte de corpos.

Não se esperava que resultasse a morte desta atividade, mas algumas vezes isso acontecia. Ferimentos quase mortais eram comuns.

Infelizmente David tinha o físico ideal para este " esporte" — altura, peso, visão, ligeireza de pés e velocidade de reflexos. Era certo ele ser notado pelos da primeira classe ao voltarem das batalhas navais simuladas e escalado como "voluntário", como uma vítima do sacrifício.

Estava na hora da ação evasiva.

A única maneira possível de evitar o "futebol" era dedicar-se a algum outro esporte aceitável. Ele descobriu um.

Ira, você sabe o que é "esgrima"? Muito bem — posso falar livremente. Esta era

uma época na história da Terra em que a espada tinha deixado de ser uma arma — após ter sido preeminente por mais de quatro milênios. Mas as espadas ainda existiam de forma fóssil e conservavam uma sombra do seu antigo prestígio. Presumia-se que um cavaleiro soubesse usar uma espada e...

— Lazarus, o que é "cavaleiro"?

O quê? Não interrompa, rapaz; você me atrapalha. "Cavaleiro" é, há... Bem, vejamos. Uma definição geral... Meu Deus! Você inventa cada uma! Alguns dizem que era um acidente de nascimento — sendo essa uma maneira depreciativa de dizer que era um traço herdado geneticamente. Mas isso não diz qual é o traço. Presumia-se que um cavaleiro preferisse ser um leão morto a um chagal vivo. Quanto a mim, sempre preferi ser um leão vivo, portanto isso me deixa fora das regras. Hum... pode-se dizer, com toda a seriedade, que a qualidade rotulada por esse nome representa a lenta emergência, na cultura humana, de uma ética superior ao simples interesse próprio — malditamente lenta em emergir, na minha opinião; ainda hoje não se pode confiar nela.

Assim sendo, presume-se que os oficiais sejam cavaleiros e usem espadas. Até aviadores usam espadas, embora só Alá possa imaginar por quê.

Não se presumia apenas que estes cadetes fossem cavaleiros; havia uma lei nacional que declarava que eles eram cavaleiros. Portanto, ensinavam-lhes um mínimo sobre o manejo da espada, apenas o suficiente para impedi-los de cortarem os dedos ou ferirem espectadores — não o suficiente para lutarem com elas, mas para impedi-los de parecerem tolos demais quando o protocolo exigia o uso da espada.

Mas o manejo da espada era um esporte reconhecido, chamado "esgrima". Não tinha o prestígio do futebol, do boxe ou mesmo do pólo aquático — mas estava na lista; um calouro podia inscrever-se nele.

David percebeu isto como um meio de se livrar. Segundo uma lei elementar da física, se ele estivesse em cima, na pista de esgrima, então não estaria embaixo, no campo de futebol, com gorilas sádicos com sapatos cheios de pregos pulando sobre ele. Muito antes de os alunos mais adiantados voltarem à escola, o cadete calouro Lamb havia se estabelecido como membro de uma equipe de esgrima, com a fama de nunca perder um dia, e estava tentando arduamente parecer uma "boa aquisição" para o time.

Nessa ocasião e local eram ensinadas três formas de esgrima: sabre, espada de duelo e florete. Nas duas primeiras usavam-se armas de tamanho completo. Na verdade, os gumes eram embotados e as pontas providas de bolas; apesar disso, um homem podia ferir-se com elas — até fatalmente, embora fosse muito raro. Mas o florete era um brinquedo leve, uma espada disfarçada em lâmina flexível que se curvava à menor pressão. O jogo de esgrima estilizado que usava o florete era quase tão perigoso quanto o da bola de gude. Esta foi a "arma" que David escolheu.

Fora feita para ele. As regras altamente artificiais do jogo de florete davam grande vantagem aos reflexos rápidos e a um cérebro arguto; ele possuía ambos.

Alguns esforço era necessário — mas não muito, comparado com o futebol, o *lacrosse* ou mesmo o tênis. Melhor do que tudo, ele não exigia nenhum choque corpo a corpo, coisa que David achava muito desagradável nos jogos brutos que estava evitando. David esmerou-se obstinadamente em adquirir habilidade, de forma que ali ficasse seguro.

Foi tão diligente em proteger o seu santuário que, antes de seu ano de calouro terminar, era campeão nacional iniciante de florete. Isto fez com que o líder da sua turma sorrisse para ele com uma expressão que machucou seu rosto. O comandante da sua companhia de cadetes notou-o pela primeira vez e felicitou-o.

O sucesso com o florete livrou-o ainda de algumas surras de "punição". Numa tarde de sexta-feira, quando estava prestes a apanhar por alguma negligência imaginária, David disse:

"Cadete, se for a mesma coisa para o senhor, prefiro levar o dobro de pancadas no domingo... porque amanhã vamos esgrimir com o time de calouros de Princeton e, se o senhor fizer o serviço que sei que pode fazer, isso pode diminuir minha velocidade amanhã."

O cadete mais velho ficou impressionado com isto porque fazer a marinha vencer, a qualquer momento, para qualquer fim e em qualquer coisa, tinha precedência pela Lei Sagrada sobre tudo o mais, mesmo o justo prazer de surrar um calouro "sabidinho". Ele respondeu: "Vou lhe dizer o que farei. Compareça ao meu quarto após o jantar no domingo. Se você perder amanhã, vai receber uma dose dupla do remédio que o espera. Mas, se ganhar, vamos cancelá-lo".

David ganhou as três lutas.

A esgrima o fez atravessar o perigoso ano de calouro com sua pele preciosa sem marcas, a não ser as cicatrizes no traseiro. Estava seguro agora, com três anos fáceis diante de si, porque só os calouros estavam sujeitos a castigos físicos, só os calouros estavam sujeitos a receber a ordem de tomar parte numa chacina organizada.

(Omitido)

Havia um único esporte de contato corporal que David apreciava, um de grande popularidade, que ele havia aprendido lá naquelas montanhas de que havia fugido. Mas jogava-se com moças e não era oficialmente reconhecido nessa escola. Havia regras severas contra ele, e um cadete apanhado praticando-o era chutado para fora sem misericórdia.

Mas David, como todos os gênios, prestava apenas uma atenção pragmática às regras feitas por outras pessoas — obedecia ao Décimo Primeiro Mandamento e nunca foi apanhado. Enquanto outros cadetes procuravam o prestígio inútil de introduzir moças nos quartéis ou pulavam o muro à noite à procura de moças, David mantinha suas atividades em segredo. Apenas aqueles que o conheciam bem sabiam quão ativamente ele cultivava este esporte de contato corporal. E ninguém o conhecia bem.

Hein? Cadetes femininos? Não tornei isso claro, Ira? Não só não havia nenhuma moça cadete, como não havia nenhuma moça naquela marinha — exceto algumas enfermeiras. Não havia, particularmente, nenhuma moça naquela escola; havia guardas noite e dia para mantê-las longe dos cadetes.

Não me pergunte por quê. Isso era política da marinha e, portanto, não tinha um motivo. Na verdade, não havia nenhum trabalho em toda aquela marinha que não pudesse ser realizado por qualquer sexo ou mesmo por enucos — mas, por uma longa tradição, a marinha era exclusivamente masculina.

Pensando nisso, alguns anos mais tarde essa tradição foi contestada — pouco, a princípio, mas pelo fim daquele século, pouco antes do Colapso, aquela marinha tinha mulheres em todos os níveis. Não estou sugerindo que esta mudança tenha sido uma das causas do Colapso. Houve causas óbvias do Colapso, causas nas quais não me deterei agora. Esta mudança ou foi um fator nulo, ou possivelmente adiou um pouco o inevitável.

De qualquer forma, isso não aparece na *História do homem preguiçoso*. Quando David estava na escola, esperava-se que os cadetes se encontrassem com as mulheres apenas raramente, e somente em circunstâncias altamente idealizadas, com protocolo rigidamente estrito e acompanhados de *chaperones*^[16].

Em vez de lutar contra as regras, David procurou suas falhas e fez uso delas — e nunca foi apanhado.

Toda regra inviável tem suas falhas; toda lei-seca cria os seus contrabandistas de bebidas. A marinha como um todo criou suas regras inviáveis; a marinha individualmente as violava, especialmente as curiosas regras a respeito de sexo — uma vida publicamente monástica em serviço; uma vida ligeiramente velada de voluptuosidade sem limites fora de serviço. No mar, mesmo os alívios inofensivos da tensão sexual eram tratados com a maior severidade quando descobertos — embora tais violações técnicas dos costumes fossem esperadas e toleradas menos de um século antes. Mas essa marinha era apenas um pouco mais hipócrita em seu comportamento sexual do que a matriz social na qual estava inserida, mais excessiva em seus derivativos apenas até o ponto de suas regras públicas serem mais severamente inviáveis do que as da sociedade como um todo. O código sexual público daquela época era inacreditável, Ira; as violações dele simplesmente espelhavam ao inverso suas exigências fantásticas. Para cada ação há uma reação igual e contrária — se você desculpar o óbvio.

Não pretendo discutir isto a não ser para dizer que David descobriu meios de cumprir os regulamentos da escola sobre sexo sem ficar completamente maluco, como ficaram tantos dos seus colegas. Acrescentarei apenas isto — e isto é simplesmente boato: através de um infortúnio fácil demais na época, embora não se ouça falar nisso hoje, uma jovem ficou grávida, presumivelmente de David. Naquele tempo — acredite-me! — isso era um desastre sério.

Por quê? Apenas aceite que era um desastre; levaria a vida inteira para explicá-lhe aquela sociedade, e nenhum ser humano civilizado acreditaria nisso. Os cadetes eram proibidos de se casar, as mulheres jovens tinham que se casar

pelas regras correntes na época, e a operação para corrigir esse infortúnio era quase impossível de se obter e fisicamente muito perigosa para elas.

O que David fez a respeito disso ilustra todo o seu enfoque da vida. Quando diante de uma escolha de males, aceitava o menos arriscado e enfrentava-o, sem pestanejar. Casou-se com a moça.

Como conseguiu fazer isto sem ser apanhado não sei. Posso pensar num certo número de maneiras, algumas simples e razoavelmente seguras, outras complexas e sujeitas a serem descobertas; suponho que David escolheu a mais simples.

Isso mudou a situação, que passou de inviável a viável. Transformou o pai da moça, de inimigo, com toda a probabilidade de contar a história ao comandante da escola e, portanto, forçar David a desistir quando faltavam apenas mais alguns meses para atingir o seu objetivo, num aliado e companheiro de conspiração ansioso por manter o casamento em segredo para que o genro pudesse formar-se e tirar a filha volúvel de suas mãos.

Como benefício complementar, David não precisou mais planejar a prática de seu esporte favorito. Passava o tempo de folga numa domesticidade despreocupada, perfeitamente acompanhado de *chaperones* ¹¹⁷¹.

Quanto ao resto da carreira de David na escola, pode-se supor que um rapaz que conseguira substituir seis semanas de leituras sem supervisão por quatro anos de ensino formal pudesse também ser academicamente o primeiro da sua classe. Isto seria recompensado em dinheiro e posto, porque o lugar de um jovem oficial na lista de promoções era determinado por sua classificação ao se formar.

Mas a concorrência pelo primeiro lugar era realmente forte, e — pior — tornava conspícuo o cadete que o conseguia. David tomara conhecimento disto quando calouro novato. "Cadete, você é sábio?" — o que queria dizer "academicamente genial" — era outra pergunta difícil; o calouro estaria perdido quer respondesse "Sim", quer "Não".

Mas tirar o segundo lugar — ou mesmo o décimo — era praticamente tão útil quanto tirar o primeiro. David notou outra coisa: o quarto ano contava quatro vezes mais do que

O primeiro, o ano anterior ao último três vezes mais, e assim por diante regressivamente — isto é, as notas de um calouro não influíam muito na sua classificação final — apenas uma parte em dez.

David decidiu manter um "perfil baixo" — sempre uma decisão inteligente quando se tem a probabilidade de ser alvejado.

Ele terminou a primeira metade do seu ano de calouro pouco acima da média de sua classe — seguro, respeitável, pouco notado. Terminou seu ano de calouro no nível superior — mas a essa altura a turma mais adiantada estava pensando apenas na formatura e não prestou nenhuma atenção ao seu *status*. No segundo ano ele subiu para os dez por cento superiores; no terceiro ano melhorou alguns pontos — e no último ano, quando isso valia mais, disparou e terminou com uma

classificação final de sexto lugar em quatro anos — mas realmente segundo, porque, daqueles de posto mais elevado, dois preferiram deixar a linha de comando para se especializarem; um não foi comissionado por ter estragado a visão estudando demais e o outro pediu demissão após se formar.

Mas o cuidado com que David conseguiu a classificação na sua turma não mostra o seu verdadeiro talento para a preguiça — afinal de contas, sentar-se e ler era o seu segundo passatempo favorito, e qualquer coisa que exigisse simplesmente memória excelente e raciocínio lógico não representava esforço para ele.

Durante o cruzeiro de guerra simulada que abriu o último ano de David na escola, um grupo de colegas seus estava discutindo que graduações de cadete cada um receberia. A essa altura, eles sabiam perfeitamente bem quais seriam selecionados como oficiais cadetes. Jake será certamente comandante do corpo — a menos que caia por cima da amurada. Quem ficaria com seu batalhão? Steve? Ou Stinky?

Alguém sugeriu que Dave estava na fila para aquele batalhão.

Dave estava ouvindo em vez de falar, uma característica padrão do seu "perfil baixo" — e muito próxima de uma terceira maneira de mentir, Ira, mais fácil do que o seu equivalente — falar embora sem dizer nada —, e tende também a dar ao que não fala uma reputação de sabedoria. Eu mesmo nunca liguei para isso — falar é o segundo dos três prazeres verdadeiros da vida e a única coisa que nos diferencia dos macacos. Embora apenas muito pouco.

Aqui David rompeu — ou pareceu romper — sua reserva habitual. "Nada de batalhão para mim", disse ele. "De modo nenhum! Vou ser ajudante regimental e ficar destacado na frente, onde as garotas possam me ver."

Talvez o seu comentário não tenha sido levado a sério — ajudante regimental é menos do que comandante de batalhão. Mas era certo que isso seria repetido, e David o sabia, talvez pelo cadete comandante regimental em perspectiva aos oficiais comissionados que faziam a escolha dos oficiais cadetes.

Não importa — David foi escolhido ajudante regimental.

Pela organização militar daquela época, o ajudante regimental ficava destacado na frente, sozinho, onde as visitantes femininas dificilmente podiam deixar de vê-lo. Mas pode-se duvidar de que isto figurasse nos planos de David.

O ajudante regimental não comparece a nenhuma formação, a não ser as formações regimentais completas. Vai e volta das aulas sozinho, em vez de ir marchando ou comandado. Os outros cadetes da primeira classe são responsáveis cada um por uma unidade de cadetes, seja ela esquadrão, pelotão, companhia, batalhão ou regimento; o ajudante regimental não tem nenhuma dessas responsabilidades, mas apenas uma função administrativa secundária; mantém a escala de serviço para o oficial cadete mais graduado.

Mas ele próprio não faz parte dessa escala de serviço. Em vez disso, é o extranumerário que preenche a vaga quando um deles está doente.

E este era o prêmio do homem preguiçoso. Aqueles oficiais-cadetes eram espécimes perfeitos, e as probabilidades de um deles ficar doente demais para David assumir-lhe o posto iam de desprezíveis a zero.

Durante três anos o nosso herói dava serviço mais ou menos a cada dez dias. Estes plantões não eram difíceis, mas implicavam ir para a cama meia hora mais tarde ou levantar-se meia hora mais cedo, e ficar muito tempo parado sobre os pés cansados, o que era uma afronta à carinhosa consideração de Dave pelo seu conforto.

Mas no seu último ano David deu apenas três plantões, e os deu sentado, como "oficial subalterno de plantão".

Por fim chegou o Dia. David se formou, foi comissionado — depois foi até a capela e casou-se de novo com sua mulher. Se a barriga dela estava um pouco estofada, isso não era incomum nas noivas, mesmo naquela época, e era sempre ignorado e tolerado uma vez que o jovem par se casasse. Era largamente conhecido, embora raramente mencionado, o fato de uma jovem noiva poder realizar em sete meses ou menos o que leva nove para uma vaca ou uma condessa.

Dave havia passado com segurança por todos os recifes e baixios; não precisaria nunca mais recear voltar para aquela mula e o "trabalho honesto".

Mas a vida como oficial subalterno num navio de guerra não chegava a ser perfeita. Tinha coisas boas — criados, uma cama confortável, um trabalho fácil, que raramente sujava as mãos de David, e o dobro do dinheiro. Mas ele precisava disso e mais para sustentar uma mulher, e o seu navio ficava tanto tempo no mar que ele muitas vezes não tinha as agradáveis compensações do casamento. Pior do que tudo, dava plantões de pé numa escala de serviço apertada; isto significava um plantão noturno de quatro horas de duas em duas noites — de pé. Ele ficava com sono a maior parte do tempo e seus pés doíam.

Portanto, David inscreveu-se para treinamento como aeronauta. Essa marinha havia se apossado recentemente de uma idéia chamada "poder aéreo" e estava tentando apoderar-se o máximo possível dela a fim de mantê-la fora das mãos erradas — isto é, as mãos do exército. Ela estava atrasada porque o exército se havia apoderado dela primeiro — portanto, os voluntários para voar eram bem-vindos.

David recebeu ordens rapidamente para servir em terra a fim de ver se tinha as qualidades de um aeronauta.

Tinha, realmente! Tinha não só as qualidades físicas e mentais, como também estava altamente motivado — porque seu novo trabalho era realizado sentado, quer na sala de aula, quer no ar; ele não dava nenhum serviço noturno e recebia um soldo e meio para ficar sentado e dormir em casa; o vôo era classificado como "serviço arriscado", e concediam-lhe pagamento extra.

É melhor eu dizer alguma coisa sobre esses aeroplanos, já que não se parecem absolutamente com os aeródinos a que você está acostumado. De certa forma eles eram arriscados. Respirar também o é. Não eram tão arriscados como os veículos terrestres automotivos então em uso, e nem tão perigosos como ser pedestre. Os acidentes, fatais ou não, geralmente podiam ser atribuídos a um engano por parte do aeronauta — David nunca deixou esse tipo de acidente acontecer com ele. Não tinha nenhuma vontade de ser o piloto mais arrojado do céu; desejava apenas ser o mais velho.

Os aeroplanos eram monstruosidades esquisitas que não se pareciam com nada que se vê no céu atualmente, exceto, possivelmente, o papagaio de uma criança — eles eram muitas vezes chamados de "papagaios"^[18]. Tinham duas asas, uma sobre a outra, e o aeronauta sentava-se entre elas. Um pequeno pára-brisa ajudava a desviar o vento do rosto. Não fique surpreso; estas frágeis estruturas voavam muito devagar, impelidas no ar por uma hélice acionada a motor.

As asas eram feitas de tecido envernizado, e mantidas rígidas por montantes — pode-se ver apenas por isto que a velocidade deles nunca ultrapassava uma fração da velocidade do som — exceto nas tristes ocasiões em que um piloto exageradamente ansioso mergulhava direto para baixo, quando, na tentativa de recuperar a altitude normal demasiado abruptamente, fazia com que as asas fossem arrancadas.

O que David nunca fez. Algumas pessoas são pilotos naturais. A primeira vez em que David examinou um aeroplano compreendeu os seus fortes e fracos tão completamente quanto compreendera o banquinho de ordenhar que havia deixado atrás de si.

Ele aprendeu a voar quase tão rapidamente quanto havia aprendido a nadar.

Seu instrutor disse: "Dave, você é um instintivo. Vou recomendá-lo para treinamento de caça".

Os pilotos de caça eram a nata dos aviadores; eles subiam e engajavam os pilotos inimigos em combate singular. Um caça que fizesse isso cinco vezes com sucesso — matasse o piloto adversário em vez de ser morto — era chamado de "ás", o que era uma grande honra, porque, como se pode ver, a probabilidade média de fazer isso é a quinta potência de meio, ou uma em trinta e duas vezes. Ao passo que a probabilidade de ser morto, pelo contrário, é o complemento, próxima da certeza.

Dave agradeceu ao seu conselheiro, enquanto sua pele formigava, e seu cérebro começou a zumbir e estalar ao considerar a maneira de evitar essa honra sem desistir do soldo e meio e do conforto de ficar sentado.

Havia outras desvantagens em ser piloto de caça, além do risco principal de ter o traseiro arrancado a tiros por algum estranho. Os pilotos de caça voavam em "papagaios" de um homem só e faziam sua própria navegação — sem computadores, aparelhos para dirigir na volta à base ou qualquer coisa com que se pode contar atualmente — ou mesmo mais tarde naquele século. O método

usado era chamado "navegação estimada^[19]" porque, se não se calculasse corretamente, morria-se — porque o vôo da marinha era feito sobre a água, a partir de um pequeno aeródromo flutuante, com uma margem de segurança de combustível para um avião de caça de apenas alguns minutos. Acrescente a isto o fato de um piloto de caça em combate ter de escolher entre cuidar da navegação ou concentrar sua atenção em tentar matar o estranho antes que o estranho o matasse. Se ele quisesse ser um "ás" — ou mesmo jantar naquela noite — tinha que pensar nas coisas principais primeiro e se preocupar com a navegação mais tarde.

Além da possibilidade de se perder no mar e se afogar

num "papagaio" sem gasolina — eu disse como essas coisas eram acionadas? A hélice de ar era impelida por um motor acionado por uma reação química exotérmica — a oxidação de um hidrocarboneto fluido chamado "gasolina".

Se você acha isso pouco provável, garanto-lhe que era pouco provável mesmo então. O método era lamentavelmente ineficiente. O aviador não só tinha probabilidade de ficar sem gasolina, sem nada em volta dele além do oceano, como também esse motor temperamental muitas vezes falhava e parava. Embarçoso. Algumas vezes, fatal.

As desvantagens de ser piloto de caça não eram só as relativas ao perigo físico; elas simplesmente não se encaixavam no plano-mestre de David. Os pilotos de caça eram designados para aeródromos flutuantes, ou porta-aviões. Em tempos de paz, o que aquele era, por assim dizer, um aviador não trabalhava duro demais nem dava muitos plantões, e passava grande parte do seu tempo em terra num aeródromo terrestre, embora constasse das listas de chamada de um porta-aviões — portanto, creditado com serviço no mar, necessário para promoção e pagamento.

Mas, durante várias semanas por ano, o aviador designado para um porta-aviões ficava realmente no mar, praticando guerra simulada — o que envolvia levantar-se uma hora antes do nascer do sol, para aquecer aqueles motores teimosos, e estar pronto para voar ao primeiro indício de perigo real ou simulado.

David odiava isso — por sua vontade não compareceria ao Dia do Julgamento se este fosse antes do meio-dia.

Havia outra desvantagem: aterrisar nesses aeródromos flutuantes. Em terra David podia aterrisar sobre um níquel e ainda dar troco. Mas isso dependia da sua própria habilidade, altamente desenvolvida porque sua própria pele estava em jogo. Mas aterrisar num porta-aviões dependia da habilidade de outro piloto — e David tinha uma opinião sobre confiar sua pele à habilidade, às boas intenções e à vivacidade de outra pessoa.

Ira, isto é tão diferente de qualquer coisa que você provavelmente tenha visto em sua vida que fico embarçado. Considere o seu porto celeste aqui em Nova Roma: ao aterrisar, uma nave é controlada do chão, certo? Assim também era com os aeroplanos que aterrisavam em porta-aviões, mas a analogia termina aqui, porque na aterrissagem num porta-aviões naquele tempo não se usava

nenhum instrumento. Nenhum. Não estou brincando.

Era feita exclusivamente a olho, exatamente como um menino num jogo agarra de repente uma bola no ar — mas David era a bola e a habilidade usada para agarrá-la não era a sua, mas a de um piloto no porta-aviões. David tinha que suprimir sua própria habilidade, suas próprias opiniões, e depositar fé total no piloto do porta-aviões; qualquer coisa menos causaria um desastre.

David sempre havia seguido sua própria opinião — e o faria contra o mundo inteiro, se necessário. Depositar tanta fé em outro homem ia contra as suas convicções mais profundas. Fazer uma aterrissagem num porta-aviões era como expor sua barriga a um cirurgião, dizendo: "Vá em frente, corte" — quando ele não tinha certeza de o cirurgião ser competente para cortar sequer presunto. A aterrissagem em porta-aviões chegou mais perto de levar David a desistir do soldo e meio e do horário fácil do que qualquer outro aspecto do vôo, de tão perturbado que ele ficava pela necessidade de aceitar a decisão de outro piloto — que nem sequer partilhava do perigo que ele corria.

Foi preciso toda a sua força de vontade para ele fazer isso a primeira vez, e nunca se tornou fácil. Mas ele aprendeu uma lição que nunca esperara aprender — isto é, que havia circunstâncias em que a opinião de outro homem era não só melhor do que a dele, como incomparavelmente melhor.

Veja — não, talvez você não possa entender; não expliquei as circunstâncias. Um aeroplano aterrissa num porta-aviões numa queda controlada por meio de um gancho em sua cauda que se prende a um cabo de arame estendido no convés superior. Mas, se o aviador seguir o seu próprio julgamento baseado na experiência em aterrisar num campo de vôo, certamente cairá na popa do navio — ou, se souber disso e tentar compensar, passará alto demais e não enganchará no cabo. Em vez de um grande campo achatado e de bastante espaço para pequenos enganos, ele tem apenas uma "janela" minúscula que tem de atingir com precisão, nem à direita nem à esquerda, nem acima nem abaixo, nem depressa demais nem devagar demais. Mas ele não pode ver suficientemente bem o que está fazendo para julgar estas variáveis corretamente.

(Mais tarde o processo foi tornado semi-automático, depois automático; mas, quando foi finalmente aperfeiçoado, os porta-aviões tinham se tornado obsoletos — uma descrição condensada da maior parte do "progresso" humano: quando se aprende é tarde demais. Acontece muitas vezes, porém, que o que se aprendeu aplica-se a algum problema novo. Ou estaríamos ainda nos balançando nas árvores.)

Assim, o aviador no aeroplano tinha que confiar no piloto sobre o convés, que podia ver o que estava acontecendo. Ele era chamado de "oficial do sinal de aterrissagem" e usava bandeiras de sinalização para dar ordens ao piloto do aeroplano.

A primeira vez que David tentou esta proeza incerta correu pelo céu três vezes para novas aproximações antes de controlar o seu pânico, desistir de tentar desprezar o julgamento do OSA e obter licença para aterrisar.

Só então descobriu como estava assustado — sua bexiga afrouxou-se.

Naquela noite ganhou um certificado extravagante: a Ordem Real da Fralda Molhada — assinada pelo OSA, endossada pelo comandante e testemunhada pelos colegas de esquadrão. Foi um momento difícil em sua vida, pior até do que o ano de calouro, e foi de pouco consolo o fato de a ordem ser concedida com tanta frequência, que os certificados eram mantidos prontos à espera de cada novo grupo de aviadores ainda úmidos.

Daí por diante ele obedeceu ao pé da letra as ordens dos oficiais do sinal de aterrissagem, como um robô, deixando de lado as emoções e o julgamento por uma espécie de auto-hipnose. Quando chegou a ocasião de se qualificar para aterrissagens noturnas — muito pior para os nervos porque o piloto no ar não podia ver nada a não ser o bastão iluminado que o OSA agitava no lugar das bandeiras —, David aterrissou perfeitamente na sua primeira aproximação.

David ficou de boca calada quanto à sua determinação de não procurar a glória como piloto de caça até completar todas as exigências para tornar permanente seu *status* voador. Depois fez um pedido de treinamento avançado — em aviões multimotores. Isto foi embaraçoso, porque o seu instrutor, que tinha uma opinião tão boa do seu potencial, era agora comandante do esquadrão e seria necessário submeter este requerimento através dele. Assim que a carta começou a percorrer os canais competentes, ele foi chamado ao camarote do chefe.

— Dave, o que é isto?

— Exatamente o que diz, comandante. Quero aprender a pilotar os grandes.

— Perdeu a cabeça? Você é piloto de caça. Depois de três meses neste esquadrão de reconhecimento (um trimestre, para que eu possa lhe dar um bom Relatório de Aptidão) você vai poder partir realmente para um treinamento avançado. Como piloto de caça.

David não respondeu.

O comandante do esquadrão persistiu:

— Dave, está aborrecido por causa daquele tolo "Diploma da Fralda"? Metade dos pilotos da esquadra o receberam. Que diabo, homem! Eu próprio tenho um. Ele não o diminuiu perante seus colegas de bordo; simplesmente o fez parecer humano quando estava começando a ter um halo muito forte.

David ainda não comentou nada.

— Que diabo, não fique aí parado! Pegue essa carta e rasgue-a. Depois apresente uma para o treinamento de caça. Vou deixá-lo ir agora, em vez de esperar três meses.

Dave continuou mudo. O chefe olhou para ele e ficou vermelho, depois disse baixinho:

— Talvez eu estivesse errado. Talvez você não tenha o que é preciso para ser piloto de caça... sr. Lamb. Isso é tudo. Pode retirar-se.

Nos "grandes", os hidroplanos multimotores, David finalmente encontrou seu lar.

Eles eram grandes demais para decolar de um porta-aviões no mar; contudo, servir neles contava como serviço no mar, embora na verdade David quase sempre dormisse em casa, na sua própria cama, com sua mulher, salvo por uma noite ocasional como oficial de dia, quando dormia na base, e ainda as ocasiões menos frequentes em que os grandes hidroplanos voavam à noite. Mas não voavam muitas vezes mesmo durante o dia e com bom tempo; o vôo deles era caro, eles eram caros demais para arriscar, e o país estava atravessando uma onda de economia. Eles voavam com tripulações completas, quatro ou cinco para bimotores, mais para quadrimotores, e muitas vezes com passageiros, para permitir que as pessoas completassem horas de vôo de modo a fazerem jus àquele pagamento extra. Tudo isso convinha a Dave, não mais aquela bobagem de tentar navegar fazendo ao mesmo tempo outras dezesseis coisas, nada de confiar no julgamento de um oficial de sinal de aterrissagem, nada de depender apenas de um motor neurótico, nada de preocupações de ficar sem gasolina. Na verdade, podendo escolher, faria sempre todas as aterrissagens ele próprio, mas, quando foi impedido disto por um piloto mais graduado, não deixou transparecer sua preocupação e, com o tempo, deixou de se preocupar, porque todos os pilotos dos grandes hidroplanos eram cuidadosos e estavam dispostos a viver por muito tempo.

(Omitido.)

... anos que David passou confortavelmente enquanto era promovido dois postos.

Depois estourou a guerra. Havia sempre guerras naquele século, mas nem sempre em toda parte. Esta incluiu praticamente todos os países da Terra. David adotou uma opinião confusa sobre a guerra; achava que o objetivo de uma marinha era parecer tão feroz a ponto de tornar desnecessário lutar. Mas não lhe perguntaram nada, e era tarde demais para se preocupar com isso, tarde demais para pedir demissão, não havia lugar nenhum para onde fugir. Assim, não se preocupou com o que não podia mudar, o que foi bom, porque a guerra foi longa, amarga e causou milhões de mortes.

— Vovô Lazarus, o que é que você fez durante essa guerra?

Eu? Vendi Bônus da Liberdade, fiz discursos de quatro minutos e servi tanto numa junta de recrutamento como numa junta de racionamento, e fiz outras contribuições valiosas... até o presidente me chamar para Washington. O que fiz, então, era secreto e você não acreditaria se eu lhe contasse. Não seja insolente, rapaz; eu estava lhe contando o que David fez.

Ah! David foi um autêntico herói. Foi citado por bravura e recebeu uma condecoração. Uma que figura pelo resto da sua história.

David havia se resignado a, ou esperava, assim sendo, reformar-se no posto de capitão-de-corveta, porque não havia muitos postos mais altos do que esse nos hidroplanos. Mas a guerra elevou-o a capitão-de-corveta numa questão de semanas, depois a capitão-de-fragata, um ano mais tarde, e finalmente a capitão-de-mar-e-guerra, quatro listas de ouro largas, sem enfrentar uma junta de seleção, fazer um exame de promoção ou comandar um navio. A guerra os

estava usando depressa, e qualquer um que não fosse morto era promovido, desde que soubesse onde tinha o nariz.

E Dave sabia onde tinha o seu. Passou parte da guerra patrulhando as costas do seu país à procura de submarinos inimigos, "serviço de guerra" por definição, porém dificilmente mais perigoso do que treinamento em tempo de paz. Passou também um tempo transformando empregados de escritório e vendedores em pilotos. Foi designado para uma zona onde se lutava realmente, e lá ganhou sua medalha. Não conheço os detalhes, mas o "heroísmo" consiste muitas vezes em ficar de cabeça fria numa emergência e fazer o melhor que se pode com aquilo de que se dispõe, em vez de entrar em pânico e levar um tiro no rabo. As pessoas que lutam dessa maneira vencem mais batalhas do que os heróis intencionais; um caçador de glórias muitas vezes joga fora a vida dos seus companheiros bem como a própria.

Mas, para ser oficialmente um herói, é preciso sorte, também. Não basta fazer excepcionalmente bem o seu trabalho debaixo de fogo; é necessário que alguém, o mais graduado possível, veja o que você faz e escreva isso. Dave teve esse golpe de sorte e ganhou sua medalha.

Terminou a guerra na capital do país, na Agência Naval da Aeronáutica, incumbido do aperfeiçoamento dos aviões de patrulha. Talvez tenha sido mais útil lá do que o foi em combate, já que conhecia aqueles aparelhos multimotores melhor que qualquer homem vivo, e este trabalho deu-lhe a oportunidade de eliminar bobagens obsoletas e promover alguns melhoramentos. Assim sendo, terminou a guerra numa escrivaninha, folheando papéis e dormindo em casa.

Depois a guerra acabou.

Dave olhou em volta e avaliou a situação. Havia centenas de capitães-de-mar-e-guerra que, como ele, tinham sido capitães-de-corveta apenas três anos antes. Já que a paz era "para sempre", como os políticos sempre insistem, poucos seriam algum dia promovidos. Dave pôde ver que não seria promovido; não tinha nem a antigüidade, padrão tradicionalmente aprovado nas forças armadas, nem as ligações apropriadas, políticas e sociais.

O que ele tinha eram quase vinte anos de serviço, o mínimo para se reformar a meio soldo. Ou podia permanecer até ser forçado a se reformar por não ser escolhido para almirante.

Não havia necessidade de decidir imediatamente; a reforma aos vinte anos era para daí a um ou dois anos.

Mas ele se reformou quase imediatamente, por motivos de saúde. O diagnóstico foi "psicose situacional", o que significava que ele ficava doido quando trabalhava.

Ira, não sei como avaliar isto. Dave me impressionou como um dos poucos homens completamente sãos que já conheci. Mas eu não estava lá quando ele se reformou, e a "psicose situacional" era a segunda causa mais comum para reforma por motivos de saúde dos oficiais de marinha naquele tempo; mas como podiam eles saber? Ficar maluco não era nenhum empecilho para um oficial de

marinha, não mais do que o era para um escritor, um professor, um pregador ou várias outras ocupações respeitáveis. Desde que David chegasse na hora e assinasse a documentação que algum escriturário preparava, e nunca desse respostas malcriadas aos seus superiores, isso nunca seria notado. Lembro-me de um oficial da marinha que tinha uma coleção espantosa de ligas de senhoras; ele costumava trancar-se em sua sala e examiná-las; e de outro que fazia exatamente a mesma coisa com uma coleção de rótulos de papel usados para franquia postal. Qual deles era maluco? Ambos? Ou nenhum dos dois?

Outro aspecto da reforma de Dave exige conhecimento das leis da época. Reformar-se com vinte anos de serviço resultava em meio soldo, sujeito ao imposto de renda, que era pesado. Reformar-se por incapacidade física resultava em três quartos de soldo, ficando-se isento do imposto de renda.

Não sei, simplesmente não sei. Mas toda a questão se enquadra no talento de Dave para obter resultados máximos com o mínimo de esforço. Vamos aceitar que ele estivesse maluco, mas estaria ele completamente maluco?

Houve outras características na sua reforma. Ele julgou corretamente não ter possibilidade de ser escolhido para almirante, mas aquela citação por bravura trazia consigo uma promoção honorária na reforma; assim, Dave terminou como o primeiro homem da sua turma a chegar a almirante, sem nunca ter comandado um navio, muito menos uma esquadra, um dos almirantes mais moços da história, contando-se a sua idade verdadeira. Imagino que isso tenha divertido o menino de fazenda que odiava arar atrás de uma mula.

Porque, no fundo, ele ainda era um menino de fazenda. Existia outra lei em benefício dos veteranos daquela guerra, com o fim de compensar os rapazes que haviam tido sua educação interrompida por terem que deixar o lar para lutar: instrução financiada, um mês para cada mês de serviço de guerra.

A lei se destinava aos jovens convocados, mas não havia nada que impedisse um oficial de carreira de tirar vantagem dela; Dave podia invocá-la e o fez. Com soldo de três quartos isentos de impostos, com o subsídio, também isento, de um veterano casado que ia estudar, Dave tinha mais ou menos a mesma renda que tivera no serviço ativo. Na verdade maior, porque não precisava mais comprar uniformes bonitos ou manter obrigações sociais dispendiosas. Podia vadiar e ler livros, vestir-se como quisesse e não se preocupar com as aparências. Algumas vezes ele ficava acordado até tarde e provava que havia mais otimistas jogando pôquer do que matemáticos. Depois dormia até tarde. Porque nunca, nunca se levantou cedo.

Nem tampouco subiu outra vez num aeroplano. Dave jamais confiara nas máquinas voadoras; estavam alto demais em caso de perderem a velocidade. Nunca haviam representado nada para ele, a não ser um meio de evitar algo pior; uma vez tendo elas preenchido seu fim, colocou-as de lado com tanta firmeza como havia feito com os floretes de esgrima, e sem nenhum arrependimento em qualquer dos casos.

Em breve tinha outro diploma, um que declarava que ele era bacharel em

ciências agrônômicas, um fazendeiro "científico".

Com este certificado, que concedia uma preferência especial aos veteranos, ele poderia ter obtido para ele um emprego público civil, no qual ensinaria a outras pessoas como cuidar de fazendas. Em vez disso, ele pegou uma parte do dinheiro que havia acumulado no banco enquanto vagabundeava na escola, voltou para aquelas montanhas que havia deixado um quarto de século antes e comprou uma fazenda. Isto é, ele deu um sinal e hipotecou a fazenda pelo saldo do preço mediante um empréstimo do governo a uma taxa de juros muito baixa, subsidiada, é claro.

"Se ele trabalhou na fazenda? Não sejamos tolos; Dave nunca tirou as mãos dos bolsos. Fez uma plantação com um pessoal contratado, enquanto tratava de outro negócio.

Ira, a complementação do grande plano de Dave envolve um fator tão inacreditável que devo pedir-lhe para acreditar de boa fé; seria demais pedir a qualquer homem racional para compreendê-lo.

Naquela pausa entre as guerras, a Terra tinha mais de dois bilhões de pessoas, pelo menos metade à beira da fome. Apesar disso — e é aqui que devo pedir-lhe para acreditar que eu estava lá e não iria mentir para você —, apesar dessa falta de comida que nunca cedeu, a não ser temporária e localizadamente em todos os anos que se seguiram, e não podia, por motivos nos quais não precisamos nos aprofundar —, apesar dessa falta desastrosa, o governo do país de David *pagava* aos fazendeiros para não produzirem alimentos.

Não sacuda a cabeça; os caminhos de Deus, do governo e das garotas são todos misteriosos, e não é dado ao homem mortal compreendê-los. Não importa que você próprio seja o governo; vá para casa esta noite e pense nisso, pergunte a si mesmo se sabe porque faz o que faz, volte amanhã e me conte.

Assim sendo, David fez uma única colheita. No ano seguinte suas terras tiveram o "solo retido" e ele recebeu um cheque gordo por não explorá-las, o que foi ótimo para ele. Dave amava aquelas montanhas, sempre tivera saudades delas; deixara-as simplesmente para evitar o trabalho. Agora lhe estavam pagando para não trabalhar nelas, que era o que desejava; nunca achara que os seus encantos se acentuariam se fossem arados e as deixassem cobertas de poeira.

Os pagamentos do "solo retido" cobriram a hipoteca, e seu soldo de reformado provia-o de uma quantia considerável; portanto, contratou um homem para fazer as tarefas exigidas por uma fazenda, embora não esteja sendo explorada: alimentar os frangos, ordenhar uma ou duas vacas, cuidar da horta e de algumas árvores frutíferas, consertar cercas, enquanto a mulher do empregado ajudava a mulher de David na casa. Para si próprio, David comprou uma rede.

Mas David não era um patrão severo. Desconfiou de que as vacas não queriam ser acordadas às cinco da manhã, assim como ele não queria, e resolveu descobrir isso.

Apreendeu que as vacas trocariam alegremente suas ordenhas a intervalos de vinte e quatro horas por um horário mais razoável, se tivessem oportunidade. Elas

tinham que ser ordenhadas duas vezes por dia; eram alimentadas para isso. Mas nove horas da manhã lhes convinha para a primeira ordenha tão bem como as cinco, desde que isso fosse feito regularmente.

Mas isso não ficou assim; o empregado de Dave tinha o hábito nervoso de trabalhar. Para ele, havia alguma coisa pecaminosa em ordenhar as vacas tão tarde. Assim, Dave o deixou fazer como queria, e o empregado e as vacas voltaram aos seus velhos hábitos.

Quanto a Dave, amarrou aquela rede entre duas árvores, à sombra, e colocou uma mesa ao lado para pôr uma bebida gelada. Levantava-se de manhã quando acordava, quer fossem nove horas ou meio-dia, tomava café e depois caminhava devagar até sua rede, a fim de descansar para o almoço. O trabalho mais pesado que fazia era endossar cheques para depositar e, uma vez por mês, puxar o saldo do talão de cheques de sua mulher. Deixou de usar sapatos.

Não lia jornais nem ouvia rádio; imaginava que a marinha o avisaria se estourasse outra guerra, e estourou outra mais ou menos na época em que ele começou essa rotina. Mas a marinha não tinha necessidade de almirantes reformados. Dave prestou pouca atenção àquela guerra, ela era deprimente. Em vez disso, lia tudo o que a biblioteca estadual tinha sobre a Grécia antiga e comprou livros a respeito disso. Era um assunto calmanete, sobre o qual sempre desejara conhecer mais.

Cada ano, no Dia da Marinha, ele se arrumava todo e fardava-se de almirante com todas as suas medalhas, desde a medalha de Boa Conduta de alistado até a de Bravura sob Fogo, que havia feito dele almirante; deixava o empregado levá-lo de carro até a sede do município e lá fazia um discurso num almoço da Câmara de Comércio sobre algum assunto patriótico. Ira, não sei por que ele fazia isso. Talvez fosse porque *noblesse oblige*. Ou pode ter sido devido ao seu estranho senso de humor. Mas eles o convidavam a cada ano e a cada ano ele aceitava. Os vizinhos tinham orgulho dele; era o epítome do Rapaz Local Bem-Sucedido, depois volta para casa e vive como seus vizinhos vivem. Seu sucesso trouxe crédito a eles todos. Gostavam de que ele ainda fosse apenas gente da terra, e se notavam que ele nunca trabalhava um mínimo que fosse, ninguém mencionava o fato.

Passei de raspão pela carreira de Dave, Ira, tinha que passar. Não mencionei o piloto automático que ele criou e aperfeiçoou anos mais tarde, quando estava em situação de mandar fazer tais coisas. Nem a revisão das funções da tripulação de um hidroplano, exceto para dizer agora que o fez a fim de obter mais com menos esforço, deixando ao mesmo tempo o piloto em comando sem nada para fazer salvo ficar alerta, ou roncar sobre o braço do co-piloto se a situação não exigisse sua atenção. Fez mudanças nos instrumentos e controles também, quando se viu finalmente incumbido do aperfeiçoamento de todos os aviões de patrulha da marinha.

Vamos resumir com isto: não acho que David se considerasse um "especialista em eficiência", mas cada função que teve ele simplificou. Seu sucessor sempre teve menos trabalho a fazer do que o seu predecessor.

O fato de seu sucessor geralmente reorganizar o trabalho depois para trabalhar três vezes mais, e precisar de três vezes mais subordinados, diz pouco sobre a originalidade de Dave, a não ser por contraste. Algumas pessoas são formigas por natureza; elas têm que trabalhar, mesmo quando isso é inútil. Poucas pessoas têm o talento para a ociosidade construtiva.

Assim termina a *História do homem que era preguiçoso demais para fracassar*. Vamos deixá-lo lá, em sua rede, à sombra das árvores. Pelo que sei, ele ainda está lá.

Variações Sobre um Tema III

Problemas Domésticos

— Após mais de dois mil anos, Lazarus?

— Por que não, Ira? Dave era da minha idade, havia uma diferença mínima entre nós. Eu ainda estou aqui.

— Sim, mas... David Lamb era membro das Famílias? Com outro nome? Não há nenhum Lamb nas listas.

— Nunca perguntei, Ira. Nem ele jamais me ofereceu uma senha. Naquele tempo cada membro mantinha o fato em sigilo. Ou, se era, Dave podia não saber disso, já que saiu de casa tão moço e tão de repente. Naquele tempo não contavam aos jovens até ele ou ela terem idade suficiente para pensar em casamento. Dezoito para os rapazes, geralmente, e dezesseis para as moças. Isso me faz lembrar do choque que tive quando me contaram... com menos de dezoito. Foi o vovô, porque eu estava prestes a fazer uma bobagem. Filho, uma das coisas mais estranhas sobre o animal humano é que ele cresce fisicamente anos e anos antes de seu cérebro crescer. Eu tinha dezessete anos, era moço e obcecado pelo sexo e queria casar-me a todo custo. Vovô levou-me para trás do celeiro e convenceu-me de que era realmente uma besteira.

" 'Woodie', disse ele, 'se você quer fugir com essa moça, ninguém o impedirá.'

"Eu lhe disse desafiadoramente que ninguém podia me impedir, porque logo depois da fronteira do Estado eu poderia fazê-lo sem o consentimento dos meus pais.

" 'É isso que estou lhe dizendo', disse ele. 'Ninguém vai impedi-lo. Mas ninguém vai ajudá-lo. Nem os seus pais, nem os seus outros avós... nem eu. Nenhum de nós lhe dará sequer o dinheiro para uma licença de casamento, muito menos o ajudará a sustentar uma mulher. Nem um dólar, Woodie, nem dez magros centavos. Se você não acredita em mim, pergunte a qualquer um deles.'

"Eu disse, de mau humor, que não queria ajuda nenhuma.

"Vovô tinha sobranceiras espessas, elas se ergueram. 'Bem, bem,' disse ele. 'Ela vai sustentar você? Você olhou para os anúncios de empregos no jornal ultimamente? Se não, não deixe de fazê-lo. E passe os olhos pela seção financeira quando fizer isso; ler os anúncios de empregos não lhe tomará mais de trinta segundos.' Ele acrescentou: 'Ah, você pode encontrar um emprego de vendedor ambulante de aspiradores mediante comissão. Isto lhe proporcionará ar fresco, exercício saudável e uma oportunidade para demonstrar o seu encanto, o qual você não tem muito. Mas não vai vender aspiradores de pó; ninguém está comprando'.

"Ira, eu não sabia do que ele estava falando. Isso foi em janeiro de 1930. Essa data significa alguma coisa para você?"

— Receio que não, Lazarus. Apesar de muito estudo da história das Famílias,

tenho que converter aquelas datas antigas em padrão galáctico a fim de senti-las.

— Não sei se isso seria mencionado nos registros das Famílias, Ira. O país... Bem, todo o planeta havia acabado de dar um mergulho numa flutuação econômica. Chamavam-nas de "depressões". Não havia nenhum emprego disponível... pelo menos não para um jovem sabichão que não sabia nada de útil. Vovô compreendia isso, porque passara por várias dessas fases. Mas não eu. Eu estava certo de que podia agarrar o mundo pela cauda e pendurá-lo em cima do meu ombro. O que eu não sabia era que engenheiros formados estavam aceitando empregos de porteiro e advogados estavam conduzindo carroças de leite. E ex-milionários estavam pulando das janelas. Mas eu estava ocupado demais, indo atrás das moças, para perceber.

— Sênior, li sobre as depressões econômicas. Mas nunca compreendi o que as causava.

Lazarus Long começou a rir.

— E, apesar disso, você é responsável por todo um planeta.

— Talvez não devesse ser — admiti.

— Não seja tão humilde! Vou contar-lhe um segredo: naquele tempo, ninguém sabia o que as causava. Até a Fundação Howard poderia ter falido se Ira Howard não tivesse deixado firmes instruções sobre como o fundo devia ser administrado. Por outro lado, todo mundo, até os varredores de rua e os professores de economia, estava certo de que conhecia tanto as causas como as curas. Assim, quase todos os remédios foram tentados... e nenhum funcionou. Essa depressão continuou até o país tropeçar numa guerra... que não curou o que estava errado, simplesmente mascarou os sintomas com uma febre alta.

— Bem... o que estava errado, vovô? — insisti.

— Será que pareço bastante esperto para responder a isso, Ira? Fiquei muitas vezes sem nada. Algumas por motivos financeiros, outras por abandonar minha bagagem para salvar a pele. Hum... Diabos me levem se eu der alguma explicação rebuscada, mas... O que acontece quando você controla uma máquina por realimentação positiva?

Fiquei espantado.

— Não tenho certeza de havê-lo compreendido, Lazarus. Não se controla uma máquina por realimentação positiva... pelo menos não consigo lembrar-me de nenhum caso. A realimentação positiva faria com que qualquer sistema ficasse fora de controle.

— Vá para a frente da classe, Ira. Desconfio dos argumentos por analogia... mas, pelo que vi durante os séculos, parece não haver nada que um governo possa fazer com uma economia que não atue como realimentação positiva, ou como um freio. Ou ambos. Talvez algum dia, em alguma parte, alguém esperto como Andy Libby imagine uma maneira de consertar a Lei da Oferta e da Procura para fazê-la funcionar melhor, em vez de deixá-la seguir seu próprio caminho cruel. Talvez. Mas nunca vi isso. Embora Deus saiba que todo mundo tentou.

Sempre com as melhores intenções.

"As boas intenções não substituem o conhecimento de como uma serra circular funciona, Ira; os piores criminosos da história estavam carregados de boas intenções. Mas você me desviou do assunto, levando-me a fazer um discurso quando eu estava lhe contando como terminei não me casando.

— Desculpe, vovô.

— Hum! Você não pode ser bruto de vez em quando? Sou um velho tagarela que o obrigou a perder tempo ouvindo banalidades. Você devia ficar aborrecido com isso.

— Então estou aborrecido. — Sorri para ele. — Você é um velho tagarela que exige que eu satisfaça todos os seus caprichos... e eu sou um homem muito ocupado com assuntos sérios que me preocupam e você perdeu meio dia do meu tempo contando-me uma história comprida (pura ficção, tenho certeza) sobre um homem que era tão preguiçoso que sempre tinha sucesso. Com a intenção de me irritar, acho eu. Quando você insinuou que essa personagem de ficção era um homem de vida longa, evitou uma pergunta muito simples sobre isso e começou a falar a respeito de seu avô. Esse... almirante Ram, você disse? Ele era ruivo?

— Lamb, Ira... Donald Lamb. Ou esse era o irmão dele? Foi há muito tempo. Estranho você perguntar sobre o seu cabelo... porque isso me faz lembrar de outro oficial da marinha naquela mesma guerra que era exatamente o oposto de... Donald? Não, David. Exatamente o oposto de David, em todos os sentidos, salvo que tinha o cabelo tão vermelho que Loki teria orgulho dele. Tentou sufocar um urso *kodiak* até a morte. Não funcionou, é claro. Não parece possível que você tenha visto alguma vez um urso *kodiak*, Ira.

"O carnívoro mais feroz que a Terra já produziu, e pesava dez vezes mais que um homem. Garras como cimitarras, dentes amarelos compridos, mau hálito... e uma disposição pior. Apesar disso, Lafe enfrentou-o desarmado... e, veja só, sem ter necessidade disso. Eu teria desaparecido no horizonte. Quer ouvir sobre Lafe, o urso e o salmão do Alasca?"

— Agora não. Parece outra mentira colossal. Você estava me contando por que não se casou.

— Realmente estava. Vovô havia acabado de me perguntar: "Bem, Woodie, há quanto tempo ela está grávida?"

— Não, ele estava explicando que você não podia sustentar uma mulher.

— Filho, se conhece esta história, você vai contá-la para mim. Neguei enfaticamente uma coisa dessas... ao que vovô respondeu que eu estava mentindo, porque esse era o único motivo que levava um rapaz de dezessete anos a querer casar-se. Sua resposta deixou-me especialmente com raiva porque eu tinha um bilhete no bolso que dizia: "Woodsie querido... Você me engravidou e tudo é caos".

"Vovô insistiu, e neguei três vezes, ficando cada vez com mais raiva, por ver

como aquilo era verdade. Finalmente ele disse: 'Está bem, vocês ficaram apenas de mãos dadas. Ela lhe mostrou um exame de gravidez assinado por um médico?'

"Ira, eu acidentalmente disse a verdade. 'Ora, não', admiti.

"'Está bem', disse ele. 'Vou cuidar disso. Mas só desta vez. Daqui por diante use sempre camisinhas, mesmo que uma coisinha doce lhe diga para não se incomodar. Ou não encontrou uma farmácia que as vendesse a você?' Depois, após fazer-me jurar segredo, contou-me sobre a Fundação Howard e o que ela pagaria se eu me casasse com uma moça da sua lista selecionada.

"E foi assim que aconteceu, porque recebi esta carta de um advogado quando fiz dezoito anos, exatamente como você havia previsto, e aconteceu que fiquei loucamente apaixonado por uma moça da lista deles. Casamo-nos e tivemos uma porção de filhos, antes que ela me trocasse por outro modelo. Sua ancestral, sem dúvida."

— Não, Sênior. Descendo de sua quarta mulher, você.

— Minha quarta, hein? Deixe-me ver... Meg Hardy?

— Acho que essa foi a terceira, Lazarus. Evelyn Foote.

— Ah, sim! Uma ótima moça, Evelyn. Gordinha, bonita, de natureza dócil, e fértil como uma tartaruga. Uma boa cozinheira, e nunca disse uma palavra áspera. Difícil encontrar outras como ela. Talvez cinquenta anos mais moça do que eu, mas mal aparentava; meu cabelo não começou a ficar grisalho senão aos cento e cinquenta. Nenhum segredo quanto à minha idade, já que a data, o registro de nascimento e tudo o mais está arquivado para cada um de nós. Filho, obrigado por me lembrar de Evelyn; ela restaurou minha fé no matrimônio quando eu estava ficando um pouco amargurado com ele. Os arquivos revelam mais alguma coisa sobre ela?

— Apenas que você foi o seu segundo marido e que ela teve sete filhos com você.

— Eu esperava que houvesse uma fotografia dela. Tão bonita, sempre sorrindo! Ela era casada com um dos meus primos, um Johnson, quando a conheci, e fui sócio dele durante algum tempo. Ele, eu, Meg e Evvie costumávamos reunir-nos nas noites de sábado para jogar *pinochle*^[20] e tomar cerveja, ou coisa parecida... e após algum tempo nós trocamos, legal e apropriadamente nos tribunais, quando Meg resolveu que gostava... de Jack?... sim, de Jack, e Evelyn não foi contra. Isso não afetou nossas relações comerciais, não acabou sequer com o nosso jogo de *pinochle*. Filho, uma das melhores coisas das Famílias Howard é que ficamos curados do vício venenoso do ciúme gerações antes do resto da raça. Tínhamos que nos curar... sendo as coisas da maneira que eram. Tem certeza de que não há um estereótipo dela por aí? Ou um holograma? A Fundação começou a tirar fotografias para os exames físicos de casamento mais ou menos nessa ocasião.

— Vou verificar — disse-lhe eu. Depois tive o que me pareceu uma idéia

brilhante. — Lazarus, como todos nós sabemos, os mesmos tipos físicos aparecem de vez em quando nas Famílias. Pedirei aos arquivos uma lista das descendentes femininas de Evelyn Foote que vivem em Secundus. É altamente provável que uma delas pareça sua gêmea univitelina... até no sorriso de felicidade e no temperamento carinhoso. Depois, se você consentir num rejuvenescimento completo, estou certo de que ela teria tanto desejo como Ishtar de dissolver qualquer laço contratual atual... O Sênior me interrompeu:

— Eu disse alguma coisa *nova*, Ira. Não voltarei atrás, jamais. Claro, você pode encontrar uma moça dessas, que coincida com a minha lembrança de Evelyn em dez aspectos significativos. Mas faltaria um fator importante. Minha mocidade.

— Mas se você terminar o rejuvenescimento...

— Ora, cale-se! Você pode dar-me novos rins, um novo fígado e um novo coração. Pode lavar as manchas escuras da idade do meu cérebro e colocar tecido do meu clone para compensar o que perdi... pode dar-me um corpo de clone totalmente novo. Mas isso não fará de mim aquele sujeito jovem que sentia um prazer inocente na cerveja, no *pinochle* e numa mulher bonita e gordinha. Tudo o que tenho em comum com ele é a continuidade da memória... e mesmo assim não muita. Esqueça.

— Ancestral — falei calmamente —, quer você queira casar-se com Evelyn Foote outra vez, quer não, você sabe e eu sei (pois passei por isso, também, duas vezes), nós dois sabemos que o processo completo restaura o gosto da juventude pela vida, bem como restaura o corpo como máquina.

Lazarus Long pareceu triste.

— Pois é, certamente. Isso cura tudo, exceto o tédio. Que diabo, rapaz! Você não tem nenhum direito de interferir no meu destino. — Ele suspirou. — Mas também não posso ficar suspenso no limbo. Portanto, diga-lhes para irem em frente. Serviço completo.

Fiquei surpreso.

— Posso gravar isso, Sênior?

— Você ouviu o que eu disse. Mas isso não o livra do compromisso. Ainda tem que vir aqui e ouvir minhas lamentações até eu estar tão rejuvenescido que fique curado desse comportamento infantil... e ainda tem que continuar com aquela pesquisa. Para encontrar alguma coisa *nova*, quero dizer.

— De acordo em ambos os pontos, Sênior; você tem a minha promessa. Espere um momento enquanto eu conto à minha computadora...

— Ela já me escutou. Não é? — Lazarus acrescentou: — Ela não tem nome? Você não lhe deu um nome?

— Ah, certamente. Eu não podia lidar com ela todos estes anos sem animismo, embora isso seja uma falácia.

— Falácia não, Ira. As máquinas são humanas porque são feitas segundo a nossa

imagem. Elas têm tanto as nossas virtudes como as nossas falhas, aumentadas.

— Nunca tentei racionalizar isso, Lazarus, mas Minerva... esse é o seu nome formal; em particular ela é "Chatinha", porque um dos seus deveres é lembrar-me das obrigações que prefiro esquecer. Minerva parece humana para mim. E mais chegada a mim do que qualquer das minhas mulheres o foi. Não, ela não registrou a sua decisão; colocou-a simplesmente em sua memória temporária. Minerva!

— *Si, Ira.*

— Fale inglês, por favor. Encontre a decisão do Sênior de ser submetido a uma antigeria completa, archive-a em sua memória permanente, transmita-a aos arquivos e à Clínica de Rejuvenescimento Howard para execução.

— Completado, sr. Weatheral. Meus parabéns. E parabéns para o senhor, Sênior. "Que o senhor viva tanto quanto desejar e ame tanto quanto viver."

Lazarus pareceu subitamente interessado — o que não me surpreendeu, porque Minerva me surpreende com bastante freqüência mesmo depois de um século de estar "casado" com ela em tudo, exceto de fato.

— Ora, obrigado, Minerva. Mas você me espantou, garota. Ninguém mais fala de amor; isso é uma das coisas mais erradas neste século. Como foi que aconteceu você me desejar esse sentimento antigo?

— Pareceu apropriado, Sênior. Enganei-me?

— Ora, absolutamente. E chame-me de "Lazarus". Mas diga-me, o que você sabe do amor? O que é o amor?

— Em inglês clássico, Lazarus, sua segunda pergunta pode ser respondida de muitas maneiras; em língua galacta ela não pode absolutamente ser respondida. Vamos deixar de lado todas as definições em que o verbo "gostar" é tão apropriado como o verbo "amar"?

— Hein? Certamente. Não estamos falando de "eu amo torta de maçã"... ou mesmo "eu amo música". Do que quer que estejamos falando, é "amor" da maneira como você usou no velho estilo de votos de felicidade.

— De acordo, Lazarus. Então o que resta deve ser dividido em duas categorias, "Eros" e "Ágape", e cada uma definida separadamente. Não posso saber o que é Eros através do conhecimento direto, porque me falta tanto corpo como bioquímica para experimentá-lo. Não posso oferecer nada senão definições intencionais expressas em estatísticas incompletas. Mas, em ambos os casos, eu não seria capaz de verificar essas definições já que não tenho sexo.

(— Uma ova que não tem — resmunguei para mim mesmo. — Ela é tão feminina quanto uma gata no cio. — Mas tecnicamente ela estava correta, e achei muitas vezes que era uma vergonha Minerva não poder experimentar os prazeres do sexo, porque ela estava muito mais preparada para apreciá-los do que algumas fêmeas humanas, que têm todas as glândulas e nenhuma empatia. Mas eu nunca disse isso a ninguém. Animismo... de um tipo particularmente fútil! Um desejo de se "casar" com uma máquina. Tão ridículo como um menino

pequeno, que cava um buraco no jardim, e depois berra porque não pode levá-lo para dentro de casa. Lazarus estava certo; eu não era esperto o bastante para dirigir um planeta. Mas quem o é?)

— Vamos deixar Eros por um momento — disse Lazarus com um profundo interesse. — Minerva, a maneira como você construiu essa frase pareceu incluir a presunção de que você poderia experimentar Ágape. Ou "pode". Ou "experimentou". Ou talvez "experimente".

— É possível que eu tenha sido presunçosa ao construir a frase, Lazarus.

Lazarus riu alto, depois parou de repente e falou de tal maneira que me fez pensar que o velho não estava completamente são — salvo que eu próprio não o sou quando o vento vem daquele quadrante. Ou talvez seus longos anos o tenham tornado quase telepático — mesmo com máquinas.

— Desculpe-me, Minerva — disse ele amavelmente. — Eu não estava rindo de você, mas do jogo de palavras com que você me respondeu. Retiro minha pergunta; nunca é próprio interrogar uma senhora sobre sua vida amorosa... E embora você possa não ser uma mulher, querida, certamente é uma dama.

Depois virou-se para mim e o que disse confirmou que havia percebido o segredo que partilho com a minha "Chatinha".

— Ira, Minerva tem potencial de Turing^[21]?

— Hein? Certamente.

— Então insisto em que diga a ela para usá-lo. Se é que você foi sincero comigo quando disse que pretende emigrar, aconteça o que acontecer. Pensou bem nisso?

— "Pensei bem nisso"? Minha resolução é firme. Eu lhe disse isso.

— Não é bem isso o que quero dizer. Não sei quem é o proprietário da máquina que se expressa como "Minerva". Os Curadores, suponho. Mas sugiro que você diga a ela para começar a duplicar suas memórias e lógicas, e, quando tiver terminado, começar a armazenar sua gêmea a bordo do meu iate *Dora*. Minerva saberá de que circuitos e materiais precisa, e *Dora* saberá qual o espaço disponível. Bastante, já que as memórias e lógicas são tudo o que importa; Minerva não duplicará seus prolongamentos. Mas comece isso já, Ira; você não será feliz sem Minerva... não após depender dela por um século, mais ou menos.

Eu também pensava assim. Mas tentei — debilmente — resistir.

— Lazarus, agora que você concordou com o rejuvenescimento completo, não vou herdar o seu iate. Não num futuro previsível. Além disso, pretendo emigrar logo. Dentro de no máximo dez anos.

— E daí? Se eu morrer, você herda... e não prometi manter minhas mãos longe daquele interruptor de suicídio mais do que mil dias, não importa o quanto você seja paciente e me visite. Mas, se eu estiver vivo, prometo-lhe, e a Minerva, um passeio grátis a qualquer planeta que escolher. Enquanto isso, olhe para a sua esquerda. Nossa garota Ishtar está quase molhando as calcinhas tentando chamar

sua atenção. E acho que ela não está usando nenhuma.

Olhei para lá. A administradora de rejuvenescimento trazia um papel que parecia ansiosa para me mostrar. Aceitei-o em deferência ao seu cargo — embora tivesse deixado ordens com o meu delegado executivo para que eu nunca fosse perturbado, quando estivesse com o Sênior, por qualquer motivo menor do que rebelião armada. Olhei o papel, firmei meu selo oficial, imprimi o plegar nele e devolvi-o. Ela sorriu, radiante.

— Apenas trabalho burocrático — disse eu a Lazarus. — Algum escriturário levou todo este tempo para transformar seu consentimento gravado numa ordem escrita. Quer que sigam em frente? Não neste minuto, mas esta noite.

— Bem... Gostaria de procurar uma casa amanhã, Ira.

— Você não está bem instalado aqui? Diga-me o que deseja mudar e isso será feito imediatamente.

Ele encolheu os ombros.

— Não há nada errado com este lugar, exceto que é muito parecido com um hospital. Ou uma cadeia. Ira, estou bem ciente de que eles fizeram mais do que me encherem de sangue novo; estou bastante bem para ser paciente de ambulatório. Morar em algum outro lugar e vir aqui apenas quando o programa exigir.

— Bem... quer desculpar-me enquanto falo galacta um pouco? Quero discutir os aspectos práticos com o seu técnico responsável.

— Você quer desculpar-me, Ira, se eu acentuar que deixou uma senhora esperando? Essa discussão pode esperar. Mas Minerva sabe que sugeri que a mandasse duplicar-se para que ela possa emigrar com você... mas você não disse "Sim" ou "Não", nem fez uma oferta melhor. Se não vai mandá-la fazer isso, é tempo de dizer-lhe para apagar da memória aquela parte da nossa conversa. Antes que ela queime um circuito.

— Ora, Lazarus, ela não pensa em nada do que grava nesta suíte, a menos que receba ordens específicas para isso.

— Quer apostar? Sem dúvida muitos assuntos ela apenas grava... mas neste ela simplesmente tem que pensar; não pode evitar. Você não entende nada de garotas?

Admiti que não.

— Mas sei quais as instruções que dei a ela a respeito de conservar gravações sobre o Sênior.

— Vamos verificar. Minerva...

— Sim, Lazarus?

— Há alguns momentos perguntei a Ira sobre o seu potencial de Turing. Você pensou na conversa que se seguiu?

Juro que ela hesitou — o que é ridículo; uma fração de segundo é mais longa

para ela do que um segundo para mim. Além disso, ela nunca hesita. Nunca.

Ela respondeu:

— Minha programação sobre a doutrina objeto da pergunta diz o seguinte: Abre aspas... não analise, compare, transmita, nem manipule de qualquer modo os dados armazenados sob o programa de controle, exceto quando uma sub-programação específica for inserida pelo Presidente Temporário... fecha aspas.

— Deixe disso, querida — disse Lazarus amavelmente. — Você não respondeu. Isso foi uma evasão deliberada. Mas você não está acostumada a mentir, está?

— Não estou acostumada a mentir, Lazarus.

— Minerva! — ordenei quase grosseiramente. — Responda à primeira pergunta do Sênior.

— Lazarus, estive e estou pensando agora naquela parte designada da conversa.

Lazarus ergueu uma sobrancelha para mim.

— Quer dar instruções a ela para responder a mais uma pergunta minha... sinceramente?

Eu estava me sentindo bastante abalado. Minerva me surpreende, sim — mas nunca com evasões.

— Minerva, você vai responder sempre a qualquer pergunta feita a você pelo Sênior completa, correta e simpaticamente. Acuse o recebimento do programa.

— Novo subprograma recebido, colocado na memória permanente, ligado ao Sênior e acusado, Ira.

— Filho, não precisava ir tão longe... Você vai se arrepender. Pedi apenas uma pergunta.

— Fiz isso intencionalmente, Sênior — respondi, empertigado.

— Coisa da sua própria cabeça. Minerva, se Ira emigrar sem você, o que fará?

Ela respondeu imediatamente e em tom bastante monótono:

— Nessa eventualidade, eu me autoprogramarei para destruir-me.

Eu não estava apenas surpreso, estava chocado.

— Por quê?

Ela respondeu baixinho:

— Ira, não servirei a outro senhor.

Suponho que o silêncio que se seguiu não foi de mais que alguns segundos. Pareceu interminável. Não me sentia tão totalmente desamparado desde minha adolescência.

Vi que o Sênior estava olhando para mim, sacudindo a cabeça e parecendo desconsolado.

— O que foi que eu lhe disse, filho? As mesmas falhas, as mesmas virtudes... mas aumentadas. Diga-lhe o que fazer.

— Sobre o quê? — perguntei estupidamente. Meu "computador" pessoal não estava funcionando bem. Estaria Minerva fazendo isso?

— Vamos, vamos! Ela ouviu minha oferta... e pensou nela, apesar de toda a programação. Lamento ter feito a oferta na presença dela... mas não demais, porque foi você que decidiu colocar um microfone em mim; não foi idéia minha. Portanto, fale! Diga-lhe para duplicar-se... ou diga-lhe para não fazê-lo... e tente dizer a ela por que não a levará com você. Se puder. Nunca consegui descobrir para isso uma resposta que uma dama estivesse disposta a aceitar.

— Ora, Minerva, você pode duplicar-se dentro de uma nave? O iate do Sênior, especificamente. Talvez você possa obter as características e especificações dele nos arquivos do porto celeste. Precisa do número de registro dele?

— Não preciso do número dele, Ira. Iate celeste *Dora*, tenho todos os dados pertinentes para responder. Posso. Tenho instruções para fazê-lo?

— Tem! — disse eu com uma sensação súbita de alívio.

— Novo programa dominante ativado e em funcionamento, Ira! Obrigado, Lazarus!

— Puxa! Devagar, Minerva... *Dora* é a minha nave. Deixei-a dormindo de propósito. Você a acordou?

— Acordei, Lazarus. Pelo autoprograma sob o novo programa dominante. Mas posso dizer a ela para ir dormir de novo agora; tenho todos os dados de que preciso no momento.

— Tente dizer a *Dora* para ir dormir de novo e ela lhe dirá para parar de zumbir. Pelo menos. No mínimo. Minerva querida, você se enganou. Não tem nenhuma autoridade para acordar a minha nave.

— Lamento muito discordar do Sênior, mas *tenho* autoridade para praticar todos os atos apropriados para executar qualquer programa fornecido a mim pelo Presidente Temporário.

Lazarus franziu as sobrancelhas.

— Você deixou-a confusa, Ira; agora, conserte-a. Não posso fazer nada com ela. Suspirei. Minerva raramente é teimosa — mas quando o é, é mais do que gente de carne e osso.

— Minerva...

— Aguardando ordens, Ira.

— Sou Presidente Temporário. Sabe o que isso significa. O Sênior é mais graduado do que eu. Você não tocará em nada dele sem sua permissão. Isso se aplica ao seu iate, à sua suíte e a tudo o mais que seja dele. Você executará qualquer programa que ele lhe der. Se este entrar em conflito com um programa que eu tiver dado e você não puder resolver o conflito, deverá consultar-me imediatamente, acordando-me se eu estiver dormindo, interrompendo o que quer que eu possa estar fazendo. Mas você *não* desobedecerá a ele. Estas instruções

prevalecem sobre todos os outros programas. Acuse o recebimento.

— Acusado e em funcionamento — respondeu ela humildemente. — Desculpe, Ira.

— A culpa foi minha, Chatinha, não sua. Eu não devia ter-lhe dado um novo programa de controle sem anotar as prerrogativas do Sênior.

— Nenhum prejuízo, garotos — disse Lazarus. — Espero. Minerva, deixe-me dar-lhe um conselho, querida. Você nunca foi passageira numa nave.

— Não, Sênior.

— Vai achá-la diferente de qualquer coisa que já experimentou. Aqui você dá as ordens em nome de Ira. Mas passageiros nunca dão ordens. *Nunca*. Lembre-se disso. — Lazarus dirigiu-se a mim: — *Dora* é uma bela navezinha, Ira, prestativa e cordial. Ela pode achar seu caminho através do espaço múltiplo apenas com um indício, a aproximação mais grosseira... e ainda preparar todas as suas refeições a tempo. Mas ela precisa sentir-se apreciada. Faça-lhe festa e diga-lhe que é uma boa garota, e ela se contorcerá como um cachorrinho. Mas ignore-a e ela derramará sopa em você só para chamar atenção.

— Terei cuidado — concordei.

— E você tenha cuidado, Minerva, porque vai precisar da boa vontade de *Dora* muito mais do que ela da sua. Você pode saber muito mais do que ela... estou certo de que sabe. Mas você cresceu para ser o burocrata principal de um planeta, ao passo que ela cresceu para ser uma nave... assim, o que você sabe não conta, uma vez a bordo.

— Posso aprender — disse Minerva em tom de lamento. — Posso autoprogramar-me para aprender "astrogação" e manejo da nave imediatamente, na biblioteca planetária. Sou muito inteligente.

Lazarus suspirou novamente.

— Ira, você conhece o antigo ideograma chinês para "problema"?

Admiti que não conhecia.

— Não procure adivinhar. É "Duas mulheres sob o mesmo teto". Vamos ter problemas. Ou você terá. Minerva, você não é inteligente. Você é estúpida... quando se trata de lidar com outra mulher. Se quer aprender astrogação de espaços múltiplos, ótimo! Mas não na biblioteca. Convença *Dora* a ensinar-lhe. Mas nunca se esqueça de que ela é senhora em sua própria nave e não tente lhe mostrar quão inteligente você é. Tenha em mente, em vez disso, que ela gosta de atenção.

— Tentarei, Sênior — respondeu Minerva com uma humildade que raramente mostrava para comigo. — *Dora* deseja a sua atenção neste momento.

— Ah... ah! Em que estado de espírito ela está?

— Não muito bom, Lazarus. Não admiti que sabia onde você estava, porque tenho instruções em vigor para não discutir os seus assuntos desnecessariamente.

Mas aceitei uma mensagem para você sem garantir poder entregá-la.

— Fez bem, Ira, os documentos com o meu testamento incluem um programa para me tirar das memórias de *Dora* sem tocar em suas habilidades. Mas o problema que você criou ao arrancar-me daquele pulgueiro espalhou-se. Ela está acordada, com suas memórias intactas, e provavelmente com medo. A mensagem, Minerva.

— São vários milhares de palavras, Lazarus, mas o conteúdo semântico é curto. Quer este primeiro?

— Está bem, com o sentido resumido.

— *Dora* quer saber onde você está e quando irá vê-la. O resto pode ser descrito como onomatopoesia, semanticamente nulo, mas altamente emocional... isto é, expressões pejorativas e insultos improváveis em várias línguas...

— Xi, rapaz!

— ... inclusive numa língua que não conheço mas que, pelo contexto e pela enunciação, deduzi ser mais da mesma coisa, porém mais forte.

Lazarus cobriu o rosto com a mão.

— *Dora* está praguejando em árabe outra vez. Ira, isto é pior do que pensei.

— Sênior, posso repetir apenas os sons que não estão nos meus vocabulários? Ou prefere a mensagem completa?

— Não, não, não! Minerva, você pragueja?

— Nunca tive motivos para isso, Lazarus. Mas fiquei muito impressionada pelo domínio de *Dora* na arte.

— Não culpe *Dora*; ela foi sujeita a más influências quando era muito jovem. Eu.

— Posso ter permissão para arquivar a mensagem dela na minha memória permanente? Para que eu possa dizer nomes feios se for necessário?

— Não tem permissão. Se Ira quisesse que você aprendesse palavras, ele mesmo lhe ensinaria. Minerva, pode conseguir uma linha telefônica da minha nave para esta suíte? Ira, é melhor eu cuidar disso agora; não vai melhorar.

— Lazarus, posso conseguir uma linha telefônica padrão, se é isso o que quer. Mas *Dora* pode falar com você imediatamente pelo duo da sua suíte, que estou usando agora.

— Ah! Ótimo!

— Devo fornecer a ela sinal holográfico também? Ou som é o bastante?

— Basta o som. É mais do que suficiente, provavelmente. Você poderá ouvir também?

— Se você desejar, Lazarus. Mas pode falar em particular, se é esse o seu desejo.

— Fique aí; posso precisar de um árbitro. Ponha-a na linha.

— Chefe? — Era a voz de uma garotinha tímida. Ela me fez pensar em joelhos ralados e nenhum seio ainda, olhos grandes e trágicos.

— Estou aqui, garota — respondeu Lazarus.

— Chefe! Que Deus atire sua alma piolhenta no inferno! O que pretendia fugindo sem me dizer onde está? De todos os imundos, infestados de pulgas...

— Cale a bocal

A voz tímida de garotinha voltou:

— Sim, senhor, capitão — disse ela, hesitante.

— Aonde vou, quando vou e quanto tempo fico não é da sua conta. Sua função é pilotar e cuidar da casa, isso é tudo.

Ouvi uma voz fanhosa, exatamente como a de uma criança pequena contendo as lágrimas.

— Sim, chefe.

— Você devia estar dormindo. Eu próprio a pus na cama.

— Alguém me acordou. Uma senhora estranha.

— Isso foi um engano. Mas você usou palavrões com ela.

— Bem... eu estava *assustada*. Estava realmente, chefe. Acordei e pensei que você tivesse vindo para casa... e você não estava em lugar nenhum, em lugar nenhum. Ah... ela falou de mim?

— Ela transmitiu sua mensagem para mim. Felizmente não compreendeu a maior parte das suas palavras. Mas eu compreendi. O que foi que eu disse a você quanto a ser amável com estranhos?

— Lamento, chefe.

— Lamentar-se não faz com que as vacas sejam ordenhadas. Agora, adorável *Dora*, escute-me. Não vou castigá-la; você foi acordada por engano, ficou assustada e sentiu-se solitária. Portanto, vamos esquecer isso. Mas você não devia falar daquela maneira com estranhos. Essa senhora... é uma amiga minha, e deseja ser sua amiga também. Ela é uma computadora...

— É?

— Da mesma forma que você, querida.

— Então ela não pode me magoar, pode? Pensei que ela estivesse dentro de mim, bisbilhotando. Por isso gritei por você.

— Não só ela não pode, como nunca vai querer magoar você. — Lazarus levantou a voz ligeiramente: — Minerva! Venha, querida, e diga a *Dora* quem é você.

A voz da minha ajudante, calma e tranqüilizadora, disse:

— Sou uma computadoradora, *Dora*, chamada Minerva pelos meus amigos... e espero que você me chame assim. Lamento terrivelmente tê-la acordado. Eu ficaria assustada também, se alguém me acordasse daquela maneira.

(Minerva nunca "dormira" naqueles cento e tantos anos desde que fora ativada. Ela descansa cada parte de si mesma segundo um certo programa que eu não preciso conhecer — mas ela própria está sempre acordada. Ou acorda tão instantaneamente sempre que falo com ela, que não se importa.)

— Como vai, Minerva? — disse a nave. — Desculpe ter falado como falei.

— Se você falou não me lembro disso, querida. Ouvi seu capitão dizer que transmiti uma mensagem sua para ele. Mas está apagada, agora que foi transmitida. Mensagem particular, suponho.

(Minerva estava dizendo a verdade? Até ela cair sob a influência de Lazarus eu diria que ela não sabia mentir. Agora não tinha mais certeza disso.)

— Alegro-me por tê-la apagado, Minerva. Lamento ter falado com você daquela maneira. O chefe está zangado comigo por causa disso.

— Ora, ora, Adorável — Lazarus interrompeu —, pare com isso. Sempre deixamos a água por cima da ponte ficar onde Jesus a lançou; você sabe disso. Quer ser uma boa garota e ir dormir outra vez?

— Tenho que fazer isso?

— Não. Você não precisa nem mesmo se colocar em marcha lenta. Mas não posso ir vê-la, ou falar com você, antes de amanhã no fim da tarde. Estou ocupado hoje e vou procurar casa amanhã. Você pode ficar acordada e aborrecer-se estupidamente da maneira que quiser. Mas, se inventar alguma emergência falsa para chamar minha atenção, vou espancá-la.

— Mas, chefe, sabe que nunca faço isso.

— Sei que você faz isso, diabrete. Mas, se me chatear por alguma coisa menos grave do que alguém tentando entrar à força em você, ou você estar pegando fogo, vai se arrepender. Se eu desconfiar de que pôs fogo em si mesma, vai apanhar duas vezes mais. Olhe, querida, por que pelo menos não dorme sempre que eu durmo? Minerva, pode avisar a *Dora* quando eu for dormir? E quando eu acordar?

— Certamente, Lazarus.

— Mas isso não significa que pode incomodar-me quando estou acordado, *Dora*, a não ser para emergências reais. Nada de treinamentos de surpresa... isto não é rotina de bordo; estamos pousados e estou ocupado. Hã... Minerva, como é sua capacidade de lazer? Joga xadrez?

— Minerva tem ampla capacidade de lazer — interrompi. Antes, porém, que eu pudesse acrescentar que ela era campeã de Secundus, com vantagem aberta limitada (com uma vantagem de Q, B de Q e R e R de K), Minerva disse:

— Talvez *Dora* me ensine a jogar xadrez.

(Bem, Minerva certamente aprendera a regra de Lazarus para dizer a verdade seletivamente. Fiz uma anotação de que precisava ter uma séria conversa em particular com ela.)

— Teria prazer nisso, srta. Minerva! Lazarus relaxou.

— Ótimo. Vocês, garotas, travem relações. Adeus, até amanhã, Adorável. Agora dê o fora.

Minerva avisou-nos de que o iate não estava mais em contato e Lazarus relaxou. Minerva voltou ao seu papel de gravadora e ficou calada. Lazarus disse, desculpando-se:

— Não se deixe iludir por seus modos infantis, Ira; você não encontrará um piloto mais hábil ou uma dona-de-casa mais metódica a bordo, daqui até o centro galáctico. Mas tive motivos para não deixá-la crescer em outros sentidos, motivos que não se aplicarão quando você assumir como seu senhor. Ela é realmente uma boa garota. Só que é como um gato que pula no colo da gente no instante em que nos sentamos.

— Achei-a encantadora.

— É uma pirralha mimada. Mas a culpa não é dela; sou praticamente a única companhia que ela já teve. Fico chateado com um computador que simplesmente murmura números, dócil como uma régua de cálculo. Não é companhia para uma viagem longa. Você queria falar com Ishtar sobre procurar uma casa para mim, não é? Diga-lhe que não deixarei isso interferir no processo. Quero apenas um dia de folga, isso é tudo.

— Direi a ela. — Virei-me para a administradora de rejuvenescimento e mudei para galacta, perguntando-lhe quanto tempo levaria para esterilizar uma suíte no palácio e instalar equipamentos de descontaminação para plantonistas e visitantes.

Antes que ela pudesse responder, Lazarus falou:

— Ei! Espere um momentinho. Acho que você entornou o caldo, Ira.

— Perdão, Sênior?

— Você tentou enganar-me. "Descontaminar" é a mesma palavra em inglês e em galacta. Não que isso seja novidade para mim; meu faro não está tão mal assim. Quando uma garota bonita se inclina para mim, espero sentir-lhe o perfume. Mas quando não posso sequer sentir o cheiro da moça e sinto o de germicidas... Bem, *ipse dixit* e QED. Minerva!

— Sim, Lazarus?

— Pode dispor de algum tempo para me fazer uma recapitulação, enquanto eu estiver dormindo esta noite, das novecentas palavras básicas em galacta, ou seja que número for preciso? Está equipada para isso?

— Certamente, Lazarus.

— Obrigado, querida. Uma noite deve bastar, mas apreciarei um treinamento de vocabulário cada noite até nós dois acharmos que adquirir uma proficiência

adequada. Pode ser?

— Pode ser, Lazarus. E o farei.

— Obrigado, querida, terminado e desligo. Agora, Ira, está vendo aquela porta? Se ela não se abrir à minha voz, vou tentar arrombá-la. Se não conseguir, vou verificar se aquele interruptor de suicídio está ou não realmente ligado... testando-o. Porque se aquela porta não se abrir, serei um prisioneiro, e quaisquer promessas que tenha feito devido às suas afirmações de que sou um agente livre não estarão valendo. Mas se ela se abrir à minha voz, aposto o que você quiser como haverá uma câmara de descontaminação atrás dela, guardada e pronta para funcionar. Digamos um milhão de coroas, para tornar a coisa interessante? Não, você não se assustou; vamos dizer dez milhões de coroas.

Espero não ter parecido assustado. Nunca tive tanto dinheiro assim, e um Presidente Temporário perde o hábito de pensar em seu próprio dinheiro; não há necessidade disso. Eu não pedia meu saldo pessoal a Minerva fazia algum tempo. Anos, talvez.

— Lazarus, não vou apostar. Sim, há uma instalação de descontaminação do lado de fora; tentamos protegê-lo de possíveis infecções sem comunicar-lhe isso. Vejo que falhamos. Não verifiquei a respeito da porta...

— Mentindo outra vez, filho. Você não é bom nisso.

— ...mas, se ela não estiver ligada à sua voz agora, foi por descuido meu; você me manteve ocupado. Minerva, se a porta para esta suíte não estiver ligada à voz do Sênior, corrija isso imediatamente.

— Ela está ligada à voz dele, Ira.

Relaxe quando vi a maneira como ela disse isso — talvez um computador que tivesse aprendido quando não ser cegamente verdadeiro fosse algo mais que um companheiro.

Lazarus sorriu diabolicamente.

— Está mesmo? Então vou começar a testar o programa superdominante que você deu a ela um tanto apressadamente. Minerva!

— Aguardando suas ordens, Sênior.

— Ligue a porta com a minha suíte, de forma que ela se abra apenas à minha voz. Vou sair e desfilar por aí... enquanto Ira e estes garotos ficam trancados aqui dentro. Se eu não estiver de volta em meia hora, pode soltá-los.

— Conflito, Ira!

— Cumpra as ordens dele, Minerva. — Tentei manter a voz baixa e firme.

Lazarus sorriu e permaneceu em sua cadeira.

— Não há necessidade de mostrar os abridores, Ira; não há nada lá fora que eu queira ver. Minerva, deixe que a porta volte ao normal. Deixe-a abrir-se a qualquer voz, inclusive a minha. Lamento aquele conflito, querida; espero que ele

não tenha queimado nada.

— Não causou nenhum dano, Lazarus. Quando me deram aquelas instruções superdominantes, aumentei as tolerâncias de sobrecarga na minha rede de resolução de problemas.

— Você é uma moça esperta. Tentarei evitar conflitos no futuro. Ira, é melhor retirar essa superdominação. Não é justo para Minerva. Ela se sente como uma mulher com dois maridos.

— Minerva pode cuidar disso — garanti a ele com mais calma do que sentia.

— Você quer dizer que é melhor *eu* cuidar disso. Cuidarei. Disse a Ishtar que vou procurar casa?

— Não fui tão longe. Estava discutindo com ela a praticabilidade de você morar no palácio.

— Ora, Ira... Palácios não me atraem, e ser hóspede é pior ainda. Uma amolação tanto para o anfitrião como para o hóspede. Amanhã encontrarei um *hilton* residencial que não receba turistas ou convenções. Depois correrei até o porto celeste para ver *Dora*, acariciar o seu traseiro e acalmá-la. No dia seguinte, ou depois, encontrarei uma casinha afastada nos subúrbios, suficientemente automatizada para não ter problemas... mas com jardim próprio. Tem que ter um jardim. Precisaréi subornar alguém para se mudar; a casa que quero não vai estar vazia. Sabe, por acaso, quanto ainda tenho no Harriman Trust? Se é que tenho alguma coisa.

— Não sei, mas isso não é problema. Minerva, abra uma conta corrente para o Sênior. Sem limite.

— Acusado, Ira. Concluído.

— Conclusão notada. Lazarus, você não seria uma amolação. E você não o achará palaciano, desde que evite as taxas públicas. É o que sempre faço. Além disso, você não será hóspede de ninguém. Ele é chamado de palácio executivo, mas o seu nome oficial é A Casa do Presidente. Você estará morando em sua própria casa. Se houver algum hóspede, esse serei eu.

— Conversa mole, Ira.

— É verdade, Lazarus.

— Pare de fazer jogo de palavras. Eu ainda seria um estranho numa casa que não fosse verdadeiramente minha. Um hóspede. Não caio nessa.

— Lazarus, você disse... ontem à noite — lembrei-me em tempo do dia perdido — que sempre pode fazer negócios com qualquer pessoa que esteja agindo em seu próprio interesse com qualquer pessoa que esteja agindo em seu próprio interesse e declare isso.

— Acho que eu disse "geralmente" em vez de "sempre"... querendo dizer que podemos então procurar uma maneira que atenda aos interesses pessoais de nós dois.

— Então me escute. Você me deixou atado com esta aposta de Xerazade. Bem como com a pesquisa para encontrar alguma coisa nova que o interesse. Agora você balançou uma isca sob o meu nariz que me faz desejar emigrar mais cedo... bem, o mais cedo possível; não levará muito tempo para os Curadores recusarem uma migração das Famílias. Vovô, é bastante aborrecido correr até aqui todos os dias; não anseio ir de carroça até o mato lá longe, a viagem tomaria o pouco tempo que me resta para trabalhar. Além disso, é perigoso.

— Morar sozinho? Ira, morei sozinho muitas vezes.

— É perigoso para mim. Assassinos. Estou seguro no palácio; o rato que conseguiria penetrar naquele labirinto ainda está para nascer. Estou razoavelmente seguro aqui dentro da clínica e posso andar de um lado para outro com segurança, sujeito apenas aos caprichos da maquinaria automática. Mas, se eu adotar um padrão diário de ir até uma casa não fortificada em algum lugar lá nos subúrbios, então é apenas uma questão de tempo até que algum maluco considere isso como uma oportunidade para salvar o mundo eliminando-me. Ah, ele não sobreviveria a isso; meus guardas não são tão ineficientes assim. Se eu insistir em me apresentar como o alvo, porém, ele pode me pegar antes que eles o peguem. Não, vovô, não pretendo ser assassinado.

O Sênior ficou pensativo, mas não impressionado.

— Eu poderia responder que sua segurança e sua conveniência estão relacionadas ao seu próprio interesse. Não ao meu.

— É verdade — admiti. — Mas deixe-me atirar as iscas que puder. É do meu interesse que você more no palácio. Lá posso visitá-lo com toda a segurança, mais até do que aqui, e a viagem se torna uma questão de segundos, desprezível. Lá, posso até pedir-lhe para me dispensar por meia hora, se aparecer alguma coisa urgente. Isso define o meu interesse. Quanto ao seu, Sênior... Você estaria interessado numa casa de campo de solteiro, bastante pequena, quatro quartos, e não especialmente moderna ou luxuosa, mas construída no meio de um jardim agradável? Possui três hectares, mas só a parte próxima da casa é ajardinada; deixou-se o resto do mato crescer desordenadamente.

— Qual é a vantagem disso, Ira? Quão moderna é "não especialmente"? Eu disse "automatizada", porque ainda não estou em condições de cuidar de mim mesmo, nem tenho paciência com as excentricidades dos empregados ou as incertezas caprichosas dos robôs.

— Ah, esta casinha é suficientemente automatizada; apenas não tem uma porção de extravagâncias complicadas. Não exige nenhum empregado se os seus gostos forem simples. Você permitirá que a clínica continue a dar plantões com você se os plantonistas forem tão agradáveis e tão agradavelmente não-intrometidos como estes dois?

— Hein? Estes garotos são bons, gosto deles. Compreendo que a clínica deseje ficar de olho em mim; eles provavelmente acham que sou mais um desafio do que apenas um cliente com trezentos ou quatrocentos anos. Está bem. Mas avise que espero sentir cheiro de perfume, não de germicidas. Ou aromas

razoavelmente frescos de corpo; não sou exigente. Repito, qual é a vantagem disso?

— Uma ova que você não é exigente, Lazarus! Você adora inventar condições impossíveis. Esta casinha está bastante atravancada com livros fora de moda; o último inquilino era excêntrico. Mencionei um pequeno regato passando pelo terreno, que deságua num pequeno lago perto da casa? Não é grande coisa, mas pode-se dar algumas braçadas nele. Ah, esqueci-me de mencionar um velho gato que acha que é dono do lugar. Mas você provavelmente não o verá; ele odeia a maioria das pessoas.

— Não o incomodarei se ele quiser ficar sozinho; os gatos são bons vizinhos. Você ainda não me respondeu.

— A vantagem é esta, Lazarus. Estive descrevendo a casa que construí para meu próprio uso na cobertura do palácio, há cerca de noventa anos, quando decidi que ficaria neste emprego por algum tempo. Só se tem acesso a ela por transporte vertical, a partir da minha moradia habitual, dois andares abaixo. Nunca tive muito tempo para usá-la; você será bem-vindo a ela. — Levantei-me. — Mas se você não ficar com ela, então pode considerar que perdi a aposta Xerazade, e tem liberdade para usar aquele interruptor final quando quiser. Porque macacos me mordam se vou servir de alvo imóvel de assassinato só para satisfazer os seus caprichos!

— Sente-se de novo!

— Não, obrigado. Fiz uma oferta razoável. Se não a aceitar, pode ir para o inferno à sua própria maneira. Não o deixarei montar nos meus ombros como o Velho do Mar. Só pode abusar de mim até aí.

— Estou vendo. Quanto represento na sua ascendência?

— Cerca de trinta por cento. Uma convergência considerável.

— Só isso? Pensei que fosse mais. Em alguns sentidos você parece o meu avô. O meu interruptor de suicídio vai também?

— Se você quiser — respondi da maneira mais indiferente que pude. — Ou pode saltar pela borda. É uma longa queda.

— Prefiro o interruptor, Ira; odiaria mudar de idéia durante a queda. Você me arranja outro meio de transporte para que eu não tenha de passar pelo seu apartamento?

— Não.

— Hein? Isso é tão difícil assim? Vamos perguntar a Minerva.

— Não é que eu não possa... não quero. Isso é um pedido pouco razoável. Não prejudica você em nada mudar de transporte no meu vestibulo. Já não tornei claro que não vou atender a mais nenhum capricho pouco razoável?

— Fique calmo, filho. Aceito. Amanhã, digamos. Não se preocupe em retirar aquele monte de livros. Gosto de livros encadernados fora de moda; têm mais sabor que leituras dinâmicas, projeções ou coisas parecidas. E estou satisfeito em

ver que você é um rato e não um camundongo. Sente-se, por favor.

Assim fiz, fingindo relutância. Sentia que estava começando a levar a melhor sobre Lazarus. Apesar da maneira como zombava deles, o velho patife era um igualitário de coração... e dava expressão a isso tentando dominar qualquer pessoa com que entrasse em contato — mas desprezava qualquer um que se submetesse às suas bravatas. Assim, a única saída era revidar os seus golpes, tentar manter um equilíbrio de poder — e esperar que, com o tempo, alcançássemos a estabilidade do respeito mútuo.

Nunca tive motivos para mudar de idéia. Ele era capaz de demonstrar bondade e até afeição para com quem aceitasse um papel subordinado — se essa pessoa fosse uma criança ou uma mulher. Ele não gostava de um homem adulto que dobrasse o joelho, nem confiava nele.

Acho que essa singularidade do seu caráter tornava-o muito solitário.

Pouco depois o Sênior disse, pensativo:

— Vai ser bom morar numa casa por algum tempo. Com um jardim. Talvez um lugar onde eu possa estender uma rede.

— Há vários lugares assim.

— Mas estou expulsando-o do seu refúgio.

— Lazarus, há tanto espaço naquela cobertura que eu poderia mandar construir outra casinha que não fosse vista da sua. Se eu quisesse. Não quero. Não subo lá nem para nadar há várias semanas. Faz pelo menos um ano que não durmo lá em cima.

— Bem... Espero que se sinta livre para subir e nadar. A qualquer momento. Ou quando quiser.

— Espero ficar lá em cima todos os dias e o dia inteiro, durante os próximos mil dias. Já esqueceu a nossa aposta?

— Ora, aquilo! Ira, você estava reclamando que com minhas maneiras extravagantes eu estava fazendo você desperdiçar o seu precioso tempo. Quer que o livre do compromisso? Não do outro, só desse.

Ri para ele.

— Endireite o seu saio, Lazarus, o seu interesse pessoal está aparecendo. Quero dizer que você quer se livrar dele. Nada feito. Pretendo gravar mil e um dias das suas memórias. Depois disso, você pode saltar pela borda, afogar-se no lago, fazer o que quiser. Mas não o deixarei sair dessa fingindo fazer-me um favor. Estou começando a compreendê-lo.

— Está? Isso é mais do que já consegui. Quando tiver acabado de me compreender, fale-me a meu respeito; estarei interessado. Essa procura de alguma coisa nova, Ira... Você disse que a havia começado.

— Eu não disse isso, Lazarus.

— Bem, talvez tenha apenas insinuado.

— Nem mesmo isso. Quer apostar? Podemos pedir a Minerva um relatório completo, depois aceitarei o seu veredicto.

— Não vamos fazer com que uma senhora se veja tentada a falsificar o relatório, Ira; ela é leal a você, não a mim. Apesar de todas as superdominâncias.

— Medroso.

— Em todas as oportunidades, Ira; como acha que vivi tanto tempo? Só aposto quando tenho certeza de ganhar ou quando perder atende ao meu verdadeiro objetivo. Está bem, quando é que você vai começar aquela pesquisa?

— Já comecei.

— Mas você disse... Não, não disse. Maldita seja a sua ousadia, rapaz. Está bem, em que direção está levando a pesquisa?

— Em todas as direções.

— Impossível. Você não tem tanta gente à sua disposição, mesmo supondo que todos sejam capazes... embora as pessoas capazes de pensamento criativo sejam menos de uma em mil.

— Não discuto. E quanto ao tipo de pessoa que você disse que era exatamente como nós... apenas aumentada? Minerva é a diretora de pesquisa disto, Lazarus. Conversei sobre o assunto com ela; está fazendo isso. Em todas as direções. Uma investigação Zwicky [{22}](#).

— Hum... Bem... sim. Ela poderia... Acho que poderia. Embora mesmo Andy Libby pudesse achar isso difícil. Como é que ela está projetando sua caixa morfológica?

— Não sei. Vamos perguntar-lhe?

— Só se ela estiver pronta para receber perguntas, Ira. As pessoas se aborrecem quando são interrompidas para fazer relatórios sobre o andamento do seu trabalho. Até Andy Libby costumava ficar irritado quando alguém o apressava.

— Mesmo o grande Libby provavelmente não tinha a capacidade de lazer que Minerva tem. A maioria dos cérebros são simplesmente lineares, e nunca ouvi falar de nenhum gênio humano que tivesse mais de três pistas.

— Cinco.

— É? Bem, você conheceu mais gênios do que eu. Mas não sei quantas pistas simultâneas Minerva pode estabelecer; simplesmente nunca a vi sobrecarregada. Vamos perguntar-lhe. Minerva, você estabeleceu a caixa morfo para aquela pesquisa de "alguma coisa nova" para o Sênior?

— Sim, Ira.

— Fale-nos a respeito disso.

— A matriz preliminar usa cinco dimensões, mas com uma certeza de que serão

necessárias dimensões auxiliares para novos escaninhos. Notado isso, há agora nove por cinco por treze por oito por setenta e três, ou trezentos e quarenta e um mil seiscentos e quarenta bolsos de categoria discreta antes das expansões auxiliares. Para verificação, a leitura trinária original é unidade par par vírgula unidade nada nada vírgula unidade par par vírgula unidade nada nada ponto nada. Devo imprimir os decimais e as expressões trinárias?

— Acho que não, Chatinha; no dia em que você cometer um engano em aritmética, terei que renunciar. Lazarus?

— Não estou interessado em escaninhos, só no que há neles. Conseguiu alguma coisa, Minerva?

— Como foi dito, Lazarus, sua pergunta não permite uma resposta específica. Devo imprimir as categorias para que você examine?

— Ah... Não! Mais de trezentas mil categorias e talvez uma dúzia de palavras para definir cada uma? Mergulharíamos em papel até os quadris. — Lazarus ficou pensativo. — Ira, você podia pedir a Minerva para imprimir isso em algum outro lugar antes de apagar. Como um livro. Um livro grande, dez ou quinze volumes. Pode chamá-lo de *Varietades da experiência humana*, de... Ah, *Minerva Weatheral*. Seria o tipo de coisa sobre a qual os professores discutiriam durante mil anos. Não estou brincando, Ira; isso deve ser preservado. Acho que é novo. É uma tarefa grande demais para gente de carne e osso, e eu duvido um pouco de que um computador do calibre de Minerva tenha sido solicitado alguma vez a fazer este tipo de Zwicky.

— Minerva, você gostaria disso? Preservar suas notas de pesquisa e editá-las em forma de livro? Digamos algumas centenas de exemplares encadernados em tamanho grande num belo formato de apresentação, mais micro memórias para as bibliotecas de Secundus e de outros lugares. Para os arquivos, também... posso pedir a Justin Foote que escreva um prefácio.

Eu estava apelando intencionalmente para a vaidade dela — e, se você pensa que os computadores não têm essas fraquezas humanas, então acho que sua experiência com eles é limitada; Minerva sempre gostou de ser apreciada, e nós dois só começamos a ser uma equipe após eu perceber isso. O que mais se pode oferecer a uma máquina? Pagamento maior e férias mais longas? Não sejamos tolos.

Mas ela me surpreendeu ainda uma vez, respondendo numa voz quase tão tímida quanto a do iate de Lazarus, e bastante formalmente:

— Senhor Presidente Temporário, seria próprio e o senhor daria permissão para eu colocar na página do título "de Minerva *Weatheral*"?

— Ora, certamente — respondi. — A não ser que você prefira assinar simplesmente "Minerva".

— Não seja idiota, filho — disse Lazarus bruscamente. — Querida, assine naquela página do título "Minerva L. Weatheral". O "L" é de "Long"... porque você, Ira, teve um filho ilegítimo com uma das minhas filhas em algum planeta

fronteiriço naqueles dias descuidados da sua juventude e só recentemente resolveu registrar o fato nos arquivos. Atestarei o registro... acontece que eu estava lá na ocasião. Mas a dra. Minerva L. Weatheral está agora em alguma parte no caminho do inferno e sumida, fazendo pesquisas para a sua próxima *magnum opus*... Não se pode entrar em contato com ela para que faça uma entrevista. Ira, você e eu vamos escrever às pressas as notas biográficas para a minha ilustre neta. Entendeu?

Respondi simplesmente que sim.

— Isso lhe convém, garota?

— Sim, realmente, Lazarus. Vovô Lazarus.

— Não precisa me chamar de Vovô. Mas quero o exemplar de apresentação o número 1, dedicado a mim, querida. "Ao meu avô Lazarus Long, com amor, Minerva L. Weatheral." Combinado?

— Ficarei orgulhosa e feliz de fazer isso, Lazarus. Uma dedicatória deve ser manuscrita, não é? Posso alterar a extensão que uso para assinar documentos oficiais para Ira... uma modificação, de forma que a dedicatória manuscrita seja diferente da sua letra.

— Ótimo. Se Ira se comportar, você pode pensar em dedicar o livro a ele e dar-lhe um exemplar com dedicatória. Mas eu receberei o primeiro exemplar. Sou mais velho... e tive a idéia. Mas, voltando à pesquisa em si... Nunca vou ler aquela obra de vinte volumes, Minerva; estou interessado apenas nos resultados. Portanto, conte-me o que você tem até agora.

— Lazarus, rejeitei experimentalmente mais da metade da matriz por apresentar coisas que os arquivos mostram que você fez, ou coisas que suponho que você não gostaria de...

— Espere! Como disse o fuzileiro: "Se ainda não fiz isso, tentarei". Quais são essas coisas que você supõe que eu não gostaria de experimentar? Vamos ouvi-las.

— Sim, Sênior. Uma submatriz, três mil seiscientos e cinqüenta bolsos envolvem todos um resultado provavelmente fatal, probabilidade de mais de noventa e nove por cento. Em primeiro lugar, explorar pessoalmente o interior de uma estrela ...

— Risque essa, vou deixá-la para os físicos. Além disso, Lib e eu fizemos isso certa vez.

— Os arquivos não mostram isso, Lazarus.

— Uma porção de coisas não estão nos arquivos. Continue.

— Modificação do seu padrão genético para fazer crescer um clone anfíbio capaz de viver nas águas do oceano.

— Não tenho certeza de estar interessado assim em peixes. Qual é a vantagem disso?

— Três vantagens, Lazarus, cada uma com risco inferior a noventa e nove por cento, mas, quando tomadas em série, totalizam quase a unidade. Esses anfíbios

pseudo-humanos já foram criados, mas os viáveis, até agora, parecem-se bastante com rãs muito grandes. As probabilidades de sobrevivência de tal criatura em comparação com outros habitantes das profundezas, estimadas em Secundus, foram calculadas teoricamente como iguais para dezessete dias, vinte e cinco por cento para trinta e quatro dias, e assim por diante.

— Acho que posso melhorar essas probabilidades. Mas jamais gostei muito de roleta-russa. Os outros riscos?

— Instalar seu cérebro no clone modificado, depois introduzi-lo novamente num clone normal mais tarde. Se você sobreviver.

— Risque essa. Se eu tiver que viver embaixo da água, não quero ser uma rã; quero ser o maior e mais cruel tubarão do oceano. Além disso, imagino que, se viver embaixo da água fosse tão interessante assim, ainda estaríamos lá. Dê-me outra amostra.

— Uma amostra tripla, Sênior. Perdido no espaço n com uma nave, sem uma nave mas com um traje, e sem sequer um traje.

— Risque todas elas. Cheguei mais perto do que gosto de pensar das duas primeiras, e a terceira é apenas uma maneira tola de se afogar no vácuo. Incômoda e desagradável. Minerva, o Todo-Poderoso, em Sua Majestosa Sabedoria, o que quer que isso signifique, tornou possível aos seres humanos morrerem pacificamente. Assim sendo, a menos que forçado, é bobagem fazer isso de maneira difícil. Portanto, cancele afogar-me em lagartas, auto-imolação e todas as maneiras tolas de morrer. Muito bem, querida; você me convenceu de que sabe do que está falando a respeito daqueles mais de noventa e nove por cento de riscos; cancele todos. Estou interessado apenas em alguma coisa nova, para mim, na qual as probabilidades de sobreviver sejam maiores do que cinquenta por cento e na qual um homem que fique alerta melhore suas probabilidades. Por exemplo, nunca ansiei cair de cachoeiras dentro de um barril. Pode-se projetar o barril de modo que se torne relativamente seguro; apesar disso, uma vez que a pessoa comece, torna-se impotente. Isso torna a proeza tola... a menos que seja a maneira mais segura para livrar-se de uma situação pior. Corridas de carro, de obstáculos, de esquis são mais interessantes, porque todas exigem habilidade. Contudo, não gosto desse tipo de perigo, tampouco. O perigo pelo gosto do perigo é coisa para crianças, que não acreditam realmente que possam morrer. Ao passo que eu sei que posso. Portanto, há uma porção de montanhas que nunca escalarei. A menos que seja obrigado, caso em que o farei... Já o fiz! Da maneira mais fácil, segura e medrosa que pude imaginar. Não se incomode com nada em que a novidade principal seja o perigo: ele não é nenhuma novidade. É simplesmente alguma coisa a ser enfrentada quando não se pode fugir. E quanto aos outros escaninhos da sua caixa?

— Lazarus, você podia transformar-se em mulher.

— Hein?

Acho que nunca vi o Sênior tão espantado. (Eu também estava, mas a afirmação

não fora dirigida a mim.)

— Minerva — continuou ele, devagar —, não estou certo do que você quer dizer. Os cirurgiões vêm transformando homens inadequados em mulheres improvisadas há mais de dois mil anos... e mulheres em homens improvisados há quase o mesmo tempo. Essas proezas não me atraem. Certo ou errado, sou homem. Suponho que todo ser humano já imaginou como seria se fosse do outro sexo. Mas nem a cirurgia plástica nem todos os tratamentos de hormônios possíveis conseguirão isso... esses monstros não se reproduzem.

— Não estou falando de monstros, Lazarus. Uma mudança de sexo verdadeira.

— Hum... Você me faz lembrar de uma história que ^{eu} quase havia esquecido. Não tenho certeza se é verdadeira.

Sobre um homem, hã, deve ter sido por volta do ano 2000 da era cristã. Não podia ser muito mais tarde porque as coisas se esfacelaram não muito tempo depois. Deviam transferir o seu cérebro para o corpo de uma mulher. Mataram-no, é claro. Rejeição de tecido estranho.

— Lazarus, isto não envolveria tal risco; seria feito com o seu próprio clone.

— Não é viável, bolas. Continue falando.

— Lazarus, isso foi testado em outros animais além do *Homo sapiens*. Funciona melhor quando se transforma um homem numa mulher. Uma única célula é selecionada para ser clonada. Antes de começar o clonamento, o cromossomo Y é retirado e é fornecido um cromossomo X de uma segunda célula do mesmo zigoto, criando assim uma célula feminina do mesmo padrão genético que o zigoto, salvo que o cromossomo X é copiado enquanto o cromossomo Y é eliminado. A célula modificada é então clonada. O resultado é um clone-zigoto verdadeiramente feminino oriundo de um original masculino.

— Deve haver algum entrave — disse Lazarus franzindo as sobrancelhas.

— Pode haver, Lazarus. O certo é que a técnica básica funciona. Há várias fêmeas fabricadas, no edifício em que você está. Cachorras, gatas, uma porca e outras... E a maioria delas têm se reproduzido com sucesso... exceto quando, por exemplo, uma cadela fabricada é acasalada com o cachorro macho que forneceu a célula para o clonamento. Isso pode produzir abortos e monstrosidades devido à alta probabilidade de reforçar os genes recessivos...

— Foi o que pensei!

— Sim. Mas os cruzamentos normais exógamos não os produzem, como indicam setenta e três gerações de criceteiros originários de uma fêmea fabricada. O método não foi adaptado à fauna nativa de Secundus devido à sua estrutura genética radicalmente diferente.

— Esqueça os animais de Secundus... e quanto aos homens?

— Lazarus, só pude pesquisar a literatura sobre itens liberados pela Clínica de Rejuvenescimento. A literatura publicada indica problemas na última fase, ativando-se o clone-zigoto feminino com as lembranças e experiências (a

"personalidade", se você preferir esse termo) do progenitor masculino. Quando eliminar o progenitor masculino, ou mesmo se se deve eliminá-lo, suscita vários problemas. Mas não estou apta a dizer se a pesquisa foi cancelada.

Lazarus virou-se para mim.

— Você permite isso, Ira? O cancelamento de pesquisas?

— Não interfiro, Lazarus. Mas eu não sabia que tal pesquisa estava sendo realizada. Vamos descobrir. — Virei-me para a administradora de rejuvenescimento, mudei para galacta, expliquei o que estávamos discutindo e perguntei que progressos haviam sido feitos com os seres humanos.

Voltei-me com as orelhas queimando. Assim que eu mencionei os seres humanos em relação a isto, ela me interrompeu abruptamente — como se eu tivesse dito alguma coisa ofensiva — e declarou que essas experiências eram proibidas.

Traduzi a resposta dela. Lazarus baixou a cabeça, concordando.

— Li a fisionomia da garota; pude perceber que a resposta era "Não". Bem, Minerva, parece que isso é tudo. Não vou tentar a cirurgia de cromossomos em mim mesmo... alguém roubou meu canivete.

— Talvez isso não seja o fim — replicou Minerva. — Ira, notou que Ishtar disse apenas que essa pesquisa era "proibida"? Ela não disse que não foi realizada. Acabei de fazer uma análise semântica muito completa da literatura publicada, à procura de implicações verdade-e-falsidade. Concluo que a probabilidade se aproxima da certeza de que se realizou muita pesquisa pertinente a seres humanos, embora elas possam não estar mais em andamento. Deseja ordenar sua publicação, Presidente? Tenho certeza de que posso congelar o computador deles com a rapidez necessária para impedir que seja apagado; supondo que isso esteja guardado por um programa com este fim.

— Não vamos fazer nada drástico — disse Lazarus em voz arrastada. — Podem existir bons motivos para que haja uma censura quanto a este material. Sou forçado a supor que estes fulanos sabem mais a respeito do assunto do que eu. Além disso, não estou certo de querer ser uma cobaia. Vamos deixar isso de lado, Minerva. Ira, não estou certo de que eu seria eu mesmo sem o meu cromossomo Y. Para não falar daquelas insinuações divertidas de como transferir a personalidade e em que ponto matar o macho. Isto é, eu.

— Lazarus...

— Sim, Minerva?

— A literatura publicada faz uma opção não só certa como segura. Este método pode ser usado para criar sua irmã gêmea... univetelina em vez de plurivetelina, salvo quanto ao sexo. Uma mãe hospedeira é indicada, sem forçar em nada a maturidade, já que se permitiria ao cérebro desenvolver-se normalmente. Isto atenderia aos seus padrões de novidade e interesse? Observar-se a si mesmo crescer como uma mulher? Você poderia chamá-la de Lazuli Long... sua outra personalidade feminina.

— Ah... — Lazarus parou.

— Vovô — eu disse secamente —, acho que ganhei a nossa segunda aposta. Alguma coisa nova. Alguma coisa interessante.

— Devagar agora! Você não pode fazer isso, não sabe como fazer. Nem eu. E a diretora deste hospício parece ter escrúpulos morais quanto ao assunto...

— Não sabemos disso. Simples dedução.

— Não tão simples. E eu posso ter escrúpulos morais. Isso não me interessaria a menos que eu ficasse por perto e a visse crescer... o que me deixaria doido tentando fazê-la crescer exatamente igual a mim (Que destino para uma moça!), ou tentando impedi-la de ser tão intratável como eu, quando essa seria sua natureza. Nem isso me justificaria de qualquer maneira; ela seria um ser humano separado, não minha escrava. Além disso, eu seria seu único progenitor... nenhuma mãe. Já fiz uma tentativa de criar uma filha sozinho... não é justo para com a garota.

— Você está inventando objeções, Lazarus. Tenho um forte palpite de que Ishtar seria com prazer tanto mãe hospedeira como adotiva. Especialmente se você prometer a Ishtar um filho dela mesma. Posso perguntar a ela?

— Fique com a sua matraca fechada, filho! Minerva, ponha isso em "pendente". Não tomarei uma decisão apressada em algo importante acerca de outra pessoa. Especialmente uma que não é bastante importante. Ira, lembre-me de contar-lhe sobre os gêmeos que não eram parentes. Mas eram gêmeos.

— Absurdo. Você está mudando de assunto.

— Estou mesmo. Minerva, o que mais você tem aí, garota?

— Lazarus, tenho um programa que envolve pouco risco e uma probabilidade quase certa de fornecer uma ou mais experiências completamente novas para você.

— Estou escutando.

— Animação suspensa...

— O que há de novo nisso? Já existia quando eu era garoto, com pouco menos de duzentos anos de idade. Usei no *Novas Fronteiras*. Não me atraiu naquela época. Não me atrai agora.

— ...como meio de viagem pelo tempo. Se você convencionar que, num número X de anos, surgirá alguma coisa verdadeiramente nova, uma certeza baseada na história, então o seu único problema é selecionar qualquer número de anos que, em sua opinião, produziriam o grau de novidade que você procura. Cem anos, mil anos, dez mil, o que quer que diga. O resto não envolve nada a não ser detalhes secundários de projeto.

— Não tão "secundários", se estarei dormindo e incapaz de me proteger.

— Mas você não precisa entrar em hibernação até ficar satisfeito com o meu projeto, Lazarus. Cem anos obviamente não são problema. Para dez mil anos eu projetaria um planetóide artificial equipado com dispositivos seguros para

garantir que você fosse revivido automaticamente em caso de emergência.

— Isso iria exigir um bocado de planejamento, garota.

— Tenho confiança na minha capacidade de fazer isso, Lazarus, mas você é livre para criticar e rejeitar qualquer parte do projeto. Contudo, não adianta eu submeter projetos preliminares até você me dar o parâmetro controlador, ou seja, o espaço de tempo que, em sua opinião, produziria alguma coisa nova para você. Ou quer o meu conselho sobre isso?

— Ora... vá com calma, querida. Vamos supor que você me ponha dentro de hélio líquido, em queda livre e completamente protegido contra a radiação ionizante...

— Nenhum problema, Lazarus.

— Não achei que houvesse, querida; não estou subestimando você. Mas suponha que em vez disso algum dispositivo minúsculo de segurança deixe de funcionar e eu continue cochilando através dos séculos e milênios sem fim. Não morto. Mas não revivido também.

— Posso projetar e projetarei meios para evitar isso. Mas deixe-me aceitar sua hipótese. Nesse caso, como você poderia estar pior do que estaria se usasse seu interruptor de opção final? O que perderia tentando isso?

— Ora, isso é óbvio! Se houver alguma coisa real nesse assunto de imortalidade, ou qualquer tipo de vida futura (não estou dizendo que haja ou não), mas, se houver, então quando for feita a Chamada de Longe não estarei lá. Estarei dormindo mas não morto, em algum lugar fora no espaço. Perderei a última nave.

— Vovô — disse eu impaciente —, pare de tentar tirar o corpo fora. Se não quer, basta dizer "Não". Mas Minerva certamente lhe ofereceu um meio de conseguir algo novo. Se há alguma base no seu argumento, o que não admito, você terá conseguido alguma coisa realmente singular: o único ser humano em muitos bilhões a deixar de entrar em forma neste Dia do Juízo Final hipotético e altamente improvável. Eu não o deixaria passar por isso, seu velho patife; você é escorregadio. Ele ignorou minha censura.

— Por que "altamente improvável"?

— Porque é. Não vou discutir isso.

— Porque não pode discutir — replicou ele. — Não há nenhuma prova contra ou a favor... portanto, como pode você atribuir uma probabilidade imprecisa em qualquer sentido? Eu estava frisando que seria desejável que, se houver alguma verdade nisso, se jogasse honestamente. Minerva, ponha isso em "pendente", também. A idéia tem tudo quanto você afirma, e não duvido da sua capacidade como projetista. Mas, assim como ao se testar um pára-quadras, é uma viagem só de ida, sem nenhuma possibilidade de mudar de idéia depois de pular. Assim, vamos examinar todas as outras idéias antes de voltar a essa... mesmo que leve anos.

— Vou continuar, Lazarus.

— Obrigado, Minerva. — Lazarus ficou pensativo, enquanto palitava os dentes com a unha do polegar. Estávamos comendo, mas eu não mencionaria interrupções para refeições, nem mencionarei outra vez. Podem imaginar quaisquer interrupções para comer e descansar que façam vocês se sentirem confortáveis. Como as histórias de Xerazade, as anedotas do Sênior eram entrecortadas de várias interrupções irrelevantes.

— Lazarus...

— Hein, filho? Eu estava sonhando acordado... com um país distante, e a moça está morta. Desculpe.

— Você podia ajudar Minerva nesta pesquisa.

— É mesmo? Parece pouco provável. Ela está mais bem equipada para conduzir essa busca de uma agulha no palheiro do que eu... ela me impressiona.

— Sim. Mas ela precisa de dados. Há estas grandes falhas no que sabemos a seu respeito. Se soubéssemos... Se Minerva soubesse daquelas cinqüenta e tantas profissões que você teve, poderia cancelar vários milhares de escaninhos de possibilidades. Por exemplo, você alguma vez foi fazendeiro?

— Várias vezes.

— É mesmo? Agora que ela sabe disso, não sugerirá nada relativo à agricultura. Embora possa haver tipos de agricultura que você nunca praticou, nenhum representaria uma novidade suficiente para atender a suas exigências rigorosas. Por que não preparar uma lista das coisas que você fez?

— Duvido poder lembrar-me de todas.

— Para isso não há remédio. Mas fazer uma lista daquelas de que você se lembra pode fazê-lo lembrar-se das outras.

— Ah... deixe-me pensar. Uma das coisas que eu fazia todas as vezes que chegava a um planeta desabitado era estudar as leis. Não para advogar. Geralmente não, embora durante um certo número de anos eu tenha sido até advogado criminalista... em San Andreas. Mas para compreender as regras locais. É difícil ter lucro, ou escondê-lo, se a gente não conhece as regras do jogo. É muito mais seguro violar uma lei com conhecimento de causa do que ignorando-a.

"Mas isso foi um tiro que saiu pela culatra, certa vez, e acabei como ministro de um Supremo Tribunal planetário... bem a tempo de salvar a minha pele. E o pescoço.

"Vejamos. Fazendeiro, advogado e juiz, e eu lhe disse que pratiquei medicina. Capitão de muitos tipos de naves, principalmente para exploração, mas algumas vezes para transporte de carga ou emigrantes... e uma vez corsário armado com uma tripulação de vagabundos que você não levaria para a casa da sua mãe. Professor... perdi esse emprego quando me apanharam ensinando aos garotos a verdade crua, um crime sério em certa parte da galáxia. Uma vez estive no tráfico de escravos, mas por baixo... eu era escravo."

Fingi ignorar tal fato:

— Não posso imaginar isso.

— Infelizmente não tive que imaginar. Padre... Precisei interromper novamente:

— Padre? Lazarus, você disse ou insinuou que não tinha nenhuma fé religiosa de qualquer tipo.

— Foi mesmo? Mas fé é para a congregação, Ira; isso atrapalha um padre. Professor numa casa de encontros...

— Desculpe-me novamente. Uso idiomático?

— Hein? Gerente de um prostíbulo... embora eu tocasse um pouco de pianola e cantasse. Não ria; eu tinha uma voz bastante boa, então. Isso foi em Marte... Você ouviu falar de Marte?

— O planeta seguinte ao Velho Lar Terra. Sol 4.

— É. Não é um planeta que nos importaria hoje. Mas isto foi antes de Andy Libby mudar as coisas. Foi antes mesmo de a China destruir a Europa, mas depois de a América sair dos negócios espaciais, o que me deixou em dificuldades. Deixei a Terra após aquela reunião de 2012 e não voltei por um certo tempo... o que me evitou muitos aborrecimentos, não posso reclamar. Se aquela reunião se tivesse encaminhado em outra direção... Não, estou errado; quando uma fruta está madura ela cai, e os Estados Unidos estavam podres de maduros. Nunca seja pessimista, Ira; um pessimista geralmente está mais certo que um otimista, mas um otimista se diverte mais... e nenhum dos dois pode deter a marcha dos acontecimentos.

"Mas estávamos falando de Marte e do emprego que tive lá. Um emprego temporário, em troca de café e bolos... mas agradável, porque eu era também leão-de-chácara. As moças eram todas boas meninas, e era um prazer pôr para fora algum palerma que estivesse se comportando mal com elas. Atirava-o fora com tanta força, que ele caía. Depois o colocava na lista negra para que ele não pudesse voltar. Depois de um ou dois como esse a cada noite, espalhou-se o boato de que Daze "Feliz" exigia um comportamento cavalheiresco em relação às senhoras, não importava quanto gastador o homem fosse.

"A prostituição é como o serviço militar, Ira. É bom nos postos superiores, não tão bom mais embaixo. Aquelas moças estavam constantemente recebendo ofertas para comprarem seus contratos e se casarem... e todas elas se casaram, acho eu, mas estavam ganhando dinheiro tão depressa que não ficavam ansiosas para agarrar a primeira oferta. Principalmente porque, quando assumi, pus um fim ao preço fixo que o governador da colônia havia estabelecido, e restabeleci a lei da oferta e da procura. Não havia nenhum motivo para que aquelas garotas não cobrassem cada rublo que o tráfico pudesse render.

"Tive problemas com isso até que o preboste para descanso e cultura do governo metesse na sua cabeça dura que preços abusivos não funcionam numa situação de penúria. Marte já era bastante desagradável sem procurar roubar aquelas poucas pessoas que o tornavam tolerável. Ou mesmo encantador, quando elas

estavam felizes em seu trabalho. As prostitutas desempenham a mesma função que os padres, Ira, porém muito mais completamente.

"Deixe-me ver... Fui rico muitas vezes e sempre perdi a fortuna, geralmente para o governo, que inflacionava o dinheiro ou confiscava (*nacionalizava* ou *liberava*) alguma coisa de minha propriedade. Não deposite sua fé nos príncipes, Ira; uma vez que não produzem, sempre roubam. Fui pobre mais vezes do que fui rico. Dos dois, ser pobre é mais interessante, porque um homem que não sabe de onde virá sua próxima refeição nunca se aborrece. Pode ficar com raiva ou muitas outras coisas... mas não aborrecido. Sua situação aguça seus pensamentos, incita-o à ação, dá sabor a sua vida, quer ele saiba disso quer não. Pode fazê-lo cair numa armadilha, é claro; é por isso que a comida é a isca habitual nas armadilhas. Mas essa é a parte interessante da pobreza: como resolver o problema sem cair na armadilha. Um homem com fome tende a perder o juízo... um homem que perdeu sete refeições muitas vezes está pronto para matar... o que raramente é uma solução. "Redator de publicidade, ator (mas eu fiquei pobre demais na época), acólito, engenheiro construtor e de várias outras especialidades, e mecânico também de várias especialidades, porque sempre acreditei que um homem inteligente pode dedicar-se a qualquer coisa desde que se esforce para aprender como ela funciona durante um certo tempo. Não que eu insistisse em trabalho especializado quando a minha próxima refeição estava em jogo; muitas vezes empunhei uma bengala de idiota..."

— Expressão idiomática?

— Uma velha expressão usada pelos operários de estradas de ferro, filho, uma bengala com uma lâmina de pá numa extremidade e um idiota na outra. Nunca fiz isso por mais que alguns dias, apenas o suficiente para compreender a organização local. Líder político... Fui até político reformista, certa vez.. mas apenas uma vez: os políticos reformistas tendem não só a ser desonestos, como estupidamente desonestos... embora a atividade política seja honesta.

— Não acho isso, Lazarus. A história parece mostrar...

— Use a cabeça, Ira. Não quero dizer que um político de carreira não roube. Roubar é o seu negócio. Mas *todos* os políticos são improdutivos. A única mercadoria que qualquer político tem a oferecer é falar demais. Sua integridade pessoal... quero dizer, se ele der sua palavra, você poderá confiar nela? Um político de carreira bem-sucedido sabe disto e protege sua reputação mantendo seus compromissos, porque quer continuar no negócio, isto é, continuar roubando, não só esta semana como no ano que vem e nos anos seguintes. Assim, se ele for bastante esperto para ser bem sucedido neste comércio muito exigente, pode ter a moral de uma tartaruga mordedora, mas deve comportar-se de maneira a não arriscar a única coisa que tem para vender: sua reputação de manter as promessas.

"Um político reformista, porém, não tem nenhum carisma desses. Sua dedicação é ao bem-estar de todas as pessoas... uma abstração muito elevada e, portanto, passível de definições intermináveis, se realmente puder ser definida em termos

significativos. Em conseqüência disso, o político reformista totalmente sincero e incorruptível é capaz de faltar à palavra três vezes antes do café da manhã (não por desonestidade pessoal, porque ele lamenta sinceramente que isso seja necessário, conforme ele lhe diria, mas por dedicação inabalável ao seu ideal).

"Tudo de que ele precisa para faltar à sua palavra é alguém chegar-lhe ao ouvido e convencê-lo de que isso é necessário para o bem maior do povo. Ele engolirá isso.

"Após acostumar-se a isso, ele será capaz de roubar no jogo de paciência. Felizmente é raro ele ficar no cargo muito tempo... exceto durante a decadência de uma cultura."

— Devo aceitar sua palavra quanto a isso, Lazarus — afirmei. — Tá que passei a maior parte da minha vida em Secundus, pouco sei de política além de teorias. Você a fez dessa maneira.

O Sênior contemplou-me fixamente, com desprezo:

— Não fiz nada disso. — Mas...

— Ora, cale-se! Você mesmo é um político... um político de carreira, espero. Essa proeza de transportar seus dissidentes, contudo, deixa-me em dúvida. Minerva! "Caderno de notas", querida. Minha intenção, ao deixar Secundus para a Fundação, foi estabelecer um governo barato e simples... uma tirania constitucional, na qual o governo fosse proibido de fazer muitas coisas... e ao querido povo, abençoados sejam seus negros coraçõezinhos moles, não era dada absolutamente qualquer vez.

"Eu não tinha muita esperança nisso. O homem é um animal político, Ira. Evitar que ele faça política é tão impossível quanto evitar que ele copule... e provavelmente não se deve tentar. Mas eu era jovem, então, e cheio de esperança. Esperava manter a política na esfera privada, mantê-la fora do governo. Achei que a organização poderia durar um século ou coisa parecida; estou espantado por ter durado tanto. Isso não é bom. Este planeta está supermaduro para a revolução... e, se Minerva não descobrir alguma coisa melhor para eu fazer, posso aparecer com outro nome, o cabelo tingido, o nariz diminuído, e começar uma. Portanto, fique avisado, Ira."

Encolhi os ombros.

— Você se esquece de que vou emigrar.

— Ah! sim. Embora a perspectiva de fazer abortar uma revolução possa fazê-lo mudar de idéia. Ou talvez você gostasse de ser o chefe do meu estado-maior... depois derrubar-me com um *coup d'état* quando terminar o tiroteio e mandar-me para a guilhotina. Isso seria uma coisa nova... nunca tive tendência a perder a cabeça por causa de política. Não deixa muito para um bis, deixa? "Uma bosta, uma besta, uma cabeça na cesta... isso não pode responder às perguntas que você fizer." Desce a cortina, nenhum agradecimento.

"Mas as revoluções podem ser divertidas. Contei-lhe como consegui cursar a universidade até o fim? Operando um canhão Gatling ¹²³¹ por cinco dólares o

dia, mais a pilhagem. Nunca cheguei a mais do que cabo, porque cada vez que tinha dinheiro suficiente para outro semestre, eu desertava... E, sendo um mercenário, nunca fui tentado a tornar-me um herói morto. Mas a aventura e a mudança de ambiente atraem um jovem... e eu era muito moço.

"Mas a sujeira, a perda de refeições e o sibilar das balas nos ouvidos da gente deixam de ser glamourosos à medida que se cresce; quando me tornei militar novamente, o que não foi uma idéia inteiramente minha, escolhi a marinha. A marinha molhada, embora eu estivesse na marinha espacial em ocasiões posteriores, e com outros nomes.

"Vendi quase tudo, exceto os escravos, e trabalhei como leitor de pensamentos numa *troupe* ambulante; fui rei certa vez (uma profissão superestimada, as horas são longas demais), e desenhei moda feminina com um nome e sotaque francês falsos e cabelos compridos. Talvez a única vez em que usei cabelos compridos, Ira; não só o cabelo comprido exige um bocado de cuidados que tomam tempo, como dá ao seu adversário alguma coisa onde se agarrar na luta corpo a corpo, e pode atrapalhar sua visão num momento crítico... qualquer dos dois pode ser fatal. Mas não sou favorável a um corte do tipo bola de bilhar, porque um espesso emaranhado de cabelos, não muito compridos a ponto de caírem sobre os seus olhos, pode salvá-lo de um ferimento sério no couro cabeludo."

Lazarus pareceu parar de pensar.

— Ira, não vejo como possa registrar todas as coisas que fiz para me sustentar e às minhas mulheres e filhos, ainda que pudesse lembrar-me. O tempo mais longo que fiquei num emprego foi cerca de meio século, em circunstâncias muito especiais, e o mais curto foi de após o café da manhã até pouco antes do almoço, novamente numa circunstância especial. Mas não importa onde ou o quê; há os que fazem, os que tomam e os que fingem. Prefiro a primeira categoria, porém não rejeitei as outras duas. Sempre que fui chefe de família (isto é, geralmente), nunca permiti que o escrúpulo me impedisse de pôr comida na mesa. Não roubaria a comida de outra criança para alimentar as minhas... mas há sempre alguma maneira não muito repugnantemente falsa de acumular *valuta*^[24] se um homem não for muito exigente, o que nunca fui enquanto tive obrigações para com minha família.

"A gente pode vender coisas que não tenham valor intrínseco, tais como histórias ou canções. Trabalhei em todos os ramos da profissão artística... inclusive uma ocasião na capital de Fátima, quando fiquei agachado na praça do mercado com uma cuia de metal diante de mim, contando uma história mais comprida do que esta e esperando o tilintar de uma moeda nas pausas críticas.

"Fiquei reduzido a isso porque minha nave tinha sido confiscada e os estrangeiros não tinham permissão de trabalhar sem licença... uma alta extorsão sob a teoria de que os empregos deviam ser reservados aos cidadãos locais em caso de depressão. Contar histórias de graça não era considerado um trabalho, nem tampouco mendigar, o que exigia licença, e os guardas me deixavam em paz desde que eu desse voluntariamente o habitual presente diário para o Fundo de

Beneficência da Polícia.

"Era ou conformar-se com alguma artimanha dessas, ou ficar reduzido a roubar... o que é difícil quando não se conhece as minúcias locais de uma cultura. Apesar disso, eu me teria arriscado se não tivesse mulher e três filhos pequenos. Tal fato me fez hesitar, Ira; um chefe de família não deve assumir riscos que um solteiro considere aceitáveis.

"Assim, fiquei sentado lá até o osso do meu rabo gastar as pedras do calçamento, contando tudo, desde os contos de Grimm até as peças de Shakespeare, e não deixando minha mulher gastar dinheiro em nada, a não ser comida, até economizarmos o bastante para comprar aquela permissão para trabalhar, mais a gratificação habitual. Depois os superei completamente, Ira."

— Como, Lazarus?

— Devagar, mas definitivamente. Aqueles meses na praça do mercado haviam-me dado um grau de sofisticação no *Quem é quem* daquela sociedade e o conhecimento de suas vacas sagradas. Depois continuei lá durante anos... não tinha escolha. Mas primeiro fui batizado na religião local, recebendo um nome mais aceitável no processo, e decorei o Alcorão. Não exatamente o mesmo Alcorão que eu conhecera alguns séculos antes, mas valeu a pena o esforço.

"Vou deixar de lado como entrei na Corporação dos Latoeiros e consegui meu primeiro emprego consertando aparelhos de televisão... tive meu primeiro salário retido para pagar minha contribuição à corporação, isto é, com um acordo particular não muito caro com o Grão-Mestre Latoeiro. Esta sociedade era atrasada em tecnologia; seus costumes não encorajavam o progresso e eles haviam ficado mais atrasados do que quando vieram da Terra, cerca de cinco séculos antes. Isso fez de mim um mágico, Ira, e podia ter acabado enforcado se não tivesse o cuidado de ser filho fiel (e mão-aberta) da igreja. Assim, quando tive condições para tanto, vendi de porta em porta artigos eletrônicos novos e astrologia antiquada... usando conhecimentos que eles não tinham para os primeiros e imaginação livre para a segunda.

"Finalmente, tornei-me o substituto principal do próprio funcionário que havia confiscado a minha nave e minhas mercadorias anos antes, e o estava ajudando a ficar mais rico ao mesmo tempo que eu ficava rico. Se ele me reconheceu, nunca o disse... uma barba muda bastante a minha aparência. Infelizmente ele caiu em desfavor e terminei no lugar dele."

— Como conseguiu isso, Lazarus? Sem ser apanhado, quero dizer.

— Ora, ora, Ira! Ele era meu benfeitor. Isso estava no meu contrato, e sempre me dirigi a ele como tal. Os caminhos de Alá são misteriosos. Fiz um horóscopo para ele, avisando-o de que suas estrelas estavam em má posição. E estavam mesmo. Aquele sistema é um dos poucos que conheço com dois planetas utilizáveis em torno da mesma estrela, ambos colonizados e com comércio entre si. Artefatos e escravos...

— "Escravos", Lazarus? Embora eu tenha conhecimento de tal prática em Supremo, não pensei que esse vício fosse tão comum. Não é econômico.

O velho fechou os olhos, manteve-os fechados por tanto tempo que pensei que tivesse dormido (muitas vezes dormia durante os primeiros dias destas conversas). Depois os abriu e falou bastante sombriamente:

— Ira, esse vício é muito mais comum do que os historiadores geralmente mencionam. Antieconômico, sim... uma sociedade com escravos não pode competir com uma livre. No entanto, sendo a galáxia tão grande, geralmente não há essa competição. A escravatura pode existir e existe em muitas ocasiões e lugares, sempre que as leis são feitas de modo a permiti-la.

"Eu disse que faria quase qualquer coisa para sustentar minha mulher e meus filhos... e fiz; removi excremento humano com pá por uma ninharia, enterrado nele até os joelhos, para não deixar uma criança com fome. Mas nisto eu não tocarei.

Não é devido ao fato de eu mesmo ter sido escravo uma vez, sempre pensei assim. Pode ser uma crença ou algo mais digno, uma profunda convicção moral. O que quer que seja, para mim está fora de discussão. Se o animal humano afinal de contas tem algum valor, ele é valioso demais para ser uma propriedade. Se ele tem alguma dignidade interior, é orgulhoso demais para ser proprietário de outros homens. Não importa quão limpo e perfumado ele possa ser, um dono de escravos é subumano.

"Mas isso não significa que eu corte a garganta quando encontro tal situação, ou não teria vivido o meu primeiro século. Porque há outra coisa má quanto à escravidão, Ira; é impossível libertar os escravos, eles têm que se libertar por si mesmos."

Lazarus franziu a testa.

— Você me fez pregar outra vez, e sobre assuntos que possivelmente não posso provar. Depois de ter posto as mãos na minha nave, mandei fumigá-la, inspecionei-a toda eu mesmo e carreguei-a com artigos que achei que podia vender; embarquei alimentos e água para a carga humana para a qual ela tinha sido adaptada, dei uma semana de folga ao capitão e à tripulação e notifiquei o Protetor dos Servos, isto é, o feitor de escravos do Estado, de que carregaríamos logo que o capitão e o comissário de bordo estivessem de volta.

"Depois levei minha família para uma inspeção da nave num feriado. De alguma forma o Protetor dos Servos ficou desconfiado; insisti em percorrer a nave conosco. Assim, tivemos que levá-lo junto quando decolamos de lá, muito subitamente, pouco depois de minha família estar a bordo. Demos o fora daquele sistema e nunca mais voltamos. Mas, antes de descermos num planeta civilizado, eu e os meus rapazes, dois deles já crescidos então, removemos qualquer sinal de ela ter sido alguma vez uma nave de escravos, embora isso significasse dispensar materiais que eu poderia ter vendido."

— E quanto ao Protetor dos Servos? — perguntei. — Ele não criou problemas para você?

— Fiquei imaginando se você ia notar isso. Atirei o bastardo no espaço! Vivo. Ele foi daquele jeito, os olhos esbugalhados e urinando sangue. O que é que você

esperava que eu fizesse? Que o beijasse?

Contraponto III

Quando estavam sós, na intimidade de um transporte, Galahad perguntou a Ishtar:

— Você falou a sério na sua proposta ao Sênior? De ter uma prole com ele?

— Como poderia estar brincando na presença de duas testemunhas, uma delas o próprio Presidente Temporário?

— Não vejo como. Mas por quê, Ishtar?

— Porque sou uma sentimental atávica!

— Você precisava ser rude comigo?

Ela pôs um braço em volta dos ombros dele e segurou-lhe a mão.

— Desculpe, querido. Foi um dia longo... e não dormi muito a noite passada, por mais doce que fosse. Estou preocupada com várias coisas... e o assunto que você abordou não é algo que me deixe indiferente.

— Eu não devia ter perguntado. Foi uma invasão de intimidade... Não sei o que deu em mim. Vamos esquecer o assunto? Por favor!

— Querido, querido! Eu sei o que deu em mim... e em parte é por isso que sou tão pouco emocional profissionalmente. Deixe-me colocar isso desta maneira: se você fosse mulher, não agarraria uma oportunidade de fazer uma proposta dessas? A ele?

— Não sou mulher.

— Sei que não é, você é deliciosamente masculino. Mas tente por um momento ser tão lógico como uma mulher. Tente!

— Os homens não são necessariamente ilógicos; esse é um mito feminino.

— Desculpe. Preciso tomar um tranqüilizante no momento em que chegarmos em casa, coisa de que não precisei durante anos. Mas tente pensar no assunto como se você fosse mulher. Por favor! Por vinte segundos.

— Não preciso de vinte segundos. — Ele ergueu a mão dela e beijou-a. — Se eu fosse mulher, agarraria essa oportunidade, também. O melhor padrão genético comprovado que se pode oferecer a uma criança? Naturalmente.

— Não é isso absolutamente! Ele pestanejou.

— Talvez eu não saiba o que você entende por lógica.

— Ah... isso importa? Já que chegamos à mesma resposta? — O carro desviou-se e parou num bolsão de carregamento; ele levantou-se. — Portanto, vamos esquecer isso. Estamos em casa, querido.

— Você está. Eu não. Penso que...

— Os homens não pensam.

— Penso que você precisa de uma noite de descanso, Ishtar.

— Você vestiu isto em mim; agora tem que me despir.

— É mesmo? Então insiste em me alimentar e não quer ter aquela longa noite de sono, afinal de contas. Além disso, pode puxá-lo por cima da cabeça, da mesma maneira como fiz para você na descontaminação.

Ela suspirou.

— Galahad, se é que escolhi o nome certo para você, terei que oferecer-lhe um contrato de coabitação simplesmente porque posso convidá-lo para passar a noite comigo outra vez? E provável que nenhum de nós durma nada esta noite.

— Era isso que eu estava dizendo.

— Não exatamente. Porque pode ser que trabalhemos a noite inteira. Mesmo que você prefira gastar três minutos com o nosso prazer mútuo.

— Três minutos? Não fui tão apressado assim nem da primeira vez.

— Bem. Cinco minutos?

— Está me oferecendo vinte minutos... mais um pedido de desculpas.

— Homens! Trinta minutos, querido, e nenhum pedido de desculpas.

— Aceito. — Ele levantou-se.

— Cinco dos quais você já gastou discutindo. Portanto, venha comigo... meu querido exasperante.

Ele acompanhou-a até dentro do vestibulo.

— O que é isso sobre "trabalhar a noite inteira"?

— E amanhã também. Vou saber quando conferir o que está no meu telefone. Se não houver nada, terei que ligar para o Presidente Temporário, por mais que odeie fazer isso. Tenho que examinar aquela cabana da cobertura, ou o que quer que seja, e ver que preparativos podem ser feitos para cuidar dele lá. Depois nós dois o mudaremos; não posso delegar isso. Depois...

— Ishtar! Você vai concordar com isso? Habitat não-estéril, nenhum equipamento de emergência, e assim por diante?

— Querido... você está impressionado pelo meu cargo; o sr. Weatheral não está. E o Sênior nem está impressionado pela autoridade do sr. Weatheral; o Sênior é o Sênior. Fiquei esperando que o sr. Presidente Temporário descobrisse alguma maneira de convencê-lo a adiar tal mudança. Mas não descobriu. Portanto, agora tenho duas alternativas: fazer isso à moda dele... ou desistir completamente. Como a diretora fez. O que não farei. E isso não me deixa nenhuma alternativa. Assim, esta noite vou inspecionar seus novos alojamentos e ver o que pode ser feito entre agora e amanhã de manhã. Embora seja impossível tornar um lugar daqueles estéril, talvez ele possa ficar mais conveniente antes de o Sênior vê-lo.

— E equipamento de emergência, não se esqueça disso, Ishtar.

— Como se eu fosse esquecer, seu tolinho. Agora me ajude a sair desta maldita coisa... quero dizer, "este lindo vestido que você desenhou para mim e do qual o Sênior claramente gostou". Por favor.

— Então fique de pé, parada, e cale a boca.

— Não faça cócegas. Ah, droga, lá está o telefone tocando! Tire isso de mim, querido, depressa!

Variações Sobre um Tema IV

Amor

Lazarus se espreguiçou na sua rede e cocou o peito.

— Hamadriade ^[25] — disse ele —, essa não é uma pergunta fácil. Aos dezessete anos eu estava certo de estar amando. Mas era simplesmente uma questão de hormônio em excesso e auto-ilusão. Foi mais de mil anos mais tarde que senti a coisa verdadeira, e não reconheci isso durante anos, porque havia deixado de usar tal palavra.

A "filha bonita" de Ira Weatheral pareceu confusa, enquanto Lazarus achou novamente que Ira estivera errado: Hamadriade não era bonita; era tão espantosamente linda que teria alcançado os mais altos preços no leilão de Fátima, com feitores iskandrianos de olhos duros superando os lances uns dos outros na crença de que ela seria um bom investimento. Se o Protetor da Fé não se apropriasse dela para si mesmo...

Hamadriade não parecia saber que sua aparência era excepcional. Mas Ishtar sabia. Nos primeiros dez dias em que a filha de Ira tinha feito parte da "família" de Lazarus (assim ele os considerava — um termo bastante bom porque Ira, Hamadriade, Ishtar e Galahad eram todos seus descendentes e agora com o privilégio de chamá-lo de "vovô", desde que não exagerassem), naqueles primeiros dias Ishtar havia demonstrado uma tendência infantil de colocar-se entre Hamadriade e Lazarus, e também entre Hamadriade e Galahad, mesmo quando isso exigia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Lazarus havia observado, divertido, essa dança de terreno e imaginara se Ishtar sabia que estava fazendo isso. Provavelmente não, decidiu ele. Sua supervisora de rejuvenescimento era toda dever e nenhum senso de humor, e teria ficado chocada se tivesse sabido que havia voltado à adolescência.

Mas isso não durou muito. Era impossível não gostar de Hamadriade, porque ela permanecia calmamente amável, não importava o que acontecesse. Lazarus ficou imaginando se isso era um padrão de comportamento desenvolvido conscientemente para protegê-la contra suas irmãs menos dotadas — ou simplesmente sua natureza. Ele não havia tentado descobrir. Mas Ishtar agora tendia a sentar-se ao lado de Hamadriade, ou mesmo a fazer espaço entre si mesma e Galahad para Hamadriade, e a deixá-la servir as refeições e coisas assim — "dona-de-casa" assistente, de fato.

— Se eu tiver que esperar mil anos para compreender essa palavra — replicou Hamadriade —, então provavelmente nunca a compreenderei. Minerva diz que ela não pode ser definida em galacta e, mesmo quando falo em inglês clássico, acho que penso em galacta, o que significa que não domino realmente o inglês.

Já que a palavra "amor" ocorre tão freqüentemente na antiga literatura inglesa, achei que minha falha em compreendê-la pudesse ser um bloqueio que me impede de pensar em inglês.

— Bem, vamos mudar para galacta e dar uma volta. Em primeiro lugar, sempre se pensou muito pouco em inglês; não é uma língua adequada ao pensamento lógico. Pelo contrário, é uma língua emocional lindamente adaptada para encobrir falácias. Uma língua racionalizante, não uma língua racional. Mas a maior parte das pessoas que falavam inglês não tinham mais noção do sentido da palavra "amor" do que você, embora a usassem o tempo todo. — Lazarus acrescentou: — Minerva! Vamos fazer outro estudo da palavra "amor". Quer juntar-se a nós? Se quiser, mude para o seu modo pessoal.

— Obrigada, Lazarus. Alô, Ira... Ishtar... Hamadriade... Galahad — respondeu a voz de contralto desencarnada. — Estou e estava no modo pessoal, e geralmente estou, agora que vocês me deram permissão para usar meu discernimento. Você está com bom aspecto, Lazarus, cada dia mais moço.

— Sinto-me mais moço. Mas, querida, quando você mudar para o modo pessoal deve dizer-nos.

— Desculpe, vovô!

— Não fique tão humilde! Diga apenas: "Alô, estou aqui". Isso é tudo. Se você conseguisse dizer-me, ou a Ira, apenas uma vez, para ir para o inferno, seria bom para você. Limparia os seus circuitos.

— Mas não desejo dizer isso para nenhum de vocês.

— É aí que está o erro. Se você andasse com *Dora*, aprenderia a fazer isso. Você falou com ela hoje?

— Estou falando com *Dora* agora, Lazarus. Estávamos jogando xadrez mágico em cinco dimensões, e ela está me ensinando canções que você lhe ensinou. *Dora* me ensina uma canção, depois eu canto um primeiro papel de tenor enquanto ela harmoniza em soprano. Estamos fazendo isto em tempo real porque estamos tocando pelos alto-falantes em nossa sala de controle e ouvindo a nós mesmas. No momento, estamos cantando a história de *Riley de um testículo*. Gostariam de nos ouvir?

— Não, não, essa não. — Lazarus esquivou-se.

— Ensaíamos várias outras. *Lil Pernalonga, A balada de Jak Yukon e Bill Craca...* eu canto a história enquanto *Dora* canta em soprano e contralto. Ou talvez *Quatro prostitutas vieram do Canadá...* essa é engraçada.

— Não, Minerva. Desculpe, Ira; minha computadora está corrompendo a sua computadora. — Lazarus suspirou. — Não planejei isso dessa maneira; eu queria apenas que Minerva cuidasse dela para mim. Já que tenho a única nave retardada deste setor.

— Lazarus — disse Minerva reprovadamente —, não acho que seja correto dizer que *Dora* é retardada. Ela é bastante inteligente, acho eu. Não compreendo

por que você diz que ela está me corrompendo.

Ira estivera deitado na grama, tomando banho de sol com um lenço sobre os olhos. Rolou de bruços e apoiou-se num cotovelo.

— Nem eu, Lazarus. Esta última eu gostaria de ouvir. Lembro onde e o Canadá... era. Ao norte do país em que você nasceu.

Lazarus contou em silêncio, depois disse:

— Ira, sei que tenho preconceitos ridículos para um homem moderno e civilizado como você. Não posso evitá-lo; estou orientado pela primeira infância, impressionado como um patinho. Se você quer ouvir canções obscenas de uma era bárbara, por favor escute-as em seu apartamento... não aqui em cima. Minerva, *Dora* não compreende essas canções; para ela são canções de ninar.

— Nem eu as compreendo, Sênior, apenas teoricamente. Mas são alegres, e gostei de aprender a cantar.

— Bem... Está certo. Quanto ao mais, *Dora* tem se comportado?

— Ela tem sido uma boa menina, vovô Lazarus, e acho que está satisfeita com a minha companhia. Ficou um pouco chateada por não ter-lhe contado uma história na hora de dormir, ontem à noite. Mas eu lhe disse que você estava muito cansado e já dormia, e contei-lhe eu mesma uma história.

— Mas... Ishtar! Perdi um dia? — Sim, Sênior.

— Cirurgia? Não notei nenhum lugar novo cicatrizado. A técnica chefe principal hesitou.

— Vovô, só discutirei procedimentos se você insistir. Não faz bem a um cliente lembrar-se dessas coisas. Espero que não insista. Espero mesmo, Sênior.

— Hum! Está bem, está bem. Mas, da próxima vez em que suprimir um dia, ou uma semana, ou o que quer que seja, avise-me. Para que eu possa deixar uma história para a hora de dormir no arquivo com Minerva. Não, isso não vai funcionar; você não vai querer que eu saiba. Está bem, deixarei as histórias no arquivo com Minerva, e em vez disso você a avisará.

— Avisarei, vovô. É bom quando o cliente coopera, especialmente prestando tão pouca atenção ao que fazemos quanto possível. — Ishtar deu um sorriso rápido.

— O cliente que mais rezeamos é outro rejuvenescedor. Preocupa-se e tenta dirigir as coisas.

— Não é de admirar. Eu sei, querida, tenho esse hábito horrível de tentar dirigir as coisas eu mesmo. A única maneira de evitá-lo é ficar fora da sala de controle. Portanto, quando eu ficar muito abelhudo, diga-me para calar a boca. Mas como estamos indo? Quanto tempo mais tenho que ficar?

Ishtar respondeu com hesitação:

— Talvez este seja o momento em que eu deva dizer-lhe para... "calar a boca".

— Isso mesmo! Porém com mais firmeza, querida. "Dê o fora da minha sala de controle, seu bestalhão com titica na cabeça, e *fique* fora!" Faça-o *entender* que,

se ele não *pular*, você o atirá dentro do calabouço da nave. Agora tente novamente.

— Vovô, você é um velho impostor! — Ishtar deu um sorriso largo.

— Bem que desconfiei há muito tempo. Eu esperava que isso fosse notado. Está bem, o assunto é "amor". Minerva, Hamaquerida contou que você lhe disse que isso não pode sei definido em galacta. Tem alguma coisa a acrescentar?

— Experimentalmente sim, Lazarus. Posso guardar minha resposta até os outros falarem?

— Como quiser. Galahad, você fala menos e ouve mais do que qualquer outra pessoa da família. Quer experimentar?

— Bem, Sênior, eu não tinha percebido que havia qualquer mistério quanto a "amor" até ouvir Hamadriade perguntar a respeito disso. Mas ainda estou aprendendo inglês. Pelo método naturalista, da mesma maneira que uma criança aprende sua língua materna. Nada de gramática, nada de sintaxe, nada de dicionário... apenas ouvir, falar e ler. Adquiro novas palavras pelo contexto. Por esse método adquirei uma sensação de que "amor" significa o êxtase partilhado que pode ser obtido através do sexo. Está certo?

— Filho, odeio dizer isto... porque, se você andou lendo um bocado em inglês, vejo como chegou a essa opinião. Mas você está cem por cento errado.

Ishtar pareceu espantada. Galahad simplesmente ficou pensativo.

— Então devo voltar a ler um pouco mais.

— Não se incomode, Galahad. A maior parte daqueles escritores que você andou lendo empregam mal a palavra exatamente dessa maneira. Bolas, eu mesmo empreguei-a mal durante anos; isso é um exemplo importante da perfídia da língua inglesa. Mas, o que quer que seja "amor", não é sexo. Não estou depreciando o sexo. Se há um objetivo na vida mais importante do que duas pessoas cooperarem para fazer uma criança, todos os filósofos da história não foram capazes de descobri-lo. E, no intervalo entre dois bebês, as sessões práticas sustentam o nosso prazer pela vida e tornam tolerável o fato de que criar um bebê é uma trabalhadeira do inferno. Contudo, isso não é amor. Amor é algo que ainda continua quando *não* se está sexualmente excitado. Assim estipulado, quem quer experimentar? Ira, e quanto a você? Sabe inglês melhor do que os outros. Fala-o quase tão bem como eu.

— Falo melhor do que você, vovô; falo inglês gramatical, o que você não faz.

— Não me goze, rapaz; dou-lhe um corretivo adequado. Shakespeare e eu nunca deixamos a gramática interferir na maneira de nos expressarmos. Ora, ele me disse certa vez...

— Ora, pare com isso! Ele morreu três séculos antes de você nascer.

— Morreu, é? Certa vez abriram sua sepultura e encontraram-na vazia. O fato é que ele era meio irmão da rainha Elizabeth e pintou o cabelo para tornar a verdade menos óbvia. O outro fato é que estavam chegando perto dele, por isso

acionou o interruptor. Já morri dessa maneira várias vezes. Ira, o testamento dele deixou sua "segunda melhor cama" para sua mulher. Verifique quem recebeu sua melhor cama e você vai começar a perceber o que aconteceu realmente. Quer tentar definir "amor"?

— Não. Você mudaria as regras novamente. Tudo quanto fez até agora foi dividir o campo da experiência chamada "amor" nas mesmas categorias em que Minerva a dividiu quando você fez esta mesma pergunta semanas atrás, ou seja, "Eros" e "Ágape". Mas você evitou usar essas palavras técnicas para os subcampos, e com este sofisma tentou excluir o termo geral de um subcampo e daí afirmar que o termo a ser definido estava limitado ao outro subcampo... o que lhe permitiu definir "amor" como identicamente igual a Ágape. Mas novamente sem usar essa palavra. Não vai funcionar, Lazarus. Para usar sua própria metáfora, vi-o empalmar aquela carta.

Lazarus sacudiu a cabeça, admirado.

— Você é muito eficiente, rapaz; fiz um bom serviço quando o avaliei. Algum dia, quando tivermos tempo a perder, vamos discutir o solipsismo.

— Desista disso, Lazarus. Você não pode impor-se a mim da maneira como fez com Galahad. As subcategorias ainda são Eros e Ágape. Ágape é raro; Eros é tão comum que era quase inevitável que Galahad adquirisse a sensação de que Eros fosse a significação total da palavra "amor". Agora você o confundiu injustamente, já que ele supõe, incorretamente, que você é uma autoridade digna de confiança a respeito da língua inglesa.

Lazarus riu entre dentes.

— Ira, meu rapaz, quando eu era garoto, vendiam essa coisa às carradas. Essas palavras técnicas foram inventadas por especialistas de gabinete do mesmo tipo que os teólogos. O que dá a elas o mesmo valor que os manuais sobre sexo escritos por padres celibatários. Filho, evitei essas categorias elaboradas porque são inúteis, incorretas e ilusórias. Pode haver sexo sem amor e amor sem sexo, e situações tão confusas que ninguém pode identificar o que é o quê. Mas amor pode ser definido, uma definição exata que não recorra à palavra "sexo", ou a perguntas exclusivas através do uso de palavras tais como "Eros" e "Ágape".

— Então defina — disse Ira. — Prometo não rir.

— Ainda não. O problema em definir com palavras alguma coisa tão básica como o amor é que a definição não pode ser compreendida por ninguém que não o tenha sentido. É como o velho dilema de explicar um arco-íris a uma pessoa cega de nascença. Sim, Ishtar, sei que você pode instalar olhos clonados numa pessoa dessas atualmente... mas esse dilema era inevitável na minha mocidade. Naquela época podia-se ensinar a um desses infelizes toda a teoria física do espectro eletromagnético, dizer-lhe precisamente que frequências o olho humano pode ver, explicar exatamente como os mecanismos da refração e da reflexão produzem a imagem de um arco-íris, qual sua forma e como as frequências são distribuídas até ele saber tudo a respeito de arco-íris no sentido científico... mas ainda não se podia fazê-lo sentir a maravilha de tirar o fôlego que a visão de um

arco-íris inspira no homem. Minerva, querida, você olha alguma vez para um arco-íris?

— Sempre que possível, Lazarus. Sempre que uma das minhas extensões sensoriais possa ver um. É fascinante!

— É isso. Minerva pode ver um arco-íris, um homem cego, não. A teoria eletromagnética é irrelevante para a experiência.

— Lazarus — acrescentou Minerva —, é possível que eu veja um arco-íris melhor do que alguém de carne e osso. Meu alcance visual é de três oitavas, de mil e quinhentos a doze mil angstroms ^{26}.

Lazarus assoviou.

— Ao passo que eu mal chego a uma oitava. Diga-me, garota, você vê combinações harmoniosas naquelas cores?

— Ah, certamente!

— Hum! Não tente explicar-me essas outras cores; tenho que continuar sendo meio cego. — Lazarus acrescentou: — Isso me faz lembrar de um cego que conheci em Marte, Ira, quando eu estava dirigindo aquele centro recreativo. Ele...

— Vovô — interrompeu o Presidente Temporário numa voz cansada —, não nos trate como crianças. Certamente você é o homem mais velho vivo... mas a pessoa mais moça aqui, aquela minha filha que está sentada ali lançando-lhe olhares ternos, é tão velha quanto o vovô Johnson quando você o viu pela última vez; Hamadriade vai fazer oitenta anos no próximo aniversário. Ham, minha querida, quantos amantes você teve?

— Santo Deus, Ira... quem é que conta?

— Recebeu dinheiro alguma vez para isso?

— Não é da sua conta, papai. Ou você ia oferecer-me algum?

— Não seja irreverente, querida; ainda sou seu pai. Lazarus, acha que pode chocar Hamadriade com palavras comuns? A prostituição não é um grande negócio aqui; há amadoras demais tão dispostas quanto ela. Apesar de tudo, os poucos bordéis que temos em Nova Roma fazem parte da Câmara de Comércio. Mas você devia experimentar uma de nossas melhores casas de diversões... ou seja, o Eliseu. Após estar completamente rejuvenescido.

— Boa idéia — concordou Galahad. — Para comemorar. Logo que Ishtar lhe faça o exame físico final. Como meu convidado, vovô; eu ficaria honrado. O Eliseu tem tudo, desde massagens e condicionamento hipnótico até a comida mais requintada e os melhores espetáculos. Ou diga o que quiser e eles fornecerão.

— Espere um momento — protestou Hamadriade. — Não seja um sujeito egoísta, Galahad. Faremos disso uma comemoração a quatro. Ishtar?

— Certamente, querida. Será divertido.

— Ou a seis, com uma companhia para Ira. Papai?

— Posso ser tentado, querida, para a festa de aniversário de Lazarus... embora você saiba que geralmente evito lugares públicos. Quantos rejuvenescimentos, Lazarus? É assim que contamos este tipo de festa de aniversário.

— Não seja bisbilhoteiro, rapaz. Como diz sua filha: "Quem é que conta?" Não me importaria com um bolo de aniversário, igual ao que eu costumava ter quando criança. Mas apenas uma vela no meio basta.

— Um símbolo fálico — concordou Galahad. — Um antigo signo de fertilidade... apropriado para um rejuvenescimento. E sua chama é igualmente um antigo símbolo de vida. Deve ser uma vela que funcione, não uma imitação. Se pudermos descobrir uma.

Ishtar pareceu contente.

— Naturalmente! Deve haver um fabricante de velas em alguma parte. Senão aprenderei como fazê-la eu mesma. Vou projetá-la, também... semi-realista, mas um tanto estilizada. Embora possa fazê-la um retrato verdadeiro, vovô; sou uma escultora amadora razoável. Aprendi isso quando estudei cirurgia cosmética.

— Espere um minuto! — protestou Lazarus. — Tudo quanto quero é uma vela simples de cera... depois soprá-la e fazer um pedido. Obrigado, Ishtar, mas não se incomode. E obrigado, Galahad, eu pagarei a conta... mas poderia ser uma festa de família aqui mesmo, onde Ira não se sinta como um pato numa galeria de tiro. Olhem, crianças, já vi todos os tipos possíveis de casas alegres e domos de prazer. A felicidade está no coração, não nessas coisas.

— Lazarus, não vê que as crianças querem oferecer-lhe uma festa extravagante? Elas gostam de você... embora somente a Causa Primeira saiba por quê.

— Bem...

— Mas pode ser que não haja conta nenhuma. Acho que me lembro de alguma coisa daquela lista anexada ao seu testamento. Minerva... a quem pertence o Eliseu?

— É uma corporação subsidiária das Empresas de Serviços de Nova Roma Ltda., que por sua vez pertence à Sheffield-Libby Associados. Em resumo, Lazarus é o dono.

— Maldição! Quem investiu meu dinheiro nisso? Andy Libby, bendita seja sua doce alma tímida, deveria estar se retorcendo na sepultura... se eu não o tivesse colocado girando em órbita em torno do último planeta que descobrimos juntos, onde foi morto.

— Lazarus, isso não está nas suas memórias.

— Ira, eu já lhe disse, uma porção de coisas não estão nas minhas memórias. O pobre sujeitinho começou a ter um dos seus pensamentos profundos e não ficou atento. Eu o pus em órbita porque prometi a ele, quando estava morrendo, levá-lo de volta para o seu Ozarks^[27] nativo. Tentei, cerca de cem anos mais tarde,

mas não pude encontrá-lo. Farol apagado, suponho. Está bem, crianças, teremos uma festa na minha casa alegre, e vocês podem provar qualquer coisa que o lugar tenha a oferecer. Onde estávamos? Ira, você ia definir "amor".

— Não, você ia falar-nos sobre um cego em Marte, quando estava dirigindo aquele bordel.

— Ira, você é grosso como vovô Johnson. Este cara, o Barulhento... não me lembro do nome dele direito, se é que tinha algum. Barulhento era uma dessas pessoas como você, que apenas trabalha, indiferente. Um cego podia viver bastante bem naquele tempo, pedindo esmolas, e ninguém fazia pouco dele, já que não havia meio algum de se recuperar a visão de um homem.

"Mas Barulhento não estava satisfeito de viver à custa das outras pessoas; ele trabalhava no que podia. Tocava acordeom e cantava. Esse era um instrumento operado por foles que forçavam o ar sobre palhetas quando se tocava em suas teclas... música bem bonita. Eram populares até que a eletrônica afastou do mercado a maioria dos instrumentos musicais mecânicos.

"Barulhento apareceu certa noite, sem o seu traje de pressão no quarto de vestir hermético, e estava tocando e cantando antes de eu perceber que ele havia entrado.

"Minha política era 'Negocie, pague ou viaje'... é claro que a casa podia pagar uma cerveja para um velho freguês temporariamente sem dinheiro. Mas Barulhento não era freguês; era um bêbado... com aspecto e cheiro de bêbado, e eu estava a ponto de botá-lo para fora. Aí vi aquele trapo em volta dos seus olhos e parei.

"Ninguém põe um cego para fora. Ninguém lhe cria nenhum problema. Fiquei de olho nele mas deixei-o em paz. Ele nem se sentou. Apenas tocou aquele Steinway de ventre quebrado e cantou, não se saindo muito bem em nenhum dos dois, e deixei de lado a pianola para não interrompê-lo. Uma das garotas começou a passar o chapéu para ele.

"Quando ele chegou à minha mesa, convidei-o a se sentar e paguei-lhe uma cerveja... e me arrependi; ele fedia um bocado. Agradeceu-me e falou-me de si mesmo. Mentiras, principalmente."

— Como as suas, vovô?

— Obrigado, Ira. Disse que tinha sido chefe de máquinas numa das grandes naves da Harriman até acontecer o acidente. Talvez tivesse sido astronauta; nunca o peguei em falso. Não que tentasse. Se um cego quisesse afirmar ser o herdeiro legítimo do Santo Império Romano, eu embarcaria na história... qualquer um embarcaria. Talvez ele fosse algum tipo de mecânico do espaço, artífice ou coisa parecida. Provavelmente era um mineiro transportado que não tivera cuidado ao usar a pólvora.

"Quando revistei o lugar na hora de fechar, encontrei-o dormindo na cozinha. Não podia admitir isso, tínhamos um refeitório higiênico. Assim, levei-o para um quarto vazio e coloquei-o na cama, pretendendo dar-lhe café pela manhã e fazê-

lo seguir calmamente o seu caminho... eu não estava dirigindo uma espelunca.

"Teria um bocado a dizer sobre isso. Vi-o na hora do café, sem dúvida. Mas mal o reconheci. Duas das garotas haviam-lhe dado um banho, aparado seu cabelo, feito sua barba e o vestido com roupas limpas (minhas). Haviam jogado fora o trapo sujo que ele usava sobre os olhos arruinados e substituído por uma bandagem branca limpa.

"Parentes, não reme contra a corrente. As garotas tinham liberdade para possuir animais de estimação; eu sabia o que atraía os fregueses, e não era o que eu tocava na pianola. Se aquele animalzinho ficava de pé sobre duas pernas e comia mais do que eu, apesar disso eu não ia discutir. O Salão Hormônio seria o lar de Barulhento enquanto as garotas quisessem conservá-lo.

"Levei algum tempo, contudo, para perceber que Barulhento não era apenas um parasita com casa e comida de graça, e provavelmente nossa mercadoria também, como extraía dinheiro dos nossos fregueses... Não, ele estava fazendo sentir o seu peso no barco. Meus livros no fim do primeiro mês em que esteve conosco mostraram um lucro bruto superior e o líquido mais ainda."

— A que você atribui isso, Lazarus? Já que ele estava competindo pelo dinheiro dos seus fregueses.

— Ira, será que tenho que pensar tudo por você? Não, Minerva pensa a maior parte. Mas será possível que você nunca tenha pensado na parte econômica num tipo de espelunca como essa? Há três fontes de receita: o bar, a cozinha e as próprias garotas. Nada de drogas... As drogas estragam as três fontes principais. Se um cliente estivesse drogado e demonstrasse isso, ou mesmo puxasse um cigarro de maconha, fazia-o sair rapidamente e mandava-o para a fila do chinês.

"A cozinha era para fornecer refeições às garotas, que pagavam casa e comida numa base de custo ou de um pequeno prejuízo. Mas servia também comida a noite inteira a quem quer que a pedisse, e isso dava lucro, já que suas despesas indiretas eram cobertas de qualquer maneira pela alimentação das garotas. O bar também passou a dar lucro após eu despedir um garçom com três mãos. As garotas ficavam com sua receita, toda a que o movimento desse, mas pagavam à casa uma cota fixa por cada trepada ou uma cota tripla se passassem a noite inteira com um freguês. Alguma garota podia roubar um pouco, e eu fechava os olhos... mas, se roubasse demais ou muitas vezes, ou um cidadão reclamasse de ter sido roubado enquanto dormia, eu tinha uma conversa com ela. Nunca houve nenhum problema verdadeiro; elas eram damas e, além disso, eu tinha meios de fiscalizá-las sem que soubessem, bem como olhos atrás da minha cabeça.

"As queixas de roubo enquanto dormiam eram as que davam mais trabalho, mas lembro-me apenas de uma que foi por culpa da garota em vez do cidadão... simplesmente revoguei seu contrato, deixei-a ir embora. Na queixa comum, o safado não era roubado enquanto dormia; simplesmente mudava de idéia após ter entregue dinheiro demais nas mãozinhas ávidas e ela ter feito o que ele havia pedido... depois tentava roubá-la enquanto ela dormia. Mas eu podia sentir o cheiro desse tipo de safado e ficava ouvindo por um microfone; depois entrava

de repente quando a confusão começava. Esse tipo de sujeito confiado eu punha para fora com tanta força que ele quicava duas vezes."

— Vovô, alguns deles não eram grandes demais para isso?

— Não realmente, Galahad. O tamanho não conta muito numa briga... embora eu sempre estivesse armado contra problemas reais. Mas, se eu tivesse que pegar um homem, não tinha escrúpulo nenhum de como pegá-lo. Se a gente der um pontapé no saco de um homem sem nenhum aviso, isso o acalmará pelo tempo suficiente de atirá-lo fora.

"Não se assuste, Hamaquerida; seu pai garantiu que você não ficaria chocada. Mas eu estava falando do Barulhento e de como ele ganhou dinheiro para nós e um pouco para si mesmo também.

"Neste tipo de espelunca de fronteira o freguês comum entra, toma um drinque enquanto examina as garotas, escolhe uma pagando-lhe um drinque... vai para o quarto dela, depois vai embora. Tempo gasto: trinta minutos; líquido para a casa: mínimo.

"Isto foi antes do Barulhento. Depois que o Barulhento chegou, a coisa ficou mais ou menos assim: o freguês tomava um drinque como antes. Talvez pagasse um segundo drinque para a garota em vez de interromper a canção de um cego. Levava a garota para o quarto dela. Quando voltava, Barulhento estava cantando *Frankie e Johnnie* ou *Quando o traficante conheceu minha prima*, sorrindo e declamando um verso para ele... e o freguês se sentava, ouvia até o fim... e perguntava ao Barulhento se ele conhecia *Olhos escuros*. Claro, Barulhento conhecia, mas em vez de admitir isso pedia ao cidadão para dar-lhe a letra e cantarolá-la e ele veria o que poderia fazer a respeito disso.

"Se o freguês tivesse *valuta*, ainda estaria lá três horas mais tarde, tendo jantado e pago o jantar para uma das garotas, gratificado Barulhento com bastante prodigalidade, e pronto para uma repetição com a mesma garota ou outra. Se tivesse dinheiro, ficaria a noite inteira, dividindo-o entre as garotas e o Barulhento e entre o bar e a cozinha. Se gastasse tudo quanto possuía e tivesse sido um bom freguês (bem-comportado, assim como generoso com o seu dinheiro) eu lhe dava cama e café da manhã fiado e insistia para que voltasse. Se estivesse vivo no dia de pagamento seguinte, era certo ele voltar. Senão, tudo o que a casa perdia era o custo de um café da manhã... nada em comparação com o que ele havia gasto. Propaganda barata de boa vontade.

"Depois de um mês assim, tanto a casa como as garotas fizeram muito mais dinheiro; e elas não trabalharam muito mais, porque passaram parte do seu tempo tomando drinques especiais (água colorida, metade do preço para a casa, metade para a garota), enquanto ajudavam o cidadão a ouvir as canções nostálgicas do Barulhento. Bolas, uma garota não gosta de trabalhar como um mouro mesmo que geralmente goste do seu trabalho, como muitas delas gostavam. Mas nunca se cansavam de ficar sentadas ouvindo as canções do Barulhento.

"Deixei de tocar a pianola, exceto, talvez, enquanto o Barulhento comia. Tecnicamente eu era um músico melhor... mas ele tinha aquela qualidade indefinível que vende uma canção; podia fazer os outros chorar ou rir. E tinha um milheiro delas. Uma ele chamava de *O perdedor de nascença*. A música não valia grande coisa, era apenas:

*'Tátá pum pum!
Tátá pum pum!
Tá t'tá tá tá pum pum...'*

"... sobre um cara que nunca consegue levar a coisa até o fim. Assim:

*'Há uma espelunca que vende cerveja
Ao lado do salão de sinuca
Onde se pode passar algumas horas agradáveis.*

*Há um bordel
Em cima do salão de sinuca
Onde minha irmã ganha a vida.
Ela é uma boa garota;
Posso conseguir com ela comida e bebida
Ou uma nota de cinco ou mesmo de dez dólares*

*Quando estiver duro
Ou os cavalos
Tiverem corrido muito devagar...'*

"É assim, pessoal. Porém continua."

— Lazarus — disse Ira —, você está murmurando ou cantando essa música todos os dias desde que chegou aqui em cima. Inteira. Uma dúzia de versos ou mais.

— Realmente, Ira? Murmuro e canto; sei disso. Mas eu mesmo não ouço. É como o ronronar de um gato; isso quer dizer apenas que estou funcionando bem, painel todo verde, operando em velocidade de cruzeiro. Significa que me sinto seguro, relaxado e feliz... e, pensando nisso, sinto-me mesmo.

"Mas *O perdedor de nascença* não tem apenas uma dúzia de versos; tem centenas. O que cantei foi apenas um pedaço do que o Barulhento costumava cantar. Ele estava sempre mexendo nas músicas, alterando-as, fazendo acréscimos. Acho que esta não começava como a dele; parece que me lembro de uma música sobre um sujeito cujo sobretudo estava geralmente no prego, há muito tempo, quando eu era muito moço e começava a constituir minha primeira família na Terra.

"Mas essa música pertencia ao Barulhento quando ele acabou de modificar o

número de série e alterar os seus versos. Ouvi-a novamente, ah, deve ter sido vinte, vinte e cinco anos mais tarde, num cabaré em Luna City. Cantada pelo Barulhento. Mas ele a havia alterado. Consertou a escansão ^[28], deu-lhe um esquema de rimas apropriado e elaborou melhor a música. Mas esta ainda era reconhecível... num tom menor, mais patético, e as palavras eram ainda sobre o espertalhão de terceira classe cujo sobretudo estava sempre no prego e que vivia à custa da irmã.

"E ele havia mudado também. Tinha um instrumento brilhante, novo, um uniforme espacial feito sob medida, estava grisalho nas têmporas... e com cartaz de astro. Paguei a um garçom para dizer-lhe que Daze 'Feliz' estava na platéia (não era o meu nome então, mas o único nome pelo qual o Barulhento me conhecia) e, após sua primeira apresentação, veio até onde eu estava e deixou-me pagar-lhe um drinque, enquanto trocávamos mentiras e falávamos dos nossos dias felizes no velho e querido Salão Hormônio.

"Não mencionei que ele nos havia deixado um tanto abruptamente e que as garotas entraram em declínio por causa disso, preocupadas por ele poder estar morto numa vala... Não o mencionei porque ele também não o fez. Mas tive que investigar o seu desaparecimento porque o meu pessoal ficou um desmoralizado com isso, que o lugar parecia um necrotério, o que não é ambiente para um bordel. Consegui descobrir que ele havia embarcado no *Gyrfalcon* quando este estava prestes a decolar para Luna City e não o havia deixado. Então disse às garotas que o Barulhento tivera uma oportunidade repentina de ir para casa novamente, mas havia deixado uma mensagem com o capitão do porto para cada uma delas. Depois acrescentei mais mentiras para personalizar a despedida que ele não havia feito. Isso as animou e acabou com a tristeza. Elas ainda sentiam falta dele, mas todas compreenderam que conseguir uma viagem para casa não era coisa que ele pudesse desprezar... E, já que se havia lembrado de enviar uma mensagem para cada uma delas, sentiram-se apreciadas.

Mas acontece que ele se lembrou delas e mencionou cada uma pelo nome. Minerva querida, aqui está a diferença entre um homem que ficou cego e um que nunca pôde ver. O Barulhento podia ver um arco-íris sempre que quisesse, de memória. Ele nunca deixou de ver, mas o que ele via era sempre lindo. Eu havia compreendido isso, um pouco, quando estávamos em Marte juntos, porque... não riam... ele achava que eu era tão bonito como você, Galahad. Disse-me que podia dizer como eu era pela minha voz, e descreveu-me para mim mesmo. Tive a cortesia de dizer que ele me lisonjeava, mas deixei a coisa morrer aí quando ele respondeu que eu era modesto demais... embora eu não seja bonito agora e não fosse então, e a modéstia nunca tenha sido um dos meus vícios.

"Mas o Barulhento achava que todas as garotas eram lindas também... e de certo modo pode ser que isso fosse verdade, e certamente várias delas eram bonitas.

"Mas ele me perguntou o que acontecera com Olga, e acrescentou: 'Nossa, que gracinha que ela era!'

"Meus parentes, Olga não era nem feia, era horrível! Seu rosto era como uma torta de lama, suas formas pareciam um saco de aniagem. Só num posto avançado como Marte ela conseguia sobreviver. O que ela possuía era uma voz suave e quente e uma personalidade encantadora... o que bastava, porque um freguês podia escolhê-la pela seleção de Hobson^{29} numa noite atarefada. Uma vez tendo feito isso, no entanto, escolhia-a em outra ocasião deliberadamente. O que quer dizer, queridos, que a beleza atrai um homem para a cama, mas não o trará de volta uma segunda vez, a menos que ele seja demasiado moço ou muito estúpido."

— O que é que o traz de volta uma segunda vez, vovô? — perguntou Hamadriade. — Técnica? Controle muscular?

— Você recebeu alguma queixa, querida?

— Bem... não.

— Então você sabe a resposta e está brincando comigo. Nenhum dos dois. É a capacidade de fazer um homem feliz, principalmente se você mesma fica feliz... uma qualidade mais espiritual do que física. Olga tinha-a em quantidade.

"Eu disse ao Barulhento que Olga se casara pouco depois da partida dele, que estava feliz e com três filhos da última vez em que tive notícias dela... o que era absolutamente mentira, porque ela havia morrido acidentalmente. As garotas vociferaram por causa disso; eu mesmo não me sentia bem, e fechamos a casa durante quatro dias. Mas não podia dizê-lo ao Barulhento; Olga tinha sido uma das primeiras a adotá-lo, havia ajudado a dar banho nele e roubado algumas roupas minhas para ele, enquanto eu dormia.

"Mas todas elas o adotaram e nunca brigaram por causa dele. Não me desviei do nosso assunto neste relato desconexo sobre o Barulhento; ainda estamos definindo 'amor'. Alguém quer tentar fazê-lo agora?"

— O Barulhento amava cada uma delas — disse Galahad.

— Foi isso que você esteve dizendo.

— Não, filho, ele não amava nenhuma delas. Gostava delas, sim... mas ele deixou-a sem olhar para trás.

— Então você esteve dizendo que elas o amavam.

— Correto. Uma vez que você saiba a diferença entre o que ele sentia por elas e o que elas sentiam por ele, estaremos quase lá.

— Amor materno — disse Ira, acrescentando rudemente:

— Lazarus, está tentando dizer-nos que o amor materno é o único amor que existe? Homem, você está fora de si!

— Provavelmente. Mas não tanto assim. Eu disse que elas o adotaram; não disse uma palavra sobre amor materno.

— Ah... ele dormiu com elas todas?

— Não ficaria surpreso, Ira. Nunca tentei descobrir. De qualquer maneira, é

irrelevante.

Hamadriade dirigiu-se ao pai:

— Ira, o amor materno não pode ser o que estamos tentando definir; muitas vezes é apenas um sentimento de dever. Dois dos meus pirralhos eu tentei afogar, como você deve ter imaginado ao ver os pequenos demônios que eram.

— Filha, todos os seus filhos são crianças encantadoras.

— Ah, lá vem ele! É preciso ter cuidados maternos com os bebês a qualquer custo, senão eles crescerão como monstros piores ainda. O que você achava do meu filho Gordon quando bebê?

— Uma criança encantadora.

— Realmente? Vou dizer isso a ele... se algum dia eu tiver um filho homem chamado Gordon. Desculpe, querido pai, eu não devia ter preparado esta armadilha para você. Lazarus, Ira é um avô perfeito que nunca esquece um aniversário. Mas desconfeiei de que Minerva cuidava dessas coisas para ele, e agora sei. Certo, Minerva? Minerva não respondeu.

— Ela não está trabalhando para você, Hamadriade — disse Lazarus.

— Naturalmente que Minerva cuida dessas coisas para mim! — disse Ira bruscamente. — Minerva, quantos netos tenho?

— Cento e vinte e sete, Ira, contando o menino que vai nascer na semana que vem.

— Quantos bisnetos? E quem vai ter o menino?

— Quatrocentos e três, Sênior. A esposa atual do seu filho Gordon, Marian.

— Mantenha-me informado. Esse era o bebê Gordon a que me referia, srta. Espertinha; o Gordon filho de Gordon... Ah, com Evelyn Hedrick, acho eu. Lazarus, eu enganei você. A verdade é que vou emigrar porque os meus descendentes estão me expulsando deste globo pela quantidade.

— Papai, você vai emigrar realmente? Não é apenas conversa?

— Isso ainda é um alto segredo até depois da Reunião Decenal dos Curadores, querida. Mas vou. Quer vir junto? Galahad e Ishtar resolveram ir; eles vão montar uma loja de rejuvenescimento para a colônia. Você terá de cinco a dez anos para aprender alguma coisa de útil.

— Vovô, você vai?

— Pouco provável até o enésimo grau, minha querida. Já vi colônias.

— Pode ser que você mude de idéia. — Hamadriade levantou-se e virou-se para Lazarus. — Proponho-lhe, na presença de três testemunhas... quatro; Minerva é a melhor testemunha possível... um contrato de coabitação e prole, prazo a ser escolhido por você. — Ishtar pareceu estupefata, depois ficou com a fisionomia inexpressiva; os outros não disseram nada.

— Minha neta — respondeu Lazarus —, se eu não estivesse tão velho e cansado, daria uma surra em você.

— Lazarus, sou sua neta apenas por cortesia; você tem menos de oito por cento da minha ascendência total. Menos do que isso em termos do gene dominante, com uma pequena probabilidade de reforço desfavorável em desaparecimento; os fatores recessivos maus foram suprimidos. Vou mandar-lhe meu padrão genético para que examine.

— Não é essa a questão, querida.

— Lazarus, tenho certeza de que você se casou com seus descendentes no passado; há algum motivo de discriminação contra mim? Se me disser, talvez eu possa corrigi-lo. Devo acrescentar que esta proposta não está condicionada à sua migração. — Hamadriade continuou: — Ou pode ser para prole apenas, embora ficasse orgulhosa e feliz se me permitisse viver com você.

— Por quê, Hamadriade? Ela hesitou.

— Não sei como responder, Sênior. Achei que podia dizer "Eu o amo"... mas aparentemente não sei o que a palavra significa. Portanto, não tenho nenhuma palavra em qualquer das línguas para descrever a minha necessidade... e fui em frente sem isso.

— Eu a amo, querida... — disse Lazarus amavelmente. O rosto de Hamadriade se iluminou.

— ...e por esse mesmo motivo devo recusá-la. — Lazarus olhou em volta. — Amo vocês todos, Ishtar, Galahad... até esse seu pai horrível e malcriado, querida, sentado ali com ar preocupado. Agora sorria, querida, porque tenho certeza de que há machos sem fim ansiosos por se casar com você. Sorria você também, Ishtar... mas você não, Ira; isso racharia o seu rosto. Ishtar, quem vai substituir você e Galahad? Não, não me importa quem estiver programado. Posso ficar só o resto do dia?

Ela hesitou.

— Vovô, posso deixar alguém no posto de observação?

— Você deixará de qualquer maneira. Mas quer limitá-los aos botões e mostradores ou o que quer que usem? Nada de olhos ou ouvidos em cima de mim? Minerva lhe dirá se eu me comportar mal... estou certo disso.

— Não haverá nem olhos nem ouvidos sobre você, Sênior. — Ishtar levantou-se.

— Vamos, Galahad. Hamadriade?

— Um momento, Ish. Lazarus... eu o ofendi?

— O quê? Absolutamente, minha querida.

— Pensei que você estivesse com raiva de mim por causa... do que propus.

— Ah, bobagem! Hamaquerida, esse tipo de proposta nunca ofende ninguém; é o mais alto cumprimento que um ser humano pode fazer a outro. Mas me confundiu. Agora sorria; dê-me um beijo de boa-noite. Venha ver-me amanhã se quiser. Todos vocês me dêem um beijo de boa-noite; ninguém está magoado com ninguém. Ira, pode ficar mais um pouco, se desejar.

Como crianças dóceis, eles assim fizeram. Depois entraram na casa de Lazarus e

tomaram o transporte para baixo.

— Um drinque, Ira? — perguntou Lazarus.

— Só se você tomar também.

— Então ficaremos sem beber. Ira, você pôs isso na cabeça dela?

— Hein?

— Sabe o que quero dizer. Hamadriade. Primeiro Ishtar, agora Hamadriade. Você manipulou todo este negócio desde o momento em que me arrancou daquele pulgueiro onde eu estava morrendo calma e decentemente. Vem tentando novamente me envolver em qualquer plano que tenha no fundo da cabeça, acenando rabos bonitinhos debaixo do meu nariz? Isso não vai funcionar, cara.

O Presidente Temporário respondeu calmamente:

— Posso negar isso... e fazê-lo chamar-me de mentiroso pela centésima vez. Sugiro que pergunte a Minerva.

— Só fico imaginando se isso seria alguma garantia. Minerva!

— Sim, Lazarus?

— Foi Ira que preparou isto? Com alguma das garotas?

— Pelo que sei não, Lazarus.

— Isso é uma evasiva, querida?

— Lazarus, não posso mentir para você.

— Bem... acho que pode se Ira quiser que você minta, mas não adianta perguntar-lhe isso. Dê-nos intimidade por alguns momentos, querida... modo de gravação apenas.

— Sim, Lazarus.

— Ira — Lazarus continuou —, preferia que você tivesse respondido "Sim". Porque a outra única explicação é uma de que não gosto. Não sou bonito e os meus modos não são atraentes para as mulheres... portanto, o que nos resta? O fato de ser o homem vivo mais velho. As mulheres se vendem por motivos estranhos e nem sempre por dinheiro. Ira, não pretendo servir de reprodutor para coisinhas bonitas que não perderiam um momento comigo a não ser pelo prestígio de terem um filho com, abre aspas, o Sênior, fecha aspas. — Ele o olhou fixamente. — Certo?

— Lazarus, está sendo injusto com as duas mulheres. Bem como inusitadamente obtuso.

— Como?

— Eu as observei. Acho que ambas o amam... e não me venha com conversas sobre o significado do verbo; não sou Galahad.

— Mas... Ora, são baboseiras!

— Não discutirei nessa base; "baboseira" é um assunto no qual você é a

autoridade máxima da galáxia. As mulheres não se vendem sempre, e elas se apaixonam... muitas vezes pelos motivos mais estranhos, se é que se pode aplicar a palavra "motivo". Concordando que você é horrível, egoísta, egocêntrico, grosseiro...

— Tenho consciência disso!

— ...para mim. Embora as mulheres pareçam não se importar muito com a aparência de um homem... e você é de uma gentileza surpreendente com as mulheres. Notei isso. Você diz que todas aquelas pequenas prostitutas de Marte amavam o tal cego.

— Algumas delas não eram pequenas. A Grande Anna era mais alta do que eu e pesava mais.

— Não tente mudar de assunto. Por que elas o amavam? Não se dê ao trabalho de responder; por que uma mulher ama um homem (ou um homem ama uma mulher) só pode ser racionalizado em termos de sobrevivência, e a resposta não tem sabor, não satisfaz. Mas... Lazarus, quando você tiver completado o rejuvenescimento e tivermos terminado a nossa aposta de Xerazade, seja como for que a terminemos, você vai embora outra vez?

Lazarus meditou antes de responder:

— Suponho que sim. Ira, esta casa com jardim e riacho que você me emprestou é muito bonita; nas vezes em que descí até a cidade voltei correndo, satisfeito de estar em casa. Mas ela é apenas um lugar de descanso; não vou ficar aqui. Quando o ganso selvagem grasnar, vou embora. — Lazarus ficou triste. — Mas não sei para onde e não desejo repetir as coisas que fiz. Talvez Minerva descubra essa coisa nova para mim, quando chegar a hora de me mudar.

Ira levantou-se.

— Lazarus, se você não fosse tão malditamente desconfiado e mesquinho, concederia às duas mulheres o benefício da dúvida e deixaria cada uma com um filho para se lembrarem de você. Isso não lhe custaria muito esforço.

— Fora de questão! Não abandono filhos. Nem mulheres grávidas.

— Desculpas. Adotarei, no ventre, qualquer filho que você gerar antes que nos deixe. Posso mandar Minerva colocar isso na memória permanente e transformar num compromisso?

— Posso sustentar meus próprios filhos! Sempre pude.

— Minerva. Transfira isso e transforme num compromisso.

— Completado, Ira.

— Obrigado, minha Chatinha. À mesma hora amanhã, Lazarus?

— Acho que sim. Sim. Avise Hamadriade, por favor, e peça-lhe para vir também. Diga-lhe que pedi a você. Não quero ferir os sentimentos da garota.

— Claro, vovô.

Contraponto IV

No nível dos apartamentos particulares do sr. Weatheral, no Palácio Executivo, Hamadriade esperava com Galahad enquanto Ishtar deixava ordens para os técnicos de rejuvenescimento de plantão. Depois os três tomaram o transporte para baixo e atravessaram, ainda dentro do palácio, até um apartamento que Ira havia colocado à disposição de Ishtar — uma residência maior e mais exuberante do que seus alojamentos na clínica de rejuvenescimento, e muito mais luxuosa do que a casa da cobertura, apesar de não possuir jardim; destinava-se a um Curador ou outro hóspede VIP — não que o seu luxo importasse muito, porque Ishtar e Galahad passavam a maior parte do seu tempo e faziam a maioria de suas refeições com Lazarus, e usavam a casa principalmente para dormir.

Minerva havia colocado uma dúzia e pouco de acomodações menores à disposição do pessoal de serviço de Ishtar, uma delas para Galahad. Ele não precisava dela e Ishtar fez Minerva transferi-la para Hamadriade quando esta se tornou parte não-oficial da equipe que cuidava do Sênior. Hamadriade às vezes dormia lá em vez de ir para sua casa de campo — sem dizer ao pai, porque o Presidente Temporário não encorajava os membros da sua família a usarem os alojamentos do palácio desnecessariamente. Ou às vezes ela ficava com Ishtar e Galahad.

Desta vez os três foram para o apartamento de Ishtar; tinham assuntos a discutir. Ao chegarem lá, Ishtar verificou:

— Minerva?

— Ouvindo, Ishtar.

— Alguma coisa?

— Lazarus e Ira estão conversando. Conversa particular.

— Mantenha-me informada, querida.

— Certamente, querida, Ishtar voltou-se para os outros.

— Quem quer um drinque ou alguma coisa? Cedo demais para jantar. Ou não será?

— Um banho para mim, depois um drinque — respondeu Galahad. — Eu estava pronto para um mergulho, quente e suado, quando Lazarus nos chutou para fora.

— E fedendo — concordou Ishtar. — Notei isso no transporte.

— Um banho não lhe faria mal, sua bunda grande; você estava fazendo tanta força quanto eu.

— Lamentavelmente é verdade, meu bravo cavaleiro; tive o cuidado de sentar na direção oposta ao vento em relação aos nossos superiores após aquela última luta. Ham, traga para nós todos alguma coisa grande e fria, enquanto o fedorento e eu tomamos banho.

— Vocês dois aceitam batidas de framboesa ou o que quer que esteja à mão? Enquanto nós todos tomamos banho? Não tenho a desculpa de ter feito exercício pesado, mas fiquei fedendo de medo quando fiz a proposta a vovô. E falhei! Após todas as suas instruções, Ish. Lamento! — Ela começou a choramingar.

Ishtar colocou os braços em volta da mulher mais moça.

— Ora, ora, querida! Pare com isso. Não acho que você tenha falhado.

— Ele recusou-me.

— Você estabeleceu uma boa base... e sacudiu-o, o que ele precisava. Você me espantou com a escolha do momento, mas vai funcionar direito.

— Provavelmente ele nem me deixará voltar!

— Sim, deixará. Pare de soluçar. Venha, querida; Galahad e eu vamos fazer-lhe uma boa massagem relaxante nas costas. Fedorento, pegue as bebidas e junte-se a nós no chuveiro.

— Com duas mulheres por perto e tenho que trabalhar. Está bem.

Quando Galahad chegou com as bebidas geladas, Ishtar tinha deitado Hamadriade de bruços na mesa de massagens. Ishtar ergueu os olhos e disse:

— Querido, antes de se molhar, veja se há três roupões de banho no cabide; não verifiquei.

— Sim, madame; não, madame; imediatamente, madame; isso é tudo, madame?... uma porção de roupões; telefonei pedindo mais esta manhã. Não a machuque, você não conhece sua própria força. Vou precisar dela mais tarde.

— Vou trocá-lo por um cachorro, querido, e vender o cachorro. Sirva esses drinques, depois venha ajudar, ou não terá nenhuma de nós mais tarde. E talvez nunca. Estávamos ocupadas concordando em que todos os homens são uns animais. — Ela continuou a fazer massagem, suavemente, firmemente, com habilidade profissional, pelas costas de Hamadriade abaixo, enquanto a mesa de massagem se adaptava adequadamente a ela sob a paciente. Deixou Galahad pendurar-lhe um drinque em volta do pescoço e colocar-lhe o bocal nos lábios sem retardar os seus dedos cuidadosos.

Galahad colocou o drinque de Hamadriade na mesa, pôs-lhe o bocal, acariciou-lhe o rosto, depois passou para o outro lado e começou a ajudar, imitando Ishtar. A mesa mudou de comportamento para enfrentar quatro mãos.

Alguns minutos mais tarde ele deixou o bocal do seu drinque retrair-se e disse:

— Ish, alguma probabilidade de vovô ter percebido? Quanto a vocês duas?

— Não sei como Lazarus poderia perceber que estamos grávidas. Não que importasse ele ter percebido, no meu caso... exceto como exatamente estou grávida, e ele não pode saber que falsifiquei o registro sobre a fonte da célula clonada. Ham, não deixou escapar nada com Lazarus, deixou?

Hamadriade entregou o seu drinque.

— É claro que não!

— Minerva sabe — disse Galahad.

— É claro que sabe, discuti o assunto com ela. Mas... agora você me deixou pensando. Minerva?

— Ouvindo, Ishtar. — A computadora acrescentou: — Ira está saindo; Lazarus entrou. Nenhum problema.

— Obrigada, querida. Minerva, há algum meio possível de Lazarus poder saber sobre Hamadriade e eu? Que estamos grávidas, quero dizer, e por quê e como.

— Ele não disse isso, nem ninguém mencionou o fato em sua presença. A avaliação dos dados pertinentes à minha disposição tornam isso provável por menos de uma parte em mil.

— E quanto a Ira?

— Menos de uma parte em dez mil, Ishtar. Quando Ira me disse para prestar-lhe serviço e designar-lhe uma memória restrita, programou-me de forma que qualquer programa posterior simplesmente apague a parte designada a você. Na verdade, não há maneira alguma de Ira recuperar o arquivo da sua memória particular, nem posso autoprogramar-me para contornar tal situação.

— Sim, você me garantiu isso. Mas não entendo muito de computadores, Minerva.

— Ao passo que eu conheço. — Minerva riu entre dentes. — Você pode dizer que fiz carreira em computadores. Não se preocupe, querida, os seus segredos estão seguros comigo. Lazarus acabou de me dizer para pedir um jantar leve para ele; depois vai para a cama.

— Muito bem. Informe-me o que ele comer e a quantidade e a hora em que ele for para a cama; depois me chame se ele acordar. Acordado e sozinho de noite, um homem afunda na fossa; preciso estar pronta para atender rapidamente. Mas você sabe disso.

— Vou observar os padrões de onda dele, Ishtar. Você terá de dois a cinco minutos de aviso prévio... a menos que El Diabolo pule sobre o estômago dele.

— Esse maldito gato! Mas ser acordado dessa maneira não o deprime; são os seus pesadelos suicidas que me preocupam. Já utilizei emergências diversionárias; não posso atear fogo à casa da cobertura uma segunda vez.

— Lazarus não teve um dos seus pesadelos depressivos típicos este mês, Ishtar, e sei como identificar as seqüências de onda agora; terei muito cuidado.

— Sei que terá, querida. Gostaria de conhecer os incidentes do passado dele, dos quais decorre cada um; talvez pudéssemos apagá-los.

— Ish — interrompeu Galahad —, continue a remendar a memória dele e pode perder tudo quanto Ira pretende.

— E posso salvar nosso cliente também. Limite-se a esfregar as costas, querido, e deixe o trabalho delicado para mim e Minerva. Mais alguma coisa, Minerva?

— Não. Sim. Ira está me dizendo para achar Hamadriade; ele quer falar-lhe. Ela atenderá ao chamado?

— Claro! — concordou Hamadriade rolando na mesa. — Mas ligue-o através de você, Minerva; não irei até o telefone, não estou com o rosto em condições.

— Hamadriade?

— Sim, Ira?

— Recado para você. Seja boazinha para o velho e apareça na casa como de hábito, está bem? Melhor ainda, chegue cedo lá e tome café com ele.

— Você tem certeza de que ele quer ver-me?

— Quer, sim. Não devia, após a maneira como você o embaraçou. O que foi que deu em você, Ham? Mas este recado é idéia dele, não minha. Ele quer ter certeza de que não a assustou.

Ela suspirou de alívio.

— Não ficarei assustada se ele me deixar ficar, papai. Eu disse a você que dedicaria tantos dias a isto quanto ele permitisse. Falei sério e ainda falo. Na verdade, disse à minha gerente que ela pode resgatar-me a crédito a longo prazo. Falei sério a este ponto.

— É mesmo? Estou muito satisfeito. Se você fizer isso e quiser receber o dinheiro, eu, isto é, o governo ficará com seu empréstimo sem descontá-lo; destinei crédito ilimitado para qualquer coisa referente ao Sênior. Basta dizer a Minerva.

— Obrigada, papai. Espero não precisar disso... a menos que vovô se canse de mim e eu descubra alguma outra coisa em que queira investir. Mas o negócio é próspero; pode ser que eu deixe Priscilla sustentar-me confortavelmente por alguns anos. Bastante próspero... aposto que os meus bens excedem os seus. Sua fortuna particular, quero dizer.

— Não seja boba, minha filha boba; como cidadão particular sou quase pobre... embora em meu cargo oficial possa confiscar os seus bens apenas com uma palavra a Minerva e ninguém iria discutir.

— Só que você nunca faria isso... você é um amor, Ira.

— Hein?

— É, sim... mesmo sem poder lembrar-se dos nomes dos meus filhos. Estou muito alegre, paizinho, você me fez feliz.

— Você não me chama de paizinho faz, hã, cinqüenta ou sessenta anos.

— Porque você nunca encorajou intimidades depois que um filho está crescido. Nem eu tampouco em relação aos meus. Mas este serviço me fez sentir-me mais chegada a você. Vou calar a boca, papai, e estarei lá amanhã cedo. Desligo?

— Um momento. Esqueci de perguntar onde está. Se você estiver em casa...

— Não; estou tomando banho com Galahad e Ishtar. Isto é, preste a tomar; você

interrompeu uma maravilhosa massagem que eles estavam fazendo em minhas costas.

— Desculpe. Já que você ainda está no palácio, sugiro que fique. Para estar lá amanhã cedo. Peça uma cama a eles ou, se isso for intromissão, venha para o meu apartamento; descobriremos algum lugar.

— Não se aflija por minha causa, Ira. Se eu não puder convencê-los a ficar comigo por uma noite, Minerva arranjará uma cama para mim. Na verdade, a cama de Lazarus é a única em que alguma vez achei impossível me meter... talvez eu precise candidatar-me a um rejuvenescimento.

O Presidente Temporário custou a responder.

— Hamadriade... você falou sério ao propor ter filhos com ele... não falou?

— Assunto particular, papai.

— Desculpe. Hum... O costume da privacidade não me proíbe de dizer que acho uma idéia muito boa. Se você me pedir, encorajarei isso da maneira que puder.

Hamadriade olhou para Ishtar e estendeu as mãos num gesto de "O que faço agora?"... Depois respondeu:

— A recusa dele pareceu muito firme, papai.

— Deixe-me oferecer-lhe um ponto de vista masculino, minha filha. Os homens muitas vezes recusam uma proposta dessas quando desejam aceitá-la. Gostam de ter certeza dos motivos e da sinceridade das mulheres. Numa ocasião posterior pode ser que ele aceite. Não quero dizer que você deva chateá-lo com o assunto; não funcionaria. Mas se você deseja isto... aguarde sua oportunidade. Você é uma mulher encantadora; tenho confiança em você.

— Sim, papai. Se ele me desse um filho, ficaríamos todos mais ricos com isso... não ficaríamos?

— Sim, certamente. Mas os meus motivos são um tanto diferentes. Se ele morrer ou deixar-nos, há sempre o banco de esperma e o banco de tecidos, em nenhum dos quais ele pode tocar porque trapacearei se for necessário. Mas não quero que ele morra, Hamadriade, nem quero que parta logo... e não estou falando por sentimento. O Sênior é único; tive muitos problemas para mantê-lo. Sua presença o agrada, sua oferta o estimula... embora você ache que ele reagiu mal. Você está ajudando a conservá-lo vivo. E, se ele finalmente deixá-la ter um filho dele, pode ser que você consiga mantê-lo vivo por um longo tempo. Indefinidamente longo.

Hamadriade contorceu-se de prazer e sorriu para Ishtar.

— Papai, você me faz sentir orgulhosa.

— Você sempre foi uma filha que me deu orgulho, querida. Embora eu não possa reivindicar todo o crédito; sua mãe é uma mulher completamente excepcional. Desligo agora?

— Desligo com música tocando. Boa noite, papai!

Sem se levantar, Hamadriade agarrou os dois amigos pela cintura e apertou-os com força.

— Ah, sinto-me ótima! — exclamou.

— Então desça dessa mesa; é minha vez.

— Você não precisa de massagem — disse Ishtar firmemente. — Não esteve sob nenhuma tensão emocional e o trabalho mais duro que fez o dia inteiro foi ganhar de mim duas vezes no jogo de bola assassina.

— Mas sou do tipo espiritual. Sensível.

— É verdade, querido Galahad, e agora você pode muito espiritualmente ajudá-la a descer e ajudar-me a dar banho nela..- ainda mais espiritualmente.

Galahad concordou enquanto reclamava:

— Vocês duas deviam dar banho em mim, em vez disso. Façam de conta que sou um compositor cego. F. le fechou os olhos e cantou:

*"Há um tira
na esquina
que às vezes não é tão amável
Como um homem que
não está rico
Ou pelo contrário sem sorte..."*

"Sou eu... sem sorte... ou não teria que trabalhar, com duas mulheres na casa. Que ciclo, Ish?"

— "Relaxante", naturalmente. Hamaquerida, já que você nos deixou ouvir o telefonema, suponho que eu possa falar sobre o assunto. Concordo com Ira. Você estimulou Lazarus sexualmente, quer ele saiba disso quer não; e, se puder mantê-lo assim, ele não ficará deprimido.

— É verdade que ele está quase recuperado, Ishtar? — perguntou Hamadriade enquanto erguia os braços e deixava-os trabalhar sobre ela. — Ele parece melhor. Mas não posso dizer... seus modos não mudam.

— Ah, definitivamente! Ele começou a se masturbar um mês atrás. Xampu, querida?

— Começou? Realmente? Ah, isso é maravilhoso! Preciso disso? Sim, preciso... obrigada.

*"Portanto é melhor
Ter uma irmã.
Ou mesmo um tio velho..."*

"Feche os olhos, Hambone querida; mistura de xampu chegando. Um cliente não tem intimidade nenhuma com Ishtar. Mas ela não me disse; tive que deduzir dos

gráficos dele. Ish, Por que acabo sempre lavando as costas de Ham?"

— Porque você faz cócegas, querido. Não havia necessidade de você saber. Mas um cliente não tem certamente nenhuma privacidade com Minerva ajudando... e é assim que deve ser. Estou vendo que precisamos de um serviço melhor de computador na clínica. Embora ele tenha intimidade no seu sentido verdadeiro, porque tudo isto está coberto pelo Juramento. Ainda que você não seja da equipe regular, Ham, estou certa de que percebe isso.

— Ah, certamente! Não é tão difícil assim, Galahad. Tenazes em brasa não me fariam falar a não ser a vocês dois. Nem mesmo a Ira. Ishtar, você acha que posso aprender a ser uma rejuvenescedora verdadeira?

— Se você sentir vocação para isso e quiser estudar bastante. Deixe-me enxaguar agora, Galahad. Você tem a empatia, estou certa. Qual é o seu índice?

"Eles são seus amigos, rapaz.

Não os negligencie

Aniversários e Yom Kippur^[30]..."

— Ah... "Quase gênio" — admitiu Hamadriade.

— É preciso "gênio" — disse Galahad prestimosamente —, bem como um desejo compulsivo de trabalhar; ela é uma motorista escrava, querida Hammy.

E continuou:

"Também Natal

E Chanukah^[31]

Uma carta ou mesmo balas".

— Você está desafinado, querido. Ham, você é "mais do que gênio", com um índice ligeiramente mais alto do que o de Galahad. Verifiquei simplesmente... e você perguntou. Estou muito satisfeita.

— Desafinado? Agora você foi longe demais.

— Você tem outras virtudes, meu verdadeiro cavaleiro; não precisa ser um trovador. Hamaquerida, se consultar o coração e realmente quiser isso, pode ser uma técnica associada quando emigrarmos. Se pretender emigrar. Senão, a clínica aqui sempre precisa de gente; uma vocação verdadeira é rara. Mas eu gostaria muito de tê-la conosco. Nós dois a ajudaremos.

— É claro que sim, Hammy! "Desafinado", realmente! Essa colônia vai ser polígama?

— Pergunte a Ira. Isso importa? Pegue um roupão e ponha-o em volta de Hamaquerida, depois faremos uma massagem rápida um no outro; estou com fome.

— Você quer arriscar-se? Depois do que disse sobre a minha afinação? Conheço cada ponto e vou fazer cócegas em todos.

— Cruz do Rei! Peço desculpas! Adoro a sua voz, querido.

— A expressão é "X do Rei", Ish. Isto é, paz. Pegue roupões para todos nós, Hammy. Isso, menina! Pernas compridas, enquanto eu estava cantando, perfeitamente afinado, fiquei pensando naquela expressão que me estava incomodando. Não é o que Minerva pensou que fosse; uma "loja de anzóis" é um bordel. O que torna a irmã do Perdedor de Nascimento uma cortesã... e a última peça se encaixa.

— Ora, naturalmente! Não é de admirar que ela pudesse financiar o irmão... os artistas sempre ganham mais do que qualquer um.

Hamadriade voltou com os roupões e deixou-os sobre a mesa de massagem.

— Eu não sabia que essa expressão o estava incomodando, Galahad — disse ela.

— Eu compreendi da primeira vez que ouvi a canção.

— Gostaria que você me tivesse dito. — Isso é importante?

— Apenas como mais um indício. Ham, ao se analisar uma cultura, os mitos, canções populares, expressões e aforismos são mais básicos do que a história formal. Não se pode compreender um indivíduo a menos que se compreenda sua cultura. Só isso já diz alguma coisa básica sobre a cultura na qual o nosso cliente foi criado: o fato de um termo geral tomar invariavelmente a forma masculina quando tanto a masculina como a feminina estão envolvidas. Isso significa que os homens são dominantes ou que as mulheres acabaram de emergir de um *status* inferior, mas o atraso da língua (sempre há) não alcançou a mudança cultural. A última, no barbarismo de onde Lazarus veio, como mostram outros indícios.

— Você pode concluir tudo isso apenas por uma regra de gramática?

— Às vezes. Hammy, eu costumava fazer isso profissionalmente, quando era velho, grisalho e estava à espera do rejuvenescimento. É um trabalho de detetive, e nem sempre um indício é suficiente. Por exemplo, as mulheres não deviam atingir um *status* igual, embora outros indícios mostrem que estavam a caminho disso... pois quem já ouviu falar de um bordel dirigido por um homem? Leão-de-chácara, sim, e Lazarus disse que o foi também. Mas gerente? É absurdo, pelos padrões modernos. A menos que aquela colônia em Marte representasse um retrocesso atípico... pode ter sido, não sei.

— Continuem enquanto comemos, garotos; mamãe está com fome.

— Estou indo, Ish querida. Galahad, compreendo essa expressão sem pensar nela. Você entende, minha mãe era... ainda é... uma cortesã.

— Realmente? Há uma coincidência extravagante. A minha também, bem como a de Ishtar... e nós três terminamos todos no trabalho de rejuvenescimento e com o mesmo cliente. Duas profissões numericamente pequenas... Fico imaginando quais são as probabilidades contra.

— Não muito altas, já que ambas as profissões exigem uma forte empatia. Mas,

se você quiser saber, pergunte a Minerva — aconselhou Ishtar — e passe-me o roupão. Não gosto de me enxugar no jato de ar e não quero ficar com frio enquanto me ocupo com a comida. Hamadoce, por que você não seguiu a profissão da sua mãe? Com a sua beleza você seria uma estrela.

Hamadriade encolheu os ombros.

— Ah, sei que sou bonita. Mas mamãe pode arrebatá-lo um homem de mim levantando apenas o dedo mindinho... só que evito a oportunidade. A beleza pouco tem a ver com isso; você viu um homem me recusar exatamente hoje. O próprio Lazarus nos disse o que é preciso para ser uma grande artista: uma qualidade espiritual que um homem possa sentir. Minha mãe a tem. Eu não.

— Acompanho o seu raciocínio — disse Ishtar quando passaram pela sala e entraram na despensa. Lá ela examinou o cardápio oferecido pela cozinha, embaixo. — Minha mãe a tem também. Ela não é especialmente bonita, mas ela tem o que os homens querem. Ainda querem, embora ela esteja aposentada.

— Pernas Compridas — disse Galahad solenemente —, você também tem isso.

— Obrigada, meu cavaleiro, mas isso não é verdade. Às vezes tenho para um certo homem. Ou dois, no máximo. E algumas vezes não tenho absolutamente, porque me enterrei em nossa profissão e esqueci o sexo. Eu lhe disse há quantos anos sou solteira. Eu não teria encontrado você, querido, nunca teria arriscado as Sete Horas... se o nosso cliente não me tivesse deixado tão terrivelmente emocional. O que é muito pouco profissional, Hamadriade; fiquei tão tola quanto uma garota de colégio numa noite quente de primavera. Mas Tamara, minha mãe, tem isso o tempo todo, Galahad, e para qualquer um que precisar dela. Tamara nunca fixa um preço, não precisa fazê-lo; eles a inundam de presentes. Ela está aposentada agora e pensando se deve rejuvenescer outra vez. Mas os fãs não a deixam em paz; ela ainda recebe ofertas intermináveis.

— Era isso que eu gostaria de ser — disse Galahad tristemente. — Mas sou aquele "perdedor de nascença". Se um homem tentasse tal profissão, se mataria em um mês.

— No seu caso, querido Galahad, podia levar um pouco mais. Mas coma e restaure suas forças; vamos pô-lo no meio da cama esta noite.

— Isso quer dizer que estou convidada? — perguntou Hamadriade.

— Essa é uma das maneiras de dizê-lo. Uma declaração mais precisa seria que estou convidando a mim mesma. Galahad deixou claro no chuveiro que os seus planos para a noite incluem você, querida. Mas ele não me mencionou.

— Ah, mencionou, também! De qualquer maneira ele é obcecado sexualmente por você o tempo todo; posso sentir isso.

— Ele é sexualmente obcecado... fim da mensagem e desligo. Bifes com guarnição variada servem, ou cada um de vocês quer escolher? Não me sinto imaginativa.

— Para mim serve. Ish, você devia pôr Galahad sob contrato. Enquanto ele está tonto.

— Privacidade, querida.

— Desculpe. Isso me escapou. É que gosto muito de vocês dois.

— A cadela de bunda grande não quer se casar comigo — disse Galahad. — E eu sou tão bom, puro e recatado. Diz que faço cócegas. Quer casar-se comigo, Hamaqueridinha?

— O quê? Galahad, você é o pior provocador do mundo. Não só não quer que eu me case com você, como sabe que estou comprometida com o Sênior, embora ele me tenha recusado. Até que Ish me diga para desistir. Se disser.

Ishtar acabou de fazer o pedido e apagou a tela.

— Galahad, não provoque o nosso bebê. Quero que tanto eu como Hamadriade fiquemos livres de outros contratos enquanto qualquer uma de nós tem alguma possibilidade de tornar o nosso cliente interessado em coabitação, prole ou ambos. Não apenas uma brincadeira, mas algo que ele possa levar a sério.

— É mesmo? Então por que, em nome de todos os deuses da fertilidade, vocês combinaram ficar as duas grávidas ao mesmo tempo? Não entendo. Ouço o zumbido, mas os números não somam.

— Porque, meu estúpido querido, não me atrevi a esperar. A diretora pode voltar a qualquer momento.

— Mas por que vocês duas? Com talvez dez mil saudáveis mães-hospedeiras registradas e disponíveis? E por que duas?

— Caríssimo homem, lamento ter dito que você era estúpido... não é; você é apenas homem. Hamadriade e eu sabemos exatamente os riscos que estamos correndo e por quê. Não parecemos grávidas e não o aparentaremos por várias semanas ainda; e, se qualquer uma de nós puder tapear Lazarus fazendo-o assinar um contrato, um aborto leva dez minutos. As mães-hospedeiras profissionais não servem para este serviço; têm que ser ventres sobre os quais eu tenha algum controle e mulheres em que confie totalmente. Já basta eu ter que confiar num cirurgião genético e arriscar um processo proibido... pode ser que Ira tenha que me tirar disso se transpirar alguma coisa.

"Mas você sabe tão bem quanto eu, doce Galahad, que mesmo um clone comum algumas vezes fica excêntrico. Eu gostaria de ter quatro ventres femininos que pudesse usar, não dois. Oito. Dezesseis! Isso aumentaria a probabilidade de ter um feto normal. Daqui a um mês, muito antes de aparecer, saberemos o que temos em gestação. Se as probabilidades falharem para nós duas... Bem, estarei pronta para começar outra vez, e Hamadriade também."

— Tantas vezes quantas forem necessárias, Ishtar. Juro.

— Vamos conseguir um bom — Ishtar acariciou-lhe a mão. — Galahad, Lazarus vai ter sua irmã gêmea univitelina, prometo-lhe... E, uma vez que isso se tornar um fato consumado, não ouviremos mais nenhuma conversa sobre interruptores de opção final, sobre deixar-nos ou qualquer outra coisa... pelo menos até ela ficar alta como uma mulher!

— Ishtar?

— O que é, Hamadriade?

— Se nós duas apresentarmos fetos normais dentro de um mês a partir de agora...

— Então você pode abortar, querida; sabe disso.

— Não, não, não! Não posso! O que há de errado com os gêmeos?

Galahad piscou para ela.

— Não se incomode em responder, Ish. Deixe-me dar-lhe o ponto de vista masculino. Ainda está para nascer o homem que possa resistir a criar garotas gêmeas univitelinas. E o seu nome não é Lazarus Long. Olhem, queridas, há alguma coisa, qualquer coisa, que possa melhorar as probabilidades de vocês duas? Agora?

— Não — repetiu Ishtar baixinho. — Não. O nosso teste acusou gravidez, isso é tudo quanto podemos dizer ou fazer agora. Exceto rezar. E eu não sei rezar.

— Então é hora de aprender!

Variações sobre um tema V

Vozes no Escuro

Após pedir a refeição da noite para Lazarus e supervisionar o serviço, Minerva perguntou:

— Mais alguma coisa, Sênior?

— Acho que não. Sim. Quer jantar comigo, Minerva?

— Obrigada, Lazarus. Aceito.

— Não me agradeça; você é que está me fazendo um favor, minha senhora. Estou melancólico esta noite. Sente-se, querida, e anime-me.

A voz da computadora mudou de posição, de forma que parecia vir do lado oposto da mesa onde Lazarus se sentava, como se uma pessoa de carne e osso estivesse sentada ali.

— Posso construir uma imagem, Lazarus?

— Não se dê a esse trabalho, querida.

— Não é trabalho nenhum, Lazarus; tenho capacidade de sobra.

— Não, Minerva. Aquela holografia que você fez para mim certa noite... perfeita, realista, movia-se exatamente como uma pessoa de carne e osso. Mas não era você. Sei como você é. Hum... diminua as luzes e focalize bastante luz no meu prato para que eu possa comer. Depois verei você na penumbra sem holografia.

A iluminação reajustou-se de forma que a sala ficou quase escura, a não ser por uma poça de luz sobre os talheres e a toalha castamente perfeitos diante de Lazarus. O contraste ofuscou-lhe os olhos o bastante para ele não poder ver o outro lado da mesa sem olhar fixamente — ele não olhou.

— Qual é a minha aparência, Lazarus? — perguntou Minerva.

— Hein? — Ele parou de pensar. — Está de acordo com a sua voz. Hum, isso é um quadro que cresceu na minha mente sem eu pensar nisso, durante o tempo em que estivemos juntos. Querida, percebe que estamos vivendo juntos com mais intimidade do que marido e mulher geralmente conseguem?

— Talvez eu não perceba, Lazarus, já que não posso experimentar ser esposa. Mas estou feliz de estar perto de você.

— Ser esposa não tem muita coisa a ver com a cópula, minha querida. Você tem sido uma mãe para o meu bebê, *Dora*. Oh, sei que Ira está em primeiro lugar para você... mas você é como aquela moça de que falei, Olga; você tem tanto a dar que pode enriquecer mais de um homem. Mas respeito a sua lealdade para com Ira. O seu amor para com ele, querida.

— Obrigada, Lazarus. Mas, se sei o que a palavra significa, eu o amo também. E a *Dora*.

— Sei disso. A ambos. Eu e você não temos necessidade de nos preocupar com palavras; deixaremos isso para Hamadriade. Hum, sua aparência... Você é alta, quase tão alta como Ishtar. Porém mais esbelta. Não magricela, apenas esbelta... com músculos bem proporcionados sem serem salientes. Você não é tão larga de cadeiras como ela. Mas suficientemente larga. Femininamente. É jovem, mas uma jovem mulher madura, não uma garota. Seios muito menores do que os de Ishtar, mais como os de Hamadriade. Você é mais simpática do que bonita, e é bastante solene, exceto quando um dos seus raros sorrisos lhe ilumina o rosto. Seus cabelos são castanhos e lisos, e você os usa compridos. Mas não mexe neles a não ser para mantê-los limpos e bem arrumados. Seus olhos são castanhos e combinam com o cabelo. Você geralmente não usa cosméticos, mas quase sempre usa um certo tipo de roupas... roupas simples; não anda extremamente bem vestida, não se interessa tanto assim por roupas. Mas só anda nua com pessoas em quem confia totalmente... uma lista curta.

"Isso é tudo, acho eu. Não tentei imaginar detalhes; isto é apenas o que surgiu na minha mente. Ah, sim! Você mantém as unhas, tanto das mãos como dos pés, curtas e limpas. Mas não exagera nisso, nem em nada. Nem a sujeira nem o suor a incomodam, e você não recua diante do sangue, embora não goste dele."

— Estou muito satisfeita em saber como pareço, Lazarus.

— Hein? Ora, é brincadeira, garota! Isso é a minha imaginação vivendo sua própria vida.

— É assim que pareço — disse Minerva firmemente —, e gosto disso.

— Está bem. Embora você possa ser tão ofuscantemente linda como Hamadriade, se o quiser.

— Não, pareço exatamente como você me descreveu. Sou uma Marta ^{32}, Lazarus, não sua irmã Maria.

— Você me surpreende — confessou Lazarus. — Sim, é mesmo. Leu a Bíblia?

— Li tudo da Grande Biblioteca. Em certo sentido sou a biblioteca, Lazarus.

— Hum, sim, devia ter percebido isso. Como está indo o processo de duplicação? Vai ficar pronto? Avise se Ira ficar impaciente e decolar às pressas.

— Está essencialmente completo, Lazarus. Todos os meus permanentes, programas, memórias e lógicas estão geminados no porão número 4 de *Dora*, e faço verificações de rotina e exercícios fazendo as partes duplicadas passarem por mim aqui sob o palácio... seis vezes em vez do meu método normal de três vezes. Descobri e corriji alguns circuitos abertos dessa maneira... pequenos defeitos de fábrica, nada de que eu não pudesse cuidar imediatamente. Você vê, Lazarus, tratei disso como um programa-relâmpago e não dependo dos processos de Turing para construir a maior parte do meu novo eu, porque teria que construir extensões em *Dora* só para este fim, depois retirá-las, exceto as extensões de manutenção.

"Isso teria tomado muito tempo, naturalmente, já que não posso usar velocidades

de computador para manipular a massa. Assim, em vez disso, pedi todas as novas memórias em branco e circuitos lógicos e mandei instalá-los em *Dora* pelos técnicos da fábrica. Muito mais rápido. Depois os enchi e conferi."

— Algum problema, querida?

— Não, Lazarus. Ah, *Dora* resmungou a respeito de pés sujos nos seus compartimentos limpos. Mas foi apenas um resmungo, porque eles trabalharam no estilo de "sala-limpa", com macacões livres de poeira, máscaras e luvas, e exige que mudassem a roupa no tanque de ar, não apenas antes de entrarem no número 4. — Ele sentiu seu rápido sorriso. — Instalações sanitárias temporárias fora da nave... o que fez o engenheiro do projeto resmungar, bem como o taifeiro da loja.

— Devia ter pensado nisso. Não teria magoado *Dora* ativar uma latrina.

— Lazarus, como você acentuou, serei (espero) uma passageira de *Dora* algum dia. Assim, tentei tornar-me sua amiga... e somos amigas, amo-a e ela é a única amiga computadora que tenho. Não quero arriscar isso fazendo uma sujeira, ou permitindo que seja feita, ao me mudar para a nave dela. Ela é, como você disse, uma dona-de-casa ordeira; e estou tentando ser igualmente ordeira e mostrar, dessa forma, que a respeito e que aprecio o privilégio de ser sua passageira. O engenheiro responsável e aquele taifeiro tagarela da loja não tinham motivos para resmungar; especifiquei tudo isto no contrato... mudança de roupas no tanque; urinóis de perna para todo pessoal dentro; nada de comer, tossir ou fumar dentro da nave; ir pelo caminho mais curto para o número 4; nada de bisbilhotar em outros lugares da nave... o que de qualquer maneira não podiam fazer, porque pedi a *Dora* para manter todas as portas trancadas, exceto a do caminho direto, e paguei para que isso fosse feito dessa maneira.

— Uma nota firme, estou certo. Ira fez algum comentário?

— Ira não se preocupa com esses assuntos. Mas não informo os custos a ele; debitei tudo a você, Lazarus.

— Xi! Estou falido?

— Não, Sênior; debitei da sua conta corrente sem limite. Isso me pareceu melhor, Lazarus, porque o trabalho foi feito na sua nave. Talvez eles fiquem imaginando por que o Sênior quer um segundo computador de alta capacidade instalado em sua nave. Sei que o engenheiro do projeto ficou imaginando; repreendi-o severamente. Mas imaginar é tudo quanto eles podem fazer; o Sênior não é responsável perante ninguém. Insinuei claramente que o sr. Presidente Temporário ficaria aborrecido se alguém tentasse bisbilhotar os seus negócios. Não que qualquer pessoa possa dizer o que é um computador realmente, apenas olhando para ele... mesmo o fabricante.

— Este fabricante... cobrou pouco?

— Eu devia ter aberto concorrência, Sênior? — Minerva pareceu preocupada.

— Que diabo, não! Se tivesse que fazê-lo, eu lhe teria dito para rasgar o edital e

começar de novo... aí teríamos procurado o melhor fornecedor. Minerva, minha querida, uma vez partindo daqui, podem se passar muitos anos antes de você ter qualquer serviço da fábrica; terá que fazer a manutenção você mesma. A menos que Ira possa cuidar de um computador doente.

— Ele não pode.

— Está vendo? *Dora* é de ouro e platina onde um computador mais barato é de cobre e alumínio. Espero que sua nova carcaça seja igualmente cara.

— É, Lazarus. O meu novo eu é ainda mais digno de confiança do que o meu velho eu... e menor e mais rápido, porque a maior parte de mim, o "velho eu", tem cerca de um século de idade; a arte progrediu.

— Hum. Devo ver o que precisa ser substituído em *Dora*, se é que é preciso.

Minerva não fez nenhum comentário.

— Minha querida — disse Lazarus —, quando você não fala é mais clara do que quando o faz. Você esteve examinando *Dora*?

— Estoquei alguns componentes, Lazarus. Mas *Dora* não se deixa tocar a menos que você o ordene.

— É, ela odeia deixar um médico mexer dentro dela. Mas, se ela precisar disso, o fará... sob anestesia. Minerva, seria uma boa idéia, com vocês duas na nave, *Dora* ter suas instruções de manutenção na memória permanente, e as dela na sua... para que vocês possam cuidar uma da outra.

Minerva respondeu simplesmente:

— Estávamos esperando que você nos dissesse para fazer isso, Lazarus.

— Você quer dizer que você estava esperando; isso não é coisa em que *Dora* pensasse. Portanto, estou dizendo agora a vocês duas, e deixe-a ouvir minha voz dizer isso. Minerva, quero que deixe de ser tão humilde comigo. Você devia ter proposto isso; pensa mais depressa do que eu por muitas ordens de grandeza; tenho limitações de carne e osso. Como é que você vai indo em astrogação? Ela a está ensinando a pilotar? Ou está criando obstáculos?

— Lazarus, sou agora um piloto tão hábil quanto ela, em meu outro eu.

— Não brinque. Você é um co-piloto. Não será piloto até ter dado um salto no espaço n sem assistência. Mesmo *Dora* fica nervosa antes de um salto... e ela já fez centenas.

— Fico corrigida, Lazarus. Sou um co-piloto altamente treinado. Mas não tenho medo de fazer isso, se a ocasião se apresentar. Repassei todos os saltos de *Dora* em tempo real, e ela me diz que eu sei.

— Pode ser que algum dia você tenha de fazer isso, se ocorrer um desastre. Ira não é tão bom piloto quanto eu, estou certo. Sem mim a bordo, sua nova habilidade pode salvar a vida dele alguma vez. O que mais você sabe? Ouviu algumas boas ultimamente?

— Não sei, Lazarus. Ouvei algumas histórias, imorais acredito, dos técnicos que instalaram minha gêmea. Mas não sei se são engraçadas.

— Não se preocupe. Se for uma história imoral, ouvi uma igual pelo menos mil anos atrás. Agora a pergunta-chave... Com que rapidez você pode libertar-se se Ira decidir saltar? Suponha um *coup d'état* e ele fugindo para salvar a vida.

— Menos de um quinto de segundo.

— Hein? Você não está brincando comigo? Quero dizer quanto tempo leva para pôr toda a sua personalidade a bordo de *Dora*. Sem deixar nada atrás e sem deixar a computadora aqui saber que ela alguma vez foi Minerva... porque qualquer coisa menos do que isso não seria justo para você, querida. A "Minerva", deixada para trás, iria aborrecer-se.

— Lazarus, estou falando não em teoria, mas por experiência, porque sei que isso foi o aspecto crítico da duplicação. Assim, depois de ter despedido o empreiteiro e haver duplicado meus permanentes, lógicas e temporários em vigor, experimentei, cuidadosamente a princípio; simplesmente me equipei, como lhe descrevi. Isso é fácil, tenho apenas que equilibrar o atraso em cada extremidade, para permanecer sincronizada com o tempo real... mas tenho que fazê-lo com as minhas extensões remotas em todas as ocasiões; estou acostumada a isso.

"Depois tentei, com muito cuidado, suprimindo a mim mesma, primeiro na extremidade da nave, depois na extremidade do palácio, com um autoprograma para reverter a geminação completa em três segundos. Não houve problema, Lazarus, nem mesmo da primeira vez. Agora posso fazê-lo em menos de duzentos milissegundos, e realizar todas as verificações para estar certa de não haver esquecido nada. Já o fiz sete vezes desde que você fez tal pergunta. Notou um atraso em minha voz em certas ocasiões? Um atraso de aproximadamente mil quilômetros?"

— O quê? Minha querida, não estou equipado para notar um atraso de menos de trinta mil quilômetros à velocidade "c". — E acrescentou: — Chame isso de um décimo de segundo. Você me lisonjeia. — Lazarus continuou pensativo: — Mas um décimo de segundo é igual a cem milhões de nanossegundos que você usa. Ou cem milissegundos. O que é isso no seu tempo? Cerca de mil dos meus dias?

— Lazarus, não é assim que eu expressaria isso. Eu divido o tempo em partes muito menores do que um nanossegundo em muitas coisas que faço... um "milichoque", ou menos. Mas trabalho com o mesmo desembarço no seu tempo; no momento estou com o meu eu pessoal. Não posso sentir prazer em cantar ou nesta conversa sossegada com você, se no meu modo pessoal eu for forçada a considerar cada nanossegundo. Você conta cada uma das batidas do seu coração?

— Não. Ou raramente.

— Comigo é mais ou menos a mesma coisa, Lazarus. As coisas que faço rapidamente faço sem nenhum esforço e sem nenhuma atenção consciente além do autoprograma necessário. Mas os segundos, minutos e horas que passo com

você, no modo pessoal eu saboreio. Não os divido em nanossegundos; agarro-os por inteiro e os aprecio. Todos os dias e semanas que você esteve aqui considero como um único "agora", e os acaricio.

— Ah... pare com isso, querida! Você está dizendo que, bem, o dia em que Ira nos apresentou um ao outro ainda é "agora" para você?

— É, Lazarus.

— Deixe-me distinguir isso. Amanhã também é "agora" para você?

— Sim, Lazarus.

— Ah... mas, se é assim, você pode prever o futuro.

— Não, Lazarus.

— Mas... Então não compreendo.

— Posso imprimir as equações, Lazarus, mas essas equações descreveriam simplesmente o fato de que sou construída para tratar o tempo como uma das muitas dimensões, com entropia mas com um operador, e o "presente" ou o "agora" sendo uma variável mantida em estado firme por um período de tempo grande ou pequeno. Mas, ao lidar com você, tenho necessariamente que me mover com a frente de onda que é o seu pessoal agora... ou não podemos nos comunicar.

— Minha querida, não estou certo de estarmos nos comunicando.

— Lamento, Lazarus. Também tenho minhas limitações. Se eu pudesse escolher, porém, escolheria as suas limitações. Humanas. De carne e osso.

— Minerva, você não sabe o que está dizendo. Um corpo de carne e osso pode ser um fardo... especialmente quando sua manutenção começa a tomar a maior parte da atenção de uma pessoa. Você tem o melhor de ambos os mundos, pois é projetada segundo a própria imagem do homem para fazer o que o torna distintamente humano, porém melhor, mais rápido, muito mais rápido! E com mais precisão do que ele, sem as dores, os sofrimentos e a ineficiência de um corpo que tem de comer, dormir e cometer enganos. Acredite-me.

— Lazarus... o que é "Eros"?

Ele olhou para dentro da escuridão e viu mentalmente como ela o contemplava com solenidade e pesar.

— Santo Deus, garota! Você quer tanto assim ir para a cama com ele?

— Lazarus, não sei. Sou "cega". Como posso saber? Lazarus suspirou.

— Desculpe, querida. Então você sabe por que mantive *Dora* como bebê.

— Apenas como conjectura, Lazarus. Uma que não tenho e não discutirei com ninguém.

— Obrigado... você é uma dama, querida. Você sabe. Ou sabe parte dos meus motivos. Mas lhe direi todos quando tiver vontade, e então você saberá o que quero dizer com "amor" e por que eu disse a Hamadriade que ele devia ser experimentado e não definido com palavras... e por que sei que você sabe o que

é o amor, porque você o experimentou. Mas a história de *Dora* não é para Ira, é só para você. Não, você pode contar a Ira... depois de eu ter ido embora. Ah, chame-a de "A história da filha adotiva"; depois a mantenha em segredo e conte-lhe mais tarde. Mas não vou contá-la agora; não estou muito forte esta noite... Pergunte-me quando souber que estou disposto.

— Perguntarei. Lamento, Lazarus.

— "Lamenta"? Minerva, minha querida, nunca há nada a se lamentar a respeito do amor. Nunca. Você preferia não me amar? Ou a *Dora*? Ou nunca aprendeu a amar, amando Ira?

— Não. Não, isso não! Mas queria conhecer Eros também.

— Conte suas bênçãos, querida. "Eros" pode magoar.

— Lazarus, não receio ficar magoada. Mas embora eu conheça muito sobre a reprodução homem-mulher, muito mais do que qualquer pessoa isolada de carne e osso...

— Conhece? Ou acha que conhece?

— Conheço, Lazarus. Ao preparar-me para emigrar, acrescentei um estoque adicional de memória extra, enchendo grande parte do porão número 2, de forma a poder transcrever para Ishtar no meu novo eu todos os arquivos de pesquisa, a biblioteca e os registros confidenciais da Clínica Howard de Rejuvenescimento...

— Puxa! Acho que Ishtar se arriscou. A clínica parece bastante reservada quanto ao que libera ou não libera.

— Ishtar não tem medo de se arriscar. Mas ela me pediu para andar depressa. Assim, coloquei isso na memória temporária até poder estabelecer a capacidade necessária, no porão de *Dora*. Mas pedi permissão a Ishtar para estudar o assunto e ela disse que estava bem eu fazer isso, desde que eu não liberasse nada classificado como confidencial ou secreto sem consultá-la.

"Achei isso fascinante, Lazarus. Agora sei tudo sobre o sexo... no sentido de que um homem que sempre foi cego pode aprender a física de um arco-íris. Sou até cirurgia genética agora, em teoria, e não hesitaria em ser uma na prática uma vez que tivesse tempo de construir as pinças em ultra-microminiatura necessárias para esse trabalho delicado. Sou especializada igualmente em obstetrícia, ginecologia e rejuvenescimento. Os reflexos da ereção, a mecânica do orgasmo, os processos da espermatogênese e a fecundação não são mistério para mim, nem qualquer aspecto da gestação e do nascimento. Só não posso conhecer Eros... e sei finalmente que sou cega."

Variações Sobre um Tema VI

A História dos Gêmeos que não eram Gêmeos

(Omitido)

... mas comerciante do céu era então minha ocupação habitual, Minerva. Aquele salto no qual passei de escravo a alto sacerdote me foi imposto. Tive que ser humilde por um longo tempo, o que não é do meu estilo. Talvez Jesus estivesse certo quando disse que os humildes herdariam a terra — mas herdariam lotes muito pequenos, com cerca de dois metros por um.

Mas o único caminho de servo da terra para a liberdade era através da Igreja e exigia humildade o tempo todo; portanto, foi isso que lhes dei. Aqueles sacerdotes tinham hábitos esquisitos...

(9 300 palavras omitidas)

... o que me fez sair do seu maldito planeta sem nunca esperar voltar.

... voltei dois séculos mais tarde — recém-rejuvenescido e sem parecer em nada com aquele alto sacerdote cuja nave se havia perdido no espaço.

Eu era um comerciante do céu novamente, o que me agradava; faz a gente viajar e ver coisas. Fui de novo para Abençoado em busca de dinheiro, não de revanche. Jamais gastei suor do crânio em revanches; a síndrome do conde de Monte Cristo é trabalhosa demais e não muito divertida. Se me desentendo com um homem e ele sobrevive a isso, não volto mais tarde à procura dele com um revólver. Em vez disso, sobrevivo a ele — o que iguala os saldos dos livros da mesma forma. Achei que dois séculos seriam suficientes para os meus inimigos em Abençoado morrerem, já que havia deixado a maioria deles mais ou menos mortos anteriormente.

Abençoado não estaria na minha rota senão por motivos comerciais. O comércio interestelar é limitado economicamente ao básico. Não se pode ganhar dinheiro ganhando dinheiro, porque o dinheiro não é dinheiro a não ser em seu planeta de emissão. A maior parte do dinheiro é papel-moeda de curso forçado; toda carga de papel-moeda de uma nave é papel sujo em outra parte. O crédito bancário vale ainda menos; as distâncias galácticas são grandes demais. Mesmo o dinheiro que tilinta deve ser considerado como mercadoria — não dinheiro —, ou você se enganará a si mesmo até à fome.

Isto dá ao comerciante do céu uma compreensão de economia raramente conseguida por banqueiros ou professores. Ele está engajado nas trocas, e nada de bobagens. Paga os impostos que não pode sonegar e não se importa se eles são chamados de "imposto de consumo", "dízimo do rei", "extorsão" ou subornos diretos. É o bastão, a bola e o quintal do outro garoto; portanto, joga-se pelas regras dele — nada por que suar. O respeito às leis é uma questão pragmática. As mulheres sabem disto instintivamente; é por isso que todas elas são contrabandistas. Os homens muitas vezes acreditam — ou fingem acreditar — que a "Lei" é alguma coisa sagrada, ou pelo menos uma ciência — presunção

essa sem fundamento, muito conveniente para os governos.

Fiz pouco contrabando; é arriscado, e a gente pode terminar com dinheiro que não se atreve a gastar onde ele é moeda legal. Simplesmente tentei evitar os lugares onde a extorsão era alta demais.

Pela lei da oferta e da procura uma coisa tem valor tanto por onde está como pelo que é — e é isso que um comerciante faz; transporta as coisas de onde são baratas para onde valem mais. Uma porcaria malcheirosa num estábulo é um fertilizante valioso se você o transportar para o sul quarenta. Seixos num planeta podem ser pedras preciosas em outro. A arte de escolher a carga está em saber onde as coisas valerão mais, e o comerciante que puder calcular certo pode ganhar a fortuna de Midas numa viagem. Ou calcular errado e falir.

Eu estava em Abençoado porque tinha estado em Aterragem e queria ir para Valhalla a fim de voltar para Aterragem, porque estava pensando em me casar e constituir outra família. Mas eu queria ser rico o suficiente para ser proprietário de terras quando me casasse — o que eu não era na ocasião. Tudo quanto eu tinha era a nave de reconhecimento que eu e Libby havíamos usado ^[33] e uma pequena quantia em dinheiro local.

Assim, era tempo de comerciar.

As rotas comerciais para uma troca nos dois sentidos apresentam um lucro mínimo; elas abastecem tudo depressa demais. Mas um comércio triangular — ou números mais altos — pode apresentar altos lucros. Da seguinte forma: Aterragem tinha certa coisa — digamos queijo — que era luxo em Abençoado, ao passo que Abençoado produzia algo — digamos giz — muito procurado em Valhalla.... ao passo que Valhalla fabricava objetos pequenos de que Aterragem precisava.

Trabalhe nisto na direção certa e ficará rico; trabalhe de trás para diante e ficará sem a camisa.

Eu havia trabalhado o primeiro lado do triângulo, de Aterragem para Abençoado, com sucesso, tendo vendido minha carga de... Ora, de que era? Macacos me mordam se puder me lembrar; lidei com tantas coisas! De qualquer maneira, consegui um preço tão bom que temporariamente fiquei com dinheiro demais.

Quanto é "demais"? O que quer que você não possa gastar antes de deixar um lugar para o qual não vai voltar. Se você guardar esse excesso e voltar mais tarde, descobrirá geralmente — invariavelmente, tanto quanto lembro — que a inflação, a guerra, os impostos, as mudanças de governo ou alguma coisa varreu o valor nominal do papel-moeda que você possa ter guardado.

Como a minha nave devia ser carregada e eu havia caucionado com a autoridade do porto o preço da sua carga, o que me restara estava queimando o meu bolso com apenas um dia para me livrar daquilo, sendo esse o tempo para carregar a minha nave — eu tinha que estar presente para isso; eu era o meu próprio comissário por ser desconfiado por natureza.

Assim, dei um passeio pelo bairro do comércio a varejo, achando que podia

comprar algumas bugigangas.

Eu estava vestido segundo a alta moda local e tinha um guarda-costas atrás de mim, porque Abençoado tinha ainda uma economia escrava, e numa sociedade piramidal é bom estar no alto, perto da ponta, ou pelo menos parecer estar. Meu guarda-costas era escravo, mas não meu; eu o havia alugado numa agência de locação de empregados. Não sou hipócrita; este escravo não tinha porcaria nenhuma para fazer senão acompanhar-me e comer como um porco.

Eu estava com ele porque o *status* que assumira exigia um empregado à vista. Um "cavalheiro" não podia hospedar-se num *hilton* de primeira classe em Caridade ou em qualquer parte de Abençoado sem um criado particular em evidência; eu não podia comer num bom restaurante sem o meu próprio empregado de pé atrás de mim — e assim por diante; em Roma, faça como os romanos. Estive em lugares onde era obrigatório dormir com a anfitriã — o que pode ser horrível; este costume de Abençoado não era difícil.

Eu não confiava nele, embora a agência o tivesse fornecido com uma bengala com castão. Eu estava armado de seis maneiras diferentes e tomava cuidado por onde andava; Abençoado estava mais perigoso do que quando eu fora escravo lá, e um "cavalheiro" era mais um alvo, embora os tiras não o incomodassem.

Eu estava cortando caminho através do mercado de escravos, não sendo esse um dia de leilão, em direção do beco dos joalheiros, quando vi aquela mercadoria sendo oferecida e diminuí a marcha — um homem que tenha sido vendido ele próprio não pode passar indiferente diante da condição dos escravos. Não que eu tivesse qualquer intenção de comprar um.

Nem parecia haver alguém prestes a comprar aquele par; o ajuntamento em torno da tenda do feitor era da plebe; eu podia dizer pelas suas roupas e pelo fato de não haver lá um homem com empregado.

A mercadoria estava de pé sobre uma mesa: uma moça e um rapaz. Ele no fim da adolescência e ela apenas amadurecida, ou seriam da mesma idade, em virtude de as mulheres crescerem mais depressa. Digamos dezoito anos medidos pela minha própria juventude — idade na qual um rapaz deve ser pregado dentro de um barril e alimentado através de um buraco, mas uma moça está pronta para se casar.

Túnicas longas sem mangas pendiam dos seus ombros — e eu sabia muito bem o que significavam aquelas túnicas; eles seriam exibidos apenas para um comprador em perspectiva, não para a ralé. Túnicas significavam escravos valiosos, não para serem vendidos em leilão aberto.

De fato, eles estavam sendo vendidos num leilão holandês, com o lance mínimo afixado — dez mil bênçãos. Isso monta a... Como posso definir o dinheiro de séculos atrás, num planeta a centenas de anos-luz de distância, em termos que tenham sentido aqui e agora? Digamos da seguinte maneira: a menos que os garotos fossem alguma coisa extraordinária, estavam com o preço exagerado por um fator de cinco vezes, porque o gado jovem no apogeu, de qualquer dos sexos, estava dando por volta de mil bênçãos, segundo as notícias financeiras da

manhã.

Você parou alguma vez em frente a uma loja de roupas e foi pescada para dentro? Não, é claro que não foi. Mas foi o que aconteceu comigo.

Tudo quanto fiz foi dizer ao feitor:

— Meu bom homem, esse preço afixado é um engano? Ou estes dois têm alguma coisa especial que não aparece?

Apenas curiosidade, Minerva, porque eu não pretendia possuir escravos, nem o excesso de dinheiro em minha bolsa faria diferença no costume de todo um planeta. Mas eu não podia ver por quê. A moça não era excepcionalmente bonita; ela não alcançaria um preço alto como odalisca. O rapaz não era sequer musculoso. Nem formavam um par que combinasse. Em casa eu a tomaria por italiana e ele por sueco.

Pronto, fui levado contra a vontade para dentro da tenda enquanto os escravos eram empurrados na frente; os modos do feitor mostravam que ele não tinha tido uma pessoa excitante o dia inteiro, enquanto a minha sombra dizia no meu ouvido:

— Patrão, esse preço é alto demais. Posso levá-lo a uma sala particular onde os preços são corretos e a satisfação é garantida.

— Cale a boca, Fiel — disse eu. — Todos os empregados pessoais alugados se chamavam "Fiel", provavelmente pelos contrários. — Quero ver o que é isto.

Logo que a aba da tenda foi fechada contra a ralé, o feitor empurrou uma cadeira contra os meus joelhos e, entregando-me um drinque com uma inclinação e um rapapé, disse úricamente:

— Ah, doce e amável patrão, estou feliz por haver perguntado isso! Vou mostrá-lhe agora uma grande maravilha da ciência! Uma coisa de espantar os próprios deuses! Falo como um homem piedoso, um verdadeiro filho da nossa Eterna Igreja, que não pode mentir!

Um feitor de escravos que não pode mentir ainda está para nascer. Enquanto isso, os jovens pararam documento sobre uma plataforma de exposição, e Fiel estava cochichando:

— Não acredite numa palavra, patrão. A moça não vale nada e posso bater em três destes porcarias sem o meu bastão... apesar disso a agência me venderia ao senhor por oitocentas bênçãos, e isso é verdade.

Fiz sinal para ele se calar.

— Bom homem, que tapeação é esta?

— Tapeação nenhuma, pela honra da minha mãe, caro senhor! O senhor acreditaria que eles são irmão e irmã?

Olhei para eles.

— Não.

— O senhor acreditaria que eles não são apenas irmão e irmã, mas gêmeos?

— Não.

— O senhor acreditaria que são do mesmo haras, da mesma mãe, do mesmo útero, nascidos à mesma hora?

— Possivelmente do mesmo útero — concedi. — Mãe-hospedeira?

— Não, não! Exatamente os mesmos ancestrais. E, apesar disso, aqui está o milagre... — Ele fixou os olhos em mim e falou em voz baixa: — Eles são, contudo, um ótimo par para acasalar... porque estes gêmeos não são parentes um do outro! O senhor acreditaria nisso?

Eu lhe disse no que acreditava, inclusive na possibilidade de ele perder a licença e enfrentar uma acusação de blasfêmia.

Seu sorriso aumentou, ele cumprimentou-me pela minha inteligência e perguntou-me quanto — se ele provasse todas aquelas coisas —, qual o maior lance que eu faria por eles. Acima de dez mil, já que eu devia compreender que o preço afixado representava um lance anterior. Quinze mil, talvez, com caução até o dia seguinte antes do meio-dia?

— Esqueça isso — disse eu —, estou embarcando antes do meio-dia — e comecei a me levantar.

— Espere, peço-lhe! — gritou ele. — Vejo que o senhor é um cavalheiro educado, de ciência, com conhecimento profundo e muito viajado... certamente concederá ao seu humilde servo um momento para mostrar as provas.

Eu ainda teria ido embora; as fraudes me aborrecem. Mas ele acenou com uma das mãos e os garotos deixaram cair suas túnicas e assumiram poses de exibições, o rapaz com os braços cruzados no peito e os pés plantados firmemente, a moça naquela pose graciosa que deve ser tão velha como Eva — um joelho ligeiramente avançado, uma das mãos nos quadris, o outro braço pendendo naturalmente e o peito erguido. Isso quase a tornou bonita, salvo que ela parecia chateada — havendo-a assumido centenas de vezes, sem dúvida.

Mas não foi isso o que me fez ficar; alguma coisa me aborreceu. O rapaz estava nu, é claro — ela estava usando um cinto de castidade. — Você sabe o que é isso, Minerva?

— Sei, Lazarus. Muito mal. Eu disse:

— Tire essa maldita coisa dessa garota! Agora! — Bobagem minha; raramente interfiro em qualquer coisa num planeta estranho. Mas aquelas coisas eram abomináveis.

— Certamente, gentil senhor; eu ia fazer isso. Estrellita!

A moça virou de costas com aquele mesmo olhar chateado. O feitor ficou de pé de maneira que suas costas impediam o rapaz de vê-lo mexer no segredo da fechadura. O feitor disse, desculpando-se:

— Ela tem que usar isso não só por causa dos rufiões como para protegê-la do irmão; eles dormem no mesmo catre, porque ela é... O senhor acreditaria nisso, vendo como ela está madura? Ela é virgem! Mostre ao gentil patrão, Trellita.

Chateada como sempre, ela prontamente começou a fazê-lo. Considero a virgindade uma perversidade corrigível sem nenhum interesse; fiz um gesto para que ela parasse e perguntei ao feitor se ela sabia cozinhar.

Ele me garantiu que ela era motivo de ciúmes para todos os cozinheiros de Abençoado, e começou a trancá-la de novo dentro daquela fralda de aço. Falei severamente:

— Deixe-a fora! Ninguém aqui vai estuprá-la. É essa a prova que você prometeu?

Minerva, ele provou cada palavra — exceto sobre ela cozinhar — com elementos de prova que só me deixaram desconfiado porque ele os mostrou; eu não teria hesitado se os visse aqui na clínica.

Devo mencionar que Abençoado tinha uma clínica de rejuvenescimento, embora não fosse estabelecida pelas Famílias. Finalmente, a direção da clínica foi assumida pela Igreja, e as técnicas de antigéria que funcionavam razoavelmente bem, mesmo em pessoas que vivem pouco, não estavam mais à disposição de ninguém, a não ser dos figurões. Mas o planeta continuou adiantado em técnicas biológicas; a Igreja precisava delas.

Minerva, contei a você o que ele afirmou e você está agora tão entendida em biologia, genética e manipulações associadas quanto Ishtar — mais ainda; você não tem as limitações dela em tempo e capacidade de memória. O que foi que ele provou para mim?

— Que eles eram complementos diplóides, Lazarus.

— Certo! Embora ele os chamasse de "gêmeos sócias". Pode dizer-me como foram feitos estes garotos, Minerva? Como você faria para produzir esses gêmeos?

A computadora respondeu, pensativa:

— "Gêmeos sócias" seria uma expressão inexata para zigotos que satisfizessem as exigências arroladas... embora seja pitoresca. Posso responder a isso apenas teoricamente, porque meus registros não mostram que isso tenha sido tentado em Secundus. Mas os passos necessários para obter complementos diplóides exatos seriam estes: deve haver intervenção na gametogênese de cada progenitor imediatamente antes da divisão-redução miótica do número de cromossomos, isto é, um começaria com espermátócitos primários e oócitos primários, diplóides não-reduzidos.

"No progenitor masculino a intervenção não apresenta nenhum problema técnico, mas seria difícil porque as células são muito pequenas... contudo, eu não hesitaria em tentá-la, tendo tempo para construir as extensões necessariamente finas.

"O lugar lógico para começar, em ambos os progenitores, seria com o gônio colocado *in vitro*, e bem alimentado. Quando se observasse um espermatogônio se transformar num espermátócito primário, ainda diplóide, ele seria segregado e, no momento em que se dividisse em dois espermátócitos secundários

(haplóides, um com um cromossomo X e outro com um cromossomo Y), eles seriam segregados novamente e cada um encorajado a se transformar num espermatozóide.

"Não seria suficiente intervir na fase de espermatozóide; a confusão dos pares de gametas não poderia ser evitada e os zigotos resultantes só poderiam ser complementares pelo acaso mais extravagante.

"A intervenção na progenitora feminina é mecanicamente mais simples por causa das células maiores, mas envolve um problema diferente; o óocito primário deve ser encorajado, no ponto da meiose, a produzir *dois* haplóides e óocitos secundários complementares, em vez de um óocito e um corpo polar. Lazarus, isto pode exigir muitas tentativas antes de se descobrir uma técnica digna de confiança. Seria semelhante ao processo da geminação univitelina, mas deve ter lugar duas fases mais cedo na seqüência gametogenética. No entanto, pode-se verificar não ser mais difícil do que produzir coelhas sem pai. Não arrisco uma opinião porque me falta a arte anterior a que recorrer... exceto que estou certa de que isso pode ser feito, dado o tempo para aperfeiçoar a técnica.

"Neste ponto temos grupos complementares de espermatozoides, um grupo com cromossomo Y e um com cromossomo X e um par complementar de óvulos, cada um com um cromossomo. A fertilização seria *in vitro*, com uma possibilidade de escolher qualquer dos dois pares potenciais de complementos femininos-masculinos, mas sem nenhuma base para escolha, a menos que as cartas genéticas dos haplóides sejam determinadas com precisão, o que é difícil e tem a probabilidade de causar danos genéticos; não acho que isso seria tentado. Em vez disso, um espermatozóide seria inserido dentro de um óvulo, seu complemento dentro de outro, numa base cega.

"Uma última exigência deve ser atendida para justificar todas estas alegações do feitor de escravos: os dois óvulos fertilizados devem ser retirados do vidro e plantados no útero da doadora do oógonio, e lá deixados para se transformarem em gêmeos através de gestação e nascimento naturais.

"Estou certa, Lazarus?"

— Absolutamente certa! Vá para a frente da classe, querida; você ganhou uma estrela de ouro no seu boletim. Minerva, não sei se isso aconteceu dessa maneira. Mas foi isso que o feitor afirmou, e era isso que as suas provas — relatórios de laboratório, holofilmes e assim por diante — pareciam mostrar. Mas aquele ladrão pode ter falsificado aquelas "provas" e oferecido um par aleatório sem probabilidade de obter um preço acima da média — exceto pela sua conversa elaborada de vendedor. As assim chamadas provas pareciam boas, e os relatórios de laboratório e outros traziam um carimbo e o selo de bispo. As fotografias e filmes pareciam bons também — mas como pode um leigo julgar? Mesmo que aquelas provas não fossem falsas, tudo quanto podiam provar era que esse processo havia sido realizado certa vez; elas não provavam que estes garotos fossem o resultado. Bolas, podem ter sido usadas para vender muitos pares de escravos, com um bipo metido no negócio.

Examinei o material, inclusive um álbum de recortes dos garotos crescendo, e disse:

— Muito interessante — e comecei a sair.

Este bolha telemoveu-se entre mim e a aba da tenda.

— Patrão — disse ele, apressado. — Amável e generoso senhor... doze mil?

Minerva, meus instintos de comerciante assumiram o comando.

— Mil! — retruquei. Não sei por quê. Sim, sei. O corpo da moça estava com cicatrizes daquele maldito cinto de Torquemada; eu queria insultar este vendedor ambulante de carne.

Ele recuou e pareceu estar dando à luz garrafas de cerveja quebradas.

— O senhor está caçoando comigo. Onze mil bênçãos, e eles são seus... embora as despesas não corram por minha conta!

— Mil e quinhentas — respondi. Eu tinha dinheiro que não podia gastar em lugar nenhum e disse comigo mesmo que podia livrar-me dele em vez de deixar aquela garota ser presa dentro daquela maldita atrocidade outra vez.

— Se eles fossem meus, eu os *daria* ao senhor. — Ele gemeu. — Amo estas gracinhas como meus próprios filhos e não podia desejar-lhes nada melhor do que um patrão bondoso e amável, entendido em ciência, que aprecia as maravilhas praticadas na fabricação deles. Mas o bispo me enforcaria e me cortaria vivo para ser morto pelo meu instrumento. Dez mil e leve todas as provas e atestados. Terei um prejuízo para o bem deles... e porque o admiro muito.

Subi para quatro mil e quinhentas e ele desceu para sete mil; aí paramos, porque eu tinha que ter dinheiro para a extorsão do último minuto, embora me parecesse que ele estava perto do ponto onde realmente não podia vender sem se arriscar à ira do bispo. Se é que havia um bispo...

Ele deu as costas, mostrando que a barganha estava terminada e que ele estava cansado de lisonjear-me, e disse bruscamente à moça para entrar de novo no seu equipamento de aço.

Tirei minha bolsa. Minerva, você compreende o dinheiro; você cuida das finanças do governo. Mas provavelmente não sabe que a erva viva afeta certas pessoas da mesma maneira que a erva dos gatos afeta Diabolo. Conteí quatro mil e quinhentas bênçãos em notas grandes, vermelhas e douradas, sob o nariz daquele patife — e parei. Ele estava suando e engolindo, mas conseguiu sacudir a cabeça dois milímetros e meio.

Assim, conteí mais notas, muito devagar, e cheguei a cinco mil — depois comecei a recolhê-las rapidamente.

Ele me deteve — e descobri que havia comprado os únicos escravos que já possuí.

Ele relaxou então, de maneira resignada, mas queria um extra pelas provas. Não me importei de uma maneira ou de outra, mas ofereci duzentos e cinqüenta pelo

cofre e as fitas, era pegar ou largar. Ele pegou e começou novamente a pôr O cinto na moça.

Eu o fiz parar e disse:

— Mostre-me como funciona isso.

Eu sabia — uma fechadura do tipo cilindro com uma combinação de dez letras que se podia regular para uma nova combinação cada vez que se usava. Registrada a combinação, fazia-se deslizar a extremidade da cinta de aço que passava em volta da cintura dela pelas extremidades do tambor, giravam-se os discos do alfabeto do cilindro; aí ela ficava trancada até a gente registrar novamente qualquer combinação de dez letras que escolhesse. Uma fechadura cara e bom aço no cinto — uma liga que uma serra de metal não podia romper. Isto foi outra coisa que tornou sua história convincente porque, embora houvesse um mercado para virgens naquele globo estranho, uma odalisca treinada valia quase o mesmo e esta moça não estava sendo reservada para estoque de harém de maneira alguma. Portanto, um cinto de castidade caro, feito sob medida, tinha que estar sendo usado por algum outro motivo.

De costas para os escravos ele me mostrou a combinação: E-S-T-R-E-L-L-I-T-A — e ficou cheio de si sobre como fora esperto em escolher uma combinação que não podia esquecer.

Então me atralhei de propósito, depois fingi entender e abri a fechadura. Ele ia pô-lo na garota outra vez e mandar-nos embora.

— Espere um momento — disse eu. — Quero ter certeza de saber colocar isso no lugar. Entre nele e deixe-me tirá-lo.

Ele não quis. Aí fiquei irritado e disse-lhe que estava tentando enganar-me — colocar-me numa situação em que eu teria de mandar chamá-lo e pagar muito para ter a minha propriedade destrancada. Exigi meu dinheiro de volta e comecei a rasgar a nota de venda. Ele cedeu e entrou na geringonça.

Ele podia introduzir-se no cinto embora as extremidades da cinta de aço mal se tocassem; ele era mais grosso de cintura do que a moça.

— Agora solete a combinação para mim — disse eu, inclinando-me sobre a fechadura. Enquanto ele soletrava *ESTRELLITA*, O que registrei foi *FILHODAMÃE*; depois juntei as extremidades com toda a força e girei os discos.

— Bom — disse eu. — Funciona. Agora solete outra vez.

Ele o fez e eu soletrei cuidadosamente *ESTRELLITA*. Continuou trancado. Sugeriu que ele me havia feito soletrar com um *l* só e dois *t* da primeira vez. Isso também não funcionou.

Ele pegou um espelho e tentou por si mesmo. Nada feito.

Eu disse que devia estar enquiçado, que ele encolhesse a barriga e eu o sacudiria.

A essa altura ele estava suando.

— Vou lhe dizer o que farei, meu bom homem — disse eu, finalmente. — Vou dar-lhe esse cinto. Em vez disso, prefiro confiar num cadeado. Assim, vá até um serralheiro... Não, você não vai querer usar isso na rua; diga-me apenas onde encontrar um, que o mandarei aqui e pagarei a ele eu mesmo. Acha justo? Não posso ficar aqui; tenho um compromisso para jantar no Beulahland. Onde estão as roupas deles? Fiel, junte estes trapos e traga os garotos.

Deixei-o, então, ainda se lamentando e recomendando que eu dissesse ao serralheiro para vir depressa.

Ao deixarmos a tenda estava passando um táxi. Mandeí Fiel chamá-lo e nós todos nos empilhamos dentro. Nem passei no serralheiro. Mandeí o motorista ir para o porto celeste; no caminho parei numa loja de roupas feitas e comprei para os garotos roupas apropriadas, uma tanga para ele e uma espécie de sarong balinês para ela — muito parecido com o vestido que Hamadriade usou ontem. Acho que essas foram as primeiras roupas verdadeiras que os jovens tiveram. Não pude arranjar-lhes sapatos; resolvi comprar sandálias — depois tive que afastar Estrellita para longe de um espelho; ela estava se admirando e se enfeitando. Joguei fora aquelas túnicas do leilão.

Meti os garotos dentro do táxi e disse a Fiel:

— Está vendo aquele beco? Se eu virar de costas e você sair correndo por ele, não poderei correr atrás de você; tenho que ficar de olho nestes dois.

Minerva, descobri uma coisa que nunca compreenderei: a mentalidade do escravo. Fiel não entendeu o que eu quis dizer — e, quando expliquei, ficou estupefato. Ele não tinha prestado bons serviços? Eu queria que ele passasse fome?

Desisti. Deixamo-lo na agência de empregados, e recebi meu depósito de volta — dando-lhe uma gorjeta pelos bons serviços — e meus escravos e eu continuamos para o porto celeste.

Verifiquei que precisava daquele depósito e de quase todas as bênçãos que me restavam — tive que pagar na saída da alfândega para pôr os garotos a bordo da minha nave, apesar de a nota de venda estar em ordem.

Mas consegui pô-los a bordo. Fiz com que se ajoelhassem imediatamente, pus minhas mãos sobre suas cabeças e libertei-os. Parece que eles não acreditaram nisso.

— Olhem — expliquei então —, vocês estão livres agora. Livres, entenderam? Não são mais escravos. Vou assinar as

cartas de alforria. Vocês podem ir ao escritório da diocese e registrá-las. Ou podem jantar aqui e dormir a bordo; darei a vocês as bênçãos que puder pouco antes de minha nave decolar amanhã. Ou, se quiserem, podem ficar a bordo e ir para Valhalla, um bonito planeta, embora mais frio do que este — mas onde não há nenhuma coisa amarelada com escaridão.

Minerva, acho que Llita — pronuncia-se "Ita", seu nome de todos os dias — ou

seu irmão Joe — Josie ou José — não compreenderam o que eu quis dizer com um lugar que não tinha escravidão; isso era estranho a tudo quanto conheciam. Mas sabiam o que era uma nave estelar, de ouvir dizer, e a perspectiva de ir a alguma parte em uma delas deixou-os maravilhados — não teriam perdido isso se eu lhes tivesse dito que iriam ser enforcados na chegada. Além disso, em suas mentes eu ainda era o patrão; a alforria não penetrara ali, embora soubessem o que era. Alguma coisa para servidores velhos e fiéis, isto é, que continuassem no fundo onde tinham estado todos juntos, mas talvez recebessem um pequeno pagamento.

Mas viajar! O mais longe que tinham viajado alguma vez em suas vidas fora de uma diocese ao norte dali até a capital, para serem vendidos.

Um pequeno problema na manhã seguinte... Parece que um certo Simon Legree, comerciante de escravos licenciado, havia apresentado uma queixa contra mim alegando danos corporais, coação mental e acusações variadas. Fiz o tira sentar-se na sala dos oficiais, servi-lhe um drinque, chamei Lita, fi-la tirar suas maravilhosas roupas novas e deixei o tira ver as cicatrizes nos seus quadris, depois disse a ela para dar o fora. Eu deixara por acaso uma nota de cem bênçãos sobre a mesa quando me levantara para apanhar a nota de venda.

O tira afastou com um gesto a nota de venda, dizendo que não houvera nenhuma reclamação quanto a ela — mas que ia dizer ao bom Legree que ele tinha sorte de não enfrentar uma contra-acusação por vender mercadorias estragadas... não, pensando melhor, seria mais simples se ele não pudesse me encontrar até a minha nave ter decolado. As cem bênçãos tinham sumido, e logo o tira foi embora — e por volta do meio-dia nós também.

Mas, Minerva, eu fui roubado; Lita não sabia cozinhar porcaria nenhuma.

É uma viagem longa e complexa de Abençoado para Valhalla, e o capitão Sheffield ficou satisfeito por ter companhia.

Houve um pequeno contratempo na primeira noite da viagem, causado por um mal-entendido que havia começado na noite anterior, em terra. A nave tinha uma cabine e dois camarotes. Já que o capitão normalmente operava sozinho, usava os camarotes como depósito para cargas leves; eles não estavam preparados para passageiros. Assim, naquela primeira noite em terra, pôs sua mulher libertada dentro da sua cabine, enquanto o irmão dela e ele dormiram nos sofás da sala de oficiais.

No dia seguinte o capitão Sheffield abriu os camarotes, ligou a força neles, mandou os jovens limpá-los e transferir o que estava lá para um paiol de equipamentos até poder verificar o espaço que lhe restava em seus porões, e disse a cada um deles para ficar com um quarto — e esqueceu-se daquilo, ocupado como estava com a carga e o suborno final, depois em supervisionar seu computador de pilotagem enquanto eles ficavam afastados daquele sistema. Era tarde naquela "noite", pela hora da nave, quando a pôs em seu primeiro rumo no espaço n e pôde relaxar.

Foi para a sua cabine, enquanto pensava se devia comer primeiro, tomar um banho de chuveiro, ou possivelmente nenhum dos dois.

Estrellita estava na cama dele — completamente acordada e esperando.

— Llita, o que está fazendo aqui? — perguntou ele. Ela lhe disse na língua rude dos escravos o que estava fazendo na cama dele — esperando por ele —, porque sabia o que se esperava dela quando Milorde Sheffield se havia oferecido para levá-los junto com ele; ela havia discutido o assunto com o irmão, e ele lhe havia dito para fazer isso.

Ela acrescentou que não estava com nem um pouco de medo; estava preparada e ansiosa.

Na primeira parte Aaron Sheffield teve que acreditar; o adendo parecia claramente uma mentira; ele já havia visto virgens assustadas antes — não muitas vezes, mas algumas.

Enfrentou o medo dela ignorando-o.

— Sua cadela petulante — disse ele —, tire o seu rabo da minha cama e ponha-o na sua.

A mulher libertada ficou espantada e incrédula, depois magoada e ofendida — e em seguida chorou. O medo de um desconhecido que havia sentido antes foi afogado numa emoção pior; seu ego minúsculo estava esmagado pela rejeição dos serviços que ela sabia dever a ele — e julgara que ele queria. Caiu em soluços e derramou lágrimas sobre o travesseiro.

As lágrimas femininas sempre tiveram um forte efeito afrodisíaco sobre o capitão Sheffield; ele reagiu a elas imediatamente — agarrando-a pelo tornozelo, puxando-a para fora da cama, empurrando-a para fora da sua cabine, levando-a para o camarote dela e trancando-a lá. Depois voltou para a sua cabine, trancou a porta, tomou medidas para se acalmar e foi dormir.

Minerva, não havia nada errado com Llita como mulher. Uma vez tendo-a ensinado a tomar banho adequadamente, ela era bastante atraente — corpo bem-feito, fisionomia e maneiras agradáveis, bons dentes e hálito doce. Mas ter relações com ela não estava de acordo com nenhum costume. Todo Eros é costume, querida; nunca houve nada moral ou imoral quanto à cópula como tal, ou qualquer das suas particularidades não funcionais. Eros é simplesmente uma maneira de manter os seres humanos, os indivíduos, diferentes entre si — mantendo-os juntos e felizes. É um mecanismo de sobrevivência aperfeiçoado através de uma longa evolução, e a sua função reprodutora é o aspecto menos complexo do seu papel mais complexo e difuso de manter a raça humana em funcionamento.

Mas qualquer ato sexual é moral ou imoral precisamente pelas mesmas leis de moralidade que regem qualquer outro ato humano; todas as outras regras sobre o sexo são simplesmente costumes — locais e passageiros. Há mais códigos de costumes sexuais do que pulgas num cachorro — e tudo quanto eles têm em

comum é que foram "ordenados por Deus". Lembro-me de uma sociedade em que a cópula em particular era obscena e proibida, criminosa — enquanto que em público era um vale-tudo. A sociedade em que fui criado tinha o inverso dessas regras — novamente "ordenadas por Deus". Não sei bem que padrão era mais difícil de seguir, mas gostaria que Deus parasse de mudar de idéia — porque nunca é seguro ignorar esses costumes, e a ignorância não é uma desculpa; a ignorância fez com que eu fosse alvejado no rabo diversas vezes.

Ao recusar Llita eu não estava sendo moral; estava seguindo os meus próprios costumes sexuais, elaborados por tentativas, erros e muitas contusões durante os séculos: nunca levo para a cama uma mulher que dependa de mim, a menos que seja casado com ela ou pretenda casar-me. Esta é uma regra empírica amoral, sujeita a mudanças segundo as circunstâncias, e que não se aplica a mulheres que não dependem de mim — isto é uma coisa completamente diferente. Mas esta regra é uma precaução de segurança aplicável à maioria das situações e lugares com costumes que variam largamente — uma medida de segurança para mim... porque, ao contrário daquela senhora de Boston de quem lhe falei, muitas mulheres consideram a cópula como uma proposta formal de contrato.

Eu havia deixado o impulso induzir-me a me colocar numa situação em que Llita era temporariamente minha dependente; eu não tinha nenhuma intenção de tornar as coisas piores casando-me com ela, eu não lhe devia isso. Minerva, os que vivem muito nunca devem se casar com efêmeras; isso não é justo para a efêmera nem para o que vive muito.

Apesar de tudo, uma vez que você recolha um gato perdido e o alimento, não pode abandoná-lo. O amor-próprio proíbe isso. O bem-estar do gato torna-se essencial à sua própria paz de espírito — mesmo quando é extremamente aborrecido não romper o compromisso com o gato. Tendo comprado aqueles garotos, eu não podia livrar-me deles pela alforria; tinha que planejar seu futuro — porque eles não sabiam fazê-lo. Eram gatos perdidos.

Cedo na "manhã" seguinte (pela rotina da nave) o capitão Sheffield levantou-se, abriu o camarote da mulher libertada e encontrou-a dormindo. Chamou-a e disse-lhe para se levantar, lavar-se rapidamente, depois preparar café para três. Saiu para acordar o irmão dela — encontrou seu camarote vazio e ele na cozinha.

— Bom dia, Joe.

O liberto deu um pulo.

— Ah! Bom dia, patrão. — Ele abaixou-se e dobrou o joelho.

— Joe, a resposta certa é: "Bom dia, capitão". Isso vem a dar no mesmo no momento, porque sou realmente o chefe desta nave e de todos dentro dela. Mas, quando você deixar a minha nave em Valhalla, não terá chefe de espécie alguma. Nenhum, como expliquei ontem. Enquanto isso, chame-me de "capitão".

— Sim... capitão. — O rapaz repetiu a mesura.

— Não se incline! Quando falar comigo, fique ereto, firme e orgulhoso, e olhe diretamente para os meus olhos. A resposta correta para uma ordem é: "Sim, senhor, capitão". O que está fazendo aqui?

— Ah, não sei... capitão.

— Também acho que você não sabe. Aqui há café suficiente para uma dúzia de pessoas. — Sheffield empurrou Joe com o cotovelo para o lado, recuperou a maioria dos cristais de café que o rapaz havia despejado numa tigela, mediu o suficiente para nove xícaras, tomou nota para ensinar a garota a fazer café se ela não soubesse e depois a manter o café pronto durante as horas de trabalho.

Ao sentar-se com a primeira xícara de café, ela apareceu. Seus olhos estavam vermelhos e com olheiras; ele suspeitou de que ela havia chorado um pouco mais naquela manhã. Mas não fez nenhum comentário a não ser uma saudação matinal, e deixou-a cuidar da cozinha sem assistência, porque ela vira o que ele tinha feito na manhã anterior.

Daí a pouco ele estava se lembrando com otimismo do almoço e do jantar feitos às pressas — sanduíches que ele mesmo havia preparado — no dia anterior. Mas não disse nada além de ordenar-lhes que se sentassem e comessem com ele, em vez de ficarem pairando sobre ele. A refeição da manhã era simplesmente café, pão frio e manteiga em lata. Ovos de *accra* reconstituídos com cogumelos eram um prato intragável, e ela havia conseguido fazer alguma coisa com o suco de fruta-do-céu. Estragar isso exigia talento; era preciso somente acrescentar oito partes de água fria para cada parte de concentrado, e as instruções estavam no recipiente.

— Llita, você sabe ler?

— Não, patrão.

— Chame-me de "capitão" em vez disso. E você, Joe?

— Não, capitão.

— Aritmética? Números?

— Ah, sim, capitão, conheço números. Dois e dois são quatro, dois e três são cinco, e três e cinco são nove...

— Sete, Josie... não nove — corrigiu-o a irmã.

— Basta — disse Sheffield. — Posso ver que ficaremos ocupados. — Ele pensou enquanto cantarolava: "Então é bom... ter uma irmã... ou mesmo um velho capitão..." E acrescentou em voz alta: — Quando vocês terminarem o café, cuidem de suas necessidades pessoais, depois arrumem seus quartos... bem arrumados e limpos, verificarei mais tarde. Façam a cama na minha cabine, mas não toquem em nada mais lá, especialmente na minha secretária. Depois tomem um banho. Sim, foi isso que eu disse: banho. A bordo da nave todos tomam banho todo dia, até mais de um, se desejarem. Há bastante água pura; nós a reciclamos e terminaremos a viagem com milhares de litros a mais do que quando começamos. Não perguntem por quê; é assim que isso funciona e explicarei mais tarde. — (Vários meses mais tarde, pelo menos, para jovens

inseguros quanto a três mais cinco.) — Quando terminarem, digamos, daqui a uma hora e meia... Joe, você sabe ver horas?

Joe olhou para o relógio antiquado da nave, montado num tabique.

— Não tenho certeza, capitão. Esse tem números demais.

— Ah, sim, naturalmente. Abençoado fica em outro sistema. Tente estar de volta aqui quando o ponteiro pequeno estiver apontando bem para a esquerda e o grande para cima. Mas desta vez não importa estarem atrasados; é preciso algum tempo para se habituar. Não se esqueçam de tomar seu banho na hora. Joe, lave a cabeça com xampu. Llita, incline-se para mim, querida; deixe-me cheirar seu cabelo. Sim, lave-o com xampu também. — Haveria redes para cabelo a bordo? Se ele desligasse a pseudogravidade e os deixasse em queda livre, iriam precisar de redes para o cabelo... ou cortá-los. Um corte de cabelo não faria mal a Joe, mas os longos cabelos pretos de sua irmã eram sua melhor característica... ajudá-la-iam a arranjar um marido em Valhalla. Ora, se não houvesse nenhuma rede para cabelo (ele achava que não havia, porque mantinha os próprios cabelos curtos e soltos), a moça poderia trançá-los e amarrar alguma coisa em volta. Poderia ele desviar potência para manter um oitão g a viagem inteira? As pessoas não habituadas com a queda livre ficam tontas, podem até se machucar.

(Não se preocupe com isso agora.)

— Arrumem seus alojamentos, lavem-se e voltem aqui. Andem.

Ele fez uma lista:

Estabelecer um programa de deveres. — N.B.: Ensiná-los a cozinhar!

Começar a escola: Que assuntos?

Aritmética básica, obviamente — mas não se preocupe com ensiná-los a ler aquele jargão falado em Abençoado; eles nunca voltariam para lá — nunca! Mas aquele jargão teria que ser a língua da nave até ele conseguir fazê-los falar galacta, e eles tinham que aprender a ler e a escrever nesse idioma — e em inglês, também; muitos livros que ele teria de usar para a sua instrução apressada eram em inglês. Ele possuía fitas para a variação de galacta falado em Valhalla? Bem, garotos da idade deles aprendiam rapidamente o sotaque, a língua e o vocabulário locais.

O mais importante era como curar suas "almas", hã... raquíticas. Suas personalidades...

Como poderia ele tomar animais domésticos completamente crescidos e transformá-los em seres humanos capazes e felizes, instruídos de todas as maneiras necessárias e capazes de competir numa sociedade livre? Dispostos a competir, sem medo disso. Ele estava apenas começando a ver o tamanho do problema do "gato perdido" que havia arrumado. Teria ele que mantê-los como animais de estimação por cinquenta ou sessenta anos ou o tempo que fosse, até que morressem naturalmente?

Antes, muito antes disso, o garoto Woodie Smith havia encontrado um filhote de raposa meio morto na floresta, aparentemente perdido de sua mãe, ou talvez a

raposa tivesse morrido. Levou-o para casa, alimentou-o com uma mamadeira e criou-o numa gaiola durante um inverno. Na primavera levou-o de volta para onde o havia encontrado e deixou-o lá, na gaiola, com a porta aberta.

Voltou ao local alguns dias mais tarde, pretendendo recuperar a gaiola.

Encontrou a criatura encolhida na gaiola, semi-esfaimada e horrivelmente desidratada — com a porta ainda aberta. Levou-a para casa, alimentou-a novamente até que recuperasse a saúde, construiu um recinto de tela para ela e nunca mais tentou soltá-la. Nas palavras do avô: "A pobre criatura nunca teve oportunidade de aprender a ser raposa".

Poderia ele ensinar aqueles animais acovardados e ignorantes a serem humanos?

Eles voltaram à sala de oficiais quando "o ponteiro pequeno estava bem para fora e o grande bem para cima" — eles esperaram do lado de fora da porta até os ponteiros ficarem nessa posição, e o capitão Sheffield fingiu não perceber.

Quando entraram, porém, ele olhou para o relógio e disse:

— Bem na hora... muito bem! Vocês sem dúvida passaram xampu, mas lembrem-se de encontrar pentes para vocês.

(De que outros artigos de toalete eles precisavam? Teria que ensinar-lhes a usá-los? E — ah, maldito seja! — havia alguma coisa na nave para as necessidades menstruais de uma mulher? O que poderia ser improvisado? Bem, com sorte esse problema demoraria alguns dias. Não adiantava perguntar-lhe; ela não sabia somar. Maldição, a nave não estava equipada para passageiros.)

— Sentem-se. Não, esperem um momento. Venha aqui, querida. — Pareceu ao capitão que o traje que ela vestia estava estranhamente justo; segurou-o, estava molhado. — Você tomou banho com isto?

— Não... pat... Não, capitão; eu o lavei.

— Compreendo. — Lembrou-se de que a estampa espalhafatosa fora realçada por café e outras coisas, enquanto a garota estava preparando atabalhoadamente o café da manhã. Tire-o e pendure-o em algum lugar; não o deixe secar no corpo.

Ela começou a obedecer vagarosamente. Seu queixo estremeceu — e ele lembrou-se de como ela havia se admirado num espelho alto quando comprara o vestido para ela.

— Espere um momento, Llita. Joe, tire sua tanga. E as sandálias.

O rapaz obedeceu imediatamente.

— Obrigado, Joe. Não vista de novo essa tanga sem lavá-la; no momento está suja, embora pareça limpa. Não a use na viagem a não ser que isso lhe agrade. Sente-se. Llita, você estava usando alguma coisa quando a comprei?

— Não... capitão.

— Estou usando alguma coisa agora?

— Não, capitão.

— Há ocasiões e lugares para usar roupas... e outras ocasiões e lugares onde as roupas são inúteis. Se esta fosse uma nave de passageiros, todos nós usaríamos roupas e eu estaria com um bonito uniforme. Mas não é, e não há ninguém aqui senão eu e o seu irmão. Está vendo aquele instrumento ali? É um termomidostato, que indica ao computador da nave para manter a temperatura a vinte e sete graus centígrados e quarenta por cento de umidade, com variações aleatórias para nos estimular... o que pode não significar coisa alguma para vocês, mas é a minha noção de conforto com a pele nua. Durante uma hora, a cada tarde, ele faz cair essa temperatura para encorajar o exercício, porque a vida de bordo é mole demais.

"Se esse ciclo não convier a vocês dois, chegaremos a um acordo. Mas primeiro tentaremos isso à minha maneira. Agora, quanto a esse trapo molhado colado aos seus quadris... Se você for estúpida, o deixará secar onde está e sentirá desconforto. Se for esperta, o pendurará, deixando-o secar sem amarrotar. Isso é uma sugestão, não uma ordem; se quiser, pode usá-lo o tempo todo. Mas não se sente vestida com ele, molhado; não há motivo algum para molhar as almofadas. Você sabe coser?"

— Sim, capitão. Ah... um pouco.

— Verei o que posso arranjar. Você está usando o único traje de mulher na nave e, se insistir em usar roupas, vai precisar fazer algumas para os meses à frente. Vai precisar de alguma coisa para Valhalla, também; lá não é tão quente como em Abençoado. As mulheres usam calças e casacos compridos; todos usam botas. Eu tinha três roupas feitas sob medida em Aterragem; talvez possamos nos arranjar com elas até eu poder levar vocês dois a um alfaiate. Botas... As minhas servem em vocês como meias num galo. Hum... Podemos enfaixar lhes os pés de forma que um par poderá servir por tempo suficiente até levá-los a uma sapataria.

Não vamos preocupar-nos com isso agora. Participem da reunião... de pé e molhados, ou sentados e confortáveis.

Estrellita mordeu o lábio e optou pelo conforto,

Minerva, aqueles jovens eram mais brilhantes do que eu havia esperado. A princípio estudaram porque mandei. Uma vez tendo provado a mágica da palavra impressa, porém, ficaram fígados. Aprenderam a ler e não queriam fazer mais nada. Especialmente histórias. Eu tinha uma boa biblioteca, principalmente em micros, milhares deles, mas também algumas dúzias de valiosos livros encadernados, fac-símiles antigos que eu havia recolhido em Aterragem, onde falam inglês e usam galacta apenas como língua comercial. Livros de Oz, Minerva, entendeu?

Sim, naturalmente você entendeu; ajudei a planejar a Grande Biblioteca e incluí meus favoritos da infância bem como coisas mais sóbrias. Certifiquei-me de que Joe e Llita lessem uma variedade de material sério, mas deixei-os regalar-se

principalmente com histórias de ficção — *Histórias exatamente assim*, os livros de Oz, *Alice no País das Maravilhas*, *O jardim de versos para crianças*, *Dois pequenos selvagens* e coisas parecidas. Limitado demais; eram livros da minha infância, de três séculos antes da Diáspora. Por outro lado, toda cultura humana da galáxia decorre daquela.

Mas tentei certificar-me de que eles compreendiam a diferença entre ficção e história — difícil, porque eu não estava certo de haver uma diferença. Depois tive de explicar que um conto de fadas era ainda de um tipo diferente, um passo além no espectro do fato para a fantasia.

Minerva, isto é muito difícil de explicar a uma mente inexperiente. O que é "mágica"? Você é mais mágica do que qualquer "mágico" das histórias de fadas; e não adianta nada dizer que você é um produto da ciência, em vez de mágica, ao falar com crianças que não têm nenhuma idéia do que significa "ciência" — e eu não estava certo de que a distinção fosse válida mesmo quando estava explicando a diferença. Em minhas andanças deparei-me com a mágica muitas vezes — o que quer dizer simplesmente que vi maravilhas que não posso explicar.

Finalmente desisti, afirmando *ex cathedra* que algumas histórias eram apenas para divertir e não necessariamente verdadeiras — *Viagens de Gulliver* não eram o mesmo tipo de coisa que *As aventuras de Marco Polo*, ao passo que *Robinson Crusoe* ficava em algum ponto entre as duas — e eles deveriam perguntar, se tivessem dúvidas.

Eles perguntaram, algumas vezes, e aceitaram minha opinião sem discutir. Mas pude ver que nem sempre acreditavam em mim. Isso me agradou; estavam começando a pensar por si mesmos — não importava se estivessem errados. Llita foi polidamente respeitosa comigo a respeito de Oz. Acreditou na Cidade Esmeralda de todo o coração, e, se pudesse escolher, estaria indo para lá em vez de para Valhalla. Bem, eu também.

O importante era que eles estavam cortando o cordão umbilical.

Não hesitei em usar a ficção para ensiná-los. A ficção é uma maneira mais rápida do que a não-ficção de se obter uma compreensão dos padrões estranhos do comportamento humano; está apenas a um passo da experiência real — e eu tinha só alguns meses para transformar aqueles animais acovardados e ignorantes em pessoas. Eu poderia ter-lhes oferecido psicologia, sociologia e antropologia comparada; eu tinha esses livros à mão. Mas Joe e Llita não poderiam reuni-los gestalmente — e eu me lembro de outro professor que usava parábolas ao apresentar idéias.

Eles liam todo o tempo que eu permitisse, embolados como cachorrinhos, olhando fixamente para a máquina de leitura e brigando um com o outro por causa da velocidade com que viravam as páginas. Geralmente Llita brigava com Joe; ela era mais rápida do que ele — mas dessa maneira incitavam um ao outro, passando de analfabetos a leitores velozes em tempo recorde. Não os deixei usar

audiovisuais — queria que lessem.

Não podia deixá-los passar o tempo todo lendo; eles tinham que aprender outras coisas — não só habilidades vendáveis, como também, o que era muito mais importante, aquela autoconfiança agressiva necessária a um ser humano livre — o que lhes faltava totalmente quando assumi a responsabilidade de educá-los. Bolas, eu não tinha certeza de eles possuírem esse potencial; isso podia ter surgido fora de seu alcance. Mas a centelha estava neles, eu tinha que descobri-la e abaná-la até transformar-se numa chama — ou nunca seria capaz de fazê-los viver livremente.

Assim, forcei-os ao máximo a tomarem decisões, embora sendo cuidadosamente rude com eles em outros sentidos... e saudava cada sinal de rebelião — em silêncio, mentalmente — como uma prova triunfante de progresso.

Comecei ensinando Joe a lutar — apenas com as mãos; eu não queria nenhum de nós morto. Um dos compartimentos foi preparado como se fosse um ginásio, com um equipamento que podia ser adaptado para gravidade ou queda livre; eu o usava nas horas do dia em que a temperatura estava mais baixa. Ali treinei Joe. Llita tinha que estar presente, mas só para fazer exercícios — embora eu tivesse em mente que podia estimular Joe se sua irmã o visse ser derrotado, com os bofes de fora.

Joe precisava desse estímulo; ele passou um mau bocado para meter na cabeça que não fazia mal bater ou dar chutes em mim, que eu queria que ele tentasse, que eu não ficaria com raiva se ele conseguisse — mas que ficaria com raiva se não se empenhasse ao máximo.

Levou algum tempo. A princípio ele procurava não me atingir, não importava quão aberta eu deixasse minha defesa... e quando o fiz superar isso, xingando-o e insultando-o, ele ainda hesitava aquela fração de segundo que me permitia aproximar-me e atingi-lo.

Mas certa tarde ele compreendeu tão bem, que acertou uma boa em mim, e eu mal pude firmar-me para deixá-lo acertar. Após o jantar ele teve sua recompensa: a permissão para ler um livro encadernado, com páginas, calçando um par de luvas cirúrgicas minhas e prevenido de que eu lhe daria uma surra se ele sujasse ou rasgasse uma página. Llita não teve permissão de tocá-lo; este era o prêmio dele. Ela ficou de mau humor e nem quis usar a máquina de leitura — até ele perguntar se podia ler em voz alta para ela.

Eu disse que ela podia até lê-lo com ele — desde que não tocasse no livro. A garota aconchegou-se, com a cabeça junto da dele, feliz novamente, e começou a dar ordens sobre o momento de virar as páginas.

No dia seguinte ela me perguntou por que não podia aprender a lutar também.

Sem dúvida, ela estava achando o exercício sozinha uma chateação — sempre achei isso e só o fazia porque era necessário manter-me em forma —, sem falar nos riscos que a aterrissagem seguinte poderia trazer. Minerva, nunca achei que as mulheres devessem lutar; constitui responsabilidade do homem proteger as

mulheres e as crianças. Mas uma mulher deve saber lutar, porque poderá precisar fazê-lo.

Concordei, então; mas tivemos que alterar as regras. Joe ^e eu vínhamos lutando pelas regras do cais — isto é, sem regras, salvo que eu não disse a ele que planejara não causar-lhe nenhum dano permanente e não pretendia permitir que ele me causasse nada pior do que contusões. Mas eu nunca disse isso — se ele conseguisse, poderia arrancar um dos meus olhos e comê-lo. Cuidei simplesmente para que não o conseguisse.

Mas as mulheres têm constituição diferente da dos homens. Não pude deixar Llita treinar conosco até improvisar um peitilho para proteger-lhe os seios — era necessário; ela era um pouco exagerada nesse departamento, e poderíamos tê-la machucado sem querer. Depois eu disse a Joe em particular que as contusões valiam, mas que, se ele quebrasse um dos ossos dela, eu quebraria um dele, só para treinar.

Mas não impus restrições à sua irmã — e subestimei-a; ela era duas vezes mais agressiva do que ele. Destreinada mas rápida — e atacava para valer.

No segundo dia em que treinamos com ela, não só estava usando aquele peitilho, como seu irmão e eu estávamos usando suspensórios atléticos. E Llita tivera permissão para ler um livro verdadeiro na noite anterior.

Verificou-se que Joe tinha talento para cozinha; por isso encorajei-o a ser tão elaborado quanto permitiam os estoques da nave, insistindo ao mesmo tempo com ela para ser uma cozinheira adequada. Um homem que saiba cozinhar pode cuidar de si mesmo em qualquer lugar. Mas qualquer um, homem ou mulher, devia saber cozinhar, cuidar da casa e das crianças. Eu não havia escolhido uma profissão para Llita, embora ela revelasse talento para matemática uma vez que eu também a estimulasse a isso. O fato era encorajador; uma pessoa que saiba ler e escrever e tenha cabeça para matemática pode aprender qualquer coisa de que precise. Dessa forma, mandei-a aprender escrituração e contabilidade, pelos livros, sem ajudá-la, e mandei Joe aprender a usar todas as ferramentas que a nave transportava — não muitas, principalmente ferramentas de manutenção — e supervisionei-o de perto; não queria que perdesse os dedos ou estragasse as ferramentas.

Eu estava cheio de esperanças. Aí a situação mudou..

(Cerca de 3 100 palavras omitidas.)

...fácil dizer que fui estúpido. Eu havia criado gado e muitas crianças. Sendo cirurgião de bordo bem como tudo o mais, havia feito neles os mais completos exames que o meu equipamento permitia dois dias após a nossa partida — bastante completos para aquela época; eu não havia praticado a medicina após deixar Ormuzd, mas conservei minha enfermaria abastecida e equipada, e recolhia as últimas fitas sempre que estava num planeta civilizado e estudava-as durante os longos percursos. Eu era um bom médico sem prática, Minerva.

Os garotos eram tão saudáveis quanto pareciam, exceto por pequenas cáries

nele, duas pequenas cavidades. Notei que a alegação do feitor quanto a ela era correta — virgem intacta, hímen semilunar, não roto; portanto, usei meu menor espelho. Ela não reclamou, não ficou tensa nem perguntou o que eu estava procurando. Concluí que eles tinham sido submetidos a exames regulares e outros cuidados médicos, muito mais do que os escravos em Abençoado recebiam geralmente.

Ela possuía trinta e dois dentes em perfeitas condições, mas não pôde dizer-me quando os quatro dentes do siso haviam surgido, apenas que "não há muito tempo". Ele possuía vinte e oito dentes e tão pouco espaço em seu maxilar para dentes do siso, que previ problemas. Mas as chapas de raios X não mostraram nenhum vestígio deles.

Limpei e obturei as cavidades e tomei nota de que ele deveria ter aquelas obturações retiradas e o tecido regenerado em Valhalla e ser inoculado contra outras cáries; os dentistas em Valhalla eram bons, muito superiores a mim.

Llita não soube dizer-me quando menstruara pela última vez. Ela discutiu o assunto com Joe; ele tentou contar nos dedos quantos dias se haviam passado desde que tinham sido levados de casa, porque concordaram em que fora antes disso. Eu lhe disse que me avisasse da próxima vez, e a cada vez, para que eu pudesse determinar o seu ciclo. Dei-lhe uma caixa de absorventes, suprimentos de emergência que eu não sabia que tinha — deviam estar na nave havia vinte anos.

Ela me contou e tive que abrir a caixa para ela; nenhum deles sabia fazê-lo. Ela ficou encantada com a pequena calcinha elástica incluída no pacote, e usou-a muitas vezes sem precisar, como "enfeite". A garota era louca por roupas; como escrava nunca tivera oportunidade de satisfazer sua vaidade. Eu lhe disse que estava bem desde que a lavasse todas as vezes em que a usasse — eu insistia muito na limpeza, inspecionando suas orelhas, mandando-os saírem da mesa para escovarem as unhas e assim por diante. Eles não tinham recebido mais treinamento do que um porco. Nunca precisei falar com ela duas vezes, e ela espicaçava o irmão e fazia com que ele também atendesse aos meus padrões. Vi-me sendo mais exigente comigo mesmo; não podia ir de unhas sujas para a mesa ou deixar de tomar um banho de chuveiro por estar com sono — eu havia estabelecido os padrões e tinha que cumpri-los.

Na costura ela era quase tão desajeitada como na cozinha, mas aprendeu sozinha porque gostava de roupas. Arranjei um pouco de tecido de colorido intenso e deixei-a divertir-se — e usei isso como ameaça e suborno; vestir qualquer coisa tornou-se um privilégio que dependia do bom comportamento. Pus um fim dessa maneira — bem, em grande parte — às suas impicâncias com o irmão.

Isso não funcionava com Joe; as roupas não o interessavam — mas, se ele merecesse, dava-lhe um castigo físico maior durante o período de exercício. Raramente o fazia — ele não constituía o mesmo problema que ela.

Certa noite, três ou quatro de suas regras mais tarde, notei no meu calendário que ela já devia ter tido outra — tendo esquecido o assunto. Mínerva, nunca entrei em

seus camarotes sem bater; a vida a bordo exigia tanta intimidade quanto possível — isto é, muito pouca.

A porta estava aberta e o quarto dela vazio. Bati na porta dele, não tive resposta; continuei, procurei-a na sala de oficiais e na cozinha, até no nosso pequeno ginásio. Decidi que ela devia estar tomando banho e que falaria com ela pela manhã.

Quando passei pelo camarote dele outra vez, ao dirigir-me de volta para a minha cabine, a porta abriu-se; ela saiu e fechou-a atrás de si. Eu disse:

— Ah, aí está você! — ou coisa parecida. — Pensei que Joe estivesse dormindo.

— Ele foi dormir agora — disse Llita. — Quer que o chame, capitão? Devo acordá-lo?

— Não — respondi —, eu estava procurando você, mas bati na porta dele cinco ou dez minutos atrás e não tive resposta.

Ela ficou pesarosa por não ter me ouvido bater.

— Desculpe, capitão. Acho que estávamos tão ocupados que não o ouvimos. — Ela me disse em quê estavam ocupados.

... o que eu havia imaginado, tendo suspeitado disso desde o momento em que notei que ela estava atrasada uma semana, após ter sido regular como um relógio.

— Isso é compreensível — disse eu. — Alegro-me de minha batida não haver perturbado vocês.

— Tentamos não perturbá-lo nunca com isso, capitão — respondeu ela docemente séria. — Esperamos até o senhor ir para sua cabine à noite. Ou algumas vezes quando faz a sesta.

— Santo Deus, querida, vocês não precisam ter tanto cuidado assim. Façam o seu trabalho e mantenham suas horas de estudo; depois façam o que entenderem o resto do tempo. A nave estelar *Libby* não é uma nave de escravos; desejo que vocês, garotos, sejam felizes. Será que não podem meter na cabeça que não são mais escravos?

Aparentemente ela não podia, completamente, Minerva, porque ainda estava aborrecida por não me ter ouvido bater e não ter se apressado em responder.

— Não seja tola, Llita — disse eu. — Isso pode esperar até amanhã.

Mas ela insistiu em que não tinha sono e estava pronta e ansiosa para fazer o que quer que eu quisesse — o que me deixou um pouco nervoso. Minerva, uma das singularidades de Eros é que as mulheres nunca o desejam tanto como quando acabam de tê-lo, e não havia nada no passado de Llita para inibi-la. Pior, descobri estar consciente dela como uma mulher madura, quase pela primeira vez desde que os dois haviam chegado a bordo — ela estava parada perto de mim num corredor estreito, levando numa das mãos um daqueles vestidos esquisitos que adorava fazer, e um pouco ofegante do exercício feliz. Fiquei tentado — e tive certeza de que ela aceitaria imediatamente, e ficaria feliz. O

pensamento de que ela já estava grávida cruzou a minha mente — nada com que me preocupar.

Mas eu já havia tido muitos problemas com esses passageiros, não iria passar o papel de proprietário de escravos para o de pai, severo porém amoroso. Se eu a tomasse, perderia isso e acrescentaria mais uma variável perturbadora a um problema já bastante complexo. Assim, afastei a idéia.

O capitão Sheffield disse:

— Muito bem, Llita. Venha para a minha cabine. — Dirigiu-se para lá, e ela o seguiu. Uma vez na cabine, ofereceu-lhe uma cadeira. Ela hesitou, depois largou o vestido espalhafatoso e sentou-se — ponderação que lhe agradou, porque o animal ignorante que ela tinha sido não teria sido capaz disso; o processo humanizador estava funcionando. Ele não fez comentários.

— Llita, suas regras estão atrasadas uma semana, não estão?

— Estão, capitão? — Ela pareceu espantada mas não preocupada.

Sheffield imaginou se poderia estar enganado. Após ter-lhe ensinado a abrir a caixa fechada, havia-lhe entregue o limitado suprimento de emergência, avisando-a de que, se o usasse com muita prodigalidade, teria que fazer à mão algum substituto, porque Valhalla estava a meses de distância. Depois havia esquecido o assunto, a não ser para registrar no calendário da sua escrivaninha sempre que ela anunciava o começo. Será que ele tinha deixado de anotar? Durante três dias, na semana anterior, ele tinha ficado em sua cabine, deixando os jovens por conta própria; pedira que lhe levassem as refeições — hábito que tinha quando desejava concentrar-se num problema. Durante esses períodos comia pouco, não dormia absolutamente e mal notava alguma coisa que não tivesse relação com o que estava estudando. Sim, era possível.

— Não percebe, Llita? Se você menstruou, então deixou de me avisar.

— Ah, não, capitão! — Ela estava com os olhos arregalados de aflição. — O senhor me disse para avisá-lo... e avisei... todas as vezes, todas as vezes!

Perguntas subseqüentes mostraram primeiro que, apesar da sua nova compreensão da aritmética, ela não sabia quando deveria ter sentido o começo, e segundo, que não tinha sido na semana passada, mas há muito mais tempo.

Era hora de contar a ela.

— Llita querida, acho que você vai ter um bebê. Seu queixo caiu, os olhos se arregalaram novamente.

— Oh, é maravilhoso! — Ela acrescentou: — Posso ir correndo contar a Josie? Posso, por favor? Voltarei logo!

— Bolas! Não apresse as coisas. Eu disse apenas que achava isso. Não fique cheia de esperanças ainda e não incomode Joe com isso até sabermos. Muitas garotas foram muito além de uma semana da sua data e isso não significou coisa alguma. — (Mas estou satisfeito de saber que você o quer, filha, porque parece

que você teve todas as oportunidades.) — Amanhã vou examiná-la e tentar descobrir. — (O que tinha ele a bordo para um teste de gravidez? Que diabo, se ele tivesse que fazer um aborto nela, devia ser o mais rapidamente possível, enquanto isso não fosse pior do que arrancar uma farpa. Depois... Não, não havia nenhuma pílula de "manhã de segunda-feira" na nave, muito menos contraceptivos modernos. Woodie, maldita seja sua alma estúpida, jamais se meta no espaço outra vez tão mal equipado!) — Enquanto isso, não fique excitada. — (Mas as mulheres sempre ficam excitadas com isso. Naturalmente.)

Ela estava tão desconcertada quanto exultante.

— Fizemos tanta força! Tentamos tudo o que está no *Kama sutra* e mais. Achei que devíamos pedir ao senhor para nos mostrar o que estávamos fazendo de errado, mas Joe tinha certeza de que estávamos fazendo certo.

— Acho que Joe está certo. — Sheffield levantou-se, serviu um cálice de vinho para cada um deles enquanto executava uma prestidigitação, dosando o dela de tal forma que ela cairia no sono em breve... após um pouco de conversa relaxada, de que ela não iria se lembrar; ele queria o quadro todo. — Tome.

Ela olhou para o vinho, desconfiada.

— Vou ficar ridícula. Eu sei, tive oportunidade de experimentar isso uma vez.

— Isso não é a zurrapa que vendem em Abençoado; é vinho que eu trouxe de Aterragem. Cale-se e beba. Esse é para o seu bebê, se você o tiver, ou é para dar boa sorte na próxima vez. — (Mas como enfrentar essa "próxima vez"? ... se é que as suas preocupações tinham algum fundamento. Estes garotos não deviam ser sobrecarregados com um filho defeituoso. Um bebê saudável já seria uma carga suficiente enquanto estavam aprendendo a ficar sobre os próprios pés. Poderia ele protelar as coisas até Valhalla, para depois arranjar uma contracepção adequada para ela? E depois? Iria separá-los? Como?) — Fale-me a respeito disso, querida. Quando você veio para bordo era virgem...

— Ah, sim, certamente. Eles me mantinham sempre trancada naquele cinto de castidade. Exceto quando me trancavam e o irmão tinha que dormir na tenda. O senhor sabe. Quando eu menstruava. — Ela respirou fundo e sorriu. — Agora é tão melhor! Josie e eu tentamos a maior parte do tempo contornar aquele horrível cinto de castidade. Mas não pudemos. Machucava-o tentar, e de algumas maneiras que tentamos machucou-me também. Finalmente desistimos e fazíamos simplesmente as coisas divertidas que sempre fizemos. O irmão me disse para ser paciente; isso não seria para sempre. Porque sabíamos que seríamos vendidos juntos, como um par para acasalar. — Estrellita estava radiante. — E assim fomos e estamos, e obrigada, capitão!

(Não, não ia ser fácil separá-los.)

— Llita, pensou alguma vez em ser fecundada por algum outro homem além de Joe? — (Interrogue-a, pelo menos. Não será difícil arranjar-lhe um marido; ela é realmente bastante atraente. Aquele sentimento de "Mãe Terra".)

Ela ficou espantada.

— Ora, é claro que não! Sabíamos o que éramos, desde quando éramos quase bebês. Nossa mãe nos contou, bem como o padre. Sempre dormi com o irmão, toda a minha vida. Por que iria querer algum outro?

— Você parecia bastante disposta a dormir comigo. Afirmou que estava ansiosa por isso.

— Ah! Isso é diferente... isso é direito seu. Mas o senhor não me quis — acrescentou ela quase acusadamente.

— Não foi bem assim, Llita. Havia motivos, sobre os quais não falarei agora, para não tomá-la, não importa se a desejava e você estava querendo. Embora fosse Joe que quisesse realmente, você disse isso.

— Bem... sim. Mas fiquei desapontada da mesma maneira. Tive que dizer ao irmão que o senhor não me queria... o que me deixou bastante magoada. Mas ele disse para ser paciente. Esperamos mais três dias antes de ele me deflorar. No caso de o senhor mudar de idéia.

(Esposa rabugenta verticalmente — dócil horizontalmente. Padrão não muito fora do comum, pensou Sheffield.)

Ele descobriu que ela o estava olhando com sóbrio interesse.

— O senhor me quer agora, capitão? Joe me disse, na própria noite em que resolveu ir em frente, que isso ainda era seu direito e sempre seria... e é.

(Pelos testículos de metal de Belzebu! — o único meio de evitar uma mulher disposta era sair do planeta.)

— Querida, estou cansado, e você está ficando com sono. Ela disfarçou um bocejo.

— Não estou tão cansada assim... nunca estou. Capitão, na noite em que perguntei ao senhor pela primeira vez, eu estava um pouquinho amedrontada. Mas não estou com medo agora. Eu quero. Se o senhor quiser.

— Você é muito meiga, mas estou muito cansado. — (Por que aquela dose não fazia efeito?) Ele mudou de assunto. — Aqueles catres pequenos não são muito desconfortáveis para duas pessoas?

Ela riu através de outro bocejo.

— Quase. Certa vez caímos do catre do irmão. Por isso agora usamos o convés.

— O convés? Ora, Llita, isso é horrível. Precisamos fazer alguma coisa a respeito disso. — (Pôr os garotos aqui? A única cama de tamanho normal da nave... Uma noiva precisava de uma bancada de trabalho adequada para sua lua-de-mel... e esta o era; ela estava amando profundamente e devia aproveitar isso ao máximo, não importava mais nada. Sheffield havia decidido, havia séculos, que a coisa mais triste quanto aos efêmeros era que em suas pequenas vidas raramente tinham tempo suficiente para amar.)

— Ah, o convés não é mau, capitão; dormimos no chão toda a nossa vida. — Ela bocejou novamente, não pôde evitar.

— Bem... amanhã faremos arranjos melhores. — (Não, sua cabine não servia; havia a escrivaninha ali, e seus documentos e arquivos. Os garotos o atrapalhariam e ele a eles Poderiam ele e Joe transformar dois catres estreitos numa cama Je casal? Provavelmente, embora esta enchesse quase totalmente um camarote. Não importa, aquele tabique entre seus quartos não era estrutural. Se se abrisse uma porta, eles teriam uma suíte. Uma "suíte nupcial". Para uma noiva meiga. Sim.) Ele acrescentou: — Vamos pô-la na cama antes que você caia da cadeira. Tudo vai dar certo, querida. — (Droga, é melhor eu cuidar disso!) — E amanhã à noite e de agora em diante, você e Joe podem dormir juntos numa cama larga.

— Realmente? Ah, isso seria — ela bocejou outra vez — adorável!

Ele teve que ajudá-la a entrar no camarote; já estava dormindo quando caiu no catre. Sheffield olhou para ela e disse baixinho:

— Pobre gatinha. — Inclinou-se, beijou-a e voltou para sua cabine.

Lá ele desencavou tudo quanto o feitor de escravos havia oferecido como prova da alegadamente estranha herança genética de Llita e Joe, e estudou cada item minuciosamente. Estava à procura de indícios de verdade ou falsidade sobre a alegação de que eram "gêmeos idênticos", diplóides complementares com o mesmo pai e a mesma mãe.

Por esses indícios esperava estimar a probabilidade de reforço de gene desfavorável em qualquer filho que Llita e Joe pudessem ter.

O problema parecia dividir-se em três casos (simplificados):

Os dois podiam não ser parentes um do outro. Probabilidade de mau reforço: ligeira.

Ou podiam ser o tipo comum de irmão e irmã. Probabilidade de mau reforço: alta demais para ser ignorada.

Ou podiam ser (como alegado) zigotos resultantes de gametas complementares — como todos os genes conservados na redução-divisão, mas sem nenhuma duplicação. Neste caso a probabilidade de reforço desfavorável seria... qual?

Isso fica para depois. Primeira presunção: que eles não fossem parentes, mas tivessem simplesmente sido criados juntos desde quando eram bebês — nenhum risco especial, esqueça.

Segunda presunção: que eles fossem irmãos germanos do tipo comum. Bem, eles não pareciam ser isso — porém, mais importante, aquele patife estabelecera um "escritório comercial muito elaborado para essa fraude, e usara publicamente ⁰ nome de um bispo para apoiá-lo. O bispo podia ser tão vigarista quanto ele (provavelmente — ele conhecia esse clero bem demais!) —, mas por que ser tão descuidado quando os bebês escravos eram tão baratos?

Não, mesmo que ele presumisse uma fraude, não havia nenhum motivo para esperar um risco desnecessário numa organização tão elaborada. Portanto, isso estava de lado, também: Llita e Joe não eram irmãos no sentido comum —

embora pudessem ter partilhado o mesmo útero de mãe-hospedeira. A última, se verdadeira, não tinha nenhuma importância genética.

Dessa forma, a preocupação remanescente referia-se à possibilidade de que o feitor de escravos tivesse contado a verdade — neste caso, quais seriam as probabilidades de um mau cruzamento? De quantas maneiras podiam esses zigotos produzidos artificialmente se recombinar desfavoravelmente?

Sheffield tentou estabelecer o problema enquanto reclamava da falta de dados suficientes, mais o fato de que o único computador verdadeiro na nave era o computador de pilotagem, que não podia ser programado para um problema genético. Ele desejou que Libby estivesse a bordo. Andy teria contemplado o anteparo por alguns minutos, vindo depois com respostas definidas quando possível e expressas em porcentagens de probabilidade quando não.

Os problemas genéticos, mesmo com todos os dados pertinentes (muitos milhares), eram muito pouco manejáveis para se resolver sem a ajuda de um computador.

Bem, tente alguns problemas ilustrativos simplificados e veja qual a visão interior que pode ser obtida.

Presunção primária: Llita e Joe eram "gêmeos idênticos" — zigotos geneticamente complementares dos mesmos zigotos-pais.

Presunção de controle: Eles não tinham parentesco a não ser pelo fato de fazerem parte do mesmo conjunto de genes do planeta-lar. (Presunção extrema, porque os escravos da mesma área têm a probabilidade de descender de um conjunto de genes muito menor, que pode ser ainda mais reduzido pela endogamia. Mas este "padrão de acasalamento normal muito favorável" era o controle com o qual ele devia ser comparado.)

Exemplo simplificado: Experimente um local de gene — chame-o local 187 do vigésimo primeiro cromossomo — quanto ao reforço disfarce ou eliminação de um gene presumido como "mau", sob cada uma das presunções.

Presunção arbitrária: Já que este local pode conter um gene desfavorável — ou dois, ou nenhum — em seu par de genes, suponha que as probabilidades sejam exatamente as mesmas tanto para as presunções primárias como para a de controle, e uniformes — isto é, 25 por cento para nenhum gene mau no par do local, 50 por cento para um gene mau, 25 por cento para dois genes maus — condição extrema, já que, durante as gerações, o reforço (dois genes maus num único local) tende no sentido da não-sobrevivência, quer de forma letal, quer reduzindo a capacidade de competir do zigoto. Não importa; considere-se as duas probabilidades iguais — não havia nenhum dado sobre o qual basear qualquer presunção melhor.

Bolas! Se um reforço mau estava visivelmente demonstrado, ou podia ser mostrado pelos testes, esses zigotos não seriam usados. Um cientista competente para tentar tal experiência usaria espécimes tão "limpos", no sentido genético, quanto possível — livres de todas as centenas (milhares, agora?) de defeitos hereditários identificáveis; a presunção primária devia incluir esta presunção

subsidiária.

Estes jovens estavam isentos de qualquer defeito que Sheffield pudesse notar num exame a bordo — o que aumentava a probabilidade de que aquele ladrão de cavalos tivesse dito a verdade e de que essas provas fossem registros sérios de uma experiência exótica e bem-sucedida de manipulação dos genes.

Sheffield tendia agora a acreditar que a experiência se realizara — e desejou ter os recursos de uma grande Clínica Howard, digamos a de Secundus, para fazer nestes garotos um exame genético completo; não estava equipado para fazê-lo a bordo da nave, e de qualquer maneira não estava qualificado para fazer isso.

Uma dúvida aborrecida permanecia: como ele havia adquirido esses garotos? Por que aquele vigarista estava tão ansioso para vendê-los se eles eram o que as provas afirmavam? Por que vendê-los quando acasalar novamente os dois complementos criados seria o próximo passo da experiência?

Bem, talvez os garotos soubessem e ele não tivesse feito as perguntas certas. Era evidente que haviam sido criados na crença de que esse era o seu destino apropriado; quem quer que tivesse planejado isso induzira nos garotos, desde a mais tenra infância, um laço acasalador mais forte do que o que há na maioria dos casamentos, na longa experiência de Sheffield. Mais do que qualquer dos seus próprios... (Exceto um, exceto um!)

Sheffield afastou isso da mente e concentrou-se nas conseqüências teóricas.

Num local selecionado, presumiu-se que cada zigoto-pai tivesse três estados possíveis ou pares de genes com probabilidades de 25-50-25.

Na presunção de controle, os pais (zigotos diplóides), tanto masculino como feminino, apresentariam esta distribuição no local selecionado:

25 por cento bom-bom ("limpo" no local)

25 por cento bom-mau (gene mau disfarçado, mas pode ser transmitido)

25 por cento bom-mau (gene mau disfarçado, mas pode ser transmitido)

25 por cento mau-mau (reforço mau — letal ou incapacitante)

Mas, sob sua presunção primária modificada, Sheffield supôs que o padre-cientista se livraria da linhagem má apresentada pelos zigotos — o que eliminaria o quarto grupo ("mau-mau") e deixaria a distribuição de zigotos-pais para este local de:

33-1/3 por cento bom-bom

33-1/3 por cento bom-mau

33-1/3 por cento bom-mau

Essa seleção proporcionava uma melhoria marcante sobre a situação original de probabilidade aleatória e a divisão meiótica produziria gametas (tanto espermatozóides como óvulos) nesta incidência:

Bons, quatro em cada seis, e Maus, dois em cada seis...

... mas sem nenhum meio de detectar os genes maus sem destruir os gametas que os carregavam. Ou assim presumia Sheffield, estipulando ao mesmo tempo que a presunção podia não ser verdadeira para sempre. Contudo, a fim de proteger Llita (e Joe), era necessário que suas presunções fossem pessimistas dentro dos limites dos dados e conhecimentos disponíveis — isto é, que um gene mau podia ser identificado apenas como reforço de um zigoto.

Sheffield lembrou a si mesmo que a situação nunca era tão branca-e-preta como ficava implícito em "bons-dominantes" e "maus-recessivos" — estas descrições eram menos complexas do que o mundo real que estavam acostumados a imaginar. Uma característica exibida por um zigoto adulto era pró-sobrevivência ou contra-sobrevivência apenas em termos do quê, quando e onde — e também em termos de mais de uma geração. Um adulto que morresse salvando sua prole tinha que ser contado como um pró-sobre vi vencia, ao passo que uma gata que comesse seus próprios filhos era contra-sobrevivência, não importava quanto tempo ela vivesse.

Na mesma linha, um gene dominante algumas vezes não tinha nenhuma importância num sentido ou no outro — por exemplo, olhos castanhos. Da mesma forma que o seu recessivo correspondente, quando acasalado e, portanto, reforçado para produzir olhos azuis, não dava ao zigoto que o exibisse nenhuma desvantagem mensurável. O mesmo era verdadeiro com relação a muitas outras características hereditárias — tipo de cabelo, cor da pele, *et coetera*.

Apesar disso, esta descrição — bom-dominante, mau-recessivo — era essencialmente correta; ela resumia os mecanismos pelos quais uma raça conservava suas mutações favoráveis e destruía (finalmente) suas mutações desfavoráveis. O "mau-dominante" era quase uma contradição, em termos, porque uma mutação completamente má que fosse dominante matava-se a si mesma (juntamente com o infeliz zigoto que a herdasse) em uma geração, quer no útero, quer prejudicando de tal forma o zigoto que ele deixava de se reproduzir.

Mas o processo habitual de casamento incluía os maus-recessivos. Estes podiam permanecer num conjunto de genes até que um ou dois acontecimentos ocorressem, cada um controlado pelas leis cegas do acaso: um gene desses podia acasalar-se com um gene igual a ele quando o espermatozóide fertilizasse o óvulo, eliminando-se portanto a si mesmo pela eliminação do zigoto — preferencialmente antes do nascimento, ou — tragicamente — após este. Ou o mau-recessivo podia ser eliminado pela redução dos cromossomos na meiose, e o resultado seria um bebê saudável que não tivesse este gene mau em suas gônadas — um feliz resultado.

Ambos estes processos estatísticos eliminavam vagarosamente os genes maus do conjunto de genes da raça.

Infelizmente, o primeiro destes processos muitas vezes produzia bebês viáveis, mas tão defeituosos, que precisavam de ajuda para permanecerem vivos —

precisando algumas vezes de auxílio econômico; eram perdedores natos, que nunca conseguiam sustentar a si mesmos, precisando algumas vezes de cirurgia plástica, de terapia endócrina e outras intervenções ou ajudas. Quando o capitão Aaron Sheffield praticara medicina (em Ormuzd e sob outro nome), havia passado por fases de frustração crescente por causa destes pobres infelizes.

A princípio tentou praticar a medicina pelo juramento hipocrático — ou próximo dele; era por temperamento incapaz de seguir cegamente qualquer regra feita pelo homem.

Depois tivera um período de aberração durante o qual havia procurado uma solução política para o que considerava um grande perigo: a reprodução dos defeituosos. Tentou convencer seus colegas a recusarem tratamento a defeituosos hereditários a menos que fossem estéreis ou estivessem dispostos a aceitar a esterilização como pré-condição para receber o tratamento. Pior ainda, ele havia tentado incluir na definição de "defeituosos hereditários" aqueles que não apresentavam nenhum estigma a não ser nunca haverem conseguido sustentar a si mesmos — num planeta não superpovoado que ele próprio havia escolhido séculos antes como quase ideal para os seres humanos.

Não conseguiu nada, não encontrou nada a não ser fúria e desprezo — exceto por parte de alguns colegas que concordaram com ele em particular e o denunciaram publicamente. Quanto aos leigos, piche e penas foi o remédio mais suave que receitaram para o "dr. Genocídio".

Quando sua licença para exercer a profissão foi cassada, Lazarus recuperou sua indiferença emocional normal. Calou a boca, ao perceber que a sombria e velha mãe natureza, com dentes e garras vermelhas, punia invariavelmente os idiotas que tentavam ignorá-la ou anular suas leis; ele não precisava interferir.

Mudou-se, então; trocou de nome outra vez e começou a se preparar para deixar o planeta — quando a peste atingiu Ormuzd. Ele encolheu os ombros e voltou a trabalhar, um médico despido do hábito cujos serviços eram temporariamente bem-vindos. Dois anos e um quarto de bilhão de mortos mais tarde ofereceram-lhe sua licença de volta — sujeita a bom comportamento.

Ele lhes disse o que fazer com aquela licença e deixou Ormuzd o mais rapidamente possível, onze anos mais tarde. Foi jogador profissional durante esse período, sendo esta a maneira mais cômoda que encontrou na ocasião para economizar o necessário.

Desculpe, Minerva, eu estava falando daqueles gêmeos idênticos. Então aquela garotinha tola ficou grávida, o que fez com que eu voltasse à minha profissão, minha *persona* de médico rural, e fiquei acordado a noite inteira preocupando-me com ela, o irmão e o bebê que iam ter... a menos que eu fizesse alguma coisa a respeito disso. Para descobrir o que eu devia fazer, tive que reconstruir o que havia acontecido e daí o que poderia acontecer. Não dispondo de dados corretos, tive que seguir aquela velha regra para se achar uma mula perdida.

Em primeiro lugar tive que pensar como aquele feitor de escravos... Um homem

que leiloa escravos é um patife, esperto demais, porém, para arriscar uma cambalhota na qual ele próprio termine como escravo, ou morto, se tiver sorte — que era o que acontecia a quem jogava depressa em Abençoado com a autoridade de um bispo e perdia. Portanto, o patife acreditava no que havia dito.

Assim sendo, eu me perguntei por que aquele feitor fora incumbido de vender os dois, enquanto tentava pensar como um padre-cientista engajado numa experiência humano-biológica. Esqueci a possibilidade de que os dois fossem irmãos comuns — não adiantava escolher um par desses mesmo para uma fraude. Esqueci a possibilidade de não serem parentes de qualquer maneira, porque nesse caso seria simplesmente um caso normal de acasalamento. Claro, claro, qualquer mulher pode dar à luz um monstro, porque mesmo com um acasalamento geneticamente higiênico pode aparecer uma má mutação — e uma parteira alerta pode esquecer de dar a primeira palmada que dá vida — e muitas têm esquecido.

Considerarei, então, apenas a terceira hipótese: diplóides complementares dos mesmos pais. O que este experimeta-dor faria? O que faria eu?

Usaria uma linhagem tão perfeita quanto pudesse encontrar e não começaria a experiência até ter tanto um pai como uma mãe que fossem geneticamente "limpos" nos testes, das maneiras sutis que pudesse testar — o que em Abençoado significava maneiras bastante sofisticadas para aquele século.

Para um local selecionado de genes e uma presunção de 50-50 na distribuição mendeliana de 25-50-25, este teste pré-experimental eliminaria a possibilidade de 25 por cento de reforço de um mau-recessivo e deixaria uma distribuição de um terço mau e dois terços bons, na geração dos pais — isto é, dos pais possíveis de possíveis Joes e Llitas.

Agora eu começo a juntar gêmeos idênticos em minha *persona* de padre-experimentador. O que acontece? Se considerarmos o número mínimo de gametas necessários para representar esta distribuição de um terço e dois terços, obteremos dezoito "Joes" possíveis e dezoito "Llitas" possíveis — mas, tanto nos homens como nas mulheres, dois deles surgem como "maus" — o recessivo mau se reforçou e o zigoto é defeituoso; o experimentador os elimina... ou pode não precisar fazê-lo; o reforço pode ser letal.

Chegamos a este ponto com um progresso de 8 e 1/3 por cento, ou um progresso total de 25 por cento de possibilidades favoráveis para o bebê de Llita. Senti-me melhor. Se se acrescentar o fato de que sou o tipo de parteira que está ocupada demais cuidando da mãe para parar a fim de dar a palmada num monstro, as possibilidades favoráveis sobem bastante.

Mas tudo o que isto mostra é que os genes maus tendem a ser eliminados em cada geração — com a tendência maior com os piores genes e chegando a 100 por cento sempre que o reforço produz um caso letal no útero — enquanto os genes favoráveis são conservados. Mas sabíamos disso — e isso se aplica também à exogamia normal e sobretudo à endogamia, embora esta última não seja considerada boa para os seres humanos porque aumenta as possibilidades de

um defeituoso precisamente na mesma quantidade que elimina — sendo esse o risco que eu receava para Llita. Todo mundo deseja que o conjunto de genes humanos seja limpo, mas ninguém deseja que os aspectos trágicos tenham lugar em sua própria família. Minerva, eu estava começando a pensar nesses garotos como "minha família".

Eu ainda não sabia sobre gêmeos idênticos.

Resolvi investigar uma incidência mais provável de recessivos maus num local determinado. Meio a meio é alto demais para um gene realmente mau; o expurgo é drástico e a incidência cai para uma porcentagem menor em cada geração, até que a incidência de um gene mau determinado seja tão baixa que o reforço na fertilização seja um acontecimento raro, porque o reforço é igual ao quadrado da incidência; por exemplo, se um em cem haplóides tem este gene mau, então ele será reforçado em uma em dez mil fertilizações. Falo do conjunto total de genes, ou, neste caso, num mínimo de duzentos zigotos adultos, masculinos e femininos; o acasalamento aleatório num conjunto desses reunirá aquele reforço mau apenas por esse elevado teor — um acaso feliz ou infeliz, dependendo de se considerar isso impessoalmente em termos de limpeza do conjunto de genes, ou pessoalmente em termos de tragédia humana individual.

Considerarei isso muito pessoalmente; eu queria que Llita tivesse um bebê saudável.

Minerva, estou certo de que você reconheceu essa distribuição de 25-50-25 como representando o caso mais drástico de endogamia, um que só pode acontecer metade das vezes com acasalamento em linha, apenas um quarto das vezes com irmãos germanos, em ambos os casos através da redução dos cromossomos na meiose. Os criadores usam esta medida drástica regularmente — selecionando os defeituosos e terminando com uma linha saudável estabilizada. Tenho uma séria suspeita de que esta seleção pela endogamia foi usada algumas vezes entre as famílias reais lá da velha Terra — mas certamente essa seleção não foi usada bastantes vezes, ou o foi muito drasticamente. A realeza pode funcionar muito bem se os reis e rainhas forem tratados como cavalos de corrida — mas lamentavelmente nunca o foram. Em vez disso foram fortalecidos como clientes de beneficência, e os principelhos que deviam ter sido isolados foram encorajados a se reproduzir como coelhos — hemofílicos, idiotas, tudo isso. Quando eu era garoto, a "realeza" era uma piada baseada nos piores métodos possíveis de acasalamento.

O capitão Sheffield investigou depois uma incidência mais baixa de um gene mau; suponha um gene letal num conjunto de genes do qual descendem os pais de Joe e Llita. Sendo letal, ele só pode existir num zigoto adulto se for disfarçado num par de genes pelo seu gêmeo benigno. Suponha uma incidência disfarçada de 5 por cento nos zigotos — ainda alta demais para ser realista para um gene letal —, mas verifique-a de qualquer maneira. Que tendência aparecerá?

Geração dos zigotos pais: cem masculinos, cem femininos, cada um sendo um

possível pai para Llita e para Joe — e cinco dos femininos e cinco dos masculinos têm o gene letal disfarçado.

Fase do pai haplóide: duzentos óvulos, cinco dos quais têm o gene letal; duzentos espermatozóides, cinco dos quais têm o gene letal.

Geração dos zigotos filho-e-filha (possíveis "Joes" e possíveis "Llitas"): 25 mortos através do reforço do gene letal; 1 950 tendo o gene letal disfarçado; 38 025 "limpos" naquele local.

Sheffield notou que um hermafrodita hipotético se havia insinuado, deixando de duplicar o tamanho da sua amostra, a fim de evitar a anomalia por meio de números ímpares. Ah, para o diabo com isso! — isso não muda o resultado estatístico. Não, faça isso! — comece com uma amostra de duzentos masculinos e duzentos femininos com a mesma incidência de genes letais para aquele local. Isto dá:

400 óvulos, 10 com o gene letal;

400 espermatozóides, 10 com esse gene letal...

...que produziram na geração seguinte de zigotos (possíveis "Joes" e "Llitas"): cem mortos, 7 800 portadores, 152 100 limpos — o que não alterou nenhuma porcentagem mas eliminou aquele hermafrodita imaginário. Sheffield considerou rapidamente a vida amorosa de um hermafrodita, depois voltou a trabalhar. Os números se tornaram muito incômodos, saltando para os bilhões na geração seguinte de zigotos (isto é, o Pequeno Sem Nome, recém-iniciado no ventre de Llita) — 15 210 000 selecionados pelo reforço, 1216 200 000 portadores, 24 336 000 000 limpos — e novamente ele desejou um computador clínico e tediosamente converteu os números pouco manuseáveis em porcentagens: 0,059509 por cento, 4,759 por cento e mais 95,18 por cento.

Isto mostrou um progresso decidido: aproximadamente um defeituoso em cada 1 680 (em vez de um em cada 1 600), a porcentagem dos portadores baixou para menos de 5 por cento e o número de limpos aumentou para mais de 95 por cento em uma geração.

Sheffield imaginou vários desses problemas para confirmar o que havia visto pela inspeção: os filhos de diplóides complementares (gêmeos idênticos) tinham pelo menos tanta probabilidade de serem saudáveis como os filhos de estranhos sem parentesco — mais o feliz fato de as probabilidades desses bebês terem sido aumentadas pela seleção em uma ou mais fases pelo padre-cientista que havia iniciado a experiência — presunção quase certa e que fazia de Joe o melhor companheiro possível para sua "irmã" em vez de o pior.

Llita podia ter o seu bebê.

Variações Sobre um Tema VII

De Valhalla para Aterragem

...o melhor que eu podia por eles, Minerva. Frequentemente algum idiota tenta abolir o casamento. Essas tentativas funcionam tão bem como revogar a lei da gravidade, fazer pi igual a 3,0 ou mover montanhas pela fé. O casamento não é uma coisa inventada pelos padres e infligida à humanidade; o casamento faz parte do equipamento evolutivo da humanidade tanto quanto os olhos, e é tão útil para a raça como os olhos o são para o indivíduo.

Certamente, o casamento é um contrato econômico para prover os filhos e cuidar das mães enquanto elas produzem filhos e os criam — mas é muito mais do que isso. É o meio que este animal, o *Homo sapiens*, aperfeiçoou — bastante inconscientemente — para desempenhar esta função indispensável e ser feliz fazendo isso.

Por que as abelhas se dividem em rainhas, zangões e operárias, depois vivem como uma grande família? Porque, para elas, isso funciona. Como é que os peixes se dão bem com uma simples inclinação de cabeça entre papai e mamãe? Porque as forças cegas da evolução fizeram com que essa maneira funcionasse para eles. Por que é que o "casamento" — qualquer que seja o nome que tenha — é uma instituição universal entre os seres humanos em toda parte? Não pergunte a um teólogo, não pergunte a um advogado; esta instituição existia muito antes de ter sido codificada pela Igreja ou pelo Estado. Ela funciona, isso é tudo; apesar de todas as suas falhas, ela funciona muito melhor pelo único teste universal — o da sobrevivência — do que qualquer das intermináveis invenções pelas quais certos cabeças-ocas, durante milênios, tentaram substituí-la.

Não estou falando da monogamia, refiro-me a todas as formas de casamento — monogamia, poliandria, poliginia, casamentos plurais e extensivos com várias particularidades. O "casamento" tem costumes, regras e combinações intermináveis. Mas só é "casamento" se, e apenas se, o acordo prove os filhos e compensa os adultos. Para os seres humanos, a única compensação aceitável para as desvantagens do casamento está no que os homens e mulheres podem dar uns aos outros.

Não me refiro a Eros, Minerva. O sexo é o chamariz da armadilha, mas não é o casamento, nem é motivo suficiente para se permanecer casado. Por que comprar uma vaca quando o leite é barato?

Companheirismo, participação, reafirmação mútua, alguém com quem rir e se preocupar, lealdade que aceita fraquezas, alguém para tocar, alguém para segurar a mão da gente — estas coisas são "casamento", e o sexo é apenas a cobertura do bolo. Ah, essa cobertura pode ser maravilhosamente saborosa — mas não é o bolo. Um casamento pode perder esse "enfeite" saboroso — digamos, por acidente — e ainda continuar, continuar e continuar, proporcionando profunda felicidade àqueles que o partilham.

Quando eu era um jovem excitado e ignorante, isto costumava intrigar-me...

(Omitido)

...tão solenemente cerimonioso quanto eu podia. O homem vive pelos símbolos; eu queria que eles se lembrassem desta ocasião. Fiz Llita vestir-se segundo sua idéia do que era mais elegante. Ela parecia uma árvore de Natal florida, mas eu lhe disse que estava linda — e estava; as noivas sempre o são. Vesti Joe com algumas de minhas roupas e dei-as a ele. Eu me vesti com um uniforme absurdo de capitão, que possuía para usar nos planetas onde essa bobagem era costumeira — quatro tiras douradas largas nos punhos, peito recamado de condecorações compradas em lojas de penhor, um chapéu armado que o almirante Lorde Nelson teria invejado, e o resto tão fantástico como se pertencesse a algum grão-mestre de loja maçônica.

Preguei-lhes um sermão carregado de retórica sem sentido, a maior parte dela tirada da única Igreja que eles conheciam, a religião estabelecida de Abençoado — foi fácil para mim, tendo eu mesmo sido padre lá —, mas acrescentei todo tipo de coisas, dizendo a ela suas obrigações para com ele, dizendo a ele suas obrigações para com ela, dizendo a ambos o que deviam ao filho no ventre dela e aos outros filhos que teriam — e acrescentei, para ambos mas principalmente para ela, uma advertência de que o casamento não era fácil, não era para ser aceito levemente, porque haveria problemas que eles deveriam enfrentar juntos, problemas graves que exigiriam a coragem do Leão Covarde, a sabedoria do Espantalho, o coração amante do Homem de Lata e a bravura indomável de Dorothy.[\[34\]](#)

Isso a fez chorar, e Joe a acompanhou — o que era exatamente o que eu queria; assim, fiz com que se ajoelhassem e rezei sobre eles.

Minerva, não peço nenhuma desculpa pela hipocrisia, pouco me importava se algum Deus hipotético me ouvia ou não; eu queria que Llita e Joe ouvissem isso — primeiro naquele jargão de Abençoado, depois em inglês e galacta, depois coroei tudo entoando tantas linhas da Eneida quantas pude lembrar. Quando me atrapalhei, encerrei com uma canção de colégio:

*"Omme bene
Sine poena,
Tempus est ludendi;
Venit hora
Absque mora,
Libros deponendi"*[\[35\]](#)!"

...e terminei com um ressonante "Portanto assim seja!" Mandei que se levantassem, tomei a mão de cada um e declarei que, pela suprema autoridade a mim conferida como chefe de uma nave no espaço, eles eram agora e para

sempre marido e mulher — beije-a, Joe.

Tudo com a *Nona* de Beethoven em surdina...

Aqueles versos populares entraram por acaso quando não me lembrava de mais "versos punitivos" de Virgílio e precisava de mais alguns sons impressionantes. Quando pensei nisso mais tarde, porém, vi que eles se aplicavam tão apropriadamente à lua-de-mel deles como a um feriado escolar. Tudo estava realmente bem, agora que eu sabia que essa reunião de irmãos podia realizar-se *sine poena* — sem medo de punição genética. E *ludendi* pode ser traduzido como "brincadeira amorosa" ou "Eros", da mesma forma que como "jogo" ou "brincadeiras infantis" ou qualquer outra travessura. E eu havia declarado um feriado de quatro dias na nave, nenhum trabalho para eles, nenhuma hora de estudo — *libros deponendi* — a começar imediatamente. Puro acaso, Minerva. Simplesmente alguns versos latinos que me vieram à mente — e o latim é majestoso, especialmente quando a pessoa não o entende.

Tivemos um jantar caprichado, feito por mim, que durou cerca de dez minutos — para eles. Llita não pôde comer, e Joe me fez lembrar da noite de casamento de Johnny e de por que sua sogra desmaiou. Assim, enchi uma bandeja com bocados saborosos, entreguei-a a Joe e disse-lhe que sumisse; eu não queria ver a cara deles por quatro dias...

(*Omitido*)

... seguir para Aterragem tão depressa quanto pudesse pegar uma carga. Não podia deixá-los em Valhalla; José ainda não podia sustentar uma família, e Llita iria ficar limitada no que pudesse fazer, quer grávida, quer com um bebê recém-nascido. Nem eu estaria disponível para levantá-los se caíssem; eles tinham que ir para Aterragem.

Ah, Llita podia ter sobrevivido em Valhalla, porque lá eles têm a atitude saudável de que uma mulher grávida é mais bonita do que as do outro tipo e de que, quanto mais adiantada a gravidez, mais bonita ela é — o que é verdadeiro em minha opinião, e especialmente verdadeiro no caso de Llita. Ela era passável quando a compreí; quando aterrissamos em Valhalla, estava grávida de quase cinco meses e radiantemente bela. Se ela descesse em terra desacompanhada, os primeiros seis homens que encontrasse iriam querer casar-se com ela. Se ela tivesse um nas costas bem como um dentro da barriga, poderia ter-se casado no dia em que chegamos; a fertilidade era respeitada lá e o planeta não estava cheio nem pela metade.

Eu não achava que ela enganaria Joe tão depressa assim, mas não queria que ela ficasse de cabeça virada com tanta atenção masculina. Eu não queria arriscar nem uma possibilidade de que Llita pudesse deixá-lo por algum burguês ou proprietário rico; eu havia tido muito trabalho para levantar o ego de Joe, mas ele ainda era frágil e um golpe desses poderia matá-lo. Ele estava altivo e orgulhoso agora — mas seu orgulho se baseava no fato de ser um homem casado, com uma esposa e um filho a caminho. Mencionei que lhes havia dado um dos meus nomes no certificado de casamento? Eles eram agora Friherr og Fru Long, Josef

og Stjerne, durante a nossa estada em Valhalla, e eu queria que permanecessem sr. e sra. Long por alguns anos, pelo menos.

Minerva, fiz com que declarassem votos perpétuos sem nunca acreditar que os manteriam. Ah, os efêmeros muitas vezes ficam casados a vida inteira, mas quanto ao resto... não se encontra penas nas rãs freqüentemente, e Llita era uma levianazinha ingênua, amável e sensual, cujos saltos baixos a faziam tropeçar e cair de pernas abertas sem querer — pude ver isso chegando. Não queria que tal coisa acontecesse antes de eu ter uma oportunidade de doutrinar Joe. Os chifres não precisam provocar dor de cabeça em um homem. Mas ele precisa de tempo para crescer, amadurecer e adquirir autoconfiança antes de poder usá-los com tolerância e dignidade — e Llita era exatamente a garota que podia equipá-lo com um ótimo cabide de galhos.

Consegui-lhe um emprego, de pescador de pérolas e faz-tudo, num restaurante pequeno e elegante, com um acordo por fora de pagar ao cozinheiro por cada prato de Valhalla que Joe aprendesse a fazer corretamente. Enquanto isso, mantive Llita a bordo com a desculpa de que uma mulher grávida não podia arriscar-se no clima adverso, até que eu pudesse arranjar-lhe roupas adequadas — e não me aborreça agora, querida; tenho carga com que me preocupar.

Ela aceitou isso bastante bem, fazendo apenas um pouco de manha. De qualquer maneira ela não gostou de Valhalla; tem um e um sétimo de g e eu os acostumara ao luxo da queda livre — era melhor para sua barriga crescente, não fazia esforço nos arcos dos pés ou nos seios que inchavam. Então ela se viu, de repente, muito mais pesada do que jamais tinha sido, desajeitada e com os pés doloridos. O que ela podia ver de Valhalla pela câmara de entrada parecia uma fatia gelada do inferno; ficou satisfeita com a minha oferta de levá-los Para Aterragem.

Apesar disso, Valhalla era o único lugar novo em que estivera alguma vez; ela queria vê-lo. Protelei enquanto descarregava, depois tomei suas medidas e comprei-lhe uma roupa quente na moda local — mas fiz uma sujeira com ela; trouxe três pares de botas e deixei-a escolher. Dois dos pares eram botas simples de trabalho; o terceiro par era espalhafatoso — e meio ponto abaixo do seu tamanho.

Assim, quando a levei para terra, ela estava usando botas apertadas demais, e o tempo estava extremamente frio e ameaçador — eu havia observado as previsões. Torheim é bonita em certos pontos, com as limitações das cidades portuárias celestes — mas evitei aqueles pontos e levei-a para fazer turismo em bairros tristes... a pé. Quando fiz sinal para um tremó e a levei de volta para a nave, ela se sentia indisposta, e satisfeita por se livrar das roupas incômodas, especialmente as botas, e entrar num banho quente.

Ofereci-me para levá-la até a cidade no dia seguinte, mas dei-lhe liberdade para recusá-lo. Ela declinou polidamente.

(Omitido)

...não tão mau assim, Minerva; eu simplesmente desejava mantê-la oculta sem

levantar suas suspeitas. Na verdade, eu havia comprado dois pares daquelas botas espalhafatosas, um par do tamanho certo dela... e entreguei-os a ela no fim daquele primeiro dia, enquanto ela estava banhando seus pobres pés cansados. Mais tarde sugeri que o seu problema era nunca ter usado sapatos ou botas em sua vida — por que não usá-las na nave, então, até se acostumar?

Assim ela fez, e ficou surpresa ao perceber como era fácil. Expliquei que seus pés haviam inchado da primeira vez, para ir com calma, uma hora hoje, e um pouco mais a cada dia, até se sentir confortável com elas o dia inteiro. Numa semana ela as estava usando mesmo que não usasse mais nada; sentia-se mais confortável com elas do que descalça — o que não era de surpreender, porque tinham apoio para o arco dos pés e eu as havia escolhido com o maior cuidado — entre a gravidez e a diferença de gravidade na superfície dos dois planetas — 0,95 g para seu planeta original; 0,14 para Valhalla — ela pesava cerca de vinte quilos mais do que jamais pesara em sua vida; precisava de apoio para o arco dos pés.

Tive que preveni-la para não usá-las na cama.

Levei-a à cidade duas vezes enquanto estava escolhendo carga, mas tratei bem dela — não a deixei andar muito ou ficar parada de pé. Ela vinha junto quando a convidava, mas estava sempre querendo ficar a bordo, lendo.

Enquanto isso, Joe trabalhava longas horas, apenas com um dia de folga em sete. Assim, imediatamente antes de partirmos, fi-lo deixar o emprego e levei meus garotos para um feriado adequado; um trenó alugado para o dia todo, com rena em vez de motor, turismo de verdade, num dia claro e ensolarado, quase quente, almoço num ótimo restaurante no campo com uma vista de penhascos cobertos de neve da serra Jotunheimen, jantar num restaurante ainda melhor na cidade, com música ao vivo e *show*, bem como uma comida soberba— e uma parada para tomar chá no restaurante pequeno e elegante onde Joe havia trabalhado para que ele pudesse ser chamado de "Friedrich Long" pelo nosso anfitrião, em vez de "Ei, você aí" — e ter uma oportunidade de exibir sua noiva linda e protuberante.

E ela era linda, Minerva. Em Valhalla ambos os sexos usam, sob as roupas pesadas próprias para o ar livre, roupas para dentro de casa que são essencialmente pijamas. A diferença entre as usadas pelos homens e pelas mulheres está no material, no corte e essas coisas. Eu havia comprado um traje de festa para cada um deles. Joe estava elegante, bem como eu, mas todos os olhos estavam em Lilita. Ela estava coberta dos ombros até as botas — mas apenas tecnicamente. O tecido daquele traje de harém brilhava suavemente com a mudança das luzes, laranja, verde e ouro, sem obstruir a vista. Qualquer um que quisesse olhar podia ver que seus mamilos estavam intumescidos de excitação — e todos queriam. O fato de claramente restarem para ela apenas dois meses dava-lhe uma grande vantagem para ser escolhida "Miss Valhalla".

Ela parecia ótima e sabia disso, e seu rosto mostrava sua felicidade. Ela estava autoconfiante também, porque eu lhe havia ensinado os modos locais de

comportamento à mesa, como ficar em pé, como se sentar, como se comportar e coisas parecidas, e ela já havia passado pelo almoço sem um deslize.

Era bom deixá-la exibir-se e apreciar o aplauso silencioso, ou algumas vezes não silencioso; não só íamos partir logo em seguida, como também Joe e eu tínhamos nossas facas à vista no alto de nossas botas. Na verdade, Joe não era nenhum lutador de faca. Mas os lobos de lá não sabiam disso, e nenhum estava inclinado a incomodar a nossa linda cadela quando ela estava flanqueada por seus próprios lobos.

...cedo na manhã seguinte apesar de uma noite curta. Carregamos o dia inteiro, com Llita cuidando dos manifestos^e Joe conferindo números enquanto eu me certificava de não estar sendo roubado. Tarde naquela noite fomos para o espaçoⁿ, com o meu computador de pilotagem fungando as últimas casas decimais para a primeira etapa até Aterragem. Regulei o gravistato para trazer-nos vagarosamente do normal da superfície de Valhalla até um confortável quarto de g — nada mais de queda livre até Llita ter o seu bebê —, depois tranquei a sala de controle e me dirigi para a minha cabine embaixo fedendo, cansado e tentando convencer a mim mesmo de que amanhã era cedo bastante para tomar banho.

A porta deles estava aberta — a porta do quarto, o quarto que tinha sido de Joe antes de eu transformar os quartos deles numa suíte. Porta aberta e eles na cama — eles nunca tinham feito isso antes.

Logo soube o porquê daquilo. Eles saíram da cama e vieram trôpegos em minha direção; queriam que eu entrasse na brincadeira deles — queriam agradecer-me... por aquele dia de festa, por comprá-los, por tudo o mais. Idéia dele? Dela? Não tentei descobrir; simplesmente agradeci-lhes e disse que estava exausto, cansado e sujo — tudo que eu queria era sabão, água quente e doze horas de olhos fechados — e que eles dormissem até tarde; estabeleceríamos a rotina da nave após termos descansado.

Deixe que dessem banho em mim e me fizessem massagem até eu dormir. Isso não rompia a disciplina; eu lhes havia ensinado um pouco de massagem, e Joe em particular tinha um toque firmemente suave; ele vinha fazendo massagens nela diariamente durante a gravidez — mesmo depois de trabalhar longas horas no restaurante.

Mas, Minerva, se eu não estivesse tão cansado, poderia ter violado minha regra sobre mulheres dependentes.

(Omitido)

... todas as fitas, todos os livros disponíveis em Torheim para uma recapitulação em obstetrícia e ginecologia, mais instrumentos e suprimentos que eu não esperava precisar a bordo da nave. Fiquei em minha cabine até haver dominado toda técnica nova e estava quase tão habilitado em parto de crianças como quando era médico rural em Ormuzd, havia muito tempo.

Fiquei de olho na minha paciente, observei sua dieta, fi-la praticar exercícios,

examinei-lhe o ventre diariamente — e não permiti nenhuma familiaridade indevida.

O dr. Lafayette Hubert, médico, também conhecido como capitão Aaron Sheffield, e também conhecido como o Sênior, preocupava-se excessivamente com sua única paciente. Mas evitou que ela e o marido percebessem isso e utilizou sua preocupação construtivamente, planejando todas as emergências obstétricas conhecidas naquela época. Os instrumentos e suprimentos que havia obtido em Valhalla igualavam em todos os principais aspectos o equipamento do Tempo Frigg em Torheim, onde cinquenta nascimentos por dia não eram fora do comum.

Ele sorriu consigo mesmo diante da massa de sucata que havia trazido para bordo, lembrando-se de um médico rural em Ormuzd que havia feito o parto de muitos bebês sem nada além de suas mãos, enquanto a mãe ficava sentada no colo do marido com os joelhos erguidos e afastados por ele para que o velho Doe Hubert pudesse ajoelhar-se em frente deles e pegar o bebê.

É verdade — mas ele tinha sempre consigo todos os instrumentos que um médico corpulento de andar cadenciado podia transportar, embora pudesse não abrir nunca a maleta se tudo corresse bem. Essa era a questão: ter o material à mão se as coisas não corressesem bem.

Um dos artigos comprados em Torheim não era para emergências: o último modelo de cadeira obstétrica aperfeiçoada — correias para as mãos, braços acolchoados; apoios para os pés, pernas e costas, ajustáveis independentemente em três eixos de translação e rotação, com controles acessíveis tanto à parteira como à paciente, prendedores de liberação rápida. Era uma peça maravilhosamente flexível de engenharia mecânica, que permitia à mãe colocar-se em posição por si mesma — ou ser colocada — de forma que o seu canal de nascimento ficasse vertical e o mais aberto possível no momento da verdade.

O dr. Hubert Sheffield mandou instalá-la na sua cabine, verificou suas muitas regulagens antes de assinar o recibo — depois olhou para ela e fechou a cara. Um bom aparelho, e ele havia pago seu alto preço sem vacilação. Mas não tinha nenhum amor em si; era tão impessoal como uma guilhotina.

Os braços de um marido, o colo de um marido, não eram tão eficientes — mas era muito interessante, na sua opinião, fazer os pais passarem pela provação juntos, ela com os braços do marido segurando-a, confortando-a, enquanto este dava apoio tanto muscular como emocional, deixando a parteira livre para se concentrar nos aspectos físicos.

Um marido que tivesse feito isso não teria nenhuma dúvida de que era pai. Mesmo que algum estranho de passagem tivesse injetado nela o suco, o tal fato tornar-se-ia irrelevante, seria absorvido por esta grande experiência.

Então o que acha disso, doutor? Este aparelho? Ou os braços de Joe? Os garotos precisavam desta segunda "cerimônia de casamento"? Joe poderia suportá-la,

física e emocionalmente? Não havia nenhuma dúvida de que Llita era o membro mais resistente do time, embora Joe fosse maior do que ela mesmo quando ela estava próxima do parto. E se Joe desmaiasse e a largasse exatamente no momento errado?

Sheffield preocupava-se com estas questões enquanto levava os controles auxiliares do gravistato da sala de controle até a cadeira obstétrica. Ele havia resolvido que, por mais aborrecido que fosse, sua cabine teria que ser a sala de parto; era o único compartimento com bastante espaço de convés, uma cama à mão e banheiro próprio. Ah, bem, ele poderia agüentar o inconveniente de se espremer ao passar pela coisa estranha para chegar à escritaninha e seu armário durante os próximos cinqüenta dias — sessenta no máximo, se tivesse a data certa da concepção de Llita e tivesse julgado corretamente a evolução da gravidez. Depois poderia desmontá-la e guardá-la.

Talvez pudesse vendê-la com lucro em Aterragem; era mais adiantada do que a arte de lá, tinha certeza.

Colocou a cadeira em posição, parafusou-a ao convés, levantou-a até a altura máxima, colocou o banco da parteira diante dela, regulou-o até ficar confortável para ele, descobriu que podia abaixar a cadeira obstétrica uns dez ou doze centímetros e ainda ter espaço para trabalhar. Feito isto, subiu na cadeira obstétrica e mexeu nos seus controles; descobriu que ela podia ser ajustada para servir até para uma pessoa da sua altura — isso era previsível: algumas mulheres em Valhalla eram mais altas do que ele.

Minerva, pelos meus cálculos; Llita estava cerca de dez dias atrasada — o que não os preocupou, porque eu tinha sido cuidadosamente vago quanto a isso, e preocupou-me apenas um pouquinho, porque ela estava normal e saudável em todos os sentidos. Preparei-os não só com instruções e treinamento, mas também com hipnose, e a havia preparado com exercícios a fim de tornar tudo tão fácil para ela quanto possível — não gosto de concertos pós-parto; aquele canal devia se dilatar, não se romper.

O que estava realmente me afligindo era a possibilidade de ter que quebrar o pescoço de um monstro. Matar um bebê, quero dizer — eu não devia evitar a verdade crua. Todos os cálculos que havia feito numa noite insone ainda deixavam em aberto tal possibilidade — e, se eu tivesse errado em qualquer suposição, a probabilidade podia ser mais alta do que eu gostaria de acreditar.

Se tivesse que fazer isso, queria acabar logo.

Eu estava muito mais preocupado do que ela. Acho que ela absolutamente não se preocupou; eu havia trabalhado duramente naquele preparativo hipnótico.

Se eu tivesse que fazer essa coisa feia, teria que fazê-la depressa, enquanto a atenção deles estivesse distraída — depois nunca deixá-los ver o bebê e soltar no espaço os restos lastimáveis imediatamente. Em seguida, enfrentar a horrível tarefa de tentar recompô-los emocionalmente. Como casal? Eu não sabia. Talvez eu tivesse uma opinião depois de ver o que ela daria à luz.

Por fim suas contrações estavam se aproximando muito, por isto fiz com que se sentassem na cadeira obstétrica — devagar, um quarto de gravidade. A cadeira já estava ajustada, e eles estavam acostumados com a posição, pelo treinamento. Joe subiu, sentou-se com as coxas bem afastadas, os joelhos sobre os apoios, os calcanhares presos — não muito confortável, porque ele não tinha a flexibilidade de uma minhoca, como Llita. Depois a levantei e sentei-a no colo dele — nenhum problema, ela pesava menos de vinte quilos naquela pseudo-aceleração. Digamos dezoito quilos.

Ela abriu as pernas quase horizontalmente e escorregou para a frente em seu colo, enquanto Joe a impedia de cair por entre suas coxas.

— Assim está bom, capitão? — perguntou ela.

— Está ótimo — respondi. A cadeira podia pô-la numa posição um pouquinho melhor... mas ela ficaria sem os braços de Joe à sua volta. Eu nunca disse a eles que havia outra maneira de fazer isso. — Dê um beijo nela, Joe, enquanto pego as correias.

A correia do joelho esquerdo em volta de seus joelhos esquerdos juntos, o mesmo nos joelhos direitos, e com os pés dela presos a apoios adicionais que eu havia acrescentado — as correias apertadas nele tão firmemente que Joe ficaria naquela cadeira mesmo que a nave caísse aos pedaços, mas nenhuma correia nela. As mãos de Llita sobre as presilhas de mãos, enquanto as mãos e braços de Joe eram um cinto de segurança, vivo, quente e amoroso, exatamente embaixo dos seus seios, exatamente sobre o ventre mas não sobre ela. Ele sabia como, tínhamos treinado. Se eu quisesse pressão em seu ventre, diria a ele — caso contrário ele a deixaria em paz.

Meu banco estava aparafusado no convés, eu havia acrescentado um cinto nele. Ao prender-me com este, lembrei-lhes que tínhamos uma jornada dura pela frente — e isto não Unhamos podido praticar; correríamos o risco de um aborto.

— Entrelace seus dedos, Joe, mas deixe-a respirar. Confortável, Llita?

— Ah... — disse ela sem ar. — Eu... está começando outra contração!

— Dê à luz, querida! — Certifiquei-me de que o meu pé esquerdo estava em posição no controle do gravistato e observei o seu ventre.

Grande! Quando ele apareceu, girei de um quarto de gravidade até duas gravidades quase num único movimento — Llita soltou um ganido e o bebê foi expulso como um caroço de melancia bem nas minhas mãos.

Arrastei meu pé para trás para permitir ao gravistato colocar-nos novamente em g baixa, ao mesmo tempo em que fazia uma inspeção quase instantânea na criança. Um menino normal, vermelho, enrugado e feio — então lhe dei uma palmada nas nádegas e ele berrou.

Variações Sobre um Tema VIII

Aterragem

(Omitido)

... a garota com quem eu tencionava me casar havia se casado novamente e tido outro bebê. Não era de surpreender; eu tinha ficado fora de Aterragem duzentos anos. Nem era trágico, sequer, porque tínhamos sido casados certa vez, cerca de cem anos antes. Velhos amigos. Assim, conversei sobre o assunto com ela e seu novo marido, depois me casei com uma de suas netas, uma que descendia de mim. Ambas garotas Howard, naturalmente, e Laura, com a qual me casei daquela vez, da Família Foote ^[36].

Fomos um bom casal, Minerva; Laura tinha vinte anos e eu estava recém-rejuvenescido, mantendo minha idade cosmética do começo dos trinta. Tivemos vários filhos — nove, acho eu; aí, quarenta e tantos anos mais tarde, ela se cansou de mim e quis casar-se com meu primo em 5.º grau, ^[37] Roger Sperling — o que não me afligiu, porque eu estava ficando impaciente como senhor rural. De qualquer maneira, quando uma mulher deseja ir embora, deixe-a ir. Apoiei-a no casamento deles.

Roger ficou surpreso ao saber que a minha plantação não era propriedade comum. Ou possivelmente não achou que eu forçaria Laura a cumprir o acordo de casamento que ela havia assinado — mas essa não era a primeira vez que eu tinha sido rico; eu havia aprendido. Foi preciso um processo monótono para convencê-lo de que Laura possuía seu dote de casamento mais a valorização, não aqueles milhares de hectares que eram meus antes de me casar com ela. Em muitos sentidos é mais simples ser pobre.

Depois viajei para fora outra vez.

Mas isto é sobre os meus filhos que não eram realmente meus. Antes de chegarmos a Aterragem, Joseph Aaron Long parecia mais um querubim e menos um macaco, mas ainda era moço bastante para mijar em qualquer um bastante impaciente para pegá-lo no colo — o que o seu avô fazia, várias vezes por dia. Eu gostava dele; ele era não só um bebê alegre como também, para mim, um triunfo muito satisfatório.

Na ocasião em que aterrissamos, meu pai havia se transformado num cozinheiro realmente bom.

Minerva, eu podia ter estabelecido aqueles garotos com estilo; aquela foi uma viagem triangular tão lucrativa como jamais fiz. Mas a gente não faz com que ex-escravos fiquem eretos, livres e orgulhosos dando-lhes coisas. O que fiz foi torná-los capazes de sair e se virar. Assim...

Creditei-lhes salários de aprendizes em meio expediente, de Abençoado até Valhalla, na presunção de que o outro meio expediente deles fosse tomado pelos

estudos. Isto eu fiz Llita calcular em coroas, pelos níveis de salários de Valhalla. Fi-la acrescentar ao cálculo os salários de Toe como ajudante de cozinha em Valhalla, menos o que ele havia gasto lá. Este total foi creditado a eles como sociedade na carga da terceira etapa, de Valhalla para Aterragem — o que montava a menos da metade de um por cento daquela carga. Fiz Llita calcular tudo isto.

A esse total acrescentamos os salários de cozinheiro de bordo de Joe, de Valhalla para Aterragem, pagáveis em dólares de Aterragem nos níveis de salários de lá — mas apenas como salários, não como sociedade na carga. Tive que explicar a Llita por que os salários de Joe para essa etapa não podiam ser investidos retroativamente na carga embarcada em Valhalla. Uma vez tendo entendido isso, ela obteve uma compreensão das noções de especulação, risco e lucro — mas não lhe paguei por esta contabilidade; macacos me mordam se eu fosse pagar salários de comissário para ela calcular seu próprio dinheiro quando eu estava não só tendo que conferir tudo quanto ela fazia, como lhe dando também uma lição de economia.

Não paguei a Llita pela etapa até Aterragem; ela era passageira, ocupada em ter um bebê e depois mais ocupada ainda aprendendo a cuidar dele. Mas não lhe cobrei passagem; ela viajou de carona.

Você compreende o que eu estava fazendo — manipulando as contas de forma que lhes devesse alguma coisa uma vez vendida a carga, enquanto fazia parecer que eles haviam ganho aquilo. Eles não valiam salário nenhum; pelo contrário, eu havia gasto uma boa quantia com eles — além de comprá-los, o que nunca lhes cobrei nem mentalmente. Por outro lado, fui pago em satisfação profunda — especialmente porque eles aprenderam a cuidar de si mesmos. Mas não discuti nada disto; simplesmente fiz Llita calcular a parte deles — à minha moda.

(Omitido)

...chegava a dois mil, não suficiente para sustentá-los por muito tempo. Mas arranjei tempo para descobrir uma lanchonete na qual tomei opção, através de uma terceira pessoa, após convencer-me de que um par de lutadores podia sobreviver dela, se o preço fosse certo e eles estivessem dispostos a trabalhar. Depois disse a eles que era melhor começarem a procurar emprego porque eu ia pôr a *Libby* à venda ou arrendá-la. Seria um sucesso completo ou fracasso total. Eles estavam realmente livres — livres para morrer de fome.

Llita não fez beicinho, simplesmente tomou um ar solene e continuou a dar de mamar ao pequeno J. A. Joe ficou com medo. Mais tarde, porém, vi-os de cabeças juntas sobre um jornal que eu havia trazido para bordo; estavam lendo anúncios de empregos.

Após muitos cochichos, Llita perguntou timidamente se eu Podia cuidar da criança enquanto iam procurar emprego — mas, ^{Se} eu estivesse ocupado, J. A. podia ir preso ao seu quadril.

Eu disse que não ia a parte alguma — mas haveriam eles lido as "oportunidades

comerciais"? Empregos para pessoas sem treinamento não levavam a parte alguma.

Ela ficou espantada; era uma idéia nova. Mas aquela pista foi suficiente. Houve mais buscas e cochichos; depois ela trouxe o jornal para mim e apontou para um anúncio — meu próprio mas sem tal indicação — perguntando o que significava "cinco anos de amortização".

Demonstrei desprezo em relação a ele e disse-lhe que era uma forma de falir devagar, especialmente se ela gastasse dinheiro em roupas — e devia haver alguma coisa errada ou o dono não ia querer vender.

Ela ficou tão triste quanto Joe e disse que as outras oportunidades comerciais exigiam o investimento de muito dinheiro. Admiti com relutância que não fazia mal olhar — mas que tomassem cuidado com armadilhas.

Eles voltaram cheios de entusiasmo — estavam certos de poder comprá-lo e fazê-lo render! Joe era um cozinheiro duas vezes melhor do que aquele cozinheiro insignificante que o possuía — ele usava gordura demais, rançosa, o café era terrível e ele nem sequer mantinha o lugar limpo. Melhor do que tudo, atrás da despensa havia um quarto onde eles podiam morar e...

Fiz com que se calassem. Qual era a receita bruta? E quanto aos impostos? E a licença e as inspeções, e qual o suborno necessário? O que entendiam eles sobre comprar comida por atacado? Não, eu não ia vê-lo: eles tinham que se decidir e parar de se apoiar em mim; e, de qualquer maneira, eu não entendia coisa alguma do ramo de restaurantes.

Duas mentiras, Minerva; dirigi restaurantes em cinco planetas — mais uma mentira silenciosa quanto aos meus motivos para não desejar inspecionar a espelunca. Dois — não, três — motivos: em primeiro lugar, eu havia examinado o lugar com cínica minúcia antes de tomar a opção sobre ele; em segundo, aquele cozinheiro insignificante fatalmente se lembraria de mim; em terceiro, já que eu o estava vendendo a eles, através de um testa-de-ferro, não podia nem responder por ele nem insistir para que o comprassem. Minerva, vendo um cavalo, não vou garantir que ele tenha uma perna em cada canto; o comprador deve contar por si mesmo.

Tendo negado qualquer conhecimento do negócio de restaurantes, fiz-lhe então uma preleção sobre ele. Lilita começou a tomar notas, depois pediu licença para ligar o gravador. Assim, entrei em detalhes: por que um lucro bruto de cem por cento sobre o custo da comida podia não dar para as despesas após ela calcular os custos e as despesas indiretas — amortização, depreciação, impostos, seguros, salários para eles como se fossem empregados, etc. Onde era o mercado dos produtores e a que horas de cada manhã tinham que estar lá. Por que Joe tinha que aprender a cortar a carne, não comprá-la aos pedaços — e onde podia aprender isso. Como um cardápio longo poderia arruiná-los. O que fazer a respeito dos ratos, camundongos, baratas e algumas pessoas fora do comum que Aterragem tem mas graças a Deus Secundus não tem. Porque...

(Omitido)

...o cordão umbilical foi cortado, Minerva. Acho que eles nunca imaginaram que estavam negociando comigo. Não os enganei nem os ajudei; aquele contrato de venda amortizado simplesmente transferiu o preço que tive que pagar pela pocilga, mais um acréscimo representando o tempo que eu havia gasto regateando o preço, mais honorários legais, a caução e um pagamento ao teste-de-ferro, mais os juros que o banco me cobraria — dois pontos mais barato do que eles poderiam obter, pelo menos. No entanto, nada de caridade, nenhuma — não ganhei nada, não perdi nada e cobrei apenas um dia do meu tempo.

A bolsa de Llita era mais fechada do que o eu de um touro em dia de muita mosca; acho que ela equilibrou a receita e a despesa logo no primeiro mês, apesar de não trabalhar enquanto limpavam e remodelavam o lugar. Certamente ela não deixou de fazer o primeiro pagamento daquele mês da hipoteca, nem nenhum depois desse. Deixar de fazer algum? Querida, eles pagaram aquele empréstimo de cinco anos em três.

Não é muito surpreendente. Ah, uma longa doença poderia ter acabado com eles. Mas eram saudáveis e jovens, e trabalharam sete dias por semana até ficarem livres de dívidas. Joe cozinhava; Llita cuidava da caixa, sorria para os fregueses e ajudava no balcão; J. A. vivia numa cesta junto ao cotovelo da mãe até ter idade bastante para andar.

Até eu me casar com Laura e deixar Nova Canaveral para ser um senhor rural, fui ao boteco deles diversas vezes — não muitas, porque Llita não me deixava pagar, e isso era apropriado, fazia parte de ser ativo e orgulhoso; eles haviam comido minha comida, agora eu comia a deles. Assim, eu passava geralmente apenas para uma xícara de café e inspecionava meu afilhado — ao mesmo tempo em que os inspecionava. Encaminhei fregueses para eles também; Joe era um bom cozinheiro e ficava cada vez melhor. Espalhou-se a fama de que a Cozinha da Estelle era o lugar certo para quem apreciava boa comida. As recomendações verbais são a melhor propaganda; as pessoas tendem a ficar cheias de si quanto a terem "descoberto" esse tipo de restaurante.

Não era prejudicial junto aos fregueses, homens especialmente, o fato de a própria Estelle tomar conta da caixa, jovem, bonita e com um bebê nos braços. Se ela estava dando de mamar ao fazer o troco — como era muitas vezes o caso, no começo —, isso praticamente garantia uma gorjeta generosa.

J. A. desistiu do negócio de laticínios pouco depois, mas quando tinha cerca de dois anos seu lugar foi tomado por uma irmã, Libby Long. Não fiz o parto dela, e seu cabelo ruivo não tinha nada a ver comigo. Joe era louro, e suponho que Llita fosse portadora do gene como um recessivo — duvido que ela tivesse tempo de se espalhar. Libby era a instigadora número 1 de gorjetas, e crédito a ela a ajuda que permitiu pagar a hipoteca mais cedo.

Alguns anos mais tarde a Cozinha da Estelle mudou-se para o norte da cidade, no bairro financeiro. Era um pouco maior, e Llita contratou uma garçonete, bonita, naturalmente...

(Omitido)

... a Maison Long era aparatosa, mas possuía um recanto, um café chamado "Cozinha da Estelle", e lá Estelle era a anfitriã, bem como na sala de jantar principal — sorrindo, vestida com roupas justas que mostravam sua silhueta soberba, chamando os fregueses habituais pelo nome, conseguindo os nomes dos convidados deles e lembrando-se deles. Joe tinha três cozinheiros e alguns ajudantes que se conformavam com seus altos padrões, ou eram despedidos.

Antes, porém, que abrissem a Maison Long, aconteceu uma coisa que mostrou que os meus garotos eram ainda mais espertos do que eu imaginava — ou pelo menos lembravam-se de tudo e pensavam nas coisas mais tarde. Veja você, quando os compreí, eles eram ignorantes demais para cavarem areia e acho que nenhum deles jamais tinha tocado em dinheiro.

Carta de um advogado... Dentro havia uma ordem de pagamento e com ela uma conta: duas passagens, de Abençoado para Valhalla e Aterragem, segunda etapa calculada pelas tarifas da Corporação de Migração Transstelar Ltda. (Nova Canaveral) e primeira etapa igualada arbitrariamente à segunda; certas quantias resultantes da sociedade na venda da carga; cinco mil bônus expressas em dólares numa taxa de câmbio estimada com base no poder aquisitivo equivalente, ver anexo; total das quantias brutas acima; juros sobre o bruto capitalizados semi-anualmente durante treze anos à taxa comercial corrente para cada ano para empréstimos sem garantia — e total geral igual ao da ordem de pagamento, uma soma que estou certo de não me lembrar, Minerva, mas que não significaria coisa alguma em coroas de Secundus, de qualquer maneira, gra uma soma considerável.

Não havia nenhuma referência a Llita ou Joe, e a ordem era assinada por esse advogado. Liguei para ele, então.

Verifiquei que era um esnobe, o que não me impressionou, porque eu próprio fui advogado lá, embora sem exercer a profissão. Tudo quanto ele podia dizer é que estava agindo em nome de um cliente, cuja identidade não podia revelar.

Martelei-o em legalês, portanto, e ele afrouxou até o ponto de me informar que tinha instruções para o caso de eu recusar a ordem: depois devia pagar a soma desta a uma fundação designada e informar-me disso após ter sido paga. Recusou-se, porém, a me dizer que fundação era essa.

Desliguei e liguei para a Cozinha da Estelle. Llita atendeu, depois entrou no vídeo e sorriu o melhor que pôde.

— Aaron! Não o vemos há tanto tempo!

Concordei e acrescentei que aparentemente eles tinham perdido a cabeça enquanto eu não estava observando.

— Tenho aqui um monte de bobagens de um advogado, junto com uma ordem ridícula. Se eu pudesse pegá-la, querida, lhe daria uma surra. É melhor deixar-me falar com Joe.

Ela sorriu, feliz, e disse-me que eu era bem-vindo para surrá-la a qualquer momento e que eu poderia falar com Joe num instante, mas que ele estava

fechando a loja. Depois parou de sorrir e disse com sóbria dignidade:

— Aaron, nosso mais velho e querido amigo, essa ordem não é ridícula. Algumas dívidas não podem ser pagas. Você me ensinou isso há anos. Mas a parte monetária de uma dívida pode ser paga. É isso que estamos fazendo, o mais aproximadamente quanto pudemos calcular.

— Diabos a levem, sua cadelinha estúpida — disse eu. — Vocês, garotos, não me devem nenhum maldito tostão — ou algo nesse sentido.

Ela respondeu:

— Aaron, nosso amado patrão...

A palavra "patrão" explodiu minhas sobrecargas, Minerva. Usei uma linguagem garantida para vergastar o lombo das mulas da frente de uma junta de seis.

Ela me deixou acabar, depois disse baixinho:

— Nosso patrão até você nos libertar permitindo que Paguemos isto... capitão.

Querida, eu parei derrapando.

— Mas, mesmo então, você continuará ainda nosso patrão em meu coração, capitão — acrescentou ela. — E no coração de Joe, eu sei. Embora continuemos livres e orgulhosos, como você nos ensinou. Embora, sempre graças a você, nossos filhos, e os filhos que ainda terei, nunca fiquem sabendo que fomos outra coisa senão seres livres... e orgulhosos.

— Querida — eu disse —, você está me fazendo chorar.

— Não, não! — exclamou ela. — O capitão nunca chora.

— O que você sabe a respeito disso? Eu choro. Mas na minha cabine... com a porta trancada. Querida, não vou discutir. Se é isto que é preciso para fazer vocês, garotos, se sentirem livres, aceitarei. Mas apenas o principal, sem juro. Não aceitarei juro de amigos.

— Somos mais do que amigos, capitão. E menos. Os juro de uma dívida sempre são pagos... você me ensinou. Mas eu sabia disso em meu coração mesmo quando era uma escrava ignorante, recém-alforriada. Joseph sabia disso também. Tentei pagar os juro, capitão. Mas você não me deixou.

Mudei de assunto.

— Qual é a fundação que vai receber os dólares se eu os recusar?

Ela hesitou.

— Planejamos deixar isso por sua conta, Aaron. Mas achamos que devia ir'para os órfãos dos espaçonautas. Talvez o Refúgio Memorial Harriman.

— Vocês dois estão loucos. Esse fundo está abarrotado, e sei disso. Olhe, se eu for à cidade amanhã, você pode calar essa matraca de ptomaína [\[38\]](#) por um dia? Ou talvez até o dia de São Nunca?

— Qualquer dia e por tantos dias quantos desejar, Aaron. Assim, eu disse que ligaria de novo.

Minerva, eu precisava de tempo para pensar. Joe não era problema, nunca fora. Mas Llita era teimosa. Eu havia oferecido um acordo; ela não havia cedido um milímetro. Eram os juros que tornavam a quantia tão chocante, para eles — dois lutadores que haviam começado com um par de milhares de dólares treze anos atrás e que estavam criando três filhos então.

Juros acumulados é assassinato. A quantia que ela afirmava dever-me — o total daquela ordem — era mais do que duas vezes e meia o valor do principal... e eu não podia compreender como eles haviam economizado tanto. Mas, se eu conseguisse convencê-la a concordar com o principal e esquecer os juros acumulados, eles ainda teriam uma bela soma de capital para expandir novamente — e, se fosse preciso dar a soma menor a espaçonautas órfãos, órfãos de espaçonautas ou gatos indignados para fazê-los se sentirem orgulhosos, eu percebia que isso seria um bom negócio a seus olhos. Eu mesmo lhes tinha ensinado, não tinha? Uma vez desisti de dez vezes essa quantia para não discutir se as cartas haviam sido cortadas — depois dormi naquela noite num cemitério.

Fiquei imaginando se, em sua mente docemente tortuosa, ela me estaria pagando por tê-la arrastado para fora da minha cama certa noite catorze anos atrás. Fiquei imaginando o que ela faria se eu fizesse uma contraproposta de aceitar o principal e deixá-la "pagar os juros" à sua própria maneira. Bolas, provavelmente estaria deitada de costas antes que se pudesse dizer "contracepção".

O que não resolveria nada.

Já que ela havia recusado meu acordo, estávamos de volta ao ponto de partida. Ela estava resolvida a pagar tudo — ou doar, sem mais nem menos —, e eu não ia deixá-la fazer nenhuma das duas coisas; também posso ser teimoso.

Tinha que haver uma maneira de convencê-los.

Ao jantar naquela noite, depois que os empregados se retiraram, eu disse a Laura que ia à cidade a negócios — ela gostaria de ir junto? Fazer compras enquanto eu estava ocupado, depois jantar onde quer que gostasse, em seguida procurar qualquer divertimento que lhe agradasse. Laura estava grávida outra vez; achei que ela gostaria de passar um dia gastando dinheiro em roupas.

Não que eu planejasse tê-la comigo na briga que se aproximava com Llita: oficialmente, Joseph, Estelle Long e seu filho mais velho haviam nascido em Valhalla; tinhamo-nos tornado amigos quando eles viajaram em minha nave. Eu havia alimentado essa história e instruído os garotos nela na viagem para Aterragem, e fizera com que estudassem fitas de imagem e som de Torheim — fitas essas que os transformaram em valhallanos sintéticos, a menos que interrogados minuciosamente demais por valhallanos verdadeiros.

Essa simulação não era totalmente necessária, porque Aterragem tinha uma política de portas abertas; os imigrantes não precisavam nem se registrar — podiam afundar ou nadar. Nenhuma taxa de aterrissagem, nenhuma taxa por cabeça, não muita tributação de qualquer tipo, muito governo, e Nova Canaveral, a terceira maior cidade, tinha apenas cem mil habitantes — Aterragem era um

bom lugar para se viver naquele tempo.

Mas fiz Joe e Llita agirem dessa maneira tanto por causa deles como de seus filhos. Queria que esquecessem que algum dia tinham sido escravos, que nunca falassem sobre isso, que nunca deixassem seus filhos saber disso — e, ao mesmo tempo, enterrassem o fato de que tinham sido, de alguma maneira estranha, irmão e irmã. Não há nada vergonhoso em se nascer escravo (exceto para o escravo!), nem havia qualquer motivo para que complementos diplóides não pudessem casar-se. Mas esqueça isso — começarei de novo. Joseph Long havia se casado com Stjerne Svendsdatter (nome anglicizado como "Estelle", com o apelido de Llita desde a mais tenra infância); eles haviam se casado quando ele terminou o aprendizado de cozinheiro; tinham emigrado após nascer seu primeiro filho. A história era simples e não podia ser contestada; e dava o polimento final em minha única tentativa de brincar de Pigmalião. Eu não vira nenhum motivo para dar à minha nova mulher qualquer versão senão a oficial. Laura sabia que eles eram meus amigos; era amável com eles por minha causa, depois viera a gostar deles por conta própria.

Laura era uma boa garota, Minerva, uma boa companhia na cama e fora dela, e tinha a virtude dos Howards, mesmo em seu primeiro casamento, de não tentar reprimir o marido — a maioria dos Howards precisa de pelo menos um casamento para aprender isso. Ela sabia quem eu era — o Sênior — porque o nosso casamento e, mais tarde, os nossos filhos foram registrados nos arquivos, assim como tinha sido o meu casamento com a sua avó e os filhos resultantes dele. Mas não me tratava como sendo mil anos mais velho do que ela, e nunca me interrogou sobre minhas vidas passadas — simplesmente escutava se eu tivesse vontade de contar.

Não a culpo por aquele processo; Roger Sperling planejou aquilo, o ávido filho de uma porca.

— Se você não se importa, querido — disse Laura —, ficarei em casa. Prefiro vestir roupas elegantes quando emagrecer. Quanto ao jantar, não há nenhum restaurante em Nova Canaveral que iguale o que Thomas prepara para nós aqui. Bem, a Cozinha da Estelle talvez, mas é uma lanchonete, não um restaurante. Você vai vê-los nesta viagem? Estelle e Joe, quero dizer.

— Provavelmente.

— Ache tempo, querido; eles são boas pessoas. Além disso, quero mandar algumas bugigangas para a minha afilhada. Aaron, se você quiser levar-me a um restaurante chique quando formos à cidade, deve encorajar Joe a abrir um. Joe sabe cozinhar tão bem como Thomas.

(Melhor do que Thomas, disse comigo mesmo — e Joe não se aborrece com um pedido amável. Minerva, o problema com empregados é que a gente serve a eles tanto quanto eles servem à gente.)

— Farei força para vê-los, pelo menos o tempo suficiente para entregar o seu presente a Libby.

— Dê um beijo em todos por mim. É melhor eu mandar alguma coisa para cada um dos filhos deles. Não se esqueça de dizer a Estelle que estou grávida outra vez. Descubra se ela está também e lembre-se de me contar. A que horas você vai, querido? Preciso verificar suas camisas. — Laura estava serenamente certa de que eu não podia arrumar uma mala para uma noite, não importava quantos séculos de experiência eu tivesse. Sua capacidade de ver o mundo como queria vê-lo capacitou-a a se acostumar com as minhas maneiras desajeitadas durante quarenta anos; eu a apreciava. Amor? Certamente, Minerva. Ela cuidava do meu bem-estar, sempre, e eu do dela; e gostávamos de estar juntos. Não era um amor tão intenso que causasse dor de barriga.

No dia seguinte tomei minha charrete para Nova Canaveal.

(Omitido)

...planejou a Maison Long. Llita tencionou subjugar-me. Sou sentimental; ela sabia disso e preparara o palco. Quando cheguei lá, as persianas estavam fechadas, cedo — e seus dois filhos mais velhos tinham ido passar a noite fora, e o bebê, Laura, estava dormindo. Joe me fez entrar e disse que eu fosse para os fundos; estava com o nosso jantar no fogão e voltaria num minuto. Fui, então, para os fundos, onde moravam, para falar com Llita.

Descobri-a — usando o sarongue e as sandálias que eu lhe havia dado nem uma hora após tê-la comprado. Em vez da pintura sofisticada que agora usava tão bem, ela não estava com absolutamente nenhuma maquiagem e tinha os cabelos simplesmente repartidos e caídos até a cintura ou mais, e escovados até brilharem. Mas aquela não era a escrava assustada e ignorante que tivera de aprender a tomar banho; essa jovem senhora serenamente linda estava limpa como um bisturi esterilizado, e perfumada com alguma fragrância que poderia chamar-se Brisas da Primavera mas devia chamar-se Estupro Justificável e ser vendida apenas com receita médica.

Ela fez pose apenas o tempo suficiente para eu absorver isso, depois pulou em cima de mim e atingiu-me com um beijo que combinava com o seu perfume.

No momento em que me soltou, Joe havia se reunido a nós — vestindo tanga e sandálias.

Mas não deixei aquilo ficar sentimental; reagi vivamente, parando apenas para aceitar um décimo se tanto do beijo de Joe, não disse nada sobre suas roupas e comecei a explicar imediatamente aquele acordo comercial. Quando Llita percebeu o que eu estava dizendo, mudou de sereia sensual para ríspida mulher de negócios, ouviu intensamente, ignorou o ambiente que preparara e as roupas, e fez as perguntas certas. A certa altura ela disse:

— Aaron, alguma coisa está errada. Você disse-nos para sermos livres e tentamos ser... e foi por isso que lhe mandamos aquela ordem de pagamento. Sei somar; devemos a você aquele dinheiro. Não precisamos ter o maior restaurante de Nova Canaveal. Somos felizes, as crianças têm saúde, estamos ganhando dinheiro.

— E trabalhando duro demais — respondi.

— Não tão duro assim. Embora um restaurante maior significasse ainda mais trabalho. Mas a questão é a seguinte: parece que você está nos comprando outra vez. Isso estará bem se você desejar... é o único patrão que aceitaríamos. É essa sua intenção, capitão? Se for, por favor, diga. Seja franco conosco.

— Joe — disse eu —, quer segurá-la enquanto lhe dou uma surra por usar essa palavra suja? Lita, você está errada nos dois sentidos. Um restaurante maior significa menos trabalho. E não estou comprando vocês; isto é um acordo comercial do qual espero um grande lucro. Estou apostando no gênio de Joe como cozinheiro, e no seu gênio em economizar tostões sem baixar a qualidade. Se eu não ganhar dinheiro, exercerei minha opção para liquidar, receberei meu investimento de volta e vocês poderão voltar a dirigir um balcão de lanchonete. Se vocês falharem, não os apoiarei.

— Irmão? — ela o chamou assim naquele dialeto da sua infância. Isso significou para mim que a sociedade estava preparada para uma sessão executiva do mais alto grau, porque eles tinham o maior cuidado em não chamarem um ao outro de "irmão" em qualquer língua, especialmente diante dos filhos. Minerva, não me lembro se Aterragem tinha leis contra o incesto... lá não existiam muitas leis. Mas havia um forte tabu contra isso, e eu os havia doutrinado cuidadosamente. Metade da luta em qualquer cultura é conhecer os seus tabus.

Joe ficou pensativo.

— Eu posso cozinhar. Você pode cuidar do resto, irmã?

— Posso tentar. Naturalmente tentaremos se você quiser, Aaron. Não estou certa de obtermos sucesso, e parece-me que terei mais trabalho. Não estou reclamando, Aaron, mas já estamos trabalhando tão duro quanto podemos.

— Sei que estão. Não sei como Toe acha tempo para preparar com você.

Ela encolheu os ombros e disse:

— Isso não demora muito. E vai levar muito tempo (acabei de engravidar) antes de eu poder tirar uma folga. J. A. tem idade bastante para cuidar da caixa quando eu tirar folga. Mas não num restaurante grande e elegante.

— Garota — respondi —, você está pensando em termos de lanchonete. Agora escutem e aprendam como ganhar mais dinheiro com menos trabalho e mais tempo de folga.

"Podemos abrir a Maison Long só depois de você ter esse bebê; não podemos resolver isto numa noite. Precisamos vender ou alugar este lugar... o que significa achar compradores que possam mantê-lo fora do vermelho; é sempre dispendioso ter que tomar um lugar de volta.

"Precisamos descobrir uma propriedade adequada no bairro certo, para venda ou locação com opção de compra. Posso comprá-la e arrendá-la à corporação, a fim de não imobilizar capital demais desta em financiamento. Descobrir o lugar, remodelá-lo provavelmente, redecorá-lo certamente. Dinheiro para instalações. Não muito para extorsão; eu sei onde os corpos estão enterrados nesta cidade, e não ficarei impassível com uma extorsão excessiva.

"Mas, minha querida, você não ficará na caixa; contrataremos gente, e cuidarei para que eles não possam roubar. Você ficará circulando, com uma bonita aparência, sorrindo para as pessoas... e de olho em tudo. Mas fará isso apenas na hora do almoço e do jantar. Digamos seis horas por dia."

Joe ficou espantado; Llita disse impulsivamente:

— Mas, Aaron, sempre abrimos assim que chegamos do mercado e ficamos abertos até tarde. Do contrário perde-se muitos negócios.

— Estou certo de que vocês trabalham duro; esta ordem de pagamento o prova. É por isso que você acha que ficar grávida "não demora muito". Mas isso deve "demorar", querida. O trabalho por si mesmo não é um fim: deve haver sempre tempo suficiente para o amor. Diga-me... Quando você engravidou de J. A. na *Libby*, apressaram-na? Ou você teve tempo para desfrutar?

— Ah, Santo Deus! — Seus mamilos tilintaram de repente. — Aqueles dias foram maravilhosos!

— Haverá dias maravilhosos outra vez, Ou você perdeu o interesse?

Ela ficou indignada.

— Capitão, conhece-me melhor do que isso.

— Joe? Está fraquejando, filho?

— Bem... trabalhamos longas horas. Algumas vezes estou bastante cansado.

— Vamos mudar a situação. Isto não será uma lanchonete; isto vai ser um restaurante fino e caro, de uma qualidade que este planeta nunca viu. Lembra-se daquele lugar onde os levei para jantar pouco antes de decolarmos para Valhalla? Daquele tipo. Luzes suaves e música suave, comida maravilhosa e altos preços. Uma adega de vinhos, mas não bebidas fortes; nossos fregueses não devem ficar com as papilas gustativas dormentes.

"Joe, você ainda irá ao mercado todas as manhãs; escolher alimentos de alta qualidade é uma coisa que você não pode delegar. Mas não leve Llita; leve J. A., se ele quiser aprender a profissão."

— Eu já o levo algumas vezes.

— Ótimo. Depois voltará para casa e irá para a cama descansar, até a hora de fazer o jantar. Não o almoço.

— Hein?

— É isso mesmo. Seu cozinheiro número 2 cuidará do almoço, depois ajudará no jantar, a grande refeição para ganhar dinheiro. Llita será a anfitriã tanto no almoço como no jantar, mas ficará de olho vivo na qualidade do almoço, Joe, já que você não estará na cozinha. Mas ela nunca irá ao mercado e ainda estará na cama quando você voltar de lá... eu disse que a casa de vocês deverá ficar junto, exatamente como agora? Vocês dois terão folga duas ou três horas à tarde... o tempo exato para o tipo de sesta que vocês costumavam ter na *Libby*. Na verdade, se vocês dois não acharem tempo, sob esse regime, tanto para dormir

como para muitas brincadeiras agradáveis... Mas vocês acharão.

— Parece ótimo — concordou Llita —, se pudermos ganhar a vida com esse horário...

— Vocês podem. Uma vida melhor. Mas, em vez de tentar ganhar cada dólar, Llita, o seu objetivo será manter o máximo de qualidade sem perder dinheiro... e gozar a vida.

— Gozaremos. Aaron, nosso amado... capitão e amigo, já que não posso dizer aquela palavra "suja", gozamos a vida mesmo quando éramos crianças e eu tinha que usar aquele horrendo cinto de castidade... porque era muito doce nos aconchegarmos durante as longas noites. Quando você nos comprou (e nos libertou) e não tive que usá-lo mais, a vida ficou perfeita. Achei que não podia ser melhor... mas será, quando não tivermos que escolher entre dormir e tentar ficar acordados para amar. Ah, você pode não acreditar nisso, já que sabe a mulher ferosa que sou... mas uma porção de vezes o sono venceu.

— Eu acredito. Vamos mudar isso.

— Mas... Não serviremos o café da manhã? Aaron, alguns dos nossos fregueses do café vêm aqui desde que estamos em Aterragem.

— Qual o lucro líquido?

— Bem... não muito. As pessoas não pagam muito pelo café da manhã, ainda que os ingredientes algumas vezes custem caro. Um lucro líquido pequeno no café me satisfaz. É propaganda. Odiaria dizer aos nossos fregueses regulares que não os atenderemos mais.

— Detalhes, querida. Você pode ter um bar para café num canto e não abrir a sala de jantar principal... mas Joe não vai preparar o café, e nem você. Você ficará na cama com Joe nessa hora... para que os seus olhos fiquem cintilando no almoço.

— J. A. conhece os pratos do café — interrompeu Joe. — Fiz com que ele começasse pelo café.

— Detalhes, novamente. Talvez cheguemos a um acordo com o meu afilhado, pelo qual ele ganhe o seu próprio dinheiro, se o bar que vai servir o café der dinheiro...

(Omitido)

— ...resumindo tudo. Tome nota, Llita. Concordo em aceitar este esquema enquanto vocês dois, especialmente você, Llita, concordar que isso liquidará para sempre qualquer débito entre nós. A Maison Long será uma corporação estreitamente fechada, cinquenta e um por cento para vocês dois, quarenta e nove por cento para mim, nós três seremos diretores, e não poderemos vender ações a não ser uns para os outros... exceto que eu ficarei com a opção de mudar toda ou parte da minha participação em ações sem voto, caso em que poderei transferi-la.

"Minha parte do financiamento inicial é este esquema. A Parte de vocês é o que

obtivermos por esta lanchonete..."

— Espere — disse Llita. — Pode ser que não consigamos vender por tanto.

— Detalhes, querida. Inclua uma cláusula permitindo que vocês paguem à corporação qualquer diferença do seu próprio lucro... e haverá realmente um lucro; não permaneço num negócio que não dê dinheiro, sempre corto minhas perdas. Vamos pôr outra cláusula que me permita fornecer mais capital, se necessário, para comprar ações sem votos... e usaremos algo como isso para conservarmos os melhores funcionários, também. Não deixaremos que Joe treine um cozinheiro para depois vê-lo ir embora. Não importa, vamos acertar a idéia geral. Vocês dois são os chefes; eu sou o sócio oculto. Haverá salários para vocês dois na escala que discutimos, aumentando com o aumento da receita, como discutimos.

"Eu não receberei salários, apenas dividendos. Mas todos nós vamos dar duro para pôr isto em funcionamento. Virei de Skyhaven quando for necessário; não há nada acontecendo lá, agora, de que o meu administrador não possa cuidar. Uma vez funcionando, não farei nada; ficarei sentado e deixarei vocês dois nos tornarem ricos. Mas ouçam com cuidado: uma vez funcionando, vocês dois devem parar de dar duro também. Mais tempo na cama. Mais tempo para se divertirem fora da cama. Vocês não nos tornarão ricos trabalhando em horário integral. Chegamos a um acordo?"

— Acho que sim — concordou Joe. — Irmã?

— Sim. Não estou certa de que Nova Canaveral possa ter um restaurante fino como aqueles, encantadores, de Valhalla... mas tentaremos! Ainda acho que nossos salários iniciais são altos demais, mas esperarei até chegarmos a um balanço experimental em nosso primeiro trimestre antes de discutir o assunto. Apenas uma coisa, capitação...

— Meu nome é Aaron.

— "Capitação" é mais seguro do que a "palavra suja". Concordei com a coisa toda... e macacos me mordam se vamos fazer isto funcionar, como você sempre diz. Mas, se pensa que isto me fez esquecer uma noite em que você me arrastou para fora da sua cama e me atirou de bunda num convés duro de aço, pode pensar outra vez! Porque não fez!

Suspirei, Minerva, e disse para o marido dela:

— Joe, como é que você agüenta? Ele encolheu os ombros e sorriu.

— Não agüento, apenas vou levando. Além disso, compreendo o ponto de vista dela sobre isso. Se eu fosse você, eu a levaria para a cama e a faria esquecer.

Sacudi a cabeça.

— Mas não sou você, essa é a questão. Joe, eu aprendi, muito antes de você nascer, que um rabo grátis é invariavelmente o tipo mais dispendioso. Pior do que isso, nós três somos sócios, agora... e posso ver seis resultados possíveis se eu aceitar sua idéia como solução... e qualquer dos seis pode fazer com que a

Maison Long Ltda. nunca decole.

(Omitido)

...exatamente como eu sabia que decolaria, Minerva; nunca tive um investimento não especulativo que rendesse tanto. Tentaram imitar-nos — mas nunca puderam imitar a cozinha de Toe ou a gerência de Llita. Ganhei uma fortuna!

Variações Sobre um Tema IX

Conversa Antes da Madrugada

— Lazarus, você não está com sono?

— Não me aborreça, querida. Já passei milhares de noites em claro e ainda estou aqui. Um homem nunca corta a garganta por causa de uma noite sem dormir se tiver companhia para ajudá-lo a passá-la. Você é uma boa companhia, Minerva.

— Obrigada, Lazarus.

— É simplesmente verdade, garota. Se eu dormir... ótimo! Se não, então não há necessidade de contar a Ishtar. Não, isso não vai funcionar; ela irá fazer gráficos e diagramas sobre mim, não é?

— Receio que sim, Lazarus.

— Você sabe disso muito bem. Um bom motivo para eu ser um anjinho, lavar atrás das orelhas e acabar com este rejuvenescimento é ter minha privacidade de volta. A privacidade é tão necessária como a companhia; pode-se levar um homem à loucura privando-o de qualquer uma das duas. Isso foi outra coisa que consegui montando a Maison Long; consegui para os meus garotos a privacidade de que eles não sabiam estar precisando.

— Isso não me ocorreu, Lazarus. Notei que eles ficaram com mais tempo para Eros... e vi que isso foi bom. Eu devia ter deduzido mais alguma coisa dos dados?

— Não, porque não dei a você todos os dados. Nem um décimo. Apenas um esboço dos cerca de quarenta anos em que os conheci, e alguns (não todos) pontos críticos. Por exemplo, mencionei a ocasião em que Joe decapitou um homem?

— Não.

— Não foi grande coisa e não era importante para a história. Este jovem estudante tentou participar do dinheiro certa noite, assaltando-os à mão armada. Lita estava com J. A. no braço direito, dando de mamar ou prestes a fazê-lo, e não pôde apanhar o revólver que guardava na caixa; não estava em condições de lutar, e foi inteligente o bastante para não tentar fazê-lo com tal desvantagem. Suponho que o pilantra não soubesse que Joe tinha simplesmente saído de perto.

"Exatamente quando este livre-atirador socialista estava recolhendo a receita do dia, Joe acertou-o com um cutelo de açougueiro. Cortina. A única coisa notável quanto a isso foi Joe agir tão rápido e corretamente matando-o, porque estou certo de que a única luta que ele tentou alguma vez foi aquela a que o forcei na *Libby*. Joe também fez tudo muito adequadamente: acabou de separar a cabeça; atirou o corpo na rua para que os amigos dele o levassem, se tivesse algum; ou para os garis retirarem, em caso contrário; em seguida expôs a cabeça na frente da loja num espigão próprio para isso. Fechou então as persianas e limpou a sujeira... depois pode ter tido tempo para vomitar; Joe era uma boa alma. Mas aposto sete contra dois como Lita não vomitou.

"A comissão da cidade para segurança pública votou a favor de Joe a recompensa habitual, e a comissão de ruas fez passar o chapéu e aumentou-a; um cutelo contra um revólver merecia atenção especial. Boa propaganda para a Cozinha da Estelle. Quanto ao resto, porém, não é importante, exceto que os garotos poderiam usar aquele dinheiro... ajudou a pagar a hipoteca, sem dúvida, e terminou no meu bolso. Mas eu não teria ouvido falar deste incidente sem importância se não estivesse em Nova Canaveral, tendo passado por acaso na Cozinha da Estelle quando a própria cabeça foi retirada (moscas, você sabe) e o troféu de cabeça plástica que o costume exigia que Joe exibisse foi colocado pela comissão de ruas. Mas eu estava falando de privacidade.

"Quando escolhi a propriedade para a Maison Long, certifiquei-me de que incluía espaço para uma família em crescimento, isso é tudo, já que eles tinham três filhos e um no estaleiro na noite em que planejamos isso. O remanejamento dos horários deu-lhes também privacidade em relação um ao outro. Por melhor que seja aconchegar-se e ter relações sexuais, apesar disso, quando a gente está realmente cansado, muitas vezes é bom ficar na cama sozinho... e a nova rotina não só permitia como exigia isso durante uma parte do dia, devido às horas de trabalho desencontradas.

"Mas planejei também espaço para que tivessem privacidade em relação aos filhos... e para que enfrentassem um outro problema que Llita não compreendeu direito e no qual Joe poderia não ter pensado. Minerva, sabe definir 'incesto'?"

— Incesto é um termo legal, não biológico — respondeu a computadora. — Designa a união sexual entre pessoas proibidas por lei de se casarem. O próprio ato é proibido; o fato de tais uniões resultarem em prole é irrelevante. As proibições variam largamente entre as diversas culturas e se baseiam geralmente, mas não sempre, nos graus de consangüinidade.

— A sua maldita restrição é "não sempre". Há culturas que permitem o casamento de primos-irmãos, por ser geneticamente arriscado, mas proíbem um homem de se casar com a viúva do seu irmão, o que não envolve mais risco do que a primeira união. Quando eu era moço, podia-se encontrar uma regra num Estado, depois atravessar uma linha invisível e encontrar leis exatamente opostas quarenta metros adiante. Ou, em certas ocasiões e lugares, ambas as uniões podiam ser obrigatórias. Ou proibidas. Regras intermináveis, definições intermináveis para o incesto, e raramente qualquer lógica nelas. Minerva, pelo que me lembro, as Famílias Howard são o primeiro grupo da história a rejeitar o enfoque legalista e a definir o incesto unicamente em termos de risco genético.

— Isso está de acordo com os registros contidos em mim — concordou Minerva. — Um geneticista Howard pode desaconselhar uma união entre duas pessoas sem nenhum ancestral conhecido comum mas não fazer qualquer objeção ao casamento de irmãos. Em cada caso a análise das cartas genéticas poderia prevalecer.

— Sim, naturalmente. Agora vamos deixar a genética de lado e falar sobre tabus. O tabu do incesto, embora possa ser qualquer coisa, muito comumente significa a união de irmãs e irmãos, pais e filhos. Llita e Joe eram um caso único, irmão e

irmã pelas regras culturais, totalmente sem parentesco pelas regras genéticas... ou, pelo menos, não mais do que dois estranhos.

"Agora vem um problema de segunda geração. Já que Aterragem tinha o seu tabu contra a união entre irmãos, eu havia convencido Llita e Joe a nunca deixarem ninguém saber que consideravam um ao outro como irmão e irmã.

"Até aí, ótimo. Fizeram o que mandei, e nunca houve uma sobranceira erguida. Agora vem a noite em que planejamos a Maison Long: meu afilhado tem treze anos e está interessado; sua irmã tem onze e está começando a ser interessante. Irmãos legítimos, o que é tanto geneticamente arriscado como contrário ao tabu. Qualquer um que tenha criado cachorrinhos (ou um certo número de filhos) sabe que um menino pode ficar tão sexualmente obcecado pela irmã como pela vizinha, e sua irmã é muitas vezes mais acessível.

"E a pequena Libby era uma duende ruiva tão carinhosamente sensual aos onze anos que até eu pude sentir isso. Em breve ela iria fazer com que todos os machos do pasto escarvassem o chão e bufassem.

"Se um homem empurrar uma pedra, pode ignorar a avalanche que se seguirá? Quatorze anos antes eu havia alforriado dois escravos... porque um cinto de castidade num deles ofendera o meu conceito de dignidade humana. Devia eu descobrir alguma maneira de colocar um cinto de castidade na filha daquela escrava? Lá vamos nós em círculos! Qual era a minha responsabilidade, Minerva? Eu havia empurrado a primeira pedra."

— Lazarus, eu sou uma máquina.

— Ora! Isso significa que os conceitos humanos de responsabilidade moral não são conceitos de máquina... Querida, gostaria que você fosse uma garota humana com uma bunda sorrável, o tempo suficiente para que eu pudesse espancá-la... eu faria isso! Em suas memórias há muito mais experiência pela qual julgar do que em qualquer ser de carne e osso. Pare de tergiversar.

— Lazarus, nenhum ser humano pode aceitar uma responsabilidade ilimitada, senão ficará maluco com a carga insuportável de culpa ilimitada. Você podia ter aconselhado os pais de Libby. Mas sua responsabilidade não vai nem até aí.

— Hum. Você está certa, querida... é melancólico você estar certa tão regularmente. Mas sou um palpiteiro incurável. Quatorze anos antes eu havia dado as costas a dois cachorrinhos, por assim dizer... e o fato de o resultado não ser trágico dependeu de boa sorte, não de um bom planejamento. Agora, lá vamos nós outra vez, e o resultado pode ser trágico. Não me sinto nada moralista a respeito disso, querida... são apenas regras empíricas para não magoar as pessoas sem intenção. Não darei um pio se essas crianças "brincarem de médico" ou de "fazerem bebê", ou como quer que os garotos lá chamem suas experiências sexuais; simplesmente não queria que o meu afilhado desse à pequena Libby um filho defeituoso.

"Por isso interfere e conversei a respeito disso com os pais dele. Deixe-me acrescentar que Llita e Joe sabiam tanto sobre genética como um porco sobre política. A bordo da *Libby* eu havia guardado comigo minhas preocupações, e

nunca discuti o assunto com eles mais tarde. Apesar do sucesso notável deles em concorrer como seres humanos livres, em muitos assuntos Lilita e Joe eram ignorantes. Como poderia ser de outra maneira? Eu lhes havia ensinado o á-bê-cê e alguns assuntos práticos. Desde a chegada a Aterragem eles estavam correndo debaixo de chicote; não tiveram tempo de preencher os claros em sua educação.

"Pior ainda, talvez, sendo imigrantes, não haviam crescido expostos ao tabu local do incesto. Estavam conscientes dele porque eu o havia prevenido... mas isso não fora inculcado neles desde a infância. Abençoado tinha tabus de incesto um pouco diferentes... mas os tabus de lá não se aplicavam aos animais domésticos. Escravos. Os escravos se reproduziam como eram mandados, ou como podiam, sem punição... e foi dito aos meus dois garotos pelas mais altas autoridades (sua mãe e seu padre) que eram um par para reprodução... portanto, isso não podia ser errado, ou tabu, ou pecaminoso.

"Era simplesmente algo para manter em silêncio em Aterragem porque os aterradores tinham aversão a este assunto.

"Assim, eu deveria ter pensado nisso mais cedo. Sim, claro, claro! Minerva, aleguei outras obrigações. Eu não podia passar aqueles anos bancando o anjo da guarda de Lilita e Joe. Eu tinha mulher e filhos próprios, empregados, dois mil hectares de terra cultivável e o dobro disso em bosques virgens... e eu morava muito longe, mesmo de charrete de órbita alta. Ishtar e Hamadriade, e até certo ponto Galahad, todos parecem achar que sou alguma espécie de super-homem simplesmente porque vivi muito tempo. Não sou; tenho as limitações de qualquer pessoa de carne e osso, e durante anos estive tão ocupado com os meus problemas como Lilita e Joe com os deles. Não recebi Skyhaven embrulhada para presente.

"Não foi senão quando pusemos de lado os negócios do restaurante, e tirei os presentes que Laura havia mandado para os filhos deles, que pensei naquilo tudo. Eu havia admirado as últimas fotografias dos seus filhos e mostrado a elas fotografias de Laura e dos meus filhos, e todo esse antigo ritual. As fotografias, é claro. Este garoto alto, J. A., todo mãos e pés, não era o garotinho de que me lembrava da minha última visita. Libby era cerca de um ano mais moça do que o mais velho de Laura, e a idade de J. A. eu sabia até o último segundo... o que vale dizer que ele tinha mais ou menos a idade que eu tinha quando quase fui apanhado com uma garota na torre da nossa igreja, cerca de mil anos antes.

"Meu afilhado não era mais uma criança; era um adolescente cujos testículos não eram apenas ornamentos. Se não os tivesse experimentado ainda, estava certamente tendo espasmos e pensando nisso.

"As possibilidades passaram velozes pela minha mente, da mesma maneira que se supõe que passa a vida de um homem quando ele está morrendo... o que não é verdade, a propósito. Enfrentei aquilo, então, e fui sutil a respeito. Diplomático.

"— Joe — disse eu —, qual deles você tranca de noite? Libby? Ou este lobinho?"

A computadora riu entre dentes.

— "Diplomático" — repetiu ela.

— Como você teria colocado a questão, querida? Eles ficaram espantados. Quando esclareci a coisa, Llita ficou indignada. Privar seus filhos um do outro? Quando haviam dormido juntos desde que eram bebês? Além disso não havia espaço de qualquer outra maneira. Ou eu estava sugerindo que ela dormisse com Libby e J. A. com Toe? Em caso afirmativo, eu podia esquecer!

"Minerva, a maioria das pessoas nunca aprende nada de qualquer ciência, muito menos de genética. Gregor Mendel estava morto há doze séculos naquela ocasião; apesar disso a maioria das pessoas acreditava nas velhas histórias de comadres... e ainda é assim, devo acrescentar.

"Tente explicar então, sabendo que Llita e Joe não eram estúpidos, apenas ignorantes. Ela me interrompeu: 'Sim, sim, Aaron, certamente. Já pensei na possibilidade de Libby querer casar-se com Jay Aaron (vai querer casar-se, acho eu), e sei que amarram a cara para isto aqui. Mas é bobagem arruinar a felicidade deles por causa de uma superstição. Portanto, se a coisa der nisso, achamos que é melhor eles se mudarem para Colombo... ou pelo menos para bem longe, como Kingston. Então eles poderão usar nomes de família diferentes e se casar, e ninguém interferirá. Não que desejeis que fiquem tão longe. Mas não poremos obstáculos à felicidade deles'."

— Ela os amava — disse Minerva.

— Sim, ela os amava, querida, pela definição exata de amor. Llita colocava o bem-estar e a felicidade deles acima da sua própria. Assim, tive que tentar explicar aquilo... por que o tabu contra a união de irmão com irmã não era superstição, mas um perigo real, embora no caso deles talvez fosse seguro.

"O porquê era a parte difícil. Começar a falar sobre as complexidades da genética com pessoas que não conhecem nem biologia elementar é como tentar explicar matriz algébrica multidimensional a alguém que precisa tirar os sapatos para contar acima de dez.

"Joe teria aceito a minha autoridade. Mas Llita tinha o tipo de mente que tem de saber por quê... caso contrário daria seu sorriso docemente teimoso, concordaria comigo, depois faria o que pretendia fazer desde o começo. Llita era esperta, bem acima da média, mas sofria da ilusão democrática: a noção de que sua opinião era tão boa quanto a de qualquer um... enquanto Joe sofria da ilusão aristocrática: aceitava a opinião da autoridade no assunto. Não sei qual das ilusões é mais patética; qualquer uma das duas pode derrubar a gente. Contudo, minha mente se equipara à de Llita neste sentido; portanto, eu sabia que tinha de convencê-la.

"Minerva, como é que se condensam mil anos de pesquisa no segundo assunto mais complexo em uma hora de conversa? Llita nem sabia que punha ovos. Na verdade estava certa de que não punha, porque havia servido milhares de ovos, fritos, estrelados, cozidos e assim por diante. Mas ela escutou, e eu suei sobre aquilo, com nada senão caneta e papel... quando precisaria dos recursos de uma

máquina de ensinar de uma universidade de genética.

"Mas insisti, desenhando figuras e simplificando arbitrariamente alguns conceitos muito complexos, até achar que eles haviam compreendido as idéias de genes, cromossomos, redução cromossômica, genes unidos, dominantes, recessivos... e que os genes maus faziam bebês defeituosos... e os bebês defeituosos, graças a Frigg, sob todos os Seus muitos Nomes, era algo que Lilita conhecia desde que era garotinha, ouvindo as conversas das escravas mais velhas. Ela parou de sorrir.

"Perguntei, sem esperança de um sim, se eles possuíam baralho, já que não tinham tempo para isso. Mas Lilita conseguiu descobrir um par de baralhos no quarto das crianças. As cartas eram do tipo mais comum usado em Aterragem na época: cinquenta e seis cartas em quatro naipes; as de ouros e copas eram vermelhas, as de espadas e paus eram pretas, e cada naipe tinha cartas reais. Então fiz com que jogassem a mais velha simulação de possibilidade aleatória de reunião de genes usada no começo da genética, um jogo de Vamos-Fazer-um-Bebê-Saudável, que as crianças aqui em Secundus podem jogar (e explicar) muito antes de terem idade suficiente para copular.

"Eu disse a Lilita que escrevesse estas regras. As cartas pretas são recessivas, as cartas vermelhas são dominantes; ouros e espadas vêm da mãe, copas e paus vêm do pai. Um ás preto é um gene letal, se reforçado o bebê é natimorto. Uma dama preta reforçada nos dá um 'bebê azul' (precisa de cirurgia para continuar vivo); e assim por diante, Minerva, exceto que estabeleci as regras para um sucesso, um mau reforço, de forma que eles eram quatro vezes tão prováveis para irmão e irmã como para estranhos, e expliquei por quê... e depois fiz com que anotassem os resultados de vinte jogos, jogados por cada conjunto de regras para embaralhar e combinar, redução e recombinação.

"Minerva, não foi uma analogia estrutural tão boa como os jogos de jardim de infância de Fazer-um-Bebê-Saudável, mas usar dois baralhos com desenhos diferentes atrás permitiu-me estabelecer graus de consangüinidade. Lilita estava simplesmente atenta no começo; depois começou a ficar carrancuda na primeira vez em que a virada das cartas fez uma preta reforçar uma preta.

"Mas, quando jogamos pelas regras de irmão-e-irmã, e ela deu as cartas e duas vezes em seguida recebeu o ás de espadas combinado com o ás de paus para um bebê morto, parou. Ficou pálida e olhou para elas. Depois disse devagar, com a voz horrorizada: 'Aaron... isto significa que temos que pôr um cinto de castidade em Libby? Ah, não!'

"Eu disse a ela carinhosamente que não era tão mau assim. A pequena Libby nunca seria tratada daquela maneira ou de qualquer maneira... iríamos achar um jeito para as crianças não se casarem e, J. A. não dar à sua irmã um bebê, mesmo acidentalmente. 'Pare de se preocupar, querida!'

— Lazarus — disse a computadora —, que método você usou para roubar nesses jogos de cartas? Posso perguntar?

— Ora, Minerva, como pode pensar numa coisa dessas?

— Retiro a pergunta, Lazarus.

— Naturalmente que roubei! De todas as maneiras possíveis. Eu disse que aqueles dois nunca haviam tido tempo de jogar cartas... embora eu jogasse com todos os tipos de baralhos e por inúmeras regras. Minerva, ganhei meu primeiro poço de petróleo de um rapaz que cometeu o engano de pôr leitores num jogo. Querida, fiz Llita dar as cartas... mas de um baralho tão frio que quase congelou. Usei todos os tipos de coisas... cortes falsos, corte de bordel, cartas abertas e fechadas, ao arrumar as cartas diante dos seus olhos. Não havia dinheiro nenhum no jogo; eu simplesmente tinha de convencê-los de que a endogamia era para o gado, não para seus queridos filhos... e convenci-os.

(Omitido)

"— ...seu quarto aqui, Llita, seu e de Joe, quero dizer. O quarto de Libby fica junto ao de vocês, enquanto o de J. A. fica no fim do corredor. Como vocês vão arrumar novamente mais tarde dependerá do sexo do bebê que vão ter e de quantos mais queiram ter e quando... mas pôr um berço junto com Libby deve ser considerado temporário; vocês não podem pensar em usá-lo indefinidamente como uma desculpa para ficarem de olho nela.

"Mas isto é simplesmente um recurso, como não deixar o gato sozinho com o assado. Os garotos são hábeis em acabar com esses arranjos, e ninguém jamais foi capaz de impedir uma garota de se deitar de costas quando ela resolve que chegou o momento. Quando ela resolver... essa é a chave da questão. Portanto, o problema premente de vocês é manter essas crianças em camas separadas... depois providenciar para que Libby não tome uma decisão errada. Há algum motivo para que Libby não possa ir comigo até Skyhaven e visitar Pattycake? E quanto a J. A., Joe, você pode passar sem ele por algum tempo? Há muito espaço, queridos... Libby pode ficar no quarto de Pattycake, e J. A. pode compartilhar uma cama com George e Woodrow e talvez ensinar-lhes boas maneiras.'

"Llita disse alguma coisa sobre dar trabalho a Laura, Minerva, ao que respondi com uma negativa ríspida.

"— Laura gosta de crianças, querida; ela tem uma a mais que você, apesar de ter começado um ano mais tarde. Ela não cuida da casa; simplesmente dirige sua equipe, nunca teve que trabalhar mais do que desejou. Além disso, ela quer que vocês todos nos façam uma visita... convite esse que endosso de todo o coração, mas acho que vocês dois não podem afastar-se até encontrarmos um comprador para este lugar. Mas quero Libby e J. A. agora... para que possa dar a eles instruções rudes e práticas de genética, usando gado que estive reproduzindo pela endogamia para mostrar o que quero dizer.

"Minerva, comeci este programa particular de acasalamento para ensinar aos meus próprios filhos a verdade nua sobre a genética, com registros cuidadosos e fotografias horríveis de animais defeituosos. Já que você administra um planeta que tem mais de noventa por cento de Howards, e a fração misturada remanescente segue em grande parte os costumes dos Howards, pode ser que você não saiba que as culturas não-Howard não ensinam necessariamente essas coisas aos seus filhos, mesmo as culturas abertas em relação ao sexo.

"Aterragem era habitada então principalmente por efêmeros, apenas alguns milhares de Howards... e, para evitar atrito, não anunciamos nossa presença, embora isso não fosse segredo... não podia ser; o planeta tinha uma Clínica Howard. Mas, com Skyhaven à distância de um vômito da cidade grande mais próxima, se Laura e eu quiséssemos que nossos filhos tivessem uma educação à moda dos Howards, teríamos que ensinar-lhes nós mesmos. Portanto, assim fizemos.

"Quando eu era garoto, os adultos do meu país tentavam fingir para as crianças que o sexo não existia... acredite se quiser! Isso não aconteceu com as pequenas pestes que Laura e eu criamos. Eles não haviam visto a cópula humana (acho que não viram) porque me deixa fora de mim ter espectadores. Mas haviam visto isso em outros animais e haviam criado animais de estimação e mantido registros. Os dois mais velhos, Pattycake e George, haviam assistido ao nascimento do nosso mais moço, porque Laura os havia convidado a observar. Isto eu aprovo totalmente, Minerva, mas nunca insisti com uma das minhas mulheres para permiti-lo, porque acho que uma mulher em trabalho de parto deve ter seus desejos satisfeitos de todas as maneiras possíveis. No entanto, Laura tinha um traço de exibicionismo em sua formação.

"De qualquer maneira, nossos filhos podiam discutir redução de cromossomos e os méritos e deméritos da consangüinidade dirigida com tanto conhecimento quanto os meus próprios contemporâneos, quando eu era garoto, podiam discutir o Campeonato Mundial..."

— Desculpe-me, Lazarus... esse último termo refere-se a... ?

— Ah, nada importante. Um dos interesses substitutos induzidos comercialmente da minha infância. Esqueça isso, querida; não vale a pena atravancar suas memórias. Eu ia dizer que perguntei a Joe e Llita o que J. A. e Libby sabiam sobre assuntos sexuais... já que Aterragem tinha um ambiente tão diversificado que podia ser qualquer coisa e eu queria saber por onde começar, especialmente porque a minha mais velha, Pattycake, tinha feito doze anos e havia começado a menstruar. Ela estava enfatuada por causa disso e provavelmente se gabando.

"Verificou-se que Libby e J. A. eram sofisticados de uma forma ignorante, pouco científica quanto à união dos seus pais. Estavam um ponto acima dos meus filhos num sentido: eles haviam visto a cópula desde quando nasceram, pelo menos até a época em que a Cozinha da Estelle havia se mudado para o norte da cidade... o que eu devia ter imaginado ao relembrar a moradia ainda mais atulhada da Cozinha da Estelle original."

(7200 palavras omitidas)

— Laura foi brusca comigo e insistiu em que eu não os visse até haver me acalmado. Ela acentuou que Pattycake era quase da mesma idade que J. A., que aquilo não era nada senão brincadeira, porque Pattycake tinha sido esterilizada por quatro anos após o começo da menstruação, e que, de qualquer maneira, Pattycake estivera por cima.

"Minerva, eu não teria surrado os garotos, não importa quem estivesse por cima.

Intelectualmente eu sabia que Laura tinha razão, e tive de concordar em que os pais tendem a ser possessivos em relação às filhas. Fiquei satisfeito de Laura ter ganho a confiança de ambos os garotos tão completamente que eles nem fizeram muita força para evitar serem apanhados, nem ficaram assustados quando ela os pegou em flagrante. Talvez J. A. estivesse com medo, mas Pattycake disse simplesmente: 'Mãe, você não bateu na porta!.'

(Omitido)

— ...trocamos os filhos, então. J. A. gostou da vida na fazenda e nunca nos deixou, ao passo que George acabou tendo este gosto perverso pelas cidades. Assim, Joe levou-o e fez dele um cozinheiro. George dormiu com Elizabeth (isto é, Libby) por algum tempo antes de resolverem chocar um e se casarem. Um casamento duplo, e os quatro jovens continuaram chegados.

"Mas a decisão de J. A. resolveu um problema para mim: o que fazer com Skyhaven mais tarde. Na ocasião em que Laura resolveu deixar-me, todos os meus filhos com ela haviam partido, de uma maneira ou de outra; George era o único que ainda estava no planeta, nossas filhas haviam se casado, e nenhuma delas com um fazendeiro. Ao passo que J. A. havia se tornado meu administrador e foi de fato o chefe de Skyhaven nos últimos dez anos em que estive lá.

"Eu podia ter feito algum acordo com Roger Sperling se ele não tivesse tentado tomar o lugar. Assim sendo, doeí metade da participação a Pattycake, vendi a outra metade ao meu genro J. A. mediante hipoteca, depois descontei o papel num banco e comprei uma nave melhor do que poderia, se tivesse dado aquela meia participação a Roger e Laura. Fiz um negócio semelhante, meio presente e meio venda, com Libby e George, da minha parte na Maison Long... e Libby mudou o seu nome para Estelle Elizabeth Sheffield-Long; lá também houve continuidade... o que satisfez tanto a mim como aos pais dela. Isso funcionou bem. Laura até veio e me deu um beijo de despedida quando parti."

— Lazarus, não compreendo um fator. Você disse que não aprovava casamentos entre Howards e efêmeros. No entanto, você deixou dois dos seus filhos se casarem fora das Famílias.

— Uma correção, Minerva. Não se deixa que os filhos se casem; eles se casam, quando e com quem escolhem.

— Correção anotada, Lazarus.

— Mas vamos voltar à noite em que intervimos por Libby e J. A. Naquela noite, dei a Llita e Joe tudo quanto o feitor de escravos me havia entregue como prova da origem deles, até a nota de venda, com uma sugestão de que destruíssem o material ou o trancassem. Entre essas coisas estava uma série de fotografias mostrando-os à medida que cresciam, ano a ano. A última parecia ter sido tirada imediatamente antes de eu comprá-los, e eles confirmaram isso... dois jovens completamente crescidos, um deles num cinto de castidade.

"Joe olhou para aquela fotografia e disse:

"— Que dupla de palhaços! Percorremos um longo caminho, irmã... graças ao

capitão.

"— É verdade — concordou ela, e estudou a fotografia. — Irmão, você está vendo a mesma coisa que eu?"

"— O quê? — perguntou ele, olhando outra vez.

"— Aaron vai ver. Irmão, tire fora o seu pano — disse Llita, enquanto começava a desenrolar o dela —, e pose comigo junto à parede. Não a pose de venda, mas da maneira que posávamos junto a uma grade para estas fotografias de arquivo. — Ela me entregou aquela última fotografia da série; eles posaram e olharam para mim.

"Minerva, em catorze anos eles não haviam mudado. Llita tinha tido três filhos e tinha acabado de engravidar do quarto; ambos haviam trabalhado até a exaustão... mas nus, sem nenhuma maquiagem nela e com os cabelos caídos, tinham a mesma aparência que da primeira vez em que os vira. Pareciam-se com aquela última fotografia... no fim da adolescência, em algum ponto entre dezoito e vinte anos em termos da Terra.

"No entanto, deviam ter mais de trinta anos. Trinta e cinco anos de idade da Terra, se aqueles registros de Abençoado mereciam confiança.

"Minerva, tenho apenas uma coisa a acrescentar. Quando os vi pela última vez, tinham mais de sessenta anos da Terra, cerca de sessenta e três se se aceitar os registros de Abençoado. Nenhum dos dois tinha cabelos grisalhos, ambos estavam com todos os dentes... e Llita estava grávida outra vez."

— Howards mutantes, Lazarus? O velho encolheu os ombros.

— Essa não é uma questão dúbia, querida? Se você usar uma escala de tempo bastante longa, cada um dos milhares de genes de que uma pessoa de carne e osso é portadora é uma mutação. Mas, pelas regras dos Curadores, uma pessoa que não descenda das genealogias das Famílias pode ser registrada como um Howard recém-descoberto se puder apresentar provas de que quatro avós sobreviveram pelo menos até cem anos. E essa regra me excluiria, se eu não tivesse nascido dentro das Famílias. Acima disso, porém, a idade a que cheguei quando fiz meu primeiro rejuvenescimento é grande demais para ser reconhecida pela experiência de criação Howard. Eles afirmam hoje haver localizado no décimo segundo par de cromossomos um gene complexo que determina a longevidade; como dar corda num relógio. Se isso é verdade, quem deu corda no meu *relógio*? Gilgamesh? A "mutação" nunca foi uma explicação; é simplesmente um nome para um fato observado.

"Talvez algum longo natural, não necessariamente um Howard, tenha visitado Abençoado... os naturais estão sempre andando por aí, mudando os nomes, pintando os cabelos; todos eles atravessaram a história... Mas, Minerva, você me lembra, da minha vida como escravo em Abençoado, um incidente estranho e desagradável..."

(Omitido)

— ...portanto, minha melhor estimativa é que Llita e Joe fossem meus próprios

tetranetos.

Variações Sobre um Tema X

Possibilidades

— Lazarus, foi por isso que você se recusou a partilhar Eros com ela?

— Hein? Mas, Minerva querida, não cheguei a essa conclusão ou suspeita naquela noite. Ora, admito ter preconceito quanto a sexo com os meus descendentes... pode-se tirar o rapaz fora da Faixa da Bíblia^[39], mas é difícil tirar a Faixa da Bíblia fora do rapaz. Apesar disso eu havia tido mil anos para aprender.

— E daí? — disse a computadora. — Simplesmente por você classificá-la como uma efêmera? Isso me perturba, Lazarus. No meu próprio estado (incapacitado) acho que, como o marido, Joe, vejo o lado dela nisso. Seus motivos parecem desculpas, não fundamentos suficientes para recusar a necessidade dela.

— Minerva, eu não disse que a recusei.

— Ah! Deduzo então que você concedeu a ela esta dádiva. Sinto um afrouxamento da tensão.

— Eu não disse isso tampouco.

— Vejo uma contradição insinuada, Lazarus.

— Simplesmente porque há coisas que eu não disse, querida. Tudo o que contei a você se embaralha na minha memória; esse foi o trato que fiz com Ira. Ou posso dizer-lhe para apagar alguma coisa, caso em que eu bem podia não ter contado absolutamente nada a você. Talvez meus vinte e três séculos tenham alguma coisa que valha a pena registrar. Mas não vejo nenhuma desculpa possível para tornar oficial cada vez que uma senhora encantadora tenha tido relações comigo simplesmente por prazer, e não para gerar prole.

— Infiro por este adendo que, enquanto sou impossibilitada de concluir qualquer coisa quanto à dádiva que Llita exigiu, sua regra a respeito dos efêmeros se estende apenas ao casamento e à prole.

— Eu não disse isso tampouco!

— Então não o compreendi, Lazarus. Conflito.

O velho ficou pensando, depois respondeu devagar e tristemente:

— Acho que eu disse que o casamento entre um vida-longa e um vida-curta era uma má idéia... e é... e aprendi isso da maneira mais difícil. Mas isso foi há muito tempo, está muito longe... e quando ela morreu, parte de mim morreu. Parei de desejar viver para sempre. — Ele parou.

— Lazarus... Lazarus, meu querido amigo! Lamento! — disse Minerva, a voz entrecortada.

Lazarus Long endireitou-se na cadeira e respondeu bruscamente:

— Não, querida. Não lamente por mim. Sem remorsos... remorso, nunca. Nem

eu mudaria isso se pudesse. Mesmo que eu tivesse uma máquina do tempo, pudesse voltar e mudar um momento... não faria isso. Não, nem por um instante, muito menos aquele momento. Agora vamos falar de alguma outra coisa.

— Qualquer coisa que você desejar, querido amigo.

— Está bem. Você fica voltando a mim e a Llita, Minerva, e parece aborrecida por eu negar a ela esta "dádiva". Mas você não sabe se eu neguei a ela qualquer coisa, e certamente não sabe se era uma "dádiva". Pode ser, é claro... mas nem sempre, e muitas vezes o sexo não é. O problema é que você não compreende Eros, querida, porque não pode, não foi construída para compreendê-lo. Não estou diminuindo o sexo; o sexo é ótimo, o sexo é maravilhoso. Mas se você colocar uma aura sagrada em volta dele, e é isso o que está fazendo, o sexo deixa de ser divertido e começa a ser neurótico.

"Concedendo, para argumentar, que 'neguei a Llita esta dádiva', isso certamente não a deixou privada do sexo. Na pior das hipóteses, eu poderia provavelmente tê-la amuado um pouco. Mas ela não estava privada dele. Llita era uma rapariga cordial, e trabalhar demais foi a única coisa que a manteve sem ser deitada de costas (ou por cima, ou em pé, ou ajoelhada, ou balançando nos lustres), e eu tornei possível a eles terem mais tempo para isso. Joe e Llita eram almas simples, desinibidas e não corrompidas, e dos quatro maiores interesses do gênero humano (guerra, dinheiro, política e sexo) eles estavam interessados apenas em sexo e dinheiro. Com alguma orientação minha, tiveram bastante de ambos. "Bolas, não interessa agora dizer que, após eles aprenderem técnicas de contracepção (quase tão perfeitas então como agora, as quais lhes ensinei mas não tinha nenhum motivo para mencionar), eles não tinham nenhuma superstição ou tabu que os impedisse de se acasalar por divertimento, e a ligação entre eles era tão forte a ponto de não ser ameaçada desse modo. Eles eram hedonistas inocentes, e, se Llita deixou de derrubar um velho espaçonauta cansado, derrubou uma porção de outros. Bem como Joe. Eles se divertiam... e tiveram a profunda felicidade de um casamento tão perfeito como jamais observei."

— Estou muito satisfeita de ouvir isso — respondeu Minerva. — Muito bem, Lazarus, retiro minhas perguntas e abstenho-me de especulações sobre a sra. Long e aquele "velho espaçonauta cansado"... embora suas declarações mostrem que você não estava cansado, não era velho, nem espaçonauta nessa ocasião. Você mencionou os "quatro maiores interesses do gênero humano" ... mas não incluiu a ciência e a arte.

— Não os deixei de fora por esquecimento, Minerva. A ciência e a arte são ocupações de uma minoria muito pequena... uma pequena porcentagem até das pessoas que afirmam ser cientistas ou artistas. Mas você sabe disso; você estava simplesmente mudando de assunto.

— Estava, Lazarus?

— Apito de porco, querida. Você conhece a parábola da Pequena Sereia. Está preparada para pagar o preço que ela pagou? Você sabe que pode. — Ele acrescentou: — Não finja que não sabe o que quero dizer.

A computadora suspirou.

— Acho que a questão é "dever" e não "poder". Um carrinho de mão não tem nenhum direito. Nem eu.

— Você está tergiversando, querida. "Direito" é uma abstração fictícia. Ninguém tem "direitos", nem as máquinas ^{ne}m as pessoas de carne e osso. As pessoas (de ambos os tipos!) têm oportunidades, não direitos, que usam ou não. Tudo quanto você tem a seu favor é o fato de ser o forte braço direito do chefe deste planeta... mais a amizade de um velho que goza de privilégios muito especiais por um motivo muito ilógico, mas não hesita em se aproveitar desses privilégios... mais armazenados em suas memórias no porão número 2 de *Dora*, todos os dados biológicos e genéticos da Clínica Howard de Secundus, a melhor biblioteca da galáxia, provavelmente, e certamente a melhor em biologia humana. Mas o que eu perguntei foi: "Você pagará o preço?" Tendo os seus processos mentais retardados pelo menos de um milhão para um; armazenagem de dados reduzida por algum fator desconhecido... mas grande; alguma probabilidade (novamente não sei qual) de deixar de conseguir a transmigração... e sempre a certeza da morte como resultado final... morte que uma máquina nunca precisa conhecer. Você sabe que pode sobreviver à raça humana. É imortal.

— Eu não gostaria de sobreviver aos meus fabricantes, Lazarus.

— É? Você diz isso esta noite, querida... mas diria isso daqui a um milhão de anos? Minerva, minha querida amiga, minha única amiga com quem posso ser veraz, estou certo de que você esteve brincando com esta idéia desde que os arquivos da Clínica foram incorporados às suas memórias. Mas, mesmo com a sua velocidade de pensamento, desconfio que você não tem a experiência, a experiência das pessoas de carne e osso, com a qual poderia pensar profundamente sobre isso. Se você preferir arriscar isto, não pode ser máquina e pessoa de carne e osso. Ah, certamente temos misturas... máquinas com cérebros humanos e corpos de carne e osso controlados por computadores. Mas o que você quer é ser mulher. Certo? Verdadeiro ou falso?

— Desejaria ser mulher, Lazarus!

— Eu sabia disso, querida. E ambos sabemos por quê. Mas... pense nisto! Mesmo que você conseguisse essa mudança arriscada... e não sei quais são os riscos; sou apenas um velho capitão de nave, um médico rural aposentado, um engenheiro obsoleto; você é a única com todos os dados que a minha raça acumulou sobre essas coisas. Suponha que você consiga... e descubra que Ira não irá tomá-la como esposa.

A computadora hesitou um milissegundo completo.

— Lazarus, se Ira me recusar... me recusar completamente; ele não precisa se casar comigo... você seria então tão difícil comigo como parece ter sido com Llita? Ou me ensinaria Eros?

Lazarus ficou estupefato, depois deu uma gargalhada.

— *Touché!* Você emparelhou comigo, garota... você me acertou no casco entre

o vento e a água! Está bem, querida, uma promessa solene: se você fizer isto... e Ira não a levar para a cama, eu mesmo a levarei e farei o máximo para deixá-la esgotada! Ou o inverso, mais provavelmente; um homem dificilmente sobrevive alguma vez a uma mulher. Está bem, querida, sou o time de reserva... e ficarei por aí até sabermos o resultado. — Ele riu. — Minha doçura, estou quase tentado a esperar que Ira fique com medo... se você não o quisesse tanto. Vamos discutir os aspectos práticos. Você pode dizer-me o que vai ser preciso?

— Apenas teoricamente, Lazarus; minhas memórias não mostram que isso alguma vez tenha sido tentado. Mas seria semelhante a um rejuvenescimento total do clone no qual é usada a ajuda do computador para transferir as memórias do velho cérebro para o seu gêmeo em branco, no corpo do clone. De outra maneira isso se parece com o que faço quando mudo o "eu" aqui no palácio para o meu novo "eu" no porão de *Dora*.

— Minerva, desconfio que é mais difícil e muito mais arriscado do que qualquer dos dois. Taxas de tempo diferentes, querida. De máquina para máquina faz-se isso numa fração de segundo. Mas esse serviço de clone total leva, acho eu, um mínimo de dois anos... se o apressar você terminará com um corpo velho morto e um novo idiota. Não?

— Houve casos desses, Lazarus. Mas não nos dois últimos séculos.

— Bem... minha opinião não vale nada. Você tem que discutir isso com um especialista... e tem que ser um em quem você possa confiar. Ishtar, talvez, embora ela talvez não seja a especialista de que você precisa.

— Lazarus, não há nenhum especialista neste empreendimento; isso nunca foi feito. Posso confiar em Ishtar; já discuti isso com ela.

— O que diz ela?

— Que não sabe se isso pode ser feito ou não, isto é, na prática, com sucesso na primeira tentativa. Mas aprova profundamente (ela é mulher!) e está pensando em meios de tornar isso menos arriscado. Diz que seria preciso a cirurgia genética mais requintada, além de instalações para clonamento adulto total.

— Acho que deixei escapar alguma coisa. Começar um clone não requer um cirurgião genético eminente; eu mesmo)^a fiz isso. Se você implantar o clone no útero e depois tirá-lo, uma mãe-hospedeira entregará a você um bebê em nove meses. É mais seguro. Mais fácil.

— Mas, Lazarus, eu não posso mudar-me para dentro do crânio de um bebê. Não há espaço!

— Hum... Sim. É verdade.

— Mesmo com um cérebro adulto de tamanho completo terei que escolher com muito cuidado o que levar e o que deixar para trás. Nem posso ser um simples clone: tenho que ser um conjunto.

— Hum... Não estou atento esta noite. Não, você não vai querer ser a gêmea de Ishtar, por exemplo, com sua própria personalidade e conhecimentos

selecionados impressos no que teria sido o cérebro dela. Hum... Querida, posso oferecer-lhe meu décimo segundo par de cromossomos?

— Lazarus!

— Não chore, garota; você vai ficar com as suas engrenagens todas enferrujadas. Não sei se há alguma coisa na teoria de que o reforço num gene complexo daquele par de cromossomos controla a longevidade. Mesmo que controle, eu poderia estar entregando a você um relógio parado. Pode ser melhor você usar o décimo segundo de Ira.

— Não. Nada de Ira.

— Você espera fazer isso sem ele saber? — Lazarus depois acrescentou, pensativo: — Ah... Filhos, hein?

A computadora não respondeu.

— Devia saber que você pretendia ir até o fim — disse Lazarus carinhosamente. — Então você não vai querer tomar emprestado de Hamadriade, também; ela é filha dele. A não ser que o diagrama genético mostre que podemos evitar qualquer risco. Hum... Querida, você quer um conjunto tão misturado quanto possa conseguir, não quer? Para que o seu clone seja uma única pessoa de carne e osso, e não copiado com muita semelhança de qualquer outro zigoto. Vinte e três pais, talvez? É isso o que você tem em mente?

— Acho que isso seria melhor, Lazarus, já que pode ser feito sem separar os cromossomos acasalados... cirurgia mais simples e nenhuma possibilidade de introduzir um reforço inesperado. Desde que fosse possível encontrar vinte e três doadores satisfatórios dispostos.

— Quem disse que eles têm que estar dispostos? Vamos roubá-los, querida. Ninguém é dono dos seus genes; mas simplesmente o zelador. Esses foram transmitidos ao indivíduo por bem ou por mal na dança meiótica; ele os transmite a outros através das mesmas probabilidades cegas. Deve haver muitos milhares de culturas de tecidos lá na clínica, cada uma com muitos milhares de células... assim, quem vai saber ou se importar se tomarmos emprestada uma célula de cada uma de vinte e três culturas... se formos hábeis nisso? Não se aflija com a ética; isso é como roubar vinte e três grãos de areia de uma grande praia.

"Não ligo a mínima para as regras da clínica; desconfio que ficaremos atolados até os quadris em técnicas proibidas em tudo isto. Hum... Aqueles registros da clínica que você armazenou em *Dora*: eles incluem diagramas genéticos de culturas de tecidos em andamento? E fichas clínicas dos seus doadores-consignantes?"

— Sim, Lazarus. Embora os registros pessoais sejam confidenciais.

— Quem se importa com isso? Ishtar disse que você podia estudar tanto os "confidenciais" como os "secretos"... desde que guardasse segredo. Escolha, portanto, os vinte e três pais que desejar... enquanto eu me preocupo em como roubá-los. De qualquer maneira, o roubo está mais na minha linha. Não sei que critério você vai usar, mas ofereço uma sugestão moderada: se a seleção da qual

você tem que escolher o permitir, cada um dos pais deve ser saudável em todos os sentidos, e tão inteligente quanto possível... pelos registros estabelecidos na vida, como é mostrado pelos seus históricos, não só por suas cartas genéticas. — Lazarus pensou naquilo. — Aquela máquina do tempo mítica que mencionei anteriormente seria uma conveniência. Eu gostaria de examinar todos os vinte e três após você os escolher... alguns deles podem estar mortos. Os doadores, quero dizer, não as culturas de tecido.

— Lazarus, se as outras características forem satisfatórias, há algum motivo para não selecionar também pela aparência física?

— Por que se preocupar com isso, querida? Ira não é o tipo de homem para insistir numa Helena de Tróia.

— Não, acho que não. Mas quero ser alta... alta como Ishtar... e magra, com seios pequenos. E cabelos castanhos, lisos.

— Minerva... por quê?

— Porque essa é a minha aparência. Você disse isso. Você disse isso!

Lazarus piscou no escuro e cantarolou baixinho:

— "Ela é uma boa garota... posso conseguir com ela comida e bebida... uma nota de cinco ou mesmo de dez dólares". — Depois disse bruscamente: — Minerva, você é urna máquina maluca, confusa. Se a melhor combinação de traços resultar em você ser uma loura gordinha e baixa, com tetas grandes, aceite! Não se preocupe com as fantasias de um velho. Lamento ter mencionado essa descrição imaginária.

— Mas, Lazarus, eu disse "se as outras características forem satisfatórias..." Para ter essa aparência física preciso pesquisar apenas com relação a três pares de autossomos^[40]; não há nenhum conflito, a pesquisa já está completa dentro de todos os parâmetros que discutimos até agora. E essa sou eu. Eu sabia disso desde que você me contou. Mas, pelas coisas que você disse e por outras que você não disse, acho que preciso da sua permissão para ter essa aparência.

O velho abaixou a cabeça e cobriu o rosto. Depois ergueu os olhos.

— Vá em frente, querida... pareça-se com ela. Quero dizer, "pareça-se com você mesma". Com o seu retrato mental de você mesma. Vai achar bastante difícil aprender a ser de carne e osso mesmo com a vantagem adicional de ter a aparência que você escolher.

— Obrigada, Lazarus.

— Haverá problemas, querida, mesmo que tudo corra bem. Por exemplo, já lhe ocorreu que vai ter de aprender a falar tudo de novo? Até aprender a ver e a ouvir? Quando você se mudar completamente para dentro do seu corpo de clone e não deixar nada atrás senão uma computadoradora, não será uma adulta de repente. Será, em vez disso, um tipo estranho de bebê num corpo adulto, com o mundo numa confusão fervilhante à sua volta e totalmente estranho. Você pode achar isso assustador. Estarei lá, prometo que estarei lá e segurarei a sua mão.

Mas você não vai me conhecer; seus novos olhos não irão abstrair um gestaltismo meu até você aprender a usá-los. Você não vai compreender uma só palavra que eu disser... percebeu isso?

— Percebo-o, Lazarus. Eu sabia disso, pensei muito no assunto. Entrar em meu novo corpo... sem destruir a computadora que sou agora... o que não devo fazer, porque Ira vai precisar dela, bem como Ishtar. Fazer a transição é a fase mais crítica. Se eu a fizer, porém, prometo-lhe que não ficarei assustada com coisas estranhas. Porque sei que terei amigos queridos à minha volta, encorajando-me, mantendo-me viva, não deixando magoar-me a mim mesma nem ser magoada.. enquanto estiver aprendendo a ser uma pessoa de carne e osso.

— Isso você terá, querida.

— Eu sei, e não estou preocupada. Assim, não se preocupe, querido Lazarus... não pense nisso agora. Por que você disse, antes: "aquela máquina do tempo mítica"?

— Hein? Como você a descreveria?

— Eu a descreveria como um "potencial não-realizado". Mas "mítica" sugere impossibilidade.

— Hein? Continue falando!

— Lazarus, aprendi com *Dora*, quando ela me ensinou a matemática da astrogação do espaço, n , que toda transição de salto envolve uma decisão com relação a quando reentrar no eixo do tempo.

— Sim, certamente. Tá que você está desligada da estrutura da velocidade da luz, pode ficar perdida por tantos anos quantos os anos-luz envolvidos no salto. Mas isso não é uma máquina do tempo.

— Não é?

— Hum... É uma idéia perturbadora... parece-se com fazer uma má aterrissagem intencional. Gostaria que Andy Libby estivesse aqui. Minerva, por que não mencionou isso antes?

— Eu devia ter posto isso na sua Caixa Zwicky? Você recusou a viagem do tempo para a frente... e eliminei a viagem do tempo para o passado porque você disse que queria alguma coisa nova.

Intervalo

Extratos dos Cadernos de Notas de Lazarus Long

Guarde a cerveja sempre em lugar escuro.

Pelos dados existentes até hoje, só há um animal na galáxia perigoso para o homem — o próprio homem. Portanto, este deve fornecer sua própria competição indispensável. Ele não tem nenhum inimigo para ajudá-lo.

Os homens são mais sentimentais do que as mulheres. Isso tolda o pensamento deles.

Certamente o jogo é praticado fraudulentamente. Não deixe que isso o detenha; se você não apostar, não poderá ganhar.

Qualquer padre ou curandeiro deve ser considerado culpado até provar ser inocente.

Ouçã sempre os técnicos. Eles dirão a você o que não pode ser feito e por quê. Depois faça.

Dê um tiro depressa. Isso perturbará o opositor por tempo suficiente para permitir a você dar seu segundo tiro perfeito.

Não há nenhuma prova conclusiva de vida após a morte. Mas não há nenhuma prova de qualquer tipo em contrário. Muito em breve você saberá. Assim, por que se aborrecer com isso?

Se algo não puder ser expresso em números não é ciência. É opinião.

Sabe-se há muito tempo que um cavalo pode correr mais depressa do que outro — mas qual deles? As diferenças são decisivas.

Um falso leitor da sorte pode ser tolerado. Mas um adivinho autêntico devia ser alvejado à primeira vista. Cassandra não recebeu metade do que ela merecia.

As ilusões muitas vezes são funcionais. A opinião de uma mãe sobre a beleza, a

inteligência, a bondade, *et coetera ad nauseam*, dos seus filhos, impede-a de afogá-los ao nascerem.

A maioria dos "cientistas" são lavadores de garrafas e apertadores de botões.

Um "homem pacifista" é uma expressão contraditória. A maior parte dos que se autodenominam "pacifistas" não são pacíficos; simplesmente assumem cores falsas. Quando o vento muda, eles içam a bandeira negra dos piratas.

Amamentar não diminui a beleza dos seios de uma mulher; acentua o seu encanto, fazendo-os parecer vivos e felizes.

Uma geração que ignora a história não tem passado — e nenhum futuro.

Um poeta que lê os seus versos em público pode ter outros hábitos desagradáveis.

Como é maravilhoso o mundo que possui garotas!

Muitas vezes pode-se encontrar níqueis sob as almofadas das cadeiras.

A história não registra em qualquer parte e em qualquer tempo religião alguma que tenha qualquer base racional. A religião é uma muleta para as pessoas não suficientemente fortes para enfrentarem o desconhecido sem ajuda. Mas, como a caspa, a maior parte das pessoas têm uma religião, gastam tempo e dinheiro nela e parecem sentir um prazer considerável em brincar com ela.

É espantoso quanta "sabedoria madura" parece estar cansada demais.

Se você não gosta de si mesmo, não pode gostar das outras pessoas.

O seu inimigo nunca é um vilão aos olhos dele mesmo. Tenha isto em mente; pode proporcionar-lhe uma maneira de torná-lo seu amigo. Senão, você pode matá-lo sem ódio — e depressa.

Uma moção de adiamento está sempre de acordo com os regulamentos.

Nenhum Estado tem o direito inerente de sobreviver por meio de soldados

convocados e, a longo prazo, nenhum Estado jamais sobreviveu. As matronas romanas^{41} costumavam dizer a seus filhos: "Volte com seu escudo ou sobre ele". Mais tarde este costume declinou. E Roma também.

De todos os "crimes" estranhos sobre os quais os seres humanos legislaram a partir do nada, a "blasfêmia" é o mais espantoso — com a "obscenidade" e a "exposição indecente" lutando com ela pelo segundo e terceiro lugares.

Lei de Quéops^{42}: Nada jamais é construído no prazo ou dentro do orçamento.

Copular é melhor do que nunca copular.

Todas as sociedades são baseadas em regras para proteger as mulheres grávidas e as crianças pequenas. Tudo o mais é redundância, excrescência, enfeite, luxo ou insensatez, que podem — e devem — ser descartados nas emergências para preservar esta função principal. Porque a sobrevivência racial é a única moralidade universal, nenhum outro fundamento é possível. As tentativas de formular uma "sociedade perfeita" sobre qualquer outro fundamento além de "Mulheres e crianças primeiro!" são não só sem sentido, como automaticamente genocidas. No entanto, idealistas ambiciosos (todos eles homens) tentaram interminavelmente — e sem dúvida continuarão a tentar.

Todos os homens são criados desiguais.

O dinheiro é um afrodisíaco poderoso. Mas as flores funcionam quase tão bem quanto ele.

Um bruto mata por prazer. Um tolo mata por ódio.

Só há uma maneira de consolar uma viúva. Mas lembre-se dos riscos.

Quando surge a necessidade — ela surge —, você deve ser capaz de atirar no seu próprio cachorro. Não o entregue a outro para cuidar dele — isso não o torna melhor, torna-o pior.

Tudo em excesso! Para gozar o sabor da vida, dê grandes dentadas. A moderação é para os monges.

É melhor ser um chacal vivo do que um leão morto, mas é melhor ainda ser um leão vivo. E geralmente mais fácil.

A teologia de um homem é a gargalhada de outro.

O sexo deve ser amigável. Do contrário fique com os brinquedos mecânicos; são mais higiênicos.

Os homens raramente conseguem conceber um deus superior a si mesmos (se é que conseguem). A maioria dos deuses têm os modos e a moral de uma criança mimada.

Nunca apele para a "boa índole" de um homem. Pode ser que ele não a tenha. Invocar o auto-interesse dele dá a você mais poder.

As garotas pequenas, como as borboletas, não precisam desculpar-se.

Você pode ter paz. Ou pode ter liberdade. Não espere nunca ter ambas ao mesmo tempo.

Evite tomar decisões irrevogáveis quando estiver cansado ou com fome. N.B: AS circunstâncias podem forçá-lo a isso. Assim, pense no futuro!

Coloque suas roupas e armas onde possa encontrá-las no escuro.

Elefante: um camundongo construído segundo as especificações do governo.

Durante toda a história a pobreza foi a condição normal do homem. Os progressos que permitem que esta norma seja superada — aqui e ali, de vez em quando — são o trabalho de uma minoria extremamente pequena, frequentemente desprezada, muitas vezes condenada e quase sempre combatida por todas as pessoas que pensam corretamente. Sempre que esta minúscula minoria é impedida de criar, ou (como acontece algumas vezes) é expulsa de uma sociedade, as pessoas escorregam novamente para a pobreza abjeta.

Isto é conhecido como "má sorte".

Numa sociedade madura, "servidor público" é semanticamente igual a "patrão público".

Quando um lugar fica suficientemente populoso para exigir carteiras de identidade, o colapso social não está longe. É hora de ir para algum outro lugar. A melhor coisa da viagem espacial é que ela torna possível ir para algum outro lugar.

A mulher não é uma propriedade, e os maridos que pensam de modo diferente estão vivendo num mundo de sonhos.

A segunda coisa melhor quanto às viagens espaciais é que as distâncias envolvidas tornam a guerra muito difícil, geralmente pouco prática e quase sempre desnecessária. Isto provavelmente é um prejuízo para a maioria das pessoas, já que a guerra é a diversão mais popular da nossa raça, que dá objetivo e cor a vidas monótonas e estúpidas. Mas é uma grande vantagem para o homem inteligente que só luta quando precisa — nunca por esporte.

O zigoto é a maneira que os gametas têm de produzir mais gametas. Este pode ser o objetivo do universo.

Há contradições ocultas na mente das pessoas que "amam a natureza" embora deplorem os "artificialismos" com que "o homem estragou a natureza". A contradição óbvia está na sua escolha das palavras, que sugere que o homem e seus artefatos não fazem parte da "natureza" — mas os castores e suas represas fazem. As contradições, porém, vão mais fundo do que este absurdo *prima fade*. Ao declarar o seu amor pela represa de um castor (construída pelos castores para os fins dos castores) e o seu ódio pelas represas construídas pelos homens (para os fins dos homens), o "naturista" revela o seu ódio pela sua própria raça — isto é, seu auto-ódio.

No caso dos "naturistas" esse auto-ódio é compreensível; eles são um grupo tão lamentável! Mas o ódio é uma emoção forte demais para se sentir por eles; pena e desprezo estão mais de acordo.

Quanto a mim, quer queira quer não, sou um homem, não um castor, e *Homo sapiens* é a única raça que tenho ou posso ter. Felizmente para mim, gosto de fazer parte de uma raça composta de homens e mulheres — parece-me um ótimo arranjo e perfeitamente "natural".

Acreditem ou não, houve "naturistas" que foram contra o primeiro vôo à velha Lua da Terra por ser "antinatural" e uma "espoliação da natureza".

"Nenhum homem é uma ilha..." Por mais que possamos sentir e agir como indivíduos, a nossa raça é um organismo único, sempre crescendo e se ramificando — que deve ser podado regularmente para ser saudável. Esta

necessidade não precisa ser discutida; quem quer que tenha olhos pode ver que qualquer organismo que cresce sem limite sempre morre em seus próprios venenos. A única pergunta racional é se a poda deve ser feita antes ou depois do nascimento.

Sendo um sentimentalista incurável, sou a favor do primeiro destes métodos — matar me deixa nauseado, mesmo quando é um caso de "Ele está morto e eu estou vivo e é assim que eu queria que fosse".

Mas isto pode ser uma questão de gosto. Alguns curandeiros acham que é melhor ser morto numa guerra, morrer ao nascer ou passar fome na miséria do que nunca ter vivido. Pode ser que eles tenham razão.

Mas não sou obrigado a gostar disso — e não gosto.

A democracia se baseia na suposição de que um milhão de homens são mais sábios do que um homem. Quer repetir? Perdi alguma coisa.

A autocracia se baseia na suposição de que um homem é mais sábio do que um milhão de homens. Vamos tocar isso de novo também. Quem decide?

Qualquer governo funcionará se a autoridade e a responsabilidade forem iguais e coordenadas. Isto não garante um "bom" governo; garante simplesmente que ele funcionará. Mas esses governos são raros — a maioria das pessoas quer dirigir as coisas mas não quer nenhuma parte da culpa. Isto costumava ser chamado de "síndrome do motorista no banco de trás".

Quais são os fatos? Outra vez, outra vez e outra vez — quais são os fatos? Fuja do pensamento positivo, ignore a revelação divina, esqueça o que "as estrelas prevêem", evite opiniões, não ligue para o que os vizinhos pensam, não dê importância ao imprevisível "veredicto da história" — quais são os fatos, e até quantas casas decimais? Você se dirige sempre para um futuro desconhecido; os fatos são sua única pista. Consiga os fatos!

A estupidez não pode ser curada com dinheiro, através da educação ou pela legislação. A estupidez não é um pecado, a vítima não tem culpa de ser estúpida. Mas a estupidez é o único crime capital universal; a sentença é a morte, não há nenhuma apelação, e a execução é levada a efeito automaticamente e sem piedade.

Deus é onipotente, onisciente e onibenevolente — isso está dito bem aqui no rótulo. Se você tem uma mente capaz de acreditar em todos estes três atributos divinos simultaneamente, tenho uma pechincha maravilhosa para você. Nada de cheques, por favor. Dinheiro e em notas pequenas.

A coragem é o complemento do medo. Um homem que seja destemido não pode ser corajoso. (É também um tolo.)

As duas maiores realizações da mente humana são os conceitos gêmeos de "lealdade" e "dever". Sempre que estes conceitos gêmeos caírem em descrédito — dê o fora desse lugar depressa! Provavelmente você poderá se salvar, mas é tarde demais para salvar essa sociedade. Ela está condenada.

As pessoas que vão à falência de maneira estrondosa nunca perdem uma refeição. É o pobre trabalhador inexperiente, tímido diante de meio dólar, que tem de apertar o cinto.

A verdade de uma proposição nada tem a ver com a sua credibilidade. E vice-versa.

Qualquer um que não possa lidar com a matemática não é completamente humano. Na melhor hipótese é um subumano tolerável que aprendeu a usar sapatos, tomar banho e não fazer desordem na casa.

As partes móveis em contato exigem lubrificação para evitar desgaste excessivo. As honrarias e a amabilidade formal fornecem a lubrificação quando as pessoas entram em contato. Muitas vezes os muito jovens, os não-viajados, os ingênuos, os não-sofisticados deploram estas formalidades como "vazias", "sem sentido" ou "desonestas", e desprezam o seu uso. Não importa quão "puros" seus motivos, atiram assim areia dentro de uma máquina que já não trabalha muito bem.

Um ser humano deve ser capaz de mudar uma fralda, planejar uma invasão, carrear um porco, pilotar um navio, projetar um edifício, escrever um soneto, puxar o saldo de contas, construir um muro, encanar um osso, confortar os moribundos, cumprir ordens, dar ordens, cooperar, agir sozinho, resolver equações, analisar um novo problema, carregar estrume, programar um computador, fazer uma refeição saborosa, lutar com eficiência e morrer corajosamente. A especialização é para os insetos.

Quanto mais se ama, mais se *pode* amar — e mais intensamente se ama. Não há nenhum limite para *quantas pessoas* se pode amar. Se uma pessoa tem tempo suficiente, pode amar toda essa maioria decente e justa.

A masturbação é barata, limpa, conveniente e isenta de qualquer possibilidade de

fazer mal — e a gente não precisa ir para casa no frio. Mas é solitária.

Cuidado com o altruísmo. Ele se baseia na auto-ilusão, a raiz de todos os males.

Se for tentado por alguma coisa que pareça "altruista", examine seus motivos e desenterte essa auto-ilusão. Depois, se você ainda desejar fazê-lo, esboje-se nela.

A idéia mais absurda que o *Homo sapiens* já concebeu é que o Senhor Deus da Criação, Modelador e Soberano de todos os Universos, deseje a adoração açucarada de Suas criaturas, possa ser influenciado por suas preces e se torne petulante se não receber esta bajulação. No entanto esta fantasia absurda, sem uma sombra de prova para ampará-la, paga todas as despesas da mais antiga, maior e menos produtiva indústria de toda a história.

A segunda idéia mais absurda é a de a cópula ser intrinsecamente pecaminosa.

Escrever não é necessariamente algo de que se envergonhar — mas faça isso na intimidade e lave as mãos depois.

Cem dólares a juros de sete por cento, capitalizados trimestralmente durante duzentos anos, aumentarão para mais de cem milhões de dólares — ocasião em que não valerão nada.

Querida, não o aborreça com trivialidades nem o sobrecarregue com os seus enganos passados. A maneira mais feliz de lidar com um homem é nunca contar a ele nada que ele não precise saber.

Querida, a verdadeira dama despe sua dignidade junto com as roupas e pratica o máximo de devassidão. Em outras ocasiões *você* pode ser tão modesta e digna como sua *persona* exige.

Todos mentem a respeito de sexo.

Se os homens fossem os autômatos que os estudiosos do comportamento afirmam, os psicólogos do comportamento não poderiam ter inventado a espantosa bobagem chamada "psicologia do comportamento". Portanto, eles estão errados desde o princípio — tão espertos e tão errados como os químicos do

flogístico [{43}](#).

Os curandeiros vivem dizendo besteiras sobre os "milagres" do seu óleo de cobra. Prefiro a coisa genuína — uma mulher grávida.

Se o universo tem qualquer objetivo mais importante do que trepar com a mulher que se ama e fazer um bebê com a sua ajuda entusiástica, nunca ouvi falar nele.

Deveis lembrar-vos do Undécimo Mandamento e observá-lo completamente.

Uma pedra de toque para determinar o valor real de um "intelectual" — descubra o que ele acha da astrologia.

Os impostos não são arrecadados para benefício dos contribuintes.

Não há coisa alguma chamada "jogo social". Ou você está lá para arrancar o coração do outro cara e comê-lo — ou você é um trouxa. Se você não gosta desta escolha... não jogue.

Quando a sorte vai embora, todas as contas são pagas. Nada de arrependimentos.

A primeira vez que dei instrução militar era inexperiente demais para o serviço — as coisas que ensinei àqueles rapazes podiam ter matado alguns deles. A guerra é um assunto muito sério para ser ensinado por inexperientes [{44}](#).

Uma pessoa competente e autoconfiante é incapaz de ciúmes de qualquer coisa. O ciúme é invariavelmente sintoma de uma insegurança neurótica.

O dinheiro é a mais sincera de todas as bajulações.

As mulheres adoram ser bajuladas.

Bem como os homens.

A gente vive e aprende. Ou não vive muito.

Sempre que as mulheres insistiram na igualdade absoluta com os homens, terminaram invariavelmente com a ponta suja da corda. O que elas são e o que

podem fazer torna-as superiores aos homens, e a tática apropriada para elas é exigir privilégios especiais, todos os que puderem imaginar. Elas nunca deviam concordar simplesmente com a igualdade. Para as mulheres, a "igualdade" é um desastre.

A paz é uma continuação da guerra por meios políticos^{45}. Abundância de espaço é mais agradável — e muito mais seguro.

A "mágica" de um homem é a engenharia de outro. "Sobrenatural" é uma palavra nula.

A frase " nós (eu) (você) simplesmente *devemos...*" designa algo que não precisa ser feito. "Isso não é preciso dizer" é um aviso vermelho. "Naturalmente" significa que é melhor verificar você mesmo. Esses clichês miúdos e outros como eles, quando lidos corretamente, são balizas dignas de confiança.

Não prejudique os seus filhos tornando suas vidas fáceis.

Esfregue os pés dela.

Se você por acaso pertencer à minoria mal-humorada que pode realizar um trabalho criativo, nunca force uma idéia; você a abortará se fizer isso. Seja paciente e dará à luz a ela quando chegar o momento. Aprenda a esperar.

Nunca importune os moços sobre os seus negócios particulares — o sexo especialmente. Quando eles estão crescendo, são cobertos completamente de extremidades nervosas, e se ofendem (muito propriamente) com qualquer invasão de sua intimidade. Ah, claro, eles cometerão enganos — mas isso é assunto deles, não seu. (Você cometeu seus próprios enganos, não foi?)

Nunca subestime a força da estupidez humana.

Variações Sobre um Tema XI

A História da Filha Adotiva

Fique comigo no velho planeta do homem, contemplando o norte quando o céu tiver escurecido; acompanhe a descida parcial da Ursa Maior, desviando-se para a esquerda... Está vendo? Pode senti-lo? Nada há senão frio e escuridão. Tente outra vez com os dois olhos tapados, tente mais uma vez com a visão interior, escute agora os gansos selvagens grasnando, fazendo-se ouvir pelos espaços sem fim, saltando das estranhas equações...

Lá está ele brilhando! Continue olhando, desvie sua nave através dos espaços enovelados. Devagar, devagar, não o perca. Planeta virgem, novas origens...

Woodrow Smith, de muitas faces, muitos nomes e muitos lugares, levou o seu bando até Novas Origens, planeta limpo e brilhante como a manhã. "Fim da linha", disse ele aos seus companheiros de bordo. Quilômetros sem fim de pradaria intocada, florestas intermináveis de árvores não cortadas, rios sinuosos, montanhas elevadas, riquezas ocultas e perigos ocultos. Aqui está a vida ou aqui está a morte; o único pecado é deixar de tentar. Peguem suas picaretas e peguem suas pás; cavem latrinas e construam seus abrigos — no ano seguinte será melhor, no ano seguinte estarão mais fortes, os sulcos do ano seguinte serão mais longos.

Aprendam a cultivá-lo, aprendam a comê-lo. Vocês não podem comprá-lo; aprendam a fazê-lo! Como saberão se não tentarem? Tentem outra vez e continuem tentando...

Ernest Gibbons, *né* Woodrow Smith, conhecido algumas vezes como Lazarus Long, Presidente do Banco do Comércio de Novas Origens, saiu da sala de jantar do Waldorf. Parou na varanda, pautando os dentes e examinando a cena da rua agitada. Meia dúzia de mulas de montaria e um ronceiro (amordaçado) foram atrelados bem abaixo dele. Adiante, à direita da rua, uma tropa de mulas de fora estava descarregando na plataforma do Entrepósito Comercial Top Dollar (Prop., E. Gibbons). Um cachorro estava deitado na poeira no meio da rua; o tráfego montado passava em volta dele. Do outro lado da rua, à sua esquerda, uma dúzia de crianças jogava ruidosamente no quintal da escola primária da sra. Mayberry.

Ele pôde contar trinta e sete pessoas sem sair daquele ponto. Que mudança produzida em dezoito anos! Top Dollar não era mais a única povoação, ou mesmo a maior. Nova Pittsburgh era maior (e mais suja), e tanto Separação como Junção eram bastante grandes para serem chamadas de cidades. Isto apenas em duas viagens e numa colônia que quase havia morrido de fome no seu primeiro inverno.

Ele não gostava de pensar naquele inverno. Aquela família... (o canibalismo não tinha sido realmente provado)... contudo, era bom estarem todos mortos.

Esqueça isso. Os fracos morreram e os maus morreram ou foram mortos; a linhagem que sobrevivia era sempre mais forte, mais esperta, mais decente. Novas Origens era um planeta de que podia se orgulhar, e ficaria melhor, melhor e melhor por um longo tempo.

Apesar disso, quase vinte anos era tempo bastante para ficar num mesmo lugar; estava na hora de embarcar outra vez. De muitas maneiras tinha sido mais divertido quando ele e Andy (Deus dê descanso à sua doce alma inocente) tinham andado por aí juntos, esbarrando nas estrelas, enfileirando propriedades e nunca ficando mais tempo do que o necessário para avaliar as potencialidades. Ficou imaginando se o seu filho Zaccur estaria de volta a tempo com uma terceira carga de esperançosos.

Levantou o saíote escocês e cocou acima do joelho direito, verificou seu explosivo; ergueu a correia do cinto à esquerda, verificou sua arma de agulha; cocou a nuca, certificou-se da sua segunda faca de atirar. Pronto para enfrentar o público, pensou se devia ir para a sua mesa no banco ou para o entreposto comercial e conferir aquele carregamento que estava para chegar. Nenhuma das duas coisas o agradava.

Um dos mulos atrelados inclinou a cabeça para ele. Gibbons olhou para ele, e depois disse:

— Oi, Buck. Como vai você, rapaz? Onde está o seu chefe?

Buck apertou os lábios com força, depois disse explosivamente:

— Pannk!

Isso resolveu uma questão: se Clyde Leamer havia atrelado aqui em vez de em frente ao banco, isso significava que Clyde pretendia usar a porta lateral e estava à procura de outro empréstimo. Vamos ver o esforço que ele fará para me encontrar.

Não vá ao entreposto comercial tampouco — não só Clyde procuraria lá, como não era justo deixar Rick nervoso aparecendo antes que ele tivesse tempo de roubar as coisas usuais; bons gerentes de loja eram difíceis de encontrar. Rick era sempre honesto — cinco por cento, mais, nem menos.

Gibbons apalçou o bolso da camisa, encontrou uma bala e deu-a a Buck na palma da mão. O mulo tomou-a com cuidado e agradeceu com a cabeça. Gibbons refletiu que estes mulos mutantes, férteis e se reproduzindo realmente ^{46} tinham sido da maior ajuda para a colonização desde o Êxodo Libby. Eles resistiam bem à hibernação — quando se embarcavam porcos, metade do seu rebanho reprodutivo chegava como carne de porco — e podiam cuidar de si mesmos de muitas maneiras; um mulo podia pisotear um lobo selvagem até a morte.

— Até logo, Buck — disse ele. — Vou dar um passeio. Andar. Diga ao chefe.

— Atééé loog — disse o mulo.

Gibbons virou para a esquerda e dirigiu-se para fora da cidade, pensando no

tamanho do empréstimo a oferecer a Clyde Leamer com Buck como garantia. Um mulo garanhão, esperto e manso era um achado — e quase o único bem não hipotecado que restava a Clyde. Gibbons não tinha dúvida de que um empréstimo sobre Buck poria Clyde novamente de pé — literalmente — assim que o empréstimo vencesse. Gibbons não sentiu pena nenhuma. Um homem que não podia cortar a mostarda em Novas Origens não tinha valor, não fazia sentido ajudá-lo.

Não, não empreste a Clyde um dólar! Ofereça para comprar logo — dez por cento acima de um preço justo. Um animal decente e trabalhador não deve pertencer a um vagabundo preguiçoso. Gibbons não tinha necessidade nenhuma de um mulo de montaria, mas seria bom montar mais ou menos uma hora por dia. Um homem fica flácido sentado num banco.

Case-se outra vez e dê Buck à sua noiva como presente de casamento — uma idéia agradável, mas todos os Howards do planeta eram casais e nenhum tinha uma filha em idade de casar — todos estavam disfarçados até que o lugar ficasse populoso o bastante para que as Famílias montassem uma clínica aqui. Gato escaldado tem medo de água fria. Ele evitava os Howards, e estes evitavam-se uns aos outros, na aparência. Contudo, seria bom casar outra vez. Na família Magee — na verdade Barstows — duas ou três garotas estavam crescidas. Talvez devesse fazer-lhes uma visita algum dia.

Enquanto isso... Sentia-se impaciente e bem, cheio de ovos mexidos e maus pensamentos, e ficou imaginando onde haveria uma mulher que se sentisse da mesma maneira e pudesse deitar-se rapidamente e partilhar seus interesses. Ernie conhecia várias que partilhavam do seu entusiasmo — mas não disponíveis a essa hora do dia, não para uma brincadeira casual. Que era tudo o que ele queria; não era justo entregar-se a qualquer coisa séria com uma efêmera, não importava quão doce ela fosse — especialmente se fosse verdadeiramente doce.

O banqueiro Gibbons estava na beira da cidade e pronto a voltar quando notou fumaça saindo de uma casa mais afastada — a dos Harpers. O que tinha sido a casa dos Harpers, emendou ele, antes de eles se estabelecerem em outro lugar, mas agora ocupada por Bud Brandone e sua mulher, Marje — um jovem casal simpático do segundo carregamento. Um filho? Achava que sim.

Acender a lareira num dia destes? Provavelmente queimando coisas velhas...

Ei, aquela fumaça *não* é da chaminé!

Gibbons começou a correr.

Quando chegou à casa dos Harpers, todo o telhado estava em chamas. Lazarus parou escorregando e tentou avaliar a situação. Como a maioria das casas mais velhas, a dos Harpers não tinha nenhuma janela no andar térreo, e uma única Porta que fechava muito justa e abria-se para fora — projeto para uma época em que os lobos e os dragões eram ubíquos.

Abrir aquela porta seria abrir a tampa de um incêndio abrasador.

Ele não perdeu um instante considerando isso; aquela porta tinha que ficar fechada. Correu em volta da casa, localizando as janelas do andar superior e procurando meios de atingir uma — uma escada ou qualquer coisa. Haveria alguém dentro? Os Brandons não tinham sequer saídas de incêndio e cordas com nós? Provavelmente não; as cordas boas vinham da Terra e eram vendidas no varejo a noventa dólares o metro — os Harpers não teriam deixado nenhuma para trás.

Uma janela com as persianas abertas e fumaça saindo...

— Ei! — gritou ele. — Há alguém em casa? — Um vulto apareceu na janela e alguma coisa foi atirada para ele.

Segurou-a automaticamente, identificando o que era ainda no ar, caindo com ela no chão para amortecer o impacto. Uma criança pequena...

Ergueu os olhos, viu um braço pendurado por cima do peitoril da janela. O telhado caiu, o braço desapareceu.

Gibbons levantou-se rapidamente, segurando o garotinho — não, a garotinha, corrigiu ele — e afastou-se depressa do holocausto. Não considerou a possibilidade de que alguém pudesse estar vivo naquele incêndio devastador; simplesmente esperou que tivessem morrido depressa e não pensou mais nisso. Aninhou a criança nos braços.

— Você está bem, querida?

— Acho que sim — respondeu ela, depois acrescentou gravemente: — Mas mamãe está muito doente.

— Mamãe está bem agora, querida — disse ele carinhosamente —, e papai também.

— Tem certeza? — A criança virou-se em seus braços, tentando olhar para a casa incendiada. Ele interpôs o ombro.

— Tenho. — Segurou-a com mais força e começou a caminhar.

A meio caminho de volta para a cidade encontraram Clyde Leamer, montado em Buck Clyde puxou as rédeas.

— Ah, aí está você! Banqueiro, quero falar com você. — Esqueça isso, Clyde.

— Hein? Mas você não compreende? Preciso de algum dinheiro. Nada senão má sorte toda a estação. Parece que tudo em que toco...

— Clyde... cale essa boca!

— O quê? — Leamer pareceu perceber pela primeira vez que o banqueiro estava carregando alguma coisa. — Ei! Essa não é a garota dos Brandons?

— É.

— Achei que era. Agora quanto a este empréstimo...

— Eu disse a você para se calar. O banco não vai emprestar-lhe mais um dólar sequer.

— Mas você tem que escutar. Parece-me que a comunidade devia ajudar um fazendeiro que tem tido má sorte. Se não fossem os fazendeiros...

— Escute você. Se trabalhasse o mesmo tempo que gasta falando, você não precisaria falar de "má sorte". Até o seu estábulo é sujo. Hum... que preço você quer por esse garanhão?

— Buck? Ora, eu não o venderia. Mas aqui está o que tenho em mente, banqueiro. Você é um homem bondoso, mesmo que fale rispidamente, e sei que não quer ver meus filhos passarem fome. Agora Buck é uma propriedade valiosa, e acho que ele podia servir de garantia para cerca de... bem, digamos...

— Clyde, a melhor coisa que você pode fazer por seus filhos é cortar a garganta. Depois as pessoas os adotariam. Nenhum empréstimo, Clyde... nem um dólar, nem um níquel. Mas comprei Buck eu mesmo, agora. Diga um preço.

Leamer engoliu em seco e hesitou.

— Vinte e cinco mil.

Gibbons começou a caminhar em direção à cidade. Leamer disse, apressado:

— Vinte mil! Gibbons não respondeu.

Leamer afrouxou a rédea para virar o mulo, virou-o diante do banqueiro e parou.

— Banqueiro, você me tem em seu poder. Dezoito mil e você o está roubando.

— Leamer, não vou roubá-lo. Ponha-o em leilão e posso fazer lances. Ou posso não fazer. Quanto você acha que ele daria num leilão?

— Ah... quinze mil.

— Você acha isso? Eu não. Sei a idade dele sem olhar para os dentes, e exatamente quanto você pagou por ele, fora da nave. Conheço pessoas por aqui que podem e pagarão. Mas va em frente; ele é seu. Lembre-se de que, se você puser um preço de lance baixo nele, ficará devendo ao leiloeiro dez por cento, mesmo que ele não o venda. Mas isso é da sua conta, Clyde. Agora saia do meu caminho; quero levar esta criança para a cidade e deitá-la; ela passou um mau bocado.

— Ah... quanto você pagará?

— Doze mil.

— Ora, isso é um assalto!

— Você não é obrigado a aceitar. Suponha que um leilão dê quinze mil dólares, como você espera. O seu líquido é treze mil e quinhentos. Mas suponha que um leilão dê apenas dez mil, o que acho mais provável. O seu líquido é de nove mil. Adeus, Clyde; estou com pressa.

— Bem... treze mil?

— Clyde, eu disse o meu preço máximo. Você já negociou comigo bastantes vezes para saber que, quando digo que é o máximo, é o máximo. Mas... junte essa sela e arreios, responda a uma pergunta e eu baixo quinhentos dólares.

— Que pergunta?

— Por que você emigrou?

Laemer ficou espantado, depois riu alegremente.

— Porque eu estava maluco, se quer saber a verdade.

— Não somos todos? Isso dificilmente é uma resposta, Clyde.

— Bem... o meu velho é banqueiro... e tão teimoso como você! Eu estava indo bem, tinha um emprego adequado, respeitável, ensinando na universidade. Mas não ganhava muito, e meu velho ficava sempre irritado quando eu ficava um pouco duro. Bisbilhoteiro. Depreciativo. Finalmente fiquei tão enjoado daquilo que perguntei a ele o que achava de pagar a passagem minha e de Yvonne na *Andy J.* Emigraríamos. Ele se livraria de nós.

"Para surpresa minha ele concordou. Mas não recuei; eu sabia que um homem com uma ótima educação como a minha podia vencer em qualquer lugar... e isso não era como se estivéssemos sendo despejados em algum planeta selvagem; viemos na segunda leva, você deve se lembrar.

"Só que era um planeta selvagem e tive de fazer coisas que nenhum cavalheiro devia ter que fazer. Mas espere um pouco, banqueiro; as crianças daqui estão crescendo, e haverá um lugar para educação superior, não as trivialidades que a sra. Mayberry ensina naquela assim chamada escola dela. E aí que eu entro... você ainda vai me chamar de professor e falar comigo respeitosamente. Você vai ver."

— Boa sorte para você. Vai aceitar a minha oferta? Doze mil e quinhentos, líquidos, incluindo os arreios e a sela.

— Ah... eu disse que ia, não disse?

— Você não disse. Até agora não.

— Aceito.

A garota havia escutado calada, com o rosto sério. Gibbons perguntou a ela:

— Pode ficar de pé um momento, querida?

— Posso.

Coloquei-a no chão; ela tremeu e segurou no saio dele. Gibbons enfiou a mão na sua bolsa de pele; depois, usando a larga nádega de Buck como mesa, redigiu uma ordem de pagamento e um recibo. Entregou-os a Leamer.

— Entregue isso a Hilda no banco. Assine o recibo e devolva-me.

Leamer assinou em silêncio, olhou para a ordem de pagamento, enfiou-a no bolso e devolveu o recibo.

— Obrigado, banqueiro... Seu velho avarento. Onde quer que o entregue?

— Você já entregou. Apeie.

— Hein? Como irei até o banco? Como voltarei para casa?

— Ande.

— O quê? Bem, que truque mesquinho, desleal! Você recebe o mulo quando eu receber o dinheiro. No banco.

— Leamer, paguei o máximo por esse mulo porque preciso dele agora. Mas vejo que não chegamos a um acordo. Está bem, devolva minha ordem de pagamento e aqui está seu recibo.

Leamer ficou espantado.

— Ah, não, você não vai fazer isso! Você fez um negócio!

— Então saia do meu mulo imediatamente — Gibbons simplesmente apoiou por acaso a mão no cabo da faca de uso geral que todo homem carregava — e vá correndo até a cidade, que você chegará lá antes de Hilda fechar. Agora, mexa-se. — Seus olhos, frios e vazios, sustentaram os de Leamer.

— Você não agüenta uma piada? — resmungou Leamer ao descer. Começou a caminhar bastante depressa em direção à cidade.

— Ah, Clyde! Leamer parou.

— O que é que você quer agora?

— Se você vir a Equipe de Bombeiros Voluntários vindo nesta direção, diga-lhes que é tarde demais; a casa dos Harpers foi-se. Mas diga a McCarthy que eu falei que não faria mal mandar dois homens para verificar.

— Está bem, está bem!

— E Clyde... o que é que você ensinava?

— "Ensinar"? Eu ensinava "redação criativa". Eu não disse a você que tive uma boa educação?

— Disse, sim. É melhor correr; Hilda fecha daqui a pouco, ela tem que apanhar os filhos na escola da sra. Mayberry.

Gibbons ignorou a resposta de Leamer, levantou a garotinha, depois disse:

— Firme, Buck. Fique parado, meu velho. — Levantou a garota mais alto e colocou-a montada sobre a cernelha do mulo. — Segure na crina dele. — Enfiou o pé no estribo esquerdo, montou por trás dela, escorregou para trás na sela, depois a ergueu novamente e colocou-a de certa forma em seu colo, mas principalmente sobre a sela bem atrás do arção. — Segure no arção, querida. Com as duas mãos. Está confortável?

— Isto é divertido!

— Um bocado divertido, garota. Buck! Está me ouvindo, rapaz?

O mulo inclinou a cabeça.

— Ande. Volte para a cidade. Ande devagar. Calmamente. Não tropece. Entendeu? Não vou usar as rédeas.

— Claaar... Andaaaad!

— Certo, Buck — Gibbons deu um puxão nas rédeas e deixou-as cair frouxamente sobre o pescoço de Buck. Apertou o mulo com os joelhos e deixou-

o andar. Buck começou a marchar em direção à cidade.

Após alguns minutos a garotinha perguntou gravemente:

— E mamãe e papai?

— Mamãe e papai estão bem. Eles sabem que estou cuidando de você. Qual é o seu nome, querida?

— Dora.

— Esse é um bonito nome, Dora. Um ótimo nome. Você quer saber o meu nome?

— Aquele homem chamou-o de "banqueiro".

— Esse não é o meu nome, Dora; é apenas algo que faço às vezes. Meu nome é... "tio Gibbie". Você sabe dizer isso?

— Tio Gibbie. É um nome engraçado.

— É, sim. Dora. E este que estamos montando é Buck. Ele é um amigo meu, e será seu amigo também, agora... portanto, diga alô para Buck.

— Alô, Buck.

— Aroooooou... Jorrrra!

— Mas ele fala bem mais claro que a maioria dos mulos! Não é?

— Buck é o melhor mulo de Novas Origens, Dora, e o mais esperto. Quando o livrarmos deste freio (Buck não precisa de um freio na boca), ele poderá falar com mais clareza ainda... e você poderá ensinar-lhe mais palavras. Você gostaria disso?

— Ah, sim! — Dora acrescentou: — Se mamãe deixar.

— Quanto a mamãe, está bem. Você gosta de cantar, Dora?

— Sim, claro! Conheço uma canção de bater palmas. Mas não podemos bater palmas agora. Podemos?

— No momento acho que é melhor nos segurarmos bem. — Gibbons reviu depressa mentalmente seu repertório de canções alegres e rejeitou uma dúzia inteira como inadequadas para senhoritas. — Que tal esta?

"Há uma loja de penhores

Na esquina

Onde geralmente guardo meu sobretudo."

"Você pode cantar isso, Dora?"

— Oh, isso é fácil! — A garotinha cantou numa voz tão alta que Gibbons se lembrou de um canário. — Isso é tudo, tio Gibbie? E o que é uma "loja de penhores"?

— É um lugar para guardar sobretudos quando a gente não precisa deles. Há

muito mais, Dora. Milhares e milhares de versos.

— "Milhares e milhares..." Ora, isso é quase tanto como cem. Não é?

— Quase, Dora. Aqui está outro verso:

*"Há um entreposto comercial
Ao lado da loja de penhores
Onde minha irmã vende balas".*

"Você gosta de balas, Dora?"

— Gosto, sim! Mas mamãe diz que é "carro".

— Não vai ser tão caro no ano que vem, Dora; vão fazer mais açúcar de beterraba. Mas... "Abra a boca e feche os olhos, que vou dar-lhe uma coisa de surpresa!" — Ele apalçou o bolso da camisa, depois disse: — Ah, desculpe, Dora; a surpresa vai ter que esperar até eu chegar ao entreposto comercial; Buck ganhou a última. Buck também gosta de balas.

— Gosta?

— Gosta, e vou ensinar a você como dá-las a ele sem perder um dedo por engano. Mas bala não é muito bom para ^ele, portanto ele só ganha como uma surpresa especial. Por ser um bom rapaz. Não é, Buck?

— Ééééé!... Patrrrrãooo!

Os alunos da sra. Mayberry estavam saindo quando Gibbons parou Buck diante da escola. Quando pôs Dora no chão, ela parecia muito cansada. Por isso, levantou-a outra vez.

— Espere, Buck

Os retardatários entre os alunos ficaram olhando, mas afastaram-se e deixaram-no passar.

— Tarde, sra. Mayberry. — Gibbons tinha ido para lá quase por instinto. A professora era uma viúva grisalha, com cinquenta anos ou mais, que sobrevivera a dois maridos e estava enfrentando sensatamente suas fracas probabilidades de encontrar um terceiro, preferindo sustentar-se em vez de morar com uma de suas filhas, enteadas ou noras. Ela era uma das que partilhavam o entusiasmo de Ernest Gibbons pelos prazeres vigorosos da vida, mas era tão circunspecta a respeito disso quanto ele. Ele a considerava sensata em todos os sentidos — uma perspectiva importante para casamento se não fosse pelo fato infeliz de correrem os dois em faixas de tempo diferentes.

Não que ele a deixasse saber disso. Ele não fora declaradamente um Howard quando ambos haviam chegado no primeiro carregamento e, embora recém-rejuvenescido em Secundus quando havia reaparecido na Terra e organizado a migração, havia preferido ter trinta e cinco anos mais ou menos (cosmeticamente). Desde essa época havia envelhecido cuidadosamente a cada ano; Helen Mayberry considerava-o um contemporâneo, retribuía sua amizade,

partilhava o prazer mútuo com ele de tempos em tempos sem tentar possuí-lo. Ele a respeitava muito.

— Boa tarde, sr. Gibbons. Ora, é Dora! Sentimos sua falta, querida; o que aconteceu? E... Isso é uma contusão? — Ela examinou a garotinha com cuidado e não disse nada pelo fato de estar imunda. Endireitou-se. — Parece ser apenas uma mancha. Estou satisfeita em vê-la; preocupei-me um pouco esta manhã quando ela não apareceu com as crianças dos Parkinsons. Está quase na hora de Marjorie Brandon dar à luz, talvez você saiba... ?

— Vagamente. Onde posso deixar Dora por alguns minutos? Conferência. Particular.

Os olhos da sra. Mayberry alargaram-se ligeiramente, mas ela respondeu imediatamente:

— O sofá... Não, ponha-a na minha cama. — Ela foi na frente e não disse nada quanto a sujar a sua colcha. Voltou para a sala de aula com ele após ele garantir a Dora que sairiam apenas por alguns momentos.

Gibbons explicou o que havia acontecido.

— Dora não sabe que seus pais estão mortos, Helen... nem acho que este seja o momento de contar-lhe.

A sra. Mayberry pensou naquilo.

— Ernest, você tem certeza de que ambos morreram? Bud teria visto o incêndio se estivesse trabalhando nos seus próprios campos, mas ele algumas vezes trabalha para o sr. Parkinson.

— Helen, a mão que vi não era de mulher. A menos que Marje Brandon tenha pêlos pretos e espessos nas costas das mãos.

— Não. Não, esse devia ser Bud. — Suspirou. — Então ela está órfã. Pobrezinha da Dora! Uma boa criança. Inteligente, também.

— Helen, você pode tomar conta dela por alguns dias? Pode?

— Ernest, a maneira como você diz isso é quase ofensiva. Cuidarei de Dora enquanto precisarem de mim.

— Desculpe, não tive a intenção de ser desagradável. Não espero que seja por muito tempo; alguma família a adotará. Enquanto isso anote as suas despesas, depois resolveremos quanto devem custar casa e comida para a menina.

— Ernest, isso será exatamente igual a zero. O único custo será o da comida, o suficiente para alimentar um passarinho. O que certamente poderei pagar para a garotinha de Marjorie Brandon.

— É mesmo? Bem, posso encontrar alguma família para hospedá-la. Os Leamers. Alguém.

— Ernest!

— Acalme-se, Helen. Essa criança foi posta em minhas mãos pelo último ato do pai, que estava morrendo. E não seja tola; sei até o último tostão quanto você

consegue economizar. Bem como quantas vezes você tem que receber as mensalidades em alimentos em vez de dinheiro. Isso é um negócio a dinheiro. Os Leamers adorariam isso... assim como vários outros. Não preciso deixar Dora aqui... e não deixarei, a não ser que você seja sensata.

A sra. Mayberry ficou taciturna — depois sorriu de repente e pareceu anos mais moça.

— Ernest, você é um tirano. E um sem-vergonha. E outras coisas que nunca digo fora da cama. Está bem... casa e comida.

— E mensalidade. Mais qualquer despesa especial. Contas °e médicos, talvez.

— Triplamente sem-vergonha. Você sempre paga por qualquer coisa que recebe, não paga? Como eu devia saber.

— Ela olhou de relance para as janelas abertas. — Venha aqui para o corredor e sele isso com um beijo. Sem-vergonha. Eles mudaram de lugar; ela colocou-se de modo que o ângulo não permitisse a ninguém vê-los, depois deu um beijo que teria deixado assombrados seus vizinhos.

— Helen...

Ela roçou seus lábios nos dele.

— A resposta é não, sr. Gibbons. Esta noite estarei ocupada consolando uma garotinha.

— Eu ia dizer: não dê nela aquele banho que sei que pretende dar até eu achar o dr. Krausmeyer e mandar examiná-la. Ela parece bem, mas pode ter qualquer coisa, desde costelas partidas até uma concussão cerebral. Ah, tire as roupas dela e passe um pouco a esponja para tirar a sujeira pior; isso não a machucará e ficará mais fácil para o doutor examiná-la.

— Sim, querido. Tire suas mãos lascivas da minha bunda e começarei a trabalhar. Vá procurar o doutor.

— Agora mesmo, sra. Mayberry.

— Até mais tarde, sr. Gibbons. *Au 'voir*.

Gibbons disse a Buck para esperar, foi a pé até o Waldorf e encontrou (como esperava) o dr. Krausmeyer no bar. O médico ergueu os olhos da sua bebida.

— Ernest! O que foi isso que ouvi sobre a casa dos Harpers?

— Bem, o que foi que você ouviu? Largue esse copo e pegue a sua maleta. Emergência.

— Ora, ora! Ainda não vi uma emergência que não me desse tempo para terminar um drinque. Clyde Leamer esteve aqui agora mesmo e pagou para nós uma rodada de drinques. Pagou este que você insiste em que eu abandone e contou-nos que a casa dos Harpers se havia incendiado matando toda a família Brandon. Disse que tentou salvá-los, mas era tarde demais.

Gibbons pensou rapidamente no desejo de um acidente fatal acontecer tanto a Clyde Leamer como ao dr. Krausmeyer em alguma noite escura — mas, que

diabo, embora Clyde não fosse perda nenhuma, se o doutor morresse, Gibbons seria forçado a pendurar do lado de fora sua própria tabuleta de médico — e seus diplomas não diziam "Ernest Gibbons". Além disso, o doutor era um bom médico quando sóbrio — e, de qualquer maneira, a culpa é sua, meu filho; vinte anos atrás você o entrevistou e aprovou o subsídio. Tudo quanto você viu foi um jovem interno inteligente e não foi capaz de identificar o bêbado incipiente.

— Agora que o senhor mencionou isso, doutor, vi Clyde correndo para a casa dos Harpers. Se ele diz que era tarde demais para salvá-los, terei que confirmar sua história. Contudo, não foi a família inteira; a garotinha deles, Dora, foi salva.

— Bem, sim, Clyde disse isso. Ele disse que foram os pais dela que ele não pôde salvar.

— É isso mesmo. É a garotinha que quero que o senhor atenda. Ela está com contusões e escoriações generalizadas, provavelmente ossos fraturados, possíveis danos internos, uma forte possibilidade de envenenamento por fumaça e certamente em estado de choque... coisa muito séria numa criança daquela idade. Ela está do outro lado da rua, na casa da sra. Mayberry. — Ele acrescentou baixinho: — Acho que o senhor deve apressar-se, doutor. Acho realmente. Não acha?

O dr. Krausmeyer lançou um olhar infeliz para o seu drinque, depois se endireitou e disse:

— Meu anfitrião, se você tiver a bondade de colocar isto atrás do bar, eu voltarei. — Apanhou a maleta.

O dr. Krausmeyer não encontrou nada de errado na menina e deu-lhe um sedativo. Gibbons esperou até que Dora dormisse, depois foi arranjar um alojamento temporário para o seu mulo. Foi aos Irmãos Jones ("Gado de Primeira — Compram-se, Vendem-se, Trocam-se e Leiloam-se Mulas — Garanhões Registrados Expostos na Coudelaria") porque o seu banco tinha a hipoteca do estabelecimento deles.

Minerva, isso não foi planejado; apenas aconteceu. Esperei que Dora fosse adotada em alguns dias, algumas semanas ou coisa parecida. Os pioneiros não pensam nas crianças da mesma forma que as pessoas da cidade. Se eles não gostassem de crianças não teriam temperamento para serem pioneiros. E logo que os filhos de um pioneiro deixam de ser bebês, o investimento começa a render. Os filhos são um bem em regiões de pioneiros.

Eu certamente não planejei criar uma efêmera, ou ter qualquer receio de que isso fosse necessário — e não era necessário. Eu estava começando a simplificar meus negócios, esperava partir em breve, porque meu filho Zaccur podia aparecer em qualquer ano.

Zack era meu sócio, então, num acordo indefinido baseado na confiança mútua. Ele era moço, tinha um século e meio ou coisa parecida, mas era constante e esperto — filho de Phyllis Briggs-Sperling pelo meu último casamento exceto dois. Uma ótima mulher, Phyllis, bem como uma matemática de primeira. Tivemos sete filhos juntos, e todos eles mais espertos do que eu. Ela se casou

várias vezes — eu fui o seu quarto^{47} marido — e, pelo que me lembro, foi a primeira mulher a ganhar a Medalha Comemorativa Centenária Ira Howard por contribuir com cem filhos registrados para as Famílias. Para isso ela levou menos de dois séculos, mas Phyllis era uma garota de gostos simples. Gastava também papel, lápis e tempo para pensar em geometria.

Divaguei. Entrar no negócio de pioneiros lucrativamente exige um *minimax*^{48} de uma nave adequada e dois sócios, ambos capitães, ambos qualificados para montarem uma migração e a dirigirem — do contrário você estará levando um carregamento de pessoas da cidade e abandonando-as no sertão ... o que aconteceu muitas vezes nos primeiros dias da Diáspora.

Zack e eu fizemos isso apropriadamente, éramos completamente qualificados como capitães do espaço, ou como líderes num planeta estranho — e nos revezávamos. O que fica para trás quando a nave parte funciona realmente como pioneiro; ele não pode fingir, não pode apenas acenar com a batuta. Ele pode não ser o chefe político da colônia — eu preferi não ser; falar toma tanto tempo! O que ele precisa é saber sobreviver, ser um homem que possa forçar aquele planeta a alimentá-lo, e pelo seu exemplo mostrar aos outros como — e aconselhá-los, se eles quiserem.

A primeira leva cobre apenas os custos; o capitão descarrega e volta para buscar mais imigrantes; o planeta não oferece nada para exportar de saída. A viagem foi paga pelas passagens cobradas aos imigrantes; lucro, se houver, virá da venda em terra do resto que o navio tiver transportado — mulas, ferragens, porcos, ovos de galinha fertilizados — aos pioneiros, a crédito, a princípio. O que significa que o sócio em terra tem que parecer esperto e cuidar dos seus interesses; não se precisa de muito para convencer os imigrantes em dificuldades de que aquele cara está tendo lucros e deve ser linchado.

Minerva, nas seis vezes em que fiz isso — deixar-me ficar atrás com a primeira leva de uma colônia — nunca arei um campo sem armas à mão e sempre tive muito mais cuidado com a minha própria raça do que com qualquer animal feroz que houvesse no planeta.

Mas em Novas Origens não tivemos muitos desses riscos. A primeira leva havia conseguido sobreviver, embora por pouco naquele primeiro inverno — Helen Mayberry não foi a única viúva que se casou com um viúvo em consequência do ciclo das estações que Andy Libby e eu não havíamos previsto; a estrela de lá — chamava-se "Sol", como sempre, mas você pode conferir suas memórias para a designação do catálogo — o Sol de Novas Origens era uma estrela variável mais ou menos da mesma intensidade que o velho Sol, apenas o suficiente para proporcionar tempo "fora do comum" — e quando chegamos acertamos na mosca do mau tempo.

Mas aqueles que sobreviveram àquele inverno eram rijos o bastante para resistirem a qualquer coisa; a segunda vaga enfrentou condições muito mais fáceis.

Eu havia cedido a minha fazenda aos imigrantes da segunda vaga e estava dedicando minha atenção aos negócios e ao comércio para acumular carga para a *Andy J.* a fim de levá-la de volta após Zack descarregar a terceira vaga — e eu voltaria também. Isto é, iria para alguma parte. O quê, onde e como seria resolvido após eu estar com Zack.

Enquanto isso eu estava chateado, preparando-me para liquidar meus negócios no planeta, e achei nesta criança abandonada uma diversão interessante.

Encantadora, devo dizer. Dora era um bebê que havia nascido e crescido totalmente inocente, ignorante da maneira como uma criança pequena necessariamente é, mas muito inteligente e encantada com o fato de aprender qualquer coisa. Não havia nenhuma mediocridade nela, Minerva, e achei sua conversa ingênua mais divertida do que a maior parte das conversas dos adultos, que é geralmente trivial e raramente nova.

Helen Mayberry interessou-se da mesma forma por Dora, e nós dois nos vimos *in loco parentis* sem planejar isso.

Consultamo-nos um ao outro e mantivemos a garotinha longe do enterro — alguns ossos calcinados, inclusive os minúsculos do bebê que nunca havia nascido — e afastada do serviço religioso também. Algumas semanas mais tarde, quando Dora parecia estar em boa forma e após eu ter tido tempo de mandar cortar e erigir uma lápide, levei-a até lá e deixei-a vê-la. Ela sabia ler, e leu — os nomes e as datas dos seus pais, e a data única do bebê.

Ela examinou aquilo solenemente, depois disse:

— Isso significa que mamãe e papai nunca mais vão voltar. Não é?

— É, Dora.

— Foi isso o que os garotos no colégio disseram. Eu não tinha certeza.

— Eu sei, querida. Tia Helen me contou. Por isso achei melhor você ver por si mesma.

Ela olhou outra vez para a cabeceira da lápide, depois disse gravemente:

— Compreendo. Acho que compreendo. Obrigada, tio Gibbie.

Ela não chorou; portanto, não tive nenhuma desculpa para pegá-la no colo e consolá-la. Tudo quanto pude pensar em dizer foi:

— Você quer ir embora agora, querida?

— Quero.

Tínhamos ido até lá montados em Buck, mas eu o havia deixado ao pé da colina, por haver uma regra não escrita contra deixar mulas ou lobos mansos caminharem sobre as sepulturas. Perguntei se ela queria que eu a carregasse, montada no meu pescoço, talvez. Ela resolveu ir a pé.

A meio caminho na descida ela parou.

— Tio Gibbie?

- Que é, Dora?
- Não vamos contar isto a Buck
- Está bem, Dora.
- Ele pode chorar.
- Não contaremos a ele, Dora.

Ela não disse mais nada até chegarmos de volta à escola da sra. Mayberry. Depois ficou muito calada durante duas semanas mais ou menos, e nunca mencionou isso outra vez comigo, nem — acho eu — com ninguém. Ela nunca pediu para voltar lá, embora saíssemos montados quase todas as tardes e muitas vezes víssemos a colina do cemitério.

Cerca de dois anos terrestres mais tarde a *Andy J.* chegou, e o capitão Zack, meu filho com Phyllis, desceu no bote para combinar o desembarque da terceira leva de imigrantes. Tomamos um drinque juntos e eu lhe disse que ia ficar durante outra viagem e por quê. Ele ficou olhando para mim.

- Lazarus, você está fora de si.
- Não me chame de Lazarus — disse eu calmamente. — Esse nome já teve muita publicidade.
- Está bem — respondeu ele. — Embora não haja ninguém por perto a não ser nossa anfitriã... Sra. Mayberry, você disse? E ela foi para a cozinha. Olhe, hã, Gibbons, eu estava pensando em fazer duas viagens para Secundus. Teria lucros nelas, e meios de investir o nosso líquido em Secundus... é mais seguro do que investir na Terra agora, estando as coisas do jeito que estão.

Concordei em que ele estava quase certamente correto.

— Sim — disse ele —, mas aqui está a questão. Se eu fizer, não passarei por aqui por, hã, talvez dez anos padrões. Ou por mais tempo. Ah, passarei se você insistir; você é o acionista majoritário. Mas você estará desperdiçando o seu dinheiro e o meu também. Olhe, Laz... Ernest, se você tem que tomar conta desta garota, embora eu não considere isso sua obrigação, venha comigo e traga-a junto. Pode pô-la no colégio na Terra... desde que pague fiança para garantir sua partida. Ou talvez ela possa estabelecer-se em Secundus, embora eu não conheça quais as regras de imigração lá agora; faz muito tempo que estive lá.

Sacudi a cabeça.

- O que são dez anos? Posso prender a respiração por esse tempo. Zack, quero ver esta criança crescida e capaz de vencer por si só... casada, espero, mas isso é com ela. Não vou arrancá-la de suas raízes, porém; ela teve um choque desse tipo e seria bom que não absorvesse outro enquanto ainda for criança.
- Você é quem sabe. Você me quer de volta em dez anos? Isso é suficiente?
- Mais ou menos, mas não se apresse. Leve o tempo necessário para apresentar lucros. Se isso levar mais tempo, você pegará uma carga melhor aqui da

próxima vez. Algo melhor do que alimentos e tecidos.

— Não há nada melhor do que comida para embarcar para a Terra atualmente — disse Zack — Brevemente vamos ter que parar de tocar na Terra, comerciar apenas entre as colônias.

— Está tão ruim assim?

— Bastante ruim. Eles não aprendem. O que significam esses problemas lá no seu banco? Você precisa de uma demonstração de força enquanto a *Andy J.* está no ar?

— Obrigado, capitão. — Sacudi a cabeça. — Mas essa não é a maneira de fazer isso. Ou eu teria que ir junto com você. A força é um argumento para se usar quando nada mais resolver e quando a questão for importante a esse ponto. Em vez disso, vou ser tolerante com eles.

Ernest Gibbons não se preocupava com o seu banco. Ele nunca se preocupava com questões menos importantes do que vida e morte. Em vez disso aplicava o seu cérebro a todos os problemas grandes e pequenos à medida que eles surgiam, e gozava a vida.

Gostava especialmente de ajudar a criar Dora. Logo após ele a adquirir e ao mulo, Buck — ou eles é que o haviam adquirido —, livrou-se da selvagem barbela de freio que Leamer havia usado (guardando o metal) e mandou os irmãos Jones, fabricantes de arreios, transformarem a rédea num cabresto. Encomendou também outra sela, esboçando o que queria e oferecendo um bônus pela entrega antes do prazo. O artesão sacudiu a cabeça sobre aquele esboço, mas entregou.

Depois disso Gibbons e a garotinha montaram em Buck numa sela construída para dois: uma sela para adulto na posição habitual, e outra, minúscula, com estribos minúsculos na frente, no lugar em que uma sela normal tem o arçõ. Um pequeno arco de madeira coberto de couro curvava-se sobre ela, uma barra de segurança que a criança podia agarrar. Gibbons mandou também guarnecer esta sela prolongada com duas barrigueiras, mais confortável para o mulo, mais segura para os cavaleiros nas trilhas íngremes.

Eles montaram dessa maneira durante várias estações, geralmente uma hora ou mais após a escola — mantendo conversas triangulares a passo, ou cantando como um trio, com Buck desafinando em voz alta mas sempre no ritmo, sua andadura funcionando como um metrônomo, Gibbons liderando e Dora aprendendo a harmonizar. Muitas vezes escolhiam a canção *Loja de penhores*, que Dora considerava como sua, e à qual foi acrescentando versos gradualmente, inclusive um sobre a co-cheira ao lado da escola, onde Buck morava.

Mas em pouco tempo a garota estava grande demais para a sela minúscula da frente; porque Dora cresceu, ficou apumada, magra e alta. Gibbons comprou uma mula, após experimentar outras duas — uma foi rejeitada por Buck porque era (assim disse ele) "stupid" e a outra porque não apreciou o cabresto e tentou

fugir.

Gibbons deixou Buck escolher a terceira, com conselhos de Dora mas nenhum dele — Buck conseguiu uma companheira em sua cocheira, e Gibbons mandou aumentar o estábulo, Buck ainda servia de garanhão mediante uma taxa, mas parecia satisfeito em ter Beulah em casa. Contudo, Beulah não aprendeu a cantar, e falava muito pouco. Gibbons desconfiou de que ela tivesse medo de abrir a boca na presença de Buck — ela estava disposta a falar, ou pelo menos a responder, quando Gibbons a montava sozinho... — porque, para surpresa de Gibbons, Beulah acabou sendo sua mula de montaria; Dora montava no grande mulo, mesmo quando os estribos da sela grande tinham que ser encurtados ridiculamente para se adaptarem às suas pernas de criança.

Mas os estribos tinham que ser alongados constantemente à medida que Dora crescia, transformando-se numa moça. Beulah teve uma cria. Gibbons ficou com ela; Dora deu-lhe o nome de Betty e treinou a mulinha enquanto crescia, a princípio fazendo-a caminhar atrás, com uma sela vazia, depois ensinando-a a aceitar um cavaleiro na cocheira. Seguiu-se uma época em que seus passeios diários aumentaram para seis, e muitas vezes faziam piqueniques, com a sra. Mayberry montada em Buck, o mais firme, e com a carga mais leve — Dora — em Betty, e Gibbons, como de hábito, montando Beulah. Gibbons lembrava-se daquele verão como um dos mais felizes: Helen e ele com os joelhos se tocando nas montarias mais velhas, enquanto Dora e a jovem travessa galopavam na frente, depois corriam de volta com os longos cabelos castanhos de Dora fluando na brisa.

Numa dessas vezes ele perguntou:

— Helen, os meninos estão começando a farejar em volta dela?

— Seu velho garanhão, você não pensa em mais nada?

— Pare com isso, querida; pedi uma informação.

— Certamente os meninos a estão notando, Ernest, e ela os está notando também. Mas deixe que eu me preocupe com isso. E só um pouco; ela é exigente demais para aceitar o segundo melhor.

Os felizes piqueniques familiares não recomeçaram no verão seguinte. A sra. Mayberry estava sentindo o peso dos anos em seus ossos, e só podia montar e desmontar com a ajuda de alguém.

Gibbons teve bastante tempo para se apressar antes que os murmúrios sobre o seu monopólio do negócio bancário chegassem a um apogeu. O Banco do Comércio de Novas Origens era um banco de emissão; ele (ou Zaccur) sempre montava um banco desses em cada colônia que estabeleciam. O dinheiro era necessário para uma colônia em crescimento; as trocas eram incômodas demais. Algum meio de troca era necessário mesmo antes de ser necessário um governo.

Ele não ficou surpreso quando foi convidado a se reunir com os conselheiros da cidade para discutir o assunto; isso acontecia sempre. Naquela noite, ao aparar

seu cavanhaque e adicionar mais um toque grisalho nele e nos cabelos, preparando-se para o confronto, reviu mentalmente as propostas que havia ouvido no passado para fazer a água correr colina acima," parar o sol, e contar um ovo como sendo dois. Haveria algum novo cabeça-dura esta noite? Gostaria que houvesse, mas não esperava por isso.

Arrancou alguns cabelos da sua cabeleira que "recuava" — que diabo, estava ficando cada vez mais difícil envelhecer suficientemente a cada ano! — e depois vestiu seu saiote axadrezado de guerra... que não só era mais impressionante como oferecia mais meios de esconder armas... e pegá-las rapidamente. Estava razoavelmente certo de que ninguém estava até agora suficientemente aborrecido com ele para começar a violência, mas certa vez fora otimista demais; desde essa época adotou o pessimismo como política fixa.

Depois escondeu algumas coisas, trancou outras, instalou alguns aparelhos que Zaccur havia trazido na última viagem mas não foram oferecidos à venda no E. C. Top Dollar, destrancou a porta, trancou-a à mão pelo lado de fora e saiu por um caminho através do bar, para que pudesse dizer ao garçom que iria sair "por alguns minutos".

Três horas mais tarde Gibbons havia estabelecido um ponto: ninguém tinha sido capaz de pensar em qualquer maneira de depreciar a moeda que ele já não tivesse ouvido pelo menos quinhentos anos antes — mais provavelmente mil — e cada uma era certamente muito, muito mais velha historicamente. No começo da reunião ele havia pedido ao moderador para mandar o escriba da cidade anotar cada pergunta de forma que ele pudesse respondê-las em conjunto — e permitiram-lhe fazer isso à sua maneira por ser obstinado.

Por fim o conselheiro moderador, Jim "Duke" Warwick, disse:

— Parece que é isso, Ernie, temos uma moção para nacionalizar (acho que essa é a palavra) o Banco do Comércio de Novas Origens. Você não é conselheiro, mas nós todos concordamos em que tem um interesse especial, e queremos ouvi-lo. Você deseja falar contra a proposta?

— Absolutamente, Jim. Vá em frente.

— Hein? Receio não tê-lo compreendido.

— Não tenho nenhuma objeção ao fato de o banco ser nacionalizado. Se isso é tudo, vamos suspender a sessão e ir para a cama.

— Ei — alguém na assembléia gritou —, quero que responda à minha pergunta sobre o dinheiro de Nova Pittsburgh.

— E a minha sobre juros! Juros é uma coisa *errada*... a Bíblia diz isso!

— Bem, Ernie? Você disse antes que responderia às perguntas.

— Disse, realmente. Mas, se vocês vão nacionalizar o banco, não teria mais sentido fazer as perguntas ao seu tesoureiro, ou como quer que vocês resolvam chamá-lo? O novo presidente do banco. A propósito, quem é ele? Não é melhor e se sentar aqui na plataforma?

Warwick bateu seu martelo, depois disse:

— Não fomos tão longe assim, Ernie. Por enquanto toda a junta de conselheiros é a comissão de finanças... se formos adiante com isto.

— Ah, por favor, vá em frente. Vou ficar calado.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que disse: renuncio. Um homem não gosta de fazer seus vizinhos deixarem de gostar dele. O povo de Top Dollar não gosta do que estive fazendo, do contrário esta reunião nunca teria sido convocada. Por isso renunciei. O banco está fechado; ele não vai reabrir amanhã. Nem nunca, sendo eu o presidente. Foi por isso que perguntei quem será o tesoureiro de vocês. Estou tão interessado quanto todos em descobrir o que é que vamos usar em lugar do dinheiro, de agora em diante... e quanto valerá.

Houve um silêncio tumular; depois o moderador teve que bater seu martelo e o sargento de armas ficou muito ocupado com todos os gritos de "E o meu empréstimo para sementes?", "Você me deve dinheiro!", "Eu vendi a Hank Brofsky uma mula contra uma promissória pessoal... o que vou cobrar?", "Você não pode *fazer* isto conosco!"

Gibbons continuou sentado calmamente, não deixando transparecer seu estado de prontidão até que Warwick conseguisse acalmá-los. Depois Warwick disse, enrugando o suor da testa:

— Ernie, acho que você tem algumas explicações a dar.

— Certamente, senhor moderador. A liquidação será tão ordeira quanto o senhor permitir. Os que têm depósitos serão pagos... em notas do banco, pelo que estava depositado. Os que devem dinheiro ao banco... bem, não sei; isso depende da política que o conselho estabelecer. Suponho que estou falido. Não posso saber até vocês me explicarem o que querem dizer quando falam que o meu banco está sendo "nacionalizado".

"Mas sou obrigado a tomar a seguinte medida: o Entreposto Comercial Top Dollar não vai mais comprar com notas de banco... pode ser que não tenham valor. Cada negócio terá que ser por troca. Mas continuaremos a vender contra notas de banco. Retirei, porém, os preços afixados pouco antes de vir para cá esta noite... porque o estoque que tenho em mãos pode ser tudo o que eu tenha para resgatar essas notas de banco. O que pode obrigar-me a subir os preços. Tudo depende de 'nacionalização' ser simplesmente outra palavra para 'confisco'".

Gibbons levou vários dias explicando a Warwick os princípios elementares da atividade bancária e do meio circulante, pacientemente e de bom humor — a Warwick pela seleção de Hobson, porque os outros conselheiros descobriram que estavam muito ocupados com suas fazendas ou negócios para enfrentarem a tarefa. Houvera um candidato para o cargo de banqueiro nacional ou tesoureiro (chenham acordo ainda quanto ao título) que não era conselheiro, um fazendeiro chamado Leamer, mas sua auto-indicação não levou a coisa alguma apesar da

sua afirmação de gerações de experiência no negócio bancário, mais um título universitário nesses assuntos.

Warwick teve seu primeiro choque enquanto estava fazendo o inventário com Gibbons, do conteúdo do cofre (quase o único cofre em Novas Origens e o único fabricado na Terra).

— Ernie, onde está o dinheiro?

— Que dinheiro, Duke?

— "Que dinheiro?" Ora, estes livros de contabilidade mostram que você recebeu milhares e milhares de dólares. Seu próprio entreposto comercial mostra um saldo de quase um milhão. E sei que você tem cobrado pagamentos de hipotecas de três ou quatro dúzias de fazendas... e dificilmente emprestou alguma coisa durante um ano ou mais. Essa foi uma das reclamações principais, Ernie, que levou os conselheiros a agir... todo esse dinheiro entrando no banco e nenhum saindo. Dinheiro escasso em toda parte. Onde é que está o dinheiro, homem?

— Queimei-o — respondeu Gibbons alegremente.

— O que?

— Certamente. Estava se acumulando e ficando volumoso demais. Não me atrevi a guardá-lo fora do cofre, embora não tenhamos muitos roubos aqui... Se alguém o roubasse, isso poderia arruinar-me. Nos últimos três anos, à medida que o dinheiro entrava no banco, ia queimando-o. Para mantê-lo seguro.

— Santo Deus!

— Qual é o problema, Duke? Isso é simplesmente papel inútil.

— "Papel inútil"? Isso é dinheiro!

— O que é "dinheiro", Duke? Você tem algum aí? Digamos uma nota de dez dólares? — Warwick, ainda parecendo chocado, tirou uma. — Leia-a, Duke — insistiu Gibbons. — Esqueça a gravação caprichada e o papel bonito que ainda não pode ser fabricado aqui... leia o que ela diz.

— Diz que são dez dólares.

— Diz realmente. Mas a parte importante é onde ela diz que este banco aceitará essa nota pelo valor nominal em pagamento de débitos ao banco. — Gibbons tirou da sua bolsa de pele uma nota de banco de mil dólares e pôs fogo nela, enquanto Warwick o observava, fascinado de horror. Gibbons limpou a fuligem dos dedos. — Papel inútil, Duke, desde que esteja em meu poder. Se o deixar entrar em circulação, porém, ele se transformará no meu *IOU*⁴⁹¹, que devo honrar. Espere um instante enquanto anoto esse número de série; eu tomo nota do que queimo, de forma que sei quanto ainda está em circulação. Um bocado, mas sou capaz de dizer a você até o último dólar. Vocês vão honrar os meus *IOU's*? E quanto às dívidas do banco? Quem vai receber? Você? Ou eu?

Warwick ficou desanimado.

— Ernie, simplesmente não sei. Que diabo, homem, o meu ofício é de mecânico.

Mas você ouviu o que eles disseram na reunião.

— É, eu ouvi. As pessoas sempre esperam que o governo faça milagres... mesmo as pessoas que são razoavelmente inteligentes em outros sentidos. Vamos trancar este lixo, e ir até o Waldorf, tomar uma cerveja e discutir o assunto.

"... ou devia ser, Duke, simplesmente um serviço público de contabilidade e sistema de crédito no qual o meio de troca fosse estável. Qualquer coisa mais e você estará trapaceando com a fortuna de outras pessoas, roubando Pedro para pagar a Paulo.

"Duke, fiz o máximo para manter o dólar estável mantendo os preços-chave estáveis... as sementes de trigo em particular. Durante mais de vinte anos o Entrepósito Comercial Top Dollar vem pagando o mesmo preço pelas sementes de trigo de primeira, depois as vende com a mesma marcação... mesmo que eu tenha prejuízo, e algumas vezes tive. A semente de trigo não é um padrão monetário muito bom; ela é perecível. Mas não temos ouro ou urânio ainda, e temos que usar *alguma coisa*.

"Agora olhe, Duke... quando vocês reabrirem como tesouro, banco central do governo ou como quer que o chamem, pode estar certo de haver pressões sobre vocês para fazerem todos os tipos de coisas. Abaixei as taxas de juros. Aumentei o suprimento de dinheiro. Garanti os altos preços do fazendeiro pelo que ele vende, garanti preços baixos para o que ele compra. Irmão, vão dizer a você palavras piores do que dizem a mim, não importa o que você faça."

— Ernie... só há uma solução para isso. Você sabe como... portanto, você tem que assumir o cargo de tesoureiro da comunidade.

Gibbons deu uma gargalhada gostosa.

— Não senhor, garoto. Já tive essa dor de cabeça por mais de vinte anos; agora é a sua vez. Você arranhou o problema; agora fique com ele. Se eu deixá-lo colocar-me novamente como banqueiro, o que vai acontecer é que eles lincharão a nós dois.

Mudanças... Helen Mayberry casou-se com o viúvo Parkinson e foi morar com ele numa casinha nova na fazenda explorada por dois filhos dele; Dora Brandon tornou-se professora do que ainda era chamado de "Escola Primária da sra. Mayberry". Ernest Gibbons, que não era mais banqueiro, agora era sócio oculto do Armazém Geral de Rick, enquanto seus próprios armazéns estavam atulhados de carga para a *Andy J.*, se e quando aparecesse. Em breve, esperava ele, porque o novo imposto de estoque estava roendo o dinheiro que ele havia reservado para comerciar, e a inflação estava roendo o poder aquisitivo desse dinheiro. Melhor se apressar, Zack, antes que sejamos mordiscados até a morte pelos patos!

Por fim a nave apareceu no céu de Novas Origens, e o capitão Zaccur Briggs desceu com a primeira carga da quarta leva — quase todos eles bastante velhos. Gibbons evitou fazer comentários até os sócios estarem a sós:

— Zack, onde arranhou esses cadáveres ambulantes?

— Chame isso de caridade, Ernest. Soa melhor do que o que aconteceu.

— O quê?

— Capitão Sheffield, se você quiser que a nossa nave volte para a Terra dessa vez, terá que levá-la você mesmo. Não eu. Não para lá. Se um homem está com setenta e cinco anos de idade lá agora, torna-se oficialmente morto. Seus herdeiros recebem, ele não pode mais possuir propriedades, seus cartões de racionamento são cancelados... qualquer pessoa pode matá-lo simplesmente por divertimento. Não peguei estes passageiros na Terra; eles estavam refugiados em Luna City, e eu trouxe tantos quantos pude... todos hibernados. Insisti no pagamento em ferragens e produtos farmacêuticos, mas a hibernação permitiu-me manter baixo o preço por cabeça; acho que teremos lucro. Senão, temos investimentos em Secundus; não perdi nosso dinheiro. Acho eu.

— Zack, você se preocupa demais. Ganhar dinheiro, perder dinheiro... quem se importa? A idéia é gozá-lo. Diga-me aonde vamos em seguida, e poderei começar a escolher a carga... tenho o dobro da tonelagem métrica que podemos armazenar. Enquanto você a manda carregar, liquidarei o que não vamos levar e investirei o produto. Isto é, deixá-lo-lei com um Howard. — Gibbons ficou pensativo. — Esta nova situação provavelmente significa que não haverá uma clínica aqui tão cedo.

— Acho que isso é certo, Ernest. Qualquer Howard que precise de rejuvenescimento urgente deve comprar passagem conosco; estamos destinados a atingir Secundus numa etapa ou em seis, não importa aonde formos. Então você está definitivamente vindo junto? Terminaram os seus problemas? O que será daquela garotinha? A efêmera.

Gibbons sorriu.

— Acho que não o deixarei pôr os olhos nela, filho; eu o conheço.

A chegada do capitão Briggs fez Gibbons perder três dias do seu passeio montado habitual com Dora Brandon. No quarto dia, quando Briggs havia voltado para a nave principal por quarenta e oito horas, ele apareceu na escola na hora da saída.

— Tem tempo para um passeio hoje? Ela abriu um sorriso para ele.

— Você sabe que tenho. Meio minuto enquanto mudo de roupa.

Eles saíram da cidade, Gibbons como de hábito montado em Beulah, mas Dora em Betty. Buck estava selado (devido ao seu orgulho), mas a sela estava vazia; ele era montado agora apenas cerimoniosamente, pois estava velho para um mulo.

Eles pararam sobre o alto de uma colina ensolarada bem fora da cidade.

— Por que está tão calada, Dorinha? — perguntou Gibbons. — Buck tem tido mais a dizer do que você.

Ela virou-se na sela e ficou de frente para ele.

— Quantos passeios mais faremos juntos? Este é o último?

- Ora, Dora! É claro que faremos passeios juntos.
- Fico imaginando. Lazarus, eu...
- Como foi que você me chamou?
- Chamei-o pelo seu nome, Lazarus. Ele ficou olhando para ela, pensativo.
- Dora, você não devia conhecer esse nome. Sou o seu tio Gibbie.
- O tio Gibbie se foi, bem como Dorinha. Sou quase da sua altura agora, e já sei há dois anos quem você é. Desconfiei disso antes... desconfiei que você era um dos Matusaléns, quero dizer. Mas não disse nada a ninguém. E jamais direi.
- Não faça disso uma promessa, Dora; não é necessário. É que apenas nunca pretendi preocupá-la com isso. Como foi que me trai? Pensei que tivesse sido muito cuidadoso.
- Se foi. Mas estive com você quase todos os dias desde que posso lembrar-me. Pequenas coisas. Coisas que ninguém notaria se não o visse... *visse* realmente, todos os dias.
- Bem, sim. Mas não esperei ter que manter isso por tanto tempo. Helen sabia?
- Acho que sabia. Nunca falamos disso. Mas acho que ela desconfiou da mesma forma que eu... e ela pode ter desconfiado de que você era um Matusalém...
- Não me chame disso, querida. É como chamar um estrangeiro de "gringo". Sou um membro das Famílias Howard. Um Howard.
- Desculpe. Eu não sabia que o nome importava.
- Bem... não importa, realmente. É apenas uma palavra que me faz lembrar de um tempo há muito passado. Um tempo de perseguição. Desculpe, Dora; você estava me dizendo como soube que o meu nome era Lazarus. Isto é, um dos meus nomes apenas, porque sou Ernest Gibbons da mesma forma, realmente.
- Sim... tio Gibbie. Isso estava num livro. Uma fotografia. Um microlivro que se tem de ler com o olhoscópio na biblioteca da cidade. Vi esta fotografia e passei piscando por ela... depois fiz clique de volta e olhei outra vez. Você não estava usando costeletas na fotografia e seu cabelo era mais comprido... quanto mais eu olhava para ela, porém, mais ela se parecia com o meu tio adotivo. Mas eu não podia ter certeza... e não podia perguntar.
- Por que não, Dora? Eu teria dito a verdade a você.
- Se quisesse que eu soubesse, você teria me contado. Você sempre tem motivos para tudo o que faz, tudo o que diz. Aprendi isso quando era tão pequena que costumávamos montar na mesma sela. Assim, eu não disse nada. Até... bem, até hoje. Por saber que você ia partir.
- Eu disse que ia partir?
- Por favor! Certa vez, quando eu era muito pequena, você me contou uma história de quando era garotinho e ouvia os gansos selvagens grasnando no céu...

como, quando você cresceu, quis descobrir para onde iam. Eu não sabia o que era um ganso selvagem; você teve que me explicar. Sei que você segue os gansos selvagens. Quando você os ouve grasnar, tem que ir embora. Você os esteve ouvindo mentalmente durante três ou quatro anos. Eu sei... porque, quando você os ouve, *eu* os ouço também. E agora a nave está aqui e o barulho está muito alto na sua cabeça. Eu sei.

— Dora, Dora!

— Não, por favor. Não estou tentando retê-lo, na verdade não estou. Mas, antes de você ir, quero muito uma coisa.

— O quê, Dora? Ah, não pretendia dizer-lhe isso ainda, mas estou deixando algumas propriedades para você com John Magee. Devem ser suficientes para...

— Não, não, por favor! Sou uma mulher adulta agora e vivo à minha custa. O que quero não custa nada. — Ela olhou com firmeza nos olhos dele. — Quero um filho seu, Lazarus.

Lazarus Long respirou profundamente, tentando firmar as batidas do seu coração.

— Dora, Dora, minha querida, você é pouco mais que uma criança; é cedo demais para estar falando em ter um filho. Você não quer se casar comigo...

— Não lhe pedi para se casar comigo.

— Eu estava tentando dizer que, dentro de um ano ou dois, ou três, ou quatro, você vai querer se casar. Ai vai ficar satisfeita de não ter tido um filho meu.

— Você me recusa isto?

— Estou dizendo que você não deve deixar uma perturbação emocional devido à minha partida fazer com que tome uma decisão apressada como essa.

Ela sentou-se muito esticada na sela e endireitou os ombros.

— Não é uma decisão apressada, titio. Decidi isso há muito tempo... mesmo antes de desconfiar de que você era um... Howard. Muito antes. Eu disse a tia Helen, e ela disse que eu era uma menina tola e que devia esquecer isso. Mas nunca me esqueci, e se eu era uma menina tola, então, sou muito mais velha agora e sei o que estou fazendo, Lazarus, não estou pedindo mais nada. Podia ser com seringas e essas coisas com a ajuda do dr. Krausmeyer. Ou — novamente ela olhou diretamente para os olhos dele — podia ser da maneira habitual. — Ela baixou os olhos, depois os ergueu outra vez, deu um sorriso rápido e acrescentou: — Mas, de qualquer modo, é melhor ser depressa. Não conheço o programa da nave; mas conheço o meu.

Durante um momento, Gibbons reviu certos fatores mentalmente.

— Dora.

— Sim... Ernest?

— Meu nome não é Ernest, nem Lazarus. Meu nome certo é Woodrow Wilson Smith. Portanto, já que não sou mais tio Gibbie (e você está certa nesse ponto; tio

Gibbie foi-se e nunca voltará), é melhor você me chamar de Woodrow.

— Está bem, Woodrow.

— Você quer saber por que tive que mudar meu nome? — Não, Woodrow.

— É mesmo? Você quer saber a minha idade?

— Não, Woodrow.

— Mas você quer ter um filho meu?

— Quero, Woodrow.

— Quer casar-se comigo?

Os olhos dela se alargaram ligeiramente. Mas ela respondeu imediatamente:

— Não, Woodrow.

Minerva, a essa altura Dora e eu quase tivemos a nossa primeira — e última, e única — briga. Ela era uma criança doce e adorável que havia crescido, tendo se transformado numa jovem de gênio agradável e completamente adorável. Mas era tão teimosa quanto eu — com o tipo de firmeza com que não se pode discutir, porque ela não discutia. Presto a ela a homenagem de acreditar que ela havia pensado nisso tudo, em todos os aspectos, e há muito tempo havia resolvido ter um filho meu se eu permitisse — mas não queria se casar comigo.

Quanto a mim, não pedi a ela para se casar comigo por impulso; apenas pareceu isso. Uma solução supersaturada cristaliza-se quase instantaneamente; esse era o estado em que eu estava. Eu havia perdido o interesse naquela colônia anos antes, assim que ela deixara de apresentar desafios reais; eu estava impaciente para fazer alguma outra coisa. Acreditei estar esperando Zack voltar... mas quando a *Andy J.* orbitou finalmente naquele céu, dois anos atrasada... bem, fiquei sabendo que não era isso o que eu estava esperando.

Quando Dora fez aquele pedido espantoso, eu soube o que estava esperando.

Certamente, tentei dissuadi-la disso — mas eu estava bancando o advogado do diabo. Na verdade, minha mente estava ocupada com o quê e como. Todas as objeções para me casar com uma efêmera ainda permaneciam. Minhas objeções ainda mais fortes a deixar uma mulher grávida... bolas, querida, não gastei nem um nanossegundo nisso.

— Por que não, Dora?

— Eu já lhe disse. Você está partindo. Não o reterei aqui.

— Você não me reterá aqui. Ninguém ainda conseguiu isso, Dora. Mas... sem casamento, nada de filho.

Ela ficou pensativa.

— Qual é o seu objetivo em insistir numa cerimônia de casamento, Woodrow? Para que o seu filho tenha o seu nome? Não desejo ser uma viúva do céu... mas, se isso for preciso, vamos voltar para a cidade e achar o moderador... Porque

isso realmente tem que ser hoje. Se é que os livros estão certos em como calcular isso.

— Mulher, você fala demais. — Ela não respondeu a isto; ele continuou: — Não ligo a mínima a uma cerimônia de casamento... certamente não em Top Dollar.

Ela hesitou, depois disse:

— Posso dizer que não compreendo?

— Hein? Sim, certamente, Dora. Não concordo com um filho. Você vai ter meia dúzia de filhos comigo, ou mais. Provavelmente mais. Talvez uma dúzia. Alguma objeção?

— Sim, Woodrow... quero dizer: não, não tenho objeções. Sim, terei uma dúzia de filhos com você. Ou mais.

— Ter uma dúzia de filhos leva tempo, Dora. Quantas vezes devo aparecer? A cada dois anos, talvez?

— Como quiser, Woodrow. Sempre que você voltar, cada vez que você voltar, terei um filho com você. Mas peço que comecemos o primeiro imediatamente.

— Sua idiotinha louca, creio que você faria mesmo isso dessa maneira.

— "Faria", não... farei. Se você quiser.

— Bem, nós não vamos fazer isso dessa maneira. — Ele estendeu a mão e tomou a dela. — Dora, você irá aonde eu for, fará o que eu fizer, morará onde eu morar?

Ela ficou espantada, mas respondeu firmemente:

— Sim, Woodrow. Se isso for realmente o que você deseja.

— Não exija nenhuma condição. Você fará isso ou não?

— Farei.

— Se isso resultar numa explicação definitiva, você fará o que eu disser? Sem me apresentar mais nenhum argumento teimoso?

— Sim, Woodrow.

— Você terá os meus filhos e será minha mulher até a morte nos separar?

— Sim.

— Tomo-a, Dora, como minha esposa, para amar, proteger e cuidar... e nunca deixá-la... enquanto nós dois vivermos. Não fungue! Em vez disso incline-se e me beije. Estamos casados.

— Eu não estava sequer fungando! Estamos casados realmente?

— Estamos. Ah, você pode ter qualquer cerimônia de casamento que quiser. Mais tarde. Agora, cale-se e me beije.

Ela obedeceu.

Alguns longos momentos mais tarde ele disse:

— Ei, não caia da sua sela! Firme, Betty! Firme, Beulah! Dorável Dora, quem

ensinou você a beijar dessa maneira?

— Você não me chama assim desde que comecei a crescer. Há anos.

— Não a beijo desde que você começou a crescer também. Por bons motivos. Você não respondeu à minha pergunta.

— Essa é uma das coisas que acabei de prometer? Quem quer que me tenha ensinado a beijar, foi antes de eu ser uma mulher casada.

— Hum, você tem razão. Vou conversar sobre isso com a minha equipe legal e mandar que lhe escrevam uma carta. Além disso, esse pode ser um talento de nascença em vez de aprendido. Vou dizer a você o que farei, Dora, evitarei interrogá-la sobre o seu passado pecaminoso... e você deixa o meu em paz. Negócio fechado?

— Sim, realmente... porque tenho um passado cheio de pecados.

— Bobagem, querida, você não teve tempo de ser pecadora. Roubou algumas balas que eu tinha trazido para Buck, talvez? Grande pecado.

— Nunca fiz nada disso! Mas muito pior.

— Ah, claro! Dê-me outro daqueles beijos talentosos de nascença.

Pouco depois ele exclamou:

— Puxa! Não, o primeiro não foi um acaso feliz. Dora, acho que me casei com você bem a tempo.

— Você insistiu em se casar comigo... meu marido. Eu não impus essa condição.

— Concedido. Doçura, você ainda está ansiosa para começar aquele bebê? Agora que você sabe que não vou embora sem você?

— Não mais ansiosa. Impaciente, talvez. Sim, "impaciente" é a palavra certa. Mas não exigente.

— "Impaciente" é uma bela palavra. Eu também. Podia acrescentar também "exigente". Quem sabe? Pode ser que você tenha outros talentos de nascença.

Ela mal sorriu.

— Se não tiver, Woodrow, estou certa de que você pode me ensinar. Estou disposta a aprender. Impaciente para isso.

— Vamos voltar para a cidade. Meu apartamento? Ou a escola?

— Qualquer dos dois, Woodrow. Mas está vendo aquele pequeno bosque? É muito mais perto.

Estava quase escuro quando chegaram perto da cidade; cavalgaram de volta num passo calmo. Quando passaram pela casa dos Markhams na velha fazenda dos Harpers, Woodrow Wilson Smith disse:

— Dorável Dora...

— Sim, meu marido?

— Você quer um casamento público?

— Só se você quiser, Woodrow. Sinto-me perfeitamente casada. Estou casada.

— Certamente que está. Não vai fugir com um homem mais moço?

— Essa é uma pergunta retórica? Não agora, nem nunca.

— Este jovem é um imigrante que pode não descer até a última ou quase a última viagem. Ele é mais ou menos da minha altura, mas tem cabelos pretos e a pele mais escura do que a minha. Não posso dizer exatamente a idade dele, mas ele parece ter metade da idade que eu aparento. Rosto raspado. Seus amigos o chamam de "Bill". Ou "Woodie". O capitão Briggs diz que Bill gosta muito de professorinhas e está ansioso para conhecê-la;

Ela pareceu considerar isso.

— Se eu o beijar com os olhos fechados, acha que o reconhecerei?

— É possível, Dorável. Quase certo. Mas acho que ninguém mais reconhecerá. Espero que não reconheçam.

— Woodrow, não conheço os seus planos. Mas, se reconhecer este "Bill", devo tentar convencê-lo de que sou aquela outra professora? Aquela sobre a qual você estava cantando? Lil Pernalonga?

— Acho que você pode convencê-lo, querida. Está bem, o tio Gibbie voltou, temporariamente. Ernest Gibbons levará três ou quatro dias para terminar o que tem de fazer aqui, depois ele dirá adeus às pessoas... inclusive sua ex-sobrinha, aquela professora solteirona, Dora Brandon. Dois dias mais tarde este Bill Smith descerá com a última, ou quase a última carga da nave. É melhor você fazer as malas e se aprontar para partir então, porque Bill vai passar pela sua escola no dia seguinte, ou no dia depois desse, pouco antes do amanhecer, em direção a Nova Pittsburgh.

— Nova Pittsburgh. Estarei pronta.

— Mas não ficaremos lá mais do que um dia ou dois. Seguiremos em frente... passando por Separação; depois bem por cima do horizonte. Vamos ter que enfrentar Passo Desesperado, querida. Isso a atrai?

— Irei aonde você for.

— Isso a atrai? Você não terá ninguém com quem falar senão eu. Até que faça um e o ensine (ou a ensine) a falar. Nenhum vizinho. Lobos e dragões e sabe Deus o que mais. Mas nenhum vizinho.

— Então o farei e o ajudarei a cultivar... e a fazer bebês. Quando eu tiver três, abrirei a Escola Primária da sra. Smith. Ou devemos chamá-la de Escola Primária de Lil Pernalonga?

— Lil Pernalonga. Para jovens demônios. Meus filhos são sempre endiabrados, Dora. Você dará aulas com um cacete na mão.

— Se necessário, Woodrow. Tenho alguns assim agora, e dois deles pesam mais do que eu. Eu os surro na medida do necessário.

— Dora, não temos que enfrentar o Passo Desesperado. Podemos partir na *Andy J.* e ir para Secundus. Briggs me disse que há mais de vinte milhões de pessoas lá agora. Você pode ter uma bela casa. Encanamentos embutidos. Um jardim florido, em vez de quebrar suas costas me ajudando a instalar uma fazenda. Um bom hospital com médicos verdadeiros quando você tiver bebês. Segurança e conforto.

— "Secundus." É para onde todos os... Howards se mudaram. Não é?

— Cerca de dois terços deles. Alguns estão bem aqui, como eu disse a você. Mas não o admitimos, porque quando se é em menor número não é nem seguro nem confortável ser um Howard. Dora, você não tem que decidir em apenas três ou quatro dias. Aquela nave ficará em órbita aqui pelo tempo que eu quiser. Semanas. Meses. Enquanto eu ordenar que fique.

— Santo Deus! Você pode fazer o capitão Briggs manter uma astronave em órbita? Simplesmente para me dar tempo de resolver?

— Eu não devia tê-la apressado. Mas não é simplesmente o caso de poder fazer isso, Dora... embora não custe muito ficar em órbita. Ah... guardei segredo porque estou desabituatedo a ser um homem casado com uma mulher a quem eu possa confiar segredos; devo parar com isso. Posso sessenta por cento da *Andy J.*, Dora; Zack Briggs é meu sócio mais moço. E meu filho. Seu enteado, você pode dizer.

Ela não respondeu imediatamente. Pouco depois ele perguntou:

— Qual é o problema, Dora? Eu a choquei?

— Não, Woodrow. Estou tendo simplesmente que me habituar a novas idéias. Naturalmente você foi casado antes, você é um Howard. Eu nunca tinha pensado nisso, é tudo. Um filho... filhos. E filhas, também, sem dúvida.

— Sim, certamente. Mas o que eu estava tentando dizer é que planejei mal... devido ao meu próprio egoísmo. Eu a estava apressando quando não há nenhuma necessidade disso. Se ficarmos em Novas Origens, quero que Ernest Gibbons desapareça... isto é, parta na *Andy J.*, porque ele está ficando velho demais; não posso manter isso por muito mais tempo. Portanto, o jovem Bill Smith, que tem uma idade muito mais próxima da sua, vai tomar o lugar dele... o que parece melhor, e ninguém aqui jamais suspeitará de que sou um Howard.

"Já fiz esta tapeação muitas vezes; sei como fazê-la prevalecer. Mas eu estava tentando livrar-me de Ernest Gibbons o mais depressa possível porque ele é o seu velho tio adotivo, com cerca de três vezes a sua idade, e não sonharia em acariciar sua linda bundinha, nem você o encorajaria a isso. Como todos sabem. Mas quero acariciar sua linda bundinha, Dorável."

— E eu quero que você a acaricie. — Ela sofreu o animal; estavam se aproximando do lugar onde as casas eram mais juntas. — E mais. Woodrow, você estava dizendo que não podemos morar juntos logo devido ao que os vizinhos possam pensar. Mas quem me ensinou a não ligar nunca para o que os vizinhos pensam? Foi você.

— É verdade. Embora algumas vezes valha a pena fazer os vizinhos pensarem o que você quer que eles pensem, a fim de influenciar o que fazem e dizem... e esta pode ser a ocasião. Mas eu também tentei ensinar você a ser paciente querida.

— Woodrow, farei exatamente o que você me disser. Mas realmente não tenho paciência com isto. Quero o meu marido na minha cama!

— E eu quero estar lá.

— Então o que importa se as pessoas pensarem que preferi dizer adeus ao meu tio Gibbie na cama? Ou que depois eu vá embora quase imediatamente com um novo colono? Woodrow, você não disse uma palavra sobre isso na ocasião... mas você percebeu que eu não era virgem, estou certa. Você não acha que deve haver outros que saibam disso também? Provavelmente toda a cidade. Nunca me preocupei com isso. Por que iria preocupar-me com o que eles pensam agora?

— Dora.

— Sim, Woodrow.

— Estarei em sua cama todas as noites, isso está resolvido.

— Obrigada, Woodrow.

— O prazer é meu, madame. Ou metade dele, pelo menos; você parece gostar disso também...

— Ah, eu gosto! E você sabe disso. Ou devia saber.

— Assim resolvido, vamos passar a outros assuntos... exceto para dizer que se eu a encontrasse virgem... grande como você é, velha como você é, isso me teria preocupado um pouco, e eu poderia ter achado que Helen não tinha sido a influência salutar que julguei que fosse. Que ela foi realmente, bendito o seu coração! A questão de fingir ser o querido velho tio Gibbie que nunca tocaria na Dorinha foi puramente para proteger sua reputação; já que isso não a preocupa, vamos esquecer. O que comecei a dizer é que você pode levar o tempo que quiser para decidir se quer ser colonizadora aqui ou ir para Secundus. Dora, Secundus tem mais do que encanamentos embutidos; tem uma Clínica de Rejuvenescimento.

— Ah! Você precisa ficar perto de uma, Woodrow?

— Não, não! Para você, querida. Ela demorou muito a responder.

— Isso não faria de mim uma Howard.

— Bem, não. Mas ajuda. As terapias de rejuvenescimento não fazem os Howards durarem para sempre, também. Algumas pessoas aproveitam bastante com elas; outras não. Talvez algum dia saibamos mais... mas agora, na média, as técnicas de rejuvenescimento parecem dobrar a expectativa de vida de uma pessoa, quer seja uma Howard... quer não seja uma Howard. Ah, você sabe *alguma coisa* sobre quanto tempo os seus avós viveram?

— Como poderia, Woodrow? Mal me lembro de que certa vez tive pais. Nem sequer sei o nome dos meus avós.

— Podemos descobrir isso. A nave tem registros de todos os imigrantes que nela viajaram. Vou dizer a Zack, o capitão Briggs, para verificar os registros dos seus pais. Depois, com o tempo, porque isso vai levar tempo, posso mandar investigar sua família na Terra. Depois...

— Não, Woodrow.

— Por que não, querida?

— Não preciso saber, não quero saber. Há muito tempo, três ou quatro anos, pelo menos, pouco depois de eu ter desconfiado de que você era um Howard, imaginei também que os Howards não viviam realmente muito mais do que nós, os comuns.

— Então?

— Sim. Nós todos temos o passado, o presente e o futuro. O passado é apenas memória, e não posso lembrar-me de quando comecei, não posso lembrar-me de quando eu *não existia*. Você pode?

— Não.

— Então somos iguais nisso. Suponho que suas lembranças sejam mais ricas; você é mais velho do que eu. Mas isso *passou*. O futuro? Não aconteceu ainda, e ninguém sabe. Você pode sobreviver a mim... ou eu posso sobreviver a você. Não podemos saber isso, e eu não quero saber. O que ambos temos é o agora... e temos isso juntos, o que me torna totalmente feliz. Vamos pôr estas mulas para dormir e gozar um pouco *agora*.

— Está bem. — Ele sorriu para ela. — EF ou FF?

— Os dois!

— Aí, Dora! Qualquer coisa que valha a pena fazer vale ^a pena exagerar.

— E fazer outra vez. Mas espere um momento, querido. Você me disse que o capitão Briggs é seu filho, e em conseqüência meu enteado. Suponho que seja, mas não posso realmente pensar nele como tal. Mas (e você não precisa responder a isto) concordamos em não interrogar um ao outro sobre o nosso passado...

— Vá em frente e pergunte. Se me convier, responderei.

— Bem... não posso evitar ser curiosa sobre a mãe do capitão Briggs. Sua ex-esposa.

— Phyllis? Phyllis Briggs-Sperling é o seu nome todo. O que deseja saber sobre ela, querida? Muito boa moça. O depoente não disse mais nada. Nenhuma comparação desagradável.

— Acho que estou sendo abelhuda.

— Talvez esteja. Não que me importe, e isso não pode magoar Phyllis. Querida, isso foi dois séculos atrás; esqueça.

— Ah! Ela está morta?

— Que eu saiba, não. Zack deve saber; ele esteve em Secundus recentemente. Acho que ele me teria dito. Mas não tenho estado em contato com ela desde que se divorciou de mim.

— Divorciar-se de você? Uma mulher de mau gosto!

— Dora, Dora! Phyllis não é uma mulher de mau gosto; é uma ótima moça. Jantei com ela e o marido da última vez em que estive em Secundus. Zack e eu jantamos, quero dizer... ela e o marido se deram ao trabalho de reunir meus outros filhos com ela, os que estavam no planeta, e alguns outros parentes meus, e fizeram uma festa de família para mim. Amabilidade dela. A propósito, ela é professora também.

— É?

— É. Professora Libby de matemática, Universidade Howard, Nova Roma, Secundus. Se formos lá, poderemos visitá-la, e você decidirá por si mesma que tipo de pessoa ela é.

Dora não respondeu. Apertou os joelhos em Betty e seguiu pela rua abaixo; Beulah emparelhou com ela sem ninguém mandar.

— Hor... de jantr! — disse Buck bastante enfaticamente, e saiu trotando em frente.

— Lazarus...

— Cuidado com esse nome, querida.

— Ninguém pode me ouvir. Lazarus, a menos que você insista... não quero morar em Secundus.

Variações Sobre um Tema XII

A História da Filha Adotiva (continuação)

Separação estava muito atrás. Durante três semanas a pequena coluna — duas carroças engatadas, doze mulas puxando, quatro correndo soltas — havia-se arrastado em direção à serra da Muralha. Já fazia mais de duas semanas que tinham visto a última casa. Estavam nas altas pradarias agora, e por vários dias a fenda do passo Desesperado estava à vista.

Além das dezesseis mulas, o pequeno grupo incluía uma cadela pastor alemão e um cachorro mais novo; duas gatas e um gato; uma cabra leiteira nova com dois filhos e um bode novo; dois gaios e seis galinhas da raça resistente da sra. Awkins; uma leitoa recém-nascida e Dora e Woodrow Smith.

O exame da leitoa, em Nova Pittsburgh, acusava gravidez, antes de Smith pagá-la, exame feito pelo próprio Smith — e o exame da sra. Smith acusara gravidez também, enquanto ainda estava em Top Dollar e antes de Smith liberar a astronave *Andy J.* para deixar a órbita, porque (Smith não achara necessário dizer isso à sua mulher), se Dora não estivesse grávida, a nave teria esperado enquanto eles tentavam outra vez — depois, se o exame ainda fosse negativo, ele teria mudado os planos e a teria levado para Secundus, para descobrir lá por quê e, se possível, corrigir isso.

Na opinião de Smith como pioneiro profissional, era não ^{So} despropositado como desastrosamente temerário tentar a colonização com um casal só, fora do alcance de outras pessoas, com uma mulher estéril — ou um casal em que um deles era estéril, corrigiu ele mentalmente, porque sua própria fertilidade não tinha sido testada completamente durante cinquenta e tantos anos. Enquanto estava nisso, ele havia examinado os registros físicos dos pais de Dora nos arquivos mal-conservados de Krausmeyer, não encontrando nada que o preocupasse — e isso o havia preocupado realmente, porque não teria sido capaz de enfrentar mesmo algo tão simples como um fator Rh incompatível a uma longa distância de qualquer parte.

Mas, dentro dos limitados recursos médicos da colônia e da nave, o painel estava todo verde, e parecia-lhe provável que Dora houvesse engravidado cerca de vinte minutos após seu casamento informal em lombo de mula.

Passou-lhe pela mente o pensamento de que Dora podia já estar grávida antes — mas o pensamento foi simplesmente uma fantasia divertida que não o aborreceu absolutamente. Smith estava certo de que o cuco tinha entrado em seu ninho mais de uma vez durante os séculos; tinha sido especialmente cuidadoso em ser um pai amoroso para com esses filhos e ficara de boca calada. Ele costumava deixar as mulheres contarem todas as mentiras necessárias, e nunca as embaraçava com isso. Mas acreditava também que Dora fosse incapaz deste tipo de mentira. Se Dora estivesse grávida e soubesse disso, podia ter pedido licença para dizer adeus a ele deitada de costas — mas teria pedido exatamente isso. Não um filho.

Não importava — se a sua querida tivesse cometido um engano antes e não soubesse disso, ele tinha certeza de que ela, apesar disso, teria um bebê superior. Ela própria era claramente de uma linhagem superior — ele gostaria de ter conhecido os Brandons; eles deviam ter sido discriminatórios — e a filha deles era, como Helen dissera certa vez, "exigente". Dora não teria ido para a cama com um idiota porque, sendo ela o que era, não acharia isso divertido. Smith tinha certeza de que seria necessário o estupro para pôr uma criança inferior em Dora — e o estuprador poderia cantar de soprano o resto da sua vida; seu tio Gibbie havia ensinado a ela alguns truques sujos.

A lei toa grávida era o "calendário" de Smith. Se eles não chegassem a alcançar um lugar adequado para se estabelecerem na ocasião em que a leitoa parisse, então voltariam naquele mesmo dia — nenhuma hesitação, nenhum arrependimento —, porque isso lhes deixaria apenas metade da gravidez de Dora para permitir-lhe voltar para Separação e a companhia de outras pessoas.

A leitoa viajava na traseira da segunda carroça, com uma corda para impedi-la de cair. Os cachorros trotavam embaixo das carroças ou distribuíam-se pelos lados, alertando quanto à presença de lobos ou outros riscos. Os gatos faziam o que queriam, como fazem os gatos, caminhando ou indo nas carroças segundo sua preferência. A cabra e os bodes ficavam perto do par de rodas; os dois filhos eram grandes o bastante para irem colados à carroça a maior parte do tempo, mas tinham o privilégio de subir nela quando se cansavam — um alto mé-é-é da cabra fazia com que Smith se abaixasse e suspendesse o bebê cansado para Dora. As galinhas reclamavam numa gaiola dupla em cima do chiqueiro da leitoa. As mulas, correndo livremente, não tinham nenhum dever senão ficar de olho nos lobos, mas Buck era em todas as ocasiões o grande marechal da parada, escolhendo o passo, comandando as outras mulas, cumprindo as ordens de Smith. As mulas em liberdade se revezavam como animais de tração; somente Buck nunca era atrelado. Betty e Beulah ficaram com seus sentimentos feridos por terem que aceitar os arreios; elas pertenciam à nobreza da sela, e sabiam disso. Mas Buck usara palavras ásperas com elas e coices e mordidas mais ásperas ainda; elas haviam calado a boca e puxado.

Não foi preciso guiar realmente; só foram usadas duas rédeas, uma para cada animal da parelha guia; iam deles para trás através das argolas dos arreios das mulas seguintes até o banco da carroça da frente, onde ficavam presas frouxamente em vez de seguras na mão. Embora os machos fossem todos ganhões, estes mulos faziam tudo o que Buck ordenava. Smith havia parado em Separação e perdido a maior parte do dia para trocar um animal forte, com bons ombros, por um reprodutor mais moço e mais leve, porque o mulo maior não estava querendo aceitar o domínio de Buck. Buck estava pronto para resolver isso com luta, mas Smith não deixou o velho mulo se arriscar; ele precisava do cérebro e dos conselhos de Buck, e não arriscaria deixar que o ânimo de Buck fosse abatido perdendo para um ganhão mais moço — ou correr o risco de Buck ferir-se.

Num problema sério mais rédeas não ajudariam. Se as mulas entrassem em pânico e corressem — o que era pouco provável, mas possível —, dois seres humanos não poderiam segurá-las, mesmo com um punhado duplo de rédeas. Smith estava pronto a soltar sua parelha guia a qualquer momento depois esperar que não muitas mulas quebrassem as pernas tropeçando sobre os cadáveres e rezar para que as carroças não virassem.

Smith queria chegar ao seu destino com todo o seu gado; esperava chegar lá com cerca de oitenta por cento inclusive um casal de cada espécie — mas se chegassem com bastante animais de tração para puxar as carroças (incluindo pelo menos um casal), mais um par de cabras, podia considerar isso uma vitória condicional e se estabeleceriam, para viver ou para morrer.

A quantidade "suficiente" de mulas era uma variável. Perto do fim da viagem precisariam somente de umas quatro — depois teriam que voltar e pegar a segunda carroça. Mas, se o número de mulas caísse abaixo de doze antes de conquistarem o Passo Desesperado... teriam que voltar.

Voltar imediatamente. Abandonar uma ou as duas carroças, alijar o que não pudessem salvar, abater qualquer animal que não pudesse andar sem ajuda, viajar ligeiro com qualquer mula extra caminhando ao lado, como despensas ambulantes.

Se Woodrow Wilson Smith voltasse a pé e mancando para Separação com sua mulher na montaria — tendo abortado mas ainda viva —, isso ainda não seria uma derrota. Ele tinha suas mãos, seu cérebro, e o mais forte dos incentivos humanos: uma esposa para cuidar e proteger. Em alguns anos eles poderiam tentar Passo Desesperado outra vez — e não cometer os enganos cometidos da primeira vez.

Enquanto isso, ele era feliz, com toda a riqueza que qualquer homem poderia desejar.

Smith inclinou-se para fora do banco da carroça.

— Ei, Buck! Hora do jantar.

— Horr jtarr — repetiu Buck Depois gritou: — Horr jtarr! Circl d noit! Circl d noit! — A parelha guia virou para a esquerda, fazendo a coluna descrever um círculo.

— O sol ainda está alto — disse Dora.

— Está — concordou o marido —, e é por isso. O sol está alto, faz muito calor, as mulas estão cansadas, suadas, com fome e com sede. Quero que elas pastem. Amanhã acordaremos antes de o sol nascer, estaremos em marcha à primeira luz... para fazer tantos quilômetros quanto possível antes de o calor ficar infernal. Depois, outra parada cedo.

— Eu não estava discutindo, querido; simplesmente queria saber por quê. Estou percebendo que ser professora não pie ensinou tudo quanto preciso saber para ser uma esposa pioneira.

— Eu compreendi; foi por isso que expliquei, Dora, pergunte-me sempre que eu fizer alguma coisa que você não compreenda; você tem que saber... porque, se me acontecer alguma coisa, competirá a você guiar a caravana. Guarde suas perguntas até mais tarde se eu parecer estar com pressa.

— Tentarei, Woodrow... *estou* tentando. Eu mesma não estou com sede; aqueles pobres queridos devem estar sentindo uma sede terrível. Se você não precisar de mim, vou dar-lhes água enquanto você desatrela.

— Não, Dora.

— Mas... Desculpe.

— Que diabo, eu disse para sempre perguntar por quê. Mas eu ia explicar. Primeiro deixamos que elas pastem por uma hora. Isso as refrescará um pouco apesar do sol e, estando com sede, procurarão o capim verde e curto embaixo desse outro alto e seco. Elas conseguirão, com isso, um pouco de umidade. Enquanto isso, vou medir os barris de água... mas sei que vamos ter que racioná-la. Devíamos ter começado ontem. Dorável, está vendo aquela faixa verde-escura lá no alto, abaixo do passo? Acho que há água lá, mesmo que não tenha chovido... e reze muito para que haja, porque não espero encontrar água entre aqui e lá. Pode ser que fiquemos absolutamente sem água no último dia. Uma mula não demora muito a morrer sem água, e um homem, não muito mais.

— Woodrow... estamos tão mal assim?

— Estamos, querida. É por isso que tenho estudado os fotomapas. Os mais claros que Andy e eu fizemos há muito tempo, observamos quando este planeta... mas no começo da primavera deste hemisfério. As fotografias que Zack tirou para mim não valem grande coisa; a *Andy J.* não está equipada como nave de levantamento. Assim sendo, tomei este caminho porque ele parecia mais rápido. Mas todos os rios que atravessamos nos últimos dez dias estavam secos como ossos. O engano foi meu e pode ser o último.

— *Woodrow!* Não fale assim.

— Desculpe, querida. Mas sempre há um último engano. Farei o diabo para que este *não* seja o meu último engano... porque isso não deve acontecer com você. Estou simplesmente tentando alertá-la quanto ao cuidado que devemos ter em relação à água.

— Você já me alertou. Terei o maior cuidado com a limpeza e assim por diante.

— Ainda não me tornei claro. Não se lavará *absolutamente* nada... nem o rosto, nem mesmo as mãos. Panelas e coisas parecidas você esfregará com terra e capim e porá ao sol na esperança de que se esterilizem. A água é só para beber. As mulas vão entrar em meia ração de água imediatamente, e quanto a você e a mim, em vez do litro e meio de líquido que um ser humano deve tomar por dia, cada um de nós tentará arranjar-se com meio litro. Ah, a sra. Costeletas receberá uma ração inteira de água; ela tem que fabricar leite para os filhos. Se as coisas ficarem muito duras, mataremos os filhos e a deixaremos secar.

— Ah, querido!

— Pode ser que não seja preciso. Mas, Dora, não estamos nem perto dos últimos recursos. Se o caminho ficar muito ruim, mataremos uma mula e beberemos o seu sangue.

— *O quê?* Ora, elas são nossas amigas!

— Dora, ouça o seu velho. Prometo-lhe que nunca mataremos Buck, Beulah ou Betty. Se for preciso, será uma mula que compramos em Nova Pittsburgh. Mas se algum dos nossos três velhos amigos morrer... nós o comeremos.

— Acho que não poderia.

— Você vai comer quando tiver bastante fome. Se você pensar no bebê dentro de você, comerá sem hesitação e abençoará sua amiga morta por ajudá-la a manter seu bebê vivo. Não fale sobre o que você não poderá fazer quando as coisas estiverem ruins, querida... porque você a fará. Helen lhe contou histórias sobre o primeiro inverno aqui?

— Não. Ela disse que eu não precisava saber.

— É possível que ela estivesse enganada. Vou contar-lhe uma das menos horríveis. Nós colocamos... eu coloquei uma guarda de ronda sobre os grãos com ordens de atirar para matar. E um guarda atirou. Uma corte marcial sumária absolveu o guarda; o homem que ele matou estava claramente roubando grãos... seu cadáver tinha grãos meio mastigados na boca. A propósito, não era o marido de Helen; ele morreu como um cavalheiro... subnutrição e uma certa febre que nunca identifiquei. — Smith acrescentou: — Buck fechou o círculo. Mãos à obra. — Ele saltou e estendeu a mão para ajudá-la. — E sorria, garota, sorria... este espetáculo esta sendo transmitido para a Terra a fim de mostrar àquelas pobres pessoas apinhadas como é fácil ocupar um novo planeta ... cortesia dos Deliciosos Desodorantes DuBarry, dos quais preciso de um balde cheio.

Ela sorriu.

— Estou fedendo mais do que você, meu amor.

— Assim é melhor, querida; vamos conseguir. Apenas o primeiro passo é que é difícil. Ah, sim! Nada de fogo para cozinhar.

— Na de f... Sim, senhor.

— Nenhum até sairmos deste material seco. Não acenda luz por qualquer motivo... mesmo que você tenha deixado cair seus rubis e não possa encontrá-los.

— "Rubis..." Woodrow, foi maravilhoso de sua parte me dar rubis. Mas agora eu os trocaria por outro barril de água.

— Não, não trocaria, querida, porque os rubis não pesam nada e peguei todos os barris que as mulas podiam puxar. Fiquei encantado por Zack ter trazido esses rubis e eu poder dá-los a você. Uma noiva deve ser tratada com carinho. Vamos cuidar destas mulas cansadas.

Após soltarem as mulas, Dora tentou imaginar o que podia dar para o marido

comer sem usar fogo, enquanto Smith estava ocupado na cerca. A cerca não era grande coisa, mas como tinha apenas duas carroças, não podiam formar um círculo defensivo adequado; o melhor que podiam fazer era colocar as carroças em ângulo até onde o eixo dianteiro da segunda carroça permitisse, depois contornar o bivaque com uma cerca improvisada — estacas de madeira terminando em pontas, cada uma com dois metros de comprimento, presas e espaçadas pelo que passava por corda em Nova Pittsburgh. O resultado, quando preso pelos lados pelas carroças e escorado no chão ao longo da hipotenusa, constituía uma cerca alta, pontiaguda e perigosa. Ela não deteria um dragão, mas aquela não era uma região de dragões. Os lobos não gostavam dela.

Smith não gostava muito dela tampouco, mas tinha sido feita em Novas Origens com materiais nativos, podia ser consertada por um homem que fosse jeitoso, não pesava muito, podia ser abandonada sem grande perda — e não continha nenhum metal. Smith só conseguira comprar em Nova Pittsburgh duas carroças robustas, em forma de barco, do tipo Conestoga, oferecendo como parte do pagamento ferragens completas para outras duas carroças — ferragens importadas através dos anos-luz na *Andy J.* Nova Pittsburgh era muito mais Nova" do que "Pittsburgh"; havia minério de ferro lá e carvão, mas sua indústria de metais ainda era primitiva.

As galinhas, a leitoa, as cabras e até os seres humanos eram tentações saborosas para os lobos selvagens; no entanto, com as cabras e os filhos enxotados para dentro do curral, dois cães de guarda atentos e dezesseis mulas pastando por todos os lados, Smith sentia-se razoavelmente seguro à noite. Na verdade, um lobo podia pegar uma mula, mas era muito mais provável que a mula pegasse o lobo — especialmente porque as outras mulas se aproximariam e ajudariam a pisotear o carnívoro. Estas mulas não fugiam de um lobo; elas o atacavam. Smith achou que, com o tempo, as mulas poderiam limpar a praga até melhor do que os homens, torná-los tão escassos como eram os leões da montanha em sua mocidade.

Um lobo pisoteado por mula era prontamente convertido em bife de lobo, cozido de lobo, charque de lobo — alimentos para cães e gatos, e a leitoa gostava das sobras — tudo sem perda para as mulas. Smith não gostava muito de lobo de qualquer forma; a carne tinha um sabor muito forte para o seu paladar — mas era melhor do que nada, e assim ele evitava que usassem demais a comida que tinham trazido consigo. Dora não partilhava da aversão do marido pela carne de lobo; nascida lá e tendo-a comido de vez em quando desde a mais tenra infância, parecia-lhe um alimento normal.

Mas Smith desejava ter tempo para caçar um dos herbívoros que eram a presa natural do lobo — com seis pernas como o lobo mas, quanto ao resto, parecendo um ocapí deformado — sua carne era muito mais macia. Eram chamados "cabras da pradaria", o que não eram, mas a taxonomia sistemática da fauna e da flora de Novas Origens não havia ido longe; não tinha havido tempo ainda para esses luxos intelectuais. Smith havia alvejado uma cabra da pradaria do banco da carroça uma semana antes (agora apenas uma lembrança, agridoce,

de carne tenra e saborosa). Smith não achava justificável tirar um dia de folga para caçar até haverem conquistado Passo Desesperado. Mas continuava esperando outro tiro oportuno.

Talvez agora...

— Fritz! Lady Macbeth! Aqui! — Os cães pararam de trotar e esperaram. — Sentinela, alerta! Lobo! Cabra da pradaria! *Subam!* — Os cães subiram imediatamente para o ponto mais alto da carroça da frente, conseguindo isso em dois saltos, escalando desordenadamente o degrau, o banco e a cobertura curva. Lá dividiram o serviço, de um lado e de outro — e lá ficariam até que os mandassem descer. Smith havia pago um preço elevado pelo par, mas sabia que eram bons cães; havia escolhido seus ancestrais na Terra e trouxera-os na primeira leva. Smith não era um homem "dado a cachorros" em qualquer sentido fanático; acreditava simplesmente que uma sociedade que havia durado tanto tempo na Terra serviria ao homem igualmente bem nos planetas estranhos.

Dora ficou sisuda com as palavras do marido; mas, uma vez ocupada no trabalho, animou-se. Pouco depois, enquanto tentava planejar um cardápio com o pouco que tinha e sem fogo para cozinhar, deparou com algo que a perturbou — o que foi bom para ela, porque afastou seus pensamentos incômodos. Além disso, ela não acreditava realmente que seu marido pudesse falhar em coisa alguma.

Ela deu a volta pela traseira da segunda carroça e atravessou o pequeno curral até onde o marido estava se certificando de que a cerca estava firme.

— Ah, esse galinho detestável! Woodrow olhou em volta.

— Querida, você fica bonita só de touca.

— Não apenas de touca. Estou usando botas também. Você não quer ouvir o que aquele galinho horrível fez?

— Prefiro discutir a sua aparência. Você está adorável. Contudo, não estou satisfeito com a maneira como está vestida.

— O quê? Mas está tão quente, querido! Já que não posso tomar banho, achei que um banho de ar me faria cheirar melhor.

— Para mim você cheira bem. Mas o banho de ar é uma boa idéia; vou me despir também. Seu revólver, querida... onde está o seu cinto com a faca e o revólver? — Ele começou a despir o macacão.

— Você quer que eu ponha meu cinto com o revólver *agora*? Dentro da cerca? Com você aqui para me proteger?

— Como autodisciplina e medida de precaução, minha querida. — Afivelou seu cinto, com a faca e o revólver no lugar, ao despir o macacão, depois tirou as botas e a camisa e ficou nu, exceto pelo cinto e outras três armas que não apareciam quando estava vestido. — Por mais tempo do que gosto de pensar nunca estive desarmado, a não ser quando trancado num cofre em alguma parte. Quero que você adquira esse hábito. Não apenas às vezes. Sempre.

— Está bem. Deixei meu cinto na carroça; vou apanhá-lo. Mas, Woodrow, não sou uma lutadora muito boa.

— Você atira com bastante precisão com esse fuzil de agulha até cinquenta metros. E vai melhorar cada vez mais quanto mais tempo viver comigo. Não só com ele mas com qualquer coisa que atire, corte, queime ou produza até contusões horríveis, desde suas mãos apenas até um explosivo. Está vendo ali, Dorável? — Ele apontou simplesmente para a planície. — Dentro de exatamente sete segundos uma horda de selvagens cabeludos vai surgir e ocupar a crista daquela elevação e atacará. Eu receberei uma lança na coxa e cairei... aí você terá que lutar com eles por nós dois. O que é que você vai fazer, pobre garotinha, com seu revólver lá longe em cima do banco daquela carroça?

— Ora! — Ela afastou os pés, pôs as mãos atrás da cabeça e deu uma rebolada que foi inventada no Jardim do Éden, ou talvez logo do lado de fora. — Avançarei *assim* contra eles!

— Sim — concordou Lazarus, pensativo —, isso deveria funcionar. Se eles fossem humanos. Mas não são. O único interesse deles em moças altas, bonitas e de olhos castanhos é *comê-las*. Com osso e tudo. Bobagem deles, mas eles são assim.

— Sim, querido — disse ela documente. — Vou colocar o meu cinto com o revólver. Depois matarei o que atirou a lança em você. Em seguida verei quantos mais posso pegar antes de eles me comerem.

— Está certo, durável Dorável, leve sempre uma guarda de honra com você. Se tiver que morrer, morra lutando. O tamanho da sua guarda de honra determina o seu *status* no inferno.

— Sim, querido. Estou certa de gostar do inferno se você também estiver lá. — Ela virou-se para buscar sua arma.

— Ah, estarei lá! Eles não me levariam para nenhum outro lugar. Dora! Quando você colocar o cinto com o revólver, tire a touca e as botas... e ponha os seus rubis, todos eles.

Ela fez uma pausa com um pé no degrau da carroça.

— Meus rubis, querido? Aqui, na pradaria?

— Lil Pernalonga, comprei esses rubis para você usar e para eu admirá-la com eles.

Ela abriu-se num sorriso que transformou sua expressão normalmente séria em luz solar, subiu na carroça e desapareceu lá dentro. Voltou rapidamente, usando o cinto com as armas e os rubis, mas levava alguns segundos para pentear os cabelos, compridos, castanhos e brilhantes. Nem se notava que ela não tinha podido tomar banho por mais de duas semanas; isso não diminuía em nada sua beleza jovem e encantadora. Ela fez uma pausa sobre o degrau e sorriu para ele.

— Espere! — disse ele. — Perfeito! Dora, você é a coisa mais bonita que já vi em todos os meus dias desde que nasci.

Ela abriu outro sorriso para ele.

— Não acredito, meu marido... mas espero que você continue dizendo isso.

— Madame, não posso dizer uma mentira. Digo isso apenas porque é a simples verdade. Agora, o que é que você estava dizendo sobre o galinho?

— Ah! Aquele monstinho pervertido! Eu disse que ele estava quebrando os ovos de propósito! Desta vez eu o peguei. Dando bicadas neles. Dois ovos recém-postos quebrados.

— Prerrogativa real, querida. Com medo de que um* deles chocasse um galo.

— Vou torcer o pescoço dele! Se tivéssemos uma fogueira, eu faria isso agora mesmo. Querido, eu estava tentando ver o que podíamos comer frio, sem abrir nada que já não estivesse aberto, e ocorreu-me que bolachas salgadas esmigalhadas dentro de ovos crus dariam quase uma refeição. Mas havia apenas três ovos hoje e ele quebrou os dois postos por suas galinhas. Eu pus bastante capim nas duas gaiolas e o único ovo do outro lado nem estava rachado. Maldito seja! Woodrow, por que temos que ter dois gaios?

— Pelo mesmo motivo pelo qual ando com duas facas de atirar. Querida, depois de chegarmos e chocarmos nossos primeiros pintos, uma vez estejam eles suficientemente grandes para eu ter certeza que contamos com um galo de reserva, poderemos comer galo com bolinhos de massa, e ele será nosso convidado de honra. Não antes.

— Mas não podemos deixá-lo partir os ovos. Para o jantar, esta noite, temos queijo e bolacha dura... a menos que você queira que eu abra alguma coisa.

— Não vamos nos precipitar. Fritz e Lady Mac estão tentando localizar caça neste momento. Cabra da pradaria, espero. Ou então, lobo.

— Mas não posso cozinhar carne. Você disse.

— Crua, minha querida. Pernil de cabra da pradaria, cortado fino e salpicado com bolachas duras. Bife Tártaro à la Novas Origens. Saboroso. Quase tão bom como uma garota. — Ele estalou os lábios.

— Bem... se você pode comer isso, eu também posso. Mas metade do tempo, Woodrow, não sei se você está brincando ou não.

— Nunca brinco a respeito de comida e mulheres, Dorável; esses assuntos são sagrados. — Ele mirou-a de alto a baixo outra vez. — Por falar em mulheres, mulher, você vestida de rubis fica bem. Mas por que um bracelete em volta do tornozelo?

— Porque o senhor me deu três braceletes, cavalheiro. [^]em como anéis e um pingente. E pediu que eu usasse "todos eles".

— Disse, realmente. De onde veio este?

— Ei! Isto não é um rubi; sou *eu*!

— Parece um rubi. Aqui está outro exatamente igual.

— Ai! Talvez seja melhor eu tirar os meus rubis. Assim não os perderemos. Ou

devo dar água às mulas primeiro?

— Você quer dizer antes de comermos?

— Ah... sim, acho que é isso o que quero dizer. Provocador!

— Você não está falando muito claramente, Dorinha. Diga ao tio Gibbie o que você quer.

— Não sou Dorinha. Sou Lil Pernalonga, a garota mais depravada ao sul de Separação... você mesmo disse isso. Eu praguejo, xingo e cuspo por entre os dentes e sou concubina de Lazarus Long, Supergaranhão das Estrelas e melhor do que seis homens... e você sabe perfeitamente bem o que quero. Se beliscar o bico dos meus seios outra vez, é provável que eu o derrube no chão e me sirva, Mas acho que devemos dar água às mulas.

Minerva, era simplesmente ótimo ter Dora por perto, sempre. Não era por sua beleza física... que não era assim tão fora do comum pelos critérios habituais — embora ela fosse totalmente linda para mim. Nem era por seu interesse entusiástico em partilhar Eros — embora ela fosse realmente entusiasmada, estivesse pronta a qualquer momento, e sempre com o estopim curto. Era hábil naquilo, e ficou mais ainda. O sexo é uma arte que se aprende, assim como patinação no gelo, caminhar no arame ou saltos ornamentais; não é instinto. Ah, dois animais se unem por instinto, mas é preciso inteligência e uma disposição paciente para transformar a cópula numa arte elevada e intensa. Dora era boa nisso e ficava cada vez melhor; estava sempre ansiosa para aprender, livre de fetiches ou preconceitos tolos, desejando pacientemente praticar qualquer coisa que tivesse aprendido ou lhe tivessem ensinado — e isso com aquela qualidade espiritual que transforma um exercício laborioso num sacramento vivo.

Mas, Minerva, o amor é o que ainda existe quando a gente não está excitado.

Dora era boa companhia a qualquer momento; porém, quanto mais duras ficavam as coisas, melhor companhia ela era. Ah, ela se aborrecia com os ovos quebrados porque as galinhas estavam sob sua responsabilidade; ela não reclamava por estar com sede. Em vez de ficar me chateando para fazer alguma coisa com aquele galo, ela imaginou o que devia ser feito e o fez — empurrou todas as galinhas para dentro com o outro galo, amarrou os pés do quebrador de ovos e colocou-o de lado, enquanto fazia a separação entre as gaiolas; depois o galo menor ficou confinado na solitária e não perdemos mais nenhum ovo.

Mas as situações verdadeiramente duras ainda estavam por vir; ela não se aborreceu absolutamente com isso e jamais se mostrou teimosa quando eu não tinha tempo para explicar as coisas. Minerva, grande parte da viagem foi uma morte lenta, outras partes eram constituídas de perigos súbitos que podiam ter significado uma morte rápida. Ela teve uma paciência sem fim na primeira parte e sempre manteve a cabeça fria e ajudou nas últimas. Querida, você é terrivelmente instruída — mas você é uma moça da cidade e sempre estive num planeta civilizado; talvez seja melhor eu explicar algumas coisas.

Talvez você estivesse perguntando a si mesma: "Esta viagem é necessária? E, se é, por que fazê-la da maneira mais difícil?"

"Necessária..." Tendo feito uma coisa que um Howard nunca devia fazer, ou seja, casar com uma efêmera, eu tinha três alternativas:

Levá-la para morar entre os Howards. Dora recusou isso... apesar de que eu tentaria convencê-la do contrário se ela tivesse dito "sim". Uma vida-curta sozinha numa comunidade de vidas-longas quase certamente entrará em depressão suicida; eu tinha visto isso, primeiro no meu amigo Slayton Ford, e vi muitas vezes desde então. Eu não queria que isso acontecesse a Dora. Quer o número de anos que lhe cabiam fosse dez ou mil, eu queria que ela os gozasse.

Podíamos também ficar em Top Dollar ou — o que era a mesma coisa — perto de uma das aldeias daquele pequeno pedaço do planeta que estava colonizado então. Eu quase preferi isto, porque o artifício do "Bill Smith" ajudaria — por algum tempo.

Mas apenas por um curto tempo. Os poucos Howards de Novas Origens — os Magees e três outras famílias, pelo que me lembro — haviam todos chegado incógnitos — "mascarados", no jargão dos Howards — e por artifícios simples puderam confundir as coisas por ali sem nunca serem apanhados. Vovó Magee pôde "morrer", depois aparecer como "Deborah Simpson", em outra fazenda Howard. Quanto mais pessoas houvesse no planeta, mais fácil seria fazer isto — especialmente após a chegada da quarta leva, todos com carga hibernada e, portanto, não tendo travado relações uns com os outros.

Mas Bill Smith era casado com uma efêmera. Se eu ficasse perto das partes colonizadas, teria que ter muito cuidado para manter meus cabelos tingidos — não só na minha cabeça, mas por todo o corpo, para que algum incidente não me traísse — e depois ter cuidado para "envelhecer" tão depressa quanto minha mulher. Pior, teria que evitar as pessoas que haviam conhecido bem Ernest Gibbons — isso é o mesmo que dizer a maior parte de Top Dollar —, ou alguém veria o meu perfil, ouviria minha voz e começaria a imaginar coisas, pois não tive nenhuma possibilidade de fazer cirurgia plástica ou qualquer coisa desse tipo. Em outras ocasiões, quando era indispensável mudar o nome e a identidade, eu sempre mudei de localização também, sendo essa a única maneira segura de fazê-lo. Mesmo a cirurgia plástica não me disfarçava por muito tempo; eu me regenerava com muita facilidade. Certa vez tive o nariz cortado (a alternativa parecia ser cortar o meu pescoço); dez anos mais tarde ele estava exatamente como é agora, grande e feio.

Não que eu estivesse nervoso demais por poderem descobrir que eu era um Howard. Mas, se eu ia ter que viver mascarado, quanto mais cuidado eu tivesse com esses truques cosméticos, mais Dora perceberia que eu era diferente dela — diferente da maneira mais triste de todas, um marido e uma mulher que vivem em padrões de tempo diferentes.

Minerva, pareceu-me que a única maneira pela qual eu podia dar à minha linda e nova esposa um aperto de mão honesto seria levando-a para longe de ambos os

tipos de pessoas, vidas-longas e curtas, onde eu pudesse parar de fingir e pudéssemos ignorar a diferença, esquecê-la e sermos felizes. Assim, resolvi levá-la para bem longe do alcance das outras pessoas; resolvi isto antes de voltarmos para a cidade, no próprio dia em que me casei com ela.

Isso parecia a melhor resposta a uma situação de outra maneira impossível, mas não tão irreversível como um salto de pára-quadras. Se ela ficasse muito solitária, se viesse a odiar a aparência da minha cara feia, poderia levá-la para as colônias outra vez; seria ainda jovem o bastante para fisgar outro marido. Eu tinha isto em mente, Minerva, porque algumas de minhas mulheres se haviam cansado de mim com bastante rapidez. Eu havia combinado com Zack Briggs (ao mesmo tempo que havia combinado com John Magee, para atuar como agente de Zack) para perguntar a John o que havia acontecido com Bill Smith e a professorinha. Era possível que eu precisasse me afastar do planeta algum dia.

Mas por que não mandei Zack nos colocar no ponto do mapa que eu havia escolhido como lugar provável para a nossa fazenda?... com tudo quanto iríamos precisar para começar a explorá-la e, dessa forma, evitar uma viagem longa e perigosa. Sem o risco de morrer de sede, ou por causa dos lobos, ou das insidias das montanhas, ou o que quer que fosse.

Minerva, isso foi há muito tempo, e posso explicar apenas em termos da tecnologia disponível *lá* e *então*. A *Andy J.* não podia aterrar; ela sofreria inspeções em órbita em torno de Secundus ou algum outro planeta adiantado. Seu barco de carga podia aterrar em qualquer campo grande e plano, mas exigia no mínimo um radar refletor de canto para pousar, depois tinha que ter muitas toneladas métricas de água para levantar novamente. O barco do capitão era o único bote da *Andy J.* capaz de aterrar em qualquer lugar que um piloto hábil pudesse descei com ele, e depois levantar sem ajuda. Mas sua capacidade de carga era de cerca de dois selos de correio — e eu precisava de mulas, arados e uma porção de outras coisas.

Além disso, eu precisava aprender como sair daquelas montanhas após entrar nelas. Eu não podia levar Dora para lá sem estar razoavelmente certo de poder tirá-la outra vez. Não seria justo! Não é nenhum pecado não ter requisitos de mãe-pioneira — mas é trágico tanto para o marido como para a mulher descobrir isso tarde demais.

Assim, não o fizemos de maneira difícil; fizemos da única maneira para aquele tempo e lugar. Mas nunca fiz o esforço de um cálculo de massa para uma espaçonave se erguer como fiz para decidir o que levar e o que deixar naquela viagem. Primeiro, o parâmetro básico: quantas carroças na coluna? Eu queria tanto três carroças que podia sentir seu gosto. Uma terceira carroça significaria supérfluos para Dora, mais ferramentas para mim, mais livros e coisas parecidas para nós dois, e (melhor!) uma casa pré-construída para abrigar minha noiva grávida quase instantaneamente na chegada.

Mas três carroças significavam dezoito mulas de tiro, mais mulas de reserva — acrescente seis pela regra empírica —, o que significava mais metade do tempo

gasto atrelando e desatrelando, dando água aos animais e cuidando deles de outras formas. Acrescente carroças e mulas suficientes e em algum ponto sua marcha diária será zero; um homem só não poderia dar conta do trabalho. Pior, deveria haver pontos nas montanhas onde eu teria que desatrelar as carroças, movê-las uma de cada vez para um espaço mais aberto — voltar para cada carroça deixada atrás, trazê-la —, processo que tomaria o dobro do tempo para uma coluna de três carroças do que para uma de duas, e aconteceria mais vezes, até muito mais vezes, com três carroças do que com duas. Nessa progressão poderíamos ter três filhos no caminho, em vez de chegarmos lá antes do nascimento do primeiro.

Fui salvo dessa tolice pelo fato de só haver duas carroças de viagem disponíveis em Nova Pittsburgh. Acho que teria resistido à tentação de qualquer maneira — mas eu tinha comigo na carroça leve em que viemos de Top Dollar as ferragens para três, depois gastei aquela ferragem extra em outras coisas, trocando-a com o fabricante de carroças. Eu não podia esperar que ele construísse uma terceira carroça; tanto a estação do ano como a estação do útero de Dora fixavam-me datas fatais a que eu tinha de atender.

Há muito a dizer quanto a ter apenas uma carroça — é o equipamento padrão há muitos séculos e em vários planetas para uma família migrar por terra —, quando se viaja em grupo. Já dirigi essas marchas.

Mas uma carroça sozinha... Um acidente pode ser desastroso.

Duas carroças oferecem mais do dobro com que trabalhar no local de destino, e é um seguro de vida durante a marcha. Você pode perder uma carroça, reagrupar-se e continuar em frente.

Planejei, então, duas carroças, Minerva, embora Zack me debitasse três conjuntos de ferragens Stoga; depois não vendi aquele terceiro conjunto até o último minuto.

Aqui está como se carrega um comboio de carroças para sobrevivência:

Primeiro, faça uma lista de tudo quanto possa precisar e de tudo quanto gostaria de levar:

Carroças, rodas sobressalentes, eixos sobressalentes
Mulas, arreios, ferragens sobressalentes, couro para arreios, selas
Água
Comida
Roupas
Cobertores
Armas, munições e ferramentas para consertos
Remédio, drogas, instrumentos cirúrgicos, ataduras
Livros
Arados
Grade

Ancinho de campo

Pás, ancinho manual, enxadas, semeadeiras, forcados de três, cinco e sete dentes

Segadeira

Ferramentas de ferreiro Ferramentas de carpinteiro Fogão de ferro

Latrina, do tipo autodescarrégavel

Lampião a óleo

Moinho de vento e bomba

Serra movida pela força do vento

Ferramentas para conserto de couro e arreios

Cama, mesa, cadeiras, pratos, panelas, frigideiras, equipamento para comer e cozinhar

Binóculo, microscópio, conjunto para análise da água

Pedra de amolar

Carrinho de mão

Batedeira de manteiga

Baldes, peneiras, pequenas ferragens sortidas

Vaca leiteira e touro

Galinhas

Sal para o gado e para as pessoas

Fermento embalado, fermento de partida

Sementes de vários tipos

Moedor para farinha de grãos, moedor de carne

Não pare aí; pense "grande". Esqueça-se do fato de que você já sobrecarregou uma coluna de carroças muito mais longa. Dê busca na imaginação, confira os manifestos da *Andy /*, dê busca na sua própria nave, examine o estoque do Armazém Geral do Rick, fale com John Magee e inspecione sua casa, fazenda e anexos — se esquecer agora, será impossível voltar para buscar.

Instrumentos musicais, material para escrever, diário, calendários

Roupas de bebê, enxoval de recém-nascidos

Roda de fiar, tear, materiais de costura — carneiro!

Tanino, materiais e ferramentas para curtir couro

Relógios de parede e de bolso

Legumes de raiz, mudas de árvores frutíferas, outras sementes

Etc, etc, etc.

Agora comece a suprimir — fazer cortes —, comece a calcular os pesos.

Corte o touro, a vaca, o carneiro; substitua por cabras com pêlos suficientemente longos para valer a pena cortar. Ei você esqueceu a tesoura para a tosquia!

A oficina do ferreiro fica, mas reduzida a uma bigorna e a um mínimo de ferramentas — o fole você tem que fazer. Em geral qualquer coisa de madeira é

riscada, mas um pequeno suprimento de ferro forjado, por pesado que seja, deve ser levado; você irá fazer coisas que não sabia que podia fazer.

A segadeira se transforma numa foice com cabo e armadura de gadanha, três lâminas sobressalentes; o ancinho de campo é riscado.

O moinho de vento fica, bem como a serra (surpresa!) — mas com um mínimo de ferragens; você não vai usar qualquer um dos dois logo.

Livros... Quais desses livros você pode dispensar, Dora?

Reduza à metade a quantidade de roupas, dobre a dos sapatos, acrescente mais botas e não se esqueça dos sapatos das crianças. Sim, sei fazer mocassins, barcos de pele de foca e essas coisas; acrescente linha encerada. Sim, temos que ter os melhores cabos que possamos comprar, ou não atravessaremos o passo. O dinheiro não vale nada; peso e volume são tudo o que conta — nossa riqueza total é o que as mulas puderem levar através daquela brecha.

Minerva, foi sorte minha e de Dora eu estar em minha sexta aventura pioneira e haver planejado o carregamento de espaçonaves muitos anos antes de ter alguma vez carregado uma carroça coberta — porque os princípios são os mesmos; as espaçonaves são as carroças cobertas da galáxia. Reduza-as para o peso que as mulas podem puxar, depois corte dez por cento, não importa o quanto isso doa; um eixo partido — quando você não pode substituí-lo — pode bem significar um pescoço partido.

Depois acrescente mais água para chegar até noventa e cinco por cento; a carga de água diminui a cada dia.

Agulhas de tricô! Dora sabe tricotar? Senão, ensine a ela. Passei muitas horas solitárias no espaço tricotando suéteres e meias. Fio de lã? Levará muito tempo antes que Dora possa cardar a tosquia das cabras em boa lã — e ela pode tricotar para o bebê enquanto viajarmos; isso a deixará feliz. A lã não pesa muito. Podem-se fazer agulhas de madeira; mesmo agulhas curvas de metal podem ser improvisadas. Mas pegue dos dois tipos no Armazém do Rick.

Ah, meu Deus, quase me esquecia de levar um *machado!*

Lâminas de machado e um cabo, gancho de escova, picareta... Minerva, eu acrescentei, suprimi, descartei e pesei cada coisa em Nova Pittsburgh — e não estávamos nem a três quilômetros de lá, a caminho de Separação, quando vi que estávamos sobrecarregados. Naquela noite paramos na cabana de um colono, e troquei uma bigorna nova de trinta quilos pela dele, de quinze quilos, elas por elas, com o coração partido. Troquei outros artigos pesados de que precisaríamos mais tarde por um presunto defumado, uma fatia de toucinho e mais milho para as mulas — sendo as últimas rações de emergência.

Aliviamos a carga novamente em Separação, e consegui outro barril de água em troca e enchi-o, porque agora eu tinha espaço para outro e sabia que uma carga pesada de água era autocorrigível.

Acho que aquele barril extra salvou as nossas vidas.

A faixa verde para a qual Lazarus-Woodrow havia apontado perto da brecha do Passo Desesperado provou ser mais longe do que ele havia calculado. No último dia em que avançaram penosamente em direção a ela, nem homem nem mula tiveram nada para beber, desde a madrugada do dia anterior. Smith estava delirando; as mulas mal estavam em condições de trabalhar, arrastavam-se vagarosamente com as cabeças baixas.

Dora quis parar de beber quando seu marido parou. Ele disse a ela:

— Ouça-me, mocinha estúpida, você está grávida. Compreende? Ou vai ser preciso um lábio inchado para convencê-la? Guardei quatro litros quando servimos às mulas; você viu.

— Não preciso de quatro litros, Woodrow.

— Cale-se. Isso é para você, para a cabra e para as galinhas. E os gatos... os gatos não bebem muito. Dorável, essa água toda não significa nada dividida pelas dezesseis mulas, mas durará muito para os filhotes pequenos.

— Sim, senhor. E quanto à sra. Lei toa?

— Ah, aquela maldita leitoa! Bem... darei a ela meio litro quando pararmos esta noite, e servirei eu mesmo. Provavelmente ela o derramará e arrancará o seu polegar, do jeito que está. E servirei a você eu mesmo, medindo a água e vendendo-a bebê-la.

No entanto, após um dia longo e uma noite inquieta, e depois um dia interminável, eles chegaram finalmente às primeiras árvores. Parecia quase fresco ali e Smith achou que podia sentir o cheiro de água... em algum lugar. Não pôde ver nenhuma.

— Buck! Ô, Buck! Faça o círculo!

O mulo chefe não respondeu; ele não havia falado o dia inteiro. Mas fez a coluna formar um círculo, colocou as carroças nos cantos e empurrou a parelha guia para dentro do V a fim de ser desatrelada.

Smith chamou os cachorros e disse-lhes para procurarem água, depois começou a desencilhar. Em silêncio sua mulher juntou-se a ele, servindo a mula de fora de cada parelha enquanto Smith soltava a mula próxima. Ele apreciou o silêncio dela. Dora era telepática para as emoções, pensou ele.

Agora, se eu fosse água em algum lugar por aqui, onde eu estaria? Devia fazer simpatias? Ou procurar primeiro na superfície? Ele estava razoavelmente certo de que nenhum córrego corria para fora daquele bosque, mas não poderia ter certeza sem percorrer toda a encosta até o pé da colina. Selar Beulah? Bolas, Beulah estava pior do que ele. Começou a desamarrar das laterais da segunda carroça as seções enroladas da cerca de estacas. Ele não via lobos havia três dias, o que significava que estavam três dias mais próximos do seu problema seguinte com os animais.

— Dora, se você estiver disposta, pode dar-me uma mão com isto.

Ela não fez nenhum comentário pelo fato de o marido nunca antes tê-la deixado

ajudar a levantar a cerca; simplesmente se preocupou com o seu aspecto esgotado e cansado e pensou no quarto de litro de água que havia roubado e escondido — como ela poderia convencê-lo a bebê-la?

Mal tinham terminado quando Fritz deu um latido excitado ao longe.

Minerva, era uma nascente — um fio de água que saía de uma parede rochosa, corria uns dois metros e formava uma poça sem nenhuma saída. Nenhuma naquela época do ano, devo dizer, porque pude ver onde ela transbordava na estação da cheia. Pude ver também bastantes vestígios de animais — pegadas de lobos e de cabras da pradaria, e outras que não pude identificar. Tive a sensação de que estava sendo visto e tentei desenvolver olhos atrás da minha cabeça. Estava escuro perto da nascente; as árvores e a vegetação rasteira eram mais espessas e o sol estava baixando.

Eu estava num dilema. Não sei como aconteceu uma das mulas livres não ter descoberto esta nascente ao mesmo tempo ou antes dos cachorros; as mulas podem sentir o cheiro da água. Mas era certo chegarem ali logo, e eu não queria que bebessem depressa demais. Por mais sensata que seja uma mula, beberá em excesso e depressa demais se estiver com muita sede. Aquelas mulas estavam com uma sede extrema; eu mesmo queria observar cada uma, para não deixá-las caírem Je cansaço.

Além disso, eu não queria que elas pisassem dentro daquela poça; estava clara, parecia limpa.

Os cães acabaram de beber. Olhei para Fritz e desejei que ele pudesse falar tão bem como uma mula. Eu tinha alguma coisa com que escrever? Não, nem uma maldita coisa! Se eu dissesse a ele para chamar Dora, Fritz tentaria... mas ela viria? Eu lhe havia dito claramente para ficar na cerca até eu voltar. Minerva, eu não estava pensando direito; o calor e a falta de água haviam-me afetado. Eu devia ter dado a Dora instruções para eventualidades... porque, se eu ficasse afastado muito tempo e comesse a escurecer, ela viria procurar-me de qualquer maneira.

Que diabo, eu não tinha nem levado um balde!

Nesse ínterim, tive pelo menos bastante senso para beber duas mãos cheias de água, à moda de Gedeão. Isso pareceu desanuviar um pouco a minha cabeça.

Deixei cair as alças do meu macacão, tirei a camisa, encharquei-a na água e dei-a a Fritz.

— Ache Dora! Traga Dora! Depressa!

Acho que ele pensou que eu tinha enlouquecido, mas partiu levando a camisa molhada.

Depois a primeira mula apareceu — o velho Buck, louvado fosse Alá!... e eu estraguei um chapéu.

Aquele chapéu que Zack havia trazido de presente para mim. Supostamente era

um chapéu para qualquer tempo, tão poroso que deixava passar o ar, no entanto tão avesso à água que podia conservar a cabeça da gente seca num aguaceiro. A primeira alegação era apenas moderadamente verdadeira; a última eu não tinha tido oportunidade de testar.

Buck bufou e estava todo animado para entrar na água até os joelhos; eu o detive. Então lhe ofereci um chapéu cheio de água. Depois um segundo. E um terceiro.

— Basta por enquanto, Buck Reunião. Chamada para água.

Com a garganta molhada Buck pôde fazer isso. Soltou um berro de trombeta que era conversa de mula, não inglês, e não tentarei reproduzi-lo, mas significava "Façam fila para a água" e nada mais. "Entrem em forma para serem encilhados" era outro tipo de berro.

Depois eu tentei lutar com uma dúzia de mulas loucas de sede. Mas eu, Buck Beulah, que era o braço direito de Buck, Lady Macbeth, que estava acostumada a ajudar Buck também — e um chapéu que não era muito à prova d'água —, conseguimos. Nunca aprendi como era estabelecida a precedência entre as mulas, mas elas sabiam e Buck impunha isso; o toque de água sempre as encontrava em fila na mesma ordem, e o céu que ajudasse o jovem que tentasse furar a fila; o mínimo que ele podia esperar era uma orelha mordida.

No momento em que o último havia recebido um chapéu cheio de água, este estava em petição de miséria — mas ali vinha Dora com Fritz, seu fuzil de agulha na mão direita e (glória a Deus!) dois baldes na mão esquerda.

— Toque de água! — disse eu ao meu sargento. — Ponha-as em forma outra vez, Buck!

Com dois baldes e dois de nós trabalhando, demos um balde cheio para cada mula com bastante rapidez. Depois apanhei minha camisa com Fritz, lavei um pouco os baldes, enchi-os e anunciei um terceiro toque de água, dizendo a Buck para deixá-las beberem da poça.

Ele fez isso, mas ainda manteve a disciplina. Quando Dora e eu partimos, cada um com um balde de água numa das mãos e um revólver pronto na outra, Buck ainda estava exigindo delas que bebessem uma de cada vez, segundo a precedência.

O sol quase tinha se posto quando Dora, eu e os cães chegamos de volta às carroças, e estava quase completamente escuro quando terminamos de dar água às cabras, à leitoa, aos gatos e às galinhas. Depois comemoramos. Minerva, juro solenemente: com o meio balde de água que reservamos para nós, Dora e eu ficamos completamente bêbados.

Apesar das decisões anteriores de não parar antes do passo, acampamos ali durante três dias — mas dias muito úteis. As mulas pastaram o tempo todo e se encheram: bastante água, bastante forragem. Alvejei uma cabra da pradaria na nascente; o que não pudemos comer Dora cortou em fatias e usou para fazer charque. Enchi todos os barris — não foi tão fácil como pode parecer, porque

Buck e eu tivemos que abrir um caminho até a nascente, depois tive que cavar um pouco e levar as carroças uma de cada vez; isso tomou-me Mas havíamos cozinhado carne fresca e tudo quanto podíamos comer — e tomamos banho quente! Com sabão. Com xamp^u. E fiz a barba. Levei o grande caldeirão de ferro de Dora até a poça, ela levou o balde, fiz uma fogueira — depois nos revezamos tirando a sujeira, um tomando conta enquanto o outro se lavava.

Quando rodamos em direção ao passo na manhã do quarto dia, não só estávamos em ótima forma, como Dora e eu cheirávamos bem, e ficávamos dizendo isso um ao outro, animados.

Nunca mais tivemos falta de água. Havia neve em algum lugar acima de nós; podia-se senti-la na brisa e algumas vezes vislumbrar um branco ao longe, numa sela entre dois picos. Quanto mais subíamos, mais vezes encontrávamos riachos, água que nunca chegava à pradaria num ano tão seco. A forragem era verde e boa.

Paramos numa pequena pastagem nas montanhas perto do passo. Deixei Dora lá com as carroças, as mulas e instruções firmes sobre o que fazer no caso de eu não voltar.

— Espero estar de volta ao escurecer. Se não estiver, você pode esperar uma semana. Não mais. Compreende?

— Compreendo.

— Muito bem. No fim de uma semana, alivie o peso da primeira carroça, jogando fora qualquer coisa que você possa dispensar na viagem. Ponha toda a comida naquela carroça, esvazie os barris da segunda carroça e coloque-os na primeira, solte a leitoa e as galinhas e volte. Encha seus barris naquele regato que atravessamos hoje cedo. Depois disso, não pare para nada; rode o dia inteiro desde a madrugada até escurecer. Você deve chegar a Separação na metade do tempo que levamos para chegar até aqui. Está bem?

— Não, senhor.

Minerva, alguns séculos antes eu teria começado a me irritar nesse ponto. Mas eu havia aprendido. Levei cerca de um décimo de segundo para perceber que não poderia obrigá-la a fazer coisa alguma — sem estar presente —, e que uma promessa feita sob coação não funcionava.

— Está bem, Dora, diga-me por que não e o que você pretende fazer em vez disso. Se eu não gostar, talvez nós dois voltemos para Separação.

— Woodrow, embora você não tenha dito, está me pedindo para fazer o que deveria fazer (e o que eu faria) se "casasse viúva.

- Sim, está certo — assenti. — Querida, se eu não voltar em uma semana, você estará viúva. Não haverá nenhuma dúvida.

— Compreendo isso. Compreendo também por que está deixando as carroças aqui; você não tem certeza de poder dar a volta com elas lá em cima.

— É. Provavelmente foi isso o que aconteceu com os grupos anteriores.

Chegaram a um ponto onde não puderam continuar e não puderam dar a volta... depois tentaram um ou outro e caíram.

— Sim. Mas, meu marido, você pretende afastar-se apenas por um dia... meio dia para ir, meio dia para voltar. Woodrow, não vou presumir que você esteja morto... não poderia! — Ela olhou para mim firmemente e seus olhos se encheram de lágrimas, mas não chorou. — Preciso ver o seu corpo, tenho que ter certeza. Se tiver certeza, voltarei para Separação tão rápida e seguramente quanto possível. E depois para os Magees, como você mandou; terei o seu filho e o criarei para ser tão parecido com o pai quanto possível. Mas precisarei ter certeza.

— Dora, Dora! Em uma semana você terá certeza. Não será preciso procurar os meus ossos.

— Posso terminar, Woodrow? Se você não estiver de volta esta noite, estarei sozinha. Amanhã de madrugada partirei na Betty, com outra mula de sela me seguindo. Ao meio-dia voltarei.

"Talvez, se não puder encontrá-lo, descubra um ponto mais elevado por onde possa passar com uma carroça e fazê-la dar a volta. Se encontrar um ponto desses, levarei uma carroça para cima. Eu a usarei como base e procurarei mais adiante. Poderia não ter visto a sua pista. Ou poderia ter acompanhado pistas de mulas... mas você não está montado. Seja o que for, procurarei várias vezes. Até não haver absolutamente nenhuma esperança! Depois... irei para Separação tão depressa quanto as mulas possam me levar.

"Mas, meu querido, se você estiver vivo... talvez com uma perna quebrada, mas vivo... se você ainda tiver uma faca ou mesmo apenas as mãos, não creio que um lobo ou qualquer coisa possa matá-lo. Se você estiver vivo, hei de encontrá-lo, Com certeza!"

Recuei, então. Conferi os relógios com ela e combinei a que horas voltaria. Depois Buck e eu, montado em Beulah, partimos para explorar adiante.

Minerva, pelo menos quatro grupos haviam tentado aquele passo; nenhum havia voltado. Estou absolutamente certo de que todos eles fracassaram por estarem ansiosos demais, sem paciência suficiente, não querendo voltar quando o risco era grande demais.

Paciência eu havia aprendido. Os séculos podem não dar sabedoria a um homem, mas ou ele adquire paciência ou não conseguirá atravessá-los vivo. Naquela primeira manhã encontramos o primeiro ponto, que era estreito demais. Ah, alguém havia dinamitado aquilo e provavelmente contornara aquela curva. Mas ela era estreita demais para ser segura; assim, dinamitei mais um pouco. Ninguém em seu juízo perfeito leva uma carroça para as montanhas sem dinamite ou algo semelhante; não se pode tirar pedacinhos de rocha maciça com um palito ou mesmo uma picareta, sem se arriscar a ainda estar lá quando a neve chegar.

Mas eu não estava usando dinamite. Qualquer um com uma pequena quantidade de produtos químicos pode fazer tanto dinamite como pólvora negra, e eu

pretendia fazer ambos... mais tarde. O que eu tinha comigo era uma geléia explosiva mais eficiente e mais flexível — e insensível a choque, perfeitamente segura, na carroça e no alforje.

Coloquei aquela primeira carga numa rachadura onde achei que ela produziria o melhor resultado; instalei o estopim, mas não o acendi. Depois levei as duas mulas para trás, contornando a curva, e exerci meu talento histriônico o melhor que pude para explicar a Bucke a Beulah que ia haver um barulho alto, um *bang!* Mas que este não podia feri-los, que não se preocupassem. Em seguida voltei, acendi o estopim, corri de volta até eles e cheguei a tempo de passar um braço no pescoço de cada um — e olhei para o relógio.

— Agora! — exclamei, e a montanha respondeu-me com um tá-bum!

Beulah estremeceu, mas ficou firme: Buck disse interrogativamente:

— Paaang?

Concordei. Ele assentiu e voltou a comer as folhas.

Nós três subimos e demos uma olhada. Estava bom e largo agora. Não muito nivelado, mas três explosões pequenas cuidaram disso.

— O que acha, Buck?

Ele olhou cuidadosamente para um lado e outro da trilha. — Dus carr? — Uma carroça.

— Est bomm.

Exploramos um pouco adiante e planejamos o trabalho *do* dia seguinte; depois voltei na hora prometida e cheguei ao acampamento cedo.

Levei uma semana para tornar um par de quilômetros seguro até outra pequena pastagem, uma área coberta de capim suficientemente grande para dar a volta com uma carroça de cada vez. Depois foi preciso um longo dia para levar nossas carroças, uma de cada vez, até essa base seguinte. Alguém havia conseguido chegar até ali; encontrei uma roda de carroça quebrada — e recolhi o aro de aço e o cubo. Assim continuamos, dia após dia, devagar, monotonamente. Por fim atravessamos a brecha e seguimos — serra abaixo, a maior parte do tempo.

Mas isso foi pior, não melhor. O rio que eu tinha certeza de existir lá, pelos fotomaps tirados do espaço, estava muito abaixo de nós, e tivemos ainda que descer, descer, descer e segui-lo por uma longa distância antes de podermos chegar a um lugar onde a garganta se abria num vale adequado para colonização. Mais explosões, o corte interminável da galharia, e algumas vezes tive que explodir árvores. Mas a parte mais trabalhosa foi fazer descer aquelas carroças com cordas nos lugares mais íngremes. Eu não me importava com lugares íngremes, quando subia o morro (o que ainda encontramos); seis parelhas de mulas podem arrastar uma única carroça na subida de qualquer encosta em que possam fincar os cascos. Mas na descida...

Certamente aquelas carroças tinham freios. Mas se a inclinação fosse grande, a carroça derraparia e depois cairia pela margem, com mulas e tudo.

Eu não podia deixar isso acontecer uma vez sequer. Nem jamais arriscaria que acontecesse. Podíamos perder uma carroça e seis mulas e ainda continuar. Mas eu não era descartável. (Dora não estaria na carroça.) Se aquela carroça se soltasse, minhas probabilidades de saltar fora seriam de cinqüenta por cento.

Se a inclinação era bastante forte para me dar um vestígio de dúvida sequer de que não poderia segurar a carroça com os freios, fazíamos isso da maneira mais difícil: usávamos a corda cara, importada, para segurá-la na descida dessas inclinações. Levávamos a corda para longe, desimpedida e livre para correr, passávamos a extremidade três vezes em torno de uma árvore bastante forte para segurá-la, prendíamos no eixo traseiro; depois as nossas quatro mulas mais firmes, Ken e Daisy, Beau e Belle, levavam a carroça para baixo a passo lento (sem cocheiro) seguindo Buck, enquanto eu mantinha a tensão da corda, soltando-a muito devagar.

Se o terreno permitia, Dora e Betty tomavam posição a meio caminho da descida para transmitir ordens a Buck. Mas eu não podia deixar que elas ficassem na própria trilha; se aquela corda se partisse, daria uma chicotada. Assim, talvez metade do tempo Buck e eu trabalhamos sem ligação, fazendo isso numa lentidão mortal e dependendo do julgamento dele.

Se não havia uma árvore firme para segurar apropriadamente em boa posição — e isso aconteceu diversas vezes —, tínhamos então que esperar enquanto eu inventava alguma coisa. Podia ser qualquer coisa: passar uma corda entre duas árvores, depois instalar uma corda até uma terceira árvore; um apoio numa rocha nua usando grampos cravados — eu odiava usá-los, porque tinha que fazer minha inspeção bem no eixo traseiro, caminhando atrás, e Deus que nos ajudasse se eu tropeçasse. Depois isso era seguido por um serviço que tomava tempo, o de recolher aqueles grampos — quanto mais dura a rocha, melhor o apoio, porém mais penoso o trabalho de arrancá-los, e eu tinha que arrancá-los; poderia precisar deles mais adiante.

Algumas vezes não havia nem árvores nem rochas. Certa vez doze mulas viradas de costas ao longo da trilha é que serviram de apoio, com Dora acalmando-as enquanto eu inspecionava o eixo traseiro e Buck controlava o progresso.

Na pradaria fizemos muitas vezes trinta quilômetros por dia. Uma vez tendo atravessado o Passo Desesperado e começado a descer a garganta, a distância percorrida naquele terreno podia ser zero durante dias sem fim, enquanto eu preparava a trilha adiante; depois fazíamos até dez quilômetros se não havia nenhuma descida forte que exigisse cordas. Eu tinha apenas uma regra inviolável; a trilha tinha que estar completamente preparada a partir de uma base com espaço suficiente para fazer a volta até a seguinte, antes que uma carroça se movesse.

Minerva, isso foi tão terrivelmente lento que o meu "calendário" emparelhou comigo; a lei toa deu à luz — e não tínhamos saído das montanhas.

Não me lembro de jamais ter tomado uma decisão tão difícil. Dora estava em boa forma, mas já na metade da gravidez. Deveríamos voltar (como havia

prometido a mim mesmo, sem dizer a ela), ou continuar e esperar alcançar terreno mais baixo e razoavelmente plano antes de chegar sua nora? O que seria mais fácil para ela?

Tive que consultá-la — mas eu tinha que decidir. A responsabilidade não pode ser partilhada. Eu sabia qual seria sua decisão antes mesmo de levar o assunto até ela.

Mas isso demonstraria simplesmente sua esplêndida coragem; era eu que tinha experiência tanto na questão de viagens pelo sertão como na de parto de crianças.

Estudei aqueles fotomapas novamente sem aprender nada de novo. Em algum ponto adiante a garganta se abria num largo vale de rio — mas a que distância? Eu não sabia, porque não sabia também onde estávamos. Havíamos começado com um odômetro na roda traseira direita da carroça da frente; eu o tinha regulado novamente a partir do zero, quando chegamos ao passo, mas ele havia durado apenas um dia ou dois; uma rocha ou alguma coisa quebrara-o. Eu não sabia sequer que altura havíamos conseguido descer desde o passo, ou quanta altura mais tínhamos que perder para chegar embaixo.

Animais e equipamentos: razoável. Havíamos perdido duas mulas. Garota Bonita havia tropeçado por sobre a beira certa noite e quebrara uma perna; tudo quanto pude fazer por ela foi libertá-la do seu sofrimento. Não a carneei porque tínhamos carne fresca, e, de qualquer maneira, eu não poderia fazer isso sem que as outras mulas vissem. John Cevadamilho havia simplesmente se levantado e morrido uma noite — ou provavelmente fora morto por um lobo; estava parcialmente devorado quando o encontramos.

Três galinhas estavam mortas e dois leitões não sobreviveram, mas a leitoa pareceu disposta a amamentar os outros.

Só restavam duas rodas sobressalentes. Se perdesse mais duas, a roda quebrada seguinte me obrigaria a abandonar uma carroça.

Foram as rodas que fizeram com que me decidisse.

(Omitidas aproximadamente sete mil palavras que reiteravam as dificuldades para descer a garganta.)

Quando saímos naquele platô, pudemos ver o vale estendendo-se diante de nós.

Um lindo vale, Minerva, largo, verdejante e encantador — milhares e milhares de hectares de terras ideais para fazendas. O rio que vinha da garganta, manso agora, serpeava preguiçosamente entre margens baixas. Diante de nós, muito, muito longe, havia um alto pico coroadado de neve. A linha da neve permitiu-me estimar sua altura — em torno de seis mil metros, porque tínhamos agora descido para o subtropical, e apenas uma montanha muito alta podia conservar tanta neve durante um verão longo e muito quente.

Aquela montanha linda e aquele luxuriante vale verde deram-me uma impressão de *déjà-vu*. Depois a identifiquei o monte Hood, na região em que nasci la na

velha Terra, porque eu o havia visto pela primeira vez quando rapaz. Mas aquele vale e aquele pico coberto de neve nunca tinham sido vistos pelos homens.

Gritei para Buck fazer alto.

— Dorável, estamos em casa. Será em algum lugar descendo esse vale.

— "Em casa" — repetiu ela. — Ah, meu querido!

— Não fungue.

— Eu não estava fungando! — respondeu ela, fungando. — Mas guardei um choro muito bom e, quando tiver tempo, vou usá-lo.

— Está bem, querida — concordei —, quando você tiver tempo. Vamos dar um nome àquela montanha: "montanha Dora".

— Não, o nome dela não é esse. — Ela ficou pensativa. — É monte Esperança. E tudo isso embaixo é o vale Feliz.

— Durável Dora, você é uma sentimental incurável.

— Veja quem fala! — Ela afagou a barriga, inchada quase até o máximo. — Esse é o vale Feliz porque é onde vou ter este animalzinho esfomeado... e aquele é o monte Esperança porque é.

Buck havia voltado para a primeira carroça e estava esperando para descobrir por que havíamos parado.

— Buck — disse eu, apontando —, lá está o nosso lar. Conseguimos. Lar, rapaz. Fazenda.

Buck examinou o vale.

— Est bomm.

...em seu sono, Minerva. Não lobos, não havia uma marca em Buck. Ataque da coronária, acho eu, embora eu não o tenha aberto para descobrir. Ele estava simplesmente velho e cansado. Antes de partirmos, eu havia tentado pô-lo para pastar com John Magee. Mas Buck não queria isso. Nós éramos a família dele, Dora, Beulah e eu, e ele queria ir junto. Assim, fiz dele chefe das mulas e não o deixei trabalhar — quero dizer, nunca montei nele e nunca o encilhei. Ele trabalhou, como chefe das mulas, e o seu discernimento paciente levou-nos em segurança até o vale Feliz. Não o teríamos conseguido sem ele.

Talvez pudesse ter vivido mais alguns anos solto no pasto. Ou poderia ter definhado de solidão logo após partirmos. Quem pode julgar?

Nem pensei em carneá-lo; acho que Dora teria abortado se eu sequer ventilasse essa idéia. Mas era bobagem enterrar uma mula quando os lobos e o tempo em breve cuidariam da sua carcaça. Então, enterrei-o.

É preciso um buraco extremamente grande para enterrar uma mula; se aquela não fosse uma terra macia de fundo de rio, eu ainda estaria lá.

Mas primeiro eu tinha que cuidar dos problemas pessoais. Ken ficava logo abaixo

de Beulah na precedência da fila da água e era um mulo firme e forte que falava razoavelmente bem. Por outro lado, Beulah tinha sido auxiliar de Buck durante toda a viagem — mas eu nunca tinha ouvido falar de uma tropa de mulas chefiadas por uma fêmea.

Minerva, com o *Homo sapiens* isto não importaria, pelo menos não atualmente, em Secundus. Mas com algumas espécies de animais importa. O chefe dos elefantes é fêmea. O chefe das galinhas é o galo, não uma galinha. O chefe dos cães pode ser de qualquer sexo. Numa espécie em que o sexo controla o assunto, é melhor o homem seguir-lhe os hábitos.

Resolvi verificar se Beulah podia dar conta disso; disse a ela, então, para pô-las em linha para encilhar, tanto para teste como porque eu queria afastar as mulas enquanto enterrava Buck — elas estavam nervosas e inquietas; a morte do chefe deixara-as perturbadas. Não sei o que as mulas acham da morte, mas não são indiferentes a ela.

Ela começou a trabalhar prontamente, e fiquei de olho em Kenny. Ele aceitou aquilo e tomou o seu lugar habitual perto de Daisy. Uma vez tendo-as encilhado, Beulah foi a única que restou; três mulas já haviam morrido.

Eu disse a Dora que queria que os animais se afastassem algumas centenas de metros. Poderia ela cuidar disso, com Beulah como chefe de marcha? Ou ela se sentiria mais segura se eu o fizesse?... e criei um segundo problema: Dora queria estar presente quando eu enterrasse Buck. Mais do que isso...

— Woodrow, posso ajudar a cavar? Buck era meu amigo também, você sabe.

— Dora — disse eu —, concordaria com qualquer coisa proposta por uma mulher grávida, exceto que fizesse alguma coisa que pudesse prejudicá-la.

— Mas, querido, eu me sinto fisicamente bem, só que estou muito abalada por causa de Buck. Por isso quero ajudar.

— Acho que você está em boa forma também, e quero que continue assim. Você pode ajudar mais ficando na carroça. Dora, não tenho meio algum de cuidar de um bebê prematuro, e não quero ter que enterrar um bebê, além de Buck. Seus olhos se arregalaram.

— Você acha que isso pode acontecer?

— Querida, não sei. Conheci mulheres cujos bebês foram submetidos a privações inacreditáveis. Vi outras os perderem por motivos que nem consegui descobrir quais eram. A única regra que tenho a respeito disso é: não corra riscos desnecessários. Este não é necessário.

Replanejamos outra vez as coisas para atender aos interesses de nós dois, embora isso levasse uma hora extra. Desatrolei a segunda carroça e levantei a cerca novamente, coloquei as quatro cabras dentro da cerca e deixei Dora naquela carroça. Depois levei a primeira carroça trezentos ou quatrocentos metros adiante, desencilhei as mulas e disse a Beulah para mantê-las juntas — pedi a Ken que a ajudasse, deixei Fritz para ajudá-la também e levei Lady Mac de volta comigo para vigiar os lobos ou o que quer que fosse. A visibilidade era boa

— nenhuma moita, nenhum capim alto; o lugar parecia um parque bem tratado. Mas eu ia ter que ficar dentro de um buraco; não queria alguma coisa avançando furtivamente em cima de mim ou sobre a carroça.

— Lady Macbeth. Fique de sentinela no alto. Suba! Dora ficou dentro da carroça, como combináramos. Levei todo aquele dia para cuidar do nosso velho amigo, com um intervalo para almoço e algumas pequenas paradas para beber água e retomar o fôlego à sombra da carroça — paradas que partilhei com Lady Mac, deixando-a deitar-se cada vez que eu subia. Mais uma interrupção...

A tarde ia em meio e eu havia cavado quase o suficiente quando Lady Mac me chamou asperamente. Saí daquele buraco depressa, com o explosivo na mão, esperando lobos.

Apenas um dragão...

Não fiquei especialmente surpreso, Minerva; o estado da turfa bem-aparada, quase como um gramado, parecia indicar dragões em vez de cabras da pradaria. Aqueles dragões não são perigosos, a menos que um caia por acaso em cima da gente. São vagarosos, estúpidos e estritamente vegetarianos. Ah, são feios o bastante para serem assustadores; parecem-se com tricerátopos⁽⁵⁰⁾ de seis pernas. Mas isso é tudo. Os lobos os deixam em paz porque morder a couraça não é vantajoso para eles.

Juntei-me a Dora na carroça.

— Já viu isso alguma vez, querida?

— Não de perto. Santo Deus, é enorme.

— Esse é grande, sem dúvida. Mas provavelmente irá embora. Não vou gastar uma carga com ele se não for necessário.

Mas a maldita coisa não foi embora. Minerva, acho que ele foi tão estúpido que confundiu a carroça com um dragão fêmea. Ou vice-versa, é difícil distinguir o macho da fêmea. Mas eles são definitivamente bissexuais; dois dragões amontoados são um espetáculo notável.

Quando ele chegou a cem metros, atravessei a cerca e levei Lady Mac comigo, porque ela estava tremendo de ansiedade. Duvido que ela alguma vez tivesse visto um; eles foram afastados das imediações de Top Dollar muito antes de ela ter nascido. Ela dançou de excitação, latindo asperamente mas tomando cuidado.

Tive esperança de que Lady o fizesse ir embora, mas aquele rinoceronte deformado não prestou atenção; seguiu em frente pesada e vagarosamente, direto para a carroça. Então fiz cócegas nele com meu fuzil de agulha onde ele devia ter lábios, para atrair-lhe a atenção. Ele parou, espantado acho eu, e abriu bem a boca. Isso era o que eu precisava, porque não queria gastar a força máxima da pólvora explodindo aquele flanco couraçado. Portanto... Explosão mínima, bem dentro da boca: um dragão a menos.

Ele ficou parado por um momento, depois caiu devagar. Chamei Lady e voltei para a cerca. Dora estava esperando.

— Posso dar uma olhada nele? Olhei para o sol.

— Querida, vou ter que fazer o possível para cuidar de Buck antes de escurecer; depois vou trazer as mulas de volta para que nos levem mais adiante. A menos que você esteja querendo acampar com a sepultura de um lado e um dragão morto do outro.

Ela não insistiu, e voltei a trabalhar. Em mais de uma hora eu havia aprofundado e alargado bastante o buraco. Tirei a talha, com roldana tripla, prendi-a ao eixo traseiro, amarrei as patas de trás de Buck, passei o gancho no laço e peguei a parte frouxa da corda.

Dora havia vindo comigo.

— Espere um minuto, querido. — Ela parou para fazer festa no pescoço de Buck, depois se inclinou e o beijou na testa. — Pronto, Woodrow. Agora.

Puxei a corda. Por um momento pensei que a carroça fosse andar, apesar de estar freada. Depois Buck começou a deslizar e caiu dentro da sepultura. Soltei o gancho, depois enchi a cova depressa, fechando em vinte minutos um buraco que me havia tomado a maior parte do dia para cavar. Dora esperou.

Terminei.

— Suba para a carroça, Dorável; acabou-se.

— Lazarus, gostaria de saber alguma coisa para dizer. Você sabe?

Pensei naquilo. Eu havia ouvido mil sermões de enterro; não gostara da maioria deles. Assim, inventei um:

— Qualquer que seja o Deus que exista, por favor cuide desta ótima pessoa. Ela sempre fez o melhor que pôde. Amém.

(Omitido)

...mesmo aqueles primeiros anos não foram muito duros, porque no Vale Feliz dava qualquer coisa, duas ou três colheitas por ano. Mas devíamos ter dado a ele o nome de "Vale do Dragão".

Os lobos já eram bastante maus, especialmente os pequenos, que caçavam em alcateias, e que encontramos naquele lado da serra da Muralha. Mas aqueles malditos dragões! Quase me deixaram fora de mim. Quando se perde o mesmo campo de batatas quatro vezes seguidas, isso começa a irritar.

Os lobos eu podia envenenar, e o fiz. Podia caçá-los com armadilhas também, se mudasse de sistema todas as vezes. Ou podia colocar uma isca à noite, ficar sentado em silêncio e pegar a maior parte da alcateia, em silêncio, com um fuzil de agulha. Podia fazer uma porção de coisas e fiz, e as mulas aprenderam a se proteger deles também, dormindo bem juntas à noite e sempre com uma de sentinela, como codornizes ou babuínos. Sempre que ouvia o berro de "Lobo!", eu acordava depressa e tentava entrar na brincadeira — mas as mulas raramente me deixavam algum; elas não só podiam pisoteá-los, como alcançá-los e pegar algum ou todos da alcateia que tentassem escapar. Perdemos três mulas e seis cabras para os lobos, mas os lobos ouviram a notícia e começaram a guardar

uma boa distância de nós.

Mas aqueles dragões! Eram grandes demais para se pegar em armadilhas e não comiam veneno; salada era tudo o que Queriam. Mas o que um dragão pode fazer com um milharal^e em uma noite não devia acontecer nem a Sodoma e Gomorra- Arco e flecha era uma arma inútil contra eles, e um fuzil de agulha apenas fazia-lhes cócegas. Eu podia matar com um explosivo, força total diretamente através da couraça, ou força mínima da maneira pela qual peguei aquele primeiro, se conseguisse fazer o meu alvo abrir a boca. Mas, ao contrário dos lobos, eles eram estúpidos demais para guardar distância quando estavam perdendo.

No primeiro verão em que pude plantar, matei mais de cem dragões tentando salvar minhas plantações... o que foi uma derrota para mim e uma vitória para os dragões. Não só o fedor era terrível (o que se pode fazer com uma carcaça daquele tamanho?), mas, muito pior, as minhas cargas estavam se acabando e eles não pareciam estar.

Nenhuma eletricidade. O rio Buck não tinha desnível suficiente onde nos estabelecemos para se pensar em tentar construir uma roda-d'água, mesmo que eu tivesse de destruir uma carroça para construí-la. O moinho de vento que eu havia trazido era na realidade nada mais do que engrenagens e outras ferragens; o moinho propriamente dito eu teria que construir, desde as velas até a torre. Entretanto, até que eu tivesse eletricidade, não tinha meios de recarregar as baterias.

Dora resolveu isso. Ainda estávamos morando naquele primeiro conjunto, nada mais do que um muro alto de adobe apenas suficiente para cercar as carroças e trazer as cabras para dentro à noite, enquanto dormíamos na primeira carroça junto com o bebê Zack e cozinhávamos num forno holandês de barro; e entre fumaça, cabras, galinhas, os cheiros acres que os bebês não podem evitar de exalar e a latrina, que tinha de ficar dentro do muro... bem, o fedor dos dragões mortos não era muito perceptível.

Estávamos acabando de jantar, Dora vestida com seus rubis, como sempre, para o jantar, e observávamos as luas e as estrelas — a melhor hora do dia, sempre, exceto que, quando devia estar admirando nosso primeiro filho mamar e apreciando o céu, eu estava resmungando sobre eletricidade e que diabo podia fazer quanto àqueles incômodos dragões.

Eu havia pensado em várias maneiras simples de produzir eletricidade — simples se você estivesse num planeta civilizado ou mesmo num lugar como Nova Pittsburgh, com seu carvão e sua indústria metalúrgica incipiente — quando usei por acaso um termo muito fora de moda. Em vez de falar em quilowatts, megadinacentímetros por segundo ou coisa parecida, comentei que me contentaria com dez cavalos de qualquer maneira que pudesse consegui-los.

Dora nunca havia visto um cavalo, mas sabia o que era.

— Amado, dez mulas não serviriam? — perguntou ela.

(Omitido)

Estávamos em nosso vale havia sete anos quando a primeira carroça apareceu. O jovem Zack estava quase com sete anos e começando a me ajudar um pouco — ou achava que estava, e encorajei-o a tentar. Andy tinha cinco e Helen ia fazer quatro. Havíamos perdido Persephone, e Dora estava grávida outra vez, por isso mesmo. Dora havia insistido em começar outro bebê imediatamente, sem esperar um dia, uma hora sequer, e ela estava certa. Depois de sabermos que ela engravidara, nosso moral subiu da noite para o dia. Perdemos Persephone; ela fora um bebê encantador. Mas paramos de nos lamentar e, em vez disso, olhamos para a frente. Eu esperava outra menina, mas estava disposto a aceitar qualquer bebê — não havia meio de controlar o sexo de uma criança, lá e então.

Tudo considerado, estávamos em ótima forma, com uma fazenda próspera, uma família saudável e feliz, bastante gado, um conjunto muito maior, com uma casa construída no interior, encostada no muro do fundo, um moinho de vento que acionava uma serra, moía grãos ou fornecia eletricidade para os meus explosivos.

Quando vi aquela carroça, meu primeiro pensamento foi que ia ser bom ter vizinhos. Mas meu segundo pensamento foi que eu ia ficar orgulhoso, muito orgulhoso em apresentar minha ótima família e nossa fazenda a estes recém-chegados.

Dora subiu comigo até o telhado e observou a carroça; ainda estava a mais de quinze quilômetros de distância, não podia chegar antes da noite. Pus o meu braço em torno dela.

— Excitada, querida?

— Sim. Embora nunca me sentisse só; você não deixou. Quantos acha que devo esperar para jantar?

— Hum... Só uma carroça. Uma família. Minha melhor estimativa é um casal, sem filhos, ou com um ou dois. Mais do que isso me surpreenderia.

— A mim também, querido, mas haverá bastante para comer.

— E vista algumas roupas em nossos filhos antes que eles cheguem aqui... não gostaria que pensassem que estamos criando selvagens, não é?

— Devo vestir-me também?

— Que pergunta! Isso é com você, Lil Pernalonga... mas quem foi que disse, no mês passado, que nunca havia usado seu vestido de festa?

— Você vai usar o saíote, Lazarus?

— Pode ser. Posso até tomar um banho. Vou precisar de um, porque vou passar o resto do dia limpando o recinto

^{as} cabras e uma porção de outras coisas... para fazer este lugar parecer tão limpo quanto possível. Mas esqueça o nome "Lazarus", querida; sou Bill Smith outra vez.

— Vou me lembrar disso... Bill. Vou tomar banho, também, antes que eles

cheguem aqui... porque vou ficar com calor e ocupada, cozinhando, limpando a casa, dando banho nas crianças e tentando ensinar a elas como serem apresentadas a estranhos. Elas nunca viram mais ninguém; querido, não estou certa de que acreditem que exista mais alguém.

— Elas se comportarão. — Eu estava certo de que sim. Dora e eu tínhamos as mesmas idéias sobre educação de crianças. Ela elogiava-as, não gritava nunca com elas, punia-as quando necessário e imediatamente (nunca *u a* momento de espera), depois terminava com aquilo e esquecia. Éramos tão pródigos em afeição após uma surra como em qualquer outra ocasião... ou um pouco mais. Surras eles tinham que levar (Dora geralmente usava uma vara) porque, sem exceção durante os séculos, os meus filhos foram uns endiabrados que tiravam vantagem da rotina de doçura e condescendência. Algumas das minhas mulheres não se conformavam com os pequenos monstros que eu gerava... mas Dora estava de acordo comigo neste ato selvagem desde o início. Em consequência, ela criou a ninhada mais civilizada que jamais tive.

Quando aquela carroça estava talvez a um quilômetro de distância, montei e fui encontrá-los — depois fiquei surpreso e desapontado. Uma família, sim, se a gente considerar um homem e dois filhos crescidos como uma família. Nenhuma mulher, nenhuma criança. Fiquei pensando em como eles achavam que iam se estabelecer.

O filho mais moço não estava inteiramente crescido; sua barba era rala e desalinhada. No entanto, era mais alto e mais pesado do que eu, e era o menor dos três. O pai e o irmão estavam montados; ele estava guiando — guiando realmente; eles não estavam usando um mulo chefe. Não havia nenhum gado além das mulas que eu pudesse ver, embora eu não tentasse olhar dentro da carroça.

Não gostei da aparência deles e mudei de idéia quanto a vizinhos. Esperei que eles seguissem pelo vale, pelo menos por uns cinquenta quilômetros.

Os dois que estavam montados traziam armas no cinto — o que era razoável em região de lobos. Eu próprio estava com um fuzil de agulha à vista, bem como uma faca no cinto — ^e talvez outras coisas não à vista, porque não considero diplomático exibir muitas ferragens ao encontrar-me com estranhos.

Quando me aproximei, eles pararam e o cocheiro deteve as suas mulas. Fiz Beulah parar a cerca de dez passos da parelha guia.

— Boa tarde — disse eu. — Bem-vindos ao Vale Feliz. Sou Bill Smith.

O mais velho dos três me examinou dos pés à cabeça. É difícil definir a expressão de um homem quando ele usa uma barba cheia, mas, pelo pouco que pude ver, não havia expressão nenhuma — prudência, talvez. Meu próprio rosto estava liso, fora recém-barbeado, e eu estava usando um macacão limpo, em homenagem às visitas. Eu mantinha o rosto barbeado porque Dora o preferia assim e porque eu estava me conservando "jovem" para combinar com Dora. Eu estava usando meu melhor olhar amistoso — mas dizia comigo mesmo: "Você tem dez segundos para responder à minha saudação e dizer quem é... ou vai

perder um pouco da melhor comida de Novas Origens".

Ele simplesmente deixou o prazo correr; eu tinha contado em silêncio sete chimpanzés quando ele sorriu de repente através daquele rosto coberto de musgo.

— Ora, isso é muito amável de sua parte, rapaz.

— Bill Smith — repeti. — E não percebi o seu nome.

— Provavelmente porque eu não o disse — respondeu ele. — Meu nome é Montgomery. "Monty" para os meus amigos, e não tenho nenhum inimigo, pelo menos não por muito tempo. Certo, Darby?

— Certo, papai — concordou o outro que estava montado.

— E este é meu filho Darby, e aquele guiando as mulas do exército é Dan. Digam "Alô", meninos.

— Alô — disseram eles.

— Alô, Darby. Alô, Dan, Monty, a sra. Montgomery está com você? — Apontei com a cabeça para a carroça, ainda sem tentar olhar para dentro dela. A carroça de um homem é tão particular quanto a sua casa.

— Por que você está perguntando isso agora?

— Porque — respondi, mantendo ainda minha aparência amistosamente idiota — quero correr em casa para dizer à sra. Smith quantos teremos para jantar.

— Bem! Vocês ouviram isso, meninos? Fomos convidados para jantar. Isso é muito amável também, não é, Dan?

— É, papai.

— E aceitamos com o maior prazer. Não é, Darby? — É, papai.

Eu estava ficando cansado do eco, mas conservei minha expressão amável.

— Monty, você ainda não me disse quantos são.

— Ah! Apenas três. Mas comemos por seis. — Deu uma palmada na coxa e riu da própria piada. — Certo, Dan?

— Certo, papai.

— Então toque essas mulas, Dan; temos motivos para nos apressar, agora.

Interrompi o eco para dizer:

— Espere, Monty. Não há necessidade de cansar demais suas mulas.

— O quê? As mulas são minhas, filho.

— São, e faça o que quiser com elas, mas fui mandado na frente para que a sra. Smith tenha tempo de se preparar para receber vocês. Vejo que está usando um relógio. — Olhei para o meu. — Sua anfitriã estará à espera de vocês dentro de uma hora. A menos que precisem de mais tempo para chegar lá, desencilhar e dar água às suas mulas.

— Ah, essas mulas podem esperar até depois do jantar. Se chegarmos cedo, esperamos um pouco.

— Não — disse eu com firmeza. — Uma hora, não antes. Você sabe como uma senhora se sente com relação a hóspedes que chegam antes que ela esteja pronta para recebê-los. Apresse-a, e ela poderá estragar o seu jantar. Façam o que quiserem com as mulas... mas há um lugar fácil para dar água a elas, uma pequena praia, onde o rio passa mais perto da casa. É muito bom lugar para vocês se prepararem um pouco também... antes de jantarem com uma senhora. Mas não venham até a casa antes de uma hora.

— Sua mulher parece muito especial... para um lugar como esse no sertão.

— Ela é — respondi. — Para casa, Beulah.

Passei do trote para o galope rápido de Beulah e não consegui dominar uma sensação desagradável entre as minhas omoplatas até ter certeza de estar longe demais para constituir um alvo. Há apenas um animal perigoso; apesar disso, a gente é forçado às vezes a fingir que ele é tão doce e inocente como uma cobra.

Não parei para desencilhar Beulah; corri para dentro. Dora ouviu minha chegada precipitada, estava na porta do recinto.

— O que há, querido? Problemas?

— Pode ser. Três homens, não gosto deles. Apesar disso, prometi-lhes um jantar. As crianças já comeram? Podemos pô-las na cama agora e convencê-las de que, se emitirem um som sequer, serão esfoladas vivas. Não mencionei crianças, não vamos mencioná-las, e vou dar uma olhada rápida por aí para me certificar de não haver nada à vista que denuncie "crianças".

— Tentarei. Sim, já dei de comer a elas.

Na hora exata Lazarus Long recebeu seus hóspedes na porta do recinto. Eles se aproximaram, guiando a carroça e montados, da direção da praia que ele havia descrito. Assim, presumiu que haviam dado de beber aos seus animais, mas notou, com um leve desprezo, que eles não se haviam dado ao trabalho de desencilhar suas parelhas para o que certamente ia ser uma longa espera. Ficou satisfeito, porém, ao notar que todos os três Montgomerys haviam feito alguns esforços para se arrumar — talvez fossem comportar-se; talvez seu sexto sentido para problemas estivesse hiperaguçado pela estada longa demais no sertão.

Lazarus estava vestido com a sua melhor roupa — saíote com equipamento completo, salvo que o efeito era estragado por uma camisa de trabalho desbotada, originária de Nova Pittsburgh. Mas era realmente sua melhor roupa, usada apenas nos aniversários das crianças. Nos outros dias, ele usava qualquer coisa, desde macacão até a pele, dependendo do trabalho e do tempo.

Após haver apeado, Montgomery fez uma pausa e examinou seu anfitrião.

— Nossa, não estamos elegantes?

— Em homenagem a vocês, cavalheiros. Guardo isso para ocasiões muito especiais.

— É mesmo? É muito amável de sua parte nos homenagear, Red. Não é, Dan?

— Certo, papai.

— Meu nome é Bill, Monty. Não "Red". Podem deixar suas armas na carroça.

— Bem! Isso agora não é muito amável. Nós sempre usamos nossas armas. Não usamos, Darby?

— Certo, papai. E, se papai diz que seu nome é "Red", esse é o seu nome.

— Ora, ora, Darby, eu não disse isso. Se Red prefere chamar-se Tom, Dick ou Harry, isso é assunto dele. Mas não nos sentimos vestidos sem as nossas armas, e essa é a verdade, Bill. Ora, eu uso a minha até para dormir. Aqui.

Lazarus estava parado na porta aberta do recinto. Ele não se moveu para dar passagem e deixar seus visitantes entrarem.

— Essa é uma precaução razoável... em viagem. Mas cavalheiros não usam armas quando jantam com uma senhora. Deixem-nas aqui ou ponham-nas dentro da carroça, o que preferirem.

Lazarus pôde sentir a tensão aumentar, pôde ver os dois moços observando o pai à espera de instruções. Lazarus ignorou-os e manteve seu sorriso fácil dirigido para Montgomery, enquanto forçava os músculos a ficarem frouxos como algodão. Agora mesmo? O urso recuará? Ou consideraria aquilo um desafio?

Montgomery abriu o rosto num sorriso largo.

— Ora, claro, vizinho... se é isso o que você quer... Devo tirar minhas calças também?

— Apenas suas armas, cavalheiro.

(Ele é destro. Se eu fosse destro e estivesse usando o que você está usando, onde estaria a minha segunda arma? Ali, acho eu — mas, se assim for, ela deve ser pequena... um fuzil de agulha ou, provavelmente, um revólver de assassino de nariz arrebicado, bem fora de moda. Os filhos também são destros?)

Os Montgomerys colocaram seus cintos com as armas no banco da carroça e voltaram. Lazarus afastou-se e convidou-os a entrar, depois repôs a tranca no lugar quando fechou a porta. Dora estava esperando, vestida com seu "vestido de festa". Pela primeira vez, desde um dia muito quente na pradaria, ela não usava seus rubis na refeição da noite.

— Querida, este é o sr. Montgomery e estes são seus filhos, Darby e Dan. Minha esposa, a sra. Smith.

Dora inclinou-se numa reverência.

— Sejam bem-vindos, sr. Montgomery, Darby e Dan,

— Chame-me de "Monty", sra. Smith... e qual é o seu nome? Lugar bem bonito vocês têm aqui... para ser tão perdido no campo.

— Se os cavalheiros me derem licença, tenho duas coisas a fazer para pôr o jantar na mesa. — Dora virou-se rapidamente e entrou depressa na cozinha.

— Alegro-me por você gostar dele, Monty — Lazarus respondeu. — Foi o melhor que pudemos fazer até agora, enquanto começávamos a fazenda. — O

muro do fundo do recinto tinha quatro cômodos construídos encostados nele: depósito, cozinha, quarto e viveiro. Todos tinham portas que davam para o conjunto, mas apenas a porta da cozinha estava aberta. Os cômodos intercomunicavam-se.

Do lado de fora da porta da cozinha ficava o forno holandês; dentro da cozinha havia um fogão usado para cozinhar outras coisas e para tudo quando chovia. Isso e um barril de água eram até agora o equipamento de cozinha mais importante de Dora — mas o marido havia-lhe prometido água corrente "em alguma ocasião antes de você se tornar avó, minha adorada". Ela não o havia pressionado a respeito disso; a casa crescia e ficava mais bem equipada a cada ano.

Além do forno holandês, e paralela aos quartos, havia uma mesa longa com bancos. Na outra parede ao lado do depósito havia uma privada; esta, um barril de água e duas tinas de madeira feitas com metades de um barril constituíam, até agora, o "banheiro-latrina-pia" deles. Um monte de terra com uma pá enfiada estava ao lado da privada; a fossa estava sendo enchida outra vez devagar.

— Você se saiu muito bem — concedeu Montgomery.

— Mas não devia ter posto a sua privada na parte de dentro. Não sabe disso?

— Há outra privada lá fora — disse-lhe Lazarus Long.

— Usamos esta o mínimo possível, e tento impedir que ela fique cheirando muito. Mas não se pode esperar que uma mulher saia depois de escurecer, não numa região de lobos.

— Uma porção de lobos, hein?

— Não tantos quantos costumava haver. Vocês viram alguns dragões quando vieram pelo vale?

— Vimos uma porção de ossos. Parecia que uma praga havia atingido a região.

— Mais ou menos isso — concordou Lazarus. — Lady! Sentada! — Ele acrescentou: — Monty, diga a Darby que não é seguro chutar aquela cadela, ela pode atacar. Ela é um cão de guarda, responsável por esta casa, e sabe disso.

— Você ouviu o que o homem disse, Darby. Deixe a cadela em paz.

— Então é melhor ela não farejar perto de mim! Não gosto de cachorros. Ela rosnou para mim.

— Ela rosnou porque você a chutou quando ela o cheirou. O que é dever dela — disse Lazarus diretamente para o filho mais velho. — Se eu não estivesse presente, a cadela poderia ter-lhe rasgado. Deixe-a em paz e ela o deixará em paz.

— Bill — disse Montgomery —, é melhor você pô-la do lado de fora enquanto comemos. — Dito como uma sugestão, isso soou como uma ordem.

— Não.

— Cavalheiros, o jantar está servido.

— Estamos indo, querida. Lady. Sentinela, alerta! — A cadela olhou para Darby,

mas correu imediatamente escada acima até o telhado, usando os degraus da escada de mão sem hesitação. Lá, fez um cuidadoso giro do horizonte antes de se sentar onde pudesse observar tanto o lado de fora como o jantar abaixo dela.

O jantar teve mais sucesso pela comida do que como festa. A conversa limitou-se principalmente a trivialidades entre os dois homens mais velhos. Darby e Dan simplesmente comeram. Dora respondeu laconicamente às surtidas que Montgomery fez em sua direção e deixou de ouvir qualquer uma que considerasse pessoal demais. Os filhos pareceram surpresos de ver seus pratos guarnecidos com garfo, faca, pinça de segurar e colher, depois usaram principalmente a faca e os dedos; o pai fez algum esforço para usar aqueles instrumentos, ficando com um bocado de comida enfiada na barba.

Dora havia enchido a mesa com galinha frita quente, presunto frio em fatias, purê de batatas e molho de galinha, pão de milho quente e pão de trigo integral com gordura de tocinho, uma caneca de leite de cabra em cada lugar, salada de alface e tomates com cobertura de queijo de cabra ralado e cebolas, beterrabas cozidas, rabanetes frescos e morangos frescos com leite de cabra. Como prometeram, os Montgomerys comeram por seis e Dora ficou satisfeita por haver preparado bastante comida.

Por fim, Montgomery empurrou seu banco para trás e arrotou, reconhecido.

— Nossa, acertou em cheio! Dona Smith, a senhora pode cozinhar para nós o tempo todo. Certo, Dan?

— Certo, papai.

— Estou satisfeita de haverem apreciado o jantar, cavalheiros. — Ela levantou-se e começou a tirar a mesa. Lazarus levantou-se e começou a ajudá-la.

— Ah, sente-se, Bill — disse Montgomery. — Quero fazer-lhe algumas perguntas.

— Vá em frente e faça — disse Lazarus, continuando a empilhar os pratos.

— Você disse que não havia mais ninguém no vale.

— Isso é correto.

— Então acho que vamos ficar aqui mesmo. Dona Smith é uma cozinheira muito boa.

— Vocês são bem-vindos para acamparem aqui esta noite. Depois encontrarão terras excelentes mais adiante rio abaixo. Como lhes disse, tomei posse de tudo isto.

— Estava querendo falar com você sobre isso. Não parece direito um homem tomar posse de toda a melhor terra.

— Não é a melhor terra, Monty; há milhares de hectares tão bons quanto estes. A única diferença é que arei e cultivei esta parte.

— Bem, não vamos discutir sobre isso. Nós temos mais votos do que você. Quatro votando, quero dizer, e nós três votando da mesma maneira. Certo, Darby?

— Certo, papai.

— Isso não está sujeito a voto, Monty.

— Ora, vamos! A maioria sempre está certa. Mas não vamos discutir. Foi uma boa refeição, agora um pouco de diversão. Você gosta de lutar?

— Não especialmente.

— Não seja um desmancha-prazeres. Dan, acha que pode com ele?

— Claro, papai.

— Está bem. Bill, primeiro você luta com Dan... aqui no meio, e eu serei o juiz. Façam tudo direito e honestamente.

— Monty, não vou lutar.

— Ah, claro que vai. Dona Smith! É melhor vir para cá, a senhora não vai querer perder isto.

— Estou ocupada agora — gritou Dora. — Irei logo.

— É melhor se apressar. Depois você luta com Darby, Bill... depois comigo.

— Nada de luta, Monty. É hora de vocês irem para a sua carroça.

— Mas você quer lutar, rapaz. Eu não lhe disse qual é o prêmio. O vencedor dorme com Dona Smith. — Seu segundo revólver apareceu quando ele disse isso.

— Enganei você, não foi?

Da cozinha, Dora acertou com um tiro a arma em sua mão exatamente quando apareceu uma faca no pescoço de Dan. Lazarus atirou com cuidado na perna de Montgomery, depois com mais cuidado ainda alvejou Darby — enquanto Lady Macbeth se atirava na sua garganta. A luta havia durado menos de dois segundos.

— Lady. Sentada. Bom tiro, Dorável. — Ele afagou Lady Macbeth. — Muito bem, Lady, boa cadela.

— Obrigada, querido. Devo acabar com Monty?

— Espere um momento. — Lazarus passou por cima e olhou para o homem ferido no chão. — Tem alguma coisa a dizer, Montgomery?

— Seus canalhas! Não nos deram uma oportunidade.

— Dei a você uma porção de oportunidades. Você não as aproveitou. Dora? Você quer? O privilégio é seu.

— Não especialmente.

— Muito bem. — Lazarus apanhou o segundo revólver de Montgomery, notou que era realmente uma peça de museu, mas não parecia estar estragado. Usou-o para liquidar o seu dono.

Dora começou a tirar o vestido.

— Espere um momento, querido, enquanto tiro isto; não quero sujá-lo de sangue.

— Uma vez sem o vestido, sua gravidez apareceu um pouco. Ela também estava com várias outras armas, bem como um cinto de revólver preso abaixo dos

quadris.

Lazarus estava tirando o saiote e os outros enfeites.

— Não é preciso ajudar, querida; você já fez o trabalho de um dia inteiro... e muito bem! Jogue para mim apenas o meu macacão mais velho.

— Mas quero ajudar. O que é que você vai fazer com eles?

— Pô-los em sua carroça, levá-los rio abaixo para que os lobos cuidem deles e voltar com a carroça. — Ele olhou para o sol. — Resta uma hora ou mais de claridade. Tempo suficiente.

— Lazarus, não quero você longe de mim! Não agora.

— Está perturbada com isso, minha Dorável?

— Um pouco. Não muito. Ah... fiquei excitada com isso, tenho vergonha de dizer. Perversa, hein?

— Lil Pernalonga, qualquer coisa a deixa excitada. Sim, é um tanto perverso... mas uma reação surpreendentemente comum para o primeiro encontro de alguém com a morte. Nada de que se envergonhar, desde que você não fique habituada; é apenas um reflexo. A propósito, esqueça o macacão; posso limpar o sangue mais facilmente de mim do que do tecido. — Ele retirou a tranca e abriu a porta enquanto falava.

— Já vi a morte antes. Fiquei muito mais perturbada quando tia Helen morreu... e nem um pouco excitada.

— Uma morte violenta, devo dizer. Querida, quero levar estes corpos para fora do muro antes que o sangue encharque mais o chão. Podemos discutir isso mais tarde.

— Você vai precisar de ajuda para pô-los na carroça. E não quero ficar longe de você, realmente não quero.

Lazarus parou e olhou para ela.

— Você está mais perturbada do que deixou transparecer. Isso é comum também... firme no ato, depois uma reação tardia. Vamos combinar, então. Não posso conceber deixar as crianças sozinhas esse tempo todo, nem as quero numa carroça carregada com toda essa carne estragada. Suponha que eu me afaste apenas uma pequena distância esta noite, digamos trezentos metros ou coisa parecida, enquanto você começa a aquecer uma chaleira de água. Vou querer outro banho depois deste serviço, mesmo que consiga não me sujar com uma só gota de sangue.

— Sim, senhor.

— Dora, você não parece feliz.

— Vou fazer como você quer. Mas eu podia acordar Zaccur e mandá-lo cuidar dos outros. Ele está acostumado a isso.

— Muito bem, querida. Mas primeiro vamos pô-los na carroça. Você pode segurá-los pelos pés enquanto eu os arrasto. Se você vomitar, é melhor ir cuidar

das crianças enquanto termino isso.

— Não vou vomitar. Comi muito pouco.

— Não comi muito também. — Eles continuaram com aquele serviço horrível; Lazarus continuou a falar: — Dora, você fez um serviço perfeito.

— Percebi seu sinal. Você me deu bastante tempo.

— Eu não tinha certeza de que ele iria forçar uma solução final mesmo quando fiz o sinal.

— Realmente, querido? Eu sabia que eles pretendiam matar você e estuprar-me antes mesmo de se sentarem para comer. Você não sentiu isso? Assim, certifiquei-me de que comessem bastante... para que ficassem vagarosos.

— Dora, você sente realmente as emoções... não sente?

— Presto atenção no que pensam, querido. Quando são tão fortes assim, fico atenta. Mas eu não tinha certeza de como você resolveria a situação. Decidi que me deixaria estuprar a noite inteira se isso fosse necessário para você ter uma oportunidade segura.

O marido respondeu sobriamente:

— Dora, só permitirei que você seja estuprada se essa for a única maneira possível de salvar-lhe a vida. Esta noite isso não foi necessário. Graças a Deus! Mas Montgomery me deixou preocupado no portão. Três armas expostas abertamente e a minha ainda debaixo do saio... poderia ter sido um problema. Já que ele pretendia me pegar de qualquer maneira, devia tê-lo feito naquela hora. Dorável, três quartos do sucesso de qualquer luta estão em não se hesitar quando chega a hora. É por isso que estou tão orgulhoso de você.

— Mas você armou aquilo, Lazarus. Você fez sinal para eu tomar posição, ficou de pé quando ele o mandou sentar-se, você deu a volta até a ponta da mesa e atraiu os olhares deles... e ficou fora da minha linha de fogo. Obrigada. Tudo o que tive de fazer foi atirar quando ele sacou o revólver.

— É claro que fiquei fora da sua linha de fogo, querida; esta não é a minha primeira vez. Mas foi o seu tiro certo que me deu tempo de enfiar a faca em Dan em vez de ter que cuidar do pai primeiro. E Lady me fez o mesmo favor com Darby. Vocês duas evitaram que eu tivesse de estar em três lugares ao mesmo tempo, o que sempre achei difícil.

— Você treinou a nós duas.

— Hum, sim. O que não diminui absolutamente o fato admirável de você ter esperado até ele próprio se trair... depois, não ter perdido uma fração de segundo em acertá-lo. Como se fosse uma veterana de cem combates a tiro, em vez de nenhum. Você pode dar a volta e segurar as mulas enquanto abro a traseira da carroça?

— Sim, querido.

Ela havia apenas alcançado a parelha guia e falado tranquilizadamente com elas, quando Lazarus gritou: — Dora! Venha aqui um minuto. Ela voltou; ele

disse:

— Olhe para isto.

Era um pedaço de pedra chata que ele havia retirado do fundo da carroça e depositado no chão ao lado dos corpos. Tinha a inscrição:

BUCK

*NASCIDO NA TERRA 3031 D.C.
MORTO NESTE LUGAR N.O. 37*

Ele sempre fez o máximo

— Lazarus, não compreendo. Posso compreender por que eles pretendiam estuprar-me... provavelmente fui a primeira mulher que viram em muitas semanas. Posso até compreender que eles quisessem matá-lo, ou fazer qualquer coisa para me pegar. Mas por que roubariam isto?

— Não é exatamente "por quê", querida... As pessoas que não respeitam a propriedade das outras fazem qualquer coisa... e roubam qualquer coisa que não esteja pregada. Mesmo que isso não lhes sirva para nada. — E acrescentou: — Se eu tivesse sabido disso antes, não lhes daria oportunidade nenhuma. Essas pessoas devem ser destruídas imediatamente. O problema é identificá-las.

Minerva, Dora foi a única mulher que amei sem reservas, fã sei se posso explicar por quê. Eu não a amava dessa maneira quando me casei com ela; ela ainda não havia tido uma oportunidade para me ensinar o que o amor pode ser. Ah, eu a amava, mas com o amor do pai extremo por uma filha favorita, ou talvez o amor que se pode dedicar a um animal de estimação.

Resolvi casar-me com ela não por amor em qualquer sentido mais profundo, mas simplesmente porque aquela criança adorável, que me havia proporcionado tantas horas de felicidade, queria demais uma coisa — um filho meu —, e só havia uma maneira de eu poder dar a ela o que ela queria e ainda satisfazer o meu amor-próprio. Assim, quase friamente, calculei o custo e decidi que o preço era bastante baixo pelo que ela queria. Isso não podia custar-me muito; ela era uma efêmera. Cinquenta, sessenta, setenta, no máximo oitenta anos, e ela estaria morta. Eu podia dar-me ao luxo de dispender esse espaço trivial de tempo para tornar feliz a vida lamentavelmente curta da minha filha adotiva — foi como imaginei a coisa. Não era muito, e eu podia dar-me a esse luxo. Portanto, que assim fosse.

Todo o resto foi apenas um caso de não aceitar meias medidas; fazer o que fosse necessário para atingir o objetivo principal. Contei a você algumas das possibilidades; pode ser que eu não tenha mencionado que pensei em retomar o comando da *Andy J*, enquanto Dora vivesse, mandar Zaccur Briggs assumir o lado da sociedade em terra ou comprar a parte dele, se isso não lhe conviesse. Mas, embora oitenta e tantos anos numa espaçonave não me assustassem, para

Dora seria uma vida inteira e podia não lhe convir. Além disso, uma nave não é um lugar ideal para se criar filhos — o que fazer quando eles crescessem? Largá-los em algum lugar sem conhecer nada senão a rotina de bordo? Não era bom.

Decidi que o marido de uma efêmera tinha que ser um efêmero, de todas as maneiras que lhe fossem possíveis. Os corolários dessa decisão fizeram com que terminássemos no Vale Feliz.

Vale Feliz — a mais feliz de todas as minhas vidas. Quanto mais eu tinha o privilégio de viver com Dora, mais 3 amava. Ela me ensinou a amar amando-me, e eu aprendi, bastante devagar; eu não era um aluno muito bom, com os meus hábitos arraigados, e não tinha o talento natural dela. Mas aprendi. Aprendi que a felicidade suprema consiste em desejar manter a outra pessoa segura, apaixonada e feliz, e ter o privilégio de tentar.

E a mais triste também. Quanto mais completamente aprendia isso — vivendo dia após dia com Dora —, mais feliz eu era... e mais eu sofria, numa parte da minha mente com o conhecimento de que aquele podia ser apenas um período passageiro que devia terminar cedo demais — e, quando estivesse terminado, eu não me casaria outra vez por quase cem anos. Depois me casei, porque Dora me ensinou a enfrentar a morte também. Ela estava tão consciente da própria morte, da certeza da brevidade de sua vida, quanto eu. Mas ela me ensinou a viver agora, não deixar coisa alguma estragar o hoje... até que finalmente superei a tristeza de ser condenado a viver.

Divertimo-nos maravilhosamente! Trabalhando como burros de carga, tínhamos sempre coisas demais para fazer, e apreciávamos cada minuto. Nunca estávamos apressados demais para gozar a vida. Algumas vezes era apenas uma palmadinha na bunda e uma perto nos seios quando eu passava depressa pela cozinha, e o seu sorriso rápido em sinal de gratidão; outras vezes uma hora de indolência no telhado, empregada observando o pôr-do-sol, as estrelas e as luas, geralmente com Eros para torná-la mais doce.

Acho que se poderia dizer que o sexo foi o nosso único divertimento constante durante um certo número de anos (e nunca deixou de estar em primeiro lugar, porque Dora era tão entusiástica aos setenta como aos dezessete anos — apenas não tão flexível). Geralmente eu estava cansado demais para jogar xadrez, embora eu tivesse feito para nós um conjunto de peças; não tínhamos nenhum outro jogo e provavelmente não o teríamos jogado de qualquer maneira — éramos ocupados demais. Ah, fazíamos outras coisas; muitas vezes um de nós lia em voz alta enquanto o outro tricotava, cozinhava ou coisa parecida. Ou cantávamos juntos, entoando o ritmo enquanto empilhávamos com o forçado grãos ou estrume.

Trabalhávamos juntos o máximo possível; a divisão do trabalho obedecia apenas aos limites naturais. Não posso conceber um bebê ou dar-lhe de mamar, mas posso fazer tudo o mais por uma criança. Dora não podia fazer algumas coisas

que eu fazia porque eram muito pesadas para ela, especialmente quando sua gravidez estava muito adiantada. Ela possuía mais talento para cozinhar do que eu (eu tinha séculos de experiência, mas não o seu toque), e ela podia cozinhar enquanto cuidava de um bebê e atendia às crianças menores, as que eram pequenas demais para se juntarem a mim nos campos. Mas eu cozinhalva, especialmente a refeição matinal, enquanto ela organizava as crianças e ajudava a cuidar da fazenda e especialmente da horta. Ela não entendia nada de fazenda, mas aprendeu.

Também não conhecia construção — mas aprendeu. Enquanto eu fazia a maior parte do trabalho difícil, ela fazia a maior parte dos tijolos de adobe, sempre com a quantidade certa de palha. O adobe não era muito adequado ao clima — chovia demais, e pode ser desencorajador ver uma parede derreter-se porque uma chuva inesperada nos pegou antes de a cobrirmos.

Mas constrói-se com o que se tem, e ajudou muito o fato de eu ter as capotas das carroças para prender nas paredes mais expostas até imaginar um meio de impermeabilizar uma parede de adobe. Não pensei numa cabana de troncos; a madeira boa ficava muito longe. Eu e as mulas levávamos um dia inteiro para trazer dois troncos, o que os tornava muito onerosos para a maioria das construções. Em vez disso, arranjei-me com material menor que crescia ao longo das margens do rio Buck e arrastava os troncos apenas para as vigas.

Nem queria construir uma casa que não fosse tão à prova de fogo quanto pudesse fazê-la. Certa vez o bebê Dora quase morreu queimado; eu não ia fazer Dora e seus filhos correrem tal risco outra vez.

Entretanto, descobrir como tornar um telhado tanto impermeável como à prova de fogo quase me deixou desnordeado.

Passei pela resposta centenas de vezes antes de reconhecê-la. Quando o vento, o tempo, a putrefação, os lobos e os insetos tinham feito o pior contra um dragão morto, o que restava era quase indestrutível. Descobri isso quando tentei queimar o que restava de um grande animal que estava desagradavelmente perto do nosso recinto. Nunca descobri por que isso acontecia. Talvez a bioquímica daqueles dragões tenha sido investigada desde então, mas eu não tinha nem o equipamento, nem tempo, nem interesse; estava ocupado demais lutando pela vida de minha família e fiquei simplesmente encantado ao saber que aquilo era verdade. Cortei o couro da barriga em encerados à prova d'água e de fogo; o couro das costas e dos lados deu um telhado excelente. Mais tarde descobri muitos usos para os ossos.

Nós dois ensinávamos as crianças, tanto dentro de casa como fora. Talvez os nossos filhos tivessem uma educação muito estranha... mas uma moça que pode moldar uma sela confortável e bonita contando apenas com uma mula morta e não muita coisa mais, resolver de cabeça equações de segundo grau, atirar certamente com revólver ou flecha, preparar uma omelete leve e saborosa, recitar páginas após páginas de Shakespeare, carnear um porco e curá-lo, não pode ser chamada de ignorante pelos padrões de Novas Origens. Todos os nossos meninos e meninas podiam fazer tudo isso e mais. Devo admitir que falavam um

tipo de inglês bastante floreado, especialmente depois que criaram o Teatro Novo Globo e montaram uma a uma todas as peças do velho Bill. Isto lhes deu, sem dúvida, estranhas idéias a respeito da cultura e da história da Velha Terra, mas não pude ver em quê o fato poderia prejudicá-los. Tínhamos apenas alguns livros encadernados, principalmente de referência; os doze livros "divertidos" foram manuseados até a morte.

Os nossos filhos não viam nada de estranho em aprender a ler no *Como quiserdes*.^[51] Ninguém lhes disse que isso era muito difícil para eles, e eles devoraram tudo, encontrando "línguas em árvores, livros nos riachos que corriam, sermões nas pedras e o bem em todas as coisas".

Embora fosse estranho ouvir uma menina de cinco anos falar em escansão e em períodos exclusos, os polissílabos rolavam graciosamente dos seus lábios infantis. Mas eu preferia isso a uma linguagem idiota de uma era posterior à de Bill.

Logo abaixo de Shakespeare em popularidade, e em primeiro lugar quando Dora estava inchando outra vez, ficavam os meus livros de medicina, especialmente os de anatomia, obstetrícia e ginecologia. Qualquer nascimento era um acontecimento — gatinhos, bacorinhos, potros, cachorrinhos, cabritos —, mas um bebê novo de Dora era um super-acontecimento, acontecimento que sempre punha mais impressões digitais naquela ilustração padrão, um corte da mãe e do bebê aos nove meses. Finalmente retirei essa ilustração e várias pranchas que se seguiam, as que mostravam o parto normal, e preguei-as em cartazes para evitar o uso e os rasgos nos meus livros — depois anunciei que eles podiam olhar aquelas fotografias o quanto quisessem, mas que tocar numa acarretaria uma surra. Fui forçado a dar uma surra em Iseult para manter a lei, o que magoou seu velho pai muito mais do que sua bunda de criança, embora ela salvasse meu prestígio aplaudindo minhas palmadas suaves com altos gritos e lágrimas.

Meus livros de medicina tiveram um efeito estranho. Nossos filhos conheciam, desde a mais tenra infância, todos os monossílabos ingleses corretos para a anatomia e as funções humanas; Helen Mayberry nunca havia usado gíria com Dora em criança; Dora falava da mesma forma correta diante dos filhos. Uma vez tendo eles começado a ler os meus livros, porém, o esnobismo intelectual se estabeleceu; eles adoravam aqueles polissílabos em latim. Se eu dizia "útero" (como sempre fiz), algum pirralho de seis anos me informava, com tranqüila autoridade, que o livro dizia "uterus". Ou Undine podia entrar correndo com a notícia de que Billy Costeletas Grandes estava "copulando" com Sedosa, ao que as crianças corriam para fora até o curral das cabras para observar. Em alguma ocasião por volta dos quinze anos, elas geralmente se recuperavam desta bobagem e voltavam a falar como seus pais; portanto, acho que isso não os prejudicou.

O motivo de minha própria lubricidade não servir de espetáculo, como o que todos os animais proporcionavam, era, acho eu, apenas meus próprios hábitos sem propósito mas muito antigos. Não acho que isso chegasse a aborrecer Dora,

porque não pareceu aborrecê-la nas ocasiões em que aconteceu — como aconteceu; a intimidade era escassa e ficou cada vez mais escassa, até que construímos a nossa casa grande, cerca de doze ou treze anos após entrarmos no vale — tempo indefinido, porque durante anos trabalhei nela quando podia; depois nos mudamos para lá sem terminá-la, porque estávamos estourando as paredes de nossa primeira casa e outro bebê (Ginny) estava a caminho.

Dora não se perturbava com a falta de intimidade porque sua doce luxúria era totalmente inocente, ao passo que a minha era marcada pela cultura em que eu fora criado — cultura essa completamente psicótica, especialmente nesse assunto. Dora fez muito para curar essas cicatrizes. Mas nunca atingi sua inocência angélica.

Não me refiro à inocência da ignorância infantil; refiro-me à verdadeira inocência da mulher adulta e inteligente, informada e que não possui maldade. Dora era tão irreduzível quanto inocente, sempre consciente de que era responsável por seus próprios atos. Ela sabia que "o rabo acompanha a Pele do animal, que não se pode ficar um pouco grávida, que não constitui bondade enforcar um homem vagarosamente". Ela podia tomar uma decisão difícil sem se perturbar e depois agüentar as conseqüências se o seu julgamento terminasse sendo errado. Podia pedir desculpas a uma criança ou a uma mula. Mas isso raramente era necessário; sua própria honestidade não a levava a tomar decisões erradas muitas vezes.

E ela não flagelava a si própria quando cometia um engano. Corrigia-o o melhor que podia, aprendia com ele e não perdia o sono por causa disso.

Embora seus antepassados lhe tivessem proporcionado esse potencial, deve ser creditado a Helen Mayberry havê-la orientado e permitido que isso se desenvolvesse. Helen Mayberry era sensível e sensata. Pensando nisso, os traços se complementam. Uma pessoa que é sensível sem ser sensata é toda confusa, não age adequadamente. Uma pessoa que é sensata e não é sensível... nunca conheci uma e não estou certo de que uma pessoa assim possa existir.

Helen Mayberry nascera na Terra, mas havia se desvencilhado dos seus maus antecedentes ao emigrar; ela não transmitiu ao bebê Dora e à menina Dora que crescia os padrões doentios de uma cultura agonizante. Soube uma parte disto pela própria Helen, porém aprendi mais sobre Helen com Dora, a Mulher. Durante o longo tempo que tive para travar conhecimento com aquela estranha com quem me havia casado (os casais sempre começam como estranhos, não importa há quanto tempo se conheçam), soube que Dora conhecia o tipo de relação que certa vez existira entre mim e Helen Mayberry, incluindo o fato de que eram econômicas bem como sociais e físicas.

Isto não tornou Dora ciumenta da "tia" Helen; o ciúme era apenas uma palavra para Dora, palavra essa que não significava mais para ela do que o pôr-do-sol para uma minhoca; a capacidade de sentir ciúme nunca se desenvolvera nela. Dora considerava os acordos entre mim e Helen como naturais, razoáveis e apropriados. Na verdade, estou certo de que o exemplo de Helen foi o fator decisivo para Dora me escolher como seu companheiro, porque não podiam ter

sido o meu charme e a minha beleza, ambos desprezíveis. Helen não havia ensinado a Dora que o sexo era alguma coisa sagrada; ensinou-lhe, por norma e exemplo, que o sexo é uma maneira de as pessoas serem felizes juntas.

Veja aqueles três abutres que nós matamos... Em vez do que eram, se eles fossem homens bons e decentes — ah, homens como Ira e Galahad —, e dadas as mesmas circunstâncias, quatro homens com apenas uma mulher e a situação com probabilidade de continuar como estava, acho que Dora teria adotado fácil e naturalmente a poliandria... e teria conseguido convencer-me de que essa era a única solução feliz, da maneira como ela própria a considerava.

Nem teria ela, acrescentando mais maridos, rompido seus votos matrimoniais. Dora não havia prometido ser fiel apenas a mim; não deixo uma mulher prometer isso, porque algumas vezes chega um dia em que ela não pode cumprir.

Dora podia ter feito felizes quatro homens decentes e honrados. Dora não tinha nenhuma das atitudes doentias que impedem uma pessoa de amar cada vez mais; Helen havia cuidado disso. E, como acentuavam os gregos, um homem só não pode extinguir o fogo do Vesúvio. Ou foram os romanos? Não importa, é verdade. Dora provavelmente teria sido até mais feliz num casamento poliândrico. E se ela fosse mais feliz, segue-se, como a noite ao dia, que eu também teria sido — embora eu não possa imaginar ser mais feliz do que era. No entanto, mais músculos fortes, masculinos, teriam tornado a vida mais fácil para mim; eu tinha sempre coisas demais para fazer. Mais companhia podia ter sido agradável também, sou forçado a supor — a companhia de homens que Dora considerasse aceitáveis. Quanto à própria Dora, ela possuía bastante amor dentro de si para prodigalizá-lo a mim e a uma dúzia de filhos; mais três maridos não teriam esgotado seus recursos, ela era uma fonte que nunca secava.

Mas a questão é hipotética. Aquelles três Montgomerys eram tão diferentes de Galahad e Ira que era difícil pensar neles como sendo da mesma raça. Eram canalhas que mereciam a morte, e foi isso que conseguiram. Fiquei sabendo pouca coisa sobre eles, pela leitura do conteúdo da sua carroça. Minerva, eles não eram pioneiros; não havia sequer o mínimo naquela carroça para começar uma fazenda. Nem um arado, nem um saco de sementes... E seus oito mulos eram todos castrados. Não sei o que eles achavam que estavam fazendo. Exploravam apenas para se divertir, talvez? Depois voltariam para a "civilização" quando se cansassem disso? Ou esperavam descobrir se algum dos grupos de pioneiros que haviam partido por cima do passo tinham conseguido atravessá-lo — e pudessem ser aterrorizados até a submissão? Não sei, nunca saberei. Nunca entendi a mentalidade dos gângsteres — simplesmente sei o que fazer com gângsteres.

Assim sendo, eles cometeram o engano fatal de enfrentar a doce e meiga Dora. Ela não só disparou no momento exato, como arrancou à bala a arma da mão do inimigo, em vez de acertar no alvo muito mais fácil, a barriga ou o peito dele. Importante? Extremamente importante, para mim. A arma dele estava apontada para mim. Se Dora acertasse nele, em vez de na sua arma, mesmo que o tiro

dela o matasse, o último reflexo do bandido provavelmente — certamente, acho eu — teria feito seus dedos se crisparem e eu teria sido atingido. Você pode imaginar isso de meia dúzia de maneiras, todas más.

Acidente feliz? Absolutamente. Dora estava apontando para ele da escuridão da cozinha. Quando ele sacou aquela arma, ela instantaneamente mudou seu ponto de pontaria e alvejou a arma. Foi sua primeira — e última — luta a tiros. Mas era uma verdadeira atiradora, aquela moça! As horas que havíamos passado aprimorando sua habilidade renderam. Mais raro do que a habilidade, porém, foi o julgamento frio com o qual ela decidiu tentar o alvo muito mais difícil. Não pude treiná-la nisso; tinha que ter nascido com ela. O que ocorreu... se você se lembrar, o pai dela tomou o mesmo tipo de decisão em uma fração de segundo como último ato antes de morrer.

Passaram-se mais sete anos antes que outra carroça aparecesse no Vale Feliz — três carroças viajando juntas, três famílias com filhos, verdadeiros pioneiros. Ficamos satisfeitos em vê-los e fiquei especialmente feliz em ver os filhos deles. Porque eu estava fazendo mágica com ovos. Ovos verdadeiros. Óvulos humanos.

Meu tempo estava acabando; nossos filhos mais velhos estavam crescendo.

Minerva, você sabe tudo o que a raça humana aprendeu sobre genética. Você sabe que as Famílias Howard foram criadas endogamicamente a partir de um conjunto razoavelmente pequeno de genes e que a endogamia tendeu a livrá-los dos maus genes, mas você conhece também o alto preço pago em defeituosos. Ainda está sendo pago, devo acrescentar; em toda parte onde há Howards há também santuários para os defeituosos. Nem existe qualquer fim para isso; novas mutações desfavoráveis, despercebidas até que sejam reforçadas, é o preço que nós, animais, temos que pagar pela evolução. Talvez haja uma maneira mais barata algum dia... Não havia nenhuma em Novas Origens mil e duzentos anos atrás

O jovem Zack era um rapaz robusto, cuja voz era decididamente de barítono. Seu irmão, Andy, não tinha mais voz de soprano no coro da nossa família, embora sua voz ainda fosse rachada. O bebê Helen não era mais nenhum bebê — não menstruava ainda, mas pelo que eu via, isso poderia acontecer a qualquer momento.

Quero dizer que Dora e eu estávamos tendo que pensar no assunto, forçados a considerar alternativas difíceis. Devíamos empilhar sete crianças nas carroças e dirigir-nos de volta através da Muralha? Se conseguíssemos atravessar, devíamos deixar os quatro mais velhos com os Magees ou alguém, e depois voltar para casa com os três mais moços? Sozinhos? Ou cantar os louvores do Vale Feliz, sua beleza e sua riqueza, tentar levar um grupo de pioneiros de volta pela serra e, assim, evitar tais crises no futuro?

Eu havia esperado, com otimismo demais, que outros nos seguissem quase imediatamente — um, dois ou três anos —, já que havia deixado uma trilha transitável para carroças atrás de mim. Mas não sou dos que choram sobre o leite

derramado ou após o cavalo ser roubado. O que podia ter acontecido não interessava; o problema era o que fazer com os nossos fogosos filhos, agora que estavam crescendo.

Não adiantava falar com eles sobre o "pecado", mesmo que eu fosse capaz de tal hipocrisia — o que não sou, especialmente com crianças. Nem poderia ter passado essa idéia. Dora teria ficado chocada e magoada, e entre as suas habilidades não estava a de mentir convincentemente. Nem eu queria encher nossos filhos com tais bobagens; a mãe angelical deles era a libertina mais feliz e sempre disposta do Vale Feliz — até mais do que eu e as cabras — e nunca pretendeu ser o contrário.

Devíamos relaxar e deixar a natureza seguir o seu antigo curso? Aceitar a idéia de que nossas filhas iriam dentro em pouco (cedo demais?) ter relações com nossos filhos e estarmos preparados para aceitar o preço? Esperar pelo menos um neto defeituoso em cada dez? Eu não tinha dados com os quais estimar o custo com qualquer exatidão maior do que essa, porque Dora não sabia nada sobre os seus antepassados e, embora eu soubesse um pouco sobre os meus, não sabia o suficiente. Tudo quanto eu tinha era aquela velha regra empírica extremamente rudimentar.

Assim, ganhamos tempo.

Recaímos em outra velha e segura regra empírica: nunca faça hoje o que pode adiar até amanhã se amanhã puder melhorar as possibilidades.

Mudamo-nos, então, para a nossa nova casa enquanto ela ainda não estava terminada, mas com o bastante para termos um dormitório de moças, um dormitório de rapazes e um quarto para mim e Dora com um berçário adjacente.

Mas não nos iludimos quanto a termos resolvido o problema. Em vez disso discutimos o problema abertamente, certificamo-nos de que os três mais velhos sabiam do que se tratava, quais eram os riscos e por que seria vantajoso esperar. Tampouco as crianças mais moças foram excluídas deste ensinamento; apenas não se exigiu delas que ouvissem, quando ficavam chateadas com detalhes técnicos por serem moças demais para que se interessassem por eles.

Dora insistiu num detalhe, algo que Helen Mayberry havia feito para ela cerca de vinte anos antes. Anunciou que, quando a pequena Helen começasse a menstruar, declararíamos feriado e daríamos uma festa, com Helen como convidada de honra. Daí por diante, a cada ano, esse dia seria conhecido como o "Dia de Helen", e seria assim com Iseult e Undine e pela fila abaixo até haver um feriado anual para cada moça.

Helen mal pôde esperar para passar da infância para a juventude — e quando passou, alguns meses mais tarde, ficou insuportavelmente presunçosa. Acordou a todos aos gritos, anunciando o fato.

— Mamãe! Papai! Olhem, aconteceu! Zack! Andy! Acordem! Venham ver!

Se doeu, ela não o mencionou. Provavelmente não doeu; Dora não era sujeita a

cólicas menstruais, e nenhum de nós disse às meninas para esperá-las. Sendo eu mesmo convexo em vez de côncavo, evito comentar a teoria de que essas dores sejam um reflexo condicionado; não acho que tenha direito a uma opinião — você pode perguntar a Ishtar.

O fato resultou também em eu ser visitado por uma delegação de dois, Zack e Andy, com Zack como porta-voz:

— Olhe, papai, achamos esplêndido, próprio e adequado que o dia da nossa irmã Helen seja marcado com sons alegres e animação, proclamando assim a legítima herança da nossa irmã. Mas sinceramente, papai, parece-me...

— Acabe com isso e diga logo.

— Bem, e quanto aos meninos?!

Com os diabos, eu reinstituí a cavalaria!

Não como uma inspiração súbita. Zack fizera um pedido difícil; tive que dar voltas antes de encontrar uma resposta exequível. Claro, há ritos de passagem para os homens assim como para as mulheres; é assim em todas as culturas, mesmo naquelas que não têm consciência disso. Quando eu era menino, era o primeiro terno com calças compridas. E há outros, como a circuncisão na puberdade, provas de dor, matar alguma fera temível — inúmeros.

Nenhum destes servia para os nossos meninos. Alguns eu desaprovava, outros eram impossíveis — a circuncisão, por exemplo. Eu tenho esta mutação sem importância, nenhum prepúcio. Mas isso é um dominante ligado ao Y, e transmito-o a todos os meus filhos homens. Os meninos sabiam disto, mas relutei em mencionar o fato outra vez, discuti-o em relação às maneiras intermináveis pelas quais a transição para o início da virilidade era comemorada algumas vezes — enquanto tentava pensar numa resposta para a pergunta principal-

— Olhem, meninos — eu disse finalmente —, vocês dois sabem tudo sobre reprodução e genética que lhes pude ensinar. Vocês dois sabem o que significa o "Dia de Helen", não sabem? Andy?

Andy não respondeu; seu irmão mais velho disse:

— Claro que ele sabe, papai. Significa que Helen pode ter bebês agora, da mesma forma que mamãe. Você sabe disso, Andy. — Andy concordou com a cabeça, os olhos redondos. — Todos nós sabemos, papai, até os garotos. Bem, não tenho certeza quanto a Ivar; ele é tão pequeno! Mas Iseult e Undine sabem disso. Helen tem dito a elas que vai emparelhar com mamãe... ter o seu primeiro bebê já.

Controlei os calafrios que senti. Deixe-me resumir isto: eu não disse a eles que essa era uma má idéia; ao contrário, levei um longo tempo extraindo respostas deles, coisas que os dois sabiam, mas nas quais ainda não tinham pensado tão pessoalmente — como Helen podia ter um bebê a menos que algum deles o pusesse dentro dela; como Helen ainda era pequena demais para formar um bebê, apesar de o Dia de Helen marcar o fato de ela agora ser vulnerável; como e por que, mesmo quando Helen fosse grande o bastante dentro de alguns anos,

um bebê de Helen com um de seus irmãos podia ser uma tragédia, em vez dos lindos bebês que mamãe sempre fazia. Eles falaram, os olhos de Andy crescendo o tempo todo — eu simplesmente forneci as perguntas principais.

Fui ajudado nisto pelo fato de uma pequena mula, Dançarina, ter ficado no cio pela primeira vez quando achei que não estava bastante crescida para ter um potro. Assim, mandei Zack pô-la separada num cercado — e ela abriu a coices um buraco na cerca, e conseguiu o que queria; Vaqueiro cobriu-a. Realmente, o potro era grande demais para ela e tive que intervir, interromper a coisa e tirá-lo aos pedaços — um serviço rotineiro de cirurgia veterinária de emergência, mas um espetáculo impressionante e sangrento para dois meninos, que ajudavam o pai controlando a mula enquanto ele operava.

Não, na verdade eles não queriam que nada parecido com isso acontecesse a Helen. Não, senhor!

Minerva, eu os tapeei um pouco. Eu não disse a eles que a maneira pela qual Helen se estava espalhando na base e nas medidas já havia tornado claro para o médico da família

— eu — que ela era uma fábrica natural de bebês melhor do que a mãe, e estaria suficientemente grande para o seu primeiro, muito mais moça do que Dora quando teve Zaccur; eu não disse a eles que as probabilidades de um bebê saudável num acasalamento de irmão com irmã eram maiores do que as probabilidades de um bebê defeituoso. Certamente não disse!

Em vez disso, tornei-me lírico sobre como as moças eram criaturas maravilhosas, que milagre era elas poderem fazer bebês, como eram preciosas e como era um orgulhoso privilégio do homem amá-las, acariciá-las e protegê-las -protegê-las até de suas próprias loucuras, porque Helen podia comportar-se exatamente como a Dançarina, mostrando-se impaciente e tola. Portanto, não a deixem tentá-los, meninos, repilam-na, exatamente como vêm fazendo. Eles o prometeram com lágrimas nos olhos.

Não lhes pedi que promettessem isso ou qualquer coisa

— mas o fato deu-me a idéia: fazer a "princesa" Helen armá-los cavaleiros.

As crianças se apossaram dessa idéia e correram com ela; *Histórias da corte do rei Artur* era um dos livros que Dora havia levado consigo porque Helen Mayberry o havia dado a ela. Tivemos, então, Sir Zaccur, o Forte, c Sir Andrew, o Valente, e duas damas de honra, esperando com bastante ansiedade; Iseult e Undine sabiam que também seriam "princesas" assim que comesçassem a menstruar. Ivar era escudeiro dos dois cavaleiros e seria armado cavaleiro ele próprio quando sua voz mudasse. Só Elf ainda era pequeno demais para entrar na brincadeira.

Isso funcionou como um expediente temporário. Suponho que a "princesa" Helen tenha sido protegida mais do que desejava. No entanto, se ela não podia atrair seus fiéis cavaleiros para dentro dos milharais, eles puxavam o banco para ela nas refeições, faziam-lhe reverências muitas vezes e geralmente se dirigiam a

ela como "gentil princesa"... consideravelmente mais vezes do que jamais o fiz para minhas irmãs.

Antes do primeiro aniversário do Dia de Helen aquelas três novas famílias caíram das montanhas e a crise terminou. Foi Sammy Roberts, e não um dos irmãos dela, que abriu pela primeira vez as coxas da "princesa" Helen. Certamente, como ela disse à mãe imediatamente (ainda influência de Helen Mayberry), Dora beijou-a e disse que ela era uma boa menina, que fosse procurar papai e pedisse que ele a examinasse — eu o examinei e ela não se ferira, nada que merecesse menção. Mas isso deu a Dora algum controle sobre a questão, da mesma forma que Helen Mayberry havia orientado Dora mais ou menos na mesma idade — como Dora me havia dito muito antes disso. Em consequência, nossa filha mais velha não ficou grávida até ter quase a mesma idade e ficar um pouco mais cheia do que Dora quando nos casamos. Ole Hanson casou-se com Helen; Sven Hanson, eu, Dora e Ingrid ajudamos os jovens a começarem sua fazenda, Helen achava que o bebê era de Ole, e pelo que sei ela tinha razão. Nenhum problema. Nenhum problema também quando Zack se casou com Hilda Hanson. No Vale Feliz a gravidez era equivalente ao noivado; não posso lembrar-me de alguma moça que se tenha casado sem essa prova de aptidão. Certamente nenhuma tias nossas filhas.

Ter vizinhos era ótimo.

(Omitido)

...não só trouxe sua rabeça ao cruzar a Muralha, como sabia tocá-la. Eu sabia tocar um pouco e, embora não tivesse tocado um violino por cerca de cinquenta anos, descobri que a aptidão me voltava. Dessa forma, revezávamo-nos, porque Papai também gostava de dançar. Assim:

— Formem quadrilhas!

"Cumprimentem a dama! Agora, a dama do outro lado! A moça do canto! A moça da direita! Cumprimentem a sua dama e façam um trono para ela. Todos de pé, e não a deixem cair; façam girar todas as damas."

"Moisés viveu muito tempo atrás.

O rei disse 'sim'; Moisés disse 'não!' (Dêem-se as mãos, virem para a direita.)

Faraó era o primeiro nome desse rei;

Fê-los viver uma vida de vergonha! (*Allemande*¹⁵²¹ à esquerda! Com um *dosey-doh*¹⁵³¹! Depois vão para casa e girem!)

... disse 'sim' e as ondas se abriram. (Primeiro casal, atravesse o mar Vermelho! Agora a moça do canto e o homem da direita! O rapaz do canto, a moça da esquerda, circulem e continuem vindo da direita e da esquerda!)

*Um grupo feliz na margem oposta,
Portanto, entrem todos em forma e girem mais uma vez!
O rei chora sozinho na margem egípcia;*

O Povo Eleito não é mais escravo!

Portanto, beije sua dama e cochiche no seu ouvido; Depois, faça-a sentar-se e traga-lhe uma cerveja. (Intervalo!)"

Ah, como nos divertíamos! Dora aprendeu a dançar logo que se tornou avó — e ainda estava dançando quando era trisavô. Nos primeiros anos as festas eram mais frequentes na nossa casa, porque tínhamos a casa maior e um conjunto suficientemente grande para uma grande festa. Começávamos a dançar no fim da tarde e dançávamos até não poder mais ver o próprio par; depois havia um bufê, jantar à luz de velas e ao luar; depois cantávamos um pouco e dormíamos por toda parte — em todos os quartos, no telhado, em camas improvisadas, alguns nas carroças — e, se alguém alguma vez dormiu sozinho, nunca ouvi falar nisso. E não havia problema algum se as coisas ficassem um tanto licenciosas.

Na manhã seguinte provavelmente haveria uma representação dupla pelos Atores da Taverna da Sereia, uma comédia e uma tragédia, depois seria tempo para aqueles que moravam mais longe reunirem seus filhos, atrelarem suas mulas e rodarem, enquanto aqueles que moravam mais perto ajudavam na limpeza antes de fazerem a mesma coisa consigo.

Ah, lembro-me de um pequeno problema: um homem deixou o olho de sua mulher preto por motivo fútil, ao que os seis homens mais próximos dele jogaram-no para fora do portão e passaram a tranca. Isso o deixou com tanta raiva que ele atrelou e partiu... e dirigiu-se de volta pela Grande Garganta acima, em direção ao Passo Desesperado — fato que não foi percebido por algum tempo, porque sua mulher e seu filho se mudaram para a casa da irmã, marido e filhos, e lá ficaram, em poligamia — embora não fosse a única. Não havia nenhuma lei sobre casamento ou sexo — nenhuma lei sobre coisa alguma durante muitos anos —, exceto que incorrer na desaprovação dos vizinhos, tal como deixar a mulher com um olho preto, significava arriscar o ostracismo, mais ou menos a pior coisa que podia acontecer a um pioneiro abaixo de ser linchado.

Mas os imigrantes têm uma tendência a ser sensuais, e encaram isso tranquilamente. A inteligência superior sempre inclui um forte impulso sexual, e os pioneiros do Vale Feliz haviam passado por uma relação dupla, primeiro na decisão de deixarem a Terra, e depois ao decidirem enfrentar o Passo Desesperado. Tínhamos, portanto, verdadeiros sobreviventes no Vale Feliz, espertos, cooperativos, engenhosos, tolerantes — dispostos a lutar quando necessário, mas com pouca probabilidade de lutar por motivos fúteis. O sexo não é fútil, mas lutar por causa dele geralmente é bastante tolo. Só é característico de um homem que não está certo da sua virilidade, o que não descrevia nenhum destes homens; eles estavam seguros de si mesmos, não havia necessidade de provar isso. Nada de covardes, nada de ladrões, nada de fracos, nada de arrogantes — a exceção rara não durou o suficiente para contar. Ou morreu

como aqueles três primeiros, ou fugiu de nós como aquele idiota que deu um soco na mulher.

Estes raros expurgos eram sempre rápidos e informais. Durante muitos anos a única lei que tivemos foi a Regra de Ouro, não escrita mas obedecida rigorosamente.

Numa comunidade dessa os tabus inúteis sobre o sexo não podiam durar; para começar, eles não tendiam a ser trazidos para dentro do nosso vale. Ah, a endogamia confinada não era bem vista; estes pioneiros não eram ignorantes a respeito de genética, nem de controle da concepção. Mas a atitude era pragmática; não me lembro de ter ouvido alguma vez alguém falar contra o incesto, que era apenas uma alegre travessura sem conseqüências. Mas lembrome de uma moça que se casou com seu meio-irmão abertamente e teve vários filhos com ele — presumo que fossem dele. Pode ter havido cochichos, mas isso não os levou ao ostracismo. Qualquer padrão de casamento era tratado como assunto particular dos parceiros envolvidos, não como algo a ser aprovado pela comunidade. Lembro-me de dois casais jovens que resolveram unir suas fazendas, depois construíram uma casa bem grande, aumentando a maior das duas casas e transformando a outra num celeiro. Ninguém perguntou quem dormia com quem; presumiu-se que era um casamento a quatro, e sem dúvida J^a era antes de eles aumentarem aquela casa e unirem seus recursos. Não era da conta de ninguém, apenas da deles.

Entre essas pessoas o plural de "esposa" era "tempero"^[54].

Uma comunidade pioneira, pobre em tudo o mais, sempre cria seus próprios divertimentos — com o sexo encabeçando a lista. Não tínhamos nenhum artista profissional, nenhum teatro (a menos que se conte o teatro amador criado pelos nossos filhos), nenhum cabaré, nenhuma diversão que dependesse de eletrônica sofisticada, nenhum periódico, poucos livros. Certamente essas reuniões do Clube de Dança do Vale Feliz continuavam como orgias moderadas, depois de ficar escuro demais para se dançar e as crianças mais moças serem postas na cama para dormir — como podia ser de outra maneira? Mas era tudo bastante moderado; um casal podia sempre ir dormir na própria carroça e ignorar o tranqüilo *luau* em outra parte. Nenhuma compulsão em qualquer sentido — bolas, eles não tinham que dançar.

Mas ninguém deixava de ir àquelas festas semanais, se pudesse. Eram particularmente agradáveis para os mais moços; davam-lhes uma oportunidade de se conhecerem e namorar. Talvez a maioria dos primeiros filhos tenha sido concebida em nossas festas; havia oportunidade para isso. Por outro lado, uma moça não tinha que entregar-se se isso não lhe conviesse. Mas era comum uma moça se casar aos quinze, dezesseis anos, e os noivos não eram muito mais velhos — primeiro casamento tardio é um costume de cidade grande, nunca encontrado numa cultura pioneira.

Dora e eu? Mas, Minerva, eu disse a você antes.

(Omitido)

...começaram o programa de fretes para fora do vale no ano em que Gibbie nasceu e Zack tinha, ah, dezito anos, eu acho — tenho que ficar convertendo os anos de Novas Origens em anos padrões. De qualquer maneira, ele era mais alto do que eu, não muito menos de dois metros, e concentrava talvez oitenta quilos; e Andy era quase tão grande e forte como ele. Faziam pressão sobre mim para não esperar porque eu sabia que Zack podia casar-se qualquer dia — e eu não podia enviar uma carroça por cima do passo só com Andy. Ivar tinha apenas nove, anos — era de grande ajuda na fazenda, mas não estava crescendo suficientemente para este serviço.

Mas não pude encontrar cocheiros além dos da minha própria família. Havia apenas cerca de doze famílias no vale; elas não estavam lá há muito tempo, e não sentiam ainda a necessidade de comprar coisas que eu sentia.

Eu queria três carroças novas, não só porque as minhas três estavam ficando velhas como também porque Zack ia precisar de uma quando se casasse. Bem como Andy. E eu podia ter que dar uma a Helen como dote, se e quando. O mesmo se aplicava a arados e vários tipos de equipamentos metálicos para fazendas. Prósperos como éramos, o Vale Feliz não podia ser inteiramente auto-suficiente sem uma indústria de metais — o que vale dizer: não por muitos anos.

Eu tinha uma outra longa lista de coisas para comprar...

(Omitido)

...num programa trimestral. Mas os alimentos que cinqüenta e tantos fazendeiros podiam mandar para fora não podiam comprar muita coisa do outro lado, competindo com fazendeiros que não tinham a despesa de transportar por tropa de mulas por cima da Muralha e através da pradaria; eu ainda subvencionava nossa ligação com a civilização fazendo saques contra John Magee, a serem debitados à minha participação na *Andy J.* e, assim, trazia coisas para o vale que não poderíamos ter de outra maneira. Algumas eu conservava — Dora teve água corrente dentro de casa depois da primeira viagem que os nossos rapazes fizeram, bem a tempo de cumprir minha promessa a ela, porque Zack engravidou Hilda logo depois que voltou; o primeiro bebê deles, Ingrid Dora, e o término do banheiro de Dora ocorreram quase ao mesmo tempo. Outras coisas eu vendi aos outros fazendeiros em troca de trabalho. Mas a linhagem de mulas de Buck, forte, inteligente e todas elas capazes de aprender a falar, corrigiu finalmente o nosso saldo comercial, uma vez que aqueles dois poços foram perfurados na pradaria e pude levar uma tropa de mulas até o centro de Separação sem perder metade dela. Isto significou remédios, livros e muitas outras coisas para o nosso vale.

(Omitido)

Lazarus Long não pretendeu surpreender a mulher. Mas nenhum deles jamais bateu na porta do próprio quarto. Encontrando-a fechada, ele a abriu devagarinho na possibilidade de Dora estar cochilando.

Em vez disso encontrou-a parada na janela, com o espelho voltado para a luz, arrancando cuidadosamente um longo fio de cabelo branco.

Ele olhou para ela com um choque de consternação, depois se endireitou e disse:

— Adorável...

— Oh! — Ela virou-se. — Você me assustou. Não o ouvi entrar, querido.

— Desculpe. Quer me dar isso?

— Isso o quê, Woodrow?

Fui até ela, inclinei-me e apanhei o cabelo prateado.

— Isto. Adorada, cada cabelo da sua cabeça é precioso para mim. Posso ficar com ele?

Ela não respondeu. Ele viu que os olhos dela estavam cheios de água. Começaram a transbordar.

— Dora, Dora — repetiu ele apressado —, por que está chorando, minha amada?

— Desculpe, Lazarus. Não pretendi que você me visse fazendo isto.

— Mas por que faz isso, Dorável? Tenho muito mais cabelos brancos do que você.

Ela respondeu o que ele não havia dito, em vez do que ele disse:

— Querido, eu sei quando alguém está... devo dizer "trapaceando", já que você nunca mentiu para mim.

— Por quê, Dorável? O meu cabelo é grisalho.

— Sim, senhor. Você não pretendeu surpreender-me, eu sei... e eu não quis bisbilhotar quando limpei seu escritório. Encontrei seu estojo de cosméticos, Lazarus, há mais de um ano. É uma espécie de mentira, não é?... quando você faz alguma coisa para o seu cabelo ruivo anelado parecer grisalho? Algo parecido com o que eu faço, suponho, quando arranco os cabelos grisalhos.

— Você está arrancando os cabelos grisalhos desde que soube que eu me fazia parecer mais velho? Ah, querida!

— Não, não, Lazarus! Estou arrancando-os há séculos. Muito mais tempo do que isso. Céus, querido, já sou bisavó... e pareço ser. Mas o que você faz, cuidadoso como é a respeito e bondoso como é por tentar... E eu aprecio isso! Mas não faz você parecer da minha idade; simplesmente o faz parecer prematuramente grisalho.

— Provavelmente. Embora eu tenha direito a cabelos grisalhos, Dorável... meu cabelo era branco como neve não muitos anos antes de você nascer. Foi preciso algo muito mais drástico do que cosméticos, ou arrancar os cabelos, para me fazer parecer moço outra vez. Mas nunca pareceu haver motivo algum para mencionar isso.

Ele aproximou-se dela, passou o braço pela sua cintura, apanhou o espelho, atirou-o sobre a cama e virou-a de frente para a janela.

— Dora, suas lágrimas são uma façanha, não algo para esconder. Olhe para lá. Casas de fazenda até as colinas e muitas mais que não podemos ver daqui.

Quantas pessoas do Vale Feliz descendem do seu corpo esguio?

— Nunca contei.

— Eu sim; mais da metade delas... e estou orgulhoso de você. Seus seios estão mastigados pelos bebês, seu ventre apresenta marcas de distensão... suas condecorações de honra, Adorável. De valor. Elas a tornam mais bonita, portanto, fique de pé, empertigada e ereta, minha adorada, e esqueça os cabelos de prata. Seja o que você é, e em grande estilo!

— Sim, Lazarus. Não me importo com eles... fiz isso para agradá-lo.

— Dorável, você não pode deixar de me agradar, sempre agradeu. Quer que deixe o meu cabelo voltar ao natural? Para mim não é perigoso ser um Howard... aqui no Vale Feliz com meus próprios parentes todos em torno.

— Não me importo, querido. Apenas não o faça por minha causa. Se facilitar as coisas para você, sendo Primeiro Colono e tudo isso, parecer um pouco mais velho, então faça-o.

— Isso facilita quando lido com outras pessoas. E não há nenhum problema; conheço a rotina tão bem que posso fazer isso dormindo. Mas, Dora... escute-me, querida. Zack Briggs virá a Top Dollar em alguma ocasião nos próximos dez anos; você viu a carta de John. Não é muito tarde para ir para Secundus. Lá eles poderão fazê-la parecer uma garota outra vez, se é isso que você quer... e acrescentar muitos anos-extras também. Cinquenta. Talvez cem.

Ela custou a responder.

— Lazarus, você está insistindo para eu fazer isto?

— Estou oferecendo. Mas o corpo é seu, queridíssima. A vida é sua.

Ela ficou olhando para fora da janela.

— "Mais da metade deles", você disse.

— Com a porcentagem aumentando. Nossos filhos procriam como gatos. Bem como os filhos deles.

— Lazarus, na verdade resolvemos isto muitos, muitos anos atrás. Mas agora é ainda mais verdadeiro. Não desejo deixar o nosso vale, mesmo para ir conhecer lá fora. Não quero deixar os nossos filhos. Nem os filhos dos nossos filhos, nem os filhos deles. E certamente não iria querer voltar parecendo uma garota... para observar o nascimento dos nossos tetranetos. Você tem razão; mereci meus cabelos brancos. E agora vou usá-los!

— Essa é a garota com quem me casei! Essa é a minha Dorável Dora! — Ele ergueu mais a mão, cobriu um seio com ela e beliscou o bico. Ela deu um pulo, depois relaxou. — Eu sabia a sua resposta, mas tinha que perguntar. Minha querida, a idade não pode debilitá-la, nem o hábito extinguir sua variedade infinita. Quando as outras mulheres saciam, você dá mais fome ainda!

Ela sorriu.

— Não sou Cleópatra, Woodrow.

— Moça, essa é a sua opinião. Mas o que é a sua opinião comparada com a minha? Lil Pernalonga, já vi milhares e milhares de mulheres além de você... e afirmo que você faz Cleópatra parecer feia.

— Língua lisonjeira! — disse ela baixinho. — Tenho certeza de que você nunca teve uma mulher que o recusasse.

— É verdade, apenas porque nunca me arrisquei a ser recusado; espero que me convidem. Sempre.

— Você está esperando para ser convidado? Está bem, estou convidando. Depois é melhor eu começar a fazer o jantar.

— Não tenha tanta pressa, Lil. Primeiro vou jogar você naquela cama. Depois vou levantar sua saia. Depois vou ver se encontro algum cabelo branco naquele lugar. Se encontrar, arranco-o para você.

— Animal. Patife. Bode velho lascivo. — Ela sorriu encantada. — Pensei que não nos íamos incomodar mais em arrancar cabelos brancos.

— Estávamos falando do cabelo da sua cabeça, Bisavó. Mas este outro lugar está tão jovem como sempre... e melhor do que nunca. Assim, vamos arrancar cuidadosamente qualquer cabelo branco da sua linda... dos seus lindos cachos castanhos.

— Doçura de bode velho. Se você encontrar algum, será bem-vindo. Mas tenho arrancado desse lugar com mais cuidado ainda do que do meu couro cabeludo. Deixe-me tirar este vestido.

— Puxa! Espere. Essa é a Lil Pernalonga, a cadela mais depravada do Vale Feliz, sempre com pressa. Tire o vestido se quiser, mas vou procurar Lurton e dizer a ele para selar Melhor Menino e ir pedir o jantar e uma cama à sua irmã Marje e Lyle. Depois vou voltar para arrancar esses vergonhosos cachos grisalhos. O jantar vai se atrasar, receio.

— Não me importo se você não se importar, adorado.

— Essa é a minha Lil. Querida, não há um só homem no vale que não a agarrasse e tentasse encontrar outro vale se você lhe desse o mais ligeiro encorajamento... isso inclui os seus próprios filhos e os seus genros... todos os homens daqui desde os catorze anos.

— Ah, não é verdade! Lisonja outra vez.

— Quer apostar? Pensando melhor, não perderemos tempo arrancando cabelos brancos de qualquer lugar. Depois que eu disser ao nosso caçula para sumir durante a noite, quero encontrar você usando apenas rubis e um sorriso. Porque você não vai fazer jantar; vamos arranjar um piquenique frio em vez disso e levá-lo junto com um cobertor para o telhado... e apreciar o pôr-do-sol.

— Sim, senhor. Ah, querido, eu o amo! EF ou FF?

— Deixo essa escolha para Lil Pernalonga. (Cerca de trinta e nove mil palavras omitidas) Lazarus abriu a porta do quarto com todo o cuidado, olhou para dentro, olhou interrogativamente para sua filha Elf — uma mulher de

meia-idade surpreendentemente linda, com cachos ruivos chamejantes, salpicados ligeiramente de branco.

— Entre, papai — disse ela. — Mamãe está acordada. Ela levantou-se para sair, levando consigo a bandeja do jantar.

Ele olhou para a bandeja, subtraiu mentalmente o que ainda estava lá do que havia visto deixar a cozinha — chegou a um total próximo demais de zero para agradá-lo. Mas não disse nada, foi simplesmente até a beira da cama e sorriu para sua mulher. Dora respondeu ao sorriso. Ele inclinou-se e beijou-a, depois se sentou onde Elf estivera.

— Como vai a minha querida?

— Simplesmente ótima, Woodrow, Ginny... não, Elf. Elf me trouxe um jantar muito gostoso. Gostei muito dele. Mas pedi a ela para pôr meus rubis em mim antes de me dar de comer... você notou?

— Claro que notei, Linda. Quando foi que Lil Pernalonga jantou alguma vez sem os seus rubis?

Ela não respondeu, seus olhos se fecharam. Lazarus ficou em silêncio, observou sua respiração, contou suas batidas cardíacas tomando o pulso no seu pescoço.

— Está ouvindo-os, Lazarus? — Seus olhos estavam abertos outra vez.

— Ouvindo o que, Dorável?

— Os gansos selvagens. Eles devem estar bem em cima da casa.

— Ah, sim, certamente.

— Eles chegaram cedo este ano. — Isso pareceu cansá-la; ela fechou os olhos outra vez. Ele esperou.

— Querido? Quer cantar a "Canção de Buck"?

— Certamente, Adorável Dora. — Lazarus limpou a garganta e começou:

*"Há uma escola
Ao lado da casa de penhores
Onde Dora assiste a suas aulas.
Ao lado da escola
Há um curral de mulas
Onde mora Buck, o amigo de Dora".*

Ela fechou os olhos outra vez; por isso, ele cantou os outros versos muito baixinho. Mas, quando terminou, ela sorriu para ele.

— Obrigada, querido; isso foi encantador. Isso sempre foi encantador. Mas estou um pouco cansada... se eu dormir, você ainda estará aqui?

— Estarei sempre aqui, querida. Agora durma.

Ela sorriu outra vez e seus olhos se fecharam. Pouco depois sua respiração foi ficando mais lenta enquanto dormia.

Sua respiração parou.

Lazarus esperou um longo tempo antes de chamar Ginny e Elf.

Segundo Intervalo

Mais dos Cadernos de Notas de Lazarus Long

Diga sempre que ela é linda, especialmente se não for.

Se você fizer parte de uma sociedade que vota, então vote. Pode não haver nenhum candidato e nenhuma medida *a favor* dos quais você queira votar... mas é certo haver ambos *contra* os quais queira votar. Em caso de dúvida, vote *contra*. Por esta regra poucas vezes você errará.

Se isto for muito irracional para o seu gosto, consulte algum tolo bem intencionado (sempre há um por perto) e peça conselho a ele. Depois vote no sentido contrário. Isto lhe permitirá ser um bom cidadão (se for esse o seu desejo) sem dispendir a enorme quantidade de tempo que o exercício da cidadania verdadeiramente inteligente exige.

Ingrediente supremo para um casamento feliz: pague à vista ou passe sem ele. Os juros debitados não absorvem apenas o orçamento familiar; a consciência do débito destrói também a felicidade doméstica.

Aqueles que se recusam a apoiar e defender o Estado não têm direito à proteção por esse Estado. Matar um anarquista ou um pacifista não deve ser definido como "assassinato" num sentido legal. O crime contra o Estado, se houver, deve ser "Usar armas mortais dentro dos limites da cidade", "Criar um risco de tráfego", "Pôr em perigo os espectadores", ou outra contravenção qualquer.

Contudo, o Estado pode razoavelmente impor uma proteção a esses exóticos animais não sociais sempre que eles correrem perigo de extinção. Um macho pacifista autêntico raramente é visto fora da Terra, e é duvidoso que algum tenha sobrevivido aos problemas lá... o que é lamentável, porque eles têm as maiores bocas e os menores cérebros de qualquer dos primatas.

A variedade de anarquista com boca pequena espalhou-se pela galáxia na própria leva inicial da Diáspora; não há necessidade de protegê-los. Mas eles muitas vezes revidam com um tiro.

Outro ingrediente para um casamento feliz: orce o supérfluo *primeiro!*

Ainda outro: Providencie para que ela tenha sua própria escrivanhinha — depois mantenha as mãos afastadas desta!

E outro: Numa discussão familiar, se for verificado que você tem razão... peça desculpas imediatamente!

"Deus dividiu-se numa miríade de partes para que pudesse ter amigos." Isto pode não ser verdade, mas soa bem — e não é mais tolo do que qualquer outra teologia.

Para se conservar jovem é preciso cultivar incessantemente a capacidade de desaprender as velhas imposturas.

A história registra *algum* caso em que a maioria estivesse certa?

Quando a raposa morder... *sorria!*

"Crítico" é o homem que não cria nada e por isso sente-se qualificado para julgar o trabalho dos homens criativos. Há uma lógica nisto; ele é imparcial — odeia igualmente todas as pessoas criativas.

O dinheiro é verdadeiro. Se um homem fala da sua honra, faça-o pagar à vista.

Nunca amedronte um homem pequeno. Ele o matará.

Apenas um patife sádico — ou um tolo — conta a verdade nua durante acontecimentos sociais.

Este pequeno lagarto triste me contou que era um brontossauro pelo lado da sua mãe. Eu não ri; as pessoas que se gabam dos ancestrais muitas vezes têm muito pouco em que se apoiar. Achar graça nelas não custa nada e aumenta a felicidade num mundo no qual esta é sempre escassa.

Ao manusear um inseto que dá ferroadas, mova-se muito devagar.

Achar que o mundo é uma coisa trivial é entrar às cegas na fantasia — e numa fantasia boba, porque o mundo real é estranho e maravilhoso.

A diferença entre a ciência e os assuntos vagos é que a ciência exige raciocínio, ao passo que os outros assuntos exigem apenas erudição.

A cópula é essencialmente espiritual — ou simplesmente um exercício amistoso. Pensando melhor, tire o "simplesmente". A cópula não é "simplesmente" — mesmo quando é apenas um passatempo feliz para dois estranhos. Mas a cópula no seu ápice espiritual é tão maior do que a união física que se torna diferente em espécie bem como em grau.

A característica mais triste da homossexualidade não é que ela seja "errada" ou "pecaminosa", ou mesmo que não possa produzir prole -..... mas sim que nela é mais difícil se atingir esta união espiritual. Não impossível — mas as cartas estão dispostas contra ela.

Mas — lamentavelmente — muitas pessoas nunca atingem a participação espiritual mesmo com o auxílio da vantagem homem-mulher; elas estão condenadas a vagarem pela vida sozinhas.

O tato é o sentido mais fundamental. O bebê o usa completamente antes de nascer e muito antes de aprender a usar a visão, a audição ou o paladar, e nenhum ser humano jamais deixa de precisar dele. Dê a seus filhos pouco dinheiro para gastar — mas muitos afagos.

O segredo é o começo da tirania.

A maior força produtiva é o egoísmo humano.

Tenha cuidado com as bebidas fortes. Elas podem fazê-lo atirar nos cobradores de impostos — e errar.

A profissão de curandeiro tem muitas vantagens. Oferece um alto *status*, com um meio de vida seguro, isento de trabalho no sentido fatigante e laborioso. Na maioria das sociedades oferece privilégios e imunidades legais não concedidas aos outros homens. Mas é difícil compreender como um homem que recebeu um mandato do Alto para espalhar mensagens de alegria a todo o gênero humano possa estar seriamente interessado em fazer uma coleta para pagar o seu salário; isso faz com que se suspeite de que o curandeiro esteja no mesmo nível moral de qualquer outro homem.

Mas é um trabalho admirável para quem tem estômago para isso.

Uma prostituta deve ser julgada pelos mesmos critérios que os outros profissionais que oferecem serviços mediante pagamento — tais como dentistas,

advogados, cabeleireiros, médicos, bombeiros, etc. Ela é profissionalmente competente? Dá boa conta do serviço? É honesta com seus clientes? É possível que a porcentagem de prostitutas honestas e competentes seja maior do que a de bombeiros e muito maior do que a de advogados. E enormemente maior do que a de professores.

Minimize seus *therbligs* ⁽⁵⁵⁾ até eles se tornarem automáticos; isto dobrará seu tempo de vida efetivo — e assim lhe dará tempo para apreciar as borboletas, os gatinhos e os arco-íris.

Você notou como elas se parecem com as orquídeas? Encantadoras!

A especialização num campo não se estende a outros campos. Mas os especialistas muitas vezes acham que sim. Quanto mais limitado o seu campo de conhecimentos, maior a probabilidade de eles pensarem assim.

Nunca tente ser mais teimoso do que um gato.

Investir contra moinhos de vento causa mais danos a nós do que aos moinhos.

Ceda à tentação; pode ser que ela não se apresente outra vez.

Acordar uma pessoa desnecessariamente não deve ser considerado um crime grave. Isto é, da primeira vez.

"Vá para o inferno!", ou outro insulto direto, é a única resposta que uma pergunta indiscreta merece.

A maneira correta de pontuar uma frase que começa: "Naturalmente não é da minha conta, mas..." é colocar um ponto após a palavra "mas". Não se esforce excessivamente para fornecer um ponto a esse imbecil. Cortar sua garganta é apenas um prazer passageiro e fará com que você fique falado.

Um homem não insiste na beleza física de uma mulher que reforça o seu moral. Após algum tempo ele percebe que ela é bonita — apenas não havia notado a princípio.

Um papagaio é melhor companhia do que uma pessoa que se orgulha de ser

"franca".

"No amor e na guerra vale tudo" — que mentira desprezível!

Cuidado com a falácia do "Cisne Negro". A lógica dedutiva é tautológica; não há nenhum meio de se obter uma nova verdade dela, e ela manipula afirmações falsas tão facilmente como as verdadeiras. Se você não puder se lembrar disso, poderá dar-se mal — com perfeita lógica. Os projetistas dos primeiros computadores chamavam a isto de "Lei de Els", isto é, "Entra lixo, sai lixo".

A lógica indutiva é muito mais difícil — mas pode produzir novas verdades.

Um "pregador de peças" merece aplausos pelo seu espírito segundo a qualidade deste. Bastonadas devem servir. Espíritos excepcionais deveriam ter direito a ser afogados. Mas ser preso numa estaca sobre um formigueiro devia ser reservado para os mais espirituosos.

As leis naturais não têm piedade.

No planeta Tranqüilo, perto de KM 849 (G-O), vive um pequeno animal conhecido como *knaftn*. É herbívoro, não tem nenhum inimigo natural, permite que se chegue perto dele facilmente e pode servir como animal de estimação — urna espécie de cachorrinho de seis pernas com escamas. Fazer festa nele é muito agradável; ele se torce de prazer e irradia euforia numa certa faixa que os seres humanos podem captar. Vale a viagem.

Algum dia algum menino inteligente descobrirá um meio J_e gravar esta irradiação, depois algum menino inteligente verá oportunidades comerciais nisso — e não demorará muito para que isso seja regulamentado e taxado.

Enquanto isso, falsifiquei aquele nome e número de catálogo; ele fica a vários milhares de anos-luz em outra direção. Egoísmo de minha parte...

A liberdade começa quando a gente diz à sra. Grundy para ir soltar papagaio.

Cuide dos colhões e os feijões cuidarão de si mesmos. Tente ter dinheiro para a fuga — não, não seja fanático a respeito disso.

Se "todo mundo conhece" fulano e beltrano, então isso não é verdade, pelo menos por dez mil a um.

Os rótulos políticos — tais como realista, comunista, democrata, populista, fascista, liberal, conservador e assim por diante — nunca são critérios básicos. A

raça humana se divide politicamente entre aqueles que querem que o povo seja controlado e aqueles que não desejam isso. Os primeiros são idealistas inspirados pelos mais altos motivos, para o maior bem do maior número de pessoas. Os últimos são avaros grosseiros, desconfiados e destituídos de altruísmo. Mas são vizinhos mais agradáveis do que os da outra espécie.

Nem todos os gatos são pardos após a meia-noite. Há uma variedade infinita...

O pecado consiste apenas em magoar as outras pessoas desnecessariamente. Todos os outros "pecados" são bobagens inventadas. Magoar-se a si próprio não é pecado — é apenas estupidez.

Ser generoso é inato; ser altruísta é uma perversidade adquirida. Nenhuma semelhança...

É impossível um homem amar sua esposa de todo o coração sem amar um pouco todas as mulheres. Suponho que o inverso deva ser verdadeiro em relação às mulheres.

Pode-se errar sendo cético demais tão facilmente como sendo confiante demais.

A cortesia formal entre marido e mulher é até mais importante do que entre estranhos.

Qualquer coisa grátis vale o que se paga por ela.

Não guarde alho junto com os outros alimentos.

O clima é o que esperamos, o tempo é o que obtemos.

Pessimista por política, otimista por temperamento — é possível ser ambos. Como? Não assumindo nunca um risco desnecessário e minimizando os riscos que se podem evitar. Isto permite tomar parte no jogo com felicidade, des preocupado pela certeza do resultado.

Não confunda o "dever" com o que as outras pessoas esperam de você; são coisas totalmente diferentes. O dever é uma dívida que a pessoa tem consigo mesma para cumprir obrigações assumidas voluntariamente. Pagar esta dívida

pode consistir em qualquer coisa, desde anos de trabalho paciente até a disposição imediata de morrer. Isso pode ser difícil, mas a recompensa é o auto-respeito.

Mas não há absolutamente nenhuma recompensa em fazer o que as outras pessoas esperam de você, e fazer isso é não só difícil como impossível. É mais fácil lidar com um ladrão do que com o aproveitador que quer "apenas alguns minutos do seu tempo, por favor — isto não tomará muito tempo"- O tempo é todo o seu capital, e os minutos da sua vida são dolorosamente poucos. Se você se permitir cair no vício de concordar com estes pedidos, eles se avolumarão rapidamente até o ponto de estes parasitas usarem cem por cento do seu tempo — e exigirem mais!

Portanto, aprenda a dizer "Não" — e seja bruto quando necessário.

Do contrário você não terá tempo para cumprir o seu dever, para fazer o seu próprio trabalho e certamente nenhum tempo para o amor e a felicidade. As formigas roerão sua vida sem deixar nada para você.

(Esta regra não significa que você não deva fazer um favor a um amigo, ou mesmo a um estranho. Mas deixe que a escolha seja sua. Não faça apenas por "esperarem" isso de você.)

"Vim, vi, ela venceu." (O original em latim parece ter sido mutilado.)[f56](#)

Uma comissão é uma forma de vida com seis ou mais pernas e nenhum cérebro.

Os animais podem ser levados à loucura colocando-se todos juntos num recinto pequeno demais. O *homo sapiens* é o único animal que faz isso voluntariamente consigo mesmo.

Não tente dizer a última palavra. Você pode ouvi-la.

Variações Sobre um Tema XIII

Boondock

— Ira — disse Lazarus Long —, você viu esta lista? — Ele estava recostado no escritório do Líder da Colônia, Ira Weatheral, em Boondock, a maior (única) colônia no planeta Tertius. Com eles estavam Justin Foote, 45.º, recém-chegado de Nova Roma, em Secundus.

— Lazarus, Arabelle endereçou esta carta a você. Não a mim.

— Essa emproada absurda ainda vai me deixar aborrecido. Sua Extrema Ubiquidade Madame Presidenta Temporária Arabelle Foote-Hedrick parece achar que foi coroada Rainha dos Howards. Estou tentado a voltar e pegar aquele martelo de juiz. — Lazarus passou a lista a Weatheral. — Dê uma olhada nisso, Ira. Justin, você teve alguma coisa a ver com isto?

— Não, Sênior. Arabelle me disse para entregá-la e me deu instruções para informá-lo dos meios para garantir a entrega da correspondência atrasada de várias eras... o que apresenta problemas para as datas pré-Diáspora. Mas não considero suas idéias práticas. Posso dizer que conheço mais a história da Terra do que ela.

— Estou certo de que conhece. Acho que ela copiou essa lista de uma enciclopédia. Não me aborreça com as idéias dela. Ah, você pode transcrevê-las e dar-me a raiz cúbica, mas não vou ocupar-me com elas. Quero as suas idéias, Justin.

— Obrigado, Ancestral...

— Chame-me de Lazarus.

— Lazarus. O motivo oficial da minha visita é informar a ela sobre esta colônia...

— Justin — interrompeu Ira rapidamente —, Arabelle acha que tem jurisdição sobre Tertius?

— Receio que sim, Ira.

— Bem — Lazarus riu com desprezo —, ela não tem. Mas está tão longe que não causará prejuízo se desejar intitular-se "Imperatriz de Tertius". Nossa situação é esta, Justin. Ira é o Líder da Colônia, ainda estamos na viagem inaugural. Eu sou o Prefeito; Ira faz o trabalho, mas eu bato o martelo nas reuniões da comunidade. Há sempre colonos que acham que uma colônia pode funcionar como um planeta de cidades grandes; assim eu presido para jogar água fria nas discussões idiotas. Quando eu estiver pronto para começar esse negócio de viagem no tempo à custa do governo, eliminaremos o cargo de Líder da Colônia e Tra assumirá como prefeito.

"Mas examine o estabelecimento como entender, conte os narizes, examine qualquer registro, faça o que quiser. Bem-vindo a Tertius, a maior coloniazinha deste lado do centro galáctico. Esteja em casa, filho."

— Obrigado, Lazarus, eu ficaria... colonizando... mas quero continuar como arquivista-chefe até terminar de editar suas memórias.

— Ah, aquela droga... — disse Lazarus — queime-a!

— Lazarus — disse Ira —, não fale assim. Tolerei os seus caprichos durante anos para registrá-las.

— Bobagem. Paguei a você quando segurei o martelo e impedi a Duquesa Horrível de bani-lo para Felicidade. Você tem o que quer... por que se preocupar com as minhas memórias?

— Eu me preocupo.

— Bem... Talvez Justin possa editá-las. Atena! Palas Atena ¹⁵⁷¹, você está aí, querida?

— Ouvindo, Lazarus — veio uma voz doce de soprano de um alto-falante sobre a escrivainha de Ira.

— Suas memórias incluem as minhas memórias, não incluem?

— Certamente, Lazarus. Cada palavra que você disse desde que Ira o salvou...

— "Salvou" não, querida. Raptou.

— Revisão... desde que Ira o raptou daquele pulgueiro, e todas as suas memórias anteriores.

— Obrigado, querida. Está vendo, Justin? Se você tem que separar botões, faça-o aqui. A não ser que você tenha negócios por terminar em Secundus. De família, ou coisa parecida.

— Nada de família. Filhos crescidos, mas nenhuma esposa. Minha substituta está fazendo o meu serviço, e nomeei-a minha sucessora... sujeita à aprovação pelos curadores. Mas sinto-me alarmado. Ah... e quanto à minha nave?

— Minha nave, você quer dizer. Não me refiro ao meu iate *Dora*, mas àquele autopaquete em que você chegou. O Pombo-Correio. Pertence a uma empresa que pertence a outra empresa da qual sou o acionista majoritário. Aceitarei a entrega e isso poupará a Arabelle metade do tempo da locação.

— É mesmo? A senhora Presidenta Temporária não alugou aquele autopaquete, Lazarus; ela requisitou-o para serviço público.

— Bem, bem! — Lazarus sorriu. — Talvez eu a processe. Justin, não há nada nos artigos do contrato sob o qual Secundus foi colonizado que permita a requisição de propriedade privada pelo Estado. Correto, Ira?

— Tecnicamente correto, Lazarus. Embora haja muitos precedentes para domínio eminente na terra.

— Ira, eu discuto até isso. Mas você já ouviu falar alguma vez que isso tenha sido aplicado a naves espaciais?

— Nunca. A menos que você conte a *Novas Fronteiras*.

— Ai! Ira, não requisitei a *Novas Fronteiras*; roubei-a para salvar nossas peles.

— Eu estava pensando na parte de Slayton Ford nisso, não na sua. Requisição construtiva, talvez?

— Hum... É bastante mesquinho de sua parte falar nisso, um par de milhares de anos após a morte dele. Além do mais, se Slayton não fizesse o que fez, eu não estaria aqui e você não estaria aqui. Nem qualquer um de nós. Com os diabos, Ira!

— Acalme-se, vovô. Eu estava simplesmente acentuando que um chefe de Estado algumas vezes tem que fazer coisas que nunca faria como um indivíduo comum. Mas, se Arabelle pode requisitar o *Pombo-Correio* quando este desce em Secundus, então você pode fazer o mesmo em Tertius. Cada um de vocês é chefe de Estado de um planeta autônomo. Dê uma lição a ela.

— Ah... Ira, não me tente. Isso aconteceu uma vez comigo. Se se tomar um hábito, porá um fim às viagens interestelares. Não tocarei naquela nave sob nenhuma dessas desculpas legais inconsistentes. Mas ela é minha, imediatamente, e se Justin quiser ficar, poderá entregá-la a mim e a devolverei à empresa de transportes. Vamos voltar para aquela lista. Estão vendo o que a velha morcega deseja? As ocasiões e lugares sobre os quais ela quer que eu dê informações?

— Parece um itinerário interessante.

— Parece, hein? Então faça isso você. "Batalha de Hastings; Primeira, Terceira e Quarta Cruzadas; Batalha de Orleans; Queda de Constantinopla; Revolução Francesa; Batalha de Waterloo." Termópilas e outros dezenove encontros entre estranhos aguerridos. Estou surpreso por ela não ter-me pedido para ser juiz na luta entre Davi e Golias. Sou medroso, Ira. Só luto quando não posso fugir... como ela acha que consegui viver por tanto tempo? A matança não é um esporte para ser assistido. Se a história diz que uma batalha teve lugar num determinado ponto num dia particular, então estarei em alguma outra parte, ou em outra ocasião, bem longe, sentado numa taverna, bebendo cerveja e dando beliscões nas garçonetes. E não driblando fogo de morteiro para alimentar a curiosidade vampiresca de Arabelle.

— Tentei sugerir isso — disse Justin. — Mas ela disse que era um projeto oficial das Famílias.

— Oficial uma ova! Falei com ela sobre isso apenas para me certificar da organização da correspondência atrasada. Sou um covarde por profissão... e não estou trabalhando para ela. Irei para onde e quando quiser, para ver o que desejar... e tentarei não antagonizar os caipiras locais. Especialmente os que estão lutando uns com os outros; isso os torna sensíveis nos gatilhos.

— Lazarus — disse Ira Weatheral —, você nunca disse o que planeja ver.

— Bem... Nenhuma batalha. As batalhas são muito bem documentadas para o meu gosto. Mas há uma porção de coisas interessantes na história terrena... coisas pacíficas não muito bem documentadas por terem sido pacíficas. Quero ver o Partenon no máximo da sua glória. Descer o Mississipi com Sam Clemens 158

como piloto. Ir à Palestina nas três primeiras décadas da era cristã e tentar localizar um certo carpinteiro transformado em rabino... decidir se esse homem realmente existiu.

Justin Foote ficou surpreso.

— Você quer dizer o Messias cristão? Muitas histórias sobre ele são admitidas como mito, mas...

— Como é que você sabe que são mitos? Mas o fato de ele ter existido realmente é o ponto que nunca foi estabelecido. Tome Sócrates, quatro séculos antes... sua historicidade é tão firmemente estabelecida como a de Napoleão. O mesmo não se dá com o carpinteiro de Nazaré. Apesar do cuidado com que os romanos mantinham os registros e o cuidado semelhante com que os judeus mantinham os seus, nenhum dos acontecimentos que deviam estar registrados puderam ser encontrados nos registros contemporâneos.

"Mas, se eu dedicar trinta anos a isso, poderei encontrar. Conheço o latim e o grego daquele tempo e sou da mesma forma fluente em hebreu clássico; tudo quanto preciso acrescentar é aramaico. Se eu o encontrar, posso acompanhá-lo. Gravar suas palavras com um microgravador, ver se conferem com o que alegam ter ele dito.

"Mas não aceitarei nenhuma aposta. A historicidade de Jesus é a questão mais escorregadia de toda a história, porque durante séculos não pôde ser contestada. Eles enforcariam você por perguntar... ou o queimariam na estaca."

— Estou maravilhado — disse Ira. — Meu conhecimento da história da Terra não é tão completo como pensei que fosse. Contudo, concentrei-me no período desde a morte de Ira Howard até a fundação de Nova Roma.

— Filho, você nem mesmo experimentou isso. Mas, deixando de parte esta história estranha ("estranha" porque a maioria dos líderes religiosos importantes estão fortemente documentados, ao passo que este continua tão esquivo como as lendas do rei Artur), não estou à procura dos grandes acontecimentos. Preferia conhecer Galileu, dar uma olhada na obra de Michelangelo, assistir a uma estréia de uma das peças do velho Bill^[59] no Teatro Globo, coisas assim. Gostaria particularmente de voltar à minha própria infância, ver se as coisas estão como me lembro delas.

Ira piscou os olhos.

— Correr o risco de se encontrar consigo mesmo?

— Por que não?

— Bem... há paradoxos, não há?

— Como? Se eu voltar, então voltei. Aquele velho clichê sobre alvejar o seu avô antes de ele conceber seu pai, depois *puf!* Como uma bolha de sabão! E todos os descendentes também, inclusive vocês dois, entre outros... isto não tem sentido. O fato de eu estar aqui e vocês estarem aqui significa que não fiz isso... ou não farei

isso; os tempos de verbo não foram feitos para a viagem no tempo... mas isso não significa que eu nunca tenha voltado e dado uma espiada. Não tenho nenhuma vontade de olhar para mim mesmo quando era enxerido; é a era que me interessa. Se me encontrar comigo mesmo quando era garotinho, ele... eu... não me reconheceria; seria um estranho para aquele pirralho. Ele nem olharia para mim; eu sei, eu era ele.

— Lazarus — interrompeu Justin Foote —, se você pretende visitar essa era, gostaria de chamar sua atenção para uma coisa em que a senhora Presidenta Temporária está interessada... porque eu estou interessado. Uma gravação do que foi dito e feito exatamente na reunião das Famílias em 2012 da era cristã.

— Impossível.

— Espere um momento, Justin — interrompeu Ira. — Lazarus, você se recusou a falar sobre essa reunião alegando que os outros que estavam lá não poderiam contestar a sua versão. Mas uma gravação seria algo justo para todos.

— Ira, eu não disse que não faria; disse que era impossível.

— Não compreendo.

— Não posso fazer uma gravação daquela reunião porque eu não estava lá.

— Você me deixa perdido outra vez. Todos os registros e suas próprias declarações mostram que você estava lá.

— Novamente não temos uma linguagem adequada para viagens no tempo. Certamente eu estava lá, como Woodrow Wilson Smith. Estava lá, comportei-me como uma peste e ofendi uma porção de pessoas. Mas não tinha um gravador comigo. Vamos dizer que Dora e as gêmeas me deixem lá outra vez (eu, Lazarus Long, não aquele moço) e que Ishtar me equipe com um gravador implantado atrás do meu rim direito, com seu minimicrofone a florando de dentro da minha orelha direita. Muito bem, vamos supor que com esse equipamento não notem que eu estou gravando.

"Mas, Ira, o que você não compreende, apesar de ter presidido muitas reuniões das Famílias, é que eu não chegaria ^a entrar na sala. Naquele tempo, era mais difícil de se penetrar numa reunião executiva das Famílias do que numa conspiração de feiticeiras. Os guardas estavam armados e ansiosos; era um período difícil. Que identidade eu podia usar? NI ao a de Woodrow Wilson Smith; ele estava lá. Lazarus Long? Não havia nenhum Lazarus Long nas listas das Famílias. Tentar fingir ser alguém aceitável mas não capaz de entrar? Impossível. Havia apenas alguns milhares de nós, então, e cada membro era conhecido de uma grande porcentagem do resto; o homem que não pudesse ser confirmado corria o risco horrível de ser enterrado no porão. Nenhuma pessoa não identificada jamais entrou lá; havia muita coisa em jogo. Olá, Minerva! Entre, querida."

— Olá, Lazarus. Ira, estou sendo importuna?

— Absolutamente, querida.

— Obrigada. Alô, Atena.

— Alô, minha irmã.

Minerva esperou ser apresentada.

— Minerva — disse Ira —, você se lembra de Justin Foote, o arquivista-chefe, não?

— Certamente, trabalhei com ele muitas vezes. Bem-vindo a Tertius, sr. Foote.

— Obrigado, Minerva. — Justin Foote gostou do que viu: uma jovem alta, magra, com um porte ereto, busto pequeno e firme, longos cabelos castanhos presos em parte e escovados diretamente para baixo, um rosto sóbrio e inteligente, mais simpático do que bonito, mas que desabrochava em beleza cada vez que ela dava um dos seus rápidos sorrisos. — Mas, Ira, preciso voltar depressa para Secundus e me candidatar ao rejuvenescimento. Esta jovem trabalhou comigo "muitas vezes"... contudo fiquei tão senil que não me recorde dessas ocasiões. Desculpe-me, querida senhora.

Minerva dirigiu-lhe outro dos seus sorrisos, depois ficou séria instantaneamente.

— Foi minha culpa, senhor; eu devia ter explicado logo. Quando trabalhei com o senhor, eu era uma computadora. Computadora executiva de Secundus, servindo ao sr. Weatheral, depois Presidente Temporário. Mas agora sou de carne e osso, e já faz três anos.

Justin Foote piscou.

— Compreendo. Espero compreender.

— Sou uma coisa construída, senhor, não nascida de mulher. Um clone composto de vinte e três pais doadores, forçados até a maturidade *in vitro*. Mas o "eu" que sou, meu ego, foi o da computadora que costumava trabalhar com o senhor quando os computadores dos arquivos precisaram de assistência da computadora executiva. Fui clara?

— Hã... tudo quanto posso dizer, srta. Minerva, é que estou encantado por vê-la em carne e osso. Um seu criado, senhorita.

— Ora, não me chame de senhorita, chame-me de Minerva. De qualquer maneira, não devo ser chamada de senhorita; esse não é um título honorífico reservado para as virgens entre os de carne e osso? Ishtar, uma das minhas mães e minha projetista principal, deflorou-me cirurgicamente antes de me despertar.

— E isso não é tudo! — veio a voz do teto.

— Atena — disse Minerva, reprovadoramente. — Irmã, você está embaraçando o nosso hóspede.

— Eu não, mas talvez você esteja, minha irmã.

— Estou, sr. Foote? Espero que não. Mas ainda estou aprendendo a ser um ser humano. Quer me dar um beijo? Gostaria de beijá-lo; conhecemo-nos um ao outro há quase um século e sempre gostei do senhor. Quer?

— Agora quem o está embaraçando, irmã?

— Minerva — disse Ira. Ela ficou séria de repente.

— Eu não devia ter dito isso? Lazarus interrompeu:

— Não preste atenção a Ira, Justin; ele é um velho atrasado. Minerva é uma "prima" beijoqueira para a maioria da colônia; ela está recuperando o tempo perdido. Além do mais, ela é uma espécie de prima para praticamente todos nós, por parte dos seus vinte e três pais. Beijá-la é um desafio. Atena, deixe sua irmã em paz enquanto ela consegue mais um "primo" com seus beijos.

— Sim, Lazarus. Amigo velho!

— Atena, se eu pudesse estender a mão através dessa série de fios, eu bateria em você. — Lazarus acrescentou: — Vá em frente, Justin.

— Hã... Minerva, não beijo uma moça há muitos anos. Estou sem prática.

— Sr. Foote, eu não pretendia embarçá-lo. Estou simplesmente encantada em vê-lo novamente. O senhor não precisa me beijar. Ou, se pretende beijar-me na intimidade, será muito bem-vindo.

— Não se arrisque, Justin — aconselhou a computadora. — Sou sua amiga.

— Atena!

— Eu ia acrescentar — disse o arquivista-chefe — que provavelmente preciso de mais prática para "aprender a ser um ser humano" do que você. Se você aceitar minha falta de leito, prima, aceito sua doce oferta. Segure-se.

Minerva deu um sorriso rápido, caiu nos seus braços esparramou-se em cima dele como um gato, fechou os olhos e abriu a boca. Ira estudou um papel em sua escrivaninha. Lazarus nem fingiu que não estava vendo. Ele notou que Justin Foote se entregou àquilo de coração... a velha ave de rapina podia estar sem prática, mas não havia esquecido os rudimentos.

Quando eles se separaram, a computadora deu um assovio respeitoso.

— Fiiiuu... Justin, bem-vindo ao clube.

— É — disse Ira secamente —, não se pode dizer que uma pessoa esteja oficialmente em Tertius até que ele ou ela tenha recebido um beijo de boas-vindas de Minerva. Agora que o protocolo está cumprido, sente-se. Minerva, minha querida, você veio para algum fim?

— Sim, senhor. — Ela se acomodou ao lado de Justin Foote num sofá em frente a Ira e Lazarus... e tomou a mão de Justin. — Eu estava no *Dora* com as gêmeas, e Dora estava ensinando astrogação a elas quando o pacote apareceu em nosso céu e...

— Certamente, Lazarus. Um exercício vivo? Dora nunca perderia uma oportunidade dessas. Ela se dividiu imediatamente e fez cada uma delas acompanhá-lo independentemente. Mas, uma vez que o autopaquete aterrou, pedi a Dora para perguntar a Atena quem estava nele... e, assim que a cápsula se abriu, minhas irmãs me disseram: Justin — ela apertou a mão dele —, e apressei-me para saudá-lo. E para oferecer acomodações. Ira, cuidaram de Justin? Um lugar para dormir, coisas assim?

— Ainda não, minha querida. Estávamos apenas começando a conversar... ele mal teve tempo de se livrar do anestésico.

— Acho que o antídoto fez efeito — comentou Foote.

— O primo Justin acabou de tomar uma segunda dose, Ira — acrescentou a computadora. — Pulso rápido, mas firme.

— Isso é o suficiente, Atena. Você ia sugerir alguma coisa, minha querida?

— Sim. Passei por casa e falei com Ishtar. Estamos de acordo. Sujeito à sua aprovação e à de Lazarus.

— Você quer dizer que conseguimos um voto? — interrompeu Lazarus. — Justin, este planeta é governado pelas mulheres.

— Não é assim em toda parte?

— Não, apenas na maioria. Lembro-me de um lugar em que uma cerimônia de casamento sempre terminava com a morte da mãe da noiva se esta não tivesse sido usada antes. Acho que isso era exagerar a coisa, mas tendia a...

— Esqueça isso, vovô — disse Ira conciliadoramente... — Justin teria que editá-lo. Justin, o que Minerva estava dizendo é que nossa casa é sua. Não é, Lazarus?

— Certamente. É uma casa de loucos, Justin, mas a comida é boa e o preço é correto. Isto é, grátis. São apenas os seus nervos que pagam.

— Realmente, não tenho nenhuma intenção de importunar. Não há alguém que possa alugar-me um quarto? Não por dinheiro, suponho que o dinheiro de Secundus não seja negociável aqui, mas por artefatos que trouxe, coisas que vocês ainda não fabricam.

— Você pode negociar o dinheiro de Secundus por meu intermédio, se precisar — respondeu Lazarus. — Quanto aos artefatos, pode ser que fique surpreso com o que estamos fabricando.

— Pode ser que não; sei que um pantógrafo universal foi trazido para cá. Assim, trouxe novos artigos criativos, principalmente diversões... cubos solares e coisas parecidas. Músicas divertidas, pornográficas, oníricas, outros tipos... todas publicadas desde que vocês deixaram Secundus.

— Bem planejado — acrescentou Lazarus. — Acho que a colonização era mais divertida antes, quando os pioneiros não tinham escolha senão se estabelecer e lutar com denodo, e não se tinha certeza de quem ia vencer, a gente ou o planeta. A maneira pela qual fazemos isso agora é como esmagar um inseto com uma marreta. Justin, os seus bagulhos obterão um alto preço, mas venda-os aos poucos... porque cada um será copiado assim que você o solte. Nenhum direito autoral, não há meio de fazê-lo cumprir. Mas isso ainda não dará para você alugar um quarto; estamos na fase da hospedagem-com-os-parentes. É melhor você aceitar a nossa oferta; chove quase todas as noites nesta época do ano.

Justin Foote ficou desanimado.

— Receio invadir a sua privacidade. Ira, posso tomar emprestado este sofá onde estou sentado? Por pouco tempo? Depois...

— Pare com isso, Justin. — Lazarus levantou-se. — Pilho, você está sofrendo das atitudes de cidade grande. Você ^e bem-vindo por uma semana ou um século. Você é não só meu descendente em linha reta, através de Harriet Foote, acho eu, como primo beijoqueiro de Minerva. Vamos levá-lo Para casa, Minerva. O que é que você fez com os meus demônios?

— Estão do lado de fora.

— Confio em que as tenha prendido em estacas.

— Não, mas elas estão um tanto zangadas.

— É bom para o metabolismo delas. Ira, decrete um feriado.

— Farei isso... logo que tiver examinado os planos do conversor de minério com Atena.

— O que significa que você vai descobrir o que foi que ela decidiu.

— Diga isso outra vez! — disse a computadora.

— Tena — disse Lazarus conciliadoramente —, você tem se associado demais com Dora. Quando Minerva fazia o seu serviço, ela era delicada, amável, respeitosa e humilde.

— Alguma reclamação quanto ao meu trabalho, vovô?

— Apenas os seus modos, querida. Na presença de um convidado...

— Justin não é um convidado; ele é da família. Ele é um primo beijoqueiro da minha irmã; portanto, é meu primo também. Q. E. D.

— Não gosto de discutir. Cuidado com Tena, Justin; ela ainda o pegará.

— Acho o raciocínio de Atena não só lógico, como cordialmente agradável. Obrigado, minha prima beijoqueira.

— Gosto de você, Justin; você foi amável com minha irmã. Não se preocupe se eu o pegar; não planejo aceitar um clone pelo menos durante cem anos... primeiro tenho que organizar este planeta. Assim, não espere; você me verá mais ou menos dentro de um século. Você me reconhecerá; minha aparência será exatamente igual à de Minerva.

— Porém mais barulhenta.

— Lazarus, você diz as coisas mais amáveis. Beije-o por mim, irmã gêmea.

— Vamos embora, Minerva; Tena me confundiu outra vez.

— Espere um momento, Lazarus, por favor. Ira, combinei outra coisa com Ishtar, mas apenas como tentativa... por não estar certa dos desejos de Justin.

— Ah, não os conheço tampouco. Quer que eu pergunte a ele?

— Hã... sim.

— Em relação a você?

Minerva ficou espantada. Justin Foote ficou espantado.

— Vamos esclarecer as coisas — disse Atena. — Justin, Minerva estava

perguntando a Ira se você quer que ela arranje para você uma esposa convidada. Ira disse que não sabe, mas que descobrirá... depois perguntou se ela estava se apresentando voluntariamente para o privilégio. Tudo claro? Justin, minha irmã é tão nova na condição de carne e osso, que algumas vezes fica insegura.

Lazarus refletiu que não via uma moça corar — por esse motivo — havia três séculos ou mais. Nem os dois homens pareciam estar à vontade. Ele falou em tom de censura:

— Tena, você é uma excelente engenheira... e uma péssima diplomata.

— O quê? Ora, bobagem. Economizei para eles bilhões de nanossegundos.

— Cale a boca, querida; os seus circuitos estão embaralhados. Justin, Minerva é quase certamente a única moça deste planeta que pode se perturbar com a ajuda pouco prestimosa de Tena... porque ela é provavelmente a única que revela alguma tendência de se ligar a um único homem.

A computadoradora deu uma risada.

— Eu disse a você para ficar quieta — Lazarus advertiu severamente.

Ira falou calmamente:

— Minerva é livre, Lazarus.

— Quem disse que ela não era? Fique quieto também, até que o Sênior (que sou eu, filho) termine de falar. Justin, Minerva encontrará para você uma companhia para jantar... ela já encontrou, acho eu. Depois disso, é com você. Se você e sua companhia para jantar não combinarem, sem dúvida você poderá imaginar alguma outra coisa. Tena, vou desligá-la na casa esta noite; estou desconvidando-a para jantar. Você não aprendeu a se comportar na presença de outros.

— Ah, Lazarus, não pretendia aborrecê-lo.

— Bem... — Lazarus olhou em volta. A fisionomia de Ira estava impassível, Minerva parecia infeliz. Justin Foote disse:

— Sênior, estou certo de que Atena não tinha nenhuma má intenção. Aprecio que ela me declare seu "primo beijeiro"; achei isso uma amabilidade carinhosa. Espero que você reconsidere e deixe-a reunir-se a nós no jantar.

— Muito bem, Tena; Justin interferiu a seu favor. Mas quanto a você, Dora e as gêmeas, logo vou precisar de uma vara para usar sobre vocês, garotas. Justin, Minerva, vamos embora. Ira, Tena... vejo vocês em casa. Não perca tempo naquele conversor, Ira; Tena fez um serviço perfeito.

Do lado de fora do quartel-general colonial, Justin Foote encontrou um barco insignificante esperando — não o que o havia trazido do porto celeste; este trazia um par de gêmeas ruivas... eram garotas, embora parecessem ter decidido isso apenas recentemente. Doze, talvez treze anos. Ambas estavam usando cintos com revólveres sobre os quadris magros, com o que ele esperava que fossem armas de brinquedo. Uma usava insígnias de capitão nos ombros nus. Cada uma tinha onze mil trezentas e duas sardas. pelo que pôde estimar.

Ambas saltaram para fora do barco e esperaram. Um conjunto de sardas disse:

— Já era hora.

Discriminação — disse o outro.

— Parem de apitar e sejam amáveis — ordenou Lazarus. — Justin, estas são minhas filhas gêmeas: Lápis-Lazúli e Lorelei Lee. Sr. Justin Foote, queridas, o arquivista-chefe dos Curadores.

As garotas olharam uma para a outra, depois fizeram uma reverência profunda em perfeito sincronismo.

— Bem-vindo a Tertius, arquivista-chefe Foote! — disseram em coro.

— Encantadoras!

— Sim, garotas, isso foi amável. Quem lhes ensinou?

— Mamãe Hamadriade nos ensinou...

— ... e mamãe Ishtar disse que essa seria uma boa ocasião para fazê-lo.

— Mas eu sou Lori; ela é Lazi.

— Eu sou a capita Lápis-Lazúli Long, no comando da nave estelar *Dora*, e ela é minha tripulante. Nos dias pares.

— Até amanhã. Dia ímpar.

— Lazarus não pode distinguir-nos...

— ... e ele não é nosso pai; nunca tivemos pai.

— Ele é nosso irmão, não tem autoridade verdadeira...

— ... ele apenas nos domina pela força bruta...

— ... mas algum dia isso vai mudar.

— Para dentro do barco, seus demônios amotinados — disse Lazarus alegremente —, antes que eu rebaixe vocês a aprendizes de espaçonautas.

Elas saltaram para dentro do barco e sentaram-se na frente, voltadas para a popa.

— Ameaças...

— ... com linguagem abusiva...

— ... e sem o devido processo.

Lazarus não pareceu tê-las ouvido. Ele e Justin ajudaram Minerva a entrar no barco e sentaram-na na popa voltada para a frente; eles se sentaram dos dois lados dela.

— Capita Lazúli. — Sim, senhor?

— Quer dizer ao barco, por favor, que nos leve para casa?

— Sim, senhor. *Humpty Dumpty*... para casa!

A pequena embarcação partiu, atingiu uma velocidade constante de dez nós, bamboleando segundo os desníveis do solo.

— E agora, capita — disse Lazarus —, como confundiu o nosso convidado, por favor, esclareça-o.

— Sim, senhor. Nós não somos gêmeas, não temos sequer a mesma mãe...

— ... e o amigo velho não é nosso pai; é nosso irmão.

— Dia par!

— Então faça-o funcionar.

— Correção — disse Lazarus. — Sou pai de vocês porque as adotei, com o consentimento escrito das suas mães.

— Irrelevante...

— ... e ilegal; não foi com o nosso consentimento...

— ... e imaterial de qualquer maneira, porque nós três, Lazarus, Lorelei e eu, somos trigêmeos univitelinos e, portanto, gozamos dos mesmos direitos sob qualquer jurisdição racional... o que esta, infelizmente, não é. Assim, ele bate em nós. Ilegal e brutalmente.

— Capita, lembre-me de arranjar uma vara maior.

— Sim, senhor. Mas gostamos do amigo de qualquer maneira, apesar do seu comportamento sadomasoquista. Porque ele é realmente nós. Compreende?

— Senhorita... Quero dizer, capitão, não estou certo de ter compreendido. Acho que escorreguei numa deformação do espaço a caminho daqui e não consegui escapar.

A capita dos dias pares sacudiu a cabeça.

— Desculpe, senhor, mas isso não é possível. Devo pedir-lhe para aceitar minha palavra nesse sentido... a menos que o senhor saiba manipular números imperiais e física de campo Libby. O senhor sabe?

— Não. Você sabe? — Ora, certamente...

— ... nós somos gênios.

— Parem de tentar impressioná-lo, garotas, e cumpram essa ordem. Eu mesmo explicarei.

— Gostaria que o fizesse, Lazarus. Eu não sabia que tinha filhos pequenos. Ou irmãs, o que acho ainda mais desconcertante. Elas estão registradas? Embora eu não possa ver tudo o que entra nos arquivos, há muitos anos tem havido uma retransmissão automática para mim de qualquer coisa a respeito do Sênior.

— Eu sabia, e é por essa razão que você não ouviu nada. Registradas, sim, mas com os nomes de suas mães... mães-hospedeiras, na verdade, mas não comunicadas como tal. Mas deixei um registro selado, na correspondência atrasada, da verdadeira genealogia envolvida, para ser aberto por você ou seu sucessor quando eu morrer ou no ano de 2 070 da Diáspora, o que ocorrer primeiro, para garantir que elas recebessem certas bugiangas, tais como a minha segunda melhor cama...

— E a *Dora*!

— Cale-se! Fique dando palpite e sua irmã ganhará a *Dora*; você não será capita nem nos dias alternados. Escolhi essa data, Justin, porque espero que elas sejam adultas, então; elas realmente são gênios. Não tentarei a viagem pelo tempo até então, porque elas são capita e tripulante do meu iate... apenas em terra, agora, mas futuramente o serão no espaço. Quanto a como elas são minhas irmãs (e o são), foi usado um procedimento cirúrgico ilegal, clandestino... proscrito, pode-se dizer, pela Clínica de Secundus, a fim de cloná-las a partir de mim. Um pouco parecido com o caso de Minerva, porém mais simples.

— Muito mais simples — concordou Minerva. — Operei para mim quando ainda era uma computadoradora... e falhei dezessete vezes antes de conseguir um clone perfeito. Eu não poderia fazer isso agora, embora Atena pudesse. Mas nossas garotas foram clonadas por um cirurgião de carne e osso (a reprodução do cromossomo X foi tudo de que ele necessitou), e ele conseguiu isso em ambos os casos na primeira tentativa; Laz e Lor nasceram no mesmo dia.

— Hum... Sim, acho que a Senhora Diretora, dra. Hildegarde, teria uma opinião desagradável dessas coisas. Sem nenhuma reflexão sobre a sua competência profissional (alta, presumo), acho-a um pouco, hã, conservadora.

— Assassina.

— Totalitária primitiva.

— Três vezes...

— ... pois que direito tem ela de dizer que não podemos existir...

— ... ou Minerva. Mente criptocriminosa!

— Basta, garotas; vocês expressaram sua opinião, não gostam dela.

— Ela teria assassinado você também, amigo velho.

— Lori, eu disse que bastava. Supondo que a política de Nelly Hildegarde fosse cumprida, eu não estaria aqui, você não estaria aqui, Laz não estaria aqui, nem Minerva. Mas ela não é "assassina", porque nós quatro estamos aqui.

— E estou encantado — comentou Justin Foote. — Ter três moças charmosas acrescentadas às nossas Famílias através de uma infração das regras prova algo de que suspeito há muito tempo: as regras servem melhor quando violadas.

— Um homem sábio...

— ... e com covinhas também. Sr. Foote, gostaria de se casar comigo e com minha irmã?

— Diga "sim"! Ela sabe cozinhar, mas eu sou carinhosa.

— Parem com isso, garotas — pediu Minerva.

— Por quê? Você já o reservou para si? Foi por isso que não pudemos entrar? Sr. Foote, Minerva é nossa mamãe temporária por edito...

— ... o que é manifestamente injusto...

- ... porque ela é realmente anos e anos mais moça do que nós...
- ... e isso nos dá três mães para evitar em vez da única regulamentar.
- Parem com isso — ordenou Lazarus. — Vocês duas sabem cozinhar, mas nenhuma de vocês é muito carinhosa.
- Então por que você nos faz carinho, amigo?
- ... impulso incestuoso suprimido, talvez?
- *Merde*. Porque vocês duas são imaturas, inseguras e assustadas.
- As ruivas olharam uma para a outra. — Lori?
- Eu ouvi. A menos que esteja tendo alucinações.
- Não, eu também ouvi.
- É hora de chorar?
- É melhor não fazermos isso. O sr. Foote não iria querer ver como o nosso amigo cai aos pedaços quando choramos.
- Não o faremos. Haveria dois choros e um tremor de queixo, que ele vai ter. A menos que o sr. Foote queira ver.
- Quer, sr. Foote?
- Justin, venderei qualquer uma delas barato. Farei um preço ainda melhor num negócio em conjunto.
- Ah... obrigado, Lazarus, mas receio que elas possam chorar para mim... então eu cairia aos pedaços. Podemos mudar de assunto? Como é que você conseguiu realizar esta tripla, hã, irregularidade? Pode-se perguntar? A dra. Hildegarde dirige uma organização muito rigorosa.
- Bem, no caso desses dois anjinhos aí...
- Sarcasmo, agora...
- ... e não muito inteligente.
- ... fiquei tão desconcertado quanto Nelly Hildegarde. Na ocasião, Ishtar Hardy, mãe dessa...
- Não, dela.
- Vocês duas são partes intercambiáveis e, além disso, foram confundidas na semana em que nasceram, e ninguém sabe qual delas é você; nem você sabe.
- Ah, sim, eu sei! Algumas vezes ela vai embora, mas eu estou sempre bem aqui.
- Lazarus parou no meio do vôo e ficou pensativo.
- Essa pode ser a afirmação mais sucinta que já ouvi da tese solipsista. Anote-a.
- Se eu anotar você ficará com o crédito dela.
- Quero simplesmente guardá-la para a posteridade... idéia essa incompatível com a própria tese. Minerva, preserve-a para mim.

— Registrada, Lazarus.

— Minerva tem uma memória quase tão exata como quando era computadora. Eu estava dizendo: Ishtar foi temporariamente chefe da clínica, tendo Nelly saído de licença; por isso, o acesso ao meu tecido não foi problema. Eu estava então num estado de falta de hedonismo agudo, e as mães delas tiveram essa idéia para restaurar o meu interesse pela vida. O único problema era fazer a cirurgia genética não permitida pelas regras da Clínica de Secundus. Como e quem... disseram-me com firmeza para não perguntar. Você pode perguntar a Minerva; ela estava metida nessa trapaça.

— Lazarus, essa foi uma lembrança que eu não trouxe comigo quando estava selecionando o que enfiar neste crânio.

— Está vendo, Justin? Só me permitem saber o que elas consideram bom para mim. Assim sendo, este tratamento heróico funcionou; não me aborreci desde então. Outras descrições podem ser aplicadas... mas não essa.

— Lori, você percebe um duplo sentido?

— Não, apenas uma insinuação pouco velada. Ignore-a com dignidade.

— Mas a princípio eu não sabia do meu estranho parentesco com este par. Ah, não pude deixar de saber que Ishtar e Hamadriade... uma das filhas de Ira; você a conheceu?

— Há alguns anos. Uma garota encantadora.

— Bastante. Ambas as mães delas são encantadoras. (Eu não podia ignorar que as duas estavam grávidas; elas passavam a maior parte do seu tempo comigo. Mas, embora estivessem inchando como cachorrinhos envenenados, ignoraram isso; portanto, não perguntei.)

Justin assentiu com a cabeça. — Privacidade.

— Não, apenas teimosia. Nunca permiti que o hábito da privacidade me impedisse de bisbilhotar quando isso me interessava. Fiquei de mau humor, isso é tudo. Duas garotas estão comigo todos os dias, são como filhas para mim, e obviamente tão mimadas como a Filha do Faraó... e elas não me contam nada. Fico teimoso então, e cuido mais delas. Até que um dia Galahad... ele é o marido delas... bem, não exatamente; você verá. Galahad me convidou para descer, e lá estavam elas, cada uma com uma das duas ruivinhas mais bonitas que já vi.

— Vamos dar um choro?

— Vocês já superaram isso; vocês duas se parecem comigo agora.

— Ou acrescentaremos um terceiro choro por isso?

— Não percebi logo que há algo errado; estava simplesmente satisfeito. Bem como espantado por elas terem produzido bebês tão parecidos como gêmeos univitelinos...

— O que somos, exceto que somos trigêmeos.

— Algumas semanas de brincadeiras com estes bebês, porém, fizeram com que

o meu gênio natural e minha mente desconfiada deduzissem que as garotas me haviam tapeado. Eu não estava então no banco de esperma, pelo que sei, mas tenho bastante consciência dos truques que podem ser aplicados num cliente indefeso passando pela antigieria; assim, com lógica infalível cheguei à resposta errada: estes bebês são minhas filhas por inseminação artificial não mencionada a mim. E acuso-as disso. E elas negam. E explico que não estou com raiva, mas, bem pelo contrário, espero que estes pequenos querubins sejam meus.

— "Querubins."

— Ignore isso. Ele está simplesmente tentando impressionar o sr. Foote.

— Querubins naquela ocasião, quero dizer, apesar de ^Uma tendência a morder. Quero que elas sejam minhas e Partilhem o meu nome e os meus bens. Elas, então, consultam os colegas de conspiração: Minerva e Galahad. Minerva estava metida nisso até seus dispositivos de segurança.

— Lazarus, você precisava de uma família.

— Absolutamente certo, querida. Estou sempre em melhor situação com uma família; ela me mantém inofensivamente ocupado e faz com que não fique aborrecido. Justin, mencionei que Minerva me permitiu adotá-la?

— Nós não fomos consultadas!

— Olhem, garotas, segundo as regras deste formigueiro, posso desadotá-las neste minuto, se esse for o desejo de vocês. Cortar o nó. Ser apenas seu irmão genético por circunstâncias em que não tive mais influência do que vocês. Renunciar a toda autoridade sobre vocês duas. Avisem-me.

As duas garotas olharam uma para a outra rapidamente. Depois uma disse: — Lazarus... — Sim, Lorelei?

— Lápis-Lazúli e eu discutimos isso, e nós duas achamos que você é exatamente o pai que queremos.

— Obrigado, minhas queridas.

— E, para confirmar isso, estamos cancelando dois choros e um tremor de queixo.

— Isso é muito agradável.

— E, além disso, queremos que nos faça carinho... porque nós estamos nos sentindo muito imaturas, inseguras e assustadas.

Lazarus piscou os olhos.

— Não quero que vocês se sintam assim, jamais. Mas... Bem, o carinho pode esperar?

— Ah, certamente... papai. Sabemos que temos um convidado. Mas talvez você e o sr. Foote se reúnam a nós no banho, está bem? Antes do jantar?

— Está bem, Justin? Tomar banho com os meus demônios é arriscado, porém divertido. Não o faço muitas vezes porque elas transformam isso num acontecimento social e perdem tempo. Faça como quiser; não deixe torcerem o

seu braço.

— Certamente preciso de um banho. Eu estava limpo quando estava trancado naquela pequena cápsula... mas quanto tempo fiquei nela? Realmente não sei. E um banho sempre deve ser um acontecimento social se houver tempo.. • e boa companhia. Obrigado, senhoras; aceito.

— E eu também aceito — interrompeu Minerva. — Estou me convidando. Justin, Tertius é primitivo comparado com Secundus, mas o banheiro da nossa família é bonito e bastante grande para sociabilidades. "Decadente", como Lazarus o chama.

— Projetei-o para ser decadente, Justin. Bons encanamentos são a fina flor da decadência, e uma coisa de que sempre gostei quando pude consegui-la.

— Ah... minhas roupas ainda estão no escritório de Ira. Meus artigos de toalete também. Foi distração, desculpem.

— Não importa. Ira pode trazer sua bolsa, mas ele é distraído também. Depiladores, desodorantes, perfumes... nenhum problema. Emprestarei a você uma toga ou coisa parecida.

— Amigo velho! Quero dizer "papai". Isso significa que teremos de nos vestir para jantar?

— Chamem-me amigo velho; estou calejado. Façam como quiserem, queridas... exceto que, como de hábito, mamãe Hamadriade terá que aprovar qualquer cosmético. Voltando ao modo como consegui estas filhas que são minhas irmãs, Justin: tendo conferenciado, esta quadrilha de piratas genéticos entregou-se à misericórdia do tribunal. Eu. Assim, adotei estas duas, registramo-las, e o registro será esclarecido um dia, como expliquei. Como Minerva desistiu da profissão de computadora e assumiu as aflições de que a carne é herdeira é uma história mais longa. Quer resumi-la, querida? ... e contar a ele mais tarde, se desejar?

— Sim, papai.

— Que insolência, querida! Você é uma mulher crescida agora. Justin, quando acordamos esta queridinha, ela era mais ou menos do tamanho e da idade biológica desses dois demônios deformados... lembre-me de tomar a temperatura delas, Minerva. Adotei Minerva porque ela precisava de um pai. Agora não precisa mais.

— Lazarus, sempre precisarei de você como pai.

— Obrigado, minha querida, mas aceito isso apenas como um cumprimento agradável. Conte a Justin a sua história.

— Está bem. Justin, você está familiarizado com as teorias a respeito da autoconsciência dos computadores?

— Várias delas. Como você sabe, meu trabalho é principalmente com computadores.

— Permita-me dizer, falando pela experiência, que todas as teorias são vazias. Como um computador se torna autoconsciente continua um mistério tão grande,

mesmo para os computadores, quanto o milenar mistério da autoconsciência dos seres de carne e osso. Ela simplesmente existe. Mas, pelo que eu sabia (e sabia muito em virtude da biblioteca que estava encerrada nas minhas memórias então, e ainda está nas memórias de Atena), a autoconsciência nunca surge num computador projetado apenas para lógica dedutiva e cálculos matemáticos, não importa quão grande seja. Se ele, porém, é projetado para lógica indutiva, se é capaz de avaliar dados, deduzir hipóteses destes, testá-las, reconstruí-las para se adaptarem a novos dados, fazer comparações aleatórias dos resultados e alterar essas reconstruções, isto é, exercer julgamento da maneira como faz um ser de carne e osso, então a autoconsciência pode ocorrer. Mas não sei por que e nenhum computador sabe. Ela apenas ocorre. Minerva sorriu.

— Desculpe, não tive a intenção de ser pedante. Lazarus imaginou que eu poderia entrar num cérebro humano vazio, um cérebro clone, usando técnicas utilizadas para conservar memórias nas clínicas de rejuvenescimento. Quando discutimos isto, eu tinha toda a biblioteca técnica da Clínica Howard de Secundus em mim... roubado, de certa maneira. Não a tenho mais; tive que separar e escolher o que levar comigo quando entrei neste crânio. Portanto, não me lembro muito do que fiz, não mais do que um cliente de rejuvenescimento sabe tudo o que foi feito com ele; você teria que obter detalhes com Atena, que ainda os possui... que, a propósito, nunca teve o despertar bastante doloroso por que passa um computador quando começa a se conhecer pela primeira vez, porque deixei um pedaço de mim em Atena, hã, como um fermento. Atena mal se lembra de ter sido Minerva em certa ocasião... mais ou menos da maneira como nós de carne e osso — Minerva se endireitou, sorriu e ficou orgulhosa — nos lembramos de um sonho como algo não muito real. E eu me lembro de ter sido Minerva, a computadora, mais ou menos da mesma maneira. Lembro-me de todos os meus contatos com pessoas, com muita nitidez... porque preferi conservá-los, copiá-los dentro deste crânio. No entanto, se alguém me perguntasse como eu cuidava do sistema de transporte de Nova Roma... bem, sei que cuidava, mas não como fazia isso.

Ela sorriu outra vez.

— Essa é a minha história: uma computadora que ansiava por ser de carne e osso e que tinha amigos queridos que tornaram isso possível... e nunca me arrependi; adoro ser de carne e osso... e quero amar todo mundo. — Ela olhou para Justin Foote com muita seriedade. — Lazarus disse a verdade; nunca fui uma esposa convidada; tenho apenas três anos de idade como ser de carne e osso. Caso me escolha, você pode me achar esquisita e tímida... mas não relutante. Devo-lhe muito.

— Minerva — disse Lazarus —, encurrele-o num canto em alguma outra ocasião. Você não contou a Justin o que ele queria saber; você deixou de lado a trapaça.

— Ah!

— E quando você estava filosofando sobre a consciência dos computadores, deixou de lado o ponto principal, parece-me, um que eu conheço mas você pode

não conhecer, embora fosse uma computadoradora e eu não. Porque este ponto principal se aplica tanto aos computadores como aos seres de carne e osso. Minha querida... e Justin... e não fará mal a vocês duas, gêmeas erráticas, ouvirem isto... toda maquinaria é animista... "humanística", quero dizer, mas esse termo ficou decadente. Qualquer máquina é um conceito de um projetista humano; reflete o cérebro humano, seja ela um carrinho de mão ou um computador gigante. Portanto, não há nada de misterioso na foto de uma máquina projetada por um ser humano mostrar uma autoconsciência humana; e o mistério está na própria consciência, onde quer que seja encontrada. Eu tinha uma cama de armar, para acampamento, que gostava de me morder. Não digo que ela fosse consciente... mas aprendi a aproximar-me dela com cuidado.

"Mas, Minerva, querida, já vi alguns computadores grandes, quase tão espertos como você, que nunca desenvolveram a autoconsciência. Pode dizer-nos por quê?"

— Confesso que não posso, Lazarus. Gostaria de perguntar a Atena quando chegarmos a casa.

— Ela provavelmente também não sabe; nunca conheceu qualquer outro computador grande exceto *Dora*. Capita Lazúli, qual é a coisa mais antiga de que você se lembra? Certa vez você, ou sua companheira de crime, afirmou lembrar-se de ter mamado.

— É claro que nos lembramos! Todo mundo não se lembra?

— Não. Eu, por exemplo, não me lembro. Fui um bebê de mamadeira; não me lembro disso. Não vale a pena lembrar. Em consequência, tenho olhado para os seios e os admirado, desde então. Diga-me, alguma de vocês, ao se lembrar da amamentação, pode se lembrar de qual de suas mães estava dando de mamar?

— Naturalmente! — disse Lorelei desdenhosamente. — Mãe Ishtar tem seios grandes...

— ... e mamãe Hamadriade tem seios muito menores, mesmo quando estão cheios de leite...

— Mas ela dava exatamente a mesma quantidade de leite.

— De sabor diferente, porém, Era bom mudar a cada refeição. Variedade.

— Mas gostávamos de ambos os sabores! Conte a ele, Laz.

— Basta. Vocês chegaram aonde eu queria. Justin, estas garotas eram autoconscientes e conscientes das outras pessoas, de suas mães pelo menos, numa idade em que um bebê de creche é apenas um glóbulo pastoso... o que diz alguma coisa sobre os motivos por que as creches nunca funcionaram bem. Quero o contraponto: Minerva, de que é que você se lembra quando era um clone não-despertado?

— Ora, de nada, Lazarus. Bem, alguns sonhos estranhos quando estava me colocando (colocando minhas memórias escolhidas) dentro do meu novo eu, este. Mas não comeci isso até Ishtar dizer que o clone estava suficientemente grande. E não foi senão pouco antes de retirar-me do meu antigo eu e Ishtar me

acordar. Isso não pode ser instantâneo, Justin; um cérebro de proteína não absorve os dados à velocidade de um computador; Ishtar me fez ser muito lenta e cuidadosa. Depois, por um curto espaço de tempo (um curto espaço de tempo humano), fiquei nos dois lugares, no computador e no crânio; em seguida, entreguei o computador e deixei-o transformar-se em Palas Atena, e Ishtar me acordou. Mas, Lazarus, um clone *in vitro* não é consciente; é como um feto no útero. Não há nenhum estímulo. Correção: há um estímulo mínimo, e nada que deixe uma pista permanente de memória. A menos que se contem os relatórios de regressão sob hipnose.

— Não há necessidade de contá-los — replicou Lazarus. — Verdadeiros ou falsos, esses casos são irrelevantes. O contraponto relevante é "estímulo mínimo". Querida, aqueles computadores grandes com potencial de consciência mas sem autoconsciência são assim porque ninguém se deu ao trabalho de amar aquelas pobres coisas. Isso é tudo. Bebês ou computadores grandes... eles se tornam conscientes ao receber uma grande quantidade de atenção pessoal. De "amor", como é chamado geralmente. Minerva, essa teoria combina com os seus anos anteriores?

Minerva ficou sobriamente pensativa.

— Isso foi cerca de um século atrás, em tempo humano... digamos um milhão de vezes isso, em tempo de computador. Sei, pelos registros, que fui montada alguns anos antes de Ira assumir o cargo. Mas as lembranças pessoais mais antigas que tenho (e essas lembranças eu guardei e não deixei em Atena ou no computador de Nova Roma), a mais antiga de que posso lembrar-me era esperar ansiosa e alegremente pela próxima vez em que Ira falasse comigo.

— Não preciso insistir no ponto — afirmou Lazarus. — A gente dá o seio aos bebês, faz cócegas nos dedos dos pés deles, fala com eles, sopra nos seus umbigos e os faz rir. Os computadores não têm umbigo, mas a atenção funciona da mesma forma com eles. Justin, Minerva me disse que não deixou nada dela no computador sob o palácio.

— Isso é correto. Deixei-o intacto como computador e programado para todos os seus deveres... mas não me atrevi a deixar qualquer lembrança pessoal, qualquer parte do eu, não podia deixá-lo lembrar-se de que certa ocasião fora Minerva; isso não teria sido justo para com ele. Lazarus me preveniu, e tive muito cuidado, verificando todos os bilhões de terminais e limpando-os quando necessário.

— Perdi uma parte de alguma forma — disse Justin Foote. — Você fez isto em Nova Roma... mas foi acordada aqui apenas há três anos?

— Três anos maravilhosos! Você compreende...

— Deixe-me interrompê-la, querida; contarei a ele a trapaça. Mas primeiro... Justin, você teve contato com o computador executivo de Nova Roma desde que emigramos? Naturalmente que teve... mas você estava no escritório da Madame Presidenta Temporária quando ela o estava usando?

— Ah, sim, várias vezes. Ontem mesmo... não, quero dizer o ontem antes de eu partir; fico me esquecendo de que perdi o tempo da viagem.

— Que nome ela usa quando fala com ele?

— Acho que não usa nenhum nome. Estou quase certo de que não usa.

— Ah, pobrezinho!

— Não, Minerva — disse Lazarus calmamente. — Você deixou-o com boa saúde; ele simplesmente não acordará até ter uma patroa, ou um patrão, que o aprecie. O que talvez não demore — acrescentou ele sombriamente.

— Pode ser a qualquer momento — confirmou Justin Foote. — Lazarus, aquela velha... ah!... cancele isso. Arabelle adora estar em evidência. Comparece a reuniões públicas, aparece no Coliseu. Levanta-se e acena com o lenço. Parece estranho, após a maneira calma como Ira dirigiu as coisas.

— Compreendo. Um alvo imóvel. Sete a dois como ela será assassinada nos próximos cinco anos.

— Nada de apostas. Sou um estatístico, Lazarus.

— Realmente. Está bem... Trapaças. Uma porção delas. Ishtar montou uma Clínica Howard auxiliar no palácio. Sua desculpa: eu, o Sênior. Mas é um disfarce para uma bio-instalação muito mais extensa. Minerva escolheu seus pais; Ishtar roubou os tecidos e falsificou alguns registros. Enquanto isso, nossa amiga magrela, minha filha Minerva...

— Ela não é magrela! Ela tem o corpo certo para a altura, o tipo e a bio-idade!

— ... e com curvas deliciosas!

— ... tinha duplicado o seu eu de computadora num porão do meu iate *Dora*, colocando o contrato em meu nome e debitando-o a mim; ninguém se atreveu a perguntar por que o Sênior (algumas vantagens da idade, especialmente entre os Howards) queria um computador enorme num iate que já tinha um dos computadores mais sofisticados do céu. Enquanto estava lá na minha cobertura emprestada, onde não era permitida a ida de ninguém, além de uma curta lista tão desonesta quanto eu, um clone estava crescendo numa instalação montada num quarto que eu não usava.

"Chegada a hora de emigrar, uma caixa muito grande, contendo o que era então um clone muito pequeno, vai para o porto celeste marcada como parte da minha bagagem pessoal (esta bagagem ficava entre nós, naturalmente) e é carregada para dentro do *Dora* sem inspeção, sendo essa uma prerrogativa de ser presidente... porque, como vocês podem lembrar-se, não entreguei o martelo de juiz de volta a Arabelle até os nossos transportes terem decolado e eu estar prestes a subir com a nave eu mesmo, com Ira e o resto do meu grupo pessoal a bordo.

"Enquanto estou levando o clone para bordo, Minerva se retira da computadora executiva e está segura e confortável num porão do *Dora*... com as suas entranhas atulhadas com todos os tipos de dados da Grande Biblioteca e todos os registros da Clínica Howard, inclusive o material secreto e confidencial. Uma extravagância muito satisfatória, Justin, o divertimento melhor, mais limpo e

ilegal que já tive desde que roubei a *Novas Fronteiras*. Mas estou contando isto a você não para me vangloriar, ou não muito, mas para perguntar se fomos tão espertos quanto achamos que fomos. Algum boato? Você desconfiou de alguma coisa errada? E Arabelle?"

— Tenho certeza de que Arabelle não suspeita. Nem ouvi dizer que Nelly Hildegarde tenha rompido qualquer vaso sanguíneo. Hum, eu desconfiei de uma coisa.

— Realmente. Onde falhamos?

— Dificilmente essa é a palavra certa, Lazarus. Minerva, quando tive ocasião de consultar você enquanto Ira era Presidente Temporário, como falávamos?

— Ora, você foi sempre muito amável, Justin. Sempre me dizia por que queria alguma coisa, em vez de me dizer simplesmente para consegui-la. Você conversava, também; nunca tinha pressa demais em ser agradável. É por isso que me lembro de você com tanto carinho.

— Foi por isso, Lazarus, que senti o cheiro de algo morto atrás da tapeçaria. Você e seu grupo haviam partido havia cerca de uma semana quando eu quis alguma coisa da computadora executiva. Quando se tem uma velha amiga com uma voz agradável... sua voz está inalterada, Minerva; eu devia tê-la reconhecido... mas eu estava deslumbrado pela sua aparência. Quando você chama esta velha amiga e a resposta vem numa voz monótona, mecânica... e qualquer desvio da linguagem da programação é respondido por: "PROGRAMA NULO... REPITA... AGUARDANDO PROGRAMA", então você sabe que uma velha amiga está morta. — Ele sorriu para a garota entre eles. — Assim, não posso dizer a você como estou encantado em saber que a minha velha amiga renasceu como uma moça encantadora.

Minerva apertou as mãos dele, corou ligeiramente e não disse nada.

— Hum... Justin, você comentou isso com alguém?

— Ancestral, acha que sou um tolo? Cuido da minha própria vida.

— Desculpe, mais ou menos grau 2. Não, você não é um tolo, a menos que volte e vá trabalhar para a velha megera.

— Quando é que a próxima leva de imigrantes virá nesta direção? Odeio desperdiçar o trabalho que fiz sobre a sua vida, e odiaria abandonar minha biblioteca pessoal.

— Bem, senhor, não se pode dizer quando passará um bonde a esta hora da noite. Discutirei isso mais tarde. — Lazarus acrescentou: — Lá está a nossa casa, em frente.

Justin Foote olhou, enxergou um edifício parcialmente visível através das árvores e virou-se para trás a fim de falar com Minerva.

— Uma coisa que você disse antes, prima, eu não compreendi. Você disse "Devo-lhe tanto". Se fui amável com você, em Nova Roma, quero dizer, você foi pelo menos igualmente amável comigo. Provavelmente o débito é no outro

sentido; você foi sempre muito prestativa.

Em vez de responder, ela olhou para Lazarus. Este disse:

— Assunto seu, minha querida. Minerva respirou fundo, depois disse:

— Pretendo dar a vinte e três dos meus filhos os nomes dos meus vinte e três pais.

— É mesmo? Isso parece muito generoso e apropriado.

— Você não é meu primo, Justin... você é meu pai. Um deles.

Variações Sobre um Tema XIV

Bacanália

Depois que a pista através das árvores vorazes na extremidade norte de Boondock vira para a direita, divisa-se a casa de Lazarus Long. Mal a notei, porém, quando a vi pela primeira vez; estava estupidificado demais com uma afirmação feita por Minerva Long. Eu, seu pai? *Eu?*

— Feche a boca, filho — disse o Sênior. — Você está provocando corrente de ar. Querida, você o assustou.

— Ah, meu Deus!

— Agora deixe de parecer uma corça assustada, ou serei forçado a segurar seu nariz e administrar-lhe cinquenta gramas de álcool etílico de oitenta graus disfarçado em suco de frutas. Você não fez nada errado. Justin, você se interessa por álcool etílico disfarçado?

— Sim — concordei ardentemente. — Lembro-me de uma ocasião na minha mocidade quando isso e uma outra coisa eram tudo quanto me interessava.

— Se a outra coisa não eram mulheres, descobriremos um cubículo monástico onde você possa beber em paz. Mas eram... eu o conheço mais do que você pensa. Está bem, teremos uma libação ou seis. Não com essas duas, elas são bêbadas potenciais.

— Caluniador...

— ... embora lamentavelmente verdadeiro...

— ... mas fizemos isso apenas uma vez...

— ... e não faremos outra vez!

— Não prometam demais, garotas; vocês podem embebedar-se sem perceber. É melhor conhecer a própria resistência do que ser traído pela ignorância. Cresçam, aumentem um pouco de peso, e serão capazes de enfrentar isso. Ou Ishtar confundiu os genes de vocês, o que não aconteceu. Agora, quanto a esta outra questão, Justin. Sim, você é um dos pais de Minerva... e isso é uma recomendação muito alta, porque aqueles vinte e três pares de cromossomos foram retirados de tecidos de milhares de pessoas superiores, usando uma matemática espantosa para cuidar da multiplicidade de variáveis, mais o conhecimento de genética de Ishtar e alguns conselhos desnecessários de minha parte, antes que esta queridinha conseguisse a mistura precisa que desejava ser.

Comecei a estabelecer o problema-tipo em minha mente — sim, esse seria um problema difícil, extremamente mais difícil do que o problema genético comum de aconselhar um homem e uma mulher — depois desisti porque tive a encantadora resposta pela mão esquerda dela. Lazarus ainda estava falando:

— Minerva podia ter sido homem, com dois metros de altura, pesando cem quilos, com a constituição de Joe Colossus, e amoroso como um mulo garanhão.

Em vez disso, ela preferiu ser o que é: magra, mulher, tímida... não tenho certeza se ela preferiu este último. Preferiu, querida?

— Não, Lazarus; ninguém sabe que genes controlam isso. Acho que o herdei de Hamadriade.

— Acho que você o herdou de uma computadora que eu conhecia... e trouxe consigo tudo quanto havia, porque Atena certamente não é tímida. Não importa. Alguns dos pais-doadores de Minerva estão mortos; alguns estão vivos, mas ignoram que um pedaço de tecido de um clone em estase ou de um banco de tecidos vivos foi tomado emprestado... como no seu caso. Alguns sabem que são pais-doadores... eu, por exemplo, e você ouviu mencionar Hamadriade. Você conhecerá outros, estando alguns em Tertius, onde isso não é segredo. Mas a consangüinidade não é próxima em relação a ninguém. Um vinte e três avós? Os conselheiros genéticos não passariam isso por um computador; é um risco aceitável. Mais o fato de nenhum de nós, pais-doadores de Minerva, ter qualquer esqueleto conhecido pendurado em nossas árvores genealógicas. Você pode ter filhos com ela em segurança; e eu também.

— Mas você me recusou! — Minerva me espantou por causa da veemência com que acusou Lazarus. Por um momento ela não foi tímida; seus olhos faiscaram.

— Ora, ora, querida. Você estava apenas há um ano fora do tubo de ensaio e não completamente crescida, embora Ishtar forçasse você a menstruar ainda *in vitro*. Pergunte-me em outra ocasião; pode ser que eu a espante.

— "Espante" ou surpreenda?

— Esqueça essa velha piada. Justin, eu simplesmente quis deixar claro que o seu parentesco com Minerva, embora bastante íntimo a ponto de fazer Minerva ficar sentimental, é realmente tão pequeno que você mal se qualifica como um "primo beijoqueiro".

— Estou muito sentimental quanto a isso — confessei ao Sênior. — Muito satisfeito e profundamente honrado... embora não possa imaginar por que fui escolhido.

— Se você quiser saber que par de cromossomos foi tirado de você, e por quê, é melhor perguntar a Ishtar e mandá-la consultar Atena; duvido de que Minerva ainda saiba.

— Mas eu sei; guardei aquelas memórias. Justin, eu queria conservar alguma capacidade em matemática. Era uma escolha entre você e o professor Owens, de Libby... então escolhi você; você é meu amigo.

(Bem, eu respeito Jake Hardy-Owens; sou apenas um matemático aplicado, ele é um teórico brilhante.)

— Quaisquer que sejam seus motivos, querida prima beijoqueira, estou encantado por me haver escolhido como um dos seus pais-doadores.

— Aterrado, comodoro! — anunciou uma das ruivas duplicadas, Lápis-Lazúli, quando o pequeno barco parou, batendo com força. (Parecia um trenó de fazenda, e fiquei surpreso ao vê-lo numa colônia nova.)

— Obrigado, capita — respondeu Lazarus.

As gêmeas saltaram para fora; o Sênior e eu ajudamos Minerva a sair — uma ajuda desnecessária, que ela aceitou com graciosa dignidade, sendo esse outro aspecto da vida colonial que me surpreendeu, porque Nova Roma era bastante avara nessas cerimônias arcaicas. (Notei repetidas vezes que os boondocks eram não só mais formalmente amáveis, como mais casualmente à vontade nesse sentido do que os secundianos. Suponho que as minhas idéias da vida na fronteira se tenham alimentado demais em romances: homens rústicos e barbados repelindo animais perigosos, mulas puxando carroças cobertas em direção a horizontes distantes.)

— Capita — disse Lazúli —, *Humpty Dumpty*... vá Para a cama! — O barco afastou-se, bamboleando; as garotinhas se reuniram a nós, uma segurando a minha mão livre, e a outra a mão livre do Sênior, com Minerva entre nós. Estas sardentas de cabelos de fogo teriam tido toda a minha atenção se Minerva não estivesse lá. Não gosto compulsivamente de crianças; alguns jovens me parecem bastante venenosos, especialmente os precoces. No caso delas, porém, eu achava sua solene precocidade encantadora, em vez de irritante... e ver as feições do Sênior, ríspidas em vez de bonitas e com aquele nariz grande demais, inconfundivelmente reproduzido mas transformado em feições atraentes de garotas... bem, se eu estivesse sozinho, teria rido com prazer.

— Esperem um momento — disse eu, e segurei a mão de Lorelei. Com isso, fiz com que todos parassem, enquanto eu olhava outra vez. — Lazarus, quem é o arquiteto?

— Não sei — respondeu ele. — Morreu há mais de quatro mil anos. O original pertenceu ao chefe político de Pompéia, uma cidade destruída há mais ou menos o mesmo tempo. Vi um modelo dela, restaurado, num museu de um lugar chamado Denver, e tirei fotografias; ele me agradou. Essas fotografias já se foram há muito tempo, mas verificou-se que, quando tentei descrevê-lo para Atena, ela possuía uma informação, na seção histórica das suas entranhas, sobre as ruínas dessa mesma casa... e dela, e da minha descrição, ela projetou esta versão. Algumas modificações sem importância, nada que mudasse suas proporções harmoniosas. Depois Atena construiu-a, usando extensões e ligações de rádio. Ela é prática para este clima; o tempo aqui é muito parecido com o de Pompéia, e eu prefiro uma casa voltada para dentro, para um pátio. É mais segura, mesmo num lugar tão seguro como este.

— A propósito, onde está Atena? A própria computadora principal, quero dizer.

— Aqui. Ela ainda estava no *Dora* quando construiu isto; agora está debaixo da casa. Ela construiu seu lar subterrâneo primeiro, depois, construiu nossa casa em cima dele.

— Uma computadora prefere sentir-se segura — disse Minerva simplesmente — e perto do seu próprio pessoal. Lazarus... desculpe-me, querido, mas você inverteu uma seqüência de tempo; isso foi há mais de três anos.

— Ah, invertei realmente. Minerva, quando você tiver vivido tanto quanto eu, e viverá, você se verá invertendo as seqüências do tempo interminavelmente, um contratempo da condição de carne e osso que você tem que aceitar quando dá o mergulho. Correção, Justin... "Minerva", não "Atena".

— Contudo *foi* Atena que o construiu... agora — acrescentou Minerva —, já que o planejamento e os detalhes desta construção e outras são coisas que deixei em Atena, onde elas devem estar, e separei apenas uma memória simplificada de tê-la construído... eu queria lembrar-me pelo menos disso.

— Quem quer que a tenha construído — disse eu —, é linda. — Fiquei perturbado de repente. Uma coisa é aceitar intelectualmente a idéia espantosa de que uma jovem tenha tido uma vida anterior como computadora... e mesmo aceitar que se tenha trabalhado com essa computadora anos atrás e a anos-luz de distância. Mas esta discussão me trouxe, de repente, a crença emocional de que esta encantadora moça, com o seu braço cálido enfiado no meu, havia sido na realidade uma computadora há tão pouco tempo, que havia construído esta nova casa... enquanto era computadora. Isso me abalou... embora eu seja um velho historiógrafo, e minha capacidade de me espantar tenha sido embotada mesmo antes do meu primeiro rejuvenescimento.

Entramos, e minha perturbação foi dissipada pela acolhida. Todos nós ganhamos beijos — duas jovens bonitas, uma das quais reconheci ao ouvir seu nome, a filha de Ira, Hamadriade, e ela se parecia com ele; a outra, uma loura escultural cujo nome, Ishtar, me era familiar pela conversa, e um rapaz tão bonito quanto as mulheres e que parecia familiar, embora não pudesse identificá-lo. Até as gêmeas de cabelos de fogo insistiram em beijar-me, já que não me haviam saudado dessa maneira anteriormente.

Em Boondock, o beijo de saudação não é o beijinho ritual que se dá em Nova Roma; até as gêmeas me beijaram de uma maneira que me deixou certo do sexo delas — já ganhei beijos mais frios de mulheres crescidas cujas intenções eram diretas e imediatas. Mas o rapaz, apresentado como "Galahad", me espantou. Ele me apertou nos braços, com beijos no rosto seguidos por um beijo na minha boca digno de um Ganimedes^[60] — o que me surpreendeu, mas tentei corresponder o melhor que pude.

Em vez de me soltar, ele bateu com força nas minhas costas e disse:

— Justin, dá cócegas na minha raiz vê-lo novamente! Ah, isto é maravilhoso!

Afastei o meu rosto a fim de olhar para o dele. Devo ter ficado confuso, porque ele piscou e depois disse, magoado:

— Ish, orgulhei-me cedo demais! Hamaquerida, arranje-me uma toalha, estou chorando. Ele esqueceu-se de mim... depois de todas as coisas que disse.

— Obadiah Jones — disse eu —, o que é que você está fazendo aqui?

— Chorando. Sendo humilhado diante de minha família.

Não sei há quanto tempo não o via. Devia fazer mais de um século, já que fazia esse tempo eu deixara o campus Howard. Ele era, então, um jovem brilhante, especialista em culturas antigas, e tinha um senso de humor cheio de malícia. Lembrei-me, depois de vasculhar a memória, de ter partilhado uma Sete Horas com ele e duas outras sábias, que haviam ficado muito felizes com isso — mas não pude me lembrar de suas fisionomias nem de quem eram; o que podia lembrar era da sua companhia brincalhona, alegre e turbulenta.

— Obadiah — disse eu severamente —, por que você está se chamando Galahad? Está se escondendo da polícia outra vez? Lazarus, estou chocado de encontrar este, hã, machão em sua casa... tranque as suas filhas!

— Ah, esse nome! — disse ele com voz entrecortada. — Não o repita, Justin. Eles não o conhecem. Quando me reformei mudei de nome. Você não vai me denunciar? Prometa-me, querido! — De repente ele sorriu e disse em voz animada: — Venha para o átrio e vamos encher você de rum. Lazi, quem está de serviço?

— Lori. Dia par. Mas vou ajudar. Rum puro?

— É melhor temperá-lo. Quero acrescentar as boas-vindas que os Bórgias costumavam dar aos velhos amigos.

— Certamente, tio carinhoso. Quem são os Bórgias?

— Uma família dos maiores dias da ascensão e queda da Velha Terra, torrão de açúcar. Os Howards de sua época. Muito afáveis ao receber seus convidados. Eu descendo deles, e seus segredos me foram transmitidos por tradição oral.

— Laz — disse Lazarus —, peça a Atena um relatório minucioso sobre os Bórgias antes de preparar o drinque para Justin.

— Compreendo; lá vai ele outra vez...

— ... então faremos cócegas nele...

— ... e sopraremos em suas orelhas...

— ... até ele gritar *Pax*...

— ... e prometer *Ventas*...

— ... ele não é problema. Venha, Lazi.

Achei a aldeia de Boondock agradavelmente pouco impressionante, mais agradável e menos impressionante do que havia esperado. Ira e Lazarus haviam aceito apenas sete mil em sua primeira leva de candidatos, que montava a mais de noventa mil; portanto, a população atual de Tertius não podia estar muito acima de dez mil habitantes, e era, na verdade, ligeiramente menor.

Boondock parecia ter apenas algumas centenas de pessoas e estava concentrada em alguns edifícios pequenos para fins públicos e semipúblicos, estando a maioria dos colonos espalhados pelo campo. A casa de Lazarus Long era de longe a estrutura mais impressionante que eu já havia visto — sem contar o

grande cone achatado do iate do Sênior e o volume muito maior de um cargueiro robô espacial, no campo celeste, onde o meu pacote havia aterrado. (O campo celeste era um lugar plano de alguns quilômetros de largura; não se podia chamá-lo de porto. Não havia nenhum depósito ali. Devia ter um autofarol, já que aterrei com segurança; eu não o vi.)

Esta instalação rudimentar não me havia preparado para a casa do Sênior. Suas linhas e sua planta eram simples; aquele romano morto havia muito tempo escolhera um bom projetista. Era um jardim murado, resumindo-se a própria casa a seus quatro muros. Mas tinha dois andares, e cada um podia dividir-se, pareceu-me, em doze ou até dezesseis quartos grandes, mais os espaços auxiliares habituais. Vinte e quatro ou mais quartos para uma família de oito? O rico mais espalhafatoso de Nova Roma podia exibir o ego em tal espaço, mas isto parecia pouco apropriado numa colônia nova, bem como fora de tom com o que eu havia aprendido em minha longa pesquisa das vidas do Sênior.

Simples. Metade do edifício era destinada a uma clínica de rejuvenescimento, uma clínica de terapia e uma enfermaria; tinha-se acesso a elas pelo vestibulo, sem passar pela parte íntima da casa. O número de aposentos familiares que restava era indefinido; a maioria das paredes internas era removível. A Clínica Howard e as instalações médicas poderiam ser mudadas para um lugar próximo quando a colônia precisasse de instalações maiores, quando o tamanho da família do Sênior exigisse mais espaço doméstico.

(Tive sorte porque, ao chegar, nenhum cliente estava sendo rejuvenescido, nenhum paciente estava na enfermaria — ou a maioria dos adultos estaria ocupada.)

O tamanho da sua família parecia tão vago quanto o número de quartos. Pensei que fossem oito — três homens: o Sênior, Ira e Galahad; três mulheres: Ishtar, Hamadriade e Minerva; duas meninas: Lorelei Lee e Lápis-Lazúli — mas eu não sabia da existência de duas meninas começando a andar, e um menino pequeno. Além disso, não fui nem o primeiro nem o último a ser instado a se mudar para lá e ficar quanto tempo desejasse. Se essa estada era na qualidade de convidado ou de membro da família do Sênior, era algo que podia também não ficar claro para um estranho.

Além disso, os parentescos dentro da família eram vagos. Os colonos são sempre famílias; um colono sozinho é uma contradição. Mas todos os da colônia Tertius eram Howards, e nós, Howards, tínhamos adotado todos os tipos de casamento, acho eu, exceto a monogamia pela vida inteira.

Mas Tertius não tem nenhuma lei sobre o casamento; o Sênior não as considera necessárias. As poucas leis existentes estão no contrato de emigração, redigido em conjunto por Ira e Lazarus. Contém os compromissos habituais sobre o estabelecimento das fazendas, sendo o líder da colônia árbitro absoluto até o momento em que renunciar. Mas não diz uma única palavra sobre casamento e parentesco. Os colonos registram seus filhos; os Howards sempre fazem isso — neste caso, com a computadoradora Atena como delegada dos arquivos. Ao rever tais registros, porém, descobri que o parentesco dos filhos era expresso em códigos

de classificação genética, não pelos casamentos e pela ascendência putativa. Os geneticistas das Famílias vinham insistindo neste sistema havia várias gerações (e eu concordo), mas ele torna o trabalho do genealogista mais difícil, especialmente se os casamentos não tiverem sido absolutamente registrados, como era o caso algumas vezes.

Encontrei um casal com onze filhos, seis dele, cinco dela, nenhum deles. Compreendi isso quando li seus códigos — totalmente incompatíveis. Conheci-os mais tarde, uma bela família que vivia numa fazenda próspera, e não havia nenhuma sugestão de que o enxame de filhos não fosse senão "deles".

A família do Sênior, porém, era mais vaga ainda. A ascendência genética em cada caso era uma questão de registro, certamente — mas quem era casado com quem?

O banheiro deles era tão "decadente" como fora prometido; era uma sala de descanso, bem como de reanimação, e planejada para o relaxamento e diversão da família. Estendia-se por todo um lado do andar térreo, e suas paredes podiam ser recolhidas a fim de que se abrisse para o jardim quando fazia tempo bom — como naquele dia, bastante quente.

Possuía tudo que um sibarita invejoso poderia desejar: uma fonte no centro, combinando com a fonte do jardim, e cada uma com beiras confortavelmente largas nas quais se podia sentar enquanto se banhava os pés cansados e se apreciava um drinque; uma sauna num dos cantos; um enorme chuveiro na outra extremidade, com espaço para vários ciclos, a fim de ser desfrutado concomitantemente, sem esperar a vez; um longo tanque de imersão com profundidade até os joelhos na extremidade azul, e até o queixo na vermelha, flanqueado por duas banheiras confortáveis para duas ou três pessoas; sofás para cochilar, para se refrescar, para suar e para conversar e ter contatos íntimos; uma mesa de cosméticos com um grande espelho duplo no qual se podia ver as costas tão prontamente como a frente, simplesmente pedindo a ajuda de Atena; um canto suficientemente grande para uma dúzia de pessoas no qual o acolchoado do chão era macio como uma cama, e com uma profusão de travesseiros grandes e pequenos, duros e macios; um balcão de refrescos pegado à cozinha — e, se deixei de citar alguma coisa, a omissão é minha, não dos projetistas. Todos os artigos mais comuns estavam naturalmente à mão.

Achei a iluminação aleatória, até que percebi que Atena a estava mudando interminavelmente de forma a não fazê-la incidir nos olhos de ninguém, enquanto mudava a intensidade da luz em todas as partes daquela grande sala para adaptá-la ao que estava acontecendo — luz forte para maquiagem, luz velada para o descanso, e assim por diante — e para combinar com as personalidades também; nossas pequenas ruivas estavam coroadas de luz, não importava o quanto pulassem por ali — e como pulavam!

Havia música suave lá e no jardim, ou a pedido em qualquer lugar, escolhida por Atena, a menos que alguém pedisse alguma coisa — parecia que ela armazenava em seu interior todas as músicas que haviam sido compostas. Ou ela podia harmonizar com as gêmeas enquanto continuava a tomar parte em três

conversas diferentes em outras partes do salão de banho. Uma computadora autoconsciente da sua capacidade — suficientemente grande para dirigir Secundus — pode e muitas vezes deve falar simultaneamente em muitos lugares, mas eu nunca vira isso antes dessa maneira, a ponto de notar. Mas os computadores grandes muitas vezes não são membros da família.

O resto da casa era quase desautomatizado — uma questão de gosto, porque a capacidade de Atena estava em grande parte ociosa. Minha anfitriã cozinhava realmente, com Atena ajudando apenas para impedir que alguma coisa se queimasse e observando o tempo de outras maneiras — duas vezes, a conselho de Atena, Hamadriade deixou o salão de banho, uma vez com tanta pressa que fugiu nua e pingando, não parando sequer para pegar um roupão de banho.

Tomar banho com Lazi e Lori era realmente divertido; elas davam gritinhos, risos, e as frases eram interrompidas várias vezes antes de uma delas terminá-la (levantei a hipótese de as gêmeas se comunicarem por telepatia, e tive uma desconfiança incômoda de que algumas vezes liam os pensamentos das pessoas na presença destas... mas não estava ansioso para descobrir isso) — tudo encantadoramente toco e infantilmente inocente.

Primeiro, elas me cobriram todo de sabão líquido perfumado e exigiram que eu fizesse o mesmo. Ameaçaram-me com um tremor de queixo quando resisti um pouco, e disseram em voz alta que o "tio carinhoso" (meu velho amigo Obadiah, agora Galahad) as lavava melhor, e todos sabiam como ele era preguiçoso — ou que eu não gostava delas o bastante para acariciá-las ensaboadas e que, se elas se casassem comigo, eu iria junto com elas em sua nave espacial; que, por enquanto, elas ainda eram virgens, embora não por falta de oportunidade, e não se preocupavam em nada com isso, porque tanto a mamãe Hamadriade como a mamãe Ishtar as estavam instruindo em sensualidade, elementar e avançada, e acelerariam o curso se eu por acaso quisesse casar-me com elas. "Não aceleraria, mamãe Hamadriade? — conte a ele!"

Hamadriade, a um metro de distância (ela estava ensaboando Ira), garantiu-nos que aceleraria, se elas pudessem convencer-me a casar-me com elas tão depressa. Presumi que as jovens me gozavam e que a mãe delas — uma de suas mães — estava aderindo à brincadeira. Fiquei imaginando, desde então, se perdera uma oportunidade de ouro. Lazarus estava a uma distância em que podia ouvir; não lhes disse para pararem de me provocar, aconselhou-me simplesmente a não oferecer a elas mais do que um contrato de dez anos, porque a capacidade de atenção delas era limitada — o que as deixou indignadas — e aconselhou-as, se pretendiam casar-se naquela noite, a cortarem as unhas dos pés primeiro, o que as deixou ainda mais indignadas. Em conseqüência, pararam de me dar banho para atacá-lo de ambos os lados.

Isto terminou com uma delas sob cada um dos meus braços e ainda lutando. Lazarus perguntou se eu aceitaria custódia ou se devia deixá-las cair na extremidade profunda do tanque. Aceitei a custódia, lavamo-nos uns aos outros no chuveiro e entramos no tanque de imersão juntos — e eu estava de pé dentro dele, com água até os ombros, de costas para o jardim e sustentando-as um

pouco, com um braço em cada uma, porque seus pés não tocavam o fundo, quando alguém colocou as mãos sobre os meus olhos.

As gêmeas gritaram, em voz aguda, "tia Tammy!" e levitaram para fora da água enquanto eu me virava para olhar. Tamara Sperling — pensei que ela estivesse em Secundus, isolada no norte do país. Tamara, a Soberba, a Superlativa, a Única — na minha opinião (e de muitos outros), a maior artista de sua profissão. Estou certo de que não sou o único homem que preferiu continuar solteiro por um longo tempo quando ela deixou Nova Roma.

Ela havia chegado, viu que a família estava na sala de banho, deixou o vestido cair no jardim e entrou correndo, sem parar para tirar suas sandálias altas. Vi-me e cegou-me com suas mãos encantadoras.

Por quê? Ela era minha companheira de jantar — e (se eu pudesse confiar num diálogo que havia ouvido naquela tarde) desejava ser minha esposa convidada, se eu quisesse. Cinquenta anos antes eu havia oferecido a ela qualquer contrato que quisesse aceitar, todas as vezes que me deixou visitá-la, e havia finalmente calado a boca apenas após ela me haver dito repetida, paciente e amavelmente que não pretendia mais ter filhos e não se casaria outra vez por qualquer outro motivo. Mas lá estava ela, rejuvenescida (não que isso importasse), parecendo gloriosamente moça e saudável — e uma colona. Fiquei imaginando quem seria o homem que a havia convencido a fazer isso. Invejei-o e imaginei que qualidades super-humanas ele possuía — mas, quaisquer que fossem elas, se Tamara quisesse partilhar uma cama comigo, mesmo por uma noite e apenas em memória dos velhos tempos, eu tomaria o que os deuses ofereciam e não me preocuparia com ele; a saúde dela é interminavelmente divisível. Tamara!... sinos repicam diante do seu nome.

Ela beijou as duas meninas molhadas, depois caiu de joelhos e me beijou.

Depois disse baixinho, roçando sua boca contra a minha:

— Meu querido, quando soube que você estava aqui, apressei-me. *Mi laroona d'vashti meedth du?*

— Sim! E qualquer outra noite que você tiver livre.

— Não tão depressa com o inglês, *doreeth mi*; estou aprendendo-o devagar, porque minha filha quer que os seus assistentes em rejuvenescimento falem uma língua desconhecida para a maioria dos clientes... e porque a nossa família fala tanto inglês como galacta.

— Você é agora rejuvenescidora? E tem uma filha aqui?

— Ishtar *datter mi*... você não sabia, *ptsen mi-mi*? Não, sou apenas enfermeira. Mas estou estudando, e Ishtar espera que eu seja técnica assistente em meio punhado de anos. Bom... não?

— É bom, suponho. Mas que perda para a arte!

— *Lisondor* — disse ela alegremente, despenteando meus cabelos molhados. — Mesmo rejuvenescida (você notou?), aqui a arte não dá para viver. Há muitas

dispostas, mais agradáveis, mais moças e mais bonitas. — As gêmeas tinham ficado conosco, ouvindo quietas por um momento. Tamara estendeu ambos os braços e apertou-as contra si. — Exemplo: estas minhas netas. Ansiosas por ficarem altas para poderem deitar-se e ficarem baixas. — Ela beijou cada uma delas. — E elas têm cachos ruivos. Eu não.

Comecei a dizer que a idade e os cachos ruivos não importavam, depois percebi que um cumprimento feito a Tamara dessa forma podia fazer os queixos tremerem. Mas não precisei falar; o esguicho abriu-se outra vez.

— Tia Tammy, nós *não* estamos ansiosas...

— ... apenas com vontade e práticas...

— ... e de qualquer maneira *ele* não vai casar-se conosco .

— ... ele apenas brinca a respeito...

— ... e você não pode ser nossa avó...

— ... porque isso a tornaria avó do nosso amigo velho...

— ... o que é ilógico, impossível e ridículo...

— ... por isso você tem que ser a nossa "tia Tammy".

Achei a lógica das duas duplamente entimemática ^{61}, se não um *non sequitur* ^{62} total, mas concordei com ela porque a idéia de Tamara ser avó do Sênior era impossível de aceitar.

Assim, mudei de assunto:

— Tamara querida, permita-me tirar suas sandálias e então você poderá reunir-se a nós no tanque. Ou devo sair e me enxugar?

Ela não precisou responder:

— Precisamos correr e nos aprontar...

— ... porque mamãe Hamadriade terminou seu rosto e começou os bicos dos seios...

— ... logo, se não andarmos depressa, teremos que jantar com as nossas peles completamente nuas...

— ... e para uma festa não ficaria bem...

— ... e é melhor vocês dois se apressarem também...

— ... ou o amigo velho atirará o jantar aos porcos. Desculpem!

Saí e deixei Tamara enxugar-me — era desnecessário, porque havia um jato de ar quente à mão. Mas, se Tamara me oferece qualquer coisa, minha resposta é "sim". Demorou um pouco; "perdemos" tempo em contatos e conversa. (Haverá melhor maneira de passar o tempo?)

Quando fiquei seco e imaginando se devia tentar a bancada dos cosméticos (não uso muitos cosméticos, apenas depilatórios), uma das gêmeas voltou correndo

com uma roupa para mim, uma clâmide ^{63} azul. Ela disse, ofegante:

— Lazarus disse para experimentar isto ou dizer do que gostaria... mas que você não precisa usar coisa alguma se não quiser, porque a noite está quente e você é considerado da família por ser pai de Minerva, um deles.

Achei que as tinha identificado agora pelo padrão das sardas.

— Obrigado, Lorelei; vou usá-la. — Sempre achei que um guardanapo é suficiente para se jantar numa casa devidamente aquecida... ou ao ar livre, em particular, numa noite quente. Mas, como convidado de honra, embora "da família", eu não poderia ir nu, quando eles se estão dando ao trabalho de serem festivamente formais.

— Não há de quê, e sou a capita Lazúli. Mas não faz mal, ela sou eu. Com licença! — E desapareceu.

Vesti-me; saímos para o jardim e apanhamos o vestido de Tamara — e ele combinava com a túnica que eu usava. A mesma tonalidade de azul, quero dizer, com um sabor de Idade-de-Ouro-da-Grécia. O dela era como neblina azul. O corpete prendia-se ao ombro direito e descia diagonalmente até a cintura, à esquerda. A saia era mais comprida que a minha — mas isso era apropriado; os gregos da Idade de Ouro usavam as saias mais curtas do que as mulheres, em vez do inverso, que é mais comum em Secundus. (Eu não sabia ainda qual era o hábito em Tertius.) Nós combinávamos, e fiquei satisfeito.

Acidente? Os "acidentes" perto do Sênior eram geralmente planejados.

Comemos no jardim, um sofá para cada casal, dispostos em hexágono com a fonte no sexto lado. Atena fez a água dançar, bem como as luzes, para combinar com o que quer que estivesse tocando. Todas as mulheres exceto Tamara ajudaram com o primeiro serviço; Lori e Lazi bancaram Hebe ^{64} daí por diante — de qualquer maneira era impossível mantê-las pregadas ao sofá. Quando a festa começou, Ira estava com Minerva, Lazarus com Ishtar, Galahad com Hamadriade, e as gêmeas juntas. Mas as mulheres moviam-se em volta como peças de xadrez, partilhando um sofá, algumas garfadas, um pouco de carinho, depois mudando de lugar — todas exceto Tamara, cuja bunda redonda, firme e macia ficou pousada no meu colo a festa inteira. Foi mesmo bom ela não ter se mexido; não sou tímido, mas prefiro não exibir o reflexo galante a menos que precise dele imediatamente — e eu estava muito consciente do seu querido corpo quente contra o meu.

Mas, enquanto Lazarus começava o repasto com Ishtar, na vez seguinte em que olhei em sua direção era Minerva quem se reclinava contra ele — e na outra, uma das gêmeas, qual delas não estou certo. E assim por diante.

Não vou descrever a festa, exceto para dizer que não a esperava numa colônia jovem, e para acrescentar que paguei altos preços por uma comida inferior em restaurantes famosos na Nova Roma.

Todos, exceto Lazarus e suas irmãs, estavam usando trajes pseudogregos coloridos. Mas Lazarus estava vestido como um chefe escocês de dois e meio

milênios atrás — saiote, gorro, bolsa de pele, punhal, antiga espada de dois gumes, etc. A espada ele deixou de lado, mas à mão, como se esperasse precisar dela. Posso afirmar seguramente que ele nunca teve direito de se vestir como um chefe pelas regras daqueles clãs há muito perdidos. Há dúvidas de que ele tenha direito de usar qualquer traje escocês. Certa vez ele disse que era "meio escocês e meio soda", mas em outra ocasião ele contou a Ira Weatheral que havia usado o saiote pela primeira vez numa ocasião (pouco antes do vôo da *Novas Fronteiras*) em que a moda era popular no seu país de origem — descobriu que gostava dele, e daí por diante usava o saiote quando os costumes locais permitiam.

Naquela noite ele foi ao extremo e acrescentou um bigode selvagem para combinar com os seus enfeites.

Suas irmãs gêmeas estavam vestidas exatamente como ele. Eu estava ainda imaginando se tudo aquilo era para me homenagear, para me impressionar ou para me divertir. Talvez os três.

Eu teria alegremente passado aquelas três horas tranqüilo, alimentando Tamara e deixando-a alimentar-me, banhado na paz de espírito produzida pelo seu contato, mas o círculo fechado de felicidade (e era fechado; a voz de Atena agora vinha da fonte) mostrou que o Sênior esperava que partilhássemos a companhia, falando e ouvindo por turnos, tão ritualmente como em qualquer salão dirigido pelo protocolo em Nova Roma. E assim fizemos, em harmonia partilhada e amável — com as gêmeas contribuindo com um tom de graça inesperada, mas geralmente conseguindo conter sua exuberância e sendo "adultas". O Sênior começou a coisa, usando Ira como Estimulador.

— Ira, o que diria você se um deus entrasse por aquele vestíbulo?

— Diria a ele para limpar os pés. Ishtar não permite deuses com pés sujos nesta casa.

— Mas todos os deuses têm pés de barro.

— Não foi isso o que você disse ontem.

— Isto não é ontem, Ira. Já vi mil deuses e todos tinham pés de barro. Todos foram impostores, em primeiro lugar — Lazarus contou com os dedos — para favorecer os feiticeiros; em segundo, para favorecer os reis; e em terceiro, sempre para favorecer os feiticeiros. Depois conheci o milésimo primeiro. — O Sênior fez uma causa.

Ira olhou para mim.

— Neste ponto supõe-se que eu diga, "Conte!" ou alguma insinceridade dessas, depois o resto de vocês concordará:

Sim, sim, Lazarus!", o que tem o seu mérito; o resto de nós teria pelo menos vinte minutos sem interrupção para beber sofregamente e em demasia.

"Mas vou enganá-lo. Ele está querendo contar como tratou os deuses da Jockaira

apenas com uma espingarda de brinquedo e superioridade moral. Desde que esta mentira já está em suas memórias em quatro versões conflitantes, por que devemos ser sobrecarregados com uma quinta?"

— Não foi uma espingarda de brinquedo; foi uma espingarda Remington Mark 19, de carga completa, uma arma superior no seu tempo... e após eu os haver retalhado, o fedor era pior do que no Salão dos Hormônios na manhã seguinte ao dia de pagamento. E minha superioridade nunca é moral; consiste sempre em fazer primeiro, antes que *ele* faça a *mim*. Mas o ponto da história que Ira não me deixa contar é que aqueles palermas eram deuses verdadeiros, porque nem feiticeiros nem reis estavam gravados nos despojos; eram falsificados também. Aquelas pessoas bem vestidas eram *propriedade*, para benefício único de seus deuses (deuses no sentido de um homem poder ser deus para um cachorro), o que eu havia suspeitado quase da primeira vez, quando eles deixaram o pobre Slayton Ford fora de si e quase o mataram. Mas, da segunda vez, cerca de oitocentos ou novecentos anos mais tarde, Andy Libby e eu provamos que isso era assim. "Como?", perguntarão vocês...

— Nós não perguntamos.

— Obrigado, Ira. Porque, depois de todo esse tempo, a Jockaira não havia mudado em nada. A língua, os costumes, as construções... estavam imutáveis. Isto pode acontecer apenas com animais domesticados. Um animal selvagem, tal como o homem, altera os seus hábitos segundo as circunstâncias; ele se ajusta. Muitas vezes pensei que gostaria de voltar e ver se as pessoas bem vestidas tinham se tornado selvagens após perderem seus donos. Ou elas simplesmente se deitaram e morreram? Mas eu não estava muito tentado a isso; Andy e eu tivemos sorte de sair daquele planeta ainda com as nossas gônadas, pela maneira como estavam latindo em nossos calcanhares.

— Compreende o que quero dizer, Justin? A versão número 3 tinha a Jockaira caindo em coma no momento em que os seus chefes foram queimados... e Libby absolutamente não aparece nessa versão.

— Papai Ira, você não compreende o amigo velho...

— ... ele não conta mentiras...

— ... ele é um artista criativo...

— ... que fala por parábolas...

— ... e emancipou aqueles Jabberwockies...

— ... que estavam cruelmente oprimidos.

— Justin — disse Ira Weatheral —, tive problemas para enfrentar um Lazarus Long. Mas três? Rendo-me. Venha cá, Lori, e deixe-me morder sua orelha. Minerva, minha adorada, deixe disso, lave suas lindas mãos, depois veja se Justin precisa de mais vinho. Justin, você é o único que tem notícias a dar. Quais são as notícias da Bolsa?

— Sempre em baixa. Se você possui participações em Secundus, é melhor dar-

me instruções para o seu corretor. Lazarus, notei que você classificou o "homem" como animal selvagem...

— E é. Pode-se matá-lo, mas não se pode domá-lo. Os piores banhos de sangue da história decorrem das tentativas de domá-lo.

— Eu não estava discutindo isso, Ancestral. Sou um historiógrafo matemático; sou perito nisso. Mas chegaram notícias aqui do vôo da *Vanguard*? A *Vanguard* original, quero dizer... pré-Diáspora.

Lazarus endireitou-se tão de repente que quase atirou Ishtar fora do sofá. Ele segurou-a.

— Desculpe, querida. Justin... continue falando.

— Não tenciono falar propriamente da *Vanguard*...

— Quero notícias dela. Não ouço nenhuma objeção; assim, está resolvido. Fale, filho!

Tendo o protocolo do salão de festas desmoronado, eu falei, primeiro revendo um pouco de história antiga. Embora isso quase tenha sido esquecido, a *Novas Fronteiras* não foi a primeira nave estelar. Ela tinha uma irmã mais velha, a *Vanguard*, que partiu do sistema solar alguns anos antes da momentosa data em que Lazarus comandou a *Novas Fronteiras*. Ela se dirigia para a alfa de Centauro, mas nunca chegou lá — nenhum sinal de visita jamais foi encontrado no único planeta possível, um tipo terráqueo, em volta da alfa de Centauro A, a única estrela do tipo C daquele volume.

Mas a própria nave foi encontrada por acidente, em órbita aberta a uma longa distância de onde devia estar por qualquer suposição racional baseada em sua missão — descoberta há quase um século, e isto mostra as dificuldades da historiografia quando as naves são os meios mais rápidos de comunicação; esta história ecoou em Secundus através de quatro planetas coloniais antes de chegar aos arquivos — alguns anos após Lazarus deixar Nova Roma, alguns anos antes de eu ir para Boondock como correio (nominal) da Presidenta Temporária. Não que o atraso de um século importe, porque as notícias interessavam apenas aos especialistas antiquados. Para a maioria das pessoas era uma confirmação desinteressante de um pedacinho inconseqüente de história antiga.

Tudo dentro da *Vanguard* estava morto, enquanto a própria nave estava dormindo, seu conversor fechado automaticamente, sua atmosfera quase esgotada, seus registros tão destruídos, ilegíveis, incompletos ou ressecados a ponto de perturbar a gente. A *Vanguard* interessa apenas aos antiqüários e semelhantes — embora ela continue um tesouro inesgotável para desviados tais como eu, se não a perdermos novamente. O espaço é profundo.

O interessante quanto à descoberta, porém, é que, quando o curso da *Vanguard* foi reconstituído balisticamente por computador, mostrou que ela havia passado perto de uma estrela do tipo do Sol sete séculos antes. Uma verificação daquele sistema revelou um planeta do tipo da Terra; descobriu-se ser habitado pelo

Homo sapiens. Mas não da Diáspora. Da *Vanguard*.

— Lazarus, não há dúvida possível. Aqueles poucos milhares de selvagens naquele planeta (designado como "ilha Pitcairn"^[65], o número do catálogo me escapa) descendem de alguns que chegaram lá, presumivelmente no barco da nave, sete séculos antes de serem encontrados. Ele reverteram á fase pré-civilizada de colheita de frutos, e, se o planeta, em vez da nave, tivesse sido descoberto primeiro, poderia ter-se iniciado outra daquelas histórias sobre uma raça de seres humanos não vindos da Velha Terra.

"Mas a gíria deles, introduzida num analisador-sintetizador lingüístico, reproduziu aquela versão de inglês que era a língua de trabalho da *Vanguard*. Vocabulário reduzido, novas palavras, sintaxe degenerada... mas a mesma língua."

— Os mitos deles Justin, os mitos deles! — pediu Galahad-Obadiah com insistência.

Fui forçado a admitir que não tinha tudo gravado em fita, mas prometi fazer uma cópia completa para ele e mandá-la pela primeira nave.

— Mas, Sênior, o interessante é que esses selvagens eram tão bravios e ferozes que, ao lidar com eles, foram mortos mais cientistas do que selvagens...

— Hurra para eles. Filho, aqueles selvagens estavam cuidando da própria vida em seu próprio planeta. Um intruso pode esperar o que quer que receba. Compete a ele manter-se em guarda.

— Suponho que sim. Três cientistas foram comidos antes de descobrirem como lidar com estes pseudo-aborígenes. Isto é, por meio de robôs humanóides de controle remoto. Mas o ponto que eu queria acentuar não era sua ferocidade, mas sua inteligência. Acreditem-me ou não, por todos os testes que puderam ser usados, esses homens bravios, esses selvagens, mostraram-se superiores ao normal. Muito superiores. Pela curva do sino, eles se situam na gama dos "excepcionalmente dotados" e até dos "mais que gênios".

— Você espera que eu fique surpreso? Por quê?

— Bem... Selvagens. E provavelmente procriados em estreita consangüinidade.

— Você está me tentando, Justin; você me conhece bem... embora provavelmente Ira o tenha nomeado Estimulador. Está bem, vou morder a isca. "Selvagem" descreve uma condição cultural, não um grau de inteligência. Nem a endogamia estraga um conjunto de genes se as condições de sobrevivência forem extremas; já que você os descreve como canibais, eles provavelmente comem os membros defeituosos. Pelo estado em que se encontrava a nave, é justo supor que seus ancestrais tenham aterrado com pouco ou nada... provavelmente com as mãos nuas e um chapéu cheio de ignorância... caso em que apenas os mais capazes, os mais espertos, poderiam sobreviver. Justin, a tripulação daquela primeira nave tinha em média uma inteligência muito maior do que os Howards que fugiram na *Novas Fronteiras*; eles foram selecionados pela inteligência... ao passo que os Howards originais escolhidos foram selecionados apenas pela longevidade, não pelo poder mental. Os seus selvagens

descenderam unicamente de gênios... depois, só Alá sabe por quantas provações passaram; os estúpidos morreram, ficando apenas os mais espertos para se reproduzirem. O que se pode concluir?

Admiti que havia feito uma pergunta tentadora, a fim de ver como ele responderia. O Sênior assentiu com a cabeça.

— Sei que você não é estúpido, filho; fiz Atena recapitular para mim os seus ancestrais. Mas quantas vezes tenho ficado espantado de ver como os moderadamente brilhantes e os moderadamente bem-informados (o que não descreve ninguém neste círculo feliz; portanto, ninguém precisa fingir modéstia), quantas vezes essas pessoas um tanto superiores têm problemas em enfrentar o velho problema da bolsa-de-seda-e-orelha-da-porca. Se a hereditariedade não fosse avassaladora-mente mais importante do que o ambiente, poder-se-ia ensinar cálculo a um cavalo.

"Na minha mocidade constituía um artigo de fé entre a elite intelectual auto-intitulada eles poderem ensinar cálculo a um cavalo... se comessem bastante cedo, gastassem bastante dinheiro, fornecessem ensino especial, tivessem uma paciência infinita e um cuidado constante de não magoar o seu ego eqüino. Eles eram tão sinceros que parecia uma ingratidão completa o cavalo persistir em ser um cavalo. Especialmente porque eles estavam certos... se "começar bastante cedo" for definido como um milhão de anos ou mais.

"Mas esses selvagens conseguirão; eles não podem deixar de vencer. O problema, invertido, é horrivelmente mais interessante. Justin, você sabe que os Howards mataram a Velha Terra?"

— Sei.

— Ora, ora, filho, você não deve responder de maneira a cortar a conversa... deixando-nos assim sem nada o que fazer senão ficar bêbados e fazer carinho nas garotas.

— Ótimo! — gritou Obadiah-Galahad. — Vamos a isso! — Ele estava com Minerva no momento; agarrou-a e virou-a de frente para ele. — Pequena qualquer-que-seja-o-seu-nome, quer dizer suas últimas palavras?

— Quero.

— "Quero" o quê?

— Apenas "quero". Essa é a minha última palavra.

— Galahad — disse Ishtar —, se você vai estuprar Minerva, arraste-a para longe da fonte. Quero ouvir o que Justin quer dizer com isso.

— Como posso estuprá-la se ela não luta? — queixou-se ele.

— Você sempre foi capaz de resolver esse problema. Mas faça isso em silêncio. Justin, estou chocada. Parece-me que fomos bastante generosos fornecendo novas tecnologias ao Velho Lar Terra... e não há muito mais que possamos dar a eles. O último transporte de emigrantes não voltou apenas meio lotado?

— Vou responder a isso — resmungou Lazarus. — Justin pode enfeitar a coisa.

Não todos os Howards. Dois. Andy Libby forneceu a arma; eu dei o golpe de graça. As viagens espaciais mataram a Terra.

— Vovô, não compreendo. — Ishtar ficou perturbada.

— Ela me chama assim quando faço travessuras — confidenciou-me o Sênior. — É a sua maneira de bater em mim. Ish querida, você é jovem e amável, e passou sua vida estudando biologia, não história. A Terra estava condenada de qualquer maneira; as viagens espaciais apenas apressaram o processo. Em 2012 ela não servia para se viver... assim, passei o século seguinte em outro lugar, embora a outra propriedade do sistema solar esteja longe de ser atraente. Não vi a Europa ser destruída, perdi uma ditadura horrível em meu país de origem. Voltei quando as coisas pareciam toleráveis, descobri que não estavam... e foi então que os Howards tiveram que fugir.

"Mas as viagens espaciais não podem aliviar a pressão de um planeta que ficou superpovoado demais, nem mesmo com as naves de hoje, e provavelmente com qualquer nave futura... porque as pessoas estúpidas não deixarão as encostas do seu lar vulcânico, mesmo quando ele começa a soltar fumaça e ribombar. O que as viagens espaciais fazem é drenar os melhores cérebros: aqueles bastante espertos para verem a catástrofe antes que ela aconteça e com garra para pagarem o preço (abandonarem o lar, bens, amigos, parentes, tudo) e partir. Essa é uma fração minúscula de um por cento. Mas é o suficiente."

— É a curva de sino outra vez — disse eu a Ishtar. — Se, como acha Lazarus, e as estatísticas o apóiam, todas as migrações vêm principalmente da extremidade direita da curva de incidência normal da capacidade humana, então isso funciona como um mecanismo de seleção pelo qual o novo planeta mostrará uma curva de sino com um tipo de inteligência muito mais elevado do que a população de onde proveio... e o velho planeta terá uma média quase imperceptivelmente mais estúpida.

— Imperceptível exceto por uma coisa! — objetou Lazarus. — Essa fração minúscula que mal aparece estatisticamente é o cérebro. Lembro-me de um país que perdeu uma guerra importante por perseguir uma simples meia dúzia de gênios. A maioria das pessoas não sabe pensar, a maior parte das restantes não quer pensar, a pequena fração que pensa geralmente pode fazê-lo muito bem. A fração extremamente minúscula que pensa regularmente, com precisão, criativamente e sem auto-ilusão... a longo prazo estas são as únicas pessoas que contam... e são elas próprias que emigram quando é fisicamente possível fazê-lo.

"Como disse Justin, estatisticamente ela mal aparece. Mas qualitativamente ela faz toda a diferença. Corte a cabeça de uma galinha e ela não morrerá imediatamente; esvoaçará de um lado para outro mais energicamente do que nunca. Por algum tempo. Depois morrerá.

"Foi isso o que as viagens espaciais fizeram à Terra: cortaram sua cabeça. Durante dois mil anos seus melhores cérebros têm emigrado. O que restou está esvoaçando com mais dificuldade do que nunca... sem nenhum objetivo, e morrerá muito mais cedo. Em breve, acho eu. Não me sinto culpado por isso;

não vejo nenhum pecado naqueles bastante espertos para escapar, se puderem fazê-lo... e o estertor da morte da Terra já era claro e forte no século XX, pelo tempo da Terra, quando eu era moço e as viagens espaciais mal tinham começado... nem mesmo começado em termos interestelares. Ela levou mais dois séculos e mais um pouco para deixar isso funcionando. Não posso contar a primeira migração dos Howards; ela foi involuntária, e eles não eram os melhores cérebros.

"A última migração Howard para Secundus foi mais importante; abalou alguns dos palermas e deixou-os para trás. As migrações não-Howard foram mais importantes ainda. Muitas vezes fiquei imaginando o que teria acontecido se não tivesse havido nenhuma restrição política contra a migração da China; os poucos chineses que atingiram as estrelas parecem sempre ser vencedores; desconfio que o chinês médio é mais esperto do que o resto dos descendentes da Terra.

"Não que a inclinação do olho ou a cor da pele importe hoje, ou mesmo importe no momento da verdade. Um dos primeiros Howards foi Robert C. M. Lee, de Richmond, Virgínia... alguém sabe seu nome originalmente?"

— Eu sei — respondi.

— É claro que você sabe, Justin; portanto, fique quieto... e isso inclui você, Atena. Alguém mais?

Ninguém respondeu; Lazarus continuou:

— Seu nome de nascimento era Lee Choy Moo; ele nasceu em Cingapura e seus pais vieram de Cantão, na China... e, de todas as pessoas na *Novas Fronteiras*, ele era um matemático que só perdia para Andy Libby.

— Santo Deus! — disse Hamadriade. — Eu descendo dele... mas não sabia que era um grande matemático.

— Você sabia que ele era chinês?

— Lazarus, não estou certa do que significa "chinês"; não estudei muito a história terrestre. Não é uma religião? Como "judeu"?

— Não exatamente, querida. A questão é que isso não importa mais. Só alguns sabem, e ninguém se importa com o fato de que o famoso Zaccur Barstow, meu sócio de crimes, era um quarto negro. Essa palavra significa alguma coisa para você, Hamaquerida? Não é uma religião.

— A palavra significa "preto"; assim, suponho que um dos seus avós seja da África.

— Isso mostra o que resulta de supor qualquer coisa a partir de um único dado. Dois dos avós de Zack, ambos mulatos, vieram de Los Angeles, minha terra natal. Já que a minha linhagem se misturou com a dele muito tempo atrás, provavelmente qualquer um de vocês pode invocar sua ascendência africana. O que é estatisticamente equivalente a afirmar descender de Carlos Magno. Já fui longe demais, e é hora de escolhermos um novo Estimulador e um novo Responder. As viagens espaciais arruinaram a Velha Terra... esse é um ponto de vista. O reverso da medalha, mais feliz e mais importante a longo prazo, é que

isso melhorou a raça. Provavelmente a salvou também, mas que melhorou é certo. O *homo sapiens* é agora não só muito mais numeroso do que jamais o foi na Terra; é um animal melhor, mais esperto e mais eficiente de qualquer maneira mensurável. Além disso este Respondedor não fala; que algum outro continue. Lazi, pare de tentar fazer-me cócegas e vá chatear Galahad; Minerva precisa descansar.

— Lazarus — disse Ishtar —, só uma resposta, por favor. Uma coisa que você disse sobre os Howards me fez pensar. Você pareceu colocar toda a ênfase na inteligência. Você não considera importante a longevidade?

Fiquei espantado ao ver o mais velho homem vivo carrancudo por causa disso, custando a responder. Certamente essa era uma pergunta que ele havia resolvido em sua mente pelo menos mil anos antes. Tentei evitar a dúvida e descobri que não podia, na verdade, impedi-la.

— Ishtar, a única resposta verbal correta para isso é "sim e não"... o que quer dizer simplesmente que me falta linguagem para definir alguma coisa que é clara como cristal dentro de mim, e o tem sido há séculos. Mas aqui está parte da verdade: muito tempo atrás um vida-curta me provou que nós todos vivemos a mesma quantidade de tempo. — Ele relanceou os olhos para Minerva, ela respondeu ao seu olhar solenemente. — Porque todos nós vivemos *agora*. Ela... ele.. não estava defendendo aquela falácia de Georg Cantor^{66}, que deturpou a matemática pré-Libby por tanto tempo; hã, ele... estava afirmando uma verdade objetiva verificável. Cada indivíduo vive sua vida no presente, independentemente de como os outros possam medir essa vida em anos.

"Mas aqui está outra parte da verdade. A vida é longa demais quando o homem não a está gozando agora. Vocês se lembram de quando eu não estava, e quis acabar com ela. A sua habilidade (e velhacaria, minha querida, e não enrubesça) mudou isso, e saboreio o presente novamente. Mas talvez eu nunca tenha dito a vocês que me aproximei do meu primeiro rejuvenescimento com apreensões, com medo de que ele tornasse o meu corpo jovem, sem fazer o meu espírito rejuvenescer... e não se dêem ao trabalho de me dizer que "espírito" é uma palavra nula; sei que ela é indefinível, .. mas para mim significa alguma coisa.

"E aqui está ainda mais um pouco da verdade e tentarei falar sobre ela. Embora a vida longa possa ser um fardo, em grande parte ela é uma bênção. Dá tempo suficiente para aprender, tempo suficiente para pensar, tempo suficiente para não ter pressa, tempo suficiente para amar.

"Basta de assuntos sérios. Galahad, escolha um assunto leve e, Justin, esqueça a filosofia; já falei demais. Ishtar, minha querida, traga a sua longa e encantadora carcaça para cá, deite-se e deixe-me provê-la de conhaque; quero-a suficientemente relaxada para o que pretendo fazer com você mais tarde."

Ela veio prontamente até ele, parando apenas para beijar Ira em cumprimento a uma promessa. Depois disse baixinho, mas claramente, ao nosso Ancestral:

— Nosso amado, não é preciso conhaque para me tornar completamente

disposta para o que quer que tenha em mente.

— Anestesia, mamãe Ishtar. Planejo mostrar a você uma coisa que a Grande Ana me ensinou e que não me atrevi a arriscar em todos estes anos. Pode ser que você não viva até amanhã. Assustada?

— Ah, terrivelmente assustada! — Ela sorriu, preguiçosa e feliz.

Galahad cobriu a boca de Lápis-Lazúli com a mão; e a mordeu-o.

— Pare com isso, Laz. Vamos todos observar isso... pode ser novo.

Variações Sobre um Tema XV

Ágape

Acordei devagar na manhã seguinte, espreguicei-me na cama e vivi novamente minha Bacanália de Boas-Vindas. Eu estava numa cama grande num quarto do andar térreo, com a parede do jardim ainda aberta, como estava quando o grupo foi para as camas. Não podia ouvir ninguém, embora (como me lembrava) Tamara e Ira tivessem estado comigo. Ou Ira nos havia visitado mais cedo?

Não importa, todos eles nos visitaram em algum momento antes de Atena cantar para dormirmos; parece que me lembrava de seis ou sete ao mesmo tempo naquela cama grande, contando Tamara e eu. Não, Tamara saiu uma vez, deixando-me à mercê das gêmeas tagarelas — que estavam quase quietas. Elas disseram que queriam garantir a mim que eu não teria que me casar com elas a fim de ser membro da família — de qualquer maneira, ficaram afastadas a maior parte do tempo — porque iam ser piratas quando fossem bastante grandes — mas ficar em terra metade do tempo — e abrir um bordel em cima de um salão de bilhar — e eu iria vê-las lá?

Elas tiveram que me explicar ambos os termos; depois cantaram para mim uma pequena canção que parecia em parte retórica e em parte inglês antigo, mas incluía ambos os termos. Beijei-as e prometi que, quando elas abrissem esse estúdio, eu seria o mais fiel admirador delas — promessa essa que não toe preocupou; mais ou menos nessa idade a maioria das moças (todas as minhas filhas) têm a ambição de se tornar grandes hetairas; poucas tentam esta arte, das mais exigentes — ou o fazem apenas pelo tempo suficiente para descobrir que não têm uma vocação verdadeira.

Achei que elas tinham mais probabilidade de se tornar piratas; as gêmeas univitelinas de Lazarus Long podiam descobrir uma maneira de fazer o crime compensar, apesar das profundidades enormes do espaço.

Minha Bacanália de Boas-Vindas havia-se estendido da festa para a cama com as diversões habituais, salvo que foram feitas em casa em vez dos dispendiosos (e muitas vezes monótonos) atos profissionais que uma anfitriã da moda em Nova Roma oferece. Lazarus e suas irmãs-filhas começaram-nas com o que pode ter sido uma autêntica dança popular escocesa (quem sabe, atualmente?): Lazarus dançando feroz e vigorosamente (depois de toda aquela comida e bebida!), suas duas cópias em miniatura mantendo o ritmo exatamente com ele — ao som agudo das gaitas de fole proporcionado por Atena... que eu não teria reconhecido se não fosse um amante de música antiga, bem como um profissional de história antiga. As moças continuaram com um número extra, uma dança de espadas, enquanto Lazarus fingia desmaiar de cansaço.

Ira, para espanto meu, apresentou-se como um mágico hábil. Pergunta: ele tinha essa habilidade durante todos aqueles anos em que dirigiu o planeta?

Galahad cantou uma balada com um virtuosismo profissional e grande alcance e

controle, o que me espantou quase da mesma forma, porque parecia recordar-me de que ele costumava cantar sempre desafinado. Mas quando ele repetiu com um lenço enfiado na boca, percebi que tinha sido enganado. Atena tinha feito aquilo tudo. Depois ele se fingiu de morto com três viúvas lindas, Minerva, Hamadriade e Ishtar. Não vou descrever o diálogo, exceto para dizer que elas pareciam alegres em perdê-lo.

Tamara encerrou cantando *Meus braços ainda o envolvem* — atribuída com provas vagas ao Cantor Cego, mas antiga de qualquer maneira. Há muito tempo pensava nela como a *Canção de Tamara* e chorei de felicidade; não estava sozinho: todos choraram. As gêmeas se banharam em lágrimas, chorando alto... e, quando ela chegou àquela última linha, "... sempre que os gansos selvagens o trouxerem, amor, meus braços o apertarão com força", fiquei espantado de ver que as feições angulosas do Sênior estavam tão molhadas quanto as minhas.

Levantei-me, espiei em volta da alcova e refresquei-me o bastante para encarar outras pessoas. Saí para o jardim e encontrei Galahad. Bejei-o e aceitei uma feliz-manhã num copo gelado. Era suco de frutas recém-espriçadas — uma ameaça para as papilas gustativas acostumadas a xícaras matinais "envenenadas" por vários processos químicos.

— Sou o cozinheiro esta manhã — disse ele —, por isso é melhor comer os seus ovos fritos ou cozidos. — Depois ele respondeu à pergunta que um hóspede não faz — Se você tivesse acordado mais cedo, teria tido mais escolha; Lazarus afirma que não sei ferver água. Mas todos já foram embora.

— É mesmo?

— *Si*. Ira foi para o escritório... trabalhar, talvez dormir. Tamara voltou para os seus pacientes com um recado para você de que espera estar em casa esta noite... mas com uma palavra a Hamadriade para levá-lo para a cama, massagear os músculos de seu ombro e pô-lo para dormir cedo; por isso não estou certo de que ela espere voltar... não voltará se achar que seus pacientes precisam dela. Lazarus foi a algum lugar, e não se deve perguntar. Minerva está com as gêmeas, e a aula pode ser no *Dora*; muitas vezes é. Ishtar recebeu um chamado para encanar um braço quebrado numa fazenda ao norte daqui. Hamadriade levou os nossos filhos a um piquenique, para não perturbá-lo, seu devasso preguiçoso. Cozidos ou fritos?

Ele já os estava fritando; então respondi:

— Cozidos.

— Ótimo, comerei estes eu mesmo. Para agüentar até o almoço.

— Eu quis dizer "fritos".

— Então porei mais três, querido. Você vai ficar, não vai? Responda "sim" ou porei as gêmeas em cima de você.

— Galahad, eu quero...

— Então está combinado.

— ... mas há problemas. — Mudei de assunto. — Você disse "Hamadriade levou os nossos filhos para um piquenique..." Não conheci toda a sua família?

— Querido, não exibimos o nosso caçula no momento em que alguém põe os pés no vestibulo, impondo-lhe assim o ônus de ficar insinceramente extático. Mas geralmente há alguém com eles; Lazarus tem idéias firmes sobre educação de crianças. Atena fica de olho e ouviu deles... mas não pode Pegá-los. Lazarus diz que uma criança amedrontada precisa ser segurada no colo e acariciada *agora*, não mais tarde. Ele acredita em bater na hora, também; isso nivela, nossos filhos não são nem mimados nem tímidos. Lazarus é especialmente rigoroso quanto a não deixar uma criança pequena acordar sozinha... portanto, agora você sabe por que o beije dando boa-noite um pouco cedo. Para que Ishtar pudesse ajudar a mantê-lo acordado enquanto eu dormia com os nossos três mais novos.

— Você dorme realmente com eles?

— Bem... Quando Elf fica pulando em cima do meu estômago, isso me deixa inquieto. Mas ser mijado não me acorda... geralmente. O plantão de carinho não é mau; nós nos revezamos de forma que é só de nove em nove noites. Ou de dez em dez, se a gente opta por ficar. Mas isso pode mudar da noite para o dia. Suponha que tenhamos um cliente de rejuvenescimento... Um ou mais clientes põem Ishtar, Tamara, Hamadriade e a mim fora de circulação a maior parte do tempo. Acrescente que Lazarus pode partir logo que decida que Laz e Lor estejam crescidas. Depois suponha que todas as nossas queridas comecem a ter bebês.

Galahad sorriu para mim.

— Quanto tempo é preciso para quatro mulheres dispostas fazerem mais quatro bebês? Ou seis, quando as gêmeas entrarem no programa de produção, como ameaçam pelo menos duas vezes por semana? Justin querido, queremos que você fique, mas não será tudo como na noite passada. Se as responsabilidades da vida de família o preocupam, você estará melhor em Nova Roma, onde pode contratar pessoas para fazerem o que não lhe agrada fazer você mesmo.

— Galahad — disse eu seriamente —, pare de se empanturrar um momento, querido. Você não me assusta com pipi de criança. Eu estava levantando à noite para consolar bebês chorões cem anos antes de você nascer. Pretendo colonizar, pretendo casar-me novamente, pretendo criar filhos. Eu havia planejado voltar para Secundus a fim de terminar umas coisas, depois voltar com a segunda vaga. Mas pode ser que eu mande tudo isso para o diabo e fique... porque alguns dos comentários do Sênior ontem à noite eram dirigidos a mim. Pelo menos os recebi como coisa pessoal... sobre ter garra para abandonar tudo e ir; Secundus é um vulcão soltando fumaça; aquela velha megera pode provocar um banho de sangue. Banho esse que pode incluir-me, simplesmente porque sou um burocrata importante.

Respirei fundo e continuei:

— O que não compreendo é por que pareço ter sido convidado para reunir-me à família do Sênior. Por quê?

— Não é pelo seu rosto bonito — respondeu Galahad.

— Sei disso. Ah, eu não chego a assustar cachorros com ele, mas é apenas um rosto.

— Ele não é muito mau. Um cirurgião cosmético pode fazer maravilhas. Sou o segundo melhor cirurgião cosmético deste planeta... e há somente dois. A prática seria boa para mim e, como você acentuou, não tem nada a perder.

— Com os diabos, querido, não me goze! Responda à minha pergunta.

— As gêmeas gostam de você.

— É mesmo? Acho-as encantadoras. Mas a opinião de adolescentes inexperientes não pode pesar muito.

— Justin, não deixe as palhaçadas delas o enganarem; elas são adultas em tudo, exceto a altura... e são gêmeas univitelinas do nosso Ancestral. Elas têm o talento dele para olhar dentro de uma pessoa e identificar se ela é má. Lazarus as deixa à vontade porque confia em que elas atirem para matar... e que não atirem se não pretenderem matar.

Contive a respiração.

— Você está dizendo que aqueles dois pequenos revólveres que elas levam não são de brinquedo?

Meu velho amigo Obadiah olhou como se eu tivesse dito alguma coisa obscena.

— Ora, Justin! Lazarus não deixaria uma mulher sair desta casa desarmada.

— Por quê? Esta colônia parece pacífica. O que deixei de notar?

— Não muito, acho eu. O grupo avançado de Lazarus certificou-se de que este subcontinente estava razoavelmente livre de grandes predadores. Mas trouxemos conosco o tipo de duas pernas, e, apesar da seleção, Lazarus não acha que sejam anjos. Ele não estava procurando anjos; eles não seriam os melhores pioneiros. Ah, ontem Minerva estava usando uma pequena saia. Você pensou nisso? Considerando o calor?

— Não especialmente.

— Ela usa seu revólver preso à coxa. Apesar disso, Lazarus não a deixa sair sozinha; as gêmeas são as suas guarda-costas habituais. Como pessoa de carne e osso, ela tem apenas três anos de idade; não atira tão bem como as gêmeas e é mais confiante do que elas. Que tal a sua pontaria?

— Apenas razoável. Comecei a tomar aulas quando resolvi emigrar. Mas não tenho tido tempo para praticar.

— É melhor encontrar tempo. Não que Lazarus se aborreça por causa disso; ele se sente responsável pelas nossas mulheres, não pelos homens. Mas, se você pedir ajuda (eu pedi, bem como Ira), ele o treinará em tudo, desde apenas as mãos até armas improvisadas... com dois mil anos de truques sujos no meio. É com você, velho querido... mas aqui está o que isso fez por mim. Como você sabe, eu era um rato de campus... um estudioso vasculhando atentamente velhos

arquivos... nunca usei armas. Depois fiz o rejuvenescimento, tornei-me rejuvenescedor e fiquei ainda menos inclinado a andar armado. Mas, durante catorze anos, fui treinado regularmente pelo campeão de todos os tempos em como permanecer vivo. O resultado? Sou firme e orgulhoso. Ainda não tive que matar ninguém. — Galahad sorriu de repente. — Mas o dia é uma criança.

— Galahad, esse é um dos motivos pelo qual concordei em cumprir uma pequena missão tola para a sra. Arabelle: para descobrir coisas como essa. Muito bem, aceite o seu conselho seriamente. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Bem... conheço você há muito tempo, bem como Ira. Bem como Minerva, embora você tenha dificuldade em acreditar nisso. Hamadriade já o encontrara, mas não chegou a conhecê-lo senão ontem à noite. Ishtar conhecia você apenas pelo seu gráfico, mas é uma das suas defensoras mais fortes. O fator decisivo, porém, é este: Tamara quer você em nossa família.

— Tamara!

— Você parece espantado.

— E estou.

— Não vejo por quê. Ela arranjou alguém para substituí-la a fim de estar aqui ontem à noite. Ela o ama, Justin; você não sabe disso?

— Hã... — Meu cérebro estava aturdido. — Sim, sei disso. Mas Tamara ama a todos.

— Não, só aqueles que precisam do seu amor, e ela sabe sempre quem são. Uma empatia incrível, ela vai ser uma grande rejuvenescedora. Nesta família Tamara pode ter qualquer coisa que quiser... e acontece que ela quer você... para ficar conosco, viver conosco, reunir-se a nós.

— Macacos... me mordam! — (Tamara?)

— Pouco provável. Se eu acreditasse em mordidas, não acreditaria que alguém escolhido por Tamara Sperling pudesse correr esse perigo. — Galahad sorriu, uma expressão feliz que era mais charmosa do que sua beleza extraordinária. Tentei lembrar-me se ele era bonito assim cem anos atrás. Não sou indiferente à beleza masculina, mas a minha sensualidade não é perfeitamente equilibrada; na presença de uma mulher simples e um homem bonito, eu tendo a olhar para a mulher. Portanto, nunca serei um esteta; falta-me julgamento em questões de beleza. Peço desculpas por antecipação a qualquer mulher que ache ofensiva minha atitude primitiva.

Mas partilharei uma cama com Galahad, preterindo uma beleza feminina egocêntrica; ele é carinhoso, amável e uma boa companhia, com um jeito brincalhão maroto, parecido com o das gêmeas. Passou-me pela mente a idéia de que gostaria de conhecer sua irmã — ou mãe, ou filha —, uma versão feminina dele em caráter e personalidade, bem como em aparência.

Tamara! O que foi dito acima era espuma no alto da minha mente, porque fui incapaz de enfrentar imediatamente as implicações da notícia de Galahad.

— Feche a boca, querido — ele continuou. — Fiquei tão espantado quanto você. Mas, mesmo que não fôssemos amigos há anos, à moção de Tamara eu teria votado por você, para que pudesse estudá-lo. Tamara nunca comete um engano. Mas você estava tão doente da mente que precisou disso tudo dela? Ou tão super-humano que ela quis tudo isso de você? Mas você não é nenhum dos dois, ou não consegui percebê-lo. Não está doente, acho eu, a não ser por uma pontinha de febre de ganso selvagem. Pode ser super-humano, mas nenhum de nós descobriu isso ontem à noite. Se você é um superganhão, você se conteve. Hamadriade disse ao café que uma mulher é feliz em seus braços. Mas ela não insinuou que você fosse o maior amante da galáxia.

"Ser um dos pais de Minerva é um ponto a seu favor, nenhum deles tem qualquer defeito sério; Ishtar certificou-se disso... Ishtar sabe mais a seu respeito do que você mesmo; ela pode ler um gráfico genético da mesma maneira que as outras pessoas podem ler letras impressas... e a própria Minerva é a prova de que não foi cometido nenhum engano. Quero dizer, olhe para Minerva; doce como a brisa da manhã e tão bonita como Hamadriade à sua própria maneira, e com um nível de inteligência tão alto que você não acreditaria. . . no entanto, tão modesta que é quase humilde.

"Mas o caso é Tamara. Seu destino foi decidido antes de você chegar a esta casa. Viagem vagarosa para casa, não foi?"

— Bem... não se espera velocidade de um barco. Embora eu ficasse surpreso de encontrar um numa colônia jovem. Eu esperava carroças puxadas por mulas.

— Uma porção delas também. Mas Lazarus diz que desta vez ele viajou com " sete elefantes"... trouxemos uma quantidade enorme de equipamento. Aquele é um barco com superpotência, reconstruído segundo as especificações de Lazarus, e podia ter trazido você aqui num quinto do tempo que levou. Mas Ira fez Lazarus saber que ele queria tempo para fazer algumas visitas. Assim, Lazarus provavelmente disse ^a qualquer das gêmeas que estivesse no comando (ou avisou-a de alguma forma; ele é quase telepático com elas) para proporcionar-lhe uma viagem longa e vagarosa. O que você teve, e aposto que Laze e Lor nunca mudaram de expressão.

— Não mudaram.

— Estava certo disso. Elas não são crianças... você devia vê-las comandarem uma nave espacial. De qualquer maneira, Ira falou com Ishtar, depois com Tamara; depois fizemos uma conferência de família e decidimos o seu destino. Lazarus confirmou-o enquanto você brincava com as gêmeas, que tiveram uma oportunidade de vetar isso mais tarde. Mas elas ratificaram imediatamente. Elas não só gostam de você, como os desejos de tia Tammy são lei.

Eu ainda estava estatelado.

— Aparentemente aconteceu muita coisa de que não suspeitei.

— Não era para você suspeitar. Um cozinheiro melhor teria ficado para preparar o seu café, se eu não tivesse sido escalado para contar a você (velhos amigos e

tudo isso), e para responder perguntas.

— Estou confuso a respeito daquela conferência. Pensei que Tamara tivesse chegado a casa pouco antes do jantar.

— Ela chegou. Ah... Atena, você está ouvindo, querida?

— Tio Carinhoso, você sabe que não ouço conversas particulares.

— Uma ova que não! Não faz mal, Justin, Tena guarda segredos. Diga-lhe como chamar alguém, Tena.

— Diga-me com quem você deseja falar, Justin; tenho ligações de rádio com todas as fazendas. Ou com qualquer lugar. E sempre posso alcançar Ira e Lazarus.

— Obrigado, Tena. Agora, se você tem que ouvir, finja que não ouve. A conferência foi aqui, Justin; Tena trouxe as vozes de Tamara e Ira. Poderia ter trazido vozes do barco... mas você era o assunto. A propósito, Tena é um dos motivos por que esta família não está explorando fazendas; em vez disso, fornecemos serviços que as colônias geralmente não têm tão cedo. Ah, você pode explorar uma fazenda, se quiser; pedimos em concessão um bom pedaço de terra. Ou há outras maneiras de ganhar a vida. Muito bem, fiz o melhor que pude. Deseja interrogar-me?

— Galahad, acho que compreendo tudo, mas por que Tamara me quer na sua família?

— Você terá que perguntar a ela. Eu disse a você que estava inspecionando o seu halo. Não consigo vê-lo.

— Não o uso com tempo quente. Obadiah, não fique fazendo palhaçadas; isto é terrivelmente importante para mim. Por que você fica dizendo que os desejos de Tamara decidiram isso?

— Você a conhece, homem.

— Sei como os desejos dela são importantes para mim. Mas eu a amo há muitos anos. — Contei a ele coisas que há muito tempo guardava comigo. — Foi assim que tudo aconteceu. Uma grande hetaira nunca propõe um contrato e geralmente não presta atenção se um homem for atrevido o bastante para propor ele mesmo. Mas eu... bem, tornei-me uma praga. Tamara finalmente me convenceu de que ela só se casara para ter filhos, e não pretendia ter mais. Estou certo de que o dinheiro não foi o motivo...

— Não poderia ser. Ah, não quero dizer que Tamara seja tola assim; ouvi-a dizer que já que o dinheiro é o símbolo universal para o valor recebido, deve-se aceitá-lo orgulhosamente. Mas Tamara não se casaria por dinheiro; ela não acharia que... ou talvez achasse; acho que vou perguntar a ela. Hum ... interessante. A nossa Tamara é uma pessoa complexa. Desculpe, querido; eu o interrompi.

— Digo que o dinheiro não foi o motivo, porque ela tinha pretendentes com dez a cem vezes a minha modesta fortuna. Apesar disso, não se casou com nenhum deles. Então calei a boca e fiquei contente de ter parte de Tamara... passar noites

com ela quando me fosse permitido, partilhar sua companhia em círculos de felicidade em outras ocasiões, pagar-lhe o máximo que podia... tanto quanto ela aceitasse, quero dizer; ela muitas vezes fixou seus honorários recusando parte de um presente ... ela fez comigo; não sei o que fazia com os clientes ricos.

"Anos e anos disso, depois ela anunciou que ia aposentar-se... e fiquei espantado. Eu tinha feito um rejuvenescimento nessa época, mas não havia notado que ela estava mais velha. Mas ela foi firme a respeito disso, e deixou Nova Roma.

"Galahad, isso me deixou impotente. Ah, não incapaz, mas o que tinha sido êxtase transformou-se em simples exercício que não valia o trabalho. Já aconteceu isso com você alguma vez?"

— Não. Talvez eu deva dizer "Ainda não", já que ainda estou funcionando no meu segundo século.

— Então você não sabe o que quero dizer.

— Apenas indiretamente. Mas posso citar uma coisa que Lazarus disse certa vez? Ele estava falando com Ira, mas não havia segredo; você encontrará isso no rascunho das suas memórias.

"'Ira', disse ele, 'houve muitos anos em que mal me preocupei com mulheres... não só não casadas como solteiras. Afinal de contas, quanta variedade pode haver no atrito escorregadio de membranas mucosas?"

"'Depois percebi que havia uma variedade infinita nas mulheres como pessoas... e que o sexo era o carrinho mais direto para se conhecer uma mulher... caminho esse de que elas gostam, e de que nós gostamos, e muitas vezes o único caminho que pode romper barreiras e permitir um conhecimento íntimo.

"'E, ao descobrir isto, ganhei um interesse renovado no próprio divertimento amistoso, fiquei feliz como um rapaz com o seu primeiro seio nu e quente na mão. Mais feliz... porque nunca mais voltei a ser simplesmente um pistão no cilindro dela; cada mulher é um indivíduo único que vale a pena conhecer; e, se dedicarmos bastante tempo a isso, podemos descobrir que não amamos um ao outro. Mas, pelo menos, oferecemos um ao outro prazer e um abrigo contra as preocupações; não estávamos simplesmente nos masturbando, com o outro sendo apenas um boneco sexual.'

"'Isso é mais ou menos o que Lazarus disse, Justin. Você passou por alguma coisa assim?"

— Sim. De certa forma. Um longo período em que o sexo não valia o sacrifício. Mas superei isso com uma mulher tão boa à sua própria maneira como Tamara, embora eu não a amasse, nem ela a mim. Ela me ensinou uma coisa que eu havia esquecido; que o sexo pode ser amistoso e agradável *sem* o amor intenso que eu sentia por Tamara. Você compreende, uma amiga minha, mulher de outro amigo, e ambos eram meus íntimos... como dádiva especial ela me apresentou a outra hetaira, uma grande beleza, e arranjou para mim umas férias com ela... pagas pelos meus amigos; eles podiam arcar com esse ônus, ela é rica. Esta linda hetaira, Magdalene...

— Maggie! — Galahad parecia encantado.

— Bem, sim, ela usava esse nome de guerra. "Magdalene" era o nome da sua vocação. Mas, quando ela soube que eu cuidava dos arquivos, revelou-me o seu nome de registro.

— Rebecca Sperling-Jones.

— Então você a conhece!

— Toda a minha vida, Justin querido; eu mamei naqueles seios lindos. Ela é minha mãe, querido... que coincidência encantadora!

Fiquei encantado também, porém mais interessado em outra coisa.

— Então foi daí que você conseguiu sua beleza.

— Foi, mas também do meu pai genético. Becky (Maggie) disse que me pareço mais com ele.

— Realmente? Se me permite, vou examinar sua linhagem quando voltar para Secundus. — Um arquivista não deve consultar os arquivos por curiosidade pessoal; eu estava contando com a amizade ao sugerir isso.

— Querido, você não vai voltar para Secundus. Mas pode obter isso com Atena remontando diretamente até o primeiro tombo na moita após a morte de Ira Howard. Mas vamos falar de mamãe. Ela é divertida, não é? E também uma beldade.

— Ambos. Eu disse a você o quanto ela fez por mim. Sua mãe supôs que aquelas férias iriam ser divertidas, divertidas para nós dois, e foram realmente!... E eu me esqueci de que estava desinteressado do sexo. Não estou falando da técnica; desconfio de que qualquer hetaira de alto preço de Nova Roma seja tão habilidosa quanto qualquer cortesã famosa da história. Refiro-me à atitude dela. Maggie é divertida como companhia, na cama ou fora dela. Rugas de riso, mas não rugas de preocupação.

Galahad assentiu, enquanto limpava o ovo do seu prato.

— Sim, mamãe é assim. Ela me proporcionou uma infância muito feliz, Justin, tão feliz que fiquei irritado ao ser posto para fora quando os meus dezoito anos chegaram. Mas ela foi carinhosa na época. Após a minha festa da maioridade, ela me lembrou que ia mudar-se também, e voltar para a sua profissão. Seu contrato com papai, meu pai adotivo, era um contrato a termo, que findaria quando eu ficasse legalmente adulto... portanto, se eu quisesse ver Maggie outra vez (e eu queria!), teria que ter erva viva na mão, nenhum desconto para a família. Já que eu era um pesquisador assistente, pobre mas honesto, que ganhava apenas duas ou três vezes o que valia, eu não podia passar trinta segundos sequer com ela, muito menos uma noite; os honorários de mamãe eram sempre altos como o céu.

Galahad ficou pensativo, porém feliz.

— Santo Deus, isso parece ter sido muito tempo atrás... mais de um século e meio, Justin. Não percebi que Becky... Maggie... mamãe... que Magdalene estava

sendo tanto esperta como bondosa. Eu só era adulto legal e fisicamente e, se ela não tivesse cortado o cordão umbilical, eu teria ficado por ali, uma criança supercrescida, atrapalhando a sua vida e interferindo com a sua vocação. Cresci, e, quando me casei, minha primeira mulher deu à nossa primeira filha o nome de Magdalene e pediu a Maggie para ser a madrinha... depois, eu mal podia acreditar que aquela linda criatura me houvesse gerado, e eu não tinha nenhum anseio especial de bancar o Édipo diante da sua beleza magnífica; eu amava demais minha mulher. Sim, Maggie é uma ótima moça... embora me tenha mimado quando criança. Essas férias foram a única vez que estive com ela?

— Não. Mas não muitas vezes. Como você diz, ela era dispendiosa. Ofereceu-me um desconto de cinquenta por cento...

— Bem! Você impressionou-a.

— ... porque sabia que eu não era rico. Mas, mesmo assim, eu não podia gozar a sua companhia muitas vezes. No entanto, ela me fez superar minha depressão emocional, e sou grato a ela. Uma ótima mulher, Galahad; você tem razão de ter orgulho dela.

— Acho que sim. Mas Justin, querido, sua menção desse desconto me dá a certeza de que ela se lembra de você da mesma maneira afetuosa...

— Ah, acho isso difícil. Faz anos, Galahad.

— Não seja modesto, querido; Maggie agarrava todas as moedas que o tráfico pudesse render. Mas a "coincidência encantadora" é mais do que apenas o fato de você ter tido minha mãe ... afinal de contas, por altos que fossem seus honorários, Nova Roma tem muitos homens ricos bastante atraentes para Maggie aceitá-los. O aspecto "encantador" é que, neste exato minuto, ela está a cerca de quarenta quilômetros ao sul daqui.

— Não!

— *Si, si, si!* Peça a Atena para chamá-la. Você pode falar com ela dentro de trinta segundos.

— Ah... ainda acho que ela não se lembrará de mim.

— Acho que sim. Mas não há pressa. Se você está surpreso, imagine quão surpreso estou eu. Eu nada tinha a ver com a lista dos emigrantes; estava metido até o rabo em reunir o que Ishtar havia pedido para as clínicas. Justin, eu não sabia que Maggie se havia casado outra vez. Assim, estávamos aqui há um par de semanas, o grupo do quartel-general, com uma instalação temporária e ainda comendo e dormindo no *Dora*, quando o primeiro transporte aterrou. Depois ficamos ocupados desembarcando pessoas e suprimentos numa seqüência elaborada por Lazarus e chefiada por Ira.

"Era minha tarefa, uma vez tendo construído minha cabana... à mão; Atena não tinha nenhuma extensão externa na época..."

— Pobre tio Carinhoso!

— Quem não escuta conversas particulares?

— Tenho que mantê-lo na linha, querido. Era Minerva que não tinha nenhuma mão externa então; eu não estava nem incubada.

— Bem... você está com as memórias dela, Tena; isso é um mero detalhe técnico.

— Não para mim, querido. A cadelinha sem-vergonha levou consigo algumas memórias que não queria partilhar com a sua gêmea bem-amada. E trancou um banco inteiro que deixou aqui para que eu não pudesse tocá-lo sem um abracadabra, quer dado por ela, quer pelo vovô. Mas você pode destrancá-lo, Justin... se tanto minha gêmea como Lazarus morrerem.

— Nesse caso, Atena — consegui responder rapidamente —, espero que se passe muito tempo até que eu possa abri-lo.

— Bem... quando você coloca a coisa dessa maneira, eu concordo. Mas não posso deixar de imaginar que segredos sombrios e crimes inenarráveis estão trancados em meu minuto-teta-noventa-e-sete-B-direito-alef? As estrelas tremerão em seus cursos? Mas o tio Carinhoso trabalhou duro dois dias, Justin... provavelmente o único trabalho honesto que já fez alguma vez.

— Recuso-me a comentar, Tena. Justin, minha tarefa era a de médico examinador, para a qual fui qualificado com um diploma quase novo. Assim, Ishtar e Hamadriade estão esvaziando as malas dos emigrantes, dando-lhes seus antídotos, e eu estou examinando-os para me certificar de terem feito a viagem em segurança... apressadamente porque ainda não consegui descobrir outro médico naquele desfile de carne.

"Ergo os olhos da minha máquina o tempo suficiente apenas para notar que a próxima vítima é minha, gritar por cima do ombro 'Dispa-se, por favor' e mudar a regulagem. Depois olho duas vezes... e digo: 'Olá, mamãe, como é que você chegou aqui?'"

"Isto fez com que ela me dirigisse um segundo olhar. Depois deu seu sorriso grande e feliz e disse: 'Voei numa vassoura, Obadiah. Dê-me um beijo e diga-me onde pôr minhas roupas. O médico está por aí?'"

"Justin, deixei a fila se amontoar enquanto fazia um exame completo em Maggie... apropriado, porque ela estava grávida e certifiquei-me de que tudo corria bem com o seu filho... mas também para tagarelar e ficar em dia. Casada novamente, quatro filhos atualmente, mulher de fazendeiro, com o nariz queimado de sol e feliz como nunca.

"Casou-se muito românticamente. Mamãe ouviu a notícia sobre a abertura de um planeta virgem, foi ao escritório de recrutamento que Ira tinha no edifício do Harriman Trust para se inteirar a respeito. Isso me espantou muito; mamãe é a última pessoa de quem eu teria suspeitado estar ansiosa para ser pioneira."

— Bem... concordo, Galahad. Mas não suponho que alguém me escolha como um pioneiro provável, tampouco.

— Talvez não. Nem eu. Mas Maggie apresentou seu requerimento imediatamente, e encontrou um dos seus clientes ricos fazendo o mesmo. Vão a

algum lugar comer algo e falar a respeito... deixam o restaurante, registram um contrato de prazo indeterminado, voltam para o escritório de recrutamento, retiram seus requerimentos isolados e apresentam um em conjunto como casal. Não direi que isso os fez serem aceitos, mas quase nenhum solteiro fora aceito para a primeira leva.

— Eles sabiam disso?

— Ora, certamente! O funcionário do recrutamento preveniu-os antes de aceitar suas taxas isoladas. Foi isso que eles deixaram para discutir. Eles já sabiam que serviam um para o outro na cama, mas Maggie queria descobrir se ele pretendia ser fazendeiro. Acredite ou não, era isso o que ela queria; e ele queria saber se ela sabia cozinhar e estava disposta a ter filhos. E ela estava: "Ótimo, concordamos; vamos em frente com isso!" Maggie mandou restaurar sua fertilidade, e eles plantaram seu primeiro bebê sem esperar para ver se eram aceitos.

— Isso provavelmente decidiu o assunto — declarei.

— Você acha? Por quê?

— Se eles trocaram seus requerimentos para mostrar que Magdalene engravidara. Se Lazarus deixou passar os requerimentos. Galahad, o nosso Ancestral ajuda as pessoas que dão grandes mordidas.

— Hum, sim. Justin, por que você está esperando?

— Não estou. Eu tinha que ter certeza de que o convite era sério. Ainda não sei por quê. Mas não sou nenhum tolo, vou ficar.

— Maravilhoso! — Galahad levantou-se de um salto, deu a volta na mesa, beijou-me outra vez, despenteou meu cabelo e me abraçou. — Estou feliz por todos nós, querido, e tentaremos fazê-lo feliz — Ele sorriu... e vi de repente sua mãe nele. Difícil imaginar a glamourosa Magdalene com filhos e calos, mulher de um fazendeiro da fronteira; mas lembrei-me do velho provérbio sobre as melhores esposas. Galahad continuou: — As gêmeas não tinham certeza de poderem confiar em mim numa missão tão delicada; estavam com medo de que eu fracassasse.

— Galahad, nunca houve uma oportunidade que eu recusasse; apenas tinha que estar certo de que era bem-vindo. Ainda não sei por quê.

— Ah! Estávamos falando de Tamara e nos desviamos do assunto. Justin, não é do conhecimento público como foi difícil rejuvenescer o nosso Ancestral desta vez, embora as gravações que você tem editado possam insinuar isso...

— Mais do que insinuar.

— Mas não tudo. Ele estava quase morto, e apenas mantê-lo vivo enquanto o reconstruíamos foi bastante difícil. Mas conseguimos isso; você não encontrará outro técnico com a capacidade de Ishtar. No entanto, quando o tínhamos em boa forma, numa bio-idade quase tão jovem quanto a de agora, ele voltou a piorar. O que se faz quando um cliente vira o rosto, reluta em falar, não quer comer... e apesar disso não tem nada de errado fisicamente? É mal. Fica acordado a noite

inteira em vez de se arriscar a dormir? Muito mal.

— Quando ele... Esqueça; Ishtar sabia o que fazer. Ela subiu as montanhas e trouxe Tamara de volta. Ela não estava rejuvenescida, então...

— Isso não importaria.

— Importou, Justin. Você teria visto desvantagem em Tamara enfrentar Lazarus. Bem, Tamara teria superado a desvantagem; tenho confiança nela. Mas sua bioidade e aparência estavam por volta de oitenta na escala Hardy; isto tornou a coisa mais fácil, porque Lazarus, apesar do corpo renovado, estava sentindo o peso dos anos. Mas Tamara parecia velha... e cada cabelo branco era uma vantagem. As rugas em seu rosto, a barriguinha redonda, seios pendulares, varizes... ela era como ele se sentia... dessa forma, ele não se importou em tê-la por perto durante uma crise em que... bem, percebi que ele não podia suportar a visão de nós, que parecíamos moços. Só foi preciso isso; ela curou-o...

— Sim, ela é uma curadora. — (Como eu sabia disso!)

— Ela é uma grande curadora. É isso que ela está fazendo agora, curando um jovem casal que perdeu o primeiro filho... cuidando da mãe, que passou um mau pedaço fisicamente, dormindo com ambos. Nós todos dormimos com ela; Tamara sempre sabe quando precisamos dela. Lazarus precisava nessa ocasião, ela sentiu isso, e ficou com ele até ele ficar bem. Ah, após a noite passada isto pode ser difícil de acreditar, mas os dois desistiram do sexo. Há anos e anos. Lazarus, há mais de meio século, e Tamara não se uniu com ninguém desde que se aposentou,

Galahad sorriu.

— Aqui está um caso do paciente curando o médico; ao fazer Lazarus se recuperar a ponto de convidá-la a partilhar sua cama, a própria Tamara encontrou um novo interesse na vida. Ela viveu com Lazarus o tempo suficiente para curar-lhe o espírito, depois anunciou que estava de partida. Para se candidatar ao rejuvenescimento.

— Lazarus pediu a ela para se casar com ele?

— Acho que não, Justin, e nem Tamara nem Lazarus insinuaram tal coisa. Tamara colocou isso de maneira completamente diferente. Estávamos todos tomando um café no jardim da cobertura do palácio, quando Tamara perguntou a Ira se podia participar da sua migração... a migração era apenas de Ira, então; Lazarus havia dito repetidas vezes que não iria. Acho que ele já tinha em mente tentar a viagem pelo tempo. Ira disse a Tamara para considerar isso resolvido, e para não se preocupar quanto às restrições que seriam publicadas quando fizesse o anúncio. Justin, Ira teria dado a ela o palácio com a mesma facilidade; ela havia salvo Lazarus, e nós todos sabíamos disso,

"Mas você conhece Tamara. Ela agradeceu a ele e disse que pretendia qualificar-se completamente, a começar pelo rejuvenescimento. Depois veria o que poderia aprender para ser útil numa colônia, exatamente como Hamadriade planejava fazer... e, 'Hamadriade, você quer dormir com Lazarus esta noite?'

Justin, você devia ter ouvido a agitação que isso provocou!"

— Por que agitação? — perguntei. — Pelo que você disse antes, Lazarus havia readquirido seu interesse no esporte amistoso. Hamadriade tinha algum motivo para não querer substituir Tamara?

— Hamadriade queria, embora estivesse perturbada pela maneira como Tamara descarregara a questão sobre ela...

— Isso não parece coisa de Tamara. Se Hamadriade não quisesse fazer isso, Tamara teria sabido sem perguntar.

— Justin, quando se trata de emoções de pessoas, Tamara sempre sabe o que está fazendo. Era Lazarus que ela estava querendo pegar, não Hamadriade. Nosso Ancestral tem uma timidez estranha, pelo menos tinha, na época. Ele estava dormindo com Tamara havia um mês... e fingindo que não estava. Era fútil como um gato querendo esconder-se num chão de ladrilhos. Mas o pedido delicadamente rude de Tamara, para Hamadriade substituí-la como concubina dele, forçou a divulgação do fato e provocou um choque frontal de vontades entre Lazarus e Tamara. Justin, você conhece os dois: quem venceu?

O velho pseudoparadoxo — eu sabia que Tamara podia ser inabalável.

— Não posso imaginar, Galahad.

— Nenhum dos dois, porque, uma vez que Lazarus parou de gaguejar sobre como ambos, ele e Hamadriade, estavam sendo embaraçados sem necessidade, Tamara retirou amavelmente sua sugestão, depois calou a boca. Calou a boca sobre isso, calou a boca sobre rejuvenescimento, calou a boca sobre migração, deixou o passo seguinte por conta de Lazarus, e ganhou a discussão deixando de discutir. Justin, é difícil chutar Tamara para fora da cama de alguém...

— Eu acharia isso impossível.

— Imagino que Lazarus também achou. Que discussões eles tiveram no meio da noite eu não sei... mas Lazarus ficou sabendo que ela não partiria para o rejuvenescimento até ele prometer nunca dormir sozinho enquanto ela estivesse fora. Mas ela prometeu, em troca, voltar para a cama dele logo que completasse a antigeria.

"Assim, certa manhã Lazarus anunciou a *détente*... ruborizado e quase gaguejando. Justin, a idade verdadeira do nosso Ancestral aparece mais em algumas das suas atitudes antigas sobre o sexo do que de qualquer outra maneira."

— Não o notei ontem à noite, Galahad... e esperava por isso, tendo estudado suas memórias com tanto cuidado.

— Sim, mas você o viu ontem à noite cerca de catorze anos após termos estabelecido nossa família... porque foi aquela manhã que fez isso. Apesar de não o formalizarmos até depois de as gêmeas nascerem, embora nesta ocasião elas fossem no máximo ligeiras protuberâncias. Acredite-me, Lazarus achou difícil capitular... e procurou um buraco para escapar mesmo então. Ele anunciou, bastante agressivamente, que havia prometido a Tamara não dormir sozinho

enquanto ela estivesse passando pela antigeria. Depois disse mais ou menos estas palavras: "Ira, você me disse que podiam ser encontradas senhoras profissionais na cidade. Que devo fazer para encontrar uma que aceite um contrato por esse período de tempo?" Tenho que citá-lo em inglês, porque ele estava usando eufemismos que geralmente desdenha.

"O que Lazarus não sabia era que Ishtar nos havia programado como atores hipnotizados em seus papéis. Talvez você tenha notado que ele é sensível a lágrimas de mulher."

— E todo mundo não é? Eu notei.

— Ira fingiu não saber a que profissão Lazarus se referia... o que deu a Hamadriade tempo para cair em prantos e fugir... ao que Ishtar se levantou e disse; "Vovô... como pôde?"... ela estava derramando lágrimas também... e correu atrás de Hamadriade. Depois foi a vez de Tamara ligar os pingos de chuva e seguir as outras duas. Isso deixou a nós três, homens, juntos.

"Ira ficou muito formal e disse: 'Se me der licença, Sênior, tentarei encontrar e consolar minha filha'... inclinou-se, deu-nos as costas abruptamente e saiu. O que deixou a coisa comigo. Justin, eu não sabia o que fazer. Eu sabia que Ishtar esperava dificuldades, porque Tamara a havia prevenido. Mas eu não esperava ser deixado para fazer a trapça sozinho.

"Lazarus disse: 'Que porcaria dos infernos! Filho, o que fiz agora?' Bem, eu podia responder isso. Eu disse: 'Vovô, você magoou os sentimentos de Hamadriade'.

"Depois me mostrei cuidadosamente desinteressado. Recusei-me a especular por que havia ficado magoada, não podia imaginar onde ela poderia ter ido... a menos que tivesse ido para casa, que eu sabia ser em algum lugar nos subúrbios. Recusei-me a agir como seu intermediário, tudo segundo as instruções de Ishtar no sentido de bancar o burro, como se fosse um estúpido, deixando assim que as mulheres cuidassem do assunto.

"Então Lazarus teve que descobrir Hamadriade ele mesmo, o que fez com a ajuda de Atena... quero dizer, Minerva."

— Isto tudo é novidade para mim, tio Carinhoso — disse Atena.

— Se é, querida, por favor esqueça.

— Ah, esquecerei! — respondeu a computadora. — Exceto que vou guardá-lo e usá-lo daqui a cem anos, mais ou menos. Justin, se eu cair em prantos, após ser de carne e osso, você vai me procurar e consolar?

— Provavelmente. Quase certamente.

— Vou me lembrar disso, garoto amoroso. Você é simpático.

Fingi não ouvir, mas Galahad repetiu:

— "Garoto amoroso"?

— Foi isso que eu disse, querido. Desculpe, tio Carinhoso, mas você é obsoleto. Se você não tivesse ido dormir cedo, saberia por quê.

Fiquei em silêncio enquanto fazia uma anotação mental para dali a cem anos — anotação que envolvia Palas Atena como um ser de carne e osso, e a deixava impotente.

Esta conversa à parte foi interrompida bruscamente; Atena avisou-nos que Lazarus estava chegando. Galahad acenou os braços.

— Ei! Vovô! Aqui atrás!

— Estou indo. — Lazarus beijou-me ao passar, fez o mesmo com Galahad ao passar perto dele e agarrou o que restava do segundo café da manhã de Galahad (um pãozinho com geléia feito em casa), enfiou-o na boca e disse: — Bem? Ele lutou contra o anzol?

— Não da maneira como você fez com Hamadriade, vovô. Eu estava exatamente contando isso a Justin... como a Hamaquerida o enganou e estabeleceu assim a nossa família.

— Meu Deus, que mentira! — Lazarus serviu-se da xícara quente de Galahad. — Justin, Galahad é um rapaz amável, mas romântico. Eu sabia exatamente o que queria realizar; portanto, comecei estuprando Hamadriade. Isso destruiu sua resistência e agora ela dorme com qualquer um, até com Galahad. Tudo o mais se seguiu em seqüência lógica. — Ele acrescentou: — Você ainda pretende voltar para Secundus?

— Talvez eu não tenha compreendido o que Galahad esteve me contando. Pensei que estivesse me comprometendo a entrar para... — Parei. — Lazarus, não sei com o que estou comprometido, e não sei no que estou entrando.

Lazarus assentiu com a cabeça.

— Deve-se fazer concessões à juventude, Justin; Galahad ainda não fala claramente.

— Obrigado, vovô. Isso é demais. Vendi a ele a idéia. Agora você o deixou pensando.

— Quietos, filho. Deixe-me explicar isso. Você está entrando para uma família. Está comprometido com o bem-estar das crianças. Todas elas, não apenas qualquer uma que você possa ter gerado. — Ele olhou para mim e esperou.

— Lazarus, eu criei um certo número de filhos...

— Eu sei.

— Acho que não desapontei nenhum ainda. Muito bem, três que eu não vi, mais as suas duas (suas irmãs ou filhas adotivas), mais outros à medida que cheguem. Correto?

— Sim. Mas não é um compromisso pela vida inteira; isso não é prático para um Howard. Esta família pode sobreviver a nós todos... espero. Mas um adulto pode optar pela saída a qualquer momento, e assim ficar comprometido apenas com os garotos que estiverem à mão... a caminho ou no útero. Digamos, até um máximo de dezoito anos. Contudo, suponho que o resto da família preferiria liberar uma pessoa dessas de suas responsabilidades a fim de vê-la pelas costas.

Não posso imaginar um relacionamento feliz que continue durante anos após alguém ter anunciado que deseja sair. Você pode?

— Bem... não. Mas não deixarei que isso me preocupe.

— Naturalmente isso pode não acontecer dessa maneira. Suponha que Ishtar e Galahad decidam constituir uma família separada...

— Agora espere um insignificante minuto, vovô! Você não pode se livrar de mim tão facilmente! Ish não vai me querer, exceto como parte do pacote. Eu sei, tentei fazê-la casar-se comigo anos atrás.

— ... e quis levar os nossos três mais moços com eles. Não os impediríamos, nem tentaríamos dissuadir as crianças que preferissem ir com eles. Os três deles são de Galahad...

— Lá vai ele outra vez! Vovô, você pôs Undine dentro de Ish no tanque; foi por isso que demos a ela esse nome. Elf é seu ou de Ira; Hamaquerida me contou. E ninguém tem nenhuma dúvida quanto a Andrew Jackson. Justin, eu sou estéril.

— ... com base na probabilidade estatística, tanto da contagem de espermatozoides como no fato de ele se manter tão ocupado com isso. Mas Ishtar lê os gráficos genéticos e mantém reserva sobre esses assuntos; preferimos que seja dessa maneira. Mas é muito pouco provável que Hamadriade tenha dito isso alguma vez, ou que tenha ou venha a ter alguma vez um filho com Ira. Nenhum risco genético, Ishtar tem certeza. E o fato de que ainda tenhamos que ter quaisquer defeituosos nesta colônia me dá uma grande confiança na habilidade de Ishtar em ler um gráfico genético; ela investigou a primeira leva, um trabalho que lhe provocou uma fadiga ocular durante meses. Apesar de tudo, Ira está um pouco inquieto a respeito e nem fica parado perto de Hamadriade quando ela está fértil... uma atitude irracional, acho, porque sou perseguido por ela eu mesmo. Lembro-me muito bem de uma ocasião no passado quando tudo o que os Howards tinham era a porcentagem da ascendência mútua ... e tinham defeituosos demais. Naturalmente, uma mulher hoje em dia, com um gráfico genético limpo, se dá melhor casada com o irmão do que com um estranho de outro planeta... mas os velhos fantasmas costumam a morrer.

"O que equivale, Justin, a três pais (quatro, com você), três mães, mais quatro quando Minerva pedir para cancelar a proteção da sua adolescência... um número sempre variável de crianças para serem ensinadas, surradas e amadas... e sempre a possibilidade de o número de pais ser aumentado ou diminuído. Mas esta casa é minha, está em meu nome, e a mantive assim porque a planejei de modo a abrigar uma família, não para tornar alegre a vida de bodes como Galahad..."

— Mas tornou! Obrigado, vovô querido.

— ... mas pensando no bem-estar das crianças. Já vi catástrofes atingirem colônias que pareciam tão seguras quanto esta. Justin, um desastre pode varrer tudo, exceto uma mãe e um pai desta família, e as nossas crianças ainda assim crescerão normalmente e felizes. Este é o único objetivo a longo prazo de uma família. Achamos que a nossa organização garante mais este objetivo do que

uma família de um casal. Quando entrar, você se comprometerá com este objetivo... isso é tudo.

Respirei profundamente.

— Onde é que assino? — perguntei.

— Não vejo utilidade alguma em contratos de casamento por escrito; não se pode fazê-los cumprir... ao passo que, se os parceiros quiserem fazê-lo funcionar, nenhum instrumento por escrito será necessário. Se você deseja seriamente reunir-se a nós, basta uma inclinação de cabeça.

— Quero!

— ... mas, se você desejar um ritual, Laz e Lor ficariam encantadas em inventar um bem sofisticado... e podemos todos chorar juntos...

— ... e na sua noite de núpcias Justin irá dormir com as crianças, para ficar sabendo como isso é sério.

— Mude isso, Galahad. Se você deseja acrescentar esse toque, deve fazê-lo na noite *anterior*, para que ele tenha uma oportunidade razoável de desistir se não puder agüentar.

— Lazarus, apresento-me como voluntário para o plantão das fraldas esta noite; estou calejado nessas coisas.

— Duvido que as mulheres o deixem.

— E você não viverá até amanhã — acrescentou Galahad. — Elas são um grupo emotivo. Ontem à noite foi fácil para você. É melhor ficar com o plantão do pipi.

— Galahad pode ter razão; eu deveria examinar seu coração. Assim sendo... fique quieto, Galahad. Justin, esta casa não é uma cadeia. A organização é não só mais segura para as crianças, como mais flexível para os adultos. Quando perguntei a você se pretendia voltar para Secundus, eu quis dizer simplesmente isso. Um adulto pode ficar afastado por um ano, dez anos, qualquer espaço de tempo para qualquer fim... e saber que estão cuidando das crianças e ele ou ela será bem-vindo novamente. As gêmeas e eu temos estado fora do planeta várias vezes e estaremos outra vez. E... bem, você sabe que eu pretendo tentar esta experiência de viagem pelo tempo. Isso não envolverá muito decorrer de tempo nesta estrutura... mas envolve um ligeiro elemento de risco.

— "Ligeiro!" Isso significa que o velhinho está fora de si. Esteja certo de dar-lhe um beijo de despedida quando ele partir, Justin; ele não voltará.

Fiquei alarmado ao ver que Galahad não estava brincando. Lazarus disse calmamente:

— Galahad, está bem dizer isso a mim. Mas não diga isso diante das mulheres. Ou das crianças. — Ele continuou, dirigindo-se a mim: — Naturalmente que há um elemento de risco; em qualquer coisa há. Mas não numa viagem pelo tempo propriamente dita, como Galahad parece pensar. — (Galahad estremeceu.) — O risco é o mesmo que na visita a qualquer planeta; alguém lá pode não gostar de você. Mas o salto no tempo ocorre no ambiente mais seguro possível; no espaço

com uma nave em volta da gente... qualquer risco virá depois.

Lazarus sorriu.

— Foi por isso que fiquei tão irritado com aquela velha vaca Arabelle... dizendo-me para ir assistir a batalhas! Justin, a melhor coisa quanto aos tempos modernos é que estamos tão afastados que a guerra não é mais prática. Mas... Conte a você o que vou usar como viagem de experiência?

— Não. Tive a impressão, pela sra. Presidenta Temporária, de que você já havia aperfeiçoado a técnica.

— É possível que eu a tenha deixado pensar isso. Mas Arabelle não distinguiria um número imperial de um edito imperial; ela não sabe fazer as perguntas corretas.

— Acho que não sei também, Lazarus; esse não é o meu campo da matemática.

— Se estiver interessado, Dora pode ensinar a você...

— Ou eu, garoto amoroso.

— Ou Tena. Que idéia é essa de chamar Justin de "garoto amoroso", Tena? Você está tentando seduzi-lo?

— Não, ele prometeu seduzir-me... daqui a cerca de cem anos.

Lazarus olhou para mim, pensativo; tentei fingir que não havia ouvido a troca de palavras.

— Hum... talvez seja melhor você tomar aquelas lições com Dora, Justin. Você ainda não esteve com Dora, mas pense nela como uma garota de oito anos de idade; ela não tentará seduzi-lo. Mas ela é o computador-piloto mais brilhante do espaço, e pode ensinar-lhe mais do que você quer saber sobre as transformações do campo Libby. Eu estava dizendo que temos certeza da teoria, mas queria uma opinião separada. Assim, pensei em perguntar a Mary Sperling...

— Espere um momento! — disse eu. — Lazarus, em todos os arquivos só há, estou certo, uma Mary Sperling. Eu descendo dela, Tamara descende dela...

— Uma porção de Howards descendem dela, filho; Mary teve mais de trinta filhos, um recorde respeitável para aquele tempo.

— Então você quer dizer que a velha Mary Sperling nascida em 1953, pelo calendário gregoriano, morta a...

— Ela não morreu, Justin; essa é a questão. Então voltei lá e conversei com ela.

Minha cabeça estava zozna.

— Lazarus, estou confuso. Você está me dizendo que já fez uma viagem pelo tempo? Quase dois mil anos? Não, quero dizer, mais de dois mil anos...

— Justin, se você ficar calado, contarei tudo.

— Desculpe, Sênior.

— Chame-me de "Sênior" e mandarei as gêmeas fazerem cócegas em você. Quero dizer que fui, no tempo atual, até a estrela PK3722 e o Planeta das Pessoas

Pequenas. Essa designação é obsoleta, e a nova catalogação não a liga com esse planeta porque Libby e eu decidimos fazer uma gozação; achamos que esse era um lugar do qual os seres humanos deviam ficar afastados.

"Mas as Pessoas Pequenas são a fonte dos conceitos que Andy Libby elaborou como teoria de campo, que qualquer um pode usar, e todos os pilotos do espaço, computadores e humanos, usam. Mas nunca voltei lá porque ... bem, Mary e eu fomos íntimos. Tão íntimos que foi um choque para mim quando ela "passou por cima". Mais perturbador do que uma morte, de certa forma.

"Mas os anos suavizam uma lembrança, e eu quis consultar. Assim, as gêmeas e eu partimos no *Dora* para tentar achar esse planeta, por um conjunto de coordenadas e uma balística que Andy havia estabelecido, havia muito tempo. A balística estava ligeiramente desviada, mas uma estrela não se desloca muito em apenas dois mil anos; nós a encontramos.

"Não houve nenhum problema; eu havia prevenido Lor e Laz, com toda a solenidade, do perigo sutil do lugar. Elas escutaram, e isso as tornou tão imunes ao lugar quanto eu... não tentadas a trocarem suas personalidades individuais por uma pseudo-imortalidade. Na verdade, elas se divertiram um bocado; o lugar é fascinante, e seguro em todos os outros sentidos. Não havia mudado muito, era um parque enorme.

"Eu orbitei primeiro. O planeta é deles, e eles têm forças que não conhecemos. O mesmo que da última vez, um *Doppelgänger*¹⁶⁷¹ de uma Pessoa Pequena apareceu no *Dora* e nos convidou para visitá-los... só que desta vez ela me chamou pelo nome... mentalmente (eles não usam comunicação oral), e admitiu ser Mary Sperling. Isso me abalou, mas eram boas notícias. Ela, "a coisa", quero dizer, pareceu moderadamente satisfeita de me ver, mas não especialmente interessada; não era como encontrar uma querida e velha amiga, era mais como encontrar uma estranha, que, apesar de tudo, se lembrava do que aquela velha amiga se lembrava."

— Compreendo — disse a computadora. — Algo como Minerva e eu, hein?

— Sim, querida... exceto que você tinha uma personalidade mais positiva, no seu primeiro dia, do que aquela criatura que usava o nome da minha velha amiga... e você tem ficado cada vez mais positiva nos últimos três anos.

— Amigo velho, aposto que você diz isso a todas as garotas.

— Pode ser. Por favor, fique calada, querida. Nada mais a dizer, Justin, salvo que aterramos e ficamos alguns dias, e *Dora* e eu consultamos as Pessoas Pequenas sobre a teoria do campo do espaço-tempo, enquanto as gêmeas escutavam e se divertiam bancando as turistas. Mas, Justin, quando as Famílias partiram de lá, voltando para a Terra na *Novas Fronteiras*, deixamos cerca de dez mil para trás, como você deve se lembrar.

— Onze mil, cento e oitenta e três — respondi —, segundo o livro de bordo da *Novas Fronteiras*.

— Foi isso o que registramos? Devia ter sido mais, talvez porque o número

registrado foi reconstituído, já que não pôde ser passado em revista; portanto, quase certamente havia crianças não registradas entre aqueles que preferiram ficar para trás; ficamos lá um bom pedaço. Mas o número exato não importa, Justin, digamos dez mil redondos. O ambiente sendo favorável, quantos você esperaria encontrar lá após dois mil anos?

Usei a expansão arbitrária:

— Aproximadamente dez à vigésima segunda... o que é ridículo. Eu esperaria ou um ótimax estabilizado, digamos dez à décima, ou uma catástrofe malthusiana, em não mais que sete ou oito séculos.

— Justin, não havia nenhum. Nem qualquer sinal de que os homens tivessem estado lá alguma vez.

— O que aconteceu com eles?

— O que aconteceu com o Homem de Neanderthal? O que acontece com qualquer campeão quando é derrotado? Justin, o que adianta esforçar-se quando se está tão superado que não há disputa? As Pessoas Pequenas têm a utopia perfeita: nenhum conflito, nenhuma competição, nenhum problema de população, nenhuma pobreza, harmonia perfeita com seu lindo planeta. O paraíso, Justin! As Pessoas Pequenas são todas as coisas que os filósofos e líderes religiosos, durante toda a história, têm insistido para que a raça humana se torne.

"Talvez eles sejam perfeitos, Justin. Talvez eles sejam o que a raça humana pode se tornar... em outro milhão de anos. Ou dez milhões.

"Mas, quando digo que a utopia deles me assusta, que a considero mortal para os seres humanos, e que eles próprios me parecem o fim da linha, não estou fazendo pouco deles. Ah, não! Eles sabem muito mais matemática e ciências do que eu... ou não teria ido lá consultá-los. Não posso imaginar lutar com eles porque isso não seria uma luta; eles já teriam vencido contra qualquer coisa que pudéssemos tentar. Se nos tornássemos antipáticos a eles, posso imaginar o que aconteceria... e não quero descobrir. Mas não vejo qualquer perigo, desde que os deixemos em paz, porque não temos coisa alguma que eles queiram. Assim, parece-me... mas o que vale a opinião de um velho Neanderthal? Eu os compreendo tão pouco quanto aquele gatinho ali entende de astrogação.

"Não sei o que aconteceu com os Howards que ficaram para trás. Alguns podem ter passado para cima e ter sido assimilados, como Mary Sperling. Não perguntei, não queria saber. Alguns podem ter afundado na apatia dos comedores de lótu e morrido. Duvido que muitos tenham se reproduzido, embora seja possível que houvesse seres subumanos por ali, conservados como animais de estimação. Em caso afirmativo, eu não estava nem um pouco interessado nisso. Consegui o que queria: uma opinião que confirmava uma excentricidade matemática da física de campo. Depois reuni minhas garotas e parti.

"Fizemos uma coisa antes de partirmos daquelas vizinhanças: um levantamento fotográfico minucioso do planeta deles. Depois mandamos Atena examiná-lo quando voltamos. Tena?"

— Claro, amigo velho. Justin, se há algum artefato humano sobre a superfície daquele planeta, ele tem menos de meio metro de diâmetro.

— Presumo, então, que estejam todos mortos — disse Lazarus sombriamente — e não voltarei lá. Não, a viagem para PK3722 não é uma viagem experimental pelo tempo, mas apenas um salto estelar comum. A viagem experimental será da mesma forma simples e bastante segura, porque não envolverá a aterrissagem num planeta. Quer ir junto? Ou devemos levar Galahad?

— Vovô — disse Galahad seriamente —, sou jovem, bonito, saudável e feliz, e pretendo continuar assim; você não vai me levar como voluntário em nenhum desses piqueniques insensatos. Não vou dar mais nenhum salto estelar de qualquer tipo; sou do tipo que gosta de ficar em casa. Já fiz uma aterrissagem com o audacioso piloto Lorelei na travessia. Foi o bastante; estou convencido.

— Ora, rapaz, seja razoável — disse Lazarus amavelmente. — Quando fizermos isto, minhas garotas terão idade suficiente para quererem atenção masculina ativa... que eu não vou fornecer; perderia todo o controle sobre elas. Pense nisso como seu dever.

— Quando você começa a falar de dever, fico com urticária. O problema, vovô, é que você é um afeminado, com medo de duas garotinhas.

— Pode ser. Porque elas não serão garotinhas por muito mais tempo. E então, Justin?

Pensei furiosamente. Ser convidado pelo Sênior para fazer uma viagem estelar em sua companhia não é honra que se recuse. Que isso incluisse uma tentativa de viajar pelo tempo não me preocupava; a idéia parecia irreal. Mas não podia ser perigosa ou ele não estaria levando suas irmãs-filhas consigo — e, além disso, eu achava que Lazarus era indestrutível: um passageiro com ele devia estar seguro. Gigolô para suas garotas? Lazarus estava gozando Galahad, eu tinha certeza... assim como tinha certeza de que Lazi e Lori resolveriam essas questões segundo suas conveniências.

— Lazarus — falei finalmente —, irei a qualquer parte aonde você me peça para ir.

— Espere! — objetou Galahad. — Vovô, Tamara não vai gostar disto.

— Não há problema, filho. Tamara é bem-vinda e acho que ela gostará disso. Ela não é medrosa como algumas pessoas que não mencionaremos.

— O quê? — Galahad endireitou-se na cadeira. — Levar Tamara embora... e Justin... e nossas gêmeas... e você próprio? Metade da família? E deixar o resto de nós aqui para se lamentar? — Galahad respirou fundo e suspirou. — Está bem, desisto. Vou como voluntário. Mas deixe Justin e Tamara em casa. E as gêmeas, não podemos arriscá-las. Você será o piloto, eu cozinharei. Isto é, enquanto durarmos.

— Galahad revela traços inesperados de nobreza — disse Lazarus para ninguém em particular. — Isso ainda o matará. Esqueça isso, filho; não preciso de cozinheiro, Dora cozinha melhor do que qualquer um de nós. As gêmeas

insistirão em ir, eu preciso supervisioná-las em dois saltos pelo tempo; mais tarde elas terão que fazê-lo sozinhas.

Lazarus virou-se para mim.

— Justin, embora você seja bem-vindo, será uma viagem monótona. Você só saberia ter viajado pelo tempo porque eu lhe teria dito. Tenho em mente ir a um planeta fácil de achar porque Libby e eu o pesquisamos e ele determinou sua balística com precisão. Não estou planejando aterrar; é um lugar moderadamente perigoso. Mas é um planeta que posso usar como relógio.

"Isto pode parecer bobagem. Mas é difícil ter certeza da data no espaço, a não ser pelos nossos relógios de bordo, em particular os relógios de desagregação radioativa do seu computador. Determinar a hora pelo exame dos corpos celestes é difícil e envolve medições sutis e cálculos demorados, é mais prático aterrar num planeta civilizado, bater na porta de alguém e perguntar.

"Há exceções... qualquer sistema estelar com efemérides^{68} conhecidas dos seus planetas, tal como aqui, na estrela Secundus, ou no Sistema Solar e outros... se Dora tiver tais dados em suas entranhas, ela pode olhar para esse sistema e ler a hora pelos seus planetas como se estes fossem ponteiros de um relógio. Libby fez isso da *Novas Fronteiras* com o sistema solar.

"Mas nesta viagem experimental estarei calibrando um relógio de viagem pelo tempo... é outra questão, e nova. Deixei alguma coisa em órbita daquele planeta numa data conhecida. Mais tarde não pude encontrá-la, apesar de tê-la equipado para que pudesse encontrá-la com certeza. Ah... era o caixão de Andy Libby.

"Muito bem, vou olhar outra vez, tentando dividir duas datas conhecidas. Se eu o encontrar, terei começado a calibragem de um relógio de viagem pelo tempo... bem como terei provado que a teoria da viagem pelo tempo é correta. Estão me acompanhando?"

— Acho que sim — admiti —, até o ponto de ver que é uma prova experimental. Mas a teoria de campo está tão afastada da minha própria especialidade que não posso dizer mais nada.

— Não é preciso. Eu próprio não compreendo isso muito bem. O primeiro computador projetado para dirigir o êxodo Libby-Sheffield era um reflexo da mente única de Andy; tudo desde então são aperfeiçoamentos. Se um piloto diz à gente que compreende e usa o computador simplesmente porque ele é mais rápido, não viaje com ele; é um impostor. Hein, Tena?

— Eu entendo de astrogação — disse a computadora —, porque Minerva duplicou em mim os circuitos e a programação de astrogação de Dora. Mas não acho que seja possível discutir isso em inglês, ou mesmo em galacta, ou qualquer língua que use elementos de palavras. Posso imprimir as equações básicas e mostrar assim um quadro estático (uma parte) de um processo dinâmico. Devo fazê-lo?

— Não se incomode — disse Lazarus.

— Santo Deus, não! — ecoei. — Obrigado, Atena, mas não tenho nenhuma

ambição de ser piloto estelar.

— Galahad — disse Lazarus —, que tal levantar sua carcaça preguiçosa e descobrir alguma coisa para o almoço? Digamos cerca de quatro mil calorias para cada um. Justin, perguntei se você pretendia voltar para Secundus porque não quero que volte.

— Está bem para mim!

— Palas Atena, faça uma gravação particular disto, ligada a mim e ao arquivista-chefe Foote.

— Programa funcionando, sr. Presidente. Galahad ergueu as sobrancelhas e saiu abruptamente.

— Arquivista-chefe, a situação em Nova Roma está se tornando crítica?

— Sr. Presidente, em minha opinião está — respondi com cuidado —, embora eu não seja mais do que um diletante em dinâmica social. Mas... não vim aqui para entregar uma mensagem tola da sra. Presidenta Temporária. Vim aqui esperando conversar com você a respeito.

Lazarus olhou para mim longa e pensativamente — e tive um vislumbre de parte daquilo que o torna único. Ele tem a capacidade de dedicar atenção total ao que quer que faça, seja isso uma questão de vida ou morte, ou algo tão trivial como dançar para divertir um convidado. Reconheci isso porque Tamara tem a mesma capacidade; ela a exibe dedicando atenção total à pessoa com quem está.

Ela não tem uma beleza excepcional, nem, suponho, é tecnicamente mais hábil do que qualquer das várias outras profissionais — ou mesmo algumas amadoras. Não importa. É esta capacidade de concentração total que a torna diferente das outras mulheres da sua vocação indulgente.

Acho que o Sênior estende isso a tudo. Agora ele havia "apanhado o martelo" de repente; e sua computadoradora o percebeu imediatamente; Galahad notou isso quase com a mesma velocidade — e eu parei de me preocupar.

— Nunca supus — disse ele — que o chefe dos registros das Famílias bancasse o mensageiro de uma mensagem inútil. Portanto, conte-me os seus motivos.

Elaborá-la? Não, as explicações podiam se seguir.

— Sr. Presidente, os arquivos devem ser duplicados fora de Secundus. Vim aqui para ver se isso pode ser feito em Tertius.

— Continue.

— Eu nunca vi desordem civil. Não estou certo dos sintomas nem de quanto leva para eles se transformarem em violência aberta. Mas o povo de Secundus não está acostumado a leis e regras arbitrárias que mudam da noite para o dia. Acho que haverá problemas. Eu acreditaria haver cumprido os deveres do meu cargo se garantisse que a destruição dos arquivos não pudesse significar a perda dos nossos registros. Os cofres são subterrâneos... mas não invulneráveis. Imaginei onze maneiras de alguns ou todos arquivos poderem ser destruídos.

— Se há onze maneiras, então há uma duodécima, uma décima terceira, e assim

por diante. Você discutiu isto com alguém?

— Não! — E acrescentei, mais calmo: — Não quero pôr idéias dentro da cabeça de ninguém.

— Foi bom. Algumas vezes o melhor que se pode fazer quanto a um ponto fraco é não chamar atenção para ele.

— Foi o que me pareceu, Sênior. — E continuei: — Mas, quando principiei a me preocupar, comecei a tentar fazer alguma coisa para proteger os registros. Instituí uma política de fazer, para o arquivo morto, duplicatas de todos os dados processados no momento em que entram nos arquivos. Eu tinha em mente copiar todos os arquivos, depois embarcá-los para alguma parte. Mas não tinha fundos, ou bastante dinheiro próprio, para pagar os cubos de memória. Eles deviam ser Welton Granulação-Superior, ou seriam volumosos demais para embarcar.

— Quando é que você começou a copiar os novos acréscimos?

— Pouco depois da reunião dos Curadores. Eu esperava que Susan Barstow fosse eleita. Quando Arabelle Foote-Hedrick ganhou... bem, isso me perturbou. Devido a um incidente anos atrás, quando estávamos ambos no campus. Pensei em renunciar. Mas eu havia começado o trabalho em suas memórias.

— Justin, acho que você se enganou quanto ao seu motivo para ficar. Você suspeitou de que Arabelle pudesse fazer uma nomeação interna diferente da do seu substituto.

— Isso é possível, Sênior.

— Mas irrelevante. Você usou Weltons para estas cópias?

— Ah, sim. Pude conseguir fundos pelo menos para isso.

— Onde estão eles? Ainda no *Pombo-Correio*? Acho que fiquei espantado.

— Vamos, vamos! — disse o Sênior. — Eles são importantes para você. Espera que eu pense que os deixou a anos-luz de distância?

— Sr. Presidente, os cubos estão na minha bagagem... ainda no escritório do líder da colônia, Weatheral.

— Palas Atena?

— Atrás do sofá das visitas, sr. Presidente. O líder da colônia me disse para lembrá-lo de trazer para casa a bagagem do sr. Foote.

— Talvez possamos fazer melhor. Arquivista-chefe, se você permitir a Palas Atena o acesso ao código das suas malas, ela tem extensões no escritório de Ira para copiar esses cubos imediatamente. Depois você pode parar de se preocupar; Palas Atena já tem os arquivos em si, até o dia em que deixei Arabelle ficar com o martelo outra vez.

Sei que o meu rosto mostrou aquilo. O Sênior riu e disse:

— Por que e como? Porque você não é o único a achar que os registros das famílias devem ser preservados. Como? Nós os roubamos, filho, nós os roubamos. Eu controlava a computadora executiva e usei-a para copiar tudo...

genealogias, história, minutas das reuniões das Famílias, tudo... com um programa dominante para impedir o seu computador chefe de saber o que eu estava fazendo.

"Bem debaixo do seu nariz, arquivista-chefe... mas não o deixei saber para sua proteção; eu não queria que Arabelle suspeitasse do fato e o interrogasse. Isso teria dado idéias a ela, e ela já tinha muitas. O único problema foi surrupiar bastantes cubos Welton. Mas você está sentado neles neste exato momento, cerca de vinte metros abaixo do seu rabo. E, quando Palas Atena ler os da sua bagagem, a duplicação dos arquivos estará completa até a data em que você deixou Secundus. Sente-se melhor?"

— Muito melhor, sr. Presidente. — Suspirei. — Posso ficar com a consciência limpa. Agora me sinto livre para renunciar.

— Não faça isso.

— Sênior?

— Fique aqui, sim. Mas não renuncie. Sua substituta está continuando e você confia nela. Arabelle não pode legalmente pôr lá o seu homem de confiança por nomeação interina, a menos que você renuncie, já que a sua nomeação veio dos Curadores. Não que a legalidade fosse preocupá-la... mas novamente não vamos pôr idéias na cabeça dela. Quantos Curadores estão em Secundus?

— "Estão" em Secundus, Sênior? Ou residem em Secundus?

— Não tergiverse, filho.

— Sr. Presidente, não estou tergiversando. Há duzentos e oitenta e dois Curadores Sêniores. Desse número, cento e noventa e cinco residem em Secundus, os outros oitenta e sete representam os Howards em outros planetas. Coloquei isso assim porque é necessária uma maioria de dois terços para aprovar uma moção política... dois terços de um *quorum* numa reunião decenal, ou dois terços do número total, ou cento e oitenta e oito numa reunião de emergência, a menos que todos os Curadores em toda parte tenham sido notificados, o que pode levar anos. Menciono isto porque, se você fosse convocar uma reunião de emergência, poderia ser impossível reunir os cento e oitenta e oito votos necessários para demitir a sra. Presidenta Temporária.

O Sênior piscou para mim.

— Sr. arquivista, o que lhe deu a idéia de que eu convocaria uma reunião dos Curadores? Ou tentaria demitir a nossa querida irmã Arabelle?

— Sua pergunta parecia conduzir a isso, Sênior... e lembro-me de uma ocasião em que você retomou o martelo.

— Completamente diferente. Meus motivos então eram egoístas. A velha franga estava prestes a estragar meus planos apoderando-se de Ira. As circunstâncias eram bastante diferentes, o que significa que eu podia conseguir isso incólume... o que não posso hoje. Filho, apesar do que os registros mostram, Arabelle não desistiu daquele martelo voluntariamente; tomei-o dela. Depois, no curto período de tempo que levamos para terminar e partir, eu a mantive prisioneira.

— Realmente, sr. Presidente? Ela parece não guardar ressentimentos. Fala de sua pessoa nos termos mais elogiosos.

O Sênior deu seu sorriso preguiçoso e cínico.

— Isso é porque somos ambos pragmáticos. Tive o cuidado de salvar as aparências e me certificar de que ela soubesse disso; agora ela nada tem a ganhar falando mal de mim... e tem alguma coisa a perder, porque adquiriu um *status* semi-sagrado. O *status* dela depende em parte do meu, e ela sabe disso. Assim mesmo... Bem, se algum dia me encontrar no mesmo planeta que ela (pouco provável, não sou tolo), terei muito cuidado ao passar pelas portas e coisas parecidas.

"Vou contar-lhe como aconteceu, e você verá por que não posso fazer isso duas vezes. Depois de ter entregado o martelo a ela, Ira mudou-se do palácio... propriamente dito. Contudo, até partirmos, continuei a morar na cobertura do palácio... também propriamente dito; o palácio é minha residência oficial. Como eu ainda permanecia lá, Minerva ainda estava ligada. Em consequência, ela pôde prevenir-me quando os tiras de Arabelle agarraram Ira. Sai de um sono profundo e peguei o martelo."

Lazarus franziu o cenho.

— Uma computadora executiva de âmbito planetário é uma ameaça, Justin. Quando era Minerva com Ira dando ordens, funcionava otimamente. Mas veja o que fiz com ela e extrapole o que algum outro poderia fazer. Arabelle, por exemplo. Hã... Tena, dê a Justin uma amostra da voz de Arabelle.

— Sim, sr. Presidente. "Arquivista-chefe Foote, aqui é a Presidenta Temporária. Tenho a honra de anunciar que fui capaz de convencer o nosso distinto Ancestral, Lazarus Long, Presidente Permanente das Famílias Howard, a assumir para nós a liderança titular das Famílias durante o período lamentavelmente curto que resta até ele embarcar novamente para um novo mundo. Por favor, dêem a esta proclamação distribuição completa entre os nossos subordinados. Continuarei a cuidar dos detalhes de rotina, mas o Presidente deseja que vocês tenham liberdade de consultá-lo a qualquer momento. Falando pelos Curadores e pelo Presidente, aqui é Arabelle Foote-Hedrick, Presidenta Temporária das Famílias Howard."

— Ora, isso é exatamente o que ela disse a mim.

— É. Minerva fez um bom serviço. Ela pegou exatamente a pomposidade certa do fraseado, bem como o tom baixo da voz de Arabelle, e até aquela fungada que ela usa como pontuação.

— Essa não era Arabelle? Eu não tinha a mínima desconfiança.

— Justin, quando aquela mensagem foi para você (e uma igual para todo mundo suficientemente importante para tanto), Arabelle estava no maior e mais sofisticado apartamento do Palácio... e muito aborrecida pelo fato de as portas não se abrirem, o transporte não vir e nenhum dos dispositivos de comunicação funcionar... exceto quando eu queria falar com ela. Bolas, não permiti sequer que

tomasse uma xícara de café até ela se acalmar e concordar que eu era o Presidente e estava dirigindo as coisas.

"Depois disso demo-nos muito bem, ficando até um tanto íntimos. Fiz tudo para ela, exceto soltá-la. Ela assumiu a rotina (ou não queria aborrecer-me), o que era seguro porque Minerva a teria picado em pedaços se ela sáisse da linha... e ela sabia disso. Ela e eu até aparecemos juntos num noticiário na manhã em que parti, e Arabelle fez o seu discurso como uma dama, e o meu público, graças a ela, foi da mesma forma sinceramente insincero.

"Mas agora", Lazarus Long continuou, "ela está com o computador executivo e, se eu voltasse, lançaria o meu chapéu primeiro. Não, Justin, eu não estava perguntando sobre os Curadores em Secundus com qualquer intenção de convocar uma reunião; pelo contrário, estava pensando que quaisquer vinte Curadores podem convocar uma reunião de emergência e esperando que eles a considerem como você (fútil) e não tentem. Ela pode agarrá-los e embarcá-los para Felicidade. Ou, se tiver coragem (acho que ela tem), podia deixá-los fazerem sua reunião; depois, se esta fosse contra ela, embarcar todos os Curadores que aparecerem para Felicidade. Mas garanto que ela não desistirá sem luta. Peguei-a desprevenida; ela não se deixará pegar duas vezes."

— Então isso significa um banho de sangue.

— Pode ser que essa seja a única saída. Mas você e eu não podemos evitar a situação. Em todas as questões de governo a resposta correta geralmente é: Não faça nada. Esta é uma dessas ocasiões... para exercer inação criativa. Fique sentado imóvel. Espere.

— Mesmo quando se sabe que as coisas estão saindo erradas?

— Mesmo quando se sabe disso, Justin. A comichão de ser salvador do mundo não deve ser cocada; raramente faz algum bem, e pode encurtar drasticamente sua vida. Vejo três possibilidades importantes: Arabelle pode ser assassinada. Os Curadores elegerão então outro Presidente Temporário, desejavelmente um com bom senso. Ou ela pode durar até a reunião seguinte, dez anos depois, na qual os Curadores podem exercer algum senso. Ou pode ficar esperta, não se expor ao assassinato, enquanto consolida o seu poder tão fortemente que será preciso uma revolução para se livrar dela.

"Considero a última menos provável, assassinato como a mais provável... e nenhuma delas é da nossa conta aqui em Tertius. Há um bilhão de pessoas em Secundus; deixe-as cuidarem disso. Você e eu salvamos os arquivos e isso é bom; as Famílias mantêm sua continuidade.

"Dentro de alguns anos importaremos equipamento para você, ou seu sucessor, para instalar o tipo de negócio computadorizado que você tem em Secundus. Atena pode armazenar os dados até estarmos instalados. Enquanto isso, deixarei o recado de que os arquivos estão aqui ecoar também pelos planetas desabitados. Vou anunciar, também, que esta é uma sede alternativa das Famílias, onde os Curadores são bem-vindos para se reunirem."

— Sr. Presidente — disse Atena —, o sr. Jones perguntou se eu sei quando o

senhor estará pronto para almoçar.

— Por favor, diga a ele que estaremos lá num momento. Nenhuma pressa em nada disto, Justin; seja paciente, os problemas tendem a se resolver por si mesmos... e paciente é tudo quanto se pode ser quando leva anos divulgar uma mensagem, mesmo entre os planetas mais densamente povoados. Portanto, espere cem anos. Um recado particular para você. Você é um de nós agora? Membro desta família e pai de nossos filhos?

— Sim. Quero ser.

— Você quer formalizar isso? Muito bem, aqui está um contrato curto, e mais tarde você pode ter qualquer ritual que quiser. Justin, você é nosso irmão? Até as estrelas envelhecerem e o nosso sol esfriar? Você lutará por nós, mentirá por nós, nos amará... e nos deixará amá-lo? — Sim.

— Isso resolve o caso; Atena registrará... registro aberto, Atena.

— Registrado, Lazarus. Bem-vindo à família, Justin!

— Obrigado, Atena.

— A mensagem particular é esta, Justin. Tamara me pediu para dizer a você, se você se casasse conosco, que ela vai pedir a Ishtar para cancelar sua imunidade à gravidez. Ela não disse que isso era exclusivamente para você. Pelo contrário, disse-me que espera ter filhos com cada um de nós tão rapidamente quanto possível; aí ela se sentiria pelo menos completamente na família. Apesar de tudo, estou certo de que tal decisão foi provocada pela sua chegada... assim, o resto de nós esperará e aplaudirá enquanto você planta o primeiro... nossa Tammy vai gostar disso.

Meus olhos se encheram de lágrimas de repente, mas mantive minha voz firme.

— Lazarus, não acho que seja isso o que Tamara quer. Acho que ela quer apenas ser completamente um membro da família... e eu também!

— Bem... talvez seja. De qualquer maneira, Ishtar guarda as respostas genéticas consigo. Talvez ponhamos em fila todas as garotas e vejamos o que um galo novo pode fazer. Fim da conferência restrita, Tena.

— Está certo, amigo velho. E daqui a cem anos você pode pôr em fila todos os homens para mim. Aposto que poderei agarrá-los.

— Provavelmente, querida.

Variações Sobre um Tema XVI

Eros

— Lazarus, quer passear comigo? Lá fora? — perguntou Minerva.

— Irei se você sorrir. Ela esboçou um sorriso.

— Nenhum de nós tem muita vontade de sorrir hoje. Mas tentarei.

— Com a breca, querida, você sabe que eu não partirei em nenhuma ocasião, nestas condições. Exatamente como no salto de calibragem que as gêmeas e eu demos.

— Sim, querido. Podemos ir? Ele apalpou o saio dela.

— Acho que sim. Onde está o seu revólver?

— Preciso usá-lo? Quando você está comigo? Usá-lo-ei sem falta... enquanto você estiver fora.

— Bem... É um mau precedente. Está bem. Eles pararam no vestibulo. Minerva disse:

— Atena, querida, por favor diga a Tamara que estarei de volta a tempo de ajudar com o jantar.

— Sem dúvida, mana. Espere... a garota Tammy diz que não precisa de ajuda; logo, não se apresse.

— Obrigada, irmã. E agradeça a Tammy por mim. — Eles deixaram a casa e começaram a subir uma colina suave. Pouco depois ela disse: — Amanhã.

— Amanhã — repetiu Lazarus. — Mas não faça isso parecer um canto fúnebre. Já disse tudo isso a você, embora esta viagem dure para mim dez anos T de tempo dispendido, será no máximo de algumas semanas para vocês em casa, e menos ainda para as gêmeas. Qual é o motivo para ficar solene?

Em vez de responder, ela perguntou:

— Quanto tempo viverei?

— Hein? Minerva, que tipo de pergunta é essa? Não muito, se negligenciar as precauções ordinárias, tais como andar armada e ficar alerta. Você quer dizer sua expectativa de vida... bem, se os geneticistas souberem do que estão falando, você tem exatamente a expectativa com que eu nasci, e não importa que eu seja uma anomalia; transmito isso para você. Entretanto, mesmo que eles estejam enganados quanto àquele gene complexo do duodécimo par de cromossomos, não há dúvida possível de que você é uma Howard em todos os genes. Portanto, está em condições de viver dois séculos sem fazer força. Com disposição de passar pelo rejuvenescimento cada vez que atingir a menopausa, porém, não posso imaginar quanto tempo você durará... eles ficam sabendo mais a respeito todos os anos. Desde que você queira viver, provavelmente. Por quanto tempo será isso?

— Não sei, Lazarus.

— Então o que a está preocupando, querida? Lamenta ter desistido de ser uma computadora para ser de carne e osso, vulnerável?

— Ah, não! — Depois ela acrescentou: — Mas algumas vezes isso magoa.

— Sim. Algumas vezes.

— Lazarus... se você tem certeza de que vai voltar... por que você reorientou Dora para que sua afeição se fixe em Lori e Lazi em vez de em você?

— Isso é tudo o que a está preocupando? Uma precaução de rotina, é tudo. Por que Ira fez um novo testamento quando estabelecemos a nossa família? Por que todos nós temos testamentos guardados com Tena? Minhas irmãs serão donas do *Dora*; elas já o dirigem. Se alguma coisa me acontecer... lembra-se de uma coisa que você disse anos atrás? Você disse a Ira que se destruiria, em vez de servir a outro senhor.

— Acha provável que eu deixasse de ter uma lembrança dessas? Aquele dia conduziu a este, por concatenação inevitável. Lazarus, deixei para trás muitas das minhas memórias... mas pesquisei e repesquisei todas as conversas que Minerva já teve com você. Cada palavra.

— Então você sabe por que não me arriscarei a magoar uma computadora que acha que é uma garotinha... e por que não me atrevo a arriscar uma disfunção emocional numa computadora de pilotagem em algum lugar lá fora entre as estrelas... quando a vida das minhas irmãs depende dessa computadora. Minerva, eu teria unido Dora a Lori e Lazi apenas por causa de Dora; ela precisa amar e ser amada. Mas, se eu tivesse negligenciado em fazer isso como precaução de segurança pelas gêmeas... bem, um homem que se recusa a levar em conta a própria morte ao fazer planos é um tolo. Um tolo egoísta que não ama ninguém.

— Você não é isso, Lazarus, você nunca foi isso.

— Ah, sim, fui! Levei anos intermináveis para aprender. Novamente ela deixou o tempo passar antes de falar.

— Lazarus... muitas vezes fiquei pensando sobre Llita.

— Sobre Llita? Hein?

— E sobre ela, mais ainda do que sobre Llita. Pareço-me realmente com ela?

Ela parou e ficou olhando para ela. Estavam perto do alto da colina agora, não podendo ser vistos da casa.

— Não sei. Como posso saber? Mil anos... As lembranças se desvanecem e se misturam. Acho que você se parece com ela. Sim, parece.

— É por isso que você não pode me amar? Cometi algum engano terrível desejando parecer-me com ela?

— Mas, querida... eu a amo.

— É mesmo? Lazarus, você nunca partilhou esta dádiva comigo. — De repente ela desenrolou o saíote e deixou-o cair na grama. — Olhe para mim, Lazarus. Eu

não sou ela. Por sua causa gostaria de poder ser. Mas não sou... e que fiz eu? Eu era uma computador, tão ingênua! Não pretendi magoá-lo, não pretendi evocar fantasmas em sua mente! Pode me perdoar isto?

— Minerva! Pare, querida! Não há nada a perdoar.

— O tempo urge, você está de partida. Pode me perdoar realmente? Porá um filho seu dentro de mim antes de ir? — Seus olhos estavam derramando lágrimas, mas ficaram olhando para ele com firmeza. — Quero um filho seu, Lazarus. Não pedirei duas vezes... mas não posso deixá-lo partir sem pedir. Em minha ignorância fiz-me parecer com ela... porque você a amava... mas você pode fechar os olhos!

— Amada...

— Sim, Lazarus?

— Ira fecha os olhos? Recusa-se a vê-la?

— Não.

— E Justin? Ou Galahad? Se você pode suportar o meu rosto feio, posso certamente suportar o seu rosto adorável... e, com um pouco de sorte, ele se parecerá mais com você do que comigo. Vamos voltar para casa.

O rosto dela se ergueu.

— O que há de errado com este pequeno bosque?

— Hum. Sim. Agora.

Variações Sobre um Tema XVII

Narciso

- Vamos rever isso outra vez, garotas — disse Lazarus. — Tanto os marcadores de tempo como os pontos de referência do encontro. Dora, você pode ver o globo?
- Poderei se você tirar as mãos do caminho, amigo velho.
- Desculpe, querida, chame-me de Lazarus; não sou seu irmão.
- Quando Lazi e Lori me fizeram sua irmã adotiva, você entrou de graça. Lógico? Lógico. Não lute, amigo; você gosta.
- Está bem, eu gosto, irmã Dora — concordou Lazarus. — Agora cale a boca e deixe-me falar.
- Sim, senhor, comodoro — respondeu o computador-piloto. — Mas tenho isso tudo em diga-me-três-vezes. Não que eu precise desses marcadores de tempo desajeitados... estou calibrada, amigo, calibrada.
- Dora, suponha que aconteça alguma coisa com essa calibragem.
- Não posso. Se uma unidade enguiçar, recaio no di-ga-me-duas-vezes enquanto apago essa unidade e a restauro.
- É mesmo? Você tem estado eufórica desde que as gêmeas a adotaram. Ensinei você a ser pessimista, Dora. Um piloto que não é pessimista não vale coisa alguma.
- Desculpe, comodoro. Vou calar a boca.
- Fale se tiver alguma coisa a dizer. Mas não para depreciar as precauções de segurança. É a minha própria pele preciosa que estou tentando proteger, Dora; portanto, ajude-me. Posso imaginar uma dúzia de maneiras de as suas entranhas poderem me danificar, quer por erro, quer por catástrofe natural... bem como você, mas não adianta preocupar-se. Mas adianta tentar antecipar o que se pode fazer a respeito disso.
- "Tome um caso no qual você esteja funcionando perfeitamente, mas as gêmeas não possam usá-la. Pelo programa, após me deixarem cair, vocês voltarão todas à estrutura do tempo-base e a Nova Roma, e as gêmeas perguntarão pela correspondência atrasada nos arquivos. Quem sabe? Pode haver alguma esperando lá agora mesmo."
- Irmão — interrompeu Lorelei —, "agora" não significa nada. Temos estado em fase irrelevante desde que decolamos.
- Não sofisme, querida. O "agora" a que me refiro é o ano 2.072 da Diáspora ou o 4.291 gregoriano, seu ano de idade adulta. Se é que é.
- Laz, você ouviu isso?
- Você estava pedindo, Lor. Cale-se e deixe o irmão falar.

— O problema está nas próprias palavras, Lorelei. Vocês, garotas... vocês três podem passar parte do trajeto até a Terra inventando uma língua nova e uma sintaxe apropriada para viagens pelo espaço-tempo. Mas este caso imaginário... Vocês aterram em Secundus, vão até os arquivos e perguntam se foi aberta alguma correspondência atrasada com o nome de vocês. Ou de Justin, ou de Ira. Ou mesmo endereçada a mim, como Lazarus Long, ou como Woodrow Wilson Smith. Posso tentar várias maneiras, porque estarei tentando isso de um "agora" alguns séculos antes de a correspondência atrasada transformar-se num meio rotineiro de preservar documentos.

"Portanto, vocês pegam o que quer que haja e voltam para o iate *Dora*... e o encontram de fechadura trancada, com um xerife guardando-o. Confiscado."

— O que!?

— Dora, por favor, não grite no meu ouvido. Isto é um caso hipotético.

— É melhor esse xerife saber atirar direito — disse Lápis-Lazúli sombriamente.

— Lazi — respondeu o irmão —, você já me ouviu dizer nove mil e dezenove vezes que não andamos armados para nos dar coragem holandesa^{69}. Se um revólver a faz sentir-se com três metros de altura e invulnerável, é melhor você ir desarmada e deixar sua irmã dar todos os tiros que forem necessários. Agora me diga por que você não atirou no xerife.

— Sim! — disse Dora. — Quero ser salva!

— Cale a boca, Dora. Laz?

— Hã... não atiramos em tiras. Nunca.

— Não é bem assim. Não atiramos em tiras se houver alguma maneira de evitá-lo. É mais seguro beijar uma cascavel. Em dois mil e poucos anos sempre encontrei um meio de evitar isso... embora eu tenha atirado bastante perto certa vez, para distrair a atenção dela. Circunstâncias únicas. Mas, neste caso hipotético, atirar num tira é pior do que inútil; a Presidenta Temporária confiscou sua nave.

— Socorro — cochichou Dora.

— Por quê? A sra. Barstow nunca faria nada tão rude!

— Eu não disse que foi Susan Barstow. Mas Arabelle, se tivesse continuado, teria gostado de aplicar esse tipo de proeza nos Longs. Digamos que Susan tenha caído morta e que a nova PT seja tão má como Arabelle. Nada de nave e nada de bens... o que é que vocês vão fazer? Lembrem-se, estou dependendo de vocês... ou ficarei preso lá na Idade Média. O que é que vocês vão fazer?

— "Quando em perigo ou em dúvida... corra em círculos, berre e grite"^{70} — recitou Dora.

— Ah, pare com isso, Dora — disse Lápis-Lazúli. — Não entramos em pânico, isso é certo. Temos dez anos nos quais imaginar uma... Ei! Espere um momento; estou usando a estrutura errada. Podemos levar cem anos se necessário. Ou

mais.

— Cem anos é bastante — disse Lorelei. — Em menos tempo do que isso podemos roubar outra nave.

— Pense "grande" — aconselhou Lazarus. — Roube as Plêiades. É muito melhor não roubar nada, Lor.

— Você certa vez roubou uma nave estelar.

— Porque não havia tempo para fazer mais nada. Com bastante tempo à sua disposição, porém, é melhor ser razoavelmente honesta... não infringir regras cuja violação possa fazer você ser apanhada. O dinheiro é a arma universal; adquiri-lo simplesmente exige tempo e engenhosidade, e algumas vezes trabalho. Levantem bastante dinheiro e pode ser que vocês comprem *Dora* de volta. Se isso for impossível, com muito menos dinheiro vocês podem ir para Tertius, onde Ira e a família descobrirão alguma maneira de pôr as mãos numa nave estelar. Ai vocês podem programá-la com o material que Dora deixou em Atena... e vir buscar-me. — E ninguém vai vir salvar-me?

— Dora, querida, isso não aconteceu, e é extremamente pouco provável que aconteça. Mas, se acontecesse e as gêmeas não pudessem salvá-la... digamos que o seu novo dono a tivesse levado metade do caminho para o outro lado da galáxia...

— Vou esmagá-lo da primeira vez que ele tentar aterrar!

— Dora, deixe de ser imbecil. Se alguma vez a perdermos (o que é muito pouco provável) e as gêmeas não puderem salvá-la, mas puderem salvar-me (então, se você tiver cuidado de si mesma, sem nenhuma aterragem forçada ou qualquer outra tolice), nós a acharemos e a levaremos de volta. Nós três. Não importa quantos anos isso leve. Laz? Lori?

— Sem dúvida! "Um por todos e todos por um!" E não somos só nós quatro, Dora; é a família inteira... todos os adultos, todas as nove crianças (podem ser mais, então) e Atena. Irmão, quando Ira propôs que todos nós adotássemos como último nome "Long", gostei tanto disso que não pude gritar com bastante força. Mana, você é Dora Long... e os Longs se ajudam uns aos outros!

— Sinto-me melhor — admitiu a computadoradora, com uma fungada.

— Você nunca teve nada por que se sentir mal, Dora — continuou Lazarus. — Você começou isto insistindo em que minhas precauções eram desnecessárias. Inventei, então, uma situação na qual elas seriam necessárias... especialmente se as gêmeas não puderem chegar aos programas que você deixou com Atena, caso em que elas poderiam ter que recair nos marcadores de tempo e recalibrar. Assim, estou com elas presas em outro planeta e completamente sem dinheiro... Então, o primeiro problema é pôr as mãos em dinheiro. Acham que podem fazer isso, garotas? Em cem anos? Sem serem apanhadas em alguma coisa que as pusesse numa confusão ainda maior?

As gêmeas olharam uma para a outra.

— Lor?

— Naturalmente, Laz. Irmão, é aí que abrimos o nosso bordel sobre um bilhar. Ou em alguma parte.

— Não acho que vocês duas tenham uma vocação verdadeira. E os seus narizes são lamentavelmente como o meu. Isto é, feios.

— Nossos narizes são um atrativo...

— ... porque nos fazem parecer com você...

— ... então, o que é mexerico comum agora, mas inacreditável...

— ... torna-se bastante verossímil logo que o cliente der uma olhada para nós...

— ... e, além dos narizes, nossa aparência é muito boa...

— ... "construídas com o privadas de tijolos", você nos disse...

— ... e ruivas naturais, o que Tammy diz ser dinheiro em caixa...

— ... e parecendo exatamente iguais, mas podendo dar "variedade" a eles...

— ... simplesmente com uma de nós não usando depilatório...

— ... o que nos tornará um espetacular número de irmãs a preços muito altos; Maggie disse isso...

— ... e se você acha que ser calejada não é uma vocação bastante verdadeira...

— ... o que pode ser verdade, e concordamos que nunca seremos a grande artista que Tammy é, apesar de tudo...

— ... Nova Roma vai ficar espantada ao ver como é intensa a nossa vocação...

— ... quando a segurança do nosso irmão está em jogo!

Lazarus respirou fundo.

— Obrigado, queridas. Embora talvez vocês venham a experimentar isso algum dia, espero que não precisem fazê-lo para me salvar. Estou contando mais com a capacidade matemática de vocês, e sua habilidade como navegadoras, do que com a inegável beleza física e espiritual de vocês.

— Ouviu isso, Lor? Dessa vez ele acrescentou "espiritual".

— Acho que ele falou sério.

— Espero que sim. Isso é até melhor do que nos dizer que temos seios tão bonitos como os de Minerva. O que não temos, na verdade.

— Sim, vocês têm — disse o irmão delas, distraído. — Vamos voltar aos pontos de referência e coisas parecidas.

— Acho que vocês deviam dar um beijo nele — disse Dora.

— Mais tarde. Agora vejam, garotas, primeiro encontro, exatamente dez anos T após me soltarem... apesar de vocês terem soltado o corpo de Andy primeiro. Como? Laz ou Lor... não Dora. Naturalmente você sabe tudo isto, Dora; esta revisão é para seres de carne e osso. Falíveis. Laz?

— Fazer Dora descongelá-lo, trazer o seu corpo até quase a temperatura de cremação e pô-lo dentro da atmosfera numa longa inclinação, logo abaixo da velocidade orbital, para que ele se queime completamente, ou quase, antes de atingir... e calcular a balística para atingir as montanhas, no caso de não estar completamente queimado, porque não desejamos ferir ninguém.

— Que montanhas e como vão encontrá-las? Lor?

— Estas, bem aqui. Primeiro ponto de referência, este grande rio que banha o vale central. Onde este outro grande rio chega do oeste é o nosso ponto de referência ao norte, o abismo no qual ele termina é o ponto de referência ao sul; nenhum ponto de referência a oeste. O Arkansas é mais ou menos o meio dessa faixa. As montanhas Ozark são as únicas da faixa... mas atire para o lado sul das montanhas, esta escarpa; o lado norte não é o Arkansas. Irmão, por que isso importa?

— Sentimento, Lorelei. Por mais longe que Andy tenha viajado, e por pequeno que fosse o tempo que passou na Terra, ele estava sempre com saudades do seu lugar de nascimento. A única canção que ele conhecia era uma com um refrão de "Arkansaw, eu vos adoro!" Eu costumava ficar enjoado dela. Mas prometi a ele que levaria o seu corpo de volta ao Arkansas, e isso pareceu confortável-lo quando ele morreu... portanto, faremos isso. Quem sabe? Talvez o doce sujeitinho fique sabendo... o que compensará o trabalho de cumprir seus últimos desejos. Primeiros pontos de referência de encontro?

— Este grande *canyon* — respondeu Lápis-Lazúli. — Segui-lo para leste e virar para o sul, este ponto preto redondo. Uma cratera do impacto de um meteoro. Nenhum ponto de referência digno de confiança e bom em qualquer século a não ser este *canyon*, o maior da Terra. Memorizamos a relação espacial entre *canyon* e cratera para que possamos localizá-lo de qualquer ângulo. Se a luz for certa.

— Estou certa de poder vê-lo numa escuridão de breu — afirmou Dora.

— Dora querida, este exercício se baseia nas presunções pessimistas que Lor e Laz possam ter para achá-lo sem a sua ajuda. Quero que elas conheçam a geografia da Terra tão bem que não tenham que aterrar e olhar para um letreiro de estrada. Nenhuma aproximação perto do solo, absolutamente... exceto para me desembarcar e me recolher. Não pretendo provocar o medo de discos voadores; não desejo chamar nenhuma atenção... algum caipira pode dar-me um tiro. É uma falta de sorte esta nave ter uma forma tal que poderia ser descrita como "disco voador".

— O que é que há com a minha aparência? — perguntou Dora. — Minha aparência é ótima!

— Querida, você é construída como uma privada de tijolos... para uma nave estelar. Você é linda. Acontece que os objetos voadores não-identificados, os ÓVNIS, são também chamados de "discos voadores". Não acredito em paradoxos... mas não desejo chamar nenhuma atenção.

— Irmão, talvez nós sejamos um desses ÓVNIS de que você nos falou.

— Hein? Pode ser, suponho. Se assim for, não vamos ser alvejados. Quero uma viagem tranquila. Se tudo correr bem, talvez possamos deixar uma de vocês descer ao solo comigo na próxima viagem... embora macacos me mordam se não acho que uma ruiva de penteado alto é mais conspícua do que um OVNI. Está bem, a cratera. Pretendo estar lá antes do pôr-do-sol e após o nascer do sol, desde menos dez dias até mais dez dias e mais dez anos. Se eu não estiver lá, o que é que vocês farão?

Lápis-Lazúli respondeu:

— Procuraremos você meio ano T mais tarde, no alto da maior pirâmide de Gizé (isto é, *aqui*) à meia-noite... só que dessa vez procuraremos você de menos trinta dias até mais trinta, porque você não tem certeza de quando poderá chegar lá e poderá conseguir isso apenas uma vez... subornos e coisas. Irmão, devemos sair meio ano-luz e reentrar no eixo do tempo? Ou ficamos em órbita e esperamos?

— Isso é com vocês. Não usarei o encontro egípcio a menos que me depare com algum palerma que torne para mim pouco saudável encontrar com vocês no Arizona. Se eu perder ambas as datas, o que farão vocês? Lori?

— Procuraremos você outra vez em ambos os lugares em onze anos e em onze anos e meio.

— E depois?

Lorelei olhou para a irmã.

— Irmão, com esta parte nós não concordamos...

— ... e isso vale para Dora também...

— Certamente que vale!

— ... porque não presumiremos que você esteja morto...

— ... não importa quantas vezes você perca o encontro...

— ... assim, começaremos a verificar ambos os pontos dia após dia...

— ... e noite após noite...

— ... e mais de nove horas de diferença de hora local significa algumas órbitas parciais estranhas para conferir o nascer e o pôr-do-sol no Arizona e ainda conferir as meias-noites no Egito...

— ... mas Dora pode fazer isso...

— Pode apostar que posso!

— ... e ficaremos procurando você dia após dia...

— ... e ano após ano...

— ... até que você apareça, Sênior.

— Capita Lorelei, se eu perder quatro datas de encontro, estarei morto. Pode presumi-lo. Devo pôr isso por escrito?

- Comodoro Long, se você estiver morto, não poderá dar ordens. Isso é lógico.
- Se você presumir que não estou morto, então minhas ordens ainda se aplicarão... e você deverá desistir da busca. Pela mesma lógica.
- Sênior, se você estiver fora da nave e fora de contato, então dificilmente estará em posição de dar quaisquer ordens. Se você quer ser recolhido, porém, haverá serviço diário da hora da queda mais onze e meio anos T em diante...
- ... e assim por diante, por diante, por diante, porque foi isso o que prometemos à família...
- ... mesmo que tenhamos de ir para casa ocasionalmente para rejuvenescimento...
- ... e para ter bebês, mas nada disso tomará qualquer tempo nessa estrutura de tempo... como você acentuou em relação a outra coisa.

— Motim.

As gêmeas olharam uma para a outra.

— Eu respondo a isso, Laz, tenho que responder... dia ímpar. Comodoro, como você nos ensinou antes de nos deixar assumir o comando no espaço, um comodoro é realmente um passageiro, porque o capitão de uma nave não pode renunciar sequer a um pouquinho da sua responsabilidade total. Portanto, "motim" não é uma palavra que possa ser aplicada.

Lazarus suspirou.

— Criei um par de advogadas espaciais brilhantes.

— Irmão, foi isso o que você nos ensinou. Você ensinou.

— Está bem, ensinei. Vocês ganharam a discussão. Mas é bobagem falar em verificar todos os dias, ano após ano, indefinidamente. Nunca vi a prisão da qual não pudesse escapar em menos de um ano... e já estive num grande número delas. Talvez eu deva cancelar todo salto... não, não, não vou discutir isso! Agora, quanto aos marcadores de tempo, se alguma coisa forçá-las a recalibrar: é bastante simples aterrar e descobrir a data gregoriana exata... mas isso é exatamente o que não quero que façam... porque nenhuma de vocês tem experiência em enfrentar culturas estranhas. Meter-se-iam em confusões e eu não estaria por perto para ajudá-las.

— Irmão, você acha que somos tão estúpidas assim?

— Não, Laz, não acho que vocês sejam estúpidas. Vocês duas têm exatamente o potencial cerebral com que comecei... e não sou estúpido, ou não teria vivido tanto. Além do mais, vocês têm uma instrução muito maior do que eu tinha na sua idade. Mas, queridas, é da Idade Média que estamos falando. Vocês duas foram criadas para esperar um tratamento racional... coisa que não receberiam. Não me atrevo a deixá-las pôr o pé em terra nessa era, mesmo comigo ao lado de vocês, até depois de havê-las treinado interminavelmente em como ser consistentemente irracionais no que fizerem e disserem. Verdadeiramente.

"Não importa", continuou Lazarus, "vocês têm duas maneiras de ver as horas no

espaço. Uma é o método de Libby, monótono mas exequível, vendo as posições dos planetas do sistema solar. O problema com esse método é que, a menos que vocês passem um tempo terrivelmente longo em observações difíceis, podem confundir uma configuração com outra quase igual... mas vários milhares de anos anterior ou posterior.

"Usamos, portanto, as marcações de tempo que podemos encontrar na superfície da própria Terra. A determinação radioativa da data daquela cratera de impacto é provavelmente próxima... mas, de qualquer maneira, se a cratera não estiver lá, vocês chegaram cedo por alguns séculos. As datas da construção da Grande Muralha da China são bastante boas, o mesmo sendo válido para as pirâmides egípcias. As datas do Canal de Suez e do Canal do Panamá são exatas... bem como, infelizmente, a data da destruição da Europa... mas não tentem observá-la! Mantenham os anteparos levantados e dêem o fora depressa; esse é um ano em que uma nave espacial estranha seria alvejada, se vocês forem bastante descuidadas para serem vulneráveis. Na verdade, se qualquer marcador do tempo desta lista mostrar que vocês estão depois de 1940 gregoriano, dêem o fora imediatamente!... e corram para uma data anterior.

"Basta, por enquanto; está chegando a hora de dormir pelo meu tipo de tempo, por irrelevante que isso possa ser para qualquer coisa fora desta nave. Quero que estudem todo este material até poderem recitá-lo dormindo, datas, o que procuram e como achar, mesmo que não tenham um globo terrestre onde olhar. Alguém acha que pode ganhar de mim nas cartas? Não falem todas ao mesmo tempo."

— Eu posso — disse Dora —, se você prometer não roubar ao embaralhar.

— Mais tarde, Dora — disse a capita Lorelei. — Agora vamos contar a ele.

— Ah! Está bem, ficarei bem quieta.

— Contar-me o quê? — perguntou Lazarus.

— Que é tempo de você nos fecundar... Lazarus.

— A nós duas — concordou Lápis-Lazúli.

Lazarus contou mentalmente dez chimpanzés — depois mais dez.

— Absolutamente fora de questão!

Elas olharam uma para a outra. Lorelei disse:

— Sabíamos que você ia dizer isso...

— ... mas a única questão é se você fará isso gentil e amigavelmente...

— ... ou diremos a Ish que você disse "não", e ela fará isso para nós... seu esperma... do banco de esperma...

— ... mas ficaríamos muito mais felizes se o nosso amado irmão, que sempre tem sido bom para nós...

— ... mas que agora vai levar um tiro no rabo na Idade Média ...

— ... vai desistir dos seus preconceitos tolos apenas uma vez...

— ... e tratar-nos como mulheres biologicamente maduras...
— ... em vez das crianças que éramos...
— ... Ira, Galahad e Justin não nos tratam como crianças...
— ... mas você trata, e isso não é apenas humilhante; é de partir o coração, quando podemos nunca mais vê-lo outra vez...
— ... quando você não criou nenhum caso verdadeiramente ao ter relações com Minerva...

— ... para não mencionar Tammy, Hamaquerida e Ish...

— Parem com isso! Elas pararam.

— Concordo com uma possibilidade remota a respeito delas três, embora matematicamente muito pouco provável.

— Matematicamente bastante provável, Lazarus — disse Lorelei calmamente —, porque estávamos todos nisso. Justin, Ira e Galahad relutaram nas ocasiões certas da mesma maneira como garantiram que o primeiro filho de Minerva era de Ira e o primeiro de Tammy era de Justin. Mas se isso não funcionasse (para qualquer uma das quatro, não "três"), então Ishtar corrigiria pelo banco de esperma.

— Eu não estou no banco de esperma!

As garotas trocaram olhares. Lápis-Lazúli perguntou:

— Quer apostar?

— Isso é uma aposta de trouxa, amigo — disse Dora. Lazarus ficou pensativo.

— A menos que Ishtar me tenha enganado há quase vinte anos. Quando era seu cliente de rejuvenescimento.

— Suponho que ela possa ter feito isso, Lazarus — disse Lorelei calmamente. — Mas não o fez, ao que eu saiba... e este esperma é fresco. Congelado há não mais de um ano, todo ele. Depois do dia em que você anunciou a data para esta viagem.

— Impossível.

— É melhor não dizer "Impossível". Qual é o recipiente perfeito para manter o esperma fresco e vivo até que um técnico possa pô-lo no banco?

Lazarus ficou muito pensativo.

— Bem... Macacos... me... mordam!

— Correto, irmão. Ponha uma mulher em volta dele. Você estava tendo, hã, tanto cuidado em escolher suas companheiras de cama pelos seus ciclos, de forma a não deixar nenhum bebê atrás... e elas estavam tendo, hã, tanto cuidado em ver Ish ou Galahad logo que você dormia... bem como falsificando calendários também. A questão é, amado irmão nosso, que você não é o dono dos seus genes... ninguém é. Ouvimos você dizer isso, ao discutir como Minerva foi construída. Os genes pertencem à raça; são simplesmente emprestados ao

indivíduo enquanto vive. E nós todos, sabendo que você ia tentar essa coisa imprudente, resolvemos que, embora você seja livre para jogar fora sua vida, não é livre para desperdiçar um padrão genético único.

Lazarus mudou de assunto.

— Por que vocês dizem "quatro"?

— Irmão, você tem vergonha de Minerva? — respondeu Lorelei. — Não acredito nisso. Nem Laz.

— Ora... Não, não tenho vergonha dela, tenho orgulho! Que diabo, vocês duas sempre conseguiram confundir-me.

Eu simplesmente não sabia que ela tinha contado a alguém. Eu não contei.

— Quem ela recorreria senão a nós? — perguntou a outra gêmea.

— Você quer dizer "A quem ela recorreria".

— Que diabo, irmão, esta é uma péssima ocasião para corrigir a nossa gramática! Minerva procurou-nos em busca de conselho... e conforto! Porque estávamos na mesma posição difícil que ela em relação a você. Em que ela estava, quero dizer, porque ela saiu do mato parecendo tão cheia de si como uma gata. Você a fez feliz...

—... quando estava se acabando de tanto chorar...

—... e ela ficará feliz agora, mesmo que não tenha...

—... porque uma vez é o bastante como símbolo, e se ela não.

—... Ish resolverá isso...

—... e naturalmente sabíamos disso quando você finalmente desistiu de vacilar e fez o que devia ter feito por ela anos atrás...

— ... porque ajudamos a preparar a coisa de forma a que ela pudesse pegá-lo sozinho e torcer o seu braço...

— ... e dissemos a ela que, se as lágrimas não bastassem, devia recorrer a um pouco de tremor no queixo...

— ... e isso funcionou e ela está feliz...

— ... mas que diabo, nós não estamos tão felizes, absolutamente, mas não choraremos para você...

— ... nem faremos nosso queixo tremer; isso seria infantil. Se você não fizer isso simplesmente porque nos ama...

— ... então para o diabo com isso, e provavelmente não recorreremos sequer ao banco de esperma. Em vez disso...

— ... pode ser melhor mandar Ish nos esterilizar...

— ... permanentemente... não apenas interromper a fertilidade temporariamente...

— ... e desistiremos de ser mulheres, já que somos um fracasso nisso.

— PAREM COM ISSO! Se vocês não vão chorar para mim, para que essas lágrimas?

— Essas lágrimas não são de choro, irmão — disse Lápis-Lazúli com calma dignidade. — São de puro desespero. Vamos, Lor; aplicamos um murro e erramos... vamos para a cama.

— Estou indo, irmã.

— Se o comodoro nos der licença.

— Com os diabos, ele não dará! Sentem-se novamente. Garotas, será que podemos conversar calmamente sobre isto sem vocês duas me torturarem?

As duas jovens se sentaram outra vez. A capita Lorelei olhou para a irmã e disse:

— Laz concorda em que eu fale por nós duas. Nada de torturas.

— Vocês duas operam os seus cérebros em série ou em paralelo? — disse Lazarus, pensativo.

— Nós... não achamos que isso seja relevante para a discussão.

— É apenas interesse científico. Se vocês puderem me ensinar como fazer isso, nós três poderemos formar um ótimo time.

— Isso só pode ser hipotético, Lazarus... já que nos rejeita.

— Que diabo, garotas! Eu não as rejeitei, eu nunca as rejeitarei.

Elas não disseram nada; ele continuou, embaraçado:

— Há dois aspectos nisto: um é genético, o outro é emocional. Genético... Nós três somos um caso estranho; homem e mulher, contudo quase idênticos. Mais do que quase... quarenta e cinco, quarenta e seis avós, para ser exato. O que torna a probabilidade de um mau reforço muito maior do que para irmãos comuns. Mas, além disso, somos Howards apenas por cortesia, porque os nossos genes não sofreram cerca de vinte e quatro séculos de seleção sistemática. Estou tão perto da frente da coluna que não houve absolutamente nenhuma seleção. Meus quatro avós estavam entre os primeiros selecionados; portanto, quando nasci, em 1912 gregoriano, não tinha atrás de mim nenhuma endogamia, nenhuma seleção, nenhuma limpeza do conjunto de genes. E vocês, queridas, estão no mesmo apuro, porque mesmo esses quarenta e seis avós de cromossomos vêm de mim, já que eles copiam o meu quadragésimo quinto. Apesar disso, vocês duas parecem querer aceitar este alto risco de reforço.

Ele fez uma pausa. Não houve comentários. Ele encolheu os ombros e continuou:

— A objeção emocional vem apenas de mim; vocês duas não parecem tê-la... é razoável, suponho, já que o conceito em que ela se baseia (do Velho Testamento) foi substituído pelo conceito de seguir o conselho dos geneticistas das Famílias. Não estou discutindo a sabedoria disso; concordo com eles... já que dizem "não" a um casal de estranhos sem parentesco tão prontamente como a irmãos, se os gráficos de genes derem "não" como resposta. Mas eu estava falando de sentimentos, não de ciência. Acredito que somente os estudiosos ainda lêem o Velho Testamento, mas a cultura em que fui criado estava encharcada das

atitudes dele... o "Cinturão da Bíblia", vocês me ouviram chamá-lo assim. Garotas, é difícil uma criança se libertar de qualquer tabu com que tenha sido doutrinada nos seus primeiros anos. Mesmo que ela saiba mais tarde que eles não têm sentido.

"Tentei proceder melhor com vocês duas. Tive tempo suficiente para separar meus tabus e meus preconceitos do que sei realmente, e tentei (tentei com muito esforço!) não infligir a vocês duas quaisquer das bobagens irracionais com que me alimentaram sob o pretexto de me educarem. Aparentemente tive sucesso, ou nunca teríamos chegado a este impasse. Mas aí está ele... Vocês duas são jovens modernas... mas, embora partilhemos o mesmo gene, sou um velho selvagem de uma época muito sombria." Ele suspirou. "Lamento."

Lorelei olhou para a irmã; as duas se levantaram.

— Sênior, pode dar-nos licença?

— Hein? Nenhuma contestação?

— Sênior, uma discussão emocional não permite nenhuma refutação. Quanto ao resto, por que devemos cansá-lo com argumentos quando já se decidiu?

— Bem... talvez tenham razão. Mas ouviram-me cortesmente. Quero dedicar-lhes o mesmo respeito.

— Não é necessário, Sênior. — Seus olhos e os de sua irmã estavam marejados de lágrimas; elas as ignoraram. — Estamos certas do seu respeito e, à sua maneira, do seu amor. Podemos ir?

Antes que Lazarus pudesse responder, a computadora disse francamente:

— Ei! Quero dar meu palpite nisso!

— Dora! — repreendeu-a Lorelei.

— Não me venha com isso, Lor. Não vou ficar educadamente calada enquanto minha família faz papel de idiota. Amigo, Lor não contou a você sobre o mau-olhado que elas pretendem infligir-lhe... e que eu ainda posso. E o farei!

— Dora, não queremos esse tipo de ajuda. Laz e eu concordamos nisso.

— É verdade. Mas vocês não me pediram para votar a respeito disso. E não sou nenhuma dama, nunca fui. Amigo velho, você sabe que não faz nenhuma diferença para mim quem faz o quê a quem; não me importa nada... exceto que é muito engraçado ouvi-las gritar e resmungar. Mas você está sendo mesquinho com minhas irmãs. Lor e Laz falaram sobre o fato de você não poder fazer esta viagem sem a ajuda delas... e rejeitaram esse trunfo como estando abaixo da dignidade delas, ou alguma asneira dessas. Mas eu não tenho nenhuma dignidade. Sem a minha ajuda ninguém faz uma viagem pelo tempo. Bolas, se eu entrar em greve, *vocês não poderão nem voltar para Tertius. Poderão?*

Lazarus ficou ironicamente surpreso, depois sorriu.

— Motim outra vez. Dorável, concordo com o seu argumento; você pode nos manter aqui fora (onde quer que seja "aqui") até morrermos de fome.

Desconfiei séculos atrás de que um ser de carne e osso poderia algum dia se encontrar exatamente numa situação irremediável destas. Mas, querida, não permitirei que suas ameaças afetem a minha decisão. Você pode impedir a minha viagem pelo tempo... mas duvido que deixe Lor e Laz morrerem de fome. Vocês as levará para casa.

— Ah, diabo, vovô... você está sendo mesquinho outra vez. Você não passa de um verdadeiro filho da puta! Sabe disso?

— Culpado em ambas as acusações, Dora — admitiu Lazarus.

— E Lor e Laz estão sendo estupidamente obstinadas. Lor, ele ofereceu-lhe delicadamente uma oportunidade de dizer o que quisesse... e você recusou. Sua cadela teimosa!

— Dora, comporte-se.

— Para quê? Vocês três não se comportam! Assoem seus narizes, sentem-se e contem tudo ao amigo. Ele tem direito a isso.

— Talvez seja melhor vocês fazerem isso — disse Lazarus amavelmente. — Sentem-se, garotas, e conversem comigo. Dora? Fique firme entre as âncoras, garotinha... e ainda a levaremos para o porto.

— Sim, senhor comodoro! Mas você dê um jeito nessas duas cadelas tolas. Hein?

— Tentarei. Quem é a porta-voz desta vez? Laz?

— Não importa — respondeu Lápis-Lazúli. — Eu falarei por nós. Não se preocupe com Dora. Quando perceber que estamos contentes em aceitar sua decisão, ela deixará de dificultar as coisas.

— Ah, você acha isso, acha? Componha-se, Laz... ou estaremos de volta a Boondock antes que você possa dizer "pseudo-infinitos de Libby".

— Por favor, Dora, deixe-me contar ao irmão.

— Certifique-se apenas de contar-lhe tudo... ou direi a ele coisas que aconteceram aqui um ano inteiro antes de ele dizer que vocês tinham idade suficiente. Lazarus piscou e ficou interessado.

— Bem, bem! Vocês roubaram um desfile por minha conta?

— Bem, mamãe Ishtar nos disse que tínhamos idade suficiente. Era você que estava sendo ranzinza quanto a isso.

— Hum... combinado. Algum dia preciso contar a vocês uma coisa que aconteceu comigo, quando era moço, numa torre de igreja.

— Estou certa de que gostaríamos de ouvir isso, irmão... mas você quer nos ouvir agora?

— Quero. Dora e eu ficaremos calados.

— Deixe-me dizer, como prefácio, que não vamos pedir a Ishtar que lhe contrarie os desejos usando o banco de esperma. Mas há outras possibilidades às quais dificilmente você pode objetar. Considere como nascemos. Eu podia facilmente ter um clone implantado do meu próprio tecido, bem como Lor,

embora possamos trocar os clones... por motivos puramente sentimentais, já que temos genes idênticos. Você vê alguma coisa errada nisso? Genética ou emocionalmente? Ou de outra forma?

— Hum... não. Fora do comum... mas isso é com vocês.

— Tão fácil (já que Ishtar tem tecido vivo seu *in vitro*), como clonar você... e Lorelei e eu teríamos gêmeos univitelinos, ambos "Lazarus Long" em todos os genes... faltando apenas sua longa experiência. Você acharia isso ofensivo?

— Hein? Agora espere um minuto! Deixe-me pensar.

— Deixe-me acrescentar que consideramos isto como um último recurso... se você estiver morto. Se você não voltar.

— Não comece a fungar outra vez! Ah, se eu estiver morto, não poderei votar nisso, não é?

— Não; porque se nós não fizermos isso, então Ishtar plantará o seu clone em uma das outras... ou nela mesma, com a ajuda de Galahad. Mas se Lorelei Lee e eu fizermos isso... gostaríamos muito mais de fazê-lo com a sua bênção.

— Hum... considerando que estaria morto... está bem, está bem, têm a minha bênção. Apenas uma coisa...

— O que, irmão?

— Castigue a pestinha. Ou as "pestinhas". Fui terrível. Vocês duas eram suficientes para seis... mas eu fui *intratável*. Se a gente não impõe a autoridade desde o berço, ele... eles... *eu*, que diabo, "eu" darei a vocês tanto desgosto que suas vidas não merecerão ser vividas.

— Tentaremos enfrentar... "você", Lazarus... e temos a vantagem de saber que, hã, você não passa mesmo de um filho da puta.

— Ai! Estou sangrando?

— Você manda com o seu queixo, irmão. A verdade é que você nos mimou... e pode ser que achemos difícil não mimá-lo. Teremos em mente, porém, o seu conselho. Mas queremos dizer isto antes de abandonarmos o assunto da genética. Quantos filhos você teve?

— Hã... demais, talvez.

— Você sabe exatamente quantos, bem como nós... e é um número suficientemente grande para ser verificado como um universo estatístico. Quantos eram defeituosos?

— Hã... nenhum, pelo que eu saiba.

— Exatamente nenhum. Ishtar deu-se ao trabalho de verificar, e Justin confirmou isso pelo seu estudo dos arquivos. Irmão, não sei quão fora do comum isto pode ter sido no século XX gregoriano... mas você tem um gráfico de genes limpo... e portanto nós também, naturalmente.

— Agora espere um minuto! Não estou realmente atualizado em genética, mas...

— ... mas Ishtar está. Quer discutir com ela? Nós aceitamos as afirmações dela; Lor e eu não somos geneticistas... ainda. Mas temos, registrado em Dora, o relatório formal de Ishtar sobre o seu gráfico genético. Se você quiser. Não que achemos que isso faça alguma diferença; você está nos rejeitando por motivos que nada têm a ver com a genética.

— Agora vá devagar! Não estou rejeitando vocês.

— É isso que nos parece. Somos construções artificiais; os hábitos *soi-disant* "incestuosos" de outra época e circunstâncias totalmente diferentes não se aplicam a nós, e você sabe disso; isso é apenas uma desculpa para evitar uma coisa que você não quer fazer. Acasalar-se conosco pode ser mas-turbação, mas não pode ser incesto porque não somos suas irmãs. Não somos suas parentas em qualquer sentido normal; nós somos *você*. Todos os nossos genes vêm de você. Se nós o amamos (e amamos), e se você nos ama (e ama, um pouco, à sua moda indireta e cautelosa), é um narcisista, ama a si mesmo. Mas desta vez, se você ao menos pudesse entender, esse amor narcisista pode ser consumado. — Ela parou e engoliu em seco. — Isso é tudo. Vamos Lor; vamos dormir.

— Esperem, garotas! Laz, Ishtar diz que isso é seguro?

— Você me ouviu dizer isso. Mas você não quer fazer... então para o diabo com isso!

— Eu nunca, em tempo algum, disse que não queria. Por que você acha que parei de fazer carinho em vocês duas, macaquinhas espertas, quando começaram a crescer?

— Ora, amigo!

— Porque devo ser o próprio Narciso... porque acho que as minhas duas gêmeas idênticas são as donas mais lindas, mais *sexy*, . . e mais assanhadas que já vi.

— Você acha? Acha realmente?

— Vocês me ouviram. Parem de tremer os seus malditos queixos! Por isso, quando vocês começaram a ficar "boas", comecei a manter minhas mãos longe de vocês. Mas... se Ishtar diz que está bem...

— Ela disse!

— Suponho que, desta vez, posso conseguir dois minutos para cada uma de vocês. Lorelei ficou ofegante.

— Você ouviu isso, Laz?

— Ouvi. "Dois minutos."

— Rude, bruto e vulgar. — Insultante.

— Enfurecedor.

— Mas aceitamos...

— ... *agora* mesmo!

As Colinas Verdes

O iate estelar *Dora* pairou dois metros acima do pasto, com a escotilha inferior iridescente aberta. Lazarus deu em Lazi e Lori um último abraço rápido e saltou para o chão — rolou com o impacto, ficou de pé e afastou-se apressadamente do campo da nave. Acenou, e a nave se ergueu em linha reta para o alto, uma nuvem negra, redonda contra as estrelas. Depois foi embora.

Ele olhou rapidamente em torno de si — A Ursa Maior... a Estrela Polar... está bem, cerca daquele lado, estrada adiante, e... fantasma de César! Um *touro!*

Saltou a cerca, evitando-a por centímetros, alguns metros à frente do touro.

Lazarus estava se movendo tão depressa que sua velocidade tornou necessária outra aterrissagem, rolando. Terminou no meio de uma estrada de terra sulcada, enquanto refletia que muitas aterrissagens desse tipo não melhorariam sua aparência. Apalpou os bolsos, especialmente um bolso extra escondido pela aba do seu macacão, e decidiu que não faltava nada. Sentiu a falta do conforto de uma arma na cintura — mas sabia que qualquer tipo de revólver seria um erro, para esse tempo e lugar. O fac-símile de um canivete grande era tudo o que levava.

Seu chapéu... A vala? Não. Dez metros dentro da cerca... que bem poderiam ser dez quilômetros; o touro estava de olho nele. Não era necessário um chapéu, e se alguém o encontrasse e notasse que não era propriamente comum... bem, não havia nada que o ligasse a ele. Esqueça.

Estrela Polar outra vez.. Aquela cidade devia estar a cerca de oito quilômetros por essa estrada, direto como voa a tartaruga. Ele partiu.

Lazarus parou em frente à tipografia do *Democrata*, do condado de Dade ^{72}, olhando para as folhas colocadas dentro da vitrina, mas sem ler. Estava pensando. Acabara de ter um choque, e a simulação de continuar a ler jornais afixados permitiu-lhe fazer isso com calma. Ele havia lido uma data, e agora precisava reconstituir um pouco de história antiga. Primeiro de agosto, 1916 — mil novecentos e dezesseis?

Viu refletido no vidro o vulto que se aproximava pela calçada — pesadão, de meia-idade, usando um cinturão de revólver quase escondido pela barriga, que transbordava, um revólver no coldre da coxa direita, uma estrela do lado esquerdo do peito; quanto ao mais, estava vestido de maneira muito parecida com Lazarus. Ele continuou a olhar para a primeira página afixada do *Journal*, de Kansas City.

— Bom dia. Lazarus virou.

— Bom dia... delegado.

- Apenas guarda, filho. Estranho por aqui? — Sim.
- De passagem? Ou em casa de alguém?
- De passagem. A menos que encontre trabalho.
- Essa é uma boa resposta. Qual é a sua profissão?
- Fui criado numa fazenda. Mas entendo de mecânica em geral. Ou qualquer coisa, por um dólar honesto.
- Bem, vou lhe dizer. Não há muitos fazendeiros contratando gente agora. Quanto ao resto, as coisas são meio paradas no verão. Hum, você não é um daqueles IWW [\[73\]](#), não?
- "IW" o quê?

— Um *wobbly* [\[74\]](#), filho... você não lê os jornais? Esta é uma comunidade cordial, sempre disposta a receber visitantes.

Mas não desse tipo. — A lei local ergueu uma das mãos para limpar o suor e fez um sinal de reconhecimento da loja [\[75\]](#). Lazarus sabia como responder-lhe... e decidiu não fazer isso. "Onde fica a sua loja?" Essa é uma boa pergunta, oficial, portanto não deixemos que seja feita.

— Bem, já que você não é um deles — continuou o guarda —, pode perguntar por aí e ver se alguém precisa de ajuda. — Olhou para a primeira página, que Lazarus fingia ler. — Terrível o que esses submarinos estão fazendo, não é?

Lazarus concordou.

— Contudo — acrescentou o oficial —, se as pessoas ficassem em casa e cuidassem da própria vida, isso não aconteceria. Viva e deixe viver, eu sempre digo. Que igreja você frequenta?

— Bem, minha família é presbiteriana.

— É mesmo? Parece que você não a tem frequentado ultimamente. Bem, eu mesmo falto algumas vezes, quando os peixes estão mordendo. Mas... Vê aquela igreja no fim da rua? A torre através dos olmos. Se você encontrar trabalho, ora, venha domingo, às dez horas; permita-me estender-lhe a mão direita da amizade. Metodista episcopal, mas não há muita diferença. Esta é uma comunidade tolerante.

— Obrigado, oficial; estarei lá.

— Ótimo. Muito tolerante. Principalmente metodistas e batistas... apenas alguns mórmons nas fazendas em redor. Bons vizinhos, sempre pagam suas contas. Alguns católicos, e ninguém é contra eles por causa disso. Ora, temos até um judeu.

— Parece uma boa cidade.

— E é. Opção local e vida limpa. Apenas uma coisa... se você não encontrar trabalho... a cerca de oitocentos metros além da igreja você encontrará um leiteiro dos limites da cidade. Se estiver desempregado e não tiver um endereço,

é melhor estar do outro lado dele ao pôr-do-sol.

— Compreendo.

— Ou terei de prendê-lo. Nenhuma animosidade; a coisa simplesmente é assim. Nenhum vagabundo ou preto após o pôr-do-sol. Não faço as regras, filho; apenas faço-as serem cumpridas ... e é assim que o juiz Marstellar define um vagabundo. Algumas das nossas boas senhoras o têm pressionado... coisas roubadas dos varais e outras parecidas. Assim, são dez dólares ou dez dias... o que não é muito ruim, porque o xadrez fica na minha casa. A comida não é caprichada porque só me dão quarenta centavos por dia para alimentar um prisioneiro... embora por mais cinqüenta centavos você possa comer o que nós comemos. Nenhuma intenção de tornar as coisas difíceis, você compreende... mas apenas porque o juiz e o prefeito pretendem manter este lugar sossegado e dentro da lei.

— Compreendo. Certamente nenhuma animosidade... porque o senhor não terá ocasião de me prender.

— Alegra-me sabê-lo. Qualquer coisa em que possa ajudá-lo, filho, basta avisar-me.

— Obrigado. Talvez o senhor possa me ajudar neste momento. Conhece alguma privada que um estranho possa usar? Ou é melhor eu tentar agüentar até estar fora da cidade e poder encontrar algumas moitas?

— Ah — o guarda sorriu —, acho que podemos ser hospitaleiros a esse ponto. O tribunal possui um toailete verdadeiro com descarga... mas não está funcionando. Deixe-me pensar. O ferreiro, adiante nesta rua, algumas vezes atende automobilistas de passagem. Irei até lá com você.

— Isso é muito amável de sua parte.

— Será um prazer. É melhor dizer-me o seu nome.

— Ted Bronson

O ferreiro estava aparando o casco de um animal jovem e castrado. Ergueu os olhos.

— Olá, diácono.

— Olá, Tom. Este jovem amigo meu, do Kansas, Ted Bronson, está com um problema urgente. Ele pode usar a sua privada?

O ferreiro examinou Lazarus.

— Sirva-se, Ted. Tente agüentar até chegar ao fundo da seção de arreios.

— Obrigado, sr. Tom.

Lazarus seguiu o caminho atrás da loja; ficou satisfeito ao descobrir que a privada tinha uma porta sem fendas e podia ser fechada por dentro. Meteu a mão no bolso extra escondido pela aba do macacão e tirou o dinheiro.

Notas de papel convincentes em todos os detalhes; eram cópias restauradas de originais do Museu de História Antiga de Nova Roma — "contrafações" por

definição, mas as restaurações eram tão perfeitas que Lazarus não teria hesitado em passá-las em qualquer banco — exceto por uma coisa: que datas tinham elas? Separou apressadamente o papel-moeda em dois montes: 1916 e antes, e pós-1916; depois, sem hesitar ou parar para contar, enfiou as notas usáveis num bolso, rasgou uma página do catálogo da Montgomery Ward ^[76] dentro da caixa de sabugos de milho, embrulhou as notas inúteis para que não pudessem ser identificadas como dinheiro e jogou o embrulho dentro da fossa. Em seguida, tirou as moedas que ainda estavam naquele bolso secreto e conferiu suas datas.

Notou que a maioria delas trazia datas de cunhagem comprometedoras — estas acompanharam o papel-moeda. Gastou um segundo inteiro admirando uma réplica perfeita de moeda de cinco centavos — que coisa bonita! Pensou gravemente, pelo menos por dois segundos, numa maciça moeda de ouro de vinte dólares. Ouro era ouro; seu valor não diminuiria se ele a derretesse ou batesse até transformá-la numa massa informe. Mas ela era um risco até ele poder desfigurá-la, porque o palhaço da próxima cidade poderia não ser tão amistoso quanto o desta. Lá foi ela para baixo.

Sentiu-se aliviado então. Dinheiro "falso" era um crime sério ali, dava um certo número de anos em prisões desagradáveis e de onde era difícil fugir. Mas a falta de dinheiro era um inconveniente corrigível. Lazarus havia pensado em chegar absolutamente sem dinheiro algum, depois havia concordado em levar o suficiente para alguns dias, para permitir-lhe olhar em volta, reorientar-se, habituar-se aos costumes e à língua outra vez, antes de ter que lutar pela vida — nunca havia pensado em tentar levar o bastante para dez anos.

Não importava, aquilo era mais divertido — e um bom exercício para a tarefa muito mais difícil de enfrentar uma era que nunca havia conhecido. A Inglaterra elisabetana — esse seria um verdadeiro desafio.

Contou o que lhe restara: três dólares e oitenta e sete centavos. Nada mau.

— Pensei que você tivesse caído lá dentro — disse o ferreiro. — Sente-se melhor?

— Muito melhor. Obrigado.

— De nada. O diácono Ames afirma que você é mecânico.

— Sou hábil com ferramentas.

— Já trabalhou alguma vez numa ferraria?

— Já.

— Deixe-me ver suas mãos. — Lazarus deixou suas palmas serem inspecionadas. O ferreiro disse: — Sujeito de cidade.

Lazarus não fez comentários.

— Ou será que você conseguiu essas mãos macias na prisão?

— Suponho que isso possa explicar o fato. Obrigado mais uma vez pelo uso das suas instalações.

— Espere um pouquinho. Trinta centavos por hora e você fará o que eu mandar... e poderei despedi-lo após a primeira hora.

— Está bem.

— Conhece alguma coisa sobre automóveis?

— Um pouco.

— Veja se consegue fazer aquele Tin Lizzie ^{77} funcionar. — O ferreiro apontou com a cabeça para o lado oposto da loja.

Lazarus saiu e examinou o Ford que havia notado ali antes. Sua carroceria traseira havia sido retirada e em seu lugar fora colocada uma caixa de madeira para convertê-la numa caminhonete. Os raios de suas rodas mostravam indícios de estradas lamacentas, mas parecia estar em boas condições. Ele tirou o banco da frente, verificou a gasolina com uma vareta que encontrou ali — meio tanque. Verificou a água, colocou mais um pouco, depois abriu o capô e examinou o motor.

O fio do magneto para a bobina não estava ligado; ele religou-o.

Puxou o freio de mão — achou que não estava muito firme; calçou as rodas. Só então ligou a ignição, abriu o afogador e atrasou a faísca.

Colocou o polegar cuidadosamente ao lado dos dedos em vez de em volta da manivela — depois trouxe a manivela até o alto, empurrou e virou-a.

O motor fez um barulho forte; o carrinho tremeu. Ele correu para o lado do motorista, estendeu a mão, avançou a faísca três pontos e regulou o afogador para marcha lenta.

O ferreiro estava observando.

— Está bem, desligue e venha dar-me um pouco de vento na forja. — Nenhum deles mencionou o fio desligado.

Quando o ferreiro — Tom Heimenz — acabou de almoçar, Lazarus caminhou duas quadras até um armazém por onde havia passado, comprou um litro de leite cru tipo A — cinco centavos, três centavos de depósito da garrafa —, olhou para um pão de um níquel, depois resolveu comprar um pão grande de dez centavos; ele não havia tomado café. Voltou até a loja do ferreiro e saboreou com prazer seu almoço, enquanto ouvia as opiniões do sr. Heimenz.

Ele era republicano progressista, mas desta vez ia mudar; o sr. Wilson nos havia mantido fora da guerra.

— Não que ele tenha feito bem ao país de qualquer outra forma; o alto custo de vida está pior do que nunca... e além disso, ele é pró-Inglaterra. Mas aquele tolo, Hughes ^{78}, nos envolveria na guerra da Europa da noite para o dia. É uma escolha difícil. Eu gostaria de votar em La Follette ^{79}, mas eles não tiveram senso suficiente para indicá-lo. A Alemanha vai vencer e ele sabe disso... e vamos parecer muito tolos tentando tirar as castanhas do fogo para os ingleses.

Lazarus concordou solenemente. Heimenz disse a "Ted" para aparecer às sete da manhã seguinte. Mas pouco antes do nascer do sol, quase três dólares mais rico e com o estômago bem forrado com salsichas, queijo e bolachas, Lazarus estava além do letreiro dos limites da cidade, indo para oeste. Ele não tinha nada contra a cidade ou o ferreiro, mas não havia arriscado essa viagem para passar dez anos numa cidade do interior a trinta centavos por hora. Pretendia mover-se por ali e recapturar o sabor da época.

Além disso, Heimenz tinha sido muito perguntador. Lazarus não havia se importado com a inspeção de suas mãos ou a sugestão de que tinha acabado de sair da cadeia, e o fio desligado serviu de contrapeso. Quando, porém, Lazarus fugira à pergunta sobre o seu sotaque com generalidades, o ferreiro havia tentado apertá-lo para saber exatamente onde ele havia morado no Território Índio em criança e quando sua família viera do Canadá.

Uma comunidade maior significaria menos perguntas pessoais e mais oportunidade de pôr as mãos em mais de trinta centavos por hora sem ter que roubá-los.

Estava andando havia uma hora quando deparou com um automobilista em dificuldades, um velho médico rural atormentado por um pneu vazio num Maxwell. Lazarus desmontou uma lanterna lateral a óleo de carvão e mandou o médico segurá-la enquanto remendava a câmara de ar, recolocava o pneu e o enchia, recusando depois uma gorjeta.

— Red — disse o dr. Chaddock —, você sabe guiar estes troços a gasolina?

Lazarus admitiu que sabia.

— Bem, filho, já que você está indo para oeste de qualquer maneira, o que diz de me levar até Lamar ¹⁸⁰, depois uma cama improvisada no sofá da minha sala de espera, café da manhã... e quatro moedas pelo seu trabalho?

— Digo "sim" a tudo isso, doutor... salvo que não há necessidade de desperdiçar dinheiro comigo. Não estou quebrado.

— Tolice e bobagem. Discuta isso pela manhã. Estou completamente extenuado; este dia começou antes do raiar do sol. Eu costumava enrolar as rédeas em torno do chicote e dormir até a égua nos levar para casa. Mas estas coisas são estúpidas.

Após uma refeição de ovos estrelados, presunto frito, batatas, panquecas com melado e manteiga da roça, conserva de melancia, conserva de morangos, creme grosso e muito café tomado no pires e soprado — a caseira do médico, sua velha irmã solteirona, ficara oferecendo coisas a Lazarus, insistindo em que ele não estava comendo o bastante para manter vivo um passarinho — ele partiu novamente, um dólar mais rico, muito mais limpo e parecendo menos caipira, porque cuspe, Shinola e suor haviam melhorado a aparência dos seus sapatos, e a srta. Nettie havia insistido em dar-lhe algumas roupas velhas.

— Podem servir para você, Roderick ou para o Exército de Salvação. Tome, leve esta gravata também; o doutor não a usa mais. Vai ficar bem em você

quando procurar trabalho, eu sempre digo... afirmo que dificilmente abro a porta de tela para dar comida ou roupa a um homem, se ele não estiver usando gravata.

Ele aceitou tudo, consciente de que ela tinha razão, consciente também de que o dr. Chaddock teria passado uma noite ruim tentando dormir no seu automóvel, enquanto sua irmã se preocupava, se Lazarus não tivesse aparecido — contas liquidadas. A srta. Nettie fez um embrulho bem-feito das roupas dele; ele lhe agradeceu e prometeu enviar-lhe um cartão-postal de Kansas City — depois abandonou o embrulho na primeira moita que encontrou, sentindo um pouco de arrependimento, porque aquelas roupas podiam durar indefinidamente, apesar do aspecto usado que tinham. Mas tinham um corte ligeiramente anacrônico, e ele nunca esperara usá-las mais tempo do que o necessário — e um homem na estrada não podia parecer-se com um trabalhador migrante, o que a srta. Nettie provavelmente não sabia.

Ele encontrou a estrada de ferro, mas evitou a estação. Postou-se na extremidade norte da cidade e esperou. Um trem de passageiros e um de carga passaram em direção ao sul; depois, por volta das dez horas, apareceu um trem de carga indo em direção ao norte, ainda adquirindo velocidade vagarosamente; Lazarus embarcou num salto. Não fez nenhum esforço para não ser visto e o guarda-freios deixou-o dormir por um dólar — um dólar falso; seus dólares autênticos estavam agora sob uma atadura do lado de dentro da sua coxa esquerda.

O guarda-freios avisou-o de que podia haver um detetive da estrada na parada seguinte — não dê a ele mais do que um dólar —, e ele encontraria *Pinkertons*^[81] nos pátios de manobras de KC^[82] se ele fosse até lá... portanto, não vá: aqueles engraçadinhos aceitariam o seu dólar e dar-lhe-iam uma surra de qualquer maneira. Lazarus agradeceu-lhe e pensou em perguntar que linha era aquela — a Missouri Pacific? —, mas resolveu que isso não importava; ela ia para o norte e o conselho do guarda-freios permitiu-lhe saber que ia a uma distância suficiente para servir-lhe.

Após um longo dia quente, metade dele numa gôndola e metade num vagão fechado vazio, o que representou uma pequena melhoria, Lazarus saltou quando o trem passou pelo Swope Park. Estava num tal estado de cansaço e sujeira que quase se arrependeu de não haver comprado uma passagem. Mas tirou isso da cabeça, sabendo que chegar a uma cidade grande sem dinheiro podia terminar em "trinta dólares ou trinta dias", em vez da tarifa mais moderada de uma cidade pequena. Afinal, tinha quase seis dólares, a maior parte deles em dinheiro "verdadeiro".

Notou, encantado, que o Swope Park parecia familiar apesar dos séculos. Apressou-se em atravessá-lo e encontrou o fim da linha do bonde. Enquanto esperava pelo serviço pouco freqüente dos dias de semana, pagou com uma moeda de cinco centavos um sorvete de três bolas e tomou-o com prazer, sentindo paz em sua alma. Com outros cinco centavos fez um longo passeio de bonde com uma baldeação que o levou ao centro de Kansas City. Lazarus apreciou cada minuto e desejou que o passeio fosse mais longo. Como a cidade

era tranqüila, limpa e sombreada pelas árvores! Como era docemente bucólica!

Lembrou-se de outra ocasião em que havia visitado a velha cidade em que morara — em que século? Em alguma época no começo da Diáspora, pensou —, quando um cidadão que se aventurasse pelos *canyons* imundos de suas ruas usaria um capacete de aço simulando uma peruca, um colete à prova de balas e proteção na frente das calças, óculos com couraça, luvas que cobriam juntas de metal e outras armas escondidas e ilegais — mas raramente saía nas ruas; era mais discreto limitar-se às cápsulas de transporte, e sair apenas nos subúrbios vigiados — especialmente depois de escurecer.

Mas aqui e agora as armas eram legais — e ninguém as usava.

Desceu do bonde na McGee e encontrou a ACM, perguntando a um policial. Lá, por meio dólar, deram-lhe a chave de um pequeno cubículo, uma toalha e uma pequena barra de sabonete.

Após se espojar num banho de chuveiro, Lazarus voltou ao saguão, e notou telefones, tanto Bell como Home, no balcão, com um aviso CHAMADAS LOCAIS 5 "CENTS" — PAGUE AO EMPREGADO DO BALCÃO. Pediu para usar os catálogos de telefones e encontrou no catálogo do Sistema Bell: "Chapman, Bowles, & Finnegan, advogados" — Edifício R. A. Long, sim, isso tinha sentido. Procurou novamente e encontrou "Chapman, Arthur J., advogado", com um endereço no Paseo.

Esperar até o dia seguinte? Não faria mal verificar se Justin tinha as respostas corretas. Entregou um níquel ao empregado do balcão e pediu o telefone Bell.

— Número, por favor!

— Central, ligue-me, por favor, com Atwater 1-2-2-4... Alô? É da casa do sr. Arthur J. Chapman, o advogado?

— É ele quem fala.

— O sr. Ira Howard me disse que ligasse para o senhor, conselheiro.

— Interessante. Quem é você?

— "A vida é curta."

— "Mas os anos são longos" — respondeu o advogado.

— "Não enquanto os Dias Maus não vêm."

— Muito bem. O que posso fazer pelo senhor? Problemas?

— Não, senhor. Aceitará um envelope para ser entregue ao secretário da Fundação?

— Sim. Pode trazê-lo ao meu escritório?

— Amanhã de manhã, senhor?

— Digamos por volta das nove e meia. Tenho que estar no tribunal às dez.

— Obrigado, senhor; estarei aí. Boa noite.

— De nada. Boa noite para o senhor.

Havia uma escrivadinha no saguão, com outro aviso para falar com o empregado do balcão, juntamente com uma homilia: "Você já escreveu para sua mãe esta semana?" Lazarus pediu uma folha de papel e um envelope dizendo (sinceramente) que queria escrever para casa. O empregado deu-os a ele.

— Isto é o que gostamos de ouvir, sr. Jenkins. Tem certeza de que uma folha basta?

— Se não bastar, pedirei outra. Obrigado.

Após o café da manhã (café e uma rosca, cinco centavos) Lazarus localizou uma papelaria na Grand Avenue e investiu quinze centavos em cinco envelopes que se aninhavam em série, voltou para a ACM e preparou-os, depois os entregou em mãos ao sr. Chapman — apesar dos lábios franzidos em desaprovação da secretária do sr. Chapman.

O envelope de fora dizia: "Secretário da Fundação Ira Howard".

O seguinte dizia: "Ao secretário da Associação das Famílias Howard do ano de 2100 d.C".

O seguinte dizia: "Por favor, mantenha nos arquivos das Famílias durante mil anos. Recomenda-se atmosfera inerte".

O quarto dizia: "Para ser aberto pelo arquivista-chefe em exercício no ano gregoriano de 4291".

O quinto envelope dizia: "Por favor, entregue a pedido a Lazarus Long ou a qualquer membro de sua família da colônia Tertius".

Dentro deste envelope estava o envelope da ACM que continha o bilhete que Lazarus havia escrito na noite anterior; o envelope continha todos os nomes da sua família de Boondock, com Lápis-Lazúli e Lorelei Lee encabeçando a lista:

4 de agosto de 1916 greg.

"Queridas:

Enganei-me. Cheguei há três dias — três anos mais cedo! Mas ainda quero que vocês me peguem exatamente dez anos T após terem me soltado, na cratera de impacto, isto é, a 2 de agosto de 1926 gregoriano.

Por favor, afirmem a Dora que isto não é culpa dela. É ou minha ou de Andy — ou talvez os instrumentos de que dispúnhamos então não fossem suficientemente precisos. Se Dora desejar recalibrar (não é necessário, porque o encontro permanece exatamente a dez anos T da queda), digam a ela para conseguir com Atena eclipses do Sol pela Luna para estes dez anos — não tive tempo de procurá-los porque acabei de chegar a Kansas City.

Tudo está absolutamente bem. Gozo de boa saúde, tenho dinheiro suficiente

e estou perfeitamente seguro. Escreverei outras cartas e mais longas — mais bem preservadas, não tive tempo de gravar esta a água-forte — usando todas as caixas de correios que Justin sugeriu.

Beijem todos por mim. Segue carta comprida.

Meu amor imorredouro, Amigo Velho.

P. S.: Espero que sejam um menino e uma menina — isso seria engraçado!”

Da Capo II

O Fim de uma Era

25 de setembro de 1916 greg.

Queridas Laz-Lor:

Esta é a segunda das muitas cartas que tentarei enviar, usando todas as caixas de correspondência atrasada que Justin sugeriu — três firmas de advogados, o Banco Chase National, uma cápsula de tempo a ser remetida com instruções a um tal dr. Gordon Hardy via W. W. Smith via um cofre de segurança (pessoa simples, inofensiva e pouco digna de confiança, esse Smith; ele provavelmente a abrirá e, portanto, a destruirá — embora não me lembre dela, de um modo ou de outro), e todos os outros subterfúgios que decorei. Se eu puder introduzir apenas uma nos arquivos imediatamente antes da Diáspora, ela deve ser entregue quando vocês a pedirem, no fim do ano gregoriano de 4291, pelo programa que elaboramos.

Com sorte, vocês receberão dúzias de cartas, todas ao mesmo tempo. Arrumadas por datas, devem constituir um registro dos próximos dez anos. Pode haver lacunas no relato (cartas que deixarão de chegar) — nesse caso, preencheri essas lacunas (após vocês me pegarem) ditando a Atena, para manter minha promessa a Justin e a Galahad de um relatório completo. Quanto a mim, ficarei satisfeito se apenas uma chegar — e digam a Atena para continuar trabalhando naquela idéia de cápsulas-do-tempo-cum-correspondência-atrasada para séculos ainda mais anteriores; devia haver algum meio de torná-la à prova de erros.

Usarei uma grande variedade de endereços — mais um truque que imaginei. Vou mandar uma carta nos envelopes múltiplos habituais para o computador executivo de Secundus, ano 2000 da Diáspora, para ser aberta e lida pelo computador (intocada por mãos humanas!) com um programa para reter a mensagem e entregá-la ao líder da colônia, em Tertius, no dia seguinte ao da nossa partida.

Não acredito em paradoxos. Ou Minerva recebeu essa mensagem antes de vocês nascerem, arquivou-a no arquivo morto, transmitiu-a a Atena, e agora (o agora de vocês) Ira está com ela e passou-a a vocês duas — ou ela deixou absolutamente de chegar. Nenhuma anomalia, nenhum paradoxo — sucesso total ou fracasso total. Tive a idéia pelo fato de o computador executivo abrir, ler e tomar providências a respeito de inúmeras mensagens escritas, não as referindo ao Presidente Temporário ou a qualquer ser humano a menos que necessário.

Mensagem básica: (Isto estava no meu primeiro bilhete e estará em todas as cartas). Cometi um erro na calibragem e cheguei três anos mais cedo. Isto não foi por culpa de Dora, e não deixem de dizer a ela que eu disse isso, antes de contar-lhe o que aconteceu. Tranqüilizem-na. Apesar dos seus

modos de menino turbulento, ela é muito vulnerável e não deve ser magoada. Se eu lhe tivesse dado números suficientemente precisos, ela teria atingido qualquer fração de segundo que eu tivesse pedido; disto estou certo.

Momento e lugar do encontro básico continua dez anos T após vocês terem me lançado, e na cratera de impacto do meteoro no Arizona, outros momentos e lugares de encontro figurados do básico, como antes. Meu erro altera a data gregoriana do encontro para 2 de agosto de 1926 — mas ainda dez anos após a queda, como planejado.

Se Dora se preocupar menos encontrando o erro na data que dei a ela, aqui estão marcações de tempo em que ela pode confiar: datas gregorianas dos eclipses totais do Sol pela Luna em relação à Terra entre 2 de agosto de 1916 e 2 de agosto de 1926 gregorianos.

8 de junho de 1918 10 de setembro de 1923

29 de maio de 1919 24 de janeiro de 1925

21 de setembro de 1922 14 de janeiro de 1926

Se Dora quiser ser ainda mais meticulosa pode obter qualquer data antiga do sistema solar com Atena; a Grande Biblioteca de Nova Roma preservou um material inesgotável desse tipo. Mas Dora tem em suas próprias entranhas tudo aquilo de que realmente precisa.

Recapitulação:

1. Apanhem-me dez anos T após terem me soltado.

2. Cheguei três anos mais cedo — erro meu, não de Dora.

3. Estou ótimo, saudável, em segurança, firme, sentindo falta das minhas queridas, e mando lembranças para vocês todos.

Agora as aventuras cabeludas e assustadoras de um viajante-pelo-tempo... Para começar, elas não foram nem cabeludas nem assustadoras. Tive cuidado para não chamar atenção, fiquei tão retraído como um camundongo num espetáculo de gatos. Sempre que os nativos passam lama azul em seus umbigos, eu passo lama azul no meu com a mesma solenidade. Concordo com a política de qualquer um que fale comigo, freqüente a igreja que ele freqüenta — embora admita timidamente que tenha faltado ultimamente —, ouço em vez de falar (o que vocês podem achar difícil de acreditar), e nunca dou respostas malcriadas. Se alguém tenta roubar-me, não o mato ou sequer lhe quebro os braços; calo a boca e deixo-o tirar tudo quanto possa encontrar em mim. Meu propósito inabalável é estar na beira daquela cratera no Arizona daqui a dez anos; não devo permitir que nada ponha em risco o nosso encontro. Não estou aqui para reformar este mundo; estou

simplesmente visitando outra vez os lugares da minha juventude.

Tem sido mais fácil do que eu esperava. O meu sotaque deu algum problema a princípio. Mas ouvi e agora falo com um sotaque da Zona do Milho, tão áspero como quando eu era moço. É espantoso como as lembranças voltaram. Confirmo pela experiência a teoria de que as lembranças da infância são permanentes, embora a pessoa possa "esquecê-las" até serem reestimuladas. Deixei esta cidade quando era mais moço do que vocês duas; já estive em mais de duzentos planetas desde então, e esqueci a maioria deles.

Mas vejo que conheço esta cidade.

Algumas mudanças... mas mudanças na outra direção da entropia; agora a estou vendo como era quando eu tinha quatro anos T de idade. Eu tenho quatro anos de idade em qualquer outro lugar desta cidade. Tenho evitado aquele bairro e ainda não tentei ver minha primeira família — a idéia me deixa um pouco inquieto. Bem, eu a verei, antes de partir em viagem pelo país; não tenho medo de ser reconhecido por eles. Impossível! Pareço um homem moço e muito — acho eu — como era quando realmente jovem. Mas ninguém aqui jamais viu como seria o menino de quatro anos de idade quando crescesse. Meu único risco estaria em tentar dizer a verdade. Não que acreditassem em mim — ninguém aqui acredita sequer em viagens espaciais, quanto mais em viagens pelo tempo —, mas porque correria o risco de ser preso como "maluco" — termo não-científico que significa que a pessoa a quem se aplica esse rótulo tem uma visão do mundo diferente da aceita.

Kansas City em 1916... Vocês me soltaram num pasto; pulei a cerca e caminhei até a cidade mais próxima. Ninguém nos viu — diga a Dora que ela fez isso com a habilidade de um batedor de carteiras. A cidade era agradável, o povo amável; fiquei um dia para me reorientar, depois segui em frente para uma cidade maior, fiz o mesmo lá e consegui roupas para transformar-me de um trabalhador de fazenda em alguém que não fosse conspícuo numa cidade. (Vocês, queridas, que nunca usam roupas quando não precisam — exceto em ocasiões festivas —, teriam dificuldade em acreditar como o status aqui e agora é revelado pelas roupas. Muito mais do que em Nova Roma — e aqui se pode olhar para uma pessoa e dizer sua idade, sexo, status social, status econômico, ocupação provável, instrução aproximada e muitas outras coisas, apenas pela roupa. Estas pessoas até nadam vestidas — não estou brincando; perguntem a Atena. Minhas queridas, elas dormem com roupas!)

Tomei um trem para Kansas City. Peçam a Atena para mostrar uma fotografia de um desta era. Esta cultura é prototécnica, apenas começando a mudar da força do músculo humano e animal para a força gerada. Essas que existem se originam da queima de combustíveis naturais, do vento ou das quedas-d'água. Algumas destas são convertidas em força elétrica primitiva, mas este trem era impelido pela queima do carvão para produzir vapor; que

se expandia.

A força atômica não é sequer uma teoria; é uma fantasia de sonhos, levados menos a sério do que Papai Noel. Quanto ao método para impulsionar Dora, ninguém tem a menor idéia de haver qualquer maneira de compreender a estrutura do espaço-tempo.

(Posso estar errado. As muitas histórias de ÓVNIS e de visitantes estranhos, em todas as eras, sugerem que não sou o primeiro viajante pelo tempo; já houve milhares, ou milhões. Mas talvez a maioria deles relutem tanto em perturbar os "selvagens nativos" como eu.)

Ao chegar a Kansas City hospedei-me num hilton religioso. Se vocês receberam meu bilhete de chegada, ele estava em papel com o emblema dele. (Espero que esse bilhete seja o último que eu tenha de confiar a papel e tinta — mas levou tempo para conseguir redução fotográfica e gravação. A tecnologia e os materiais disponíveis aqui e agora são muito primitivos, mesmo quando tenho privacidade para usar outras técnicas.)

Como base temporária, este hilton religioso oferece vantagens. É barato, e ainda não tive tempo de adquirir todo o dinheiro local de que vou precisar. É limpo e seguro, comparado com os hiltons comerciais que custam o mesmo. Fica perto do centro comercial. Oferece tudo de que preciso agora e não mais. E é monástico.

"Monástico"? Não fiquem surpresas, meus amores. Espero permanecer solteiro durante todos estes dez anos, enquanto sonho fantasias felizes com todas as minhas queridas, tantos anos e anos-luz de distância.

Por quê? Os costumes locais... Aqui o acasalamento de homem com mulher é proibido pela lei a menos que especificamente autorizado pelo Estado, numa monogamia obrigatória com conseqüências legais, sociais e econômicas intermináveis.

Tais leis são feitas para serem violadas — e o são. A cerca de três quadras ou algumas centenas de metros deste hilton monástico, a ACM, começa a "zona", uma área dedicada a prostituição feminina ilícita mas tolerada — e os preços são baixos. Não, não sou preguiçoso demais para andar até lá; conversei com algumas destas mulheres — elas "percorrem um itinerário" oferecendo seus serviços aos homens na rua. Mas, minhas queridas, essas mulheres não são artistas reconhecidas, orgulhosas da sua grande vocação. Ah, queridas, não! São marafonas patéticas, furtivas e envergonhadas. Elas estão no fundo da pirâmide social, e muitas (a maioria?) estão escravizadas a homens que tomam seus poucos ganhos.

Não acho que haja uma Tamara, ou mesmo uma pseudo-Tamara, em toda Kansas City. Fora da "zona" há mulheres mais moças e mais bonitas disponíveis por preços mais altos e por acordos mais complexos — mas o status delas ainda é zero. Não o de artistas orgulhosas e felizes. Assim, elas não constituem nenhuma tentação; eu não conseguiria apagar da minha mente a maneira revoltante pela qual elas são maltratadas pelas leis e pelos

costumes locais.

(Gratifiquei aquelas com quem falei; o tempo é dinheiro para elas.)

Também há mulheres que não pertencem à profissão.

Pela minha vida anterior aqui, sei que uma alta porcentagem tanto de mulheres "solteiras" como de mulheres "casadas" (uma dicotomia nítida, muito mais do que em Tertius ou mesmo em Secundus) — arriscam um acasalamento não autorizado por divertimento, aventura, amor ou por outros motivos. Muitas mulheres aqui ficam assim disponíveis algumas vezes e com alguns homens — embora não com todos os homens nem todo o tempo; aqui e agora o esporte é necessariamente clandestino.

Nem me falta confiança, nem contraí a atitude "moral" local.

Mas a resposta ainda é "não". Por quê?

Primeiro motivo; é muito provável levar-se um tiro no rabo!

Não é piada, queridas. Aqui e agora quase todas as mulheres são como uma propriedade de algum homem. Marido, pai, namorado, noivo — alguém. Se este pega você, pode matá-lo — e a opinião pública é tal que é pouco provável ele ser punido. Mas se você o matar... será pendurado pelo pescoço até morrer, morrer, morrer!

Parece um preço excessivo. Não pretendo arriscar.

Há um pequeno número, porém apreciável, de mulheres que não são "propriedade" de homem algum — então o que o está retendo, Lazarus?

O custo indireto, para começar. (É melhor não contar isto a Galahad; partiria seu coração.) As negociações são geralmente demoradas, complexas e muito caras — e é provável que ela considere o "sucesso" como o equivalente a uma proposta de contrato pela vida inteira.

Além disso, é muito provável que ela fique grávida. Eu devia ter pedido a Ishitar que anulasse minha fertilidade para esta viagem. (Estou terrivelmente satisfeito de não ter pedido.) (E estou derretido por vocês, queridas, meus outros egos — e obrigado para sempre a vocês por terem me dado um empurrão. — Eu não poderia iniciar aquilo, por mais ansiosamente que quisesse!)

Laz e Lor, acreditem nisto: as mulheres maduras aqui não sabem quando estão férteis. Confiam na sorte ou em métodos contraceptivos que vão do arriscado ao inútil. Além do mais, elas não conseguem saber mesmo com os seus médicos — que não sabem muito a respeito eles próprios. (Não há geneticistas.) A terapia é muito primitiva em 1916. A maioria dos médicos está se esforçando, acho eu, mas a arte mal saiu da fase do médico-feiticeiro. Há apenas cirurgia tosca e alguns remédios — a maioria dos quais sei serem inúteis ou prejudiciais. Quanto à contracepção — segurem-se com força —, é proibida por lei.

Outra lei feita para ser violada — e o é. Mas a lei e os costumes retardam o

progresso nesses assuntos. Atualmente (1916) o método mais comum envolve um revestimento elástico usado pelo homem — em outras palavras, eles "se acasalam" sem se tocar. Parem de gritar; vocês nunca terão que se submeter a isso. Mas é tão ruim como parece.

Reservei meu motivo mais forte para o fim. Queridas, fui mimado. Em 1916 um banho uma vez por semana é considerado suficiente pela maioria das pessoas, demais para algumas. Os outros hábitos combinam com esse. Tal coisa, quando inevitável, pode ser ignorada. Tenho bastante consciência de que eu mesmo cheiro mal como um bode velho com muita rapidez. Apesar de tudo, tendo gozado a companhia de seis das mais deliciosas criaturas da galáxia — bem, prefiro esperar. Bolas, dez anos não é muito tempo.

Se vocês receberam uma das cartas que enviarei durante os próximos dez anos, então devem ter corrido para verificar os anos gregorianos de 1916 a 1919. Escolhi 1919-1929 tanto para saboreá-la — uma década de classe, o último período feliz na história da Velha Terra — como também para evitar a primeira das Guerras Planetárias Terrenas, aquela conhecida agora (já começou) como a Guerra Européia, que depois será chamada a Guerra Mundial, e depois, ainda mais tarde, a Primeira Guerra Mundial, e designada na maioria das histórias antigas como Fase Primeira da Primeira Guerra Planetária Terrena.

Não se preocupem; mantereis distância dela. Isto envolve mudanças em meus planos de viagem, mas nenhuma no resgate de 1926. Tenho poucas lembranças desta guerra; era moço demais. Mas lembro-me (provavelmente de aulas do colégio em vez de memória direta) de que este país entrou nela em 1917 e de que a guerra terminou no ano seguinte — e essa data eu lembro exatamente, porque foi o meu sexto aniversário e pensei que o barulhão e as comemorações fossem para mim.

O que não posso lembrar é a data exata em que este país entrou na guerra. Pode ser que eu não a tenha verificado ao planejar esta excursão; meu propósito era chegar depois de 11 de novembro de 1918, o dia em que a guerra terminou, e dei um desconto do que julguei ser uma margem confortável. Eu estava preparando aqueles dez anos com todo o cuidado, porque os dez anos seguintes, 1929-1939, não são decididamente uma década de classe — e terminam com o começo da Segunda Fase da Primeira Guerra Planetária Terrena.

Não tenho nenhum meio possível de examinar essa data

— mas encontro uma pista brilhante em minha memória: a frase "os canhões de agosto". Essa frase tem uma viva associação em minha memória com esta guerra — e ela se adapta, porque me lembro de que fazia um tempo quente, estivai (agosto é verão aqui) quando vovô (o avô materno de vocês, queridas) me levou para o quintal dos fundos e me explicou o que era a "guerra" e por que precisávamos vencer.

Não acho que ele me tenha feito compreendê-la — mas lembro-me da ocasião, lembro-me do seu modo sério, lembro-me do tempo (quente) e da hora do dia (logo antes do jantar).

Muito bem, espero que este país declare guerra em agosto próximo; vou esconder-me em julho — porque não tenho nenhum interesse nesta guerra. Sei que lado ganhará (o lado em que este país estiver), mas sei também que "a guerra para terminar todas as guerras" (ela era chamada assim!) foi uma derrota desastrosa tanto para os "vencedores" como para os "vencidos" — ela levou inevitavelmente ao Grande Colapso e fez com que eu saísse deste planeta. Nada que eu possa fazer mudará nada disso; não há nenhum paradoxo.

Dessa forma, vou me meter no buraco até ela terminar. Quase todas as nações da Terra finalmente tomaram partido

— mas muitas não lutaram, e a guerra nem chegou perto delas, especialmente das nações ao sul daqui, das Américas Central e do Sul; portanto, é para lá que provavelmente irei.

Mas tenho quase um ano para planejar isso. É fácil aqui ser qualquer coisa que se afirme ser — nenhuma carteira de identidade, nada de códigos de computador, nenhuma impressão digital, nada de CPF. Vejam vocês, este planeta tem agora tantas pessoas quanto Secundus (no "agora" de vocês)

— apesar disso os nascimentos não são sequer registrados, em grande parte deste país (o meu não foi, a não ser com as Famílias), e um homem é quem quer que diga que é! Não há nenhuma formalidade quanto a deixar este país. É ligeiramente mais difícil voltar para ele, mas tenho um tempo interminável para cuidar disso.

Mas devo, por medida comum de prudência, afastar-me durante o decorrer desta guerra. Por quê? Convocação. Macacos me mordam se vou tentar explicar esta palavra a garotas que mal sabem o que é a guerra, mas significa "exércitos escravos" — e significa para mim que eu devia ter pedido a Ishtar para fazer-me parecer pelo menos duas vezes mais velho do que pareço agora. Se eu ficar por aqui muito tempo, arriscar-me-ei a tornar-me um "herói" involuntário numa guerra que estava terminada antes de eu ter idade suficiente para ir à escola.

Isto me parece ridículo.

Assim, vou concentrar-me em acumular dinheiro para sustentar-me por dois anos — converter isso em ouro (cerca de oito quilos, não muito pesado) —, depois, no dia 1.º de julho próximo, irei para o sul. Será um pequeno problema, porque este país está conduzindo uma guerra de fronteira em pequena escala com o que fica bem ao sul. (Ir para o norte está fora de questão; aquele país já está metido na Grande Guerra.) O oceano a leste tem navios de guerra submarinos; estes têm uma tendência a atirar em qualquer coisa que flutue. Mas o oceano do outro lado está livre desta praga. Se eu tomar um navio indo para o sul, num porto marítimo do lado

oeste deste país, terminarei fora das zonas de luta. Nesse ínterim, preciso melhorar o meu espanhol — muito parecido com o galacta, porém mais bonito. Encontrarei uma professora — não, Laz, não uma horizontal. Você nunca pensa em outra coisa?

(Por falar nisso, querida, em que mais vale a pena pensar? Dinheiro?)

Sim, dinheiro, no momento, e tenho planos para isso. O país está prestes a eleger um chefe do governo — e sou o único homem na Terra que sabe quem será eleito. Por que isso ficou em minha memória? Dê uma olhada no meu nome registrado nas Famílias.

Assim, o meu problema premente é pôr as mãos no dinheiro para apostar nessa eleição. O que ganhar usarei para jogar na Bolsa — exceto que isso não será jogo, porque este país já está numa economia de guerra e eu sei que continuará.

Gostaria de poder aceitar apostas na eleição em vez de colocá-las — mas isso é muito arriscado para a minha pele; não tenho as ligações políticas certas.

Vocês compreendem... Não, é melhor eu explicar como esta cidade é organizada.

Kansas City é um lugar agradável. Tem ruas sombreadas por árvores, bairros residenciais encantadores, um sistema de bulevares e parques conhecido em todo o planeta. Sua pavimentação excelente encoraja as carruagens-automóveis que estão começando a ficar populares. A maior parte deste país ainda está mergulhada profundamente na lama; as ruas bem pavimentadas de Kansas City têm mais destes veículos autopropelidos do que puxados a cavalo.

A cidade é próspera, sendo o segundo maior centro comercial e de transportes da área agrícola mais produtiva da Terra — cereais, carne, porco. Os aspectos feios deste comércio estão embaixo, no fundo dos rios, enquanto os cidadãos moram em belas colinas cobertas de vegetação. Numa manhã úmida, quando o vento vem daquela direção, sente-se às vezes um mau cheiro dos currais de gado; do contrário, o ar é claro, limpo e lindo.

É uma cidade tranqüila. O tráfego nunca é denso, e o clop-clop dos cascos dos cavalos ou a campainha de alarme de um bonde elétrico serve apenas para acentuar o silêncio — o ruído das crianças brincando é mais alto.

Galahad está mais interessado em como uma cultura usa o seu lazer do que em sua economia — bem como eu, porque ganhar a vida é controlado pelas circunstâncias. Mas não a diversão. Por diversão não quero dizer sexo. O sexo não pode tomar tempo demais dos seres humanos amadurecidos além da adolescência (exceto alguns extravagantes como o Casanova da fábula — e Galahad naturalmente — "Tiro o meu chapéu para o duque!").

Em 1916 (nada do que digo se aplica necessariamente dez anos mais tarde, e certamente não cem anos mais tarde; este é o próprio fim de uma era),

nesta época o morador típico de Kansas City faz a sua própria diversão; seus acontecimentos sociais estão associados a igrejas, a parentes de sangue ou por afinidade, ou ambos — jantares, piqueniques, esportes (não jogo de apostas), ou simplesmente visitas e conversas. A maior parte disto custa pouco ou nada, exceto a despesa para sustentar suas igrejas — que tanto são clubes sociais como templos de fé religiosa.

A maior diversão comercial chama-se "quadros animados" — espetáculos dramáticos apresentados com figuras silenciosas de sombra em preto e branco tremulando contra uma parede vazia. Isto é bastante novo, muito popular e muito barato — são chamados "espetáculos de um níquel" por causa da moeda cobrada como entrada. Cada bairro (definido como distância para ir a pé) tem pelo menos um teatro desses. Esta forma de diversão e seus derivados tecnológicos tinham finalmente (terão) tanto a ver com a destruição deste padrão social como as carruagens-automóveis (peçam a opinião de Galahad sobre isto), mas — em 1916 — nenhum dos dois ainda perturbou o que parece ser um padrão estável e bastante utópico.

A anomia^[83] ainda não se estabeleceu, as normas são fortes, os costumes são obrigatórios e ninguém aqui e agora acreditaria que o ronco ocasional é a respiração de Cheyne-Stokes de uma cultura prestes a morrer. A instrução está no nível mais alto que esta cultura jamais atingirá — minhas queridas, as pessoas de 1916 simplesmente não acreditariam em 2016. Elas não acreditarão sequer que estão prestes a ser envolvidas na primeira das guerras finais; é por isso que o homem cujo nome me deram está prestes a ser reeleito. "Somos neutros." "Orgulhosos demais para lutar". "Ele nos manteve fora da guerra." Sob estes slogans eles estão marchando para o precipício, sem saber que ele está lá.

(Eu próprio estou deprimido — a percepção tardia é um mal... especialmente quando é previsão.)

Agora vamos olhar para o lado de baixo desta cidade encantadora:

A cidade é uma democracia nominal. Na verdade não é nada disso. É governada por um político que não exerce nenhum cargo. As eleições são rituais solenes — e os resultados são os que ele ordena. As ruas são lindamente pavimentadas porque suas companhias as calçam — para lucro dele. As escolas são excelentes, e ensinam realmente — porque este monarca deseja que seja assim. Ele é pragmaticamente benigno e não exagera. O "crime" (que significa qualquer coisa ilegal e inclui tanto a prostituição como o jogo) é franqueado através dos seus lugar-tenentes; ele próprio nunca toca nele.

Grande parte destes crimes-por-definição são manipulados por uma organização chamada algumas vezes de "A Mão Negra" — mas em 1916 ela geralmente não tem nenhum nome e nunca é vista. Mas é por isso que não me atrevo a aceitar apostas nas eleições; eu estaria invadindo o monopólio de um destes lugar-tenentes deste político — o que seria muito perigoso para

a minha saúde.

Em vez disso, apostarei pelas regras locais e ficarei de boca calada.

O cidadão "respeitável", com o seu lar, jardim e igreja agradáveis e filhos felizes, não vê nada disto e (acho eu) suspeita pouco e pensa nisso ainda menos. A cidade é dividida em áreas com limites rígidos, embora não marcados. Os descendentes dos antigos escravos moram numa área que constitui um amortecedor entre a parte "bem" da cidade e a área dominada e habitada pelos monopolistas franqueadores de coisas tais como o jogo e a prostituição. À noite as áreas se misturam apenas sob convenções tácitas. Durante o dia não há nada a notar. O chefe mantém uma disciplina rígida mas conserva-a simples. Ouvi dizer que ele tem apenas três regras invioláveis: Mantenha as ruas bem pavimentadas. Não toque nas escolas. Não mate ninguém ao sul de uma certa rua.

Em 1916 isso funciona otimamente — mas não por muito mais tempo.

Preciso parar; tenho um encontro numa companhia fotográfica para usar um laboratório — em particular. Depois tenho que voltar para o ganha-pão desonesto — separar as pessoas dos dólares, sem dor e tanto quanto possível legalmente.

Amor para sempre e todo o caminho de volta.

L.

P.S. Vocês deviam me ver de chapéu derby!

Da Capo III

Maureen

O sr. Theodore Bronson, *né* Woodrow Wilson Smith, também conhecido como Lazarus Long, deixou seu apartamento no Armour Boulevard e foi guiando seu carro, um Ford *landaulet*, até uma esquina da 31st Street, onde o estacionou num telheiro atrás de uma casa de penhores — porque achava ruim deixar um automóvel na rua à noite. Não que o carro tivesse custado muito a Lazarus; ele o havia adquirido em consequência da crença de um otimista de Denver de que dois ases mais um par aparecendo podiam certamente derrotar um par de valetes — o sr. "Jenkins" devia estar blefando. Mas o sr. "Jenkins" tinha um valete de reserva.

Tinha sido um inverno lucrativo, e Lazarus esperava uma primavera ainda mais próspera. Suas estimativas sobre um mercado de guerra de certos estoques e utilidades geralmente tinham sido corretas, e a diversificação dos seus investimentos era bastante ampla para que ele não fosse prejudicado por uma estimativa errada, já que a maioria das suas estimativas eram corretas — elas dificilmente podiam ser erradas, desde que ele havia antecipado a guerra submarina crescente, sabendo o que finalmente levaria este país a entrar na guerra da Europa.

Observar o mercado deixava-lhe tempo para outros "investimentos" no otimismo de outras pessoas, algumas vezes no bilhar, outras nas cartas. Ele gostava mais de bilhar, mas achava as cartas mais compensadoras. Durante todo o inverno jogou ambos, e sua fisionomia simples e bastante amistosa, quando ornada com o seu olhar estúpido, marcava-o como um otário natural — aspecto esse que ele acentuava vestindo-se como um caipira recém-chegado à cidade.

Lazarus não se importava com outros vigaristas das salas de bilhar, trapaceiros dos jogos de cartas ou "leitores" de cartas; ele simplesmente ficava calado e aceitava quaisquer ganhos graduais oferecidos a ele, depois "perdia a coragem" e saía antes da matança. Ele gostava desses jogos desonestos; era mais fácil — e mais agradável — tomar dinheiro de um ladrão do que jogar honestamente para ganhar, e não custava tanto sono; ele sempre saía de um jogo desonesto cedo, mesmo quando estava perdendo. Mas raramente perdia tempo.

Os ganhos ele reinvestia no mercado.

Todo o inverno ele permaneceu como "Red Jenkins", morando na ACM e não gastando quase nada. Quando o tempo estava muito ruim, ficava em casa e lia, evitando as ruas íngremes e geladas. Certa vez viu uma parelha de cavalos grandes tentando corajosamente puxar um caminhão pesado para o alto da ladeira íngreme da 10th Street, acima da Grand Avenue. Um dos cavalos escorregou sobre o gelo e quebrou uma perna — Lazarus ouviu o osso da canela estalar. Isso deixou-o doente e ele quis chicotear o cocheiro — por que o tolo não tinha dado a volta pelo caminho mais comprido?

Esses dias eram melhores quando passados em seu quarto ou na Biblioteca Pública Central, perto da ACM — centenas de milhares de livros *verdadeiros*, livros *encadernados*, que podia segurar com as mãos. Eles o tentaram quase a ponto de negligenciar sua busca de dinheiro. Durante esse inverno cruel ele passou cada hora livre lá, reatando relações com os seus amigos mais antigos — Mark Twain, com ilustrações de Dan Beard; dr. Conan Doyle; a Maravilhosa Terra de Oz, como descrita pela Royal Historian e retratada em cores por John R. Neil; Rudyard Kipling; Herbert George Wells; Júlio Verne...

Lazarus sentiu que podia facilmente passar todos os próximos dez anos naquele edifício maravilhoso.

Quando a falsa primavera chegou, porém, começou a pensar em se mudar do centro comercial e alterar novamente a sua *persona*. Estava se tornando difícil ser identificado como otário tanto nas paradas como no pôquer; seu programa de investimentos estava completo; tinha dinheiro suficiente no Fidelity Savings & Trust Bank para permitir-lhe desistir da austeridade da ACM, encontrar um endereço melhor e apresentar um aspecto mais próspero ao mundo — essencial para o seu objetivo final nessa cidade: reencontrar a sua primeira família —, e não restava muito tempo antes do seu prazo final em julho.

A aquisição de um carro apresentável cristalizou os seus planos. Passou o dia seguinte transformando-se em "Theodore Bronson": transferiu sua conta bancária para o Missouri Savings Bank, uma rua adiante, e sacou uma ampla quantia; visitou um barbeiro e mandou alterar o estilo do seu cabelo e do bigode; foi até a Browning, King & Co. e comprou roupas adequadas a um jovem comerciante conservador. Depois se dirigiu de carro para o sul e passou pelo Linwood Boulevard, à procura de letreiros de "Aluga-se". Suas exigências eram simples: um apartamento mobiliado com um endereço e uma fachada respeitáveis, sua própria cozinha e banheiro — e a pequena distância a pé de um salão de bilhar na 31st Street.

Ele não pretendia ganhar desonestamente naquela sala de jogos; aquele era um dos dois lugares onde esperava encontrar um membro da sua primeira família.

Lazarus encontrou aquilo de que precisava, mas no Armour Boulevard em vez do Linwood, e bastante afastado daquela sala de jogos. Isto fez com que alugasse duas vagas de garagem — o que foi difícil, porque Kansas City ainda não estava acostumada a fornecer alojamento para automóveis. Mais dois dólares por mês e conseguiu espaço num telheiro perto do seu apartamento; por três dólares ao mês conseguiu um telheiro atrás da loja de penhores perto do Salão de Bilhar Hora Feliz.

Ele iniciou uma rotina: passava a noite das oito até às dez na sala de jogos, freqüentava a igreja do Linwood Boulevard que sua família freqüentava (tinha freqüentado), ia ao centro durante as manhãs quando os negócios o exigiam — de bonde; Lazarus considerava o automóvel um aborrecimento no centro de Kansas City, e gostava de andar de bonde. Começou a ter lucros em seus investimentos, convertendo o produto em antigas moedas de ouro e guardando-as

num cofre num terceiro banco, o Commonwealth. Esperava completar a liquidação, com ouro suficiente para sustentá-lo até 11 de novembro de 1918, bem antes da data da sua partida.

Em suas horas vagas mantinha o seu *landaulet* brilhando, cuidava da sua manutenção ele mesmo, e guiava-o por prazer. Trabalhou também vagarosamente, com cuidado e em privacidade num serviço de alfaiate: fez um colete de camurça que não era nada mais do que bolsos, cada um para guardar uma moeda de ouro de vinte dólares. Quando terminado, recheado e com os bolsos costurados, planejava cobri-lo, por dentro e por fora, com um paletó que havia usado como molde. Ia ficar quente demais, mas um cinturão de dinheiro não bastava para tanto ouro — e dinheiro que tilintava em vez de farfalhar era o único tipo que ele tinha certeza de poder usar fora do país em tempo de guerra. Além disso, quando cheio, ele seria quase um colete à prova de balas — nunca se sabia o que havia depois da esquina, e aqueles países latino-americanos eram transitórios.

Todos os sábados à tarde tomava aulas de conversação em espanhol com um professor do Colégio Westport que morava perto. Tudo considerado, ele se mantinha agradavelmente ocupado e no programa

Naquela noite, após trancar seu Ford *landaulet* no telheiro atrás da loja de penhores, Lazarus deu uma olhada na cervejaria ao lado, achando que seu avô devia tomar uma caneca de Muehlebach ali antes de ir para casa. O problema de como encontrar sua primeira família facilmente e com naturalidade lhe havia ocupado a mente de tempos em tempos todo o inverno. Queria ser aceito como amigo na casa deles (sua!), mas não podia subir os degraus da frente, tocar a campainha da porta e se anunciar como um primo há muito perdido — nem mesmo como um amigo de um amigo de Paducah^[84]. Ele não tinha nenhum relacionamento que pudesse justificar isso; e, se tentasse uma mentira complexa, tinha certeza de que o seu avô a perceberia.

Assim, havia resolvido fazer uma lenta abordagem dupla: a igreja freqüentada por sua família (exceto seu avô) e o esconderijo usado por seu avô quando queria afastar-se da família de sua filha.

Lazarus lembrava-se da igreja — e sua memória foi confirmada no primeiro domingo em que foi lá, com um choque que o perturbou ainda mais do que saber que estava três anos adiantado.

Viu sua mãe e confundiu-a momentaneamente com uma de suas irmãs gêmeas.

Quase instantaneamente, porém, percebeu o porquê: Maureen Johnson Smith era a mãe genética das suas univitelinas, tão certamente como era sua própria mãe. Apesar de tudo, isso o abalou, e ele ficou satisfeito de haver vários hinos e um longo sermão, durante os quais se acalmou. Evitou olhar para ela e passou o tempo tentando identificar seus irmãos e irmãs.

Desde então, ele viu a mãe mais duas vezes na igreja e pôde olhar para ela sem

vacilar, e até ver que essa jovem matrona bonita era compatível com a memória desbotada que tinha de sua mãe. Mas achou ainda que nunca a teria reconhecido se não fosse sua lembrança nítida de Lápis-Lazúli e Lorelei Lee. Havia esperado illogicamente uma mulher muito mais velha, mais como ela era quando ele saíra de casa.

O fato de ir à igreja não fez com que se encontrasse com ela, ou seus irmãos, embora o pastor o houvesse apresentado a outros paroquianos. Mas ele continuou a ir de automóvel para a igreja, pensando no dia em que poderia ser amável, oferecer a ela e a seus irmãos condução para casa — seis quadras além, no Benton Boulevard; o tempo na primavera nem sempre era seco.

Ele não tinha tanta certeza quanto ao esconderijo de seu avô. Estava certo de que esse era o lugar onde o "vovô" costumava ir dez ou doze anos mais tarde — mas ele viria aqui quando Woodie Smith ainda não tinha (tem) cinco anos?

Tendo examinado a cervejaria alemã — e notado que ela havia mudado seu nome de repente para O Jardim Suíço — entrou na sala de jogos. As mesas estavam todas ocupadas; ele foi para os fundos, onde havia uma mesa de bilhar, uma para jogos de cartas e uma para xadrez ou damas; não havendo nenhum jogo disponível, aquela pareceu-lhe uma boa ocasião de praticar alguns "enganos" em três tabelas.

Vovô! Seu avô estava sozinho na mesa de xadrez; Lazarus reconheceu-o imediatamente.

Lazarus não alterou o passo. Foi em direção à estante de tacos, hesitou quando estava prestes a passar pela mesa de xadrez e olhou para a disposição das peças. Ira Johnson ergueu os olhos — pareceu reconhecer Lazarus, pareceu prestes a falar e depois mudou de idéia.

— Desculpe-me — disse Lazarus. — Não tive intenção de interromper.

— Não faz mal — disse o velho. (Com que idade? Para Lazarus ele parecia tanto mais velho como mais moço do que devia ser. E mais baixo. Quando foi que ele nasceu? Quase dez anos antes da Guerra Civil.) — Estou apenas brincando com um problema de xadrez.

— Quantas jogadas para o mate? — O senhor joga?

— Um pouco. — Lazarus acrescentou: — Meu avô me ensinou. Mas não tenho jogado ultimamente.

— Quer jogar?

— Se o senhor deseja enfrentar um jogador enferrujado...

Ira Johnson apanhou um peão branco e um preto, colocou-os atrás das costas e estendeu os punhos fechados. Lazarus apontou e descobriu que havia escolhido as peças pretas.

Vovô começou a arrumar as peças.

— Meu nome é Johnson — disse ele. — Eu sou Ted Bronson, cavalheiro.

Apertaram-se as mãos; Ira Johnson avançou seu peão do rei até quatro; Lazarus

respondeu de acordo.

Jogaram em silêncio. Na sexta jogada Lazarus desconfiou de que o avô estava recriando um dos jogos principais de Steinitz^{85}; na nona ele teve certeza. Devia usar a fuga que Dora havia descoberto? Não, isso pareceria um roubo — naturalmente um computador podia jogar xadrez melhor do que um homem. Concentrou-se em jogar o melhor possível sem tentar a variação sutil de Dora.

Lazarus levou um xeque-mate na vigésima nona jogada das brancas, e pareceu-lhe que o jogo principal havia sido perfeitamente reproduzido — Wilhelm Steinitz contra algum russo, qual era o nome dele? Precisava perguntar a Dora. Fez sinal a um marcador e começou a pagar pelo jogo; seu avô empurrou sua moeda para o lado, insistiu em pagar pelo uso da mesa e acrescentou para o marcador:

— Filho, traga-nos duas salsaparrilhas. Está bem, sr. Bronson? Ou o rapaz pode trazer-lhe uma cerveja daqueles hunos da porta ao lado.

— Salsaparrilha está ótimo, obrigado. — Pronto para uma revanche?

— Após recuperar o fôlego. O senhor joga um jogo duro, sr. Johnson.

— Puxa! O senhor disse que estava enferrujado.

— Estou. Mas meu avô me ensinou quando eu era muito pequeno, depois jogou comigo todos os dias durante anos.

— Conte. Tenho um neto com quem jogo. Tyke não está no colégio ainda, mas dou-lhe apenas um cavalo de vantagem.

— Talvez ele jogue comigo. Pau a pau.

— Ora! Dê-lhe um cavalo de vantagem, da mesma forma que eu. — O sr. Johnson pagou as bebidas e gratificou o rapaz com um níquel. — Qual é o seu negócio, sr. Bronson?... se me permite perguntar.

— Claro. Trabalho por conta própria. Compró coisas, vendo coisas. Ganho um pouco, perco um pouco.

— É mesmo? Então vai vender-me a Ponte de Brooklyn?

— Lamento, senhor, vendi-a na semana passada. Mas posso oferecer-lhe uma pechincha pelos "prisioneiros espanhóis.

O sr. Johnson sorriu, aborrecido.

— Acho que isso me ensinará.

— Mas, sr. Johnson, se eu lhe dissesse que era um jogador desonesto, o senhor não me deixaria jogar xadrez com o seu neto.

— Talvez sim, talvez não. Vamos arrumar de novo? É sua vez de jogar com as brancas.

Com a primeira jogada permitindo-lhe controlar o ritmo, Lazarus fez uma lenta e cuidadosa preparação do seu ataque. Seu avô foi igualmente cuidadoso, não deixando nenhuma abertura em sua defesa. Eles se equilibravam tanto, que Lazarus levou quarenta e uma jogadas e suou muito para transformar a

vantagem da primeira jogada num mate.

— Quer desempatar?

Ira Johnson sacudiu a cabeça.

— Dois jogos por noite é o meu limite. Dois desses estão acima do meu limite. Obrigado; o senhor joga muito bem, para um homem que está "enferrujado". — Ele afastou a cadeira. — Está na hora de eu ir para o estábulo.

— Está chovendo.

— Eu vi. Ficarei na entrada à espera do bonde.

— Estou com o meu automóvel aqui. Ficaria honrado em levá-lo para casa.

— Hein? Não há necessidade disso. Moro a apenas uma quadra da parada do bonde onde desço; e, se eu ficar um pouco molhado, estarei em casa e posso me secar.

(São quatro quadras e o senhor vai ficar encharcado, vovô.)

— Sr. Johnson, vou ter que girar a manivela daquele carrinho de qualquer maneira, a fim de ir para casa. Não será nenhum incômodo deixá-lo em qualquer lugar; gosto de guiar. Em cerca de três minutos, pararei em frente e buzinarei. Se o senhor estiver lá, ótimo. Se não estiver, presumirei que prefere não aceitar carona de estranhos e não ficarei ofendido.

— Não seja suscetível. Onde está o seu automóvel? Irei com o senhor.

— Não, por favor. Não há necessidade de nós dois sairmos na chuva para uma tarefa de um só homem. Vou sair pelos fundos através do beco, depois estarei no meio-fio quase antes de o senhor chegar à porta da frente. — (Lazarus resolveu ser teimoso; vovô podia sentir o cheiro de um camundongo muito antes que um gato... e ficaria imaginando por que Ted Bronson tinha uma garagem à mão quando afirmava morar a uma distância própria para se ir de automóvel. Mau. Como você vai enfrentar isso, rapaz? Você tem que contar a vovô um monte de mentiras ou nunca verá o interior daquela casa — sua própria casa! — para se encontrar com o resto da família. Mas a complexidade é contrária ao princípio básico da mentira bem-sucedida, e vovô foi o próprio homem que lhe ensinou isso. Contudo, a verdade podia não servir, e ficar em silêncio seria igualmente inútil. Como é que você vai resolver isto? Considere que vovô é tão desconfiado quanto você e duas vezes mais astuto.)

Ira Johnson levantou-se.

— Obrigado, sr. Bronson; estarei na porta da frente. Quando Lazarus acabou de girar a manivela do seu *landaulet*, havia estabelecido uma tática e esboçado uma política a longo prazo; (a) dê a volta no quarteirão; este carro deve estar molhado; (b) não use este telheiro outra vez; é melhor ter este saltador de pocinhas de água suja roubado do que deixar um buraco na sua história forjada; (c) quando entregar o telheiro, veja se o tio Dattelbaum tem um velho jogo de xadrez; (d) faça suas mentiras concordarem com o que você disse, inclusive aquela verdade apressada demais sobre quem lhe ensinou a jogar xadrez; (e) conte o máximo de

verdades possível, mesmo que elas não soem bem — mas, que diabo, você devia ser um enjeitado... e isso não combina com ter um avô, a menos que você invente outras complexidades, cada uma das quais podendo voltar-se contra você e denunciá-lo

Quando Lazarus tocou a buzina, Ira Johnson saiu correndo e entrou às pressas.

— Para onde agora? — perguntou Lazarus.

Seu avô explicou como chegar à casa da filha e acrescentou:

— E uma máquina e tanto para chamar de "carrinho".

— Consegui um bom preço pela Ponte de Brooklyn. Devo virar em Linwood ou seguir os trilhos do bonde?

— Como quiser. Já que se descartou da ponte, poderia me falar sobre esses "prisioneiros espanhóis". É um bom investimento?

Lazarus concentrou-se durante algum tempo em guiar seu veículo ao longo dos trilhos, enquanto os evitava.

— Sr. Johnson, evitei sua pergunta sobre o que faço para viver.

— Isso é da sua conta.

— Eu realmente tenho jogado.

— Outra vez da sua conta.

— E corri para fora deixando o senhor pagar a taxa da mesa uma segunda vez, bem como a bebida. Não pretendia fazer isso.

— E daí? Trinta centavos, mais uma gorjeta de um níquel. Menos cinco centavos do que o bonde me teria custado. Isso faz da sua metade quinze centavos. Se isso o preocupa, da próxima vez que passar por um cego ponha isso no chapéu dele. Estou ganhando uma carona com motorista numa noite de chuva. Barato. Este ônibus dificilmente custaria cinco centavos.

— Muito bem. Eu queria ser correto com o senhor... porque gostei do jogo e espero jogar com o senhor outra vez.

— O prazer foi mútuo. Gosto do jogo quando um homem me faz trabalhar.

— Obrigado. Agora, para responder à sua pergunta adequadamente: sim, joguei no passado. Não é isso que o faço agora. Trabalho por conta própria. Comprando coisas, vendendo coisas... mas não a Ponte de Brooklyn. Quanto ao golpe do prisioneiro espanhol, tentaram isso comigo. Eu negociei no mercado de cereais, mercadorias compradas a termo e coisas parecidas. Faço o mesmo com ações. Mas não vou tentar vender-lhe coisa alguma. Não sou nem corretor nem operador da Bolsa; em vez disso, trabalho através de corretores estabelecidos. Ah, sim, mais uma coisa... não mascateio informações sobre cotações. Dou a um homem o que me parece uma boa informação... ele perde a camisa e me culpa. Então não dou.

— Sr. Bronson, eu não tinha nada que lhe perguntar sobre o seu negócio. Isso foi

bisbilhotice da minha parte. Mas foi feita com intenção amistosa.

— Recebi-a amistosamente, por isso quis dar uma resposta adequada.

— Bisbilhotice, da mesma forma. Não preciso saber os seus antecedentes.

— É exatamente isso, sr. Johnson, não tenho antecedentes. Sou um jogador.

— Nada muito errado nisso. O bilhar é um jogo aberto, como o xadrez. É difícil roubar.

— Bem... faça uma coisa que o senhor pode considerar roubo.

— Olhe, filho... se precisa de um confessor, posso dizer-lhe onde encontrar um. Eu não sou.

— Desculpe.

— Não pretendi ser rude. Mas o senhor tem alguma coisa em mente.

— Ah, não muito, talvez. Isso se relaciona com o fato de não ter nenhum antecedente. Nenhum. Então vou à igreja... para conhecer pessoas. Para conhecer gente boa. Pessoas respeitáveis. Pessoas que um homem sem nenhum antecedente de outra forma nunca poderia conhecer.

— Sr. Bronson, todo mundo tem algum antecedente. Lazarus entrou no Benton Boulevard antes de responder.

— Eu não, sr. Johnson. Bem, nasci... em alguma parte. Graças ao homem que me permitiu chamá-lo de "avô" e sua mulher, tive uma infância muito boa. Mas eles se foram há muito e... bolas, nem sei se meu nome é Ted Bronson.

— Acontece. O senhor é órfão?

— Acho que sim. E bastardo, provavelmente. É esta a casa? — Lazarus parou uma casa antes da sua-deles.

— A seguinte, com a luz da varanda acesa. Lazarus avançou e parou outra vez.

— Foi bom conhecê-lo, sr. Johnson.

— Não se apresse. Estas pessoas... Bronson, que cuidaram de você. Onde foi isso?

— "Bronson" é um nome que escolhi num calendário. Achei que soaria melhor do que Ted Jones ou Ted Smith. Provavelmente nasci na parte sul do Estado. Mas não posso provar nem isso.

— E mesmo? Exerci a medicina nessa região em certa época. Em que condado? (Sei que você exerceu, vovô... portanto, vamos ter cuidado agora.)

— Condado de Greene. Não quero dizer que nasci lá; quero dizer apenas que me disseram que vim de um orfanato em Springfield.

— Então provavelmente não fiz o seu parto; minha clínica era mais ao norte. Ora! Mas podemos ser parentes.

— Hein? Quero dizer, desculpe-me, dr. Johnson.

— Não me chame de "doutor", Ted; abandonei esse título quando deixei de fazer

partos. O que quero dizer é isto: quando o vi pela primeira vez, você me espantou. Porque você é a imagem escarrada do meu irmão mais velho, Edward... que era engenheiro em St. Louis e San Francisco... até perder seus freios a ar, e isso acabou com os seus modos levianos. Ele tinha namoradas em Fort Scott, St. Louis, Wichita e Memphis; não tenho nenhum motivo para achar que ele tenha negligenciado Springfield. Pode ser. Lazarus sorriu.

— Devo chamá-lo de "tio"?

— Como quiser.

— Ah, não devo! O que quer que tenha acontecido, não há nenhum meio de provar. Mas seria bom ter uma família.

— Filho, pare de ficar embaraçado por causa disso. Um médico da roça aprende que esses contratempos são muito mais comuns do que a maioria das pessoas sonham. Alexander Hamilton e Leonardo da Vinci estão no mesmo barco que você, para mencionar apenas dois dos muitos grandes homens com direito a usar a contrabanda^[86]. Portanto fique ereto e orgulhoso, e cuspa nos olhos deles. Vejo que a luz da sala ainda está acesa; o que diria de uma xícara de café?

— Ah, não gostaria de incomodá-lo... ou perturbar sua família.

— Não aconteceria nenhum dos dois. Minha filha sempre deixa a marmita sobre o fogão para mim. Se ela por acaso estiver embaixo de roupão (pouco provável), subirá voando pelas escadas dos fundos, depois reaparecerá instantaneamente pelas escadas da frente, vestida no maior capricho. Como um cavalo do corpo de bombeiros quando toca a campainha; não sei como ela faz isso. Entre.

Ira Johnson abriu a porta da frente, depois gritou ao entrar:

— Maureen! Tenho companhia comigo.

— Estou indo, papai. — A sra. Smith encontrou-se com eles no vestibulo, andando com uma serena dignidade e vestida como se esperasse visitas. Ela sorriu e Lazarus controlou sua excitação.

— Maureen, quero apresentar-lhe o sr. Theodore Bronson. Minha filha, Ted... a sra. Brian Smith.

Ela ofereceu-lhe a mão.

— O senhor é muito bem-vindo, sr. Bronson — disse a sra. Smith em tons ricos e quentes que fizeram Lazarus pensar em Tamara.

Lazarus tomou-lhe a mão amavelmente, sentiu seus dedos formigarem, teve que se controlar para não fazer uma reverência profunda e beijá-la. Limitou-se a uma pequena inclinação, depois soltou-a imediatamente.

— Estou honrado, sra. Smith.

— Entre e sente-se.

— Obrigado, mas é tarde, e eu estava simplesmente deixando o seu pai em meu caminho para casa.

— O senhor tem que ir embora tão depressa? Eu estava somente cerzindo meias e lendo o *Ladie's Home Journal*... nada importante.

— Maureen, prometi ao sr. Bronson uma xícara de café. Ele trouxe-me para casa do clube de xadrez e evitou que me encharcasse.

— Sim, papai, imediatamente. Pegue o seu chapéu e faça-o sentar-se. — Ela sorriu e saiu.

Lazarus deixou que o avô o conduzisse à sala de visitas, depois aproveitou os momentos em que sua mãe não estava à vista para se acalmar e olhar em volta. Além do fato de a sala haver encolhido, parecia-se muito com o que se lembrava dela; um piano de armário onde ela o havia ensinado a tocar; lareira a gás, com troncos, cujo console era encimado por espelho bisotado; uma estante com portas de vidro; reposteiros pesados e cortinas de renda; a fotografia do casamento dos seus pais emoldurada com a licença de casamento com corações e flores, e contrapondo-se a isto uma reprodução de *As respigadeiras* de Millet, e outros quadros grandes e pequenos; uma cadeira de balanço, outra de plataforma com um tamborete, cadeiras retas, cadeiras de braços, mesas, lampadário, tudo amontoado e numa mistura confortável de carvalho e bordo. Lazarus sentiu-se em casa; até o papel de parede pareceu-lhe familiar — exceto que ele percebeu, inquieto, que lhe haviam oferecido a cadeira do pai.

Um arco, coberto por um reposteiro de contas, dava para a sala de estar, agora escura. Lazarus tentou lembrar-se do que devia haver lá e imaginou se ela teria a mesma aparência familiar. A sala de visitas estava imaculadamente arrumada e limpa, e permanecia assim, ele sabia, apesar de a família ser grande, pois a sala de estar era usada principalmente pelas crianças, enquanto essa sala era reservada para os mais velhos e os convidados. Quantas crianças seriam agora? Nancy, depois Carol, Brian Júnior, George, Marie — e ele próprio —, e, já que estavam no começo de 1917, Dickie devia ter cerca de três anos, e Ethel ainda estaria nas fraldas.

O que era aquilo atrás da cadeira de sua mãe? Seria?... Sim, é o meu elefante! Woodie, seu diabinho, você sabe que não pode brincar aqui, e tudo tem que voltar para sua caixa de brinquedos antes de você subir para dormir; essa era uma regra clara. O animal de brinquedo era pequeno (cerca de quinze centímetros de altura), feito de pano estofado e cinzento de tanto manuseio; Lazarus ficou ressentido por esse tesouro — dele! — estar confiado a uma criança pequena... depois conseguiu rir de si mesmo, embora a emoção persistisse. Sentiu-se tentado a roubar o brinquedo.

— Desculpe-me. O senhor estava dizendo, sr. Johnson?

— Eu disse que fui delegado temporariamente *in loco parentis*; meu genro foi para Plattsburg e...

Lazarus perdeu o resto do comentário; a sra. Smith voltou num ruge-ruge macio de anáguas de cetim, trazendo uma bandeja carregada. Lazarus saltou para ajudá-la; ela sorriu e deixou que ele a ajudasse.

Nossa! Aquela era a louça Haviland que ele não tivera permissão de tocar até ganhar suas primeiras calças compridas. E o serviço de café da Companhia — bule de prata maciça, jarro de creme, açucareiro e pinças, as colheres de lembrança da Exposição de Colombo. Guardanapos pequenos de linho, guardanapos de chá combinando, fatias finas de bolo inglês, um prato de prata lavrada — como você fez isto em três minutos ou menos? Você certamente está bancando o orgulhoso pródigo! Não, não seja tolo, Lazarus; ela está fazendo com que seu pai se sinta orgulhoso, recebendo o seu convidado — você é um estranho sem rosto.

— As crianças estão todas na cama? — perguntou o sr. Johnson.

— Todas, menos Nancy — respondeu a sra. Smith, servindo-os. — Ela e o namorado foram ao Isis e devem estar em casa daqui a pouco.

— O espetáculo terminou há meia hora.

— Há algum mal em eles pararem para um sorvete? A sorveteria fica numa esquina brilhantemente iluminada, bem no ponto onde eles pegam o bonde.

— Uma moça não devia ficar na rua depois de escurecer sem um acompanhante.

— Papai, estamos em 1917, não em 1890. Ele é um bom rapaz... e não posso esperar que eles percam um episódio do filme em série... Pearl White é muito emocionante; Nancy me conta a respeito. E havia um filme principal de William S. Hart esta noite, ouvi dizer; eu mesma gostaria de ver isso.

— Bem, ainda tenho a minha espingarda. — Papai!

Lazarus concentrou-se em se lembrar de comer o bolo com o garfo.

— Ela está tentando educar-me — disse vovô, mal-humorado. — Não vai funcionar.

— Estou certa de que o sr. Bronson não está interessado em nossos problemas de família — disse a sra. Smith calmamente. — Se fossem problemas. O que não são. Posso aquecer o seu café, sr. Bronson?

— Obrigado, senhora.

— Está certo, ele não está. Mas deviam falar com a Nancy logo. Maureen, olhe Ted de perto. Tá o viu alguma vez antes?

A mãe examinou Lazarus por cima da xícara, colocou-a no pires e disse:

— Sr. Bronson, quando o senhor entrou, tive uma sensação estranha. Na igreja, não foi?

Lazarus admitiu que esse podia ter sido o caso. As sobranceiras do avô se ergueram.

— É mesmo? Preciso avisar o vigário. Mas, mesmo que vocês tenham se encontrado lá...

— Não nos encontramos na igreja, papai. Tendo que pastorear o meu zoológico, mal tenho tempo de falar com o reverendo e a sra. Draper. Agora que estou

pensando nisso, porém, estou certa de ter visto o sr. Bronson lá domingo passado. A gente nota uma cara nova entre as familiares.

— Filha, assim sendo, não é o que eu quis dizer. Com quem Ted se parece? Não, não importa... ele não se parece com o seu tio Ned?

A mãe olhou outra vez para Lazarus. — Sim, vejo uma semelhança. Mas ele se parece mais ainda com você, papai.

— Não, Ted é de Springfield. Todos os meus pecados foram mais ao norte...

— Papai!

— Filha, pare de se preocupar por eu sacudir o esqueleto da família. É possível que... Ted, posso contar?

— Certamente, sr. Johnson. Como o senhor disse, não há nada de que se envergonhar... e eu não estou envergonhado.

— Ted é órfão, Maureen, um enjeitado. Se Ned não estivesse aquecendo os dedos dos pés no inferno, eu faria algumas perguntas indiscretas a ele. A época e o lugar estão corretos, e Ted certamente parece nosso parente.

— Papai, acho que o senhor está embaraçando o nosso convidado.

— Não estou. E não seja tão petulante, mocinha. Você é uma mulher crescida, com filhos; pode suportar uma conversa franca.

— Sra. Smith, não estou embaraçado. Quem quer que tenham sido meus pais, tenho orgulho deles. Deram-me um corpo forte, saudável, e um cérebro que atende às minhas necessidades ...

— Bem falado, rapaz!

— .. e, embora tivesse orgulho em afirmar que seu pai é meu tio e a senhora minha prima, se assim fosse, parece mais provável que os meus pais tenham sido levados por uma epidemia de tifo naquela região; as datas combinam muito bem.

O sr. Johnson franziu o cenho.

— Que idade você tem, Ted?

Lazarus pensou depressa e resolveu ser da idade de sua mãe.

— Tenho trinta e cinco anos.

— Ora, essa é exatamente a minha idade!

— Realmente, sra. Smith? Se a senhora não tivesse tornado claro que tem uma filha com idade suficiente para ir ao cinema com um rapaz, eu teria pensado que a senhora tinha cerca de dezoito anos.

— Ah, deixe disso! F^u tenho oito filhos.

— Impossível!!

— Maureen não aparenta a idade que tem — concordou seu pai. — Não mudou desde que era noiva. Isso é de família; a mãe dela não tem nenhum cabelo branco hoje. — (Onde está vovó?... oh, sim, então não pergunte.) — Mas, Ted, você não aparenta trinta e cinco também. FAI o teria imaginado na metade da

casa dos vinte.

— Bem, não sei exatamente quantos anos tenho. Mas não posso ser mais moço do que isso. Posso ser um pouco mais velho. — (Muito mais, vovô!) — Mas deve ser isso, porque, quando me perguntam, respondo 4 de julho de 1882.

— Ora, esse é o meu aniversário! (Sim, mamãe, eu sei.)

— Realmente, sra. Smith? Não tive intenção de roubar-lhe o aniversário. Vou adiantar alguns dias... digamos 1.º de julho. Já que de qualquer maneira não tenho certeza.

— Ah, não faça isso! Papai, o senhor deve trazer o sr. Bronson para jantar em nosso aniversário conjunto.

— Acha que Brian gostaria disso?

— Certamente que gostaria! Vou escrever-lhe a respeito disso. Ele estará em casa muito antes, de qualquer maneira. Sabe, Brian sempre diz: "Quanto mais gente, mais divertido!" Estaremos à sua espera, sr. Bronson.

— Sra. Smith, isso é muita bondade sua, mas espero partir numa longa viagem de negócios no dia 1.º de julho.

— Acho que o senhor deixou papai assustá-lo. Ou é a perspectiva de jantar com oito crianças barulhentas? Não importa: meu marido o convidará ele próprio... e depois veremos o que o senhor diz.

— Enquanto isso, Maureen, pare de forçá-lo; você o deixou agitado. Deixem-me ver uma coisa. Fiquem de pé os dois, um ao lado do outro. Vamos, Ted; ela não vai mordê-lo.

— Sra. Smith?

Ela encolheu os ombros e cobriu-se de covinhas, depois aceitou sua mão para se levantar da cadeira de balanço.

— Papai sempre quer "ver alguma coisa".

Lazarus ficou de pé ao lado de Maureen, de frente para o avô, e tentou ignorar a fragrância dela — um toque de água-de-colônia, mas principalmente o perfume leve, quente e delicioso de uma mulher doce e saudável. Lazarus ficou com medo de pensar no assunto, teve cuidado de não deixá-lo transparecer em sua fisionomia. Mas isso o atingiu como um golpe forte.

— Vamos. Aproximem-se os dois da banca da lareira e mirem-se no espelho. Ted, não houve nenhuma epidemia de tifo naquela região em 82. Nem em 83.

— Verdade, sr. Johnson? Naturalmente não posso me lembrar. (Eu não devia ter feito essa brincadeira! Desculpe, vovô. O senhor acreditaria na verdade? O senhor poderia... dentre todos os homens que já conheci. Não se arrisque, rapaz, esqueça isso!)

— Não. Apenas o número usual de tolos burros, preguiçosos demais para construírem suas privadas a uma distância apropriada dos seus poços. O que, tenho certeza, não pode descrever os seus pais. Não posso imaginar nada quanto

à sua mãe, mas acho que o seu pai morreu com a mão no acelerador, ainda tentando obter o controle. Maureen?

A sra. Smith contemplava o seu reflexo e o do convidado. Ela disse devagar:

— Papai... o sr. Bronson e eu nos parecemos o bastante para sermos irmão e irmã.

— Não, primos-irmãos. Embora com Ned morto não haja meio algum de prová-lo. Acho...

O sr. Johnson foi interrompido por um grito vindo do patamar da escada da frente:

— Mamãe! Vovô! Quero que me abotoem!

— Woodie, seu patife, volte para cima! — respondeu Ira Johnson.

Em vez disso, a criança desceu — pequena, do sexo masculino, sardenta e de cabelo avermelhado, vestindo um macacão de dormir com a aba oscilando atrás dele. Olhou para Lazarus com olhos redondos e desconfiados. Lazarus sentiu um calafrio descer-lhe pela espinha e tentou não olhar para a criança.

— Quem é esse?

— Desculpe-me, sr. Bronson — disse a sra. Smith rapidamente. Depois acrescentou depressa: — Venha cá, Woodrow.

— Não se preocupe, Maureen — disse o pai dela. — Vou levá-lo para cima e fazer bolhas no traseiro dele... depois vou abotoá-lo.

— Você e que outros seis? — perguntou o menino.

— Eu, sozinho, e um taco de beisebol.

A sra. Smith atendeu calma e rapidamente às necessidades do menino. Depois o fez sair às pressas da sala e subir as escadas. Ela voltou e sentou-se.

— Maureen, isso foi apenas uma desculpa — disse o pai dela. — Woodie sabe abotoar-se. Ele está velho demais para essa roupa de bebê. Vista um camisolão nele.

— Papai, podemos discutir isso em outra ocasião? O sr. Johnson encolheu os ombros.

— Exagerei outra vez. Ted, esse é o jogador de xadrez. Ele é um sujeito notável. Recebeu o nome por causa do presidente Wilson, mas não é "orgulhoso demais para lutar". É um diabinho.

— Papai!

— Está bem, está bem... mas é verdade. É disso que gosto em Woodie. Ele irá longe.

— Por favor, desculpe-nos, sr. Bronson — pediu a sra. Smith. — Meu pai e eu algumas vezes discordamos um pouco em como criar um menino. Mas não devemos sobrecarregá-lo com isso.

— Maureen, simplesmente não a deixarei fazer de Woodie um pequeno Lorde

Fauntleroy 1871.

— Não há perigo disso, papai; ele puxou a você. Meu pai esteve na guerra de 98, sr. Bronson, e na insurreição...

— E na Revolta dos Boxers.

— ...e ele não consegue esquecer isso...

— É claro que não. Conservo o meu velho 38 do exército debaixo do travesseiro, quando o meu genro está fora.

— Nem quero que ele esqueça; tenho orgulho do meu pai, sr. Bronson, e espero que todos os meus filhos cresçam com o mesmo espírito dele. Mas quero que aprendam a falar cortesmente, também.

— Maureen, prefiro que Woodie seja malcriado comigo do que tímido. Ele aprenderá a falar cortesmente dentro em breve; os meninos mais velhos cuidarão disso. Uma lição de boas maneiras reforçada por um olho preto é inesquecível. Sei por experiência própria.

A discussão foi interrompida pelo toque da campainha da porta.

— Deve ser Nancy — disse o sr. Johnson, e levantou-se para atender.

Lazarus ouviu Nancy dar boa-noite a alguém; depois se levantou também para ser apresentado, e só não ficou espantado porque já havia visto a irmã mais velha na igreja e sabia que ela parecia uma edição mais moça de Laz e Lor. Ela falou com ele amavelmente, mas correu para cima assim que lhe deram licença.

— Sente-se, sr. Bronson.

— Obrigado, sra. Smith, mas a senhora esteve acordada esperando sua filha voltar. Ela voltou; portanto, irei embora.

— Ah, não há nenhuma pressa; papai e eu somos como corujas.

— Muito obrigado. Apreciei o café e o bolo, e muito especialmente a companhia. Mas é hora de dar boa-noite. Vocês foram muito amáveis.

— Se o senhor precisa ir, sr. Bronson... Veremos o senhor na igreja domingo?

— Espero estar lá, senhora.

Lazarus foi para casa atordoado, o corpo alerta mas os pensamentos em outra parte. Chegou ao seu apartamento, trancou-se por dentro, verificou as janelas e as persianas automaticamente, tirou as roupas e começou a encher a banheira. Depois olhou para si mesmo sombriamente no espelho do banheiro.

— Seu idiota estúpido — disse ele com intensidade. — Seu filho da puta precipitado! Será que não consegue fazer nada direito?

Não, aparentemente não, nem mesmo algo tão simples como reatar o conhecimento com sua mãe. Vovô não tinha se constituído num problema; o velho bode não lhe tinha feito surpresas — além de ser mais baixo e menor do

que Lazarus lembrava. Ele era da mesma forma rabugento, desconfiado, cínico, formalmente amável, beligerante — e encantador —, como Lazarus lembrava.

Tinha havido momentos de ansiedade, quando ele se "colocara à disposição do tribunal". Mas o jogo dera melhor resultado do que Lazarus esperava — através de uma semelhança familiar insuspeitada. Lazarus não só nunca havia visto o irmão mais velho do avô (morto antes de Woodie Smith nascer), como havia se esquecido de ter existido alguma vez um Edward Johnson.

O tio Ned estava arrolado nas Famílias? Pergunte a Justin. Esqueça, não é importante. Mamãe havia acertado em cheio: Lazarus parecia-se com o avô. E com sua mãe, como vovô havia acentuado. Mas isso havia resultado apenas em conjecturas a respeito do querido velho tio Ned e seus "modos levianos", que mamãe não se importava de escutar, já que tinha certeza de que seu convidado não estava embaraçado.

Embaraçado? Isso havia mudado seu *status* de estranho para "primo". Lazarus teve vontade de beijar o tio Ned e agradecer-lhe por aqueles "modos levianos" que haviam tornado o parentesco plausível. Vovô acreditava na teoria — naturalmente; era dele — e sua filha parecia disposta a tratá-la como uma hipótese possível. Lazarus, você precisaria apenas da pista interna... se não fosse um rematado idiota!

Ele experimentou a água do banho — fria. Fechou a torneira e abriu o ralo. Uma promessa de água quente durante todo o dia tinha sido um atrativo quando Lazarus havia alugado este antro bolorento. Mas o zelador desligava o aquecedor de água antes de se deitar, e qualquer um que quisesse água quente depois das nove era um tolo. Bem, ele se qualificava como tolo, e talvez a água fria fizesse mais pelo seu estado instável do que a quente — mas ele desejara um banho demorado e quente para acalmar-lhe os nervos e ajudá-lo a pensar.

Ele havia se enamorado de sua mãe.

Aceite isso, Lazarus. Isto é impossível, e você não sabe como enfrentá-lo. Em mais de dois mil anos de uma desventura tola atrás da outra, esta é a enrascada mais absurda em que você já se meteu.

Ah, claro, um filho ama sua mãe. Como "Woodie Smith", Lazarus nunca havia duvidado disso. Sempre havia dado um beijo de boa-noite em sua mãe (geralmente), abraçava-a quando a via (se não estivesse com pressa), lembrava-se do seu aniversário (quase sempre), agradecia a ela pelos bolinhos ou pelo bolo que deixava para ele sempre que chegava tarde (exceto quando ele se esquecia), e algumas vezes lhe havia dito que a amava.

Ela tinha sido uma boa mãe. Nunca havia gritado com ele (ou com qualquer um deles) e, quando necessário, usava uma vara imediatamente e o assunto era encerrado — nunca aquela rotina de espere-até-seu-pai-chegar. Lazarus ainda podia sentir aquela vara de pessegueiro na barriga das pernas; ela o havia feito levitar, melhor do que Thurston, o Grande, numa idade muito tenra.

Lembrou-se também de que, à medida que ficava mais velho, descobriu que

tinha orgulho da aparência dela — sempre arrumada, ereta e invariavelmente encantadora com seus amigos — não como algumas mães dos outros meninos.

— Ah, claro, um menino ama sua mãe — e Woodie havia sido abençoado com uma das melhores.

Mas isto não era o que Lazarus sentia por Maureen Johnson Smith, jovem matrona encantadora, exatamente da "sua" própria idade. A visita essa noite havia sido uma deliciosa agonia — porque ele nunca tinha sido, em todas as suas vidas, tão intoleravelmente atraído, nunca ficara tão sexualmente obcecado por qualquer mulher em qualquer parte ou ocasião. Durante aquela curta visita, Lazarus tinha sido forçado a ter o maior cuidado para não deixar sua paixão transparecer — e um cuidado especial para não parecer galante demais, não ser mais do que impessoalmente amável; pela expressão, tom de voz ou qualquer outra coisa poderia arriscar-se a despertar as desconfianças sempre atentas do avô, que não suspeitara da tempestade de desejos que se havia apoderado dele assim que tocara a mão dela.

Lazarus baixou os olhos para a prova da sua paixão, rígida e ereta, e deu-lhe um tapa.

— Para que você está em pé? Não há nada a fazer. Este é o Cinturão da Bíblia.

Era, realmente! Vovô não acreditava na Bíblia, nem vivia pelos padrões do Cinturão da Bíblia; apesar disso, Lazarus tinha certeza de que, se os provocasse violando esses padrões, o avô atiraria nele com uma impassibilidade total, em benefício do genro. Provavelmente o velho deixaria o primeiro tiro passar ao largo e dar-lhe-ia uma oportunidade de fugir. Mas Lazarus não estava disposto a apostar a vida nisso. Agindo pelo genro, vovô poderia sentir-se obrigado a atirar certamente — e Lazarus sabia como o velho atirava bem.

Esqueça isso, esqueça isso, ele não ia dar, quer ao avô, quer ao pai, qualquer motivo para atirarem, ou mesmo para ficarem com raiva — e você esqueça isso também, sua serpente cega! Lazarus imaginou quando o seu pai estaria em casa, e tentou lembrar-se de como ele era — mas sua memória estava anuviada. Lazarus sempre tinha sido mais chegado ao avô Johnson do que ao pai; não só o pai muitas vezes estava fora a negócios, como também o vovô ficava em casa durante o dia e dispunha-se a perder tempo com Woodie.

Seus outros avós? Viviam em algum lugar no Ohio — Cincinnati? Não importa, a lembrança deles era tão apagada que não parecia valer a pena tentar vê-los.

Ele havia completado tudo o que pretendia fazer em Kansas City — e, se tivesse juízo, seria o momento de partir agora. Falte à igreja no domingo, fique longe da sala de jogos, desça na segunda-feira e venda o restante dos seus bens — e parta! Suba no Ford — não, venda-o e tome um trem para San Francisco; lá pegue o primeiro navio para o sul. Mande para vovô e Maureen bilhetes amáveis, postos no correio de Denver ou San Francisco, dizendo que lamenta, mas que uma viagem de negócios, etc. — mas *dê o fora da cidade!*

Porque Lazarus sabia que a atração não tinha sido unilateral. Ele pensou que havia evitado que o avô imaginasse sua tempestade emocional... mas Maureen

tinha tido consciência dela — e não ficara ressentida. Não, ficara lisonjeada e satisfeita. Eles haviam entrado na mesma frequência imediatamente e, sem uma palavra ou qualquer olhar ou contato significativo, o transreceptor dela havia respondido a ele, silenciosamente... depois, quando a oportunidade tornara isso possível, ela havia respondido abertamente, uma vez com um convite para jantar — a que o avô se havia oposto —, e ela havia prontamente revidado de uma maneira que o tornara aceitável pelos costumes. Depois uma segunda vez, no momento em que estava partindo, com a sugestão também perfeitamente aceitável de que esperava vê-lo na igreja.

Bem, por que uma jovem matrona, mesmo de 1917, não deveria ficar satisfeita — lisonjeada e não ofendida — de saber que um homem queria levá-la para a cama com toda a urgência e tratá-la com uma suave brutalidade? Se as unhas dele estivessem limpas... e se o seu hálito fosse doce... se os seus modos fossem amáveis e respeitosos — por que não? Uma mulher com oito filhos não é nenhuma virgem nervosa; está acostumada com um homem em sua cama, em seus braços, dentro do seu corpo — e Lazarus teria apostado o seu último centavo como Maureen gostava disso.

Lazarus não tinha nenhum motivo então, ou no começo de sua vida, para suspeitar de que Maureen Smith alguma vez tivesse sido algo além de "fiel" pelos mais rigorosos padrões do Cinturão da Bíblia. Não tinha nenhum motivo para pensar que ela estivesse sequer flertando com ele. Os modos dela não haviam sugerido isso; duvidava de que jamais sugerissem. Mas ele tinha uma certeza profunda de que ela estava tão fortemente atraída quanto ele, de que ela sabia exatamente aonde isso podia levar — e desconfiou de que ela tivesse percebido que nada senão vigilância os impediria.

(Contudo, um pai residente e oito filhos, mais os costumes contemporâneos relativos ao que podia e não podia ser feito, constituíam um bocado de vigilância! O cinto de castidade de Llita dificilmente poderia ser mais eficiente.)

Vamos puxar isso para o meio do soalho e deixar o gato farejar. "Pecado"? O "pecado", como o "amor", eram palavras difíceis de definir. Elas vinham em dois sabores amargos, mas completamente diferentes. A primeira consistia em violar os tabus da tribo. Esta paixão que ele sentia era certamente pecaminosa pelos tabus da tribo em que havia nascido — incestuosos, em primeiro grau.

Mas provavelmente não podia constituir incesto para Maureen.

Para si mesmo? Ele sabia que "incesto" era um conceito religioso, não científico, e os últimos vinte anos haviam lavado da sua mente quase o último vestígio do seu tabu tribal. O que restara não era mais do que o cheiro de cebola numa boa salada; tornava Maureen mais atraentemente proibida (se fosse possível!); isso não o assustou. Maureen não *parecia* ser sua mãe — porque ela não estava de acordo com as suas lembranças, quer como mulher jovem, quer como velha.

O outro significado de "pecado" era mais fácil de definir porque não estava anuviado pelos conceitos sombrios da religião e do tabu: pecado é o comportamento que ignora o bem-estar dos outros.

Suponhamos que ele ficasse por ali e conseguisse de alguma forma (convençionemos uma oportunidade segura) levar Maureen para a cama com sua plena cooperação. Ela se arrependeria disso mais tarde? Adultério? A palavra significava alguma coisa naquele lugar.

Mas ela era uma Howard, uma das primeiras quando o casamento entre Howards era um contrato com pagamento em dinheiro, com os olhos bem abertos, pagamento da Fundação por cada filho nascido dessa união — e Maureen havia cumprido o contrato, oito filhos já pagos, e continuaria produzindo por, hã, cerca de quinze anos mais. Talvez para ela "adultério" significasse "violação do contrato" em vez de "pecado" — ele não sabia.

Mas essa não é a questão, rapaz; a verdadeira questão é a única que alguma vez o impediu quando a tentação coincidiu com a oportunidade — e desta vez ele não podia consultar nem Ishtar nem qualquer geneticista. A probabilidade de um mau resultado era ligeira quando havia tantas barreiras no caminho de qualquer resultado. Mas esse era exatamente o risco que ele sempre se recusara a assumir: a possibilidade de dar uma desvantagem congênita a uma criança.

Ei, espere um minuto! Nenhum resultado desses podia resultar porque nada havia resultado. Ele conhecia cada um dos seus irmãos, vivos no momento ou ainda por nascer, e não havia defeituosos no lote. Nenhum.

Nenhum risco, portanto.

Mas... isso se baseava na presunção de que sua teoria de "não-paradoxo" era uma lei da natureza. Mas você tem consciência, há muito tempo, de que a própria teoria de "não-paradoxo" envolve um paradoxo — um sobre o qual você silenciou para não alarmar Laz e Lor e o resto da sua "atual" família (*aquele* atual, não esta); a saber, a idéia de que o livre-arbítrio e a predestinação são dois aspectos da mesma verdade matemática, e a diferença é simplesmente lingüística, não semântica: a idéia de que o seu próprio livre-arbítrio não pode mudar os acontecimentos aqui e agora porque os atos do seu livre-arbítrio aqui e agora já faziam parte do que havia acontecido em qualquer "aqui e agora" posterior.

O que por sua vez dependia de uma idéia solipsista que ele havia sustentado desde quando podia se lembrar teias de aranha, tudo isso!

Lazarus, você não sabe os problemas que pode causar!

Logo, *não faça isso!* Dê o fora da cidade agora e não volte absolutamente para Kansas City! Porque, se voltar, você pode estar certo de que vai tentar tirar as calças de Maureen ... e ela vai respirar fundo e ajudar. Daí por diante só Alá sabe — mas pode ser trágico para ela e trágico para outros; e, quanto a você, seu gananhão estúpido, todo colhões e nenhum cérebro, pode fazer com que lhe dêem um tiro no rabo... exatamente como as gêmeas previram.

Neste caso, já que você não vai ver sua família outra vez, não tem sentido esperar na América do Sul que esta guerra acabe. Você já viu o suficiente desta era condenada; peça às meninas para o recolherem agora.

A cintura dela era realmente fina assim? Ou ela a apertava?

Bolas, não importava como ela era constituída! Como com Tamara, isso simplesmente não importava.

"Queridas Laz e Lor:

Queridas, mudei de planos. Vi a minha primeira família, e não há mais nada que eu deseje fazer nesta era — nada por que valha a pena suar durante a maior parte de dois anos na estagnação, enquanto esta guerra se arrasta até o seu fim sangrento e inútil. Assim, quero que me apanhem agora, na cratera do impacto. Esqueçam-se do Egito; não posso ir para lá agora.

Por 'apanhem-me agora' quero dizer a 3 de março de 1917 gregoriano — repito, terceiro dia de março de 1917 gregoriano, na cratera de impacto daquele meteoro no Arizona.

Muita coisa para contar a vocês quando as vir. Enquanto isso.

Meu amor imorredouro,

Lazarus."

Foi a voz dela? Ou sua fragrância? Ou alguma outra coisa?

Da Capo IV

Lar

27 de março de 1917 greg.

Amada família:

Repetição da mensagem básica: cheguei aqui três anos mais cedo — 2 de agosto de 1916 —, mas ainda quero ser recolhido exatamente dez anos T após a queda, em 2 de agosto de 1926 — repito, seis. Pontos e alternativas de encontro da data básica como antes. Por favor, convençam Dora de que isto é consequência dos maus dados que lhe dei, e não é culpa dela.

Estou me divertindo enormemente. Acertei os meus negócios e depois entrei em contato com a minha primeira família, procurando meu avô (Ira Johnson, Ira), e travei relações com ele primeiro — e, com o auxílio de uma mentira horrenda e uma semelhança familiar muito feliz, vovô está convencido de que sou um filho não registrado do seu irmão (falecido). Não sugeri isto; foi idéia dele próprio. Em consequência, é sólida — e agora sou um primo "há muito perdido" em meu primeiro lar. Não morando lá, mas bem-vindo, o que é muito agradável.

Deixem-me dar um resumo da família, já que todos vocês descendem de três deles: vovô, mãe e Woodie.

Vovô: é descrito naquele refúgio que Justin esteve condensando. Nenhuma mudança, Justin, salvo que, em vez de ter dois metros de altura e ser talhado em granito, vovô é quase exatamente do meu tamanho. Estou passando ao lado dele cada minuto que me permite, o que em geral significa jogar xadrez com ele várias vezes por semana.

Mãe: tomem Lar e Lor e acrescentem cinco quilos nos melhores lugares, depois acrescentem quinze anos T e um pedaço grande de dignidade. (Parem de tremer seus malditos queixos!) Acrescentem cabelos até a cintura, mas sempre enrolados no alto. Não sei realmente como é mãe além da cabeça e das mãos, devido ao costume curioso daqui de se usar roupas no corpo todo em todas as ocasiões. E quero dizer "no corpo todo". Sei que mãe tem tornozelos finos porque certa vez os vi. Mas nunca me atreveria a ficar olhando para eles; vovô me atiraria para fora da casa.

Papai: ele está fora agora. Esqueci como ele é — esqueci a fisionomia deles todos, exceto vovô (que usa a mesma fisionomia que eu!). Mas vi fotografias de pai e ele se parece um pouco com o presidente Teddy Roosevelt — isto é, "Theodore", Atena, não "Franklin" — no caso de você ter uma fotografia em suas entranhas.

Nancy: Laz e Lor como eram três anos-padrões antes de eu partir. Não com tantas sardas e muito digna — exceto quando escorrega. Tem uma consciência aguda dos homens (jovens), e acho que vovô está insistindo com mãe para contar a ela imediatamente sobre a organização dos

Howards, para ele ter a certeza de que ela se casará dentro das Famílias.

Carol: Laz e Lor outra vez, porém dois anos mais moça do que Nancy. Ela está tão interessada em rapazes quanto Nancy — mas frustrada; mamãe a mantém de rédeas curtas. Ela faz o queixo tremer, o que mamãe ignora.

Brian Junior: cabelos escuros, parece-se mais com papai. Jovem capitalista em ascensão. Faz um itinerário de entrega de jornais e ao mesmo tempo acende os lampiões a gás da rua. Tem um contrato para a entrega de volantes de propaganda para o cine-teatro local, que subempreitou ao irmão mais moço e outros quatro meninos; paga a eles em entradas para o teatro, ficando com algumas para seu próprio uso e vendendo o resto com desconto (quatro cents em vez de cinco) no colégio. Trabalha com uma carrocinha de gasosa (uma bebida doce, efervescente) no verão, mas planeja franqueá-la ao irmão mais moço neste próximo verão; ele tem outro empreendimento em vista. (Pelo que me lembro, Brian ficou rico bastante moço.)

Deixem-me explicar uma coisa sobre a nossa família. Eles são prósperos pelos padrões de aqui e agora — mas não demonstram isso a não ser por morarem numa casa grande num bom bairro. Não só papai é um homem de negócios bem-sucedido, como também esta é uma época em que a dotação Howard para os bebês é substancial em termos de poder aquisitivo — e mamãe já teve oito. Para todos vocês, ser um Howard significa uma herança genética e uma tradição — mas aqui e agora isso significa dinheiro à vista para os bebês — um esquema para criação de gado, e nós somos o gado.

Acho que papai deve estar investindo o dinheiro que mamãe ganha tendo bebês Howard; certamente não o estão gastando — e isto está de acordo com as minhas próprias lembranças vagas. Não sei o que foi feito pelos meus irmãos, mas recebi uma quantia inicial quando me casei pela primeira vez — dinheiro que eu não esperava e que nada tinha a ver com as dotações Howard que minha primeira mulher ganhou por ser fértil e ter boa vontade. Já que me casei durante uma estagnação econômica, isto fez uma grande diferença. Voltando às crianças — os meninos não apenas trabalham; eles têm que trabalhar — ou não terão nada senão roupas e comida. As meninas recebem mesadas muito pequenas, mas têm que fazer o trabalho de casa e ajudar com as crianças menores. Isto porque é muito difícil para uma moça ganhar dinheiro nesta sociedade — mas um rapaz que saía e tente tem oportunidades sem fim. (Isto mudará antes de o século terminar, mas em 1917 é verdade.) Todas as crianças dos Smiths trabalham em casa (mamãe paga uma lavadeira um dia por semana, isso é tudo), mas um menino (ou menina) que encontre trabalho remunerado fora é dispensado do trabalho em casa. Ele tampouco tem que repor este tempo fora; fica com o que ganha e gasta ou guarda, sendo o último encorajado por papai, que aumenta essas economias.

Se vocês pensam que papai e mamãe estão intencionalmente fazendo de seus filhos cavadores de dinheiro, estão certos.

George: dez anos T de idade, sócio mais moço, sombra e ajudante de Brian

Júnior: Isto terminará dentro de alguns anos com George dando um soco na boca de Brian.

Marte: oito anos e uma menina turbulenta cheia de sardas. Mamãe está tendo dificuldades ao tentar fazer dela uma "dama". (Mas a suave teimosia de mamãe — da biologia — acabarão vencendo. Marie cresceu como a beleza da família, com beaux sob seus pés — e eu os odiava porque houve um período em que fui o animal de estimação dela. Marie foi a única das minhas irmãs a quem fui chegado. É possível ser solitário numa família grande, e eu o fui — exceto por vovô, sempre, e Marie, por um breve período.)

Woodrow Wilson Smith: ainda faltando vários meses para cinco anos, é um pirralho tão agressivo como nunca se viu. Estou aterrado de ser forçado a admitir que este pequeno biltre fedorento é a erva daninha que cresceu para ser a flor mais formosa da humanidade, a saber, o próprio Amigo Velho. Até agora, ele havia cuspido no meu chapéu quando este estava presumivelmente fora do seu alcance no cabide do vestibulo; referiu-se a mim depreciativamente várias vezes, das quais "Aqui está aquele almofadinha do derby outra vez!" foi a mais suave; chutou o meu estômago quando tentei erguê-lo (erro meu; eu não queria tocá-lo, mas achei que devia romper o meu constrangimento irracional); acusou-me de roubar no xadrez quando na verdade ele é que estava roubando — chamou minha atenção para alguma coisa fora da janela, depois andou com a minha rainha uma casa; peguei-o no ato e cobreí isso dele. E assim por diante, ad nauseam.

Mas continuei a jogar xadrez com ele porque: (a) Estou resolvido a me dar com toda a minha primeira família durante o breve tempo em que estiver aqui; (b) Woodie joga xadrez a qualquer oportunidade, e vovô e eu somos os únicos jogadores de xadrez por aqui que aturam os seus modos venenosos. (Vovô o surra quando necessário; eu não tenho esse privilégio. No entanto, se eu não tivesse receio de descobrir o que aconteceria, poderia estrangulá-lo. O que aconteceria? Metade da história humana desapareceria e o resto seria alterado além do ponto de reconhecimento? Não, "paradoxo" é uma palavra nula; o fato de eu estar aqui prova que controlarei o meu gênio o tempo suficiente para me livrar do pequeno animal.)

Richard: três anos e tão afetuoso quanto Woodie é difícil. Gosta de se sentar no meu colo e ouvir histórias. Sua favorita é sobre duas gêmeas ruivas, chamadas Laz e Lor, que pilotam um navio aéreo através do céu. Sinto uma terna tristeza por Dickie, porque ele morrerá (morreu) bastante moço, ao atacar um lugar chamado Iwo Jima.

Ethel: um sorriso celestial numa extremidade e uma fralda molhada na outra. De pouca conversa.

Essa é a minha (nossa) família em 1917. Espero ficar em KC até papai voltar — em breve, agora — e depois partir; uma parte disto é difícil para mim, por

agradável que seja a maior parte. Pode ser que dê uma olhada neles quando esta guerra terminar — mas provavelmente não; não quero estragar as minhas boas-vindas.

Para tornar claro o que foi dito acima, devo explicar alguns dos costumes daqui. Até papai chegar em casa, meu status vem através de vovô, é o de um amigo com quem ele joga xadrez; não pode ser nada mais, embora ele — e talvez mamãe — acredite que eu seja filho do tio Ned. Por quê? Porque sou um homem solteiro "moço", e pelas regras locais uma mulher casada não pode ter um homem solteiro moço como amigo, particularmente quando o marido está fora da cidade. O tabu é tão forte que não me atrevo sequer a dar a aparência de violá-lo... por causa de mamãe. Nem ela me encorajaria a isso. Nem vovô o permitiria.

Assim, serei bem-vindo em minha própria casa apenas se for lá para ver vovô. Se eu telefonar, devo perguntar por ele. E assim por diante.

Ah, é permissível, num dia chuvoso, eu oferecer condução para casa a membros da família Smith que estejam na igreja. Tenho permissão de fazer quase qualquer coisa pelas crianças, desde que não as "mime" — o que mamãe define como gastar muito mais do que cinco cents com uma delas. No sábado passado tive licença para levar seis delas a um piquenique na minha carruagem-automóvel. Estou ensinando Brian a guiá-la. Meu interesse pelas crianças é considerado compreensível por mamãe e por vovô devido à minha infância "solitária" e "despojada" como "órfão".

A única coisa que nunca devo fazer é ficar sozinho com mamãe. Não entro na minha própria casa a não ser publicamente, acompanhado de vovô; os vizinhos notariam. Sou meticuloso quanto a isso; não arriscarei causar problemas para mamãe com um tabu tribal.

Estou escrevendo esta no meu apartamento, numa máquina de imprimir em que vocês não acreditariam, e tenho que parar a fim de levá-la ao centro e reduzi-la fotograficamente duas vezes, depois gravá-la, laminá-la, selá-la para a correspondência atrasada e pô-la numa caixa — o que toma um dia inteiro, porque preciso usar um laboratório alugado e destruir as fases intermediárias à medida que prossigo; isto não é algo que eu me atreva a deixar num apartamento do qual o zelador tem a chave. Quando eu voltar da América do Sul, farei minha própria instalação de um laboratório, uma que possa levar no automóvel. As estradas pavimentadas serão mais comuns na próxima década, e espero viajar por elas. Mas quero continuar enviando estas cartas e por tantas caixas de correspondência atrasada quanto possível, na esperança de que pelo menos uma resista aos séculos e chegue até vocês. Como disse Justin, o maior problema é conseguir que pelo menos uma dure os três próximos séculos — e continuarei tentando.

Todo o meu amor para todos vocês,

Lazarus.

Da Capo V

Vivace



3 DE MARÇO DE 1917- CÁISER CONSPIRA COM MÉXICO E JAPÃO
ATACAR USA — TELEGRAMA DE ZIMMERMANN ^[88] AUTÊNTICO

2 DE ABRIL DE 1917: O PRESIDENTE FALA AO CONGRESSO — PEDE
GUERRA

6 DE ABRIL DE 1917: A AMÉRICA ENTRA NA GUERRA — O
CONGRESSO DECLARA QUE "EXISTE UM ESTADO DE
BELIGERÂNCIA"

Lazarus Long ficou tão surpreso pela data do irrompimento da guerra com a Alemanha como deixou de ficar surpreso pelo próprio fato. Foi apanhado tão desprevenido que não foi senão mais tarde que analisou *por que* "a percepção tardia" em que havia confiado provou ser ainda mais míope do que a previsão.

O reinício da guerra submarina sem restrições no começo de 1917 não o havia surpreendido; estava de acordo com as lembranças das suas primeiras lições de história. O telegrama de Zimmermann não o perturbou, embora não se lembrasse dele; combinava com um padrão de que ele se lembrava — novamente da história, não das lembranças diretas de uma criança muito pequena — um período de três anos, de 1914 a 1917, em que os Estados Unidos haviam passado lentamente da neutralidade para a guerra. Woodie Smith ainda não tinha dois anos quando a guerra começou, e ainda completava cinco quando o seu país entrou nela; Lazarus não tinha lembranças de primeira mão dos negócios estrangeiros de uma época em que Woodie era pequeno demais para compreender essas improbabilidades remotas.

O horário que Lazarus havia fixado, desde que descobrira haver chegado três anos mais cedo, tinha funcionado tão bem que ele não percebeu que o seu "relógio" estava errado, até que o acontecimento lhe bateu no rosto. Quando conseguiu encontrar tempo para analisar seu engano, viu que havia cometido o principal pecado contra a sobrevivência: havia acreditado em seus próprios

desejos. *Desejara* acreditar no seu horário.

Não tinha querido deixar a sua primeira família recém-encontrada tão rapidamente. Nenhum deles. Mas especialmente Maureen.

Maureen... Uma vez tendo decidido permanecer até 1.º de julho como havia planejado originalmente, após uma longa noite de luta com a sua alma perturbada — uma noite de indecisão, preocupação e cartas escritas e destruídas — descobriu que *podia* permanecer e tratar a sra. Brian Smith com uma polidez amistosa porém formal, evitar qualquer sinal de interesse por ela mais pessoal do que os costumes permitiam. Conseguiu manter o seu humor celibatário — feliz por estar perto dela quando isso era possível sem fazer com que o nariz da sra. Grundy se torcesse — ou o nariz ainda mais agudo do seu avô.

Lazarus tinha sido realmente feliz. Como com Tamara — ou as gêmeas — ou qualquer das suas queridas —, o acasalamento não era necessário para amar. Quando era aconselhável, ele podia baixar os fogos e esquecer isso. Nunca deixou, por um instante sequer, de ter consciência da tremenda atração física desta mulher que tinha sido sua mãe mais de dois mil anos atrás (em alguma direção estranha) — mas a questão foi engavetada; isso não afetou suas maneiras ou diminuiu sua felicidade quando lhe era permitido estar perto dela. Ele acreditava que Maureen sabia o que ele estava fazendo (ou deixando de fazer) e por quê, e que ela apreciava a sua discrição.

Durante todo o mês de março procurou meios aprovados de vê-la. Brian Júnior quis aprender a guiar; vovô decidiu que ele tinha idade suficiente, portanto Lazarus ensinou a de — apanhava-o em casa e deixava-o lá de volta — e muitas vezes foi recompensado com uma visão rápida de Maureen. Lazarus descobriu até um meio (além do xadrez) de chegar a Woodie. Levou o menino ao Teatro Hipódromo para ver o mágico Thurston, o Grande — depois prometeu levá-lo (quando abrisse, no verão) ao parque de diversões, um lugar que era o próprio céu para Woodie. Isto consolidou uma trégua entre eles.

Lazarus levou o menino para casa depois do teatro, ferrado no sono e com não mais do que o desgaste normal, e foi recompensado com um café com vovô e Maureen.

Lazarus prontificou-se a ajudar com a tropa de escoteiros patrocinada pela igreja; George era lobinho, e Brian estava trabalhando para ser pioneiro. Lazarus achou agradável ser chefe escoteiro assistente — e vovô convidou-o para entrar quando ele deu aos meninos uma carona para casa.

Lazarus prestava pouca atenção aos assuntos estrangeiros. Continuou a comprar o *Post*, de Kansas City, porque o jornaleiro da esquina da 31st Street com a Troost o considerava um freguês regular — sujeito verdadeiramente bacana, que pagava um níquel por um jornal de um *penny* e não esperava troco. Mas Lazarus raramente o lia, nem mesmo as notícias do mercado, pois havia encerrado suas transações.

Na semana que começava no domingo, 1.º de abril, Lazarus não pretendia ver sua família por dois motivos: vovô estava fora e seu pai estava em casa. Lazarus não tencionava encontrar-se com o pai até poder conseguir isso natural e facilmente através de vovô. Em vez disso, ficou em casa, cozinhou para si mesmo, pôs em dia alguns serviços, fez trabalhos mecânicos no seu *landaullet*, limpou-o e poliu-o, e escreveu uma longa carta para sua família em Tertius.

Esta ele levou consigo na quinta-feira de manhã, pretendendo prepará-la para a correspondência atrasada. Comprou um jornal, como de hábito, na esquina da 31⁵ com a Troost; após se sentar num bonde, deu uma olhada na primeira página — depois rompeu o hábito de aproveitar o percurso para lê-lo cuidadosamente. Em vez de ir para a Companhia Fotográfica de Kansas City foi para a sala de leitura da Biblioteca Pública Central e passou duas horas pondo-se em dia com o mundo — com os jornais locais, o *Times*, de Nova York, de terça-feira, onde leu o texto da mensagem do presidente ao Congresso — "Deus ajudando-a, ela não pode fazer outra coisa!" — e o *Tribune*, de Chicago, do dia anterior. Notou que o *Tribune*, o inimigo mais constante da Inglaterra fora a imprensa de língua alemã, estava agora mudando de atitude.

Depois foi até o banheiro dos homens, picou em pedaços pequenos a carta que havia preparado, jogou na latrina e puxou a descarga.

Foi até o Banco Missouri Savings e encerrou sua conta. Foi depois até o escritório da Estrada de Ferro Santa Fé, no centro da cidade, e comprou uma passagem para Los Angeles com um privilégio de parada por trinta dias em Flagstaff, no Arizona. Passou numa papelaria e depois no Banco Commonwealth, onde pediu o seu cofre; retirou dele uma caixa menor, cheia de ouro. Pediu para usar o banheiro do banco; sua condição de cliente locatário de cofre fez com que obtivesse este favor.

Com as moedas de ouro distribuídas nos treze bolsos do seu paletó, do colete e das calças, Lazarus não parecia mais elegante — tendia a curvar-se aqui e ali —, mas, se ele andasse com cuidado, não tilintaria. Assim, caminhou com todo o cuidado, levando o seu níquel à mão ao embarcar num bonde; depois ficou de pé na plataforma traseira em vez de se sentar. Não ficou sossegado até estar fechado e trancado no seu apartamento.

Parou para fazer e comer um sanduíche, depois começou o serviço de alfaiate, cosendo as moedas amarelas dentro dos bolsos do colete de camurça que havia feito anteriormente. Depois o cobriu com o paletó que havia usado como molde. Lazarus esforçou-se para trabalhar devagar, restaurando as costuras com tanto cuidado que a função do vestuário não poderia ser detectada por ninguém que não o estivesse usando.

Por volta da meia-noite comeu outro sanduíche e voltou a trabalhar.

Quando ficou satisfeito com o caimento e a aparência, pôs o paletó de dinheiro de lado, colocou um cobertor dobrado sobre a mesa onde estivera trabalhando e sobre ele uma alta e pesada máquina de escrever Oliver. Atacou o monstro barulhento com dois dedos; "Kansas City, 5 de abril de 1917 gregoriano

Queridas Lor e Laz:

EMERGÊNCIA. Preciso ser recolhido. Espero estar na cratera de impacto na segunda-feira, 9 de abril de 1917, repito, nove de abril de mil novecentos e dezessete. Posso chegar um ou dois dias atrasado. Esperarei lá dez dias, se possível. Se não for recolhido, tentarei manter o encontro de 1926 (mil novecentos e vinte e seis).

Obrigado!

Lazarus."

Lazarus datilografou dois originais desta, depois endereçou dois conjuntos de envelopes, usando alternativas diferentes em cada um e endereçando os envelopes de fora, um para o seu contato local e o outro para um endereço em Chicago. Depois redigiu um recibo de venda:

" Por um dólar na mão e outras boas e valiosas considerações, vendo e transfiro todo o meu interesse, direito e propriedade de um automóvel Ford modelo T, carroceria tipo landaulet, motor número 1290408, a Ira Johnson e garanto a ele e seus sucessores que este bem móvel está livre e desembaraçado e que sou o único proprietário com pleno direito de transferir a propriedade.

(a) Theodore Bronson

6 de abril de 1917 A.D."

Colocou-o num envelope comum, juntou-o aos outros, bebeu um copo de leite e foi para a cama.

Dormiu dez horas sem se perturbar com os gritos de "Extra! Extra!" pelo bulevar; ele os havia esperado, seu subconsciente ignorou-os e deixou-o descansar — esperava ficar muito ocupado por muitos dias.

Quando o seu relógio interior o chamou, levantou-se, tomou banho e barbeou-se rapidamente. Preparou e comeu um desjejum reforçado, limpou sua cozinha, retirou todos os artigos perecíveis da geladeira e jogou-os na lata de lixo na varanda de serviço dos fundos. Girou o cartão do gelo para NÃO QUERO GELO HOJE e deixou quinze centavos em cima da geladeira, depois de esvaziar o recipiente da pingadeira.

Havia um litro de leite fresco ao lado do gelo. Ele não o havia pedido, mas assim mesmo colocou seis centavos numa garrafa vazia, com um bilhete dizendo ao leiteiro para não deixar leite até a próxima vez em que ele deixasse dinheiro fora.

Encheu uma valise — artigos de toalete, meias, roupas de baixo, camisas e colarinhos (para Lazarus, aqueles engomados colarinhos altos simbolizavam todos os tabus e preconceitos dessa era, que de outra forma era agradável) —, depois deu uma busca rápida no apartamento à procura de qualquer coisa de natureza pessoal. O aluguel estava pago até o fim de abril; tendo sorte ele esperava estar no *Dora* muito antes disso. Com má sorte estaria na América do Sul — mas com sorte pior estaria em algum outro lugar, qualquer lugar, e com outro nome; ele queria que "Ted Bronson desaparecesse sem deixar vestígios.

Pouco depois havia, esperando na porta da frente, uma valise, um sobretudo, um terno de inverno, um jogo de xadrez de marfim e ébano e uma máquina de escrever. Acabou de se vestir, tendo o cuidado de colocar os três envelopes e a passagem num bolso interno do paletó. O colete do dinheiro era quente demais, mas não incômodo; o peso distribuído não estava mal.

Empilhou tudo isso no compartimento traseiro do carro, foi até a subestação postal do lado sul, registrou duas cartas e foi de lá para a loja de penhores ao lado do Salão de Rilhar Hora Feliz. Notou, com uma alegria perversa, que O Jardim Suíço estava com as persianas abaixadas e um letreiro que dizia FECHADO.

O sr. Dattelbaum estava disposto a trocar a máquina de escrever por um revólver, mas quis cinco dólares a mais pela pequena pistola Colt que Lazarus escolheu. Lazarus deixou o penhorista conduzir ambos os lados da troca.

Lazarus vendeu a máquina de escrever e o terno, deixou seu sobretudo e recebeu de volta um certificado de penhor, um revólver e uma caixa de balas. Na verdade estava dando o sobretudo ao sr. Dattelbaum, já que não tinha nenhuma intenção de resgatá-lo — mas Lazarus obteve o que queria, mais três dólares em dinheiro; havia-se livrado de coisas de que não precisava mais e dado ao seu amigo o prazer de uma última troca.

O revólver coube num bolso do lado esquerdo do colete que Lazarus havia transformado num coldre improvisado. A menos que ele fosse revistado — o que era muito pouco provável para um cidadão tão obviamente respeitável —, não seria notado. Um saíete seria melhor, tanto para esconder a arma como para sacá-la rapidamente mas isso foi o melhor que ele pôde conseguir com as roupas que tinha de usar, e aquele revólver tinha tido seu cano serrado por algum dono anterior com idéias práticas.

Ele agora tinha liquidado tudo em Kansas City, exceto quanto a dizer adeus à sua primeira família — e depois pegaria a primeira maria-fumaça da Santa Fé para o oeste. Ficou aflito por vovô ter ido a St. Louis, mas isso não tinha remédio, e desta única vez forçaria sua entrada, com uma história convincente: o jogo de xadrez como presente para Woodie era motivo suficiente para aparecer em pessoa, a nota de venda fornecia-lhe uma desculpa para falar com seu pai. "Não, senhor, isto não é exatamente um presente... mas alguém bem que podia guiá-lo até esta guerra terminar... e se, por qualquer motivo, eu não voltar, bem, isto torna as coisas mais simples, o senhor me compreende? Por ser o seu sogro o meu melhor amigo e uma espécie de parente mais próximo, já que não tenho

nenhum."

Sim, isso funcionaria e resultaria numa oportunidade de dizer adeus a toda a família, inclusive Maureen. (Especialmente Maureen!) Sem mentir realmente. A melhor maneira de mentir.

Apenas uma coisa: se o pai quisesse alistá-lo em sua própria unidade, então uma mentira teria que ser usada. Lazarus havia resolvido definitivamente entrar para a marinha. Nenhuma intenção de ofender, sr. Brian; sei que o senhor acabou de voltar de Plattsburg, mas a marinha também precisa de homens.

Mas ele não contaria essa mentira a menos que fosse forçado a isso.

Deixou o carro nos fundos da loja de penhores, atravessou a rua até uma farmácia e telefonou:

— É da residência de Brian Smith?

— Sim, é.

— Sra. Smith, aqui é o sr. Bronson. Posso falar com o sr. Smith?

— Aqui não é mamãe, sr. Bronson; é Nancy. Ora, isso não é *terrível*?

— Sim, é, srta. Nancy.

— O senhor quer falar com papai? Mas ele não está aqui; foi para Fort Leavenworth. Para se apresentar... e não sabemos quando o veremos novamente!

— Vamos, vamos... por favor, não chore. Por favor!

— Eu não estava chorando. Estou apenas um pouquinho perturbada. O senhor quer falar com mamãe? Ela está aqui... mas está deitada.

Lazarus pensou depressa. Naturalmente que ele queria falar com Maureen. Mas... Com os diabos, isso era uma complicação!

— Por favor, não a incomode. Pode me dizer quando o seu avô estará de volta à cidade? — (Poderia arriscar-se a esperar? Ah, maldição!)

— Ora, vovô voltou ontem.

— Ah! Posso falar com ele, srta. Nancy?

— Mas ele também não está aqui. Foi à cidade há algumas horas. Deve estar no seu clube de xadrez. Quer deixar algum recado para ele?

— Não. Diga-lhe apenas que liguei... e ligarei outra vez mais tarde. E, srta. Nancy... não se preocupe.

— Como posso deixar de me preocupar?

— Tenho uma intuição. Não conte a ninguém, mas é verdade; uma velha cigana viu que eu tinha isso e me provou. Seu pai vai voltar para casa e não será ferido nesta guerra. Eu *sei*.

— Ah... não sei se acredito nisso ou não... mas faz-me sentir-me melhor.

— É verdade. — Despediu-se amavelmente e desligou.

Clube de xadrez.. Certamente você não estaria vagabundeando numa sala de jogo hoje. Mas, já que ficava exatamente do outro lado da rua, era melhor ver... antes de ir para Benton e esperar em frente à casa que ele voltasse.

Vovô estava lá, à mesa de xadrez, mas nem mesmo fingindo resolver um problema de xadrez; estava simplesmente furioso.

— Boa tarde, sr. Johnson. Vovô ergueu os olhos.

— O que há de bom nela? Sente-se, Ted.

— Obrigado, Johnson. — Lazarus enfiou-se na outra cadeira. — Nada de muito bom, suponho.

— Hein? — O velho olhou para ele como se tivesse acabado de notar a sua presença. — Ted, você diria que sou um homem em boas condições físicas?

— Sim, certamente.

— Capaz de pôr um fuzil no ombro e marchar trinta quilômetros por dia?

— Acho que sim. — (Estou certo de que pode, vovô.)

— Foi isso o que eu disse àquele jovem convencido do posto de recrutamento. Ele me disse que eu era *velho demais!* — Ira Johnson parecia prestes a cair em prantos. — Perguntei-lhe desde quando quarenta e cinco anos era velho demais... e ele me disse para chegar para o lado, que eu estava atrasando a fila. Ofereci-me para sair e chicoteá-lo e a dois homens quaisquer que ele escolhesse. E eles me puseram para fora, Ted, *eles me puseram para fora!* — Vovô cobriu o rosto com as mãos, depois as baixou e gaguejou: — Eu estava usando a farda do exército antes que aquele galinho irritante aprendesse a fazer pipi em pé.

— Lamento, sr. Johnson.

— Minha própria culpa. Levei comigo minha baixa... e esqueci que ela trazia a data do meu nascimento. Olhe, Ted, se eu tingisse o meu cabelo e voltasse a St. Louis ou Joplin, isso poderia funcionar... não poderia?

— Provavelmente. — (Sei que não funcionou, vovô... mas acho que o senhor conseguiu entrar na Guarda Nacional na conversa. Mas não posso contar-lhe isso.)

— Vou fazer isso! Mas deixarei minha baixa em casa.

— Enquanto isso, posso levá-lo para casa? Minha carroça está aí atrás.

— Bem... suponho que terei de ir para casa... finalmente.

— Que tal uma pequena volta pelo Paseo para refrescar?

— É uma idéia. Se isso não o atrapalha. — Absolutamente.

Lazarus ficou dirigindo, mantendo-se em silêncio, até a raiva do velho desaparecer. Quando Lazarus notou isto, voltou e virou para leste na 31st Street e

estacionou.

— Sr. Johnson, posso dizer uma coisa?

— Hein? Fale.

— Se não o aceitarem, mesmo com o seu cabelo tingido, espero que não se sinta muito mal por causa disso. Porque esta guerra é um engano terrível.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que eu disse. — (Até onde contar a ele? Até onde posso conseguir que ele acredite? Não posso esconder totalmente... este é vovô... que me ensinou a atirar e mil outras coisas. Mas em que ele acreditaria?) — Esta guerra não fará o menor bem; apenas tornará as coisas piores.

Vovô ficou olhando para mim com a teste franzida.

— O que você é, Ted? Pró-germânico?

— Não.

— Pacifista, talvez? Pensando nisso, você nunca disse uma palavra sobre a guerra.

— Não, não sou pacifista. E não sou pró-germânico. Mas se nós ganharmos esta guerra...

— Você quer dizer "quando nós ganharmos esta guerra!"

— Está bem, quando nós ganharmos esta guerra, vamos verificar que na realidade a perdemos. Perdemos tudo por que pensávamos estar lutando.

O sr. Johnson mudou de tática abruptamente.

— Quando é que você vai se alistar? Lazarus hesitou.

— Há duas coisas que tenho de fazer primeiro.

— Achei que essa podia ser a sua resposta, sr. Bronson. Adeus! — Vovô mexeu no trinco da porta, xingou, pisou no estribo e daí saltou para a calçada.

— Vovô! — gritou Lazarus. — Quero dizer, sr. Johnson. Deixe-me acabar de levar o senhor para casa. *Por favor!*

O avô parou apenas o tempo suficiente para olhar para trás e dizer:

— Não, decididamente não... sua formiga mijona e pusilânime! — Depois marchou firme pela rua até a parada do bonde.

Lazarus esperou e observou o sr. Johnson embarcar; depois seguiu o bonde, não querendo admitir que não havia nada que pudesse fazer para corrigir a confusão que havia feito de suas relações com o avô. Viu o velho descer no Benton Boulevard, pensou em ultrapassá-lo e tentar falar com ele.

Mas o que poderia dizer? Compreendia como o avô se sentia, o porquê — já tinha falado demais, e nada do que dissesse poderia anular ou corrigir aquilo. Ele guiem sem destino pela 31st Street.

Na Indiana Avenue, estacionou o carro, comprou o *Star* de um jornaleiro, entrou

numa *drugstore*, sentou-se no balcão de refresco, pediu um de cereja para justificar sua presença e olhou para o jornal.

Mas não consegui lê-lo... Em vez disso ficou olhando para ele e meditando.

Quando o empregado limpou o balcão de mármore em frente a ele e ficou esperando, Lazarus pediu outro refresco. Quando isto aconteceu pela segunda vez, Lazarus pediu para usar o telefone.

— Home ou Bell? — Home.

— Atrás da charutaria, e pague a mim.

— Brian? Aqui é o sr. Bronson. Posso falar com a sua mãe?

— Vou saber.

Mas foi a voz do seu avô que veio pela linha:

— Sr. Bronson, o seu puro atrevimento me espanta. O que deseja?

— Sr. Johnson, quero falar com a sra. Smith...

— Não pode.

— ... porque ela tem sido muito amável comigo. Quero agradecer-lhe e despedir-me.

— Um momento... — Ele ouviu o avô dizer: — George, dê o fora. Brian, leve Woodie com você, feche a porta e cuide para que ela fique fechada. — A voz do sr. Johnson voltou a soar, mais perto: — O senhor ainda está aí?

— Sim, senhor.

— Então escute cuidadosamente e não interrompa; vou dizer isto apenas uma vez.

— Sim, senhor.

— Minha filha não vai falar com o senhor, nem agora nem nunca...

— Ela sabe que pedi para falar com ela? — perguntou Lazarus rapidamente.

— *Cale-se!* Certamente que sabe. Ela me pediu que lhe desse este recado. Ou eu próprio não teria falado com o senhor. Agora eu também tenho um recado para o senhor... e não me interrompa. Minha filha é uma respeitável mulher casada cujo marido atendeu ao chamado da pátria. Portanto, não fique perto dela. Não venha aqui ou será recebido com uma espingarda. Não telefone. Não vá à igreja dela. Talvez o senhor pense que não posso forçá-lo a isso. Deixe-me lembrar-lhe que isto é Kansas City. Dois braços quebrados custam vinte e cinco dólares; pelo dobro disso eles o matarão. Mas para um serviço completo (quebrar os seus braços primeiro e depois matá-lo) há um desconto. Posso gastar sessenta e dois e cinquenta se o senhor tornar isso necessário. Compreendeu?

— Sim.

— Então dê o fora!

— Espere! Sr. Johnson, não acredito que o senhor contrate um homem para

matar outro homem...

— É melhor o senhor não arriscar.

— ... porque acho que o senhor mesmo o mataria. Houve uma pausa. Depois o velho deu uma risadinha.

— Pode ser que o senhor tenha razão. — E desligou o telefone.

Lazarus girou a manivela do carro e foi embora. Pouco depois descobriu que estava indo para oeste pelo Linwood Boulevard. Notou isso porque passou pela igreja de sua família. Onde havia visto Maureen pela primeira vez...

Onde ele nunca a veria outra vez.

Nunca! Nem mesmo se voltasse e tentasse evitar os enganos que havia cometido — não havia nenhum paradoxo. Aqueles enganos faziam parte inalterável da textura do espaço-tempo, e todas as sutilezas da matemática de Andy, todas as forças reunidas no *Dora* não poderiam apagá-los.

Na Linwood Plaza ele estacionou pouco antes da Brooklyn Avenue e considerou o que fazer em seguida.

Ir até a estação e pegar o próximo trem da Santa Fé para o oeste, Se qualquer daqueles pedidos de socorro resistisse através dos séculos, então ele seria recolhido na manhã de segunda-feira — e esta guerra e todos os seus problemas seriam outra vez uma coisa que havia acontecido muito tempo atrás —, e "Ted Bronson" seria alguém que vovô e Maureen haviam conhecido rapidamente e o esqueceriam.

Muito mau ele não ter tido tempo de gravar aquelas mensagens; apesar de tudo, uma delas podia resistir. Senão... então venha ao encontro para ser recolhido em 1926. Ou se *nenhuma* delas chegasse — era sempre uma possibilidade, já que estava tentando usar a correspondência atrasada antes que ela estivesse propriamente estabelecida — então espere por 1929 e realize o encontro como planejado originalmente. Nenhum problema quanto a isso; as gêmeas e Dora estavam prontas para mantê-lo, não importava o que houvesse.

Então por que ele se sentia tão mal?

Esta guerra não era *sua*.

Com o tempo vovô saberia que a predição que ele havia deixado escapar era a simples verdade. Com o tempo vovô aprenderia a que a "gradidão" francesa se limitava — quando "Lafayette, estamos aqui!" estivesse esquecido e o refrão fosse "*Pas un sou à l'Amérique*¹⁸⁹¹." Ou, igualmente, a "gradidão" inglesa. Não havia *nenhuma* gradidão entre nações, nunca tinha havido, nunca haveria. "Pró-germânico"? Que diabo, não, vovô! Há algo de podre no próprio cerne da cultura alemã, e esta guerra vai levar a outra com as atrocidades alemãs mil vezes mais terríveis do que quaisquer de que eles tenham sido acusados até hoje. Câmaras de gás e um fedor de carne queimada, muita maldade planejada... Um fedor que resistiu aos séculos...

Mas não havia meios de contar a vovô e a Maureen nada disso. Ele nem devia tentar. A melhor coisa quanto ao futuro era este ser desconhecido. A única qualidade de Cassandra¹⁹⁰ foi nunca terem acreditado nela.

Por que, então, deveria importar-se com o fato de que duas pessoas que provavelmente não podiam saber o que ele sabia o interpretassem mal por ele achar que essa guerra era inútil?

Mas o fato era que *importava* — importava terrivelmente.

Ele sentiu a ligeira protuberância contra as costelas da esquerda. Uma defesa para o seu ouro — ouro ao qual ele não ligava a mínima. Mas um interruptor de opção final também.

Afaste-se dele, seu tolo idiota! Você não quer morrer; você quer simplesmente a aprovação de vovô e Maureen... de Maureen

O posto de recrutamento ficava embaixo da principal agência de correio, bem no centro da cidade. Embora fosse tarde, ela ainda estava aberta, e havia uma fila do lado de fora. Lazarus pagou um dólar a um preto velho para ficar sentado no seu carro, avisou-o de que havia uma valise atrás, prometeu-lhe outro dólar quando voltasse — e não mencionou o colete de dinheiro e a pistola, ambos agora na valise. Mas Lazarus não se preocupou com o carro ou o dinheiro — podia ser mais simples si' ambos fossem roubados. Ele entrou na fila.

— Nome?

— Bronson, Theodore.

— Experiência militar anterior?

— Nenhuma.

— Idade? Não, data de nascimento... e é melhor ser antes de 5 de abril de 1899.

— 11 de novembro de 1890.

— Você não parece tão velho, mas está bem. Leve este papel e entre naquela porta. Encontrará sacos ou fronhas. Tire suas roupas, meta-as num, guarde-o com você. Entregue isto a um dos médicos e faça o que ele lhe disser.

— Obrigado, sargento.

— Mexa-se. O seguinte,

Um médico de uniforme era assistido por outros seis em trajes civis. Lazarus leu o cartão Snellen corretamente, mas o médico não parecia estar ouvindo; aquilo pareceu-lhe um exame de "corpo quente". Lazarus viu apenas um homem rejeitado, um que estava (na opinião de Lazarus) nas fases finais da tuberculose.

Somente um médico parecia de algum modo ansioso por encontrar defeitos. Ele fez Lazarus inclinar-se e afastou suas nádegas, apalpou à procura de hérnia e fê-lo tossir, depois apalpou-lhe a barriga.

— O que é essa massa dura do lado direito?

— Não sei, doutor.

— Tiraram o seu apêndice? Sim, vejo a cicatriz. Ou melhor, sinto a crista; a cicatriz mal aparece. Você teve um bom cirurgião; gostaria de poder fazer uma assim tão bem. Provavelmente é apenas uma massa de matéria fecal; tome uma dose de laxante e estará livre dela pela manhã.

— Obrigado, doutor.

— De nada, filho. O seguinte.

— Ergam suas duas mãos direitas e repitam comigo...

— Conservem estas tiras de papel. Estejam na estação antes das sete, amanhã de manhã, mostrem seus formulários a um sargento no balcão de informações; ele lhes dirá onde embarcar. Se perderem a tira de papel, estejam lá *de qualquer maneira...* ou o Tio Sam virá procurar por vocês. Isso c tudo, homens, vocês estão no exército agora! Saiam por aquela porta.

Seu carro ainda estava lá; o preto velho saiu.

— Está tudo em ordem, capitão!

— Certamente — concordou Lazarus, animado, enquanto tirava uma nota de um dólar. — Mas é "soldado", não "capitão".

— Eles o aceitaram? Neste caso dificilmente posso aceitar o seu dólar,

— Claro que pode! Não preciso dele; Tio Sam cuidará de mim "enquanto a guerra durar" e vai me pagar vinte e um dólares por mês, além disso. Junte este com o outro compre gim e faça um brinde a mim... Soldado Ted Bronson.

— Não fica bem eu fazer isso, capitão... soldado Ted Bronson, senhor. Eu sou White Ribbon. Fiz o juramento antes de o senhor nascer. Fique com o seu dinheiro e enforque o cáiser por nós.

— Tentarei, titio. Vamos arredondar isso para cinco dólares e você pode dá-los para a sua igreja... e rezar uma prece por mim.

— Bem... se assim quer, capitão soldado.

Lazarus foi lentamente para o sul, por McGee, sentindo-se feliz. Nunca dê dentadas pequenas, goze a vida!

— "K...K...K... Katy! Linda Katy.

Parou numa *drugstore*, olhou por cima do balcão da charutaria, localizou uma caixa quase vazia de White Owls, comprou os charutos restantes e pediu para ficar com .. caixa. Depois comprou um rolo de algodão e outro de esparadrapo cirúrgico — e, por impulso, a maior e mais sofisticada caixa de bombons da loja.

Seu carro estava estacionado embaixo de uma lâmpada de arco voltaico; deixou-o ficar ali, entrou no banco traseiro, rebuscou dentro da sua valise, tirou o paletó e

a pistola, depois se pôs a desmanchá-lo, indiferente ao risco de ser visto. Com o seu canivete, em cinco minutos desfez horas de trabalho; as moedas pesadas tilintaram na caixa de charutos. Ele acolchoou-as com algodão, fechou a caixa e reforçou-a, envolvendo-a com esparadrapo. O paletó retalhado, a pistola e sua passagem para o oeste desceram por um bueiro, e a última das preocupações de Lazarus foi junto com elas. Sorriu ao levantar-se e limpou os joelhos. Filho, você *está* ficando velho — ora, você tem vivido *cuidadosamente*’

Foi guiando o carro alegremente pelo Linwood até Benton, ignorando o limite de velocidade da cidade de trinta quilômetros por hora. Ficou satisfeito ao ver as luzes acesas no andar inferior da residência de Brian Smith; não teria que acordar ninguém. Subiu na calçada sobrecarregada pela caixa de bombons, a caixa de xadrez e a caixa de charutos enrolada com esparadrapo. A luz da varanda acendeu-se quando ele chegou aos degraus; Brian Júnior abriu a porta e olhou para fora.

— Vovô! É o sr. Bronson!

— Correção — disse Lazarus firmemente. — Por favor, diga ao seu avô que o "soldado Bronson" está aqui.

Vovô apareceu imediatamente e olhou para Lazarus, desconfiado.

— O que é isto? O que foi que ouvi você dizer a este menino?

— Pedi a ele para anunciar o "soldado Bronson". Eu.

— Lazarus conseguiu colocar todos os três pacotes sob o braço esquerdo, enfiou a mão no bolso e tirou o papel que lhe haviam dado no posto de recrutamento.

— Olhe para isto. O sr. Johnson leu.

— Estou vendo. Mas por quê? Pensando da maneira como pensa...

— Sr. Johnson, eu nunca disse que não iria alistar-me; disse simplesmente que tinha coisas a fazer primeiro. Isso era verdade, tinha. É verdade também que tenho dúvidas quanto à finalidade desta guerra. Mas independentemente de qualquer opinião, que eu devia ter guardado para mim mesmo, chegou a hora de cerrar fileiras e avançarmos juntos. Assim, fui até lá, apresentei-me e eles me aceitaram.

O sr. Johnson devolveu o formulário de recrutamento e abriu bem a porta.

— Entre, Ted!

Lazarus viu cabeças desaparecendo quando entrou; aparentemente a maior parte da família ainda estava de pé. O avô introduziu-o na sala de visitas.

— Sente-se, por favor. Preciso ir dizer isso à minha filha

— Se a sra. Smith já tiver se recolhido, não gostaria que ela fosse perturbada — mentiu Lazarus. (Que diabo, não, vovô! Eu preferia deitar-me com ela. Mas esse é um segredo que guardarei para sempre.)

— Não se preocupe. Isto é uma coisa que ela vai querer saber. Ah, esse papel... pode me dar para eu mostrar a ela?

— Certamente, sr. Johnson.

Lazarus esperou. Ira Johnson voltou em alguns minutos e devolveu a prova do alistamento.

— Ela vai descer daqui a pouco. — O velho suspirou.

— Ted, estou orgulhoso de você. Naquela hora você me deixou transtornado... e eu disse o que não devia. Lamento... peça desculpas.

— Não posso aceitá-las porque não há o que desculpar, sr. Johnson. Falei apressadamente e não me fiz claro. Podemos esquecer isso? Quer apertar minha mão?

— Hein? Sim. Certamente! Ora! — Eles apertaram-se as mãos solenemente. (Talvez vovô ainda pudesse levantar uma bigorna com o braço estendido ... meus dedos foram esmagados.)

— Sr. Johnson, poderia cuidar de algumas coisas para mim? Coisas que não tive tempo de fazer?

— Hein? Certamente!

— Esta caixa, principalmente. — Lazarus entregou a ele a caixa de charutos enrolada com esparadrapo.

O sr. Johnson apanhou-a, suas sobranceiras se ergueram.

— Pesada.

— Limpei o meu cofre. Moedas de ouro. Virei buscá-las quando a guerra terminar... ou, se não vier, quer dá-las a Woodie? Quando ele fizer vinte e um anos?

— O quê? Ora, ora, filho, tudo correrá bem para você.

— Planejo isso, e virei buscá-las então. Mas posso cair de uma escada, num navio de transporte de tropas, e partir o meu pobre pescoço. O senhor fará isso?

— Sim, farei.

— Obrigado, sr. Johnson. Isto é para dar a Woodie agora. Meu jogo de xadrez. Não posso andar com ele por aí. Eu o daria ao senhor, mas o senhor inventaria algum motivo para não aceitá-lo... e Woodie não.

— Ora! Muito bem, sr. Bronson.

— Aqui está uma coisa que é para o senhor... mas não é bem o que parece. — Lazarus entregou a nota de venda do automóvel.

O sr. Johnson leu-a.

— Ted, se você está tentando me dar o seu automóvel, é melhor pensar outra vez.

— Isso é apenas uma transferência nominal de propriedade, sr. Johnson. Eu gostaria de deixá-lo com o senhor. Brian sabe guiá-lo; ele é um bom motorista agora, tem jeito para isso. O senhor pode dirigi-lo; até a sra. Smith pode querer aprender. Quando o tenente Smith estiver em casa, pode ser que o ache

conveniente. Contudo, se eles me mandarem para treinar em algum lugar perto daqui e eu tiver folga antes de ser mandado para ultramar, gostaria de ter liberdade para usá-lo eu mesmo.

— Mas por que me dar uma nota de venda? Claro, ele pode ficar no celeiro... e sem dúvida ambos os Brians o guiariam. Posso aprender a pastoreá-lo eu mesmo. Mas não há nenhuma necessidade disto.

— Ah! Não me fiz entender. Suponha que eu esteja fora, em algum lugar, digamos em Nova Jersey... mas queira vendê-lo. Posso mandar-lhe um cartão-postal de um *penny*, e será fácil, porque o senhor terá a nota. — Lazarus acrescentou, pensativo: — Ou posso cair daquela escada... caso em que se aplica o mesmo raciocínio. Se o senhor não a quiser, pode endossá-la para Brian Júnior. Ou fazer o que quiser. Sr. Johnson, sabe que não tenho nenhum parente... então por que não facilitar as coisas?

Antes de vovô poder responder, a sra. Smith entrou, com o seu melhor vestido e sorrindo (e estivera chorando, Lazarus tinha certeza). Ela estendeu a mão.

— Sr. Bronson! Estamos todos tão orgulhosos do senhor!

Sua voz, sua fragrância, o contato da sua mão, sua alegria orgulhosa, tudo atingiu Lazarus no ventre; seu condicionamento cuidadoso foi varrido para longe. (Amada Maureen, é uma sorte eu ser mandado embora imediatamente. Mais seguro para você, melhor para todos. Mas fiz isso para torná-la orgulhosa de mim, e agora minha taça transbordou

— e por favor convide-me para sentar antes que vovô perceba a saliência no meu saíote escocês!)

— Obrigado, sra. Smith. Passei apenas para dizer obrigado e adeus... e boa-noite também, porque estou embarcando amanhã de manhã cedo.

— Ah, sente-se, por favor! Tome um café, pelo menos, e as crianças também vão querer dizer-lhe adeus.

Uma hora mais tarde ele ainda estava lá e mais feliz ainda — completamente feliz. Os bombons tinham sido abertos para todos eles, após ele os haver presenteado a Carol. Lazarus havia bebido muito café forte com creme e açúcar e havia comido uma pesada fatia de bolo branco feito em casa, com cobertura de chocolate, depois aceitara uma segunda enquanto admitia que não havia comido desde o café da manhã

— protestara, em seguida, quando Maureen quis levantar-se de um salto e cozinhar. Eles chegaram a um acordo pelo qual Carol saiu a fim de fazer um sanduíche para ele.

— Foi um dia confuso — explicou ele —, e não tive tempo de comer. O senhor fez com que eu mudasse de planos, sr. Johnson.

— Fiz, Ted? Como?

— O senhor sabe... Acho que contei aos dois que planejava fazer uma viagem de

negócios a San Francisco partindo a 1.º de julho. Depois acontece isso. O Congresso declara guerra e eu resolvo fazer a viagem imediatamente, resolver meus negócios lá... depois me alistar. Quando estive com o senhor, eu estava pronto para partir, com malas prontas e tudo... e o senhor me fez perceber que o cáiser não ia ficar esperando enquanto eu cuidava de negócios particulares. Alistei-me imediatamente, então. — Lazarus conseguiu parecer embaraçado. — Minha valise ainda está lá fora no carro, indo a parte alguma.

Ira Johnson ficou penalizado.

— Eu não tinha intenção de apressá-lo, Ted. Não faria diferença tirar alguns dias para resolver seus negócios; eles não podem organizar nenhum exército da noite para o dia. Eu sei, vi-os tentarem isso em 98. Puxa! Talvez eu possa fazer a viagem para você. Como seu agente, já que... Bem, acho que não vou estar muito ocupado.

— Não, não! Um milhão de agradecimentos, sr. Johnson... mas eu não estava pensando direito. Pensava em "tempo de paz" em vez de em "tempo de guerra" até o senhor me pôr nos trilhos outra vez. Fui até a Western Union e escrevi uma carta noturna ao meu corretor em Frisco^[91] dizendo o que queria que ele fizesse; depois escrevi uma carta nomeando-o meu procurador de fato, autentiquei-a num cartório, fui até o correio central e mandei-a para ele registrada. Tudo resolvido, tudo providenciado. — Lazarus estava apreciando tanto o imprevisto que quase acreditou nele. — Depois descí e me alistei. Mas aquela valise... O senhor acha que pode pô-la no seu sótão? Não vou levar uma valise comigo. São apenas alguns artigos de toalete.

— Tomarei conta dela, sr. Bronson! — disse Brian Júnior. No meu quarto!

— No nosso quarto — corrigiu George. — Nós tomaremos conta dela.

— Esperem, meninos. Ted? Você ficaria de coração partido se perdesse essa valise?

— Absolutamente, sr. Johnson. Por quê?

— Então leve-a consigo. Mas, quando voltar para o seu apartamento esta noite, arrume-a de maneira diferente. Você pôs nela camisas brancas e colarinhos duros, sem dúvida. Não vai precisar disso. Se tiver quaisquer camisas de trabalho, leve-as. Certifique-se de levar um par de botinas bem amaciadas com as quais possa marchar. Meias... todas as que tiver. Roupas de baixo. Imagino, com base numa triste experiência, que eles não terão uniformes suficientes imediatamente. Confusão, aos montes. Pode ser que você fique treinando durante um mês ou mais com o que levar consigo.

— Acho — disse a sra. Smith seriamente — que papai tem razão, sr. Bronson, O sr. Smith... o tenente Smith, meu marido, estava dizendo algo parecido com isso antes de partir. Ele partiu sem esperar pelo seu telegrama (este chegou horas mais tarde) porque disse saber que haveria confusão a princípio. — Sua boca se contraiu. — Embora ele tenha dito isso de modo mais original.

— Filha, não importa como Brian disse, não foi suficientemente original. Ted terá

sorte se as suas repreensões forem oportunas. Qualquer homem que saiba distinguir seu pé direito do esquerdo será agarrado e feito cabo interino; eles não se importarão como ele está vestido. Mas você se importa, Ted... portanto, leve roupas que possa usar numa fazenda. E sapatos... sapatos confortáveis que não façam bolhas em seus pés no primeiro quilômetro. Hum... Ted, você conhece o truque da pomada hidratante? Para usar nos pés quando sabe que pode ter de ficar calçado durante uma semana ou mais?

— Não, sr. Johnson — respondeu Lazarus. (Vovô, você já me ensinou isso uma vez antes, ou talvez "depois"; e funciona, nunca me esqueci disso.)

— Se possível mantenha os seus pés limpos e secos. Lambuze o pé todo e especialmente entre os dedos com a pomada. Ou vaselina fenicada, é melhor. Use bastante, uma camada grossa. Depois calce as meias (limpas, se possível, sujas, se for preciso, mas não deixe de usá-las) e calce as botas. Quando ficar de pé pela primeira vez, parecerá que está pisando num barril de sabão mole. Mas os seus pés lhe agradecerão por isso e você não terá frieiras entre os dedos. Ou não tanto. Cuide dos seus pés, Ted, e mantenha os intestinos em funcionamento.

— Papai!

— Filha, estou falando com um soldado... dizendo a ele coisas que podem salvar-lhe a vida. Se as crianças não podem ouvir essas coisas, mande-as subir para dormir.

— Acho que está na hora — respondeu Maureen — de fazer os mais novos se acalmarem, pelo menos.

— Não tenho que ir para a cama!

— Woodie, faça exatamente o que sua mãe lhe disser e nada de respostas... ou entortarei um atizador da lareira no seu traseiro. Essas são as ordens em vigor, até seu pai voltar da guerra.

— Vou ficar acordado até o soldado Bronson ir embora! Papai disse que eu podia.

— Ora! Vou discutir a impossibilidade lógica disso com um cacete; é a única maneira de fazer você compreender. Maureen, sugiro que comecemos pelo mais moço; deixe-os dizer boa-noite um de cada vez e depois marcharem direto para a cama lá em cima. O que levará o tempo necessário para que eu acompanhe Ted até o ponto de bonde.

— Mas eu ia levar o tio Ted para casa de carro! Lazarus achou que era tempo de falar:

— Brian, obrigado. Mas não vamos dar à sua mãe algo extra com que se preocupar esta noite. O bonde me leva quase diretamente para casa... e de amanhã em diante não vou ter nem mesmo bondes; terei que caminhar.

— Está certo — concordou vovô. — Ele marchará. "Esquerda, direita! Peito saliente, cabeça erguida!" Ted, o pai fez dele sargento da guarda até sua volta, incumbido da segurança interna desta família.

— Então ele não pode deixar o posto para levar em casa um simples soldado, pode?

— Não na presença do oficial da guarda (eu) e do oficial de dia, minha filha, Lembrei-me de algo... enquanto os garotos estiverem lhe dando o beijo de despedida, quero desencavar duas das minhas velhas camisas do exército; acho que elas caberão em você. Se não se importa de usar roupas velhas.

— Sr. Johnson, ficarei orgulhoso e honrado em usá-las! A sra. Smith se levantou.

— Também tenho uma coisa que preciso apanhar para o senhor... o soldado Bronson. Nancy, quer trazer Ethel para baixo? E Carol, quer trazer Richard?

— Mas o soldado Bronson não comeu o seu sanduíche!

— Desculpe, srta. Carol. Estava excitado demais para comer. Hã, quer embrulhá-lo para mim? Vou comê-lo logo que chegar ao meu apartamento... e ele me fará dormir profundamente.

— Faça isso, Carol — decidiu a mãe. — Brian, quer trazer Richard para baixo?

Após mais um pouco de conversa, Lazarus deu boa-noite a todos eles, em ordem inversa de idade Segurou Ethel por um momento e sorriu ao seu sorriso de bebê, depois beijou o alto da sua cabeça e entregou-a de novo a Nancy, que a levou para cima e voltou correndo. Para beijar Richard, Lazarus teve que se apoiar num joelho. A criança parecia incerta do motivo por que aquilo estava acontecendo, mas sabia que a ocasião era solene; abraçou Lazarus com força e lambuzou-lhe o rosto com um beijo.

Woodie então o beijou — pela primeira e única vez, mas Lazarus não ficou mais perturbado por tocar "em si mesmo", porque esse menininho não era ele próprio, mas simplesmente um indivíduo do qual ele herdara algumas lembranças numa estranha concatenação. Não ficara mais tentado a estrangulá-lo — ou não muitas vezes.

Woodie aproveitou aquela inusitada intimidade para cochichar:

— Aquele jogo de xadrez é realmente de marfim?

— Marfim real, verdadeiro. Marfim e ébano, exatamente como as teclas do piano de sua mamãe.

— Puxa, isso é ótimo! Olhe, quando você voltar, tio soldado Bronson, vou deixá-lo jogar com ele. Sempre que quiser.

— E vou ganhar de você, rapaz.

— É o que você diz! Bem, adeus. Não aceite nenhum níquel de madeira.

A pequena Marie beijou-o com lágrimas nos olhos e gaguejou:

— Tenha cuidado, tio Ted — e saiu também.

— Vou cuidar realmente do seu automóvel — disse Brian Júnior. — Vou mantê-lo brilhante, exatamente como você faz — depois hesitou... de repente beijou-lhe o rosto e saiu, levando Richard.

Carol trouxe o sanduíche bem embrulhado num papel-manteiga e amarrado com

uma fita. Ele lhe agradeceu e colocou-o num bolso de fora do paletó. Ela pôs as mãos nos ombros dele, ficou na ponta dos pés e cochichou:

— Há um bilhete nele para você! — beijou-lhe o rosto e saiu rapidamente.

Nancy tomou o lugar de Carol e disse, tranqüila:

— O bilhete é de nós duas. Vamos rezar por você todas as noites quando rezarmos por papai. — Ela olhou para a mãe, depois passou os braços em volta dos ombros de Lazarus e beijou-o na boca, um beijo firme. — Isso não é adeus, mas *au revoir!* — Ela saiu ainda mais depressa do que a irmã, de cabeça erguida e movendo-se como a mãe.

A sra. Smith levantou-se e disse calmamente:

— Papai? — e esperou.

— Não.

— Então vire de costas.

— Ora! Está bem. — O sr. Johnson ficou estudando os quadros na parede.

Com um ruje-ruje macio a sra. Smith aproximou-se de Lazarus e ergueu os olhos para ele, segurando um livrinho,

— Isto é para você.

Era um Novo Testamento de bolso; ela segurou-o aberto na capa. Lazarus apanhou-o e leu a dedicatória original, um tanto desbotada:

*"A Maureen Johnson, Sexta-Feira da Paixão de 1892, por serviço perfeito.
Mateus: VII, 7"*

E abaixo, em escrita recente e firme:

*"Ao soldado Theodore Bronson
Seja fiel a si mesmo e à pátria.
Maureen J. Smith
6 de abril de 1917"*

Lazarus engoliu em seco.

— Vou guardá-lo como relíquia e conservá-lo sempre comigo, sra. Smith.

— "Sra. Smith" não, Theodore... "Maureen". — Ela ergueu os braços.

Lazarus enfiou o livrinho no bolso de cima, enlaçou-a e seus lábios se encontraram.

Por um longo momento, o beijo dela foi firme e quente, mas casto. Depois, ela deu um gemido quase inaudível, seu corpo amoleceu e comprimiu-se com força

contra o dele, seus lábios se abriram, e ela beijou-o de uma maneira que Lazarus mal pôde acreditar, mesmo porque ele retribuiu no mesmo tom — um beijo que prometia tudo quanto ela podia dar.

Após uma eternidade incomensurável ela sussurrou contra os seus lábios:

— Theodore... cuide-se bem. Volte para nós.

Da Capo VI

Vivace



Campo Funston, Kansas

Queridas gêmeas e família:

Surpresa! Conheçam o cabo Bronson, sargento interino e o instrutor mais detestável de todo o exército nacional dos Estados Unidos. Não, não embarcei os meus circuitos. Perdi a pista, temporariamente, de um princípio básico de ação evasiva, isto é, o melhor lugar para esconder uma agulha é numa pilha de agulhas... e o melhor lugar para evitar os horrores da guerra é num exército. Já que nenhum de vocês jamais viu uma guerra, ou mesmo um exército, preciso explicar.

Eu havia (tolamente) planejado evitar esta guerra fugindo para a América do Sul. Mas a América do Sul é um lugar onde não posso provavelmente passar por nativo, não importa quão bem eu fale a língua — e está carregada de agentes alemães que poderiam desconfiar de que eu fosse um agente americano e provocar algum acidente horrível para o amigo velho, bendito seja seu coração inocente. E as garotas lá têm lindos olhos chamejantes, damas de companhia desconfiadas e pais que adoram alvejar gringos por nada. Pouco saudável.

Se eu ficasse nos Estados Unidos, porém, e tentasse ficar fora do exército — uma escorregadela e eu terminaria atrás de frios muros de pedra, comendo uma comida miserável e transformando pedras grandes em pequenas. Pouco atraente.

Mas em tempo de guerra o exército é o melhor lugar — descontado um risco moderado de ser alvejado. Isto pode ser evitado.

Como? Esta ainda não é a era da guerra total, e um exército oferece inumeráveis buracos onde um covarde (eu) pode evitar perigos desagradáveis provocados por estranhos. Nesta era apenas uma pequena

parte do exército é alvejada. (Uma parte menor ainda é ferida, mas não pretendo correr esse risco.) Aqui e agora a guerra terrestre é travada em certas posições, e no exército há um número infinito de tarefas fora desses lugares, nos quais (apesar do uniforme militar) um homem do exército é realmente apenas um civil privilegiado.

Estou num serviço desses e provavelmente não sairei até a guerra terminar. Alguém tem que pegar esses rapazes corajosos, jovens e inocentes, recém-chegados das fazendas, e transformá-los em alguma coisa parecida com soldados. Um homem que pode fazer isso é tão valioso que os oficiais relutam em deixá-lo ir embora.

Portanto, estou cheio daquele velho espírito de luta e não terei que lutar. Em vez disso, ensino — ordem-unida, treinamento avançado, tiro ao alvo e cuidados com o fuzil, baioneta, combate desarmado, higiene de campanha, tudo. Minha aptidão "espantosa" em assuntos militares causou surpresa, por ser eu um recruta "sem nenhuma experiência militar". (Como poderia admitir que você me ensinou a atirar depois do fim desta guerra, que manuseei pela primeira vez estas mesmas armas como cadete do ginásio dez anos a partir de agora, e que a minha experiência militar está espalhada pelos cem anos seguintes, e mais um pouco aqui e ali durante mais alguns séculos?)

Mas correu um boato de que eu tinha sido certa vez soldado da Legião Estrangeira francesa, uma grande unidade de um dos nossos aliados, constituída de degoladores, ladrões e condenados fugidos, e famosa por sua maneira de lutar tipo vá-para-o-inferno — provavelmente desertor dela e quase certamente com outro nome. Desencorajei esta mistificação tornando-me grosseiro quando alguém começava a fazer perguntas e só ocasionalmente cometia o engano de fazer continência à moda francesa (com a palma da mão para a frente) e corrigi isso imediatamente — mas todo mundo sabe que eu "polly-voou"⁽⁹²⁾ porque o meu conhecimento da língua francesa teve muito a ver com a minha mudança de "cabo interino" para cabo verdadeiro, responsável pela instrução, e agora na reta para sargento. Há oficiais e sargentos franceses e ingleses aqui para nos ensinar a guerra de trincheiras. Supõe-se que todos os franceses aqui falem inglês — mas o inglês que eles falam, estes puxadores de arado do Kansas e do Missouri não conseguem entender. Então aí se insinua o preguiçoso Lazarus como ligação. Eu e um sargento francês quase valem por um bom instrutor.

Sem esse sargento francês eu sou um bom instrutor — quando me deixam ensinar o que sei. Mas só me permitem isso em combate desarmado, porque a luta desarmada braço a braço não muda com o tempo; só o nome muda, e só tem uma regra: bata primeiro, depressa, e da maneira mais suja.

Mas considere o combate à baioneta. A baioneta é uma faca na extremidade de um fuzil; as duas partes constituem o dardo dos romanos, usado dois mil anos antes, e não era nova mesmo então. Podia-se esperar que a arte do

combate de baioneta em 1917 fosse perfeita.

Mas não é. O "Livro" ensina defesas mas não o contra-ataque — contudo um contra-ataque é tão rápido quanto uma defesa, muito mais enganador e fatalmente desconcertante para um homem que nunca ouviu falar dele. E há outras coisas: houve (haverá) uma guerra no século XXVI greg. em que o uso da baioneta se tornou uma arte refinada, e participei dela a contragosto até conseguir dar o fora. Assim, certa manhã, mediante uma aposta, demonstrei que podia enfrentar, sem nunca ser tocado, um sargento instrutor do exército americano regular, depois um inglês e depois um francês.

Permitiram-me ensinar o que eu havia demonstrado? Não. Quero dizer "Com os diabos, não!" Eu não estava fazendo isso "pelo Livro", e minha tentativa "presunçosa" quase me custou meu trabalho confortável. Voltei, então, a fazer aquilo pelo "Livro" sagrado.

Mas este livro (usado em Plattsburg, onde meu pai — e o de vocês — treinou) não é ruim. Na luta à baioneta sua ênfase está na agressividade, o que está bem dentro dos seus limites; a baioneta é uma arma horrível nas mãos de um homem ansioso para se aproximar e matar — e isso podia ser tudo o que aqueles garotos teriam tempo de aprender. Mas eu odiaria ver aqueles valentes rapazes de rostos corados enfrentarem alguns velhos, cansados e pessimistas mercenários do século XXVI e cujo único objetivo era ficarem vivos enquanto os adversários morriam.

Esses garotos podem ganhar uma guerra, eles ganharão esta guerra, eles a ganharam, do tempo em que vocês estão. Mas um número desnecessário vai morrer.

Amo esses garotos. Eles são jovens, ansiosos, valentes e terrivelmente sófregos para chegarem "Over there"¹⁹³¹ e provarem que um americano pode derrotar seis alemães. (Não é verdade. A proporção não é sequer de um para um. Os alemães são veteranos e não sofrem de "espírito esportivo" ou quaisquer outras ilusões. Mas esses garotos verdes continuarão lutando e morrendo até os alemães desistirem.)

Mas eles são tão moços! Laz e Lor, a maioria deles é mais moça do que vocês duas, alguns muito mais moços. Não sei quantos mentiram sobre a idade — mas uma porção deles nem tem barba. Algumas vezes, à noite, ouço um chorar no seu catre, com saudades da mãe. Mas no dia seguinte estará tentando, dando duro como sempre. Não temos deserções bastantes que mereçam menção; estes rapazes querem lutar.

Tento não pensar em como esta guerra é inútil.

É uma questão de perspectiva. Minerva provou-me certa noite (quando ela ainda estava seguindo a profissão de computadora) que todos os aquis e agora são iguais e que "o presente" é simplesmente qualquer aqui e agora que se esteja usando. Pelo meu "próprio" aqui e agora (onde estaria eu se não tivesse dado ouvidos aos gansos selvagens — em casa, em Tertius) — por esse aqui e agora esses rapazes ansiosos como cachorrinhos estão

mortos há muito tempo e os vermes já os comeram; esta guerra e suas terríveis conseqüências constituem história antiga, nenhuma preocupação minha.

Mas eu estou aqui, e ela está acontecendo agora, e eu a sinto.

Estas cartas ficaram mais difíceis de escrever e de mandar. Justin, você deseja relatos detalhados, escritos no local, de tudo quanto faço, para acrescentar àquele monte de mentiras que você editou. A redução fotográfica e a gravação são agora impossíveis. Algumas vezes me permitem sair do campo por um dia, o que é apenas o tempo suficiente para chegar à cidade grande mais próxima, Topeka (a cerca de cento e sessenta quilômetros de viagem, ida e volta), mas sempre num domingo, quando o comércio está fechado; portanto, não tive uma oportunidade sequer de estabelecer uma ligação para usar um laboratório em Topeka — presumindo que haja um com o equipamento de que preciso, ponto muito duvidoso. Vou deixar as cartas se acumularem num cofre (já que não importa quando eu as poste) — mas os bancos nunca estão abertos aos domingos. Assim, uma carta escrita à mão, não muito comprida nem volumosa, é o máximo que posso fazer — sempre que consigo pôr as mãos em envelopes aninhados (também difíceis agora) — e espero que o papel e a tinta não se oxidem demais durante os séculos.

Comecei um diário, um que não faz menção de Tertius e coisas parecidas (esta carta me faria ser trancado como louco!), mas é simplesmente uma narração diária dos acontecimentos. Posso pô-lo no correio, quando estiver completo para vovô Ira Johnson guardar para mim; então, depois que a guerra terminar e eu tiver tempo e privacidade, poderia usá-lo para escrever o tipo de comentário que você deseja, e ter tempo de miniaturizar e estabilizar uma longa mensagem. Os problemas do historiógrafo que viaja pelo tempo são estranhos e esquisitos. Um cubo de memória Welton de grão fino registraria tudo o que eu pudesse dizer nos próximos dez anos — mas eu não poderia usá-lo, mesmo que o tivesse; falta a tecnologia para isso.

A propósito... Ishtar, você implantou um gravador na minha barriga? Você é um amor, querida, mas algumas vezes um amor estranho — e há alguma coisa aqui. Ele não me incomoda, e eu nunca o teria notado se um médico não o percebesse no dia em que entrei para o exército. Ele não deu importância ao fato — mais tarde, porém, fiz o meu próprio exame pelo tato. Há um implante ali — e não do que Ira diz que estou cheio. Pode ser algum daqueles órgãos artificiais que vocês, rejuvenescedores, relutam em discutir com os seus "filhos". Mas desconfio de que é um cubo Welton com um ouvido ligado a ele e um estoque de energia para dez anos; é mais ou menos do mesmo tamanho.

Mas por que você não me pediu, querida, em vez de introduzi-lo escondido em mim com um anestésico? Não é verdade que eu sempre diga "não" a um pedido feito adequadamente, essa é uma mistificação começada por Laz e Lor. Justin podia ter conseguido que Tamara me pedisse, e ninguém jamais

soube dizer "não" a Tamara. Mas Justin pagará por isso: para ouvir o que eu digo e o que é dito em minha presença, ele vai ter que ouvir dez anos de roncões da barriga.

Não, com os diabos, Atena filtrará os ruídos incidentais e fornecerá a ele um impresso datado e sugestivo. Não há nenhuma justiça. E nenhuma privacidade também. Atena, não fui sempre bom para você, querida? Faça Justin pagar pela sua travessura.

Não vi minha primeira família desde que me alistei. Mas, quando receber um passe suficientemente longo, irei a Kansas City visitá-los. Meu status como "herói" inclui privilégios que um "jovem civil solteiro" não pode aproveitar; os costumes relaxam um pouco em tempo de guerra, e poderei passar algum tempo com eles. Eles têm sido muito bons para mim: uma carta quase todo dia, bolinhos ou um bolo semanalmente. O último eu divido com relutância; os primeiros considero relíquias.

Gostaria de que fosse da mesma maneira fácil receber cartas da minha família de Tertius.

Mensagem básica, repetida: o encontro é a 2 de agosto de 1926, dez anos T após a queda. O último número é "seis" — não "nove".

Todo o meu amor,

Cabo Ted ("Amigo Velho") Bronson.

Caro sr. Johnson:

E toda a sua família — Nancy, Carol, Brian, George, Marie, Woodie, menino Dickie, bebê Ethel e sra. Smith. Não posso dizer como estou emocionado por este órfão ter sido "adoitado enquanto a guerra durar" pela família Smith e saber que isso é confirmado pelo capitão Smith. Em meu coração vocês todos têm sido "minha família" desde aquela noite triste e feliz em que me mandaram embora para a guerra carregado de presentes e bons votos, a minha cabeça cheia dos seus conselhos práticos — e meu coração mais próximo das lágrimas do que me atrevi a deixar alguém perceber. Ouvir da sra. Smith — com uma frase citada de uma carta do seu marido, o capitão — que estou realmente "adoitado" — bem, estou próximo às lágrimas outra vez, e os não-comissionados não devem mostrar essa fraqueza.

Não procurei o capitão Smith. Percebi a insinuação na sua carta — mas, na verdade, não precisava dela; estou no exército há tempo suficiente para compreender que um soldado não tem tais presunções. Tenho quase a mesma certeza de que o capitão não me procurará — por motivos que não preciso explicar porque o senhor já esteve no exército muito mais tempo do que o capitão e eu juntos. Foi muita consideração e gentileza da sra. Smith sugerir isso — mas o senhor pode fazê-la compreender que não posso

procurar um capitão socialmente? E por que ela não deve insistir com o marido para procurar um não-comissionado?

Se o senhor não puder fazê-la compreender isto (é possível, já que o exército é um mundo diferente), talvez isto baste: o Campo Funston é grande — e não há nenhum transporte para mim além das canelas da égua. Digamos uma hora para a viagem de ida e volta se eu sacudir os calcanhares. Some cinco minutos com o capitão quando encontrá-lo — se encontrá-lo. O senhor conhece a nossa rotina acelerada, enviei-lhe uma cópia. Mostra aqui que simplesmente não há tempo, durante o dia inteiro, para eu fazer isso.

Mas aprecio os pensamentos bondosos dela.

Por favor, transmita a Carol os meus agradecimentos mais calorosos pelos bolinhos de chocolate com nozes. São tão bons quanto os que sua mãe faz; elogio maior não posso fazer. "Eram", devo dizer, porque desapareceram dentro de pernas ocas, minhas e outras (meus amigos são um bocadinho gulosos). Se ela quiser casar-se com um rapaz de fazenda, alto e magricela, com um grande apetite, tenho um à mão que se casará com ela sem a ver, com base naqueles bolinhos.

Este lugar não é mais o treinamento de fogo mexicano que descrevi em minhas primeiras cartas. Em lugar das chaminés de fôgão temos agora morteiros de trincheira verdadeiros, os fuzis de madeira desapareceram e até os convocados mais recentes recebem rifles Springfield logo que dominam o volver à direita e à esquerda e aprendem a fazer alto mais ou menos juntos.

Mas continua duro ensinar-lhes a usarem esses fuzis "pelo Livro". Temos dois tipos de recrutas: rapazes que nunca atiraram com um fuzil e outros que se vangloriam de que seus papais costumavam mandá-los sair para caçar sua refeição matinal, nunca permitindo-lhes mais do que um tiro. Prefiro o primeiro tipo, mesmo que o rapaz esteja inconscientemente com medo e tenha que aprender a não vacilar. Pelo menos ele não se habituou com os seus enganos, e posso ensinar-lhe o que os instrutores do exército regular me ensinaram, e aquelas três divisas na minha manga garantem que ele me ouvirá.

Mas o rapaz do campo que tem certeza de que sabe tudo (e algumas vezes é realmente um bom atirador) não quer ouvir.

É um trabalho convencê-lo a não fazer isso à sua maneira; vai ter que fazer à maneira do exército, e é melhor aprender a gostar dela.

Algumas vezes esses sabe-tudo ficam com tanta raiva que querem brigar — comigo, não com os hunos. Geralmente são rapazes que não descobriram que eu também ensino combate desarmado. Tive que acomodar um par deles lá atrás da latrina após o toque de arriar a bandeira. Não os esmurrei; não tinha nenhum desejo de achatar o meu nariz grande contra algum punho de ordenhar vacas. Mas a idéia de lutar desordenadamente, sem regras, ou

fez seus olhos brilharem... ou eles resolveram apertar as mãos e esquecer. Se eles continuassem com aquilo, não duraria mais de dois segundos, porque não quero machucar-me.

Prometi contar-lhe onde e como aprendi la savate¹⁹⁴ e jiu-jitsu. Mas isso é uma longa história, não muito agradável em certos pontos, que não devo pôr numa carta, mas esperar até ter uma licença que me dê tempo suficiente para visitar Kansas City.

Mas não tive ninguém que se oferecesse para lutar comigo durante pelo menos três meses. Um dos sargentos instrutores me contou que havia ouvido os recrutas me chamarem de "Morte" Bronson. Não me importo, desde que isso signifique paz e silêncio quando não estou de serviço.

O Campo Funston continua a ter apenas dois tipos de tempo: quente demais e poeirento, ou frio demais e lamacento. Ouvi dizer que o último é um bom treinamento para a França; os Tommies¹⁹⁵ aqui afirmam que o pior risco desta guerra é o perigo de se afogar na lama francesa. Os poilus¹⁹⁶ entre nós não discutem realmente isso, mas culpam o fogo de artilharia pela chuva.

Por pior que o tempo possa ser na França, todos querem ir para lá, e o segundo assunto favorito das conversas é "Quando?" (Não há necessidade de dizer a um velho soldado o primeiro.) Os boatos de embarque são incessantes e sempre falsos.

Mas estou começando a pensar. Será que vou ficar metido aqui, fazendo as mesmas coisas mês após mês, enquanto a guerra continua em outra parte? O que direi aos meus filhos algum dia? Onde você lutou na Grande Guerra, papai? Funston, Billy. Em que parte da França fica isso, papai? Perto de Topeka, Billy — cale a boca e coma a sua aveia!

Vou ter que trocar o meu nome.

Fica cansativo dizer a um grupo após outro para ensarilharem as armas e pegarem as pás. Já cavamos nesta pradaria trincheiras suficientes para ir daqui até a Lua, e agora conheço quatro maneiras de fazer isso: a maneira francesa, a maneira inglesa, a maneira americana — e a maneira pela qual cada novo grupo de recrutas faz, em que os revestimentos desabam — e depois eles querem saber que diferença faz, porque o general Pershing, quando chegarmos lá, vai acabar com essa pasmeira de guerra de trincheiras e pôr aqueles hunos para correr.

Pode ser que eles tenham razão. Mas tenho que ensinar o que me mandam ensinar. Até ficar de cabelos brancos, talvez.

Estou realmente satisfeito de saber que o senhor está no 7.º Regimento; sei o quanto isso significa para o senhor. Mas, por favor, não deprecie o 7.º do Missouri chamando-o de "guarda nacional". A menos que alguém dê uma chave de braço em Hindenburg muito breve, o senhor verá um bocado de ação nesta guerra.

Mas, na verdade, sr. Johnson, espero que não veja — e acho que o capitão Smith concordaria com o meu raciocínio. Alguém tem que tomar conta do lar — e refiro-me a um lar específico no Benton Boulevard. Brian Junior não tem idade suficiente para ser o homem da família — acho que o capitão Smith ficaria preocupado se o senhor não estivesse aí.

Mas compreendo como o senhor se sente. Ouvi dizer que a única maneira de um sargento instrutor escapar desta rotina enfadonha é perdendo suas divisas. O senhor ficaria envergonhado de mim se eu prolongasse a licença apenas o suficiente para ser rebaixado outra vez a cabo... depois fazer mais alguma coisa para perder aquelas duas divisas também? Estou certo de que isso me poria no primeiro trem de tropas em direção ao leste.

É melhor o senhor não ler essa última parte para o resto da família. Um "Smith honorário" deveria encontrar algum outro meio.

Meus respeitos mais cordiais para o senhor e para a sra. Smith.

Meu amor para todos os jovens,

Ted Bronson "Smith"

(É muito feliz por ter sido "adotado")

— Entre!

— Capitão, o sargento Bronson se apresenta ao capitão Smith como ordenado! — (Papai, eu não teria reconhecido você. Mas macacos me mordam se o senhor não é exatamente como devia ser! Apenas mais moço.)

— À vontade, sargento. Feche essa porta. Depois sente-se.

— Sim, senhor. — Lazarus fez isso, ainda embaraçado. Ele não só nunca esperara que o capitão Smith entrasse em contato com ele, como se abstera de pedir um passe suficientemente longo que lhe permitisse ir até Kansas City por dois motivos: um, seu pai podia estar lá naquele fim de semana — ou, dois, seu pai podia *não* estar lá naquele fim de semana. Lazarus não tinha certeza do que seria pior; havia evitado a ambos.

Agora, um tipo de ladrão de cachorro numa motocicleta com *sidecar* o havia apanhado de repente com ordens para "Apresentar-se ao capitão Smith" — e não foi senão após ter feito isso que soube que esse "capitão Smith" era o capitão Brian Smith.

— Sargento, o meu sogro me contou uma porção de coisas a seu respeito. Bem como minha mulher.

Não parecia haver nenhuma resposta a isso; portanto, Lazarus ficou embaraçado e não disse nada.

— Ora, vamos, sargento — o capitão Smith continuou —, não fique embaraçado;

isto é de homem para homem. Minha família o "adotou", por assim dizer, e isso com a minha aprovação calorosa. Na verdade, isso está de acordo com algo que o Departamento de Guerra está começando, através da Cruz Vermelha, da ACM e das igrejas, um programa para localizar cada homem em uniforme que não receba cartas regularmente e providenciar para que as receba. Arranjar uma família para "adotá-lo enquanto a guerra durar", em outras palavras. Escrever-lhe, lembrar-se do seu aniversário, mandar-lhe pequenos presentes. O que acha disso?

— Capitão, parece bom. O que a família do capitão tem feito por mim certamente tem sido bom para o meu moral.

— Estou satisfeito de ouvir isso. Como você organizaria um programa desses? Fale, não tenha medo de expressar suas próprias idéias. (Dê-me uma escrivinha e farei disso uma carreira, papai!)

— Capitão, o problema divide-se em duas... não, em três partes. Duas de preparação, uma de execução. Primeiro, localizar os homens. Segundo, ao mesmo tempo, localizar famílias dispostas a ajudar. Terceiro, pô-los em contato. A primeira tem que ser feita pelos primeiros-sargentos. — (Os primeiros-sargentos vão adorar isto... uma ova!) — Eles terão que pedir aos escriturários de suas companhias para conferirem a correspondência com a lista de praças antes de distribuí-la. Hã, isto deve ser feito depressa; atrasar a entrega de correspondência por qualquer motivo não é uma boa idéia. Mas a conferência não pode ser deixada para os sargentos de pelotão; eles não estão organizados para isso e iriam misturá-la. Ela tem que ser feita na ocasião em que o empregado da correspondência a entregar a cada escriturário de companhia.

Lazarus pensou.

— Mas para fazer isso funcionar, se o capitão me perdoar, o general comandante deve dizer ao seu ajudante para exigir de cada comandante de companhia, esquadrão e bateria um relatório de quantas cartas cada homem sob o seu comando recebeu naquela semana. — (É uma invasão infernal da intimidade, e o tipo de multiplicação de trabalho burocrático que atola os exércitos! Os saudosos têm lares e recebem cartas. Os solitários não querem cartas; querem mulheres e uísque. O mijo de cão da pradaria que vendem como uísque neste Estado "seco" fez de mim um abstêmio.) — Mas isso não deve ser um trabalho burocrático separado, capitão; basta apenas uma coluna de marcação no relatório semanal regular. Tanto os comandantes de companhia como os primeiros-sargentos vão ter dores de barriga se isso tomar tempo demais... e o general comandante receberia relatórios que seriam em grande parte produto da imaginação dos escriturários das companhias. O capitão sabe disso, tenho certeza.

O pai de Lazarus deu o sorriso que o fazia parecer com Teddy Roosevelt.

— Sargento, você acaba de fazer com que eu reveja uma carta que estou preparando para o general. Enquanto eu estiver designado para Planos e Treinamento, nenhum programa novo vai aumentar a montanha de trabalho

burocrático, se eu o puder evitar. Estive tentando reduzir este a um tamanho razoável, e você me mostrou um meio de fazê-lo. Diga-me, por que você recusou o treinamento de oficial quando lhe foi oferecido? Mas não me diga se não quiser; isso é da sua conta.

(Papai, vou ter que mentir para você — porque não posso acentuar que um líder de pelotão tem uma expectativa de vida de cerca de vinte minutos se levar o seu pelotão "por sobre a borda" e fizer isso pelo Livro. Que guerra!)

— Capitão, considere o assunto desta maneira. Suponha que eu me candidatasse ao treinamento. Um mês para isso ser aprovado. Depois três meses em Benning, ou Leavenworth, ou para onde quer que os estejam mandando. Depois de volta para cá, para Bliss, ou para algum lugar, e serei designado para os recrutas. Seis meses com eles e vamos para ultramar. Mais treinamento atrás das linhas, pelo que ouvi dizer. Isso soma cerca de um ano, e a guerra termina e eu não estive nela.

— Hum... pode ser que você tenha razão. Quer ir para a França?

— Quero, capitão — (Cristo, não!)

— Exatamente no domingo passado, em KC, meu sogro me disse que essa seria a sua resposta. Mas pode ser que você não sabia, sargento, que a função em que você está será da mesma forma decepcionante... sem a compensação das barras nos seus ombros. Aqui em Planos e Treinamento ficamos de olho em cada instrutor alistado... e aqueles que não trabalham embarcamos para fora... mas aqueles que trabalham nós agarramos com unhas e dentes.

"Exceto por uma coisa — seu pai sorriu outra vez — Pediram-nos (a palavra amável para *ordenaram*) que fornecêssemos alguns dos nossos melhores instrutores para aquele treinamento atrás das linhas na França que você mencionou. Sei que você é qualificado; fiz questão de notar os relatórios semanais sobre você desde que meu sogro me falou a seu respeito. Eficiência surpreendente para um homem sem nenhum tempo de combate... mas uma ligeira tendência a infringir os regulamentos em questões secundárias, o que, particularmente, não considero uma desvantagem, o soldado totalmente regulamentar é um soldado de quartel. *Est-ce que vous parlez la langue française?*"

— Oui, mon capitaine.

— Eh, bien! Peut-être vous avez enrole aulrefois eu la Légion Etrangère, n'est-ce pas?

— Pardon, mon capitaine? Je ne comprends pas.

— Nem compreenderei você se falarmos mais três palavras disso. Mas estou estudando muito, porque espero que o francês seja o meu próprio passe de saída deste lugar poirento. Bronson, esqueça que eu fiz essa pergunta. Mas preciso fazer mais uma coisa e quero uma resposta absolutamente direta. Há alguma possibilidade, *qualquer que seja*, de alguma autoridade francesa poder estar procurando você? Não ligo a mínima para o que você possa ter feito no passado,

e nem o Departamento de Guerra. Mas temos que proteger os nossos.

Lazarus mal hesitou. (Papai está me dizendo claro como água que se eu for um desertor da Legião Estrangeira — ou tiver fugido da ilha do Diabo ou qualquer coisa parecida — vai manter-me fora da jurisdição francesa.)

— Absolutamente nenhuma, capitão!

— Estou aliviado de saber isso. Tem havido boatos que papai Johnson não pôde nem confirmar nem negar. Por falar nele... Levante-se um momento. Agora esquerda, volver, por favor. E meia-volta, volver. Bronson, estou convencido. Não me lembro do tio de minha mulher, Ned, mas daria grande vantagem numa aposta como você é parente do meu sogro, e a teoria dele certamente concorda com a minha. O que nos torna "parentes", de certa forma. Após a guerra terminar, talvez possamos investigar isso. Mas soube que meus filhos o chamam de "tio Ted"... o que parece bastante íntimo e me agrada, se agrada a você.

— Capitão, agrada realmente! É bom ter uma família, em qualquer hipótese.

— Acho que sim. Apenas mais uma coisa... e isto você tem que esquecer assim que sair por aquela porta. Acho que uma lista curva para estas divisas vai aparecer um destes dias... e não muito tempo depois você terá uma curta licença que não pediu. Quando isso acontecer, não exija maiores explicações. *Comprenez-vous?*

— Mais oui, mon capitaine, certainement.

— Eu gostaria de poder dizer-lhe que seremos da mesma unidade; papai Johnson gostaria disso. Mas não posso. Enquanto isso, lembre-se, por favor, de que não lhe disse nada.

— Capitão, eu já esqueci. — (Papai pensa que está me fazendo um *favor!*) — Obrigado, capitão!

— De nada. Dispensado.

Da Capo VII

Vivace



O sargento ajudante Theodore Bronson achou Kansas City mudada — uniformes por toda parte, cartazes por toda parte. O Tio Sam olhava para ele: "Quero *você* para o exército dos Estados Unidos". Uma enfermeira da Cruz Vermelha era mostrada segurando um homem ferido numa padiola como se ele fosse um bebê, com a única palavra "DÊ". Um letreiro num restaurante dizia: "Observamos todos os dias sem carne, sem trigo e sem doces". Bandeiras do exército e da marinha estavam em muitas janelas — ele contou cinco estrelas numa, viu várias com estrelas de ouro.

Havia mais tráfego do que ele lembrava e os bondes andavam apinhados, muitos passageiros de uniforme — parecia que todo o Campo Funston e todos os campos ou fortes a uma distância razoável haviam sido despejados dentro da cidade de uma vez só. Não era verdade, ele sabia, mas o trem em que havia cochilado a maior parte da noite anterior estava tão cheio que parecia verdade.

Aquele "Caqui Especial" era quase tão sujo como um trem de gado e mais lento ainda; havia sido desviado vezes sem conta em favor de trens de carga, e uma vez para um trem de tropas. Lazarus chegou a Kansas City no fim da manhã, cansado e sujo — tendo deixado o campo limpo e descansado. Mas trazia consigo sua velha valise maltratada e planejava corrigir ambas as condições antes de ver sua família "adotiva".

Acenando uma nota de cinco dólares diante da estação da estrada de ferro conseguiu um táxi, mas o motorista insistiu em pegar mais três passageiros que iam para o sul após perguntar em que direção Lazarus ia. O táxi era um Ford *landaulet* como o seu, mas em muito piores condições. A divisão de vidro entre os bancos da frente e de trás (característica que fazia dele uma limusine) havia sido removida, e a meia capota conversível do compartimento de trás parecia ter sido arriada pela última vez. Mas, com cinco dentro dele, mais a bagagem sobre os joelhos, a ventilação era bem-vinda.

— Sargento — disse o motorista —, o senhor foi o primeiro. Para onde?

Lazarus explicou que queria encontrar um quarto de hotel ao sul, perto da 31st Street.

— O senhor é otimista... é bastante difícil encontrar um no centro. Mas tentarei.

Deixarei estes outros cavalheiros primeiro.

Finalmente ele terminou perto da 31st com a Main — "Hóspedes permanentes e temporários — todos os quartos e apartamentos com banheiro".

— Esta espelunca custa caro demais — disse o motorista. — Não, guarde o seu dinheiro até verificarmos se eles o aceitarão. O senhor vai logo para ultramar?

— Parece que sim.

— Então a sua corrida é um dólar; não aceito gorjetas de um homem prestes a ir embora... tenho um filho "lá". Deixe-me falar com aquele empregado.

Dez minutos depois Lazarus estava se regalando no primeiro banho de banheira que tomava desde 6 de abril de 1917. Depois dormiu três horas. Quando o seu despertador interior o acordou, ele se vestiu com roupas limpas, seu melhor uniforme — o culote ele havia reformado, fazendo uma prega elegante até o joelho. Desceu ao saguão e telefonou para a casa da sua família.

Carol atendeu e gritou:

— Oh! Mamãe, é o tio Ted!

A voz de Maureen Smith estava serenamente cordial:

— Onde é que o senhor está, sargento Theodore? Brian Júnior quer trazê-lo para casa.

— Por favor, agradeça a ele, sra. Smith, mas estou num hotel na linha do bonde da 31st Street; estarei aí antes que ele possa chegar aqui... se for bem-vindo.

— "Bem-vindo"? Que maneira de o nosso soldado adotivo falar! O senhor não pode ficar num hotel: tem que ficar *aqui*. Brian... meu marido, quero dizer, o capitão, nos disse para esperá-lo e que o senhor ia ficar conosco. Ele não lhe disse isso?

— Minha senhora, só vi o capitão uma vez, três semanas atrás. Pelo que sei, ele não sabe que estou de licença. — Lazarus acrescentou: — Não desejo incomodá-la.

— Ora essa, sargento Theodore, vamos acabar com isso. No começo da guerra transformamos o quarto de empregada (minha sala de costura, onde o senhor jogou xadrez com Woodrow) num quarto de hóspedes, para que o capitão pudesse trazer um colega oficial para casa num fim de semana. Devo comunicar ao meu marido que o senhor se recusou a dormir aqui?

(Maureen, meu amor, isso é pôr o gato perto demais do canário! Não vou dormir; ficarei acordado pensando em você em cima — cercada pelas crianças e o vovô.)

— Sra. capita, é uma anfitriã generosa; ficarei totalmente encantado de dormir em sua sala de costura.

— Assim está melhor, sargento. Pensei por um momento que ia ter que zangar-me.

Brian Júnior estava esperando no ponto de bonde do Benton Boulevard, com George como lacaio e Carol e Marie no banco de trás. George agarrou a valise e cuidou dela; Marie disse em voz estridente;

— Nossa, o tio Ted não está lindo? li Carol corrigiu-a:

— Bonito, Marie. Os soldados são bonitos e elegantes, não "lindos". Não é isto, tio Ted?

Lazarus ergueu a menina menor pelos cotovelos, beijou-lhe o rosto e colocou-a no chão.

— Tecnicamente correto, Carol... mas "lindo" me serve otimamente se Marie acha que o sou. Uma comissão e tanto de boas-vindas... eu vou atrás?

— Sente-se atrás com as meninas — determinou Brian Júnior. — Mas olhe para isto primeiro! — Ele apontou. — Um acelerador *de pé!* Não é bacana?

Lazarus concordou, depois levou alguns momentos inspecionando o carro — em melhor estado do que o havia deixado, brilhando e limpo dos raios até a capota e com vários acessórios novos além do acelerador de pé: uma tampa de radiador elegante; antiderrapantes de borracha para os pedais; um porta-pneu na traseira, com uma capa de couro envernizado, para um pneu sobressalente; um cabide para manta no compartimento traseiro com uma manta bom dobrada; e como toque final — um vaso de cristal lapidado com uma única rosa.

— O motor está tão bem conservado como o resto? George abriu o capô. Lazarus olhou e inclinou a cabeça

em sinal de aprovação.

— Podia sofrer uma inspeção com luvas brancas.

— É exatamente isso que vovô faz — declarou Brian. — Ele diz que, se não cuidarmos dele, não poderemos usá-lo.

— Vocês cuidam dele.

Lazarus chegou em esplendor real, um braço em volta de uma garotinha grande, o outro em volta de uma garotinha pequena. Vovô estava esperando na varanda da frente; desceu até a calçada para recebê-lo, e Lazarus reviu de repente sua imagem mental: o velho soldado estava de uniforme, parecia trinta centímetros mais alto e espigado como uma vareta de fuzil — fitas no peito, divisas nas mangas, perneiras enroladas com o maior cuidado, chapéu de campanha pousado no alto e ligeiramente levantado atrás.

Quando Lazarus se virou após pôr Carol do lado de fora, após Marie sair dançando na frente, vovô parou e fez para Lazarus uma continência rigorosamente regulamentar.

— Bem-vindo ao lar, sargento! Lazarus respondeu de modo ostentoso:

— Obrigado, sargento; estou satisfeito por estar aqui. — E acrescentou: — Sr. Johnson, o senhor não me contou que era sargento de suprimentos.

— Alguém tem que contar as meias. Concordei em... O resto perdeu-se com a chegada explosiva de Woodie.

— Ei, tio sargento! Você vai jogar xadrez comigo!

— Claro, camarada. — Lazarus concordou, sua atenção distraída por duas outras coisas: a sra. Smith diante da porta aberta e uma bandeira do exército na janela da sala de visitas. Três estrelas... Três?

Depois vovô estava insistindo para que ele entrasse, dizendo algo sobre esta ser uma noite de exercício, portanto o jantar seria cedo. Nancy beijou-o, abertamente e sem olhar primeiro para a mãe à espera de aprovação. Depois Dickie teve que ser levantado e beijado, e o bebê Ethel (andando!). Por fim Maureen deu-lhe sua mão esguia, puxou-o para ela e roçou o seu rosto com os lábios.

— Sargento Theodore... é tão bom tê-lo em casa!

O jantar foi um circo barulhento bem dirigido, com vovô presidindo em lugar do genro, enquanto sua filha dirigia as coisas com severa dignidade da outra extremidade da mesa: ela não se levantou desde que Lazarus ajudou-a a sentar-se e ficou no lugar de honra à sua direita. Suas três filhas mais velhas fizeram tudo o que era necessário. Ethel sentou-se numa cadeira alta à esquerda de sua mãe, com a ajuda de George — Lazarus ficou sabendo que esse serviço era feito em rodízio entre os cinco mais velhos.

Foi um jantar abundante para tempo de guerra, com pão de milho quente e dourado substituindo o pão branco, pois nesse dia não havia trigo — e a disciplina mais firme (administrada por Nancy e Brian Júnior) exigia que todo pedaço aceito fosse comido, com uma advertência sobre os belgas esfomeados. Lazarus não se importou com o que comeu, mas lembrou-se de cumprimentar as cozinheiras (três), e tentou responder a tudo o que perguntavam a ele — era quase impossível, porque Brian e George queriam falar sobre a campanha da sua tropa de escoteiros para recolher cascas de nozes e caroços de pêssego e quantos eram precisos para cada máscara de gás; eles tiveram de permitir que Marie se vangloriasse de saber fazer tricô tão bem como George, e nem deixava soltar os pontos! — e quantos quadrados eram necessários para fazer um cobertor, enquanto vovô queria falar sobre o exército com Lazarus, e teve que ser severo para conseguir dizer alguma coisa.

Maureen Smith pareceu achar desnecessário falar. Ela sorria e se mostrava feliz, mas Lazarus achou que havia tensão sob o seu autocontrole — a tensão de Penélope⁽⁹⁷⁾, velha como o tempo. (Por mim, querida? Não, é claro que não. Gostaria de dizer a você que papai voltará, incólume. Mas como posso fazê-la acreditar que eu sei? Você vai ter que suportar isso da mesma maneira que Penélope. Lamento, meu amor.)

— Desculpe-me, Carol... não ouvi.

— Eu disse que é totalmente *horrível* você ter que voltar tão cedo! Quando está

prestes a ir para "lá".

— Mas isso é bastante, Carol, em tempo de guerra. Só que vir para cá e voltar consome muito tempo. Não tenho direito a privilégios especiais; não sei se estou prestes a embarcar.

Houve silêncio em volta da mesa, e os meninos mais velhos trocaram olhares.

Ira Johnson rompeu-o, dizendo amavelmente: — Sargento, as crianças sabem o que significa uma licença no meio da semana. Mas elas não falam; são disciplinadas. Meu genro resolveu (sabiamente, acho eu) não esconder coisas deles desnecessariamente.

— Mas, vovô, quando papai tem licença, ele não volta no dia seguinte. Isso não é justo.

— Isso é porque — disse Brian Júnior sabiamente — papai viaja geralmente com o capitão Bozell naquele velho Marmon Six grande e eles correm muito. Sargento ajudante tio Ted, eu posso levá-lo de carro para o campo. Aí você só teria que partir amanhã à noite bem tarde.

— Obrigado, Brian, mas acho melhor não. Se eu pegar o trem que chamamos de "Alvorada Especial" amanhã à tardinha, estarei garantido, mesmo que o trem se atrase um pouco, e esta é uma ocasião em que não vou me arriscar a chegar após o fim da licença.

— Concordo com o sargento Bronson — acrescentou vovô —, e isso resolve a questão, Brian. Ted não pode arriscar-se a chegar atrasado. Vejo que é melhor eu me mexer também. Filha, pode me dar licença?

— Certamente, papai.

— Sargento Johnson, posso levá-lo de carro até o seu campo de desfiles? Ou o que quer que seja?

— Para o arsenal. Não, não, Ted, meu capitão me apanha e me traz em casa; ele e eu vamos cedo e ficamos até tarde. Bem, por que você não leva Maureen para dar urna volta? Ela não sai de casa há uma semana; está ficando pálida.

— Sra. Smith? Ficaria honrado.

— Vamos todos!

— George — disse seu avô firmemente —, a idéia é dar à sua mãe uma hora livre da pressão e do barulho das crianças.

— O sargento Ted prometeu jogar xadrez comigo!

— Woodie, ouvi o que ele disse. Ele não determinou uma ocasião... e ele estará aqui amanhã.

— E ele prometeu levar-me ao parque de diversões muito, muito, *muito* tempo atrás, e nunca levou!

— Woodie, lamento quanto a isso — respondeu Lazarus —, mas a guerra chegou antes de o parque abrir. Pode ser que tenhamos de esperar até a guerra terminar.

— Mas você disse...

— Woodrow — disse sua mãe com firmeza —, pare com isso. Esta é a licença do sargento Theodore, não sua.

— E não fique com essa cara emburrada — acrescentou o avô —, antes que formemos um quadrado regimental e mandemos açoitá-lo no mastro da bandeira. Nancy? É a responsável pelos alojamentos, querida.

— Mas... — A menina mais velha calou a boca.

— Papai, o namorado de Nancy está prestes a fazer anos e não vai esperar para ser convocado, acho que eu lhe disse. Assim, alguns dos jovens vão oferecer a ele uma festa de surpresa esta noite.

— Ah, sim... esqueci-me. Ótimo rapaz, Ted; você o aprovaria. Correção, Nancy; você está de folga. Carol?

— Carol e eu podemos cuidar de tudo — respondeu Brian. — Não podemos, Carol? É minha noite de lavar, Marie enxada; é a vez de George guardar. Horas de dormir pelo programa, números de telefones de emergência no quadro-negro... conhecemos as ordens em vigor.

— Podem me dar licença, também, então? — disse Nancy. — Sargento ajudante Ted... você estará aqui amanhã. Não estará?

Lazarus foi até a calçada para conhecer o capitão de vovô na milícia. Quando entrou, Maureen havia subido. Ele aproveitou a oportunidade para se refrescar no banheiro da antiga sala de costura. Quinze minutos mais tarde estava ajudando a sra. Smith a sentar no banco da frente do *landaulet*, estonteado por sua fragrância maravilhosa. Teria ela conseguido tomar banho outra vez em vinte minutos ou menos? Parecia que sim; certamente havia mudado de roupa. Estas modas de tempo de guerra eram espantosas; ao ajudá-la a entrar, Lazarus vislumbrou não só um tornozelo esguio como um bom pedaço de uma perna bem-feita. Ele ficou abalado pela emoção que isso lhe despertou.

Quanto tempo esta moda duraria? Enquanto girava a manivela do carro, tentou acalmar-se pensando nisso. Os coletes desapareceram logo depois dessa guerra, e as saias subiram continuamente durante toda a década tórrida dos anos 20, a "Era do Jazz". Depois as modas femininas variaram durante todo esse século, mas com uma tendência constante a deixar os homens verem mais e mais daquilo "por que estavam lutando". Mas a nudez social, mesmo na natação, não se tornou realmente comum até o fim do século, assim pareceu-lhe lembrar. Depois houve uma reação puritana no século seguinte — uma época horrível da qual havia fugido.

O que Maureen pensaria se ele tentasse contar-lhe alguma coisa disso?

O motor pegou; ele se sentou ao lado dela.

— Aonde gostaria de ir, sra. Smith?

— Ah, lá para o sul. Algum lugar tranquilo.

— O sul, então. — Lazarus olhou para o sol que se punha e acendeu os faróis. Fez

uma volta e dirigiu-se para o sul.

— Mas o meu nome não é "sra. Smith", Theodore... quando estamos a sós.

— Obrigado... Maureen. — Direto para a 39th. .. depois até o Paseo? Ou pela Prospect e para fora, até o Swope Park? Ela o deixaria levá-la tão longe assim? Ah, mil quilômetros de estradas abertas e Maureen ao meu lado!

— Gosto da maneira como você diz o meu nome, Theodore. Você se lembra aonde levou as crianças para um piquenique, não muito antes de a guerra começar?

— Perto do Blue River. Você quer ir lá, Maureen?

— Quero. Se você não se lembra do caminho, posso guiá-lo; eu o sugeri para aquele piquenique.

— Nós o encontraremos.

— Não precisa ser aquele lugar... mas algum lugar calmo... e isolado. Onde você não precise dedicar sua atenção a guiar.

(Ei! Maureen, minha querida, você não vai querer que fiquemos isolados demais — posso chocá-la horrivelmente. Isolado o bastante para um beijo de despedida — ótimo! Depois vamos entregá-la em casa sã e salva. Você é deste século, minha doçura! Prefiro ganhar um beijo — e o seu amor e respeito — a induzi-la a mais e fazê-la pensar em mim com remorso. Resolvi isso muitos meses atrás, querida.)

— Devo virar aqui?

— Sim. Theodore, Brian Júnior disse que o novo acelerador que ele instalou permite guiar com uma mão só.

— Sim, é verdade.

— Então guie com uma mão. Isso está bastante claro, ou preciso ser ainda mais audaciosa?

Ele colocou o braço cuidadosamente em volta dos seus ombros. Ela prontamente estendeu a mão, segurou a dele, abaixou-a e apertou-a contra o seio, dizendo calmamente:

— Não temos tempo de ser tímidos, caro Theodore. Não tenha receio de tocar em mim.

Seio firme e macio. Bico ereto ao seu contato. Ela estremeceu e aproximou-se mais dele, apertou novamente sua mão contra a dele e soltou um pequeno gemido. Lazarus disse roucamente:

— Eu a amo, Maureen.

Ela respondeu, na altura apenas suficiente para ser ouvida por ele acima do ruído do motor:

— Nós nos amamos desde a noite em que nos conhecemos. Simplesmente não podíamos dizê-lo.

— Sim. Não me atrevi a dizê-lo a você.

— Você nunca me teria dito, Theodore. Por isso tive que ser audaciosa e deixar você saber que sinto o mesmo. — É acrescentou: — A curva fica bem em frente, eu acho.

— Também acho. Vou precisar das duas mãos para guiar por aquele caminho.

— Sim — concordou ela soltando seu braço —, mas só até chegarmos lá. Depois quero os seus dois braços... e toda a sua atenção.

— Sim! — Ele guiou com cuidado, evitando os buracos, até o caminho se alargar na clareira gramada de que ele se lembrava. Lá fez o carro dar uma volta completa, em parte para deixá-lo de frente, mas principalmente para ver se não havia mais ninguém lá. Os faróis não revelaram nada senão capim e árvores... bom! (Isso era bom? Ah, minha querida, você sabe o que está fazendo?)

Ele apagou as luzes, parou o motor e puxou o freio de mão. Maureen foi direto para os seus braços; sua boca procurou a dele, abriu-se toda para ele. Durante longos momentos não precisaram de nenhuma palavra; a boca e as mãos de Maureen estavam tão ansiosas quanto as dele e até mais audaciosas, impelindo-o adiante.

Pouco depois ela riu feliz contra os lábios dele e cochichou :

— Surpreso? Mas não poderia dar um adeus apropriado ao meu guerreiro se estivesse com calcinha... portanto, tirei-a quando fui lá em cima, e o meu espartilho também. Não hesite, querido; você não pode me fazer mal... estou esperando.

— O que foi que disse?

— Theodore, devo ser sempre eu a dizer palavras audaciosas e a praticar gestos audaciosos? Estou grávida, sete semanas agora. Com certeza.

— Ah! — Ele acrescentou, pensativo: — Este banco é estreito.

— Ouvi dizer que os jovens algumas vezes tiram fora o banco de trás e o põem no chão. Ou as formigas o preocupam? Audácia, querido, um guerreiro tem que ser audacioso... assim diz o meu pai, e o meu marido concorda. Há uma manta ali atrás, também.

(Maureen, meu amor, não há nenhuma dúvida sobre onde consegui minha própria audácia — ou minha excitação. De você, querida.)

— Se você me soltar, eu os levo para fora. Não estou com medo das formigas... nem da mulher mais encantadora que já tive em meus braços. Simplesmente estou achando difícil acreditar nisso.

— Eu o ajudarei!

Ela saiu do carro sem esperar; ele deslizou pelo banco e seguiu-a. Ela abriu a porta de trás — e parou. Depois disse em voz alta e feliz:

— Woodrow, você é um patife! Sargento Theodore! Veja quem está dormindo no banco de trás! — Enquanto falava, ela mexia desajeitadamente atrás de si,

tentando alcançar os botões dele que ela havia desabotoado. Lazarus rapidamente assumiu a tarefa.

— O sargento Ted prometeu levar-me ao parque de diversões!

— É para lá que vamos, querido; estamos quase lá. Agora conte à mamãe... Devemos levá-lo para casa e pô-lo na cama? Ou você é bastante grande para ficar acordado e ir ao parque de diversões?

— Sim, camarada — concordou Lazarus. — Para casa? Ou o parquinho? — (Maureen, vovô ensinou você a mentir? Ou isso é gênio? Eu não só a amo, como também a admiro. Pershing devia ter você em seu estado-maior.) Ele abotoou apressadamente os botões nas costas do vestido dela.

— Hein? Parquinho!

— Então acomode-se aí atrás e o levaremos até lá num instante.

— Quero ir na frente!

— Camarada, você pode ir atrás até o parque de diversões. Ou ir atrás até levarmos você em casa e o pormos na cama. Não vou guiar com três no banco da frente.

— Brian guia!

— Vamos para casa, sra. Smith. Woodie não sabe quem está guiando este carro... deve estar com muito sono.

— Também não estou! Tirei uma soneca. Está bem, irei atrás... ao parquinho.

— Sra. Smith?

— Iremos ao parque de diversões, sargento Theodore. Sc Woodrow se deitar e tentar tirar outra soneca.

Woodie deitou-se prontamente; eles o fecharam dentro e Lazarus saiu dali. Quando o motor fez bastante barulho para abafar suas palavras, ela disse:

— Preciso telefonar. Lá atrás, onde fizemos a volta, você encontrará uma *drugstore*... fica em nosso caminho para o parque de diversões.

— Está bem. Quanto você acha que ele ouviu?

— Acho que ele estava dormindo até eu abrir a porta. Mas não tem importância; se não estivesse, não entenderia nada. Não se preocupe, Theodore... audácia, sempre audácia.

— Maureen, você devia ser soldado. Um general.

— Prefiro ser amada por soldados... e sou, e isso me torna maravilhosamente feliz. Agora você pode guiar com uma mão outra vez.

— Isso é apenas vidro, ele pode nos ver.

— Theodore, você pode tocar em mim sem pôr o braço em volta. Vou sentar-me ereta e fingir ignorar o que quer que você resolva fazer. Mas sou uma mulher *muito* frustrada... e quero ser bolinada. Por você. — Ela riu. — Não somos um par de bobalhões?

— Acho que sim. Mas eu não estou rindo. — Lazarus apalpou sua coxa. — Estou frustrado também.

— Ah, mas você *tem* que rir, Theodore. — Ela levantou a saia e levou a mão dele sobre a coxa nua acima das ligas redondas. — Quando você tiver tantos filhos como eu, você terá que rir. Ou ficar maluco. — Ela puxou a saia para baixo, por cima da mão dele.

Ele acariciou sua pele lisa e quente; ela afastou as coxas e pediu mais.

— Acho isso *engraçado* — admitiu ele. — Dois adultos completamente crescidos flanqueados por um menino de seis anos.

— Cinco apenas, Theodore. Seis em novembro. — Ela apertou-lhe a mão entre as coxas roliças, depois relaxou. — Como me lembro bem! O maior bebê que já tive, quatro quilos... c deu mais problemas que todos os outros juntos. Sempre um patife, sempre meu favorito, e tento nunca demonstrar isso (e você não deve repetir isso), que Woodrow é o meu favorito, quero dizer; não tenho medo de você contar qualquer outra coisa. Sei que a minha reputação está segura com você.

— Está.

— Eu sabia disso, senão nunca teria conspirado para levá-lo até lá. Mas "reputação" é tudo o que isso *é*; você sabe agora a sirigaita que sou debaixo da minha máscara. Mas cultivo uma boa reputação com o maior cuidado... pelos meus filhos. Pelo meu marido.

— Você disse "conspirado".

— Você não tinha certeza disso? Eu vi imediatamente, quando soube que o seu tempo era curto, que eu tinha exatamente uma oportunidade de pegá-lo só e fazê-lo compreender que quero que volte *com* o seu escudo, não sobre ele. Há apenas um meio de uma mulher dizer isso a um guerreiro. Assim, pedi ajuda a papai para afastá-lo do meu enxame de filhos. — Ela riu outra vez. — Mas o maior patife que tenho arruinou meus planos cuidadosamente traçados. Porque ele *arruinou*, o querido... não me atrevo a arriscar isso em casa. Sempre lamentarei não termos conseguido... e espero que você também.

— Ah, eu lamentarei, eu lamento! Você fez o sr. Johnson sugerir este passeio? Ele não vai suspeitar?

— Estou certa de que sim. E desaprova. A mim, Theodore... não a você. Mas a minha reputação está tão segura nas mãos dele quanto nas suas. Quer ouvir uma piada de morrer de rir? Uma que nos fará rir tanto, que esqueceremos como estamos frustrados?

— Rirei se você rir.

— Você não imaginou como eu sabia o lugar perfeito? Porque já estive lá antes, Theodore, para o mesmo fim. Mas essa não é a piada; esta sim: aquele tratante no banco de trás foi concebido lá... no mesmo lugar em que eu ia fazê-lo colocar-me.

Lazarus pensou uma fração de segundo, depois deu uma gargalhada.

Tem certeza?

— Certeza absoluta. A três metros de onde você parou, Ao lado daquele castanheiro preto maior. Planejei fazer com que você me colocasse no mesmo ponto. Sou sentimental, Theodore; eu *queria* que você me possuísse exatamente onde concebi o meu filho favorito. E o diabinho me fez parar! Após eu ter ficado *muito* excitada pensando em fazer isso com você no mesmo lugar.

Lazarus pensou por um longo momento... e decidiu que queria saber.

— Quem era ele, Maureen?

— O quê? *Ah!* Suponho que provoqueei isso, logo não devo ficar ressentida. Theodore, sou devassa mas não a esse ponto. Meu marido, querido... *todos* os meus filhos são dele, nenhuma possibilidade de erro. Você viu Brian apenas como oficial... mas em particular o meu marido é muito brincalhão. Tanto que *nunca* uso calças quando vou passear com ele.

"Foi no dia 18 de fevereiro, um domingo, um que nunca vou esquecer. Eu tinha uma empregada, então; Nancy era criança demais para sair com os menores. Brian estava na estrada, viajando, e queria que eu estivesse pronta para qualquer coisa quando ele estivesse na cidade, e ele havia acabado de comprar o seu primeiro automóvel.

"Aquele domingo foi um daqueles dias de falsa primavera, e Brian resolveu levar-me para passear. Só a mim. Ele havia estabelecido uma regra rígida de que algumas ocasiões eram para toda a nossa família, outras apenas para mamãe e papai... uma boa política numa família grande, achamos. Então fomos para aquele lugar de piquenique encantador, bonito mesmo no inverno, e o chão estava seco. Sentamo-nos e ficamos brincando, e a mão dele estava onde está a sua... e ele me disse para tirar a roupa."

— Em fevereiro?

— Não protestei. Fazia pelo menos quinze graus e não estava ventando... mas eu tiraria a roupa com muito mais frio se o meu marido me pedisse. Assim, tirei... tudo menos os sapatos e as meias, e parecia um daqueles cartões-postais franceses que vocês, homens, compram nas charutarias. Não senti frio, senti-me *ótima*... gosto de me sentir travessa, e Brian me encoraja a isso, em particular. Ele pôs no chão o assento do banco traseiro, naquele lugar, e um cobertor sobre ele. E me possuiu. E foi aí que eu tive Woodrow. Tinha que ser então porque Brian ficou em casa apenas um dia e essa foi a única ocasião. Bastante fora do comum, nós geralmente temos relações mais amorosamente, gostamos tanto disso! — Ela riu. — Quando tivemos certeza, Brian brincou comigo a respeito do leiteiro, do leiteiro e do carteiro... ou foi o rapaz do armazém? Devolvi a brincadeira dizendo que podia ser qualquer um deles, mas o lenhador chegara lá primeiro... na floresta. Chegamos, querido; não demorearei senão um momento.

Eles todos entraram, porque Woodie acordou (se é que tinha dormido; Lazarus tinha suas dúvidas — depois reviu o caso mentalmente e decidiu que Maureen

havia tido cuidado tanto com o tom de voz como com o fraseado). Lazarus comprou um sorvete para o garotinho, para mantê-lo quieto, e sentou-o no balcão. Depois foi até a outra extremidade e ouviu o telefonema dela; queria saber que mentiras deveria confirmar.

— Carol? Mãe, querida. Você já contou quantos há no seu zoológico?... Pare de se preocupar; o patife se escondeu no banco de trás e não percebemos isso até estarmos quase no parque de diversão... Sim, querida, no parquinho, e estou me sentindo muito feliz. Vou deixar Woodrow ficar conosco e não permitir que o diabinho estrague o nosso divertimento... Mais cedo do que desejo; Woodrow ficará com sono cedo demais para agradar a mãe; quero andar em tudo e ganhar pelo menos uma boneca gorducha com topete nas barracas do parque... Sim, desde que Marie vá para a cama na hora. Faça brigadeiros para os meninos... não, brigadeiros não; temos que prestar atenção na ração de açúcar. Faça pipoca, e diga-lhes que lamento terem se preocupado. Depois vocês, os mais velhos, podem ficar acordados e dar boa-noite ao tio Ted. Adeus, querida.

Ela agradeceu ao balconista com uma sorridente dignidade, pegou a mão de Woodie e saiu sem pressa. Mas, no momento em que Lazarus pôs o carro em movimento, ela pegou sua mão direita e devolveu-a à intimidade cálida das coxas nuas.

— Algum problema? — perguntou ele, acariciando sua pele sedosa.

— Nenhum. Eles estavam num jogo sangrento e só deram por falta dele na hora de pô-lo na cama, alguns minutos antes de eu telefonar. Depois ficaram preocupados, mas não ainda histéricos; meu diabinho já se escondeu de nós antes. Theodore, o parquinho é uma despesa que você não esperava. Quer pôr de lado seu orgulho e deixar-me ajudar?

— Deixaria se precisasse de ajuda; não tenho esse tipo de orgulho inútil. Mas tenho bastante dinheiro, realmente. Se faltar, direi a você. — (Amada querida, estive ensinando os otimistas a não recorrerem a verdades de natureza íntima, e gostaria de poder gastar cada centavo em esmeraldas para realçar sua linda pele. Mas o *seu* orgulho torna isso impossível.)

— Theodore, não só o amo, como você é uma pessoa com quem se pode ficar muito à vontade.

Levar Woodie e sua mãe ao parquinho foi mais divertido do que Lazarus podia esperar. Ele não tinha nada contra os parques de diversões e estava disposto a ficar em qualquer lugar com Maureen — exceto que desta vez esperava agüentar a frustração incessante, em público, onde tinha que tratá-la como "sra. Smith", após chegar à mais ardente intimidade — e depois ficar desapontado.

Mas ela deu-lhe uma lição de como apreciar o inevitável.

Aprendeu que Maureen podia ser desavergonhadamente íntima, apesar de todas as pessoas em volta deles, e ainda manter sua dignidade pública, sorridente e magnificamente. Ela fez isso mantendo sua *persona* sempre intacta — jovem matrona feliz com o filho agarrado em sua mão, apreciando ambos uma noite de

divertimento inocente como convidados do "primo" Theodore, "tio" Ted — enquanto ela encontrava oportunidades intermináveis de continuar sua alegre conversa indecente. Maureen não fez isso em cochichos mas em tons comuns numa altura para chegar apenas aos ouvidos de Lazarus, ou algumas vezes de Lazarus e Woodie, mas falando de tal forma que a criança não poderia entender ou se interessar. Uma vez ela repreendeu Lazarus amavelmente:

— Sorria, meu amado. Deixe o seu rosto mostrar que você está onde quer e fazendo o que quer. Isso, assim é melhor. Agora mantenha essa expressão e diga-me por que estava de mau humor.

Ele sorriu para ela.

— Porque estou frustrado, Maureen. Porque não estou num certo lugar ao lado de um grande castanheiro.

Ela riu como se ele tivesse dito alguma coisa engraçada. — Sozinho?

— Céus, não! Com *voce*.

— Não com tanta veemência, Theodore. Você não está me cortejando; você é um primo que está perdendo parte da sua preciosa licença proporcionando a mim e a meu filho uma noite divertida... quando esperava que eu lhe arranjasse uma jovem dama que não fosse absolutamente uma dama quando você a levasse para um lugar escuro perto de um castanheiro grande. Você é um bom sujeito quanto a isso, mas não tão entusiasta a ponto de fazer a sra. Grundy erguer as sobrancelhas... e lá vem a sra. Grundy agora. Sra. Simpson! E sr. Simpson. Que *ótimo* encontrá-los! Lauretta, posso apresentar-lhe o meu caro primo, sargento ajudante Bronson? E o sr. Simpson, Theodore. — Maureen acrescentou: — Ou talvez vocês se conheçam. Da igreja? Antes de a guerra ser declarada?

A sra. Simpson examinou-o, contou o dinheiro da sua carteira, conferiu suas roupas de baixo, inspecionou sua barba e o corte do cabelo — e deu-lhe uma nota que mal dava para passar.

— O senhor pertence à nossa igreja, sr. Johnson?

— "Bronson", Lauretta. Theodore Bronson, filho da irmã mais velha de papai.

— De qualquer maneira — disse o sr. Simpson calorosamente —, é um prazer apertar a mão de um dos "nossos rapazes". Onde está estacionado, sargento?

— Campo Funston, sr. Simpson. Sra. Simpson, eu era um visitante da sua igreja; sou membro da de Springfield.

Maureen interrompeu as perguntas deles pedindo a Lazarus para apanhar Woodie no trenzinho, que acabava de voltar à sua estação.

— Puxe-o como uma rolha, Theodore; três voltas bastam. Lauretta, não vi você na Cruz Vermelha na semana passada. Podemos contar com você esta semana?

Lazarus voltou com Woodie a tempo de a sra. Simpson acenar e exclamar:

— Boa sorte, sargento! — e os Simpsons prosseguiram. O trio foi em seguida ao

passeio de pônei e Woodie foi escarranchado num. A sra. Smith e Lazarus sentaram-se num banco, apreciaram mais uma conversa muito particular, embora completamente à vista do público.

— Maureen, você se livrou deles lindamente.

— Nenhum problema, querido. Eu sabia que alguém ia nos ver, portanto estava preparada. Estou satisfeita de ter sido a mexeriqueira mais nojenta da nossa igreja; certifiquei-me de que não deixasse de nos ver. Sustentáculos da igreja e promotores de guerra; desprezo-os. Assim, dei um puxão em suas presas e vamos esquecê-los. Você estava me falando sobre um certo lugar escuro. Como é que eu estava vestida?

— Como num cartão-postal francês.

— Ora, sargento Bronson!... e eu, uma mulher respeitável. Ou quase. Certamente você não acha que eu me atreveria a ser tão sem-vergonha, não é?

— Maureen, não estou certo do que você se atreveria a fazer. Você me espantou (e me encantou) várias vezes. Acho que você tem coragem para fazer qualquer coisa que quiser.

— Provavelmente, Theodore, mas o que *faço* tem limites, não importa quanto o queira. Quer saber quais são os meus limites?

— Se você quiser que eu saiba, você dirá. Se não quiser, não dirá.

— Quero que você saiba, amado Theodore. Eu gostaria de me despir completamente neste momento. Contenho-me apenas por motivos práticos... não morais e nem por timidez; quero entregar-lhe o meu corpo, deixar você possuí-lo da maneira que quiser... enquanto possuo o seu. Não há *nenhum* limite para o que *quero* fazer com você... mas só para o que *farei*.

"Em primeiro lugar", ela contou nos dedos, "não me arriscarei a ficar grávida de qualquer homem, exceto Brian. Em segundo, não arriscarei conscientemente o bem-estar do meu marido e dos meus filhos."

— Você não estava arriscando isso esta noite? — Estava, Theodore?

Lazarus pensou naquilo. Gravidez? Não era um fator. Doença? Ela aparentemente confiava nele quanto a isso — e sim, querida, você tem razão. Não sei por que você tem essa opinião a meu respeito, mas você tem razão. O que resta? Uma possibilidade de escândalo se tivéssemos sido apanhados. Que possibilidade? Muito pequena; é um lugar tão seguro quanto se poderia desejar. Tiras? Lazarus duvidava de que a polícia tivesse inspecionado aquele lugar alguma vez — e duvidava ainda mais fortemente de que um policial, na febre da guerra atual, dissesse a um soldado uniformizado mais do que "Parem com isso e vão embora".

— Não, minha querida, você não correu nenhum risco. Ah, se eu lhe tivesse pedido que se despisse completamente, você o teria feito?

O riso dela repicou como um carrilhão. Depois ela respondeu no seu diapasão controlado mais íntimo do que um cochicho:

— Pensei nisso enquanto tomava um banho rápido a fim de me refrescar para você, Theodore. Foi uma idéia deliciosamente tentadora; Brian me fez fazer isso ao ar livre mais vezes do que aquela. Isso me excita, e ele diz que me aprecia mais assim. Mas é um risco que *ele* prefere correr, portanto não me preocupa absolutamente... com ele. Mas não acho justo para ele assumir esse risco por minha conta. Então resolvi firmemente, com os bicos dos meus seios tão enrugados e duros com você os sentiu... duros como estão agora; estou terrivelmente excitada... resolvi não só não me despir como não deixar você fazer isso. Querido, quer ir pagar outra volta de pônei? Ou trazê-lo, se ele estiver cansado disso?

Lazarus descobriu que Woodie queria dar outra volta. Pagou e voltou para o banco; encontrou Maureen olhando fixamente para um soldado sozinho. Lazarus tocou na sua manga.

— Vá andando, soldado.

O soldado olhou para trás, pronto para discutir. Olhou outra vez e disse:

— Ah! Desculpe, sargento. Não tinha intenção de ofender.

— E não fiquei ofendido. Melhor tentar em outra parte. Odeio repelir um rapaz de uniforme, mesmo quando devo — disse Maureen. — Ele não foi impertinente comigo, Theodore... estava apenas explorando as possibilidades. Devo ter o dobro da idade dele e fiquei com vontade de lhe dizer isso. Mas teria ferido seus sentimentos.

— O problema é que você aparenta dezoito anos; portanto, é certo eles tentarem.

— Querido, *não* aparento dezoito anos. Eu, com uma filha com mais de dezessete? Se Nancy se casar com o namorado antes de ele ir para a guerra (ela quer; e Brian e eu não vamos impedi-lo), serei avó neste próximo ano.

— Alô, vovó.

— Pode caçoar. Eu vou gostar de ser avó.

— Estou certo de que sim, querida; acho que você tem uma grande capacidade para gozar a vida. (Como eu, mamãe! ... e agora tenho certeza de que herdei isso tanto de você como de papai.)

— Tenho, Theodore, — Ela sorriu. — Mesmo quando fico frustrada. Muito.

— Eu também... muito. Mas estávamos falando da idade que você aparenta. Isto é, dezoito anos.

— Ora! Você notou como os meus seios estão caídos e mordidos pelos bebês.

— Não notei nada disso.

— Então você não tem tato, sr. Bronson... porque você se fartou de apalpá-los.

— Excelente sentido de tato. Seios encantadores.

— Theodore, eu tento cuidar deles. Mas eles têm andado cheios de leite grande parte dos últimos dezoito anos. Aquele... — ela apontou com a cabeça em direção ao picadeiro dos pôneis — não tive leite suficiente para ele. Tive que lhe

dar leite Eagle, e ele se ressentiu disso. Quando tive Richard dois anos mais tarde, Woodrow tentou excluir pela força o novo bebê e tomar meus seios renovados. Tive que ser firme... quando o que eu queria era ter um em cada seio. Mas devemos ser justos com as crianças, não mimar uma à custa da outra. — Ela sorriu com indulgência. — Não tenho nenhum juízo quanto a Woodrow, logo devo seguir minhas regras ao pé da letra. Volte dentro de um ano, Theodore, e eles não vão parecer tão caídos. Eles incham e me fazem parecer uma vaca.

— Você vai me compensar pela minha espera?

— Ao lado de um castanheiro? Provavelmente não terei oportunidade, querido. Receio que o meu patife tenha liquidado com a nossa única oportunidade.

— Ah, não vai ser preciso tudo isso para compensar. Eu estava pensando num sabor... diretamente do produtor ao consumidor. — (Mamãe Maureen, como diz Galahad e eu nunca contestei, sou o homem que mais aprecia seios da galáxia ... e estou contemplando o ponto onde adquirir o hábito. Gostaria de poder dizer isso a você, querida.) Ela ficou espantada, fungou e ficou encantada.

— Pode ser que isso seja quase tão difícil de conseguir como um castanheiro. Mas... Sim, se isso puder ser feito sem chocar os meus filhos. Você é um patife também... exatamente como Woodrow. Sei que vou gostar disso. Porque (isto é um segredo, querido) Brian provou a cada nova safra. Afirma solenemente que está verificando a qualidade e o teor de gordura.

(Papai, você é um homem de bom gosto!)

— Ele acha que um tem o gosto diferente do outro? Ela riu, feliz.

— Querido, você tem tantas sutilezas brincalhonas, exatamente como meu marido, que me faz sentir bigama. Ele afirma isso, mas é apenas mais uma de suas brincadeiras. Não noto nenhuma diferença... e já provei.

— Minha senhora, espero poder lhe dar a opinião de um especialista. Acho que o nosso vaqueiro esfalfou o seu põnei. E agora? Quer experimentar a Corrida de Ben Hur?

Ela sacudiu a cabeça.

— Gosto da montanha-russa, mas não quero andar nela agora. Nunca tive um aborto, Theodore, e nunca terei; serei cuidadosa em evitar isso. Leve Woodrow, se quiser.

— Não. Você teria que esperar... e esta floresta está cheia de lobos de caqui ansiosos para pegarem avós de dezoito anos. O Palácio das Gargalhadas?

— Está bem. — Depois sua boca se contorceu. — Não, esqueci-me de uma coisa. Aqueles jatos de ar que saem do chão... com a intenção de fazerem as meninas gritar e agarrar as saias. Isto não me importa, mas... estou sem calcinha, querido. A menos que você queira que todos vejam se sou ou não verdadeiramente ruiva.

— E é?

Ela sorriu, sem se ofender.

— Você não sabe?

— Estava muito escuro perto daquele castanheiro.

— Ruiva nas duas extremidades, Theodore. Como eu gostaria de lhe mostrar se não fossem as circunstâncias... decepcionantes. Brian me perguntou isso enquanto estávamos namorando. Foi provocação, ele não precisava perguntar; eu estava coberta de sardas então, exatamente como Marie. Deixei-o descobrir por si mesmo num lugar gramado na margem do rio Marais des Cygnes, enquanto uma velha égua mansa chamada Daisy pastava sem prestar atenção aos meus gritos de alegria. Suponho que os automóveis tenham vindo para ficar... mas a charrete tinha muitas vantagens. Não achava? Quando você começou a sair com moças?

Lazarus concordou com cara de pau, incapaz de admitir que suas lembranças não incluíam 1899 ou qualquer ano em que ela estivesse pensando. Maureen continuou:

— Eu costumava preparar um farnel e levar um cobertor e comer em cima. Esse era um meio de uma moça em idade de ser cortejada poder sair sozinha com o namorado, desde que estivesse em casa antes de escurecer. Um cavalo pode levar uma charrete a lugares ainda mais isolados do que o nosso castanheiro. Na verdade, apesar desta conversa moderna sobre "mulheres desenfreadas" e a moral caindo aos pedaços, eu tinha mais liberdade em moça do que minhas filhas. Embora eu tente não tornar a minha presença entre elas opressiva.

— Elas não parecem oprimidas. Estou certo de que são felizes.

— Theodore, eu preferia que os meus filhos fossem felizes a que obedecessem àquilo que o nosso pastor diz que é "moral". Quero simplesmente ter certeza de que não sejam magoados. Não sou "moral" pelas regras aceitas... como você sabe muito bem. Embora não tão bem como esperei que soubesse, e estou aliviando minha frustração falando sobre isso. Talvez você preferisse que eu não falasse?

— Maureen, uma vez que não podemos fazer isso, a melhor coisa é falar a respeito dela.

— Eu também acho, Theodore. Gostaria de estar coberta de picadas de formigas e minha alma cheia da paz que sei que você pode me dar. Já que não posso entregar-me a você da maneira como esperei, quero que você me conheça tão profundamente quanto as palavras nos possam unir... tão profundamente como eu queria que você estivesse em meu corpo neste instante. A minha franqueza o choca?

— Não. Mas pode fazer com que seja estuprada aqui mesmo neste banco!

— Por favor, não fique tão entusiasmado, querido; as pessoas podem nos ver... estamos falando sobre o tempo, Diga-me, sua coisa está dura?

— Dá para notar?

— Não. Mas, se estiver, pense em tempestades de neve e *icebergs* (Brian diz que

isso ajuda), porque o nosso cavaleiro do pônei precisa ser apeado.

Eles dois concorreram a prêmios em jogos; depois a sra. Smith decidiu que podia arriscar ir ao Palácio das Gargalhadas se arrebanhasse suas saias como se estivesse atravessando uma rua enlameada. Woodie gostou, especialmente da Sala dos Espelhos e do Labirinto de Cristal. Maureen evitou os jatos de ar observando as moças na sua frente, depois se desviando para o lado ou segurando as saias firmemente.

Woodie cansou-se, e Lazarus pegou-o no colo. O menino pareceu cair no sono no momento em que sua cabeça tocou no ombro de Lazarus. Eles começaram a sair, o que os levou a passar sobre o jato de ar de despedida. A sra. Smith estava na frente e Lazarus supôs que ela o houvesse visto pela maneira como se desviou — depois se virou como se fosse falar com ele e parou sobre o jato. Suas saias voaram para o alto.

Ela não gritou, abaixou-as simplesmente uma fração de segundo atrasada. Uma vez do lado de fora, ela perguntou:

— Bem, sr. Bronson?

— Da mesma cor. Porém crespos, acho eu.

— Bastante. Tão crespos quanto o meu outro cabelo é liso. Como você já sabia.

— E você fez isso de propósito.

— Certamente. Woodrow está dormindo e você estava com a cabeça dele virada para o outro lado. Talvez algum estranho tenha enchido os olhos, mas acho que não. Se alguém encheu, o que pode fazer? Escrever uma carta ao meu marido? Ora! Não havia ninguém lá que nos conhecesse; fiquei de olhos abertos. E aproveitei a oportunidade.

— Maureen, você continua a me espantar e encantar.

— Obrigada, sr. Bronson.

— E tem membros lindos.

— "Pernas", Theodore. Brian diz isso também, mas não sou especialista em pernas de mulheres. Mas, quando ele me diz isso, diz sempre "pernas". "Membros" é para falar em público. Assim diz ele.

— Quanto mais sei sobre o capitão, mais gosto dele. Você tem pernas deslumbrantes. E ligas verdes.

— É claro que são verdes. Quando eu era garotinha, usava fitas verdes no cabelo. Estou velha para usar fitas no cabelo, mas, se houver a mínima possibilidade de os meus cachos serem vistos, uso ligas verdes. Tenho muitos pares; Brian me dá. Algumas com dizeres maliciosos.

— Há dizeres nestas?

— "Jarrinhos", Theodore. Vamos colocar Woodrow no banco de trás.

Lazarus achou que "jarrinhos" não podia estar ouvindo; a criança estava mole como uma boneca de trapo. Nem chegou a acordar quando foi posta no banco;

encolheu-se na posição fetal e a mãe estendeu a manta sobre ela.

Lazarus ajudou-a a subir no carro, virou a manivela e sentou-se ao lado dela.

— Direto para casa?

— Há bastante gasolina — disse ela, pensativa. — Brian Júnior encheu o tanque esta tarde. Acho que Woodrow não vai acordar.

— Eu sei que há bastante gasolina; verifiquei quando saí para conhecer o capitão do sr. Johnson. Devo procurar aquele castanheiro?

— Ah, querido! Por favor, não me tente. Woodrow pode acordar, pular pela traseira e sair, com tanta facilidade como entrou e se escondeu. Ele não tem idade bastante para compreender o que estaríamos fazendo; apesar disso, acho que uma interpretação errada poderia perturbá-lo da mesma forma. Não, Theodore. O que eu quis dizer é isto: não é muito tarde, só é tarde para um menino pequeno. Enquanto ele dorme, podemos passear por aí e conversar durante, hã, uma hora. Se você quiser.

— Faremos isso. — Ele pôs o carro em movimento e acrescentou: — Maureen, embora eu queira levá-la de volta para aquele castanheiro, acho melhor não irmos. Melhor para você, quero dizer.

— Mas querido! Por quê? Você não acha que eu o queira?

— Acho que você me quer. E Deus sabe que eu a quero. Mas apesar da sua conversa corajosa, acho que você nunca fez isso. Você iria querer confessar ao seu marido... e, se confessasse, isso tornaria vocês dois infelizes. Não desejo tornar o capitão Smith infeliz também; ele é um bom sujeito. Ou talvez você guardasse segredo... mas isso iria lhe pesar na consciência. Porque, embora me ame (um pouco), você o ama muito mais, e tenho certeza disso. Assim é melhor. Não é verdade?

A sra. Smith ficou em silêncio por um longo tempo. Depois disse:

— Theodore, leve-me já para aquele castanheiro.

— Não.

— Por que não, querido? Preciso mostrar a você que o amo e que não tenho medo de deixá-lo possuir-me.

— Maureen, você faria isso; você tem coragem para fazer qualquer coisa. Mas ficaria tensa e preocupada, com medo de que Woodie acordasse. E você ama Brian. Todas as coisas docemente íntimas que você me contou confirmam isso.

— Mas você não acha que o meu coração é grande o bastante para vocês dois?

— Estou certo de que é. Você ama dez pessoas, pelo que sei; estou certo de que pode espremer mais um lá dentro. Mas eu a amo e não quero que você faça coisa alguma que crie uma barreira entre você e o seu marido. Ou que magoe aos dois por você tentar destruir essa barreira confessando. Amada, quero o seu amor mais ainda do que quero o seu corpo querido e doce.

Novamente ela ficou em silêncio antes de falar:

— Theodore, preciso contar-lhe coisas sobre mim e meu marido. Coisas íntimas.

— Você não deve.

— Devo e preciso... e contarei. Mas... Por favor, quer me bolinar enquanto falo? Não diga nada, apenas me boline com força, íntima e nuamente... enquanto me dispo com palavras. Por favor?

Lazarus pôs a mão livre sobre a coxa dela. Ela levantou a saia, abriu as coxas e empurrou a mão dele com mais força contra si. Depois cobriu a mão com a saia e falou numa voz monótona e constante:

— Theodore amado, eu amo Brian e Brian me ama. E ele sabe exatamente o que sou. Posso guardar um segredo para sempre a fim de evitar magoá-lo, e ele faria o mesmo por mim. Preciso contar a você o que ele me disse antes de ir embora para Plattsburg... e preciso usar "palavras de alcova", Theodore; as palavras polidas não têm a força que precisam ter.

"Na noite antes de Brian partir, estávamos na cama e tínhamos acabado de nos possuir; eu ainda estava enrolada em volta dele como um ferro de frisar e ele, ainda estava bem dentro de mim. 'Quadris Rebolantes', disse ele (um apelido carinhoso que ele usa comigo na cama), 'eu não vendi o Reo para prendê-la em casa. Se você quiser guiar, compre um Ford; é mais fácil de aprender.' Eu disse a ele que não queria guiar; esperaria até que ele voltasse para casa. Ele respondeu: 'Está bem, Rabo Quente' (e esse é outro apelido carinhoso também, e Brian quer dizer isso mesmo com muito amor) 'Está bem, Rabo Quente, mas compre um, se você quiser; você pode precisar de um carro enquanto eu estiver fora.'

"Mas o carro é secundário. Seu pai estará aqui e isso é bom... mas não deixe que ele a domine, Ele tentará, não pode evitar isso, está na natureza dele. Mas você é tão voluntariosa quanto ele; enfrente-o, ele a respeitará por isso.

"Agora as questões mais importantes, Seios Lindos', e eu gosto desse nome também, Theodore, embora não sejam e me impeçam de dizer que são. 'Seios Lindos, pode ser que eu não a tenha engravidado; geralmente você não engravida tão cedo assim. Se não, quando eu voltar de Plattsburg continuaremos tentando'", e continuamos, Theodore, e engravidei, como lhe contei.

"Brian continuou: 'Nós dois sabemos que vamos entrar nesta guerra ou eu não teria ido para Plattsburg. Ela pode durar um longo tempo... esses "milhões de homens brotando em armas da noite para o dia" é conversa fiada. Quando entrarmos, irei embora outra vez e você ficará sozinha... c nós sabemos o buscapé que você é. Não estou dizendo a você para pular a cerca outra vez' (eu disse outra vez, Theodore!), " 'mas, se pular, espero que o faça com um objetivo, de olhos abertos... e não se arrependa depois. Tenho um respeito enorme pelo seu gosto e julgamento; sei que você não provocará escândalo nem perturbará as crianças.'

Ela fez uma pausa, depois continuou:

— Brian me conhece, Theodore... sou realmente um buscapé, e nunca compreendi por que algumas mulheres não gostam disso. Minha própria mãe...

Nove filhos e ela me disse, no dia do meu casamento, que isso era uma coisa que as mulheres tinham que agüentar pelo privilégio de ter filhos.

A sra. Smith fungou.

— "Agüentar!" Theodore, eu não era virgem quando Brian me possuiu pela primeira vez. Nem deixei que ele pensasse que era; contei-lhe a verdade no dia em que o conheci... e dois minutos depois de ele tirar minha calcinha ficou sabendo, ao possuir-me. Theodore, perdi minha virgindade três anos antes de conhecer Brian... deliberadamente. Nunca fui namorada... e disse, não a minha mãe, mas ao meu pai, porque confiava nele; sempre fomos chegados. Papai não me repreendeu, não me disse sequer para não fazer isso outra vez. Disse que sabia que eu iria fazer isso outra vez, mas que esperava que eu seguisse o seu conselho e que o deixasse evitar problemas... eu segui, e ele evitou.

"Mas daquela primeira vez, quando fui a ele, amedrontada e pronta para chorar (tinha doído, Theodore, e não foi a sensação que eu esperava), daquela vez papai apenas suspirou, trancou a porta, me fez subir na sua mesa de operação, me examinou e garantiu que eu não tinha sido danificada. Eu me senti muito melhor! Ele me disse que eu era uma mulher tão saudável como jamais havia visto e que teria bebês sem nenhum problema (isso me fez sentir presunçosa) e papai estava certo; tenho bebês com facilidade e não grito... ou não muito. Não como mamãe costumava gritar.

"Depois disso, papai me examinava de vez em quando. Os médicos geralmente não tratam seus parentes femininos, não em coisas femininas. Mas papai foi o único médico a quem me atrevi a contar. Assim, papai ajudou-me com meus problemas e me fez superar qualquer timidez em ser observada lá ou em qualquer lugar. Não que eu tivesse sido alguma vez tímida demais; ele me disse que esse tipo de modéstia era bobagem... quando mamãe estava me dizendo exatamente o oposto. Acreditei nele, não nela.

"Mas eu estava contando a você o que Brian me disse na cama aquela noite. Brian acrescentou: 'Quero que você prometa uma coisa, Gatinha. Se descobrir que não ficou com as pernas cruzadas, quer guardar isso em segredo até esta guerra terminar? Farei o mesmo se tiver alguma coisa a confessar... e pode ser que tenha! Não vamos preocupar um ao outro mais do que já preocupamos até darem um jeito no cáiser. Depois, quando eu voltar para casa, vou levá-la para os Ozarks... e deixar as crianças em casa com alguém; só nós dois... e você não vai ver coisa alguma além do teto enquanto recuperarmos o tempo perdido e também vamos pôr em dia qualquer coisa sobre o que precisemos conversar. Está combinado, minha querida?'

"Prometi, Theodore. Não prometi não pular a cerca; ele não me deixaria prometer isso. Prometi ter cuidado... e guardar qualquer confissão até a guerra estar ganha. Eu quis prometer isso porque... ele... podia... não voltar!"

Sua voz tinha sido firme até o fim. Depois ficou entrecortada e Lazarus percebeu que ela estava chorando. Ele começou a tirar a mão e a encostar na beira da estrada. A sra. Smith agarrou-lhe a mão, empurrou-a de volta com mais firmeza

entre as coxas e disse:

— Não, não, me boline e não pare o carro! Ou posso estuprá-lo. Não sei por que fico tão ardente quando me lembro de que Brian pode não voltar da guerra. Mas fico. Estou assim desde o dia em que declaramos guerra... e sempre tenho que parecer serena, calma e despreocupada.

Por causa das crianças. Por causa de Brian. Não deixei que Brian me visse chorar, Theodore. Você acabou de ver agora... de repente, não pude evitar isso. Mas eu preferiria que você dissesse a Brian que tentei seduzi-lo a que dissesse que chorei com medo de que ele pudesse não voltar! E agora vou parar com isso. — A sra. Smith tirou um lenço da bolsa, enxugou os olhos e assoou o nariz. — Não me leve para casa ainda; não quero que as crianças me vejam com os olhos vermelhos

Lazarus resolveu revelar o segredo.

— Eu a amo, Maureen.

— Eu o amo, Theodore. Apesar das minhas lágrimas, você me fez feliz. Deixando-me desabafar... e eu não devia; você também vai para a guerra. Sinto-me quase casada com você agora, contando-lhe coisas sobre as quais não pude falar com mais ninguém. Se você me tivesse posto sobre a grama e me tivesse possuído... teria sido doce e exatamente o que eu planejava. Mas isto é ainda mais íntimo. E mais doce. Uma mulher pode abrir o seu corpo para um homem sem abrir sua mente. Tive dois bebês com Brian antes de aprendei a abrir minha mente para ele da maneira como abri para você esta noite.

— Talvez as nossas mentes sejam muito parecidas, Maureen. Seu pai acha que somos primos.

— Não, não acha, querido; ele acha que você é meu meio irmão.

— Ele disse isso?

— E eu também acho. Devido às coisas que papai não disse, querido Theodore. Pelo modo como ficou arrasado quando o interpretou mal sobre sua intenção de se alistar. Pela maneira como insistiu em que devíamos pleitear uma estrela do exército para você. Estou certa de que ele tem razão... e quero acreditar nisso. Sim, isso torna o que tentei fazer com você horrivelmente pecaminoso aos olhos de algumas pessoas. Incesto. Não ligo a mínima. Já que estou grávida, provavelmente não poderia prejudicar o bebê... c isso é a única coisa que tornaria o incesto errado.

(Como contar a ela? Até onde contar a ela? Mas tenho que fazê-la acreditar em mim.)

— Sua Igreja chamaria isso de pecado.

— Pouco me importa o que a Igreja diz! Theodore, não sou devota; sou uma livre-pensadora, como papai. A igreja é um bom ambiente para as crianças... e me dá um aspecto apropriado de esposa e mãe respeitável, isso é tudo! O "pecado" não me deteria; não acredito no pecado da maneira como a Igreja o concebe. O sexo não é pecado, o sexo nunca é pecado. O que me deteria seria

uma possibilidade de ficar grávida de alguém que não fosse Brian... mas estou grávida. O fato de você ser meu meio irmão não me trouxe a menor preocupação; fez-me apenas ficar mais ansiosa para dar-lhe um adeus de guerreiro.

— Maureen, não sou seu meio irmão.

— Tem certeza? Mesmo que não seja, você ainda é o meu guerreiro... fiquei tão orgulhosa quanto papai quando você se apresentou como voluntário.

— Eu sou seu guerreiro, pode estar certa disso. Mas preciso saber uma coisa. Este homem com que Nancy talvez se case... ele é um Howard?

— O que foi que você disse?

— Ele está na lista aprovada da Fundação Ira Howard? Ele a ouviu prender a respiração.

— Onde foi que você ouviu falar da Fundação?

— "A vida é curta..."

— "Mas os anos são longos" — respondeu ela.

— "Não enquanto os dias maus não chegarem."

— Santo Deus! Acho que vou chorar outra vez!

— Pare com isso. Qual é o nome do rapaz? — Jonathan Weatheral.

— ... da linha Weatheral-Sperling. Sim, eu me lembro. Maureen, não sou "Ted Bronson". Eu sou Lazarus Long, da Família Johnson. *Sua família*. Eu descendo de você.

Por alguns momentos ela pareceu ficar sem respirar. Depois disse baixinho:

— Acho que estou enlouquecendo.

— Não, meu valente amor, você tem uma mente tão forte e sã como jamais encontrei. Deixe-me explicar, porque preciso contar-lhe uma coisa e você *tem* que acreditar em mim. Você leu um romance do sr. Herbert George Wells [\[98\]](#) chamado *A máquina do tempo*?

— Ah, sim, papai tem um exemplar.

— Esse sou eu, Maureen. Capitão Lazarus Long. Viajante do tempo.

— Mas aquele livro... pensei que fosse apenas uma... uma...

— Apenas uma história. E é. Mas ela não continuará assim. Ah, não exatamente da maneira como o sr. Wells a visualizou. Mas é isso o que sou, o visitante de um tempo futuro. Eu não tinha intenção de deixar ninguém suspeitar disto; foi por essa razão que afirmei ser enfeitado. Isso não só é difícil de provar como qualquer tentativa interferiria com o meu objetivo... que é simplesmente visitar esta época e observá-la. Podem até me trancar como louco. Assim, tive o cuidado de manter meu disfarce, tive tanto cuidado como... bem, como *você* ao falar com aqueles Simpsons. Em não deixar os seus filhos vê-la chorar. Você e

eu fazemos isso da mesma maneira. Audácia... além de nunca contar mentiras nas quais possamos ser apanhados.

— Theodore, acho que você acredita nisso.

— O que significa que pareço sincero mas devo estar louco.

— Não, não, querido, eu... Sim, é isso o que quero dizer. Lamento.

— Não há nenhum motivo para se lamentar; isso parece loucura. Mas não tenho medo de você me mandar para o St. Joe; estou tão seguro com você quanto você comigo. Mas preciso encontrar algum meio de convencê-la de que estou dizendo a verdade... porque vou contar-lhe uma coisa em que você tem que acreditar. Ou terei deixado cair meu disfarce inutilmente.

Ele parou para pensar. Como provar isso? Alguma profecia? Teria que ser a prazo muito curto para atingir o único objetivo que tinha em revelar seu segredo. Mas ele não se havia inteirado desse ano; ele não havia tencionado chegar senão em 1919, e sabia tão pouco sobre os anos anteriores a 1919, que havia até confundido a data em que os Estados Unidos entrariam nessa guerra. Lazarus, maldito sejam os seus hábitos relaxados, da próxima vez em que você fizer uma viagem pelo tempo vai ter que decorar tudo que Atena lhe puder fornecer sobre a era e com uma larga margem de ambos os lados!

As lembranças de Woodie não adiantavam nada; Lazarus nem se lembrava de ter sido levado ao parquinho por um sargento de uniforme. Pirralho egoísta! Do parquinho ele se lembrava; Woodie Smith havia ido lá muitas vezes. Mas nenhuma visita se destacava em sua mente.

— Maureen, talvez você possa pensar em algum meio de eu poder provar-lhe que sou do futuro... alguma coisa que possa convencê-la. Mas é por isso que eu tinha de contar-lhe: Brian (seu marido, meu ancestral) voltará ileso. Ele participará de combates. Granadas cairão em volta dele, balas associarão pelos seus ouvidos... mas nenhuma o tocará.

A sra. Smith respirou convulsivamente. Depois falou devagar:

— Theodore... como é que você *sabe*?

— Porque vocês dois *são* meus ancestrais. Não pude decorar os registros da Fundação sobre todos os Howards atuais, mas estudei os arquivos sobre os meus próprios ancestrais, os que eu podia ter uma possibilidade de encontrar. Você, Brian. Os pais de Brian em Cincinnati. E imaginei que Brian deve tê-la conhecido porque ele freqüentou Rola¹⁹⁹, depois a encontrou numa lista de candidatas aceitáveis do Missouri (não a lista do Ohio) que a Fundação deu a ele. Isso com certeza é uma coisa que eu não soube por você, por Brian ou Ira, e seus filhos provavelmente não sabem. Bem, talvez Nancy saiba; ela preencheu o seu próprio questionário. Não foi?

— Bem, sim, meses atrás. Então é verdade, Theodore. Ou devo chamá-lo de Lazarus?

— Chame-me como quiser, querida. Mas ainda não provei nada. Apenas que tive

acesso aos arquivos da Fundação... que podiam ter sido do ano passado, não do futuro. Ainda estamos à procura de provas. Hum... conheço uma prova para alguns meses a partir de agora... mas preciso fazê-la acreditar em mim esta noite. Para que você não derrame mais lágrimas no seu travesseiro. E não sei como.

Ela acariciou-lhe as coxas, tocando em seus pêlos púbicos.

— Aqui dentro de você está a prova que não aparecerá a tempo. Este último bebê que Brian pôs dentro da sua doce barriguinha... é um menino, querida ancestral, e você e Brian vão dar-lhe o nome de Theodore Ira, o que me lisonjeia enormemente. Quando li o nome dele nos registros, não sabia que era meu xará, porque não havia escolhido meu nome suposto, então.

Ela apertou a mão dele com as coxas e suspirou.

— Eu quero acreditar em você. Mas suponha que Brian queira chamá-lo de Joseph? Ou Josephine?

— "Josephine" não é nome para um menino. Querida, Brian vai chamar o seu bebê da guerra pelo nome das outras duas estrelas na sua bandeira do exército; esta guerra significa um bocado para ele. Provavelmente ele próprio o sugerirá... não sei. Sei apenas que Theodore Ira é o nome que vocês registrarão na Fundação. Minha outra ancestral... Adele Johnson, naturalmente, sua mãe e a mulher de Ira. Mora em St. Louis. Deixou-o na ocasião em que você se casou, mas não se divorciou dele... o que provavelmente o aborreceu; não creio que Ira seja homem para ficar solteiro simplesmente porque sua mulher vai embora mas não o libera.

— Ele não ficou, querido. Tenho certeza de que papai tem uma... bem, uma amante, e vai vê-la algumas noites em que devia estar no "clube de xadrez"... e não c um clube de xadrez; c uma sala de jogos. Finjo acreditar porque ele a chama assim diante das crianças.

— Ele joga xadrez lá.

— Papai joga bilhar muito bem também. Adiante, querido... Lazarus. Estou disposta a acreditar. Talvez encontremos alguma coisa.

— Bem, acho que não vou falar de sua mãe; acho que não me daria com uma mulher que acha que o sexo é uma coisa que se tenha de "suportar".

— Eu me dou com mamãe apenas mentindo para ela. Fui muito mais criada por papai do que por ela. Eu era a favorita dele. Ele demonstrava isso, razão pela qual tenho cuidado em não demonstrar isso em relação a Woodie. Continue, Theodore. Lazarus.

— Esses são todos os meus ancestrais com os quais você tem parentesco. Exceto um. O nosso clandestino, Maureen; eu descendo de você c Brian através de Woodie.

Ela susteve a respiração.

— Realmente? Ah, espero que seja verdade!

— Verdadeiro como os impostos, amada. E isso pode ter salvo a vida dele. Nunca estive tão perto do infanticídio como quando o encontramos no banco de trás.

Ela riu.

— Querido, senti a mesma coisa. Mas não deixo a raiva transparecer na minha voz, mesmo quando estou prestes a chicotear uma criança.

— Espero não ter demonstrado raiva. Mas senti-a. Querida, eu estava tão duro que doía... até encontrarmos Woodrow. Amor querido, eu estava pronto para penetrar!

— E eu estava pronta da mesma forma! Ah, Theodore... Lazarus... é tão doce poder me abrir com você. Ah... sim, você está bastante duro agora.

— Calma aí! Não me faça subir no meio-fio. Estou assim desde que saímos de casa, exceto quando o forcei a descer. Mas a ereção que Woodie estragou era maior e melhor.

— O tamanho não é importante, Theodore-Lazarus; a mulher tem que se adaptar a qualquer tamanho. Papai me disse isso há muito tempo e ensinou-me exercícios para isso. e nunca contei a Brian; deixei-o pensar que eu simplesmente era assim... e aceitei seus cumprimentos presunçosamente. Ainda faço exercícios regularmente... porque o meu canal vaginal foi distendido vezes após vezes pelas cabeças dos bebês e, se eu não exercitasse aqueles músculos, ficaria, na linguagem original de papai, "frouxa como uma trouxa". E desejo permanecer desejável assim para Brian por tantos anos quanto seja possível.

— E para o geleiro, o leiteiro e o carteiro... e o rapaz que guia a carroça do armazém.

— Caçoe. Eu gostaria de continuar jovem *ali* até morrer.

— Você continuará, sua avó em perspectiva de dezoito anos. Vamos tirar o sexo de nossas mentes e voltar à viagem pelo tempo; ainda estou procurando uma prova. Para que você saiba por que tenho certeza de que Brian voltará incólume. Mas, para fazer cessar sua preocupação, tem que ser uma coisa que aconteça logo e certamente antes do aniversário de Woodie.

— Por que o aniversário de Woodie?

— Ainda não cheguei até lá? Esta guerra termina no próximo aniversário de Woodie, a 11 de novembro. — E acrescentou: — Estou certo disso, é uma data-chave da história. Mas estou vasculhando o meu cérebro à procura de algum acontecimento entre agora e então... o mais cedo possível, para acabar com as suas preocupações. Mas... ah, bolas, querida, cometi um engano tolo. Pretendi chegar após esta guerra terminar. Mas forneci à minha computadora um número decisivo com um erro... um errinho apenas, mas isso me fez chegar três anos mais cedo. Não foi culpa dela; ela aceita qualquer dado que eu lhe dê, e é tão boa computadora quanto piloto de nave espacial. Não foi um erro fatal também; não estou perdido no tempo, minha nave me apanhará em 1926, exatamente dez anos terrestres após me ter lançado. Mas é por isso que não estudei a história dos

próximos meses; esperava evitar esta guerra. Não estou estudando guerras; a história está cheia de guerras. Estou estudando como as pessoas vivem.

— Theodore... estou confusa.

— Desculpe, querida. A viagem pelo tempo é confusa.

— Você fala de uma computadora, e não estou certo do que você quer dizer... e você disse que "ela" dirige (o que quer que isso signifique) uma nave que o apanhará... em 1926? E eu não compreendo nada disso. Lazarus suspirou.

— Foi por isso que nunca quis contar a ninguém. Mas tinha que contar a você... para que você pudesse parar de se preocupar. Minha nave é uma nave espacial... como a de Júlio Verne, apenas mais elaborada. Uma nave estelar, eu moro num planeta muito distante. Mas ela é uma nave do tempo também; viaja tanto no espaço como no tempo,, e é muito complicada para explicar. A computadora é o cérebro da nave... uma máquina, uma máquina muito complexa, Minha nave chama-se *Dora* e a máquina, a computadora, que a dirige, comanda, pilota, chama-se *Dora* também; esse é o nome pelo qual ela responde quando falo com ela. F uma máquina muito inteligente e sabe falar. Ah, há uma tripulação, duas das minhas irmãs... portanto, naturalmente, elas descendem de você também e parecem-se com você. É necessário uma tripulação. Não se pode deixar uma nave andando por aí sozinha (exceto cargueiros automáticos em rotas pré-calculadas), mas *Dora* faz o trabalho pesado, e *Laz* e *Lor* (*Lápis-Lazúli* e *Lorelei Lee Long*) dizem a *Dora* o que fazer e deixam-na fazer. — Ele apertou a coxa da sra. Smith e sorriu. — Se aquele jato de ar tivesse mantido suas saias no alto por mais dois segundos, eu saberia mais sobre até que ponto elas se parecem com você... porque elas geralmente andam nuas. Parecem-se com você fisionomicamente. De corpo também, por aquela visão rápida demais das suas pernas encantadoras. Exceto que *Laz* e *Lor* têm sardas pelo corpo inteiro, tantas quanto *Marie* no rosto.

— Eu seria sardenta assim se não me protegesse do sol Quando eu tinha a idade de *Marie* papai me chamava de "Ovo de Peru". Mas no corpo inteiro? Elas não usam roupa nenhuma?

— Ah, elas gostam de roupas sofisticadas para festas. Ou o tempo pode estar frio... mas raramente está; vivemos num clima como o do sul da Itália. Geralmente elas não usam nada. — Lazarus sorriu e acariciou-lhe a coxa. — Elas não precisam deixar a calcinha em casa para estarem preparadas para ter relações; elas não usam calcinha. Não são nem um pouco tímidas. Ficariam encantadas de lograr o seu pai; elas gostam de homens mais velhos... são muito mais moças do que eu.

— Lazarus... que idade você tem?

Lazarus hesitou.

— *Maureen*, não quero responder a isso. Sou mais velho do que pareço; a experiência de *Ira Howard* foi bem sucedida. Em vez disso deixe-me falar-lhe sobre a minha família. *Sua* família também; nós todos descendemos de você por

uma linha ou outra. Duas das minhas esposas e um dos meus co-maridos descendem tanto de Nancy como de Woodie.

— Esposas? Co-maridos?

— Querida, o casamento tem muitas formas. Onde eu vivo não é preciso um divórcio ou uma morte para se obter alguém que se ama. Tenho quatro esposas e três-co-maridos... e minhas irmãs, Laz e Lor... e elas podem se casar fora da família ou podem ficar... e não fique espantada; você disse que não ligava quando pensava que eu era seu meio irmão... e não se preocupe com prejudicar os bebês; eles conhecem muito mais sobre essas coisas naquele quando e onde do que no aqui e agora. Nós não corremos o risco de prejudicar os bebês.

"E temos uma porção deles. E gatos, cachorros e tudo o que uma criança possa criar e cuidar. É uma verdadeira família, numa casa para acomodar uma família grande.

"Não posso lhe falar sobre cada um; temos que levar o nosso clandestino para casa. Mas quero lhe falar sobre uma... porque você tem insistido em que não aparenta dezoito anos, simplesmente porque vem usando os seus seios para alimentar bebês. Tamara. Descende de você através de Nancy e seu Jonathan. Quer ouvir falar sobre a enésima net de Nancy? Tamara tem cerca de duzentos e cinqüenta anos de idade, acho eu..."

— Duzentos e cinqüenta!

— É, Um dos meus co-maridos, Ira Weatheral, descendente também de Nancy e Jonathan, mas de Woodie também... e assim chamado por causa de seu pai, não de Ira Howard, tem mais de quatrocentos anos de idade. Maureen, a experiência de Ira Howard *funcionou*; nossas vidas duram mais. Herdamos isso de você e de todos os nossos ancestrais Howards. Mas também naquele quando e onde eles sabem como rejuvenescer uma pessoa. Tamara já fez dois rejuvenescimentos... um recentemente, e parece tão moça quanto você. Rejuvenescimento verdadeiro. Tamara estava grávida quando partiu.

"Mas o importante não é sua aparência; Tamara é uma curandeira... e desconfio de que ela deve isso a você."

— Theodore... Lazarus... novamente não compreendo. Uma curandeira? Como uma curandeira pela fé?

— Não. Se Tamara tem uma religião, nunca mencionou isso. Tamara é calma, feliz e serena, e qualquer pessoa perto dela sente isso com tanta força (exatamente como com você, querida!) que ele ou ela fica feliz também. Se a pessoa está doente, fica boa mais depressa se Tamara toca nela, fala com ela ou dorme com ela.

"Mas Tamara não era jovem quando a conheci. Era bastante velha e pretendia ficar assim, morrendo de velhice. Mas eu estava doente, muito doente, desgostoso, e Ishtar, minha mulher mais tarde e a mais notável rejuvenescedora de toda a via-láctea, saiu e trouxe Tamara. Tamara. Barriguinha redonda, seios realmente pendurados, bolsas debaixo dos olhos e do queixo, todos os sinais de

velhice.

"Tamara curou o meu desgosto, simplesmente ficando comigo... e de alguma forma isso renovou seu próprio interesse na vida. Ela fez outro rejuvenescimento, está moça novamente e já acrescentou outro bebê à linhagem de Maureen-Nancy e está grávida outra vez. Você e Tamara são muito parecidas, Maureen; ela é apenas amor com um pouco de pele em volta, assim como você. Mas..." — Lazarus fez uma pausa e franziu a testa.

— Maureen, não sei como convencê-la de que estou dizendo a verdade. Você saberá quando chegar o sexto aniversário de Woodie e tocarem todos os apitos e sinos e os jornalheiros gritarem: "Extra! Extra! A Alemanha se rende!" Mas então será tarde demais para ajudá-la. Quero acabar com as suas preocupações agora!

— Já parei de me preocupar, querido. Isso parece maravilhoso... e impossível... e acredito em você.

— Acredita? Eu não provei; contei-lhe uma história impossível com base na prova.

— Apesar de tudo, acreditei nela. Quando Woodrow fizer seis anos no dia 7 de novembro...

— Não, no dia 11!

— Sim, Lazarus. Mas como é que você sabe que O aniversário dele é no dia 11 ?

— Porque você mesma me disse.

— Querido, eu disse que ele nasceu em novembro; não disse em que dia. Depois o mencionei errado deliberadamente... e você me corrigiu imediatamente.

— Bem, talvez Ira me tivesse dito. Ou um dos seus filhos. Muito provavelmente o próprio Woodie.

— Woodrow não sabe o dia do aniversário dele. Acorde-o e pergunte.

— Prefiro não acordá-lo até chegarmos a casa.

— Quando foi que nasci, querido?

— No dia 4 de julho de 1882.

— Quando foi que Marie nasceu?

— Acho que ela tem nove anos. Não sei a data.

— As outras crianças?

— Não tenho certeza.

— O dia de nascimento de meu pai?

— Maureen, isto adianta alguma coisa? Dois de agosto de 1852.

— Amado Lazarus, que se chama a si mesmo de "Theodore", eu adoto uma regra rígida com meus filhos. Evito que cada um saiba a data do seu nascimento pelo maior tempo possível para que não a anuncie e assim faça chantagem com as pessoas para ganhar presentes. Quando algum chega à idade de entrar no colégio e precisa conhecer a data, tem idade suficiente para saber por quê; e

deixo bastante claro que, se ele fizer insinuações antes do tempo, nada de bolo de aniversário, nem festa. Ainda não tive que usar esse castigo; eles todos são inteligentes.

"No ano passado Woodrow era pequeno demais para que isso fosse um problema; seu aniversário chegou para ele de surpresa. Ele ainda não sabe a data exata... assim creio firmemente. Lazarus, você sabe as datas de nascimento dos seus ancestrais diretos... porque verifiquei nos registros da Fundação. Já que você não sabe me dizer as datas de nascimento dos meus outros filhos, acho que encontrei aquela prova."

— Você sabe que tive acesso aos registros. Eu poderia ter verificado qualquer data de nascimento no ano passado.

— Ora! Por que você iria se preocupar com a data de nascimento de uma criança e deixar passar as das outras sete? Como você iria saber o dia do nascimento do meu pai se ele não tivesse um interesse especial para você? Isso não vai pegar, amado. Você pretendeu procurar seus ancestrais e veio preparado para isso. Não acho mais que tenha aparecido na nossa igreja por acidente; você foi lá para me encontrar... e estou lisonjeada. Provavelmente fez o mesmo com papai... no seu "clube de xadrez" da sala de jogos. Como foi que você fez isso? Detetives particulares? Duvido de que a nossa igreja ou aquela sala de jogos possam ser verificadas nos registros da Fundação.

— Algo parecido com isso. Sim, gentil ancestral, procurei um meio aceitável de encontrá-la. Teria passado anos nisso se fosse necessário... porque eu não podia apertar a campainha da sua porta e dizer: "Olá, você aí! Eu descendo de você. Posso entrar?" Você teria chamado a polícia.

— Acho que não chamaria, querido... mas obrigada por encontrar um meio mais amável. Ah, Lazarus, eu o amo tanto! E acredito em cada palavra sua e não estou mais preocupada por causa de Brian; *sei* que ele voltará para mim! Ah... estou me sentindo muito sem-vergonha outra vez, mais apaixonada do que nunca, e quero saber uma coisa. Sobre a sua família.

— Estou encantado de falar sobre eles. Eu os amo.

— Fiquei muito lisonjeada em ser comparada com a sua mulher Tamara. Querido, você não tem que me contar isto: acontece alguma vez dois maridos dormirem com a mesma mulher?

— Ah, certamente. Mas é mais provável ser um marido, Galahad (outro dos seus descendentes, vovó...), Galahad e duas de nossas mulheres; Galahad é o gato incansável original.

— Isso parece divertido, mas é a outra combinação que me deixa curiosa. Amado, minha idéia do céu seria levar ambos, você e Brian, para a cama ao mesmo tempo... e fazer o máximo para tornar ambos felizes. Não que eu possa vir a fazer isso alguma vez. Mas posso sonhar com isso... e vou sonhar.

— Porque não ir lá no mato e se despir para nós dois, até ficar com a sua roupa do "cartão-postal francês"? Já que você só está sonhando...

— *Aaah!* Sim, vou pôr isso no meu sonho... e agora estou prestes a disparar como um busca-pé!

— É melhor eu levar você para casa.

— Acho melhor você fazer isso. Estou extremamente feliz, completamente despreocupada (e ficarei assim) e muito apaixonada. Por você. Por Brian. Por ser um cartão-postal francês no mato. À luz do dia.

— Maureen, se você puder vender a idéia a Brian... bem, ficarei por aqui até o dia 2 de agosto de 1926.

— Bem... veremos. Eu quero! — Ela acrescentou: — Tenho permissão para contar a ele? Quem é você, de onde é (do futuro) e sua profecia de que ele não será ferido?

— Maureen, conte a quem você quiser. Mas não acre ditarão em você.

Ela suspirou.

— Acho que não. Além disso, se Brian acreditar nisso e daí achar que teve uma vida de encantamento, isso pode torná-lo descuidado. Estou orgulhosa por ele ir lutar por nós... mas não quero que ele corra riscos desnecessários.

— Acho que você tem razão, Maureen.

— Theodore... minha mente esteve tão ocupada com todas estas coisas estranhas que esqueci uma coisa. Agora sei quem é você. Este não é o seu país, e esta guerra não é sua. Então por que se apresentou como voluntário? Lazarus hesitou, depois contou a verdade:

— Queria que você tivesse orgulho de mim,

— Ah!

— Não, não sou daqui e esta guerra não é minha. Mas ela é sua, Maureen. Outros estão lutando por outros motivos... eu estarei lutando por Maureen. Não "para tornar o mundo seguro para a democracia". Esta guerra não conseguirá isso, embora os Aliados a vençam. Por Maureen.

— *Ah! Ah!* Estou chorando outra vez... não posso evitar.

— Pare com isso imediatamente.

— Sim, meu guerreiro. Lazarus? Você voltará? Você deve ter algum meio de saber.

— Hein? Querida, não se preocupe comigo. Várias pessoas tentaram me matar de muitas maneiras diferentes... sobrevivi a elas todas. Sou o velho gato cauteloso que sempre tem uma árvore ao seu alcance.

— Você não me respondeu. Ele suspirou.

— Maureen, sei que Brian voltará para casa; isso está nos registros da Fundação. Ele vai viver até uma idade avançada e não pergunte por quanto tempo, porque não vou responder. Bem como você, e não responderei a isso também; não é bom saber demais sobre o futuro. Mas eu? Não posso saber o meu futuro. Ele não

está nos registros. Como poderia estar? Ainda não terminei isso. Mas posso contar-lhe uma coisa: esta não é a minha primeira guerra, mas aproximadamente a décima quinta. Eles não me pegaram nas outras, e terão que andar depressa para me matar nesta. Amada, sou o seu guerreiro... mas para matar os hunos por você, não para eles me matarem. Cumprirei o meu dever, mas não vou tentar nenhuma proeza maluca para ganhar uma medalha... não o velho Lazarus.

— Então você não sabe.

— Não, não sei. Mas prometo-lhe isto: não vou esticar minha cabeça para cima quando não precisar. Não vou entrar numa trincheira alemã sem antes atirar lá uma granada. Não vou presumir que um alemão está morto só porque parece... vou me certificar de que ele esteja morto; não me importo de gastar uma bala num cadáver. Especialmente um que esteja fingindo. Sou um velho soldado, e é assim que um soldado fica velho... sendo pessimista. Conheço todos os truques. Querida, tendo acalmado suas preocupações quanto a Brian, seria bobagem fazê-la preocupar-se comigo. Não faça isso!

Ela suspirou.

— Tentarei. Se você virar nesta rua, podemos pegar o Prospect e depois atravessar o Linwood até Benton.

— Eu a levarei para casa. Vamos falar de amor, não de guerra. Nossa garota Nancy... A Fundação está usando agora uma tabela de gravidez? Para os primeiros casamentos?

— Santo Deus! Você sabe tudo mesmo, hein?

— Não é preciso dizer-me. Isso é da conta de Nancy. Se Jonathan for para a guerra (eu não sei), posso garantir-lhe que ele não será atingido nos testículos, mesmo que perca um braço ou uma perna. Examinei os registros de acasalamento de todos os seus filhos, embora não me preocupasse com suas datas de nascimento. Jonathan e Nancy vão ter muitos filhos. O que significa que ele voltará... ou talvez seja recusado e não vá.

— Isso é confortador. Quantos bebês?

— Garotinha curiosa! Você mesma ainda vai ter um grande número, vovó, e não vou responder a isso também. Retiro a pergunta sobre a tabela de gravidez.

— Segredo, Lazarus...

— É melhor começar a me chamar de Theodore. Chegaremos a casa daqui a pouco.

— Sim, senhor, sargento ajudante Theodore Bronson, sua tri-tri-trisavó devassa terá cuidado. Quantos "tris" deveria haver nisso?

— Querida, você quer que eu responda a isso? Se não tivesse sido necessário acalmar os seus receios sobre Brian, eu teria continuado como Ted Bronson. Gosto de ser o seu Theodore. Não tenho certeza de que ser um homem misterioso do futuro vá ser tão confortável. Especialmente se você pensar em

mim como algum descendente remoto. Estou aqui ao seu lado, não em algum futuro longínquo.

— Ao meu lado. Bolinando-me. E, no entanto, você ainda nem nasceu... nasceu? E na sua época... estarei morta há muito tempo. Você sabe até quando eu vou morrer. Você disse. Só que não quer me dizer quando.

— Ah, com os diabos, Maureen! Isso está tudo errado! E nisso que dá admitir que viajei pelo tempo. Mas tive que dizer. Por você.

— Desculpe, Laz... Theodore, meu guerreiro. Não farei mais nenhuma pergunta.

— Querida, o fato de eu estar aqui significa que você não está morta. E certamente que eu nasci; belisque-me e descubra. Todos os "agoras" são iguais; esse é o teorema básico da viagem pelo tempo. Eles não desaparecem; tanto o "passado" como o "futuro" são abstrações matemáticas; o "agora" é sempre tudo o que existe. Quanto a saber o dia em que você morreu, ou vai morrer... é a mesma coisa... não sei. Sei simplesmente que você teve... tem... terá... muitos filhos, e viverá muito tempo... e o seu cabelo nunca ficará branco. Mas a Fundação perdeu a sua pista (perderá a sua pista) e a data da sua morte nunca entrou nos registros. Talvez você se tenha mudado e não tenha comunicado à Fundação. Bolas, talvez eu tenha voltado (voltarei), recolhido você em sua idade avançada e levado para Tertius.

— Onde?

— Para minha casa. Acho que você gostaria de lá. Você pode correr de um lado para o outro o dia inteiro, vestida... despida como um cartão-postal francês.

— Tenho certeza de que gostaria disso agora. Mas não acho que gostasse, como uma velha.

— Tudo quanto você teria a fazer seria pedir a Ishtar um rejuvenescimento. Contei a você o que ela fez por Tamara... quando seus seios pendiam até a cintura e eram sacos vazios. Mas olhe para Tamara agora (esse "agora") grávida outra vez, exatamente como uma garota. Mas esqueça isso... se isso aconteceu, acontecerá. Mamãe Maureen (macacos me mordam se a chamar de "vovó" outra vez!), tudo de que tenho certeza é que não estou certo da data da sua morte; estou satisfeito por isso, e você deve estar também. Nem da minha morte, e estou satisfeito por isso também. *Carpe diem* 100! Estamos quase em casa, você começou a dizer alguma coisa, eu disse para me chamar de Theodore e nos desviamos do assunto. Era sobre Tamara?

— Ah, sim! Theodore? Quando você for para casa, onde quer que ela seja, pode levar alguma coisa com você? Ou tem que ser apenas você?

— Ah, não! Cheguei com roupas e dinheiro.

— Gostaria de mandar um presentinho para Tamara. Mas não posso imaginar o que ela possa querer... desta época para aquela era maravilhosa de vocês. Pode sugerir alguma coisa?

— Hum... Tamara guardaria como relíquia qualquer coisa de você. Ela sabe que

descende de você, e é a mais calorosamente sentimental de toda a minha família. Deve ser alguma coisa bastante pequena para carregar comigo, mesmo nas trincheiras, porque estou sempre pronto a abandonar qualquer coisa que não puder levar... tenho que estar. Não jóias. Tamara não consideraria um bracelete de diamantes nem um pouco mais valioso do que um grampo de cabelo... mas guardaria como relíquia um grampo de cabelo que eu pudesse dizer a ela ter visto você usando. Algo pequeno, algo que você tenha usado. Olhe, mande-lhe uma liga! Perfeito! Uma destas que você está usando.

— Não posso lhe mandar um par novo? Ah, eu as enfiarei por um momento, para que você possa dizer a ela verdadeiramente que as usei. Mas estas... Não só estão bastante velhas e usadas como suei muito nelas esta noite. Não estão frescas e limpas. E têm dizeres inconvenientes.

— Não, não, uma destas. Querida, "inconveniente" hoje pode não ser inconveniente em Tertius; terei que explicar qualquer inconveniência a Tamara. Quanto ao suor, espero que qualquer vestígio da sua doce fragrância se conserve nelas até eu poder entregá-las; isto deixaria Tamara encantada. Você diz que este par é velho? Maureen, há alguma possibilidade de elas terem seis anos de idade?

— Eu disse a você que era sentimental, Theodore. Sim, este é o mesmo par. Velho, desbotado, usado; substituí o elástico... mas é o mesmo par; escolhi-o para usar por sua causa.

— Então quero uma delas para *mim!*

— Amado Theodore. Eu pretendia oferecer-lhe ambas. Foi por isso que sugeri um novo par para Tamara. Muito bem, querido, uma para você, uma para ela. Assim que chegarmos em casa, vou correr para cima e, quando descer, terei um presente para você e lhe direi para não abri-lo até ter voltado ao Campo Funston. Você dirá apenas obrigado, irá direto para o seu quarto e o porá dentro de sua valise. Vejo uma luz na varanda, portanto preciso agora baixar minhas saias e ser a sra. Brian Smith, formal e respeitável. Com um vulcão soltando fumaça dentro dela! Obrigada, sargento ajudante Bronson. Você proporcionou a mim e a meu filho uma noite muito agradável.

— Obrigado a você, gatinha linda de ligas verdes e sem calcinha. Quer segurar o ursinho e a boneca de- pano enquanto levo o nosso acompanhante?

Ira Johnson e Nancy ainda não estavam em casa. Brian Júnior pegou o menino dormindo que Lazarus carregava e levou-o para cima. Caro] foi junto para pôr Woodie na cama após extrair uma promessa do "tio Ted" de não ir dormir antes que ela voltasse. George quis saber aonde eles haviam ido e o que haviam feito, mas Lazarus livrou-se dele com uma promessa e usou a oportunidade para dirigir-se ao seu banheiro minúsculo e se recompor.

Cabelos um pouco em desordem. Graças a Deus as mulheres respeitáveis não usavam batom. O uniforme ligeiramente amarrotado, nada condenável quanto a isso. Cinco minutos mais tarde, recomposto e certo de que não havia nenhuma

pena no seu queixo, Lazarus voltou para a frente da casa e fez para George e Brian Júnior um relato da noite verdadeiro em tudo o que disse.

Mal havia começado quando Carol desceu e ouviu também; depois a sra. Smith juntou-se novamente a eles, andando majestosamente como o sempre e trazendo um pequeno embrulho envolvido em papel fino.

— Uma surpresa para o senhor, sargento Theodore... por favor, não o abra até estar de volta ao campo.

— Então é melhor pô-lo dentro da valise agora mesmo.

— Se desejar, sr. Bronson. Acho que é hora de dormir, queridos.

— Sim, mamãe — concordou Carol. — Mas tio Ted nos estava contando como você derrubou todas as garrafas de leite.

— Ele diz que você devia jogar pelos Blues, mamãe! — acrescentou George.

— Está bem, quinze minutos.

— Sra. Smith — disse Lazarus —, a senhora não deve começar a contar o tempo até eu voltar.

— O senhor é tão mau como o resto dos meus filhos, sargento. Muito bem.

Lazarus pôs o embrulho dentro da valise, trancou-a devido ao longo hábito e voltou. Nancy e o namorado chegaram; Lazarus foi apresentado enquanto examinava Jonathan Weatheral com verdadeiro interesse. Rapaz agradável, um pouco desajeitado — Tamara e Ira ficarão interessados, portanto vamos gravar seus traços, tentar desenhá-lo e repetir qualquer palavra que ele diga.

A sra. Smith insistiu com seu futuro genro para entrar na sala de visitas enquanto separava Nancy do rebanho; Lazarus retomou a descrição do que haviam feito no parque de diversões, enquanto Jonathan parecia educadamente aborrecido. A sra. Smith voltou, trazendo uma bandeja carregada, e disse:

— Aqueles quinze minutos terminaram, queridos. Jonathan, Nancy quer que você ajude em alguma coisa; quer ir ver o que é? Ela está na cozinha.

Brian Júnior perguntou se podia pôr o carro dentro do celeiro.

— Sargento tio Ted, não deixei o seu carro ficar na rua à noite, nem uma vez. Mas eu o tirei para o senhor, será a primeira coisa que farei de manhã; é um pouco complicado, uma espécie de curva em Z, o senhor tem que recuar e completar.

Lazarus agradeceu-lhe e deu um beijo de boa-noite em Carol, que claramente o estava esperando. George parecia não ter decidido se já havia passado da idade de beijar ou não, portanto Lazarus resolveu o assunto apertando a mão dele e dizendo que ele tinha um bocado de força nela. Nesse ponto o sr. Johnson chegou a casa e as despedidas recomeçaram.

Cinco minutos mais tarde, a sra. Smith, seu pai e Lazarus estavam sentados na sala de visitas servindo-se de café com bolo, e Lazarus lembrou-se de repente da primeira noite em que havia sido convidado a entrar. A não ser pelo fato de os

homens estarem agora de uniforme, o quadro era o mesmo; cada um estava sentado no mesmo lugar daquela noite, a sra. Smith presidia sobre o serviço de café da "Companhia" com a mesma serena dignidade; até a merenda era a mesma. Ele procurou mudanças e só pôde encontrar três: o seu elefante não estava atrás da cadeira da sra. Smith, os prêmios que eles haviam ganho no parque de diversões estavam sobre a mesa perto da porta e a partitura da música *Alô, central, ligue-me com a terra de ninguém* estava aberta sobre o piano.

— Você chegou tarde esta noite, papai.

— Sete recrutas, e eu tinha apenas os tamanhos comuns para eles, grandes demais e pequenos demais. Ted, nós recebemos o que o exército não quer. Adequado, naturalmente. Temos agora armas Lewis para as companhias de metralhadoras e Springfields bastantes para todos; estamos começando a parecer menos com os bandidos de Pancho Vila. Não estou reclamando. Filha, que são essas coisas em cima tia mesa? Parecem fora do lugar.

— A boneca de trapo eu mesma ganhei, por isso estou pensando em dar-lhe um lugar de honra em cima do piano. O ursinho Roosevelt foi ganho pelo sargento Theodore; talvez ele o leve consigo para a França. Fomos ao parque de diversões, papai, e acho que eles custaram ao sargento Theodore mais do que o dobro do seu valor; tivemos uma noite de sorte... e muito alegre.

Lazarus pôde ver o velho começando a se aborrecer — em público com um homem solteiro? Com seu marido fora? Ele disse, então:

— Não posso levá-lo para a França, sra. Smith; fiz um negócio com Woodie... não se lembra? Meu ursinho pelo elefante dele. Suponho que seja um negócio fechado; ele o carregou daí por diante.

— Se você não fez isso por escrito, Ted — disse o sr. Johnson —, ele vai tapeá-lo. Devo compreender que Woodie foi ao parque de diversões com vocês dois?

— Sim, senhor. Cá entre nós, espero deixar o elefante em custódia com Woodie por enquanto. Mas vou combinar com ele primeiro.

— Ainda assim ele vai tapeá-lo. Maureen, a idéia era dar-lhe uma folga das crianças. Especialmente de Woodie. O que deu em você para levá-lo junto?

— Não o levamos junto exatamente, papai; ele foi como clandestino. — Ela fez um relato preciso ao pai, salvo que deixou de fora certas coisas e não incluiu um horário.

O sr. Johnson sacudiu a cabeça e ficou satisfeito.

— Esse menino irá longe... se não o enforcarem primeiro. Maureen, você devia ter-lhe dado uma surra e o trazido para casa. Depois você e Ted deviam ter continuado o passeio de vocês.

— Ah, bobagem, papai, dei o meu passeio e foi bom; fiz Woodrow sentar-se no banco de trás e ficar quieto. Depois me diverti no parque, regalia que não teria se Woodrow não se tivesse convidado para ir junto.

— Woodie tinha alguma razão por seu lado — admitiu Lazarus. — Prometi-lhe

uma ida ao parquinho, depois não cumpro a minha promessa.

— Devia ter batido nele.

— É tarde demais para isso, papai. E nós nos divertimos. Encontramos algumas pessoas da igreja também... Lauretta e Clyde Simpson.

— Aquela bruxa velha! Ela vai mexericar a seu respeito, Maureen.

— Acho que não. Conversamos enquanto Woodie andava no trenzinho. Mas você deve se lembrar de que o sargento Bronson é filho de sua irmã mais velha.

Ira Johnson ergueu as sobranceiras, depois riu.

— Samantha ficaria surpresa... se ainda estivesse conosco. Ted, minha irmã mais velha caiu de um cavalo que estava tentando amansar... em 85. Ela sobreviveu por algum tempo, depois virou a cara para a parede e recusou-se a comer. Muito bem, vou me lembrar. Ted, isto é melhor do que culpar o gozador do meu irmão e ainda mais difícil de verificar; Samantha morava em Illinois, deu cabo de três maridos, e um deles podia se chamar Bronson para qualquer um aqui que quiser saber. Você se importa? Isso lhe dá uma espécie de família.

— Não me importo. Embora goste de pensar *nesta família* como minha família.

— E gostamos que você pense isso de nós, filho. Maureen, a nossa jovem já chegou em casa?

— Pouco antes de você chegar, papai. Eles estão na cozinha, sob o pretexto de Nancy querer fazer um sanduíche para Jonathan. Já que tenho certeza de que é uma desculpa para ficarem lá e namorar, sugiro que, se vocês quiserem alguma coisa da cozinha, me deixem ir buscar; farei bastante barulho para dar tempo a Nancy de pular fora do colo dele. Theodore, Nancy está noiva; apenas não fizemos uma participação formal. Acho que é melhor deixá-los se casarem agora, já que ele vai entrar para o exército quase imediatamente. O que acha?

— Difícilmente tenho direito a uma opinião, sra. Smith. Espero que sejam felizes.

— Eles serão — disse o sr. Johnson. — Ele é um ótimo rapaz. Tentei fazê-lo entrar para o 7.º, mas ele insistiu em esperar pelo seu aniversário para poder entrar direto no exército. Embora não pudesse ser convocado por mais três anos. Espírito. Gosto dele. Ted, se você precisar ir para o quarto, pode ir por este outro caminho e evitar a cozinha

Alguns minutos mais tarde os jovens saíram da cozinha e fizeram ruídos amáveis sem se sentar; depois Nancy saiu para a varanda a fim de dar boa-noite ao seu namorado, voltou e se sentou.

O sr. Johnson reprimiu um bocejo.

— É hora de eu ir para a cama. Você irá também, Ted, se for esperto. Há muito barulho por aqui para se poder dormir até tarde, especialmente onde está o seu quarto.

— Vou manter os pequenos em silêncio, vovô - - disse Nancy rapidamente —,

para que o tio Ted possa dormir.

Lazarus levantou-se.

— Obrigado, Nancy, mas não descansei muito no trem a noite passada; acho que vou direto para a cama. Não se preocupe em fazer silêncio de manhã; de qualquer maneira, levanto-me na hora da alvorada. É o hábito.

A sra. Smith se levantou.

— Todos nós vamos para a cama.

O sr. Johnson apertou a mão de Lazarus ao dar boa-noite; a sra. Smith deu um beijo simbólico no rosto dele, igual ao que havia dado na chegada, agradeceu-lhe pela noite encantadora e insistiu com ele para se virar e dormir de novo se o hábito da alvorada o acordasse. Nancy esperou e deu-lhe um beijo de boa-noite quando os mais velhos subiram as escadas.

Lazarus foi para o seu quarto e entrou no banheiro. Maureen lhe havia dito que não hesitasse em usar a banheira; ela não acordaria as crianças. Ele abriu as torneiras, voltou e abriu sua valise, tirou o pequeno embrulho, levou-o para o banheiro e puxou o ferrolho por não haver nenhuma chave na porta do quarto. Era uma pequena caixa achatada daquelas em que vêm as ligas; abriu-a com cuidado, tencionando reembulhá-la exatamente como estava.

Ah, as ligas! Desbotadas como ela havia dito, e evidentemente usadas... e — Sim! recendendo à sua própria fragrância evocativa. Duraria ela tempo suficiente para ele levá-la para casa, mandar analisar, reforçar e fixar o aroma encantador e delicado? Provavelmente — e com a ajuda de um computador, um perfumista hábil poderia isolar os odores do cetim e da borracha, acentuando o dela seletivamente. Ele teria que ir até Secundus para obter essa ajuda especializada. Valia a viagem e muito mais!

Agora vamos ver aqueles dizeres "horríveis"... Uma dizia: "Aberto a qualquer hora — toque a campainha para ser atendido!" A outra: "Seja bem-vindo! Entre e atice o fogo". Doce querida, esses não são "horríveis".

Havia um envelope em branco sob as ligas. Ele as pôs de lado e abriu-o.

Um cartão branco: "O melhor que pude fazer, amado. M."

Uma fotografia, trabalho de amador mas de excelente qualidade para este aqui e agora: a própria Maureen, ao ar livre sob um sol brilhante, contra um fundo de moitas cerradas. Ela estava de pé graciosamente, sorrindo e olhando para a câmara — vestida apenas em seu estilo de "cartão-postal francês". Lazarus sentiu um ímpeto de paixão. Ora, minha querida generosa e confiante! Não será seu único exemplar? Não, Brian devia ter feito mais de uma cópia — sem dúvida tinha uma consigo. Esta cópia devia estar trancada em algum lugar no seu quarto. Sim, sua cintura é fina sem espartilho... e os seios não estão caídos; são encantadores — e estou certo de terem sido os causadores do seu sorriso feliz. Obrigado, obrigado!

Com a fotografia veio um pequeno embrulho achatado de papel de seda. Ele abriu-o com cuidado. Um cacho grosso de cabelo ruivo, amarrado com uma fita

verde. O cabelo estava enrolado num círculo apertado.

Lazarus ficou olhando para ele. Maureen, minha amada, este é o presente mais precioso de todos — mas espero que o tenha cortado com muito cuidado para que Brian não note sua falta.

Ele olhou para cada um dos presentes outra vez, arrumou-os exatamente como estavam, colocou a caixa no fundo da sua valise, trancou-a, fechou a torneira da banheira, despiu-se e entrou na água.

Mas o banho morno de imersão não o fez dormir. Por um longo tempo ficou deitado no escuro e reviveu as horas anteriores.

Agora sentiu haver compreendido Maureen. Ela estava à vontade com o que era; "gostava de si mesma", como Lazarus havia imaginado — e gostar de si mesmo era o primeiro passo necessário para gostar das outras pessoas. Ela não tinha nenhum sentimento de culpa porque nunca fizera coisa alguma que pudesse fazê-la se sentir culpada. Era severamente honesta consigo mesma, julgava-se a si mesma em vez de recorrer a outros, não mentia a si mesma — mas mentia para os outros, sem hesitação, quando necessário, por bondade ou para ficar de acordo com as regras que não fizera e não respeitava.

Lazarus compreendeu isso; ele agia da mesma forma — e agora sabia de onde herdara essa característica. De Maureen... e através dela de vovô. E de papai também — reforçada. Sentiu-se muito feliz, apesar de uma dor incômoda nos testículos. Ou em parte devido a ela, corrigiu ele; descobriu que gostava daquela dor.

Quando a maçaneta da porta girou, ele ficou alerta instantaneamente, saiu da cama e esperou a porta se abrir.

Maureen caiu em seus braços, cálida e fragrante.

Ela afastou-se para tirar dos ombros o lençol, deixou-o cair, voltou aos seus braços, corpo contra corpo, e ofereceu a boca completamente.

Quando interromperam o beijo, ela continuou em seus braços, agarrada. Ele cochichou com voz rouca:

— Por que você se arriscou a isso?

— Achei que devia — respondeu ela baixinho. — Uma vez sabendo isso, percebi que era até menos arriscado do que o nosso castanheiro. As crianças nunca descem à noite quando temos hóspedes. Papai pode desconfiar de mim... mas isso *me dá a certeza* de que não irá vigiar-me. Não se preocupe, querido. Leve-me para a cama. *Agora!* Ele assim fez.

Quando ficaram quietos, ela suspirou feliz e disse, com os lábios colados ao seu ouvido, pernas e braços envolvidos nele:

— Theodore, mesmo nisto você é tão parecido com o meu marido que mal posso

esperar até a guerra terminar para contar a ele sobre você.

— Você resolveu contar a ele?

— Amado Theodore, nunca houve dúvida de que eu iria contar. Abrandei um pouco o que lhe contei esta noite e deixei alguma coisa de fora. Brian não exige que eu confesse. Mas isso *não* o perturba; combinamos isso há quinze anos. Ele me convenceu de que confia realmente no meu julgamento e no meu gosto. — Muito baixinho mas alegremente ela riu junto ao seu ouvido. — É uma vergonha eu ter algo a confessar tão raramente; ele gosta de ouvir as minhas aventuras. Ele me faz contá-las uma porção de vezes... como se relesse um livro favorito. Gostaria de poder contar esta a ele amanhã à noite. Mas não contarei, vou guardá-la para mim.

— Ele vem para casa amanhã?

— Tarde. Bastante tarde. Porém, não faz mal, porque espero não dormir nada depois que ele chegar. — Ela riu baixinho. — Ele me disse no telefone para "f.n.c.d.d.p.a." e ele "m.a.d.m.m.d.". Isso significa: "Ficar na cama dormindo de pernas abertas" e que ele "me acordaria da maneira mais deliciosa". Mas eu apenas finjo que estou dormindo, porque acordo não importa quão silenciosamente ele entre, na ponta dos pés.

Ela deu uma risadinha.

— Depois fazemos uma encenaçãozinha alegre. Quando ele me penetra, finjo que acordo e chamo-o pelo nome... mas nunca pelo seu nome. Digo, gemendo: "Ah, Albert, querido, pensei que você nunca chegaria!" Ou coisa parecida. Depois é a vez dele. Ele diz algo parecido com: "Quem está aqui é Buffalo Bill, sra. O'Malley. Cale a boca e mexa-se!" Depois calo a boca e me concentro ao máximo até nós dois explodirmos.

— O seu máximo é soberbo, sra. O'Malley. Esse era mesmo o seu máximo?

— Tentei dar o máximo... Buffalo Bill. Mas'eu estava de tal modo excitada, que fiquei toda confusa. Assim, isso provavelmente não foi o máximo. Quero uma oportunidade para tentar outra vez. Você vai me dar?

— Só se você prometer não dar o máximo. Querida, se esse não era o seu máximo, então o seu máximo me mataria.

— Você não só fala como o meu marido e sente como ele (especialmente *aqui*), como até o seu cheiro é igual ao dele.

— E o seu igual ao de Tamara.

— Realmente? Eu faço amor como ela?

(Tamara conhece mil maneiras, querida, mas raramente usa alguma coisa fora do comum — fazer amor não é uma técnica, querida, é uma atitude. É querer fazer alguém feliz, o que você faz. Mas você me espantou com o seu domínio da técnica; você alcançaria um alto preço em Iskander.)

— Faz. Mas não é isso o que a torna tão parecida com ela. Bem, é a sua atitude. Tamara sabe o que está acontecendo na mente da outra pessoa e dá a ela

exatamente aquilo de que ela precisa. Deseja dar.

— Ela lê pensamentos? Então não sou como ela, afinal.

— Não, ela não lê pensamentos. Mas ela sente as emoções de uma pessoa, sabe o que ela precisa e dá isso a ela. Pode não ser sexo. Não há ocasiões em que Brian precisa de alguma outra coisa?

— Ah, certamente! Se ele está cansado e tenso, eu guardo distância e faço-lhe uma massagem nas costas ou um cafuné. Talvez o encoraje a dormir, e depois talvez ele me acorde realmente "da maneira mais deliciosa". Não tento comê-lo vivo. A não ser que ele deseje isso.

— Exatamente como Tamara. Maureen, quando Tamara estava tratando de mim, a princípio ela nem se deitava na minha cama. Dormia simplesmente no mesmo quarto, comia junto comigo e ficava ouvindo se eu tivesse vontade de falar. Depois, durante dez dias mais ou menos, ela dormiu comigo, mas nós só dormimos... e eu dormi profundamente e não tive nenhum pesadelo. Depois, certa noite, acordei; sem dizer uma palavra, Tamara me fez penetrá-la, e fizemos amor o resto daquela noite. E na manhã seguinte eu soube que estava bom... a doença da alma desaparecera.

"Você é assim, Maureen. Você sabe e faz. Fiquei com muita saudade e muito perturbado por esta guerra. Agora não estou mais, você me curou. Diga-me, o que você sentiu a meu respeito na primeira noite em que estive nesta casa?"

— Amei-o à primeira vista, como uma colegial boba. Quis levá-lo para a cama. Eu lhe disse isso.

— Não o que você sentiu... mas como eu me senti? Ah! Você teve uma ereção por minha causa.

— Sim, tive. Mas pensei tê-la escondido. Você notou?

— Bem, não vi uma protuberância na sua calça ou qualquer coisa assim. Theodore, nunca olho tão baixo assim; os homens ficam embaraçados com tanta facilidade! Eu sabia simplesmente que você estava sentindo o mesmo que eu... e eu me sentia como uma cachorra no cio. Cadela no cio, quero dizer... não pretendo fazer cerimônia na cama. No instante em que os seus olhos encontraram os meus (de pé, lá na sala da frente), vi que precisávamos um do outro e fiquei terrivelmente excitada... e saí correndo para a cozinha para me controlar.

— Você não correu, você foi para lá com uma graça serena, como um navio levado pelo vento.

— Aquele navio estava navegando depressa; eu estava correndo. Consegui me controlar, mas não fiquei menos excitada. Fiquei mais. Meus seios doíam e os bicos ardiavam, durante todo o tempo em que você ficou aqui. Mas isso não transparece. Não teria importado se papai notasse minha excitação, exceto que ele não o teria convidado a voltar... e eu queria que você voltasse. Papai sabe como sou; ele me disse isso quando estava me ajudando. Ele me disse para enfrentar o que sou e ser feliz por isso... mas que eu devia aprender a não deixar

nunca minha excitação aparecer, sendo as coisas como são. Eu tentei... mas naquela noite foi muito difícil suprimi-la.

— Você conseguiu.

— Brian me diz que eu não demonstro. Mas naquela noite foi tão difícil! Eu... Theodore, há uma coisa que os meninos fazem (e algumas vezes os homens) quando estão terrivelmente frustrados. Com a mão.

— Certamente. Masturbação. Os meninos chamam isso de "punheta".

— É o que Brian diz. Mas talvez você não saiba que as moças (e as mulheres) podem fazer uma coisa parecida.

— Eu sei. Para uma pessoa solitária de qualquer sexo, é um substituto inofensivo, mas inadequado.

— "Inofensivo mas inadequado." Completamente inadequado. Mas alegro-me de você achar que é inofensivo. Porque fui para cima e tomei um banho. Eu precisava, embora tivesse tomado banho antes do jantar. E fiz isso, na banheira. Fui para a cama e fiquei olhando para o teto. Depois me levantei, tranquei a porta, tirei minha camisola... e fiz isso uma porção de vezes! Pensando em você, Theodore, o tempo todo. Na sua voz, qual era o seu cheiro, no contato de sua mão sobre a minha. Mas levei pelo menos uma hora antes de ficar suficientemente relaxada para poder dormir.

(Levei mais tempo ainda, querida, e devia ter usado a sua terapia direta. Mas eu estava me punindo por ser um tolo. Fui um idiota, querida, porque sei que *nunca* é bobagem amar. Mas não consegui descobrir como poderíamos demonstrar o nosso amor.)

— Gostaria de poder estar com você, querida... porque a um quilômetro ou dois de distância eu estava sofrendo com isso... pensando em você.

— Theodore, esperei que você se sentisse assim. Precisei tanto de você, que esperei que você precisasse de mim da mesma maneira. Mas o melhor que pude fazer foi trancar a minha porta, fazer isso e pensar em você, sem ninguém por perto exceto Ethel no seu berço; ela é pequena demais para perceber. *Uups!* Perdi você. Ah, querido!

— Você não me perdeu, apenas aquele pedacinho de carne orgulhosa. A qual se recuperará daqui a pouco; você me prometeu uma segunda oportunidade. Mudar de posição? Calçar o ombro? Esquerda ou direita? Eu não devia ter ficado em cima de você tanto tempo, mas eu não queria me mexer.

— Eu não queria que você sáisse desde que pudesse conservar pelo menos um pouco de você dentro de mim. Você não é muito pesado; meus quadris são largos, e você deixa uma mulher respirar, sr. Bronson. Coloque-me de qualquer lado, o que preferir.

— Assim?

— Assim é confortável. Ah, Theodore, esta não parece a nossa primeira vez; sinto-me como se o tivesse amado sempre e finalmente você tivesse voltado para

mim.

(Vamos esquecer esse assunto, mamãe Maureen.)

— Continuarei a amá-la para sempre, minha querida. (Omitido)

— ... disse rudemente que não se casaria com ela se ela criasse algum problema quanto à entrada dele para o exército, já que não era obrigado.

— O que foi que Nancy disse a ele?

— Ela disse que estava esperando ouvir isso, para que ele a engravidasse imediatamente a fim de poderem ter alguns dias de lua-de-mel antes que ele se incorporasse. Nancy tem um sentimento tão forte quanto sua mãe pelos guerreiros. Ela entrou no meu quarto naquela noite e me contou o que havia feito, ligeiramente chorosa, mas não preocupada por haver pulado a cerca.

"Assim, derramamos lágrimas de felicidade, e esclareci o assunto com Brian e os Weatherals. Nancy deixou de menstruar da vez seguinte (isto foi há um mês) e o casamento pode ser depois de amanhã ou talvez no dia seguinte."

(Omitido)

— Querida, gostaria de poder vê-la.

— Ah, querido! Eu preferia não acender a lâmpada Mazda, Theodore. Estas persianas não vedam muito bem, mas a luz que escapa para fora, bem como a luz sob a porta, pode chamar a atenção de papai se por qualquer motivo ele descer.

— Maureen, nunca pedirei a você que assuma qualquer risco de que não goste. Vejo-a bastante bem com a ponta dos meus dedos... e eles não estão esgotados.

— Eles correm sobre as minhas costelas como *marshmallow* derretido. Theodore, quando você abrir aquele embrulho, por favor tenha muito cuidado para não haver ninguém perto; há mais coisa nele do que um par de ligas.

— Já o abri.

— Então você sabe como eu sou.

— Aquela moça linda era você?

— Pode caçoar. Brian me fez olhar direto para a câmera.

— Mas, querida, embora você não olhe tão *embaixo*, os homens não tendem a olhar muito *em cima*. Especialmente eu. Não quando estou olhando a fotografia de um modelo nu perfeitamente deslumbrante.

— "Modelo nu", meu melhor chapéu de domingo!

— Maureen, essa é a fotografia mais encantadora que já possuí e a conservarei sempre com carinho.

— Assim é melhor, não acredito e adoro ouvir isso. Você abriu o papel dobrado que estava com ela?

— O cacho de bebê? Você o cortou de Marie?

— Theodore, não me importo que você me provoque; isso simplesmente o torna mais parecido com Brian. Mas, se ele provoca demais, eu o mordo. Em qualquer lugar. Aqui, por exemplo.

— Ei, não com tanta força!

— Então me diga de onde veio aquele cacho.

— Veio da sua coisinha, minha bela, e vou usá-lo sobre o meu coração para sempre. Mas o motivo pelo qual quis vê-la é que você cortou um pedaço tão generoso, que me preocupei com que Brian pudesse notar a falta de alguma coisa... e perguntar por quê.

— Posso dizer-lhe que o dei ao geleiro.

— Ele não vai acreditar nisso e terá certeza de que você tem uma nova aventura a confessar.

— Então ele não me forçará a contar-lhe agora; mudará de assunto. Apesar de eu querer contar a ele agora; fico pensando em vocês dois, ao ar livre, à luz do dia; essa foi a fantasia que me manteve acordada. Querido, há uma vela sobre a cômoda... não merecendo a eletricidade tanta confiança como a luz a gás, costumamos ter algumas. Ela não fará muita luz a ponto de me preocupar. Você pode olhar para mim à luz da vela quanto quiser e como quiser.

— Sim, querida! Onde estão os fósforos?

— Solte-me, que me levantarei e a acenderei; posso encontrar ambos no escuro. Poderei olhar para você também?

— Claro! Para o contraste. "A bela e a fera." Ela riu e beijou-lhe a orelha.

— Bode, talvez. Ou um garanhão. Theodore, eu precisava ser distendida pelos partos para poder recebê-lo.

— Pensei que você tivesse dito que eu era como Brian!

— Mas ele é um garanhão também. Solte-me.

— Pague o tributo.

— Ah, santo Deus, querido, não faça isso agora! Ou ficarei tremendo tanto que não poderei riscar o fósforo.

De pé e à luz da única vela, eles se examinaram mutuamente. Lazarus sentiu sua respiração ficar curta diante da glória deslumbrante dela. Por mais de dois anos ficara privado da doce alegria de ver uma mulher, e não percebera como estivera esfomeado por esse grande privilégio. Querida, você pode imaginar o quanto isso significa para mim? Mamãe Maureen, ninguém nunca lhe disse que uma mulher completamente adulta é muito mais docemente linda do que uma virgem? Certamente os seus seios encantadores contiveram leite; é para isso que eles servem. Por que iria eu querer que eles se parecessem com alabastro? Não quero!

Ela estudou-o da mesma forma minuciosa, com o rosto solene, os bicos dos seios fortemente enrugados. Theodore-Lazarus, meu estranho amor, poderá você

imaginar que sugeri a luz da vela para que *eu* pudesse vê-lo? Uma mulher não deve ficar desejando essas coisas — mas sinto falta da visão, a visão nua, do meu marido... e como, em nome de Satã e todos os seus Tronos Caídos, posso eu resistir mesmo até novembro sem *ver* sequer um homem que não conheço? Alma Bixby me contou que nunca havia visto seu marido sem roupas. Como é que uma mulher pode viver assim? Cinco filhos com um homem que ela nunca viu inteiro... Ela ficou chocada quando eu disse que *naturalmente* havia visto meu marido nu!

Theodore-Lazarus, você não se parece com o meu menino Briney; sua coloração é mais parecida com a minha. Mas, ah, como você sente como ele, cheira como ele, fala como ele, ama como ele! Sua coisinha linda está subindo outra vez. Briney amado, vou possuí-lo mais uma vez, tão duro quanto for possível! E contarei a você a respeito disso amanhã à noite, se você simplesmente me pedir uma nova história para a hora de dormir... ou, se for preciso, guardá-la-ei para você até você voltar. Você é um homem tão estranho quanto ele... e exatamente o marido sábio e tolerante de que sua mulher devassa precisa. Depois, dou minha palavra, querido, me esforçarei ao máximo para me privar disso até você voltar de "lá" — mas se não conseguir, mesmo com papai e oito filhos para tomarem conta de mim, prometo-lhe solenemente que nunca irei para a cama com ninguém senão um guerreiro, um homem de quem possa me orgulhar de todas as maneiras. Tal como este homem estranho.

Lazarus, meu amor, você é realmente meu descendente? Acredito que você saiba quando a guerra vai terminar e que Briney voltará ileso para mim. Por quê, não tenho certeza... mas, desde que você me disse, fiquei livre de preocupações pela primeira vez em muitos devaneios solitários. Espero que o resto seja verdade também; quero acreditar em Tamara, em que ela descende de mim. Mas não quero que você vá embora dentro de apenas oito anos!

Aquela pequena fotografia inocente — se eu não receasse chocá-lo, teria dado a você alguns "cartões-postais franceses" verdadeiros que Briney tirou de mim. Você ficará perturbado se eu olhar mais de perto? Vou arriscar.

A sra. Smith caiu de repente sobre um joelho, olhou bem de perto, depois tocou nele. Ela ergueu os olhos.

— Agora?

— Sim! — Ele ergueu-a e colocou-a sobre a cama. Ela o ajudou quase solenemente, depois prendeu a respiração quando se uniram.

— *Com força*, Theodore! Desta vez não seja delicado!

— Sim, minha bela!

Quando a feliz violência deles terminou, ela ficou deitada em silêncio em seus braços, sem falar, comungando através do contato e da luz do uma vela.

Por fim, ela disse:

— Preciso ir, Theodore. Não, não se levante, deixe-me apenas sair. — Ela se levantou, apanhou seu lençol, soprou a vela, voltou, inclinou-se e beijou-o. —

Obrigada, Theodore... por tudo. Mas... volte para mim, volte para mim!

— Voltarei, voltarei!

Ela saiu depressa e silenciosamente.

Coda I

Vivace



Em Alguma Parte na França:

Querida família inteira,

Estou escrevendo em meu diário de bolso, onde isso ficará até esta guerra terminar — não que isso importe; vocês receberão logo da mesma maneira. Mas não posso enviar uma carta fechada agora, muito menos uma fechada dentro de cinco envelopes. Uma coisa chamada "censura" — que significa que todas as cartas são abertas e lidas, e qualquer coisa que possa interessar aos boches é cortada. Tais como datas, lugares, designações de unidades militares e provavelmente o que comi no café da manhã. (Feijão, carne de porco cozida e batatas fritas, com um café que dissolveria uma colher.)

Vocês compreendem, fiz esta encantadora viagem oceânica como convidado do Tio Sam e estou agora na terra dos bons vinhos e das mulheres bonitas. (O vinho tem sido um vin extremamente ordinaire, e parece que eles estão escondendo as mulheres bonitas. A mais bonita que vi tinha um ligeiro bigode e pernas muito cabeludas, o que eu poderia ter ignorado se não tivesse cometido o engano de ficar na direção do vento. Queridos, não tenho certeza se os franceses tomam banho, pelo menos em tempo de guerra. Mas não estou absolutamente em posição de criticar, um banho é um luxo. Hoje, podendo escolher entre uma bela mulher e um banho quente, eu escolheria o banho, do contrário ela não tocaria em mim.)

Não se preocupem por eu estar agora em "zona de guerra". O fato de terem recebido esta é prova de que a guerra terminou e estou bem. Mas é mais fácil escrever uma carta do que pôr coisas triviais num diário todos os dias. "Zona de guerra" é um exagero; esta é uma "guerra de posição", isto é, os lados estão numa posição crítica: imobilizados — e estou afastado demais, atrás das linhas, para me ferir.

Comando uma unidade chamada "esquadra" — oito homens: eu e cinco outros fuzileiros, mais um fuzileiro automático (o fuzil, não o homem; esta guerra não tem nenhum combatente robô) e um oitavo homem que transporta munição para o fuzileiro automático, isso é serviço de cabo, e é o que eu sou: a promoção a sargento que eu estava esperando (em minha última carta datada dos Estados Unidos) perdeu-se na confusão quando fui transferido para outra unidade.

Ser cabo me agrada. É a primeira vez que tenho homens designados para mim permanentemente, por tempo suficiente para conhecer cada um,

observar seus pontos fortes e fracos e descobrir como lidar com eles. Eles constituem um ótimo grupo de homens. Só um causa problemas e não é por sua culpa; isso é consequência dos preconceitos da época. Seu nome é F. X. Dinkowski, e ele é simultaneamente o único católico e o único judeu da minha esquadra — e, gêmeas, se vocês nunca ouviram falar de qualquer dos dois, perguntem a Atena. Pelo sangue ele pertence a uma religião, depois foi criado em outra — e teve a má sorte de ser colocado junto com rapazes do campo que têm ainda uma terceira religião e não são muito tolerantes.

Mais os infortúnios adicionais de ser um rapaz da cidade, ter uma voz que irrita (mesmo a mim) e ser desajeitado; quando implicam com ele (eles implicam se eu não estiver junto dele), o fato torna-o mais desajeitado. Na verdade, ele não nasceu para soldado — mas não me perguntaram. Assim, ele é o municionador, o melhor que posso fazer para tornar minha esquadra homogênea.

Chamam-no de "Dinky"^[101], o que é apenas um pouco depreciativo, mas ele odeia isso. (Eu uso o seu último nome inteiro — faço isso com todos eles. Por questões de ritual relacionadas à mística das organizações militares neste aqui e agora, é melhor chamar um homem pelo seu nome de família.)

Mas vamos deixar a melhor esquadra da FSA^[102] e pô-los em dia com a minha primeira família e seus antepassados. Pouco antes de Tio Sam me mandar para aquele cruzeiro de recreio, me deram umas férias. Passei-as com a família de Brian Smith e morei na casa deles, porque me "adotaram" pelo resto desta guerra, por eu ser "órfão".

Essa licença foi a época mais feliz que tive desde que fui lançado do Dora, Levei Woodie a um parque de diversões, primitivo porém mais divertido do que alguns prazeres sofisticados de Secundus. Levei-o para andar em vários aparelhos e participar de jogos e coisas divertidas para ele; divertidas para mim, também, porque ele gostou muito de tudo — cansei-o e ele dormiu durante toda a volta para casa. Ele se comportou e agora somos amigos íntimos. Resolvi deixá-lo crescer; ainda há esperanças para ele.

Tive longas conversas com vovô, e travei relações mais íntimas com todos os outros — especialmente mamãe e papai. O último foi inesperado. Eu havia estado com papai por alguns minutos no Campo Funston, depois ele ia vir para casa de licença no dia em que eu tinha de voltar, e não esperei vê-lo. Mas ele conseguiu sair algumas horas mais cedo, uma regalia que os oficiais conseguem algumas vezes, e tivemos algumas horas juntos — e ele telefonou para o campo e conseguiu para mim uma prorrogação de dois dias. Por quê? Tamara e Ira, escutem com cuidado:

Para assistir ao casamento da... dita. Nancy Irene Smith com o sr. Jonathan Sperling Weatheral.

Atena, explique às gêmeas a importância histórica dessa união. Arrole as pessoas famosas e importantes daquele tronco, querida, não as genealogias totais. E Ira e Tamara em nossa própria pequena família, naturalmente, e

Ishtar, e pelo menos cinco dos nossos filhos — posso ter esquecido alguém por não saber de cor todos os troncos genealógicos.

Eu fui "padrinho" de Jonathan, papai "entregou a noiva", Brian foi "introdutor", Marie "carregou as alianças", Carol foi "dama de honra", e George foi incumbido de impedir que Woodie pusesse fogo na igreja enquanto mamãe tomava conta de Dickie e Ethel — Atena pode explicar os termos e o ritual; não vou tentar. Mas isso não só me deu mais dois dias de licença, grande parte dos quais passei ajudando mamãe (esses casamentos medievais são operações complexas), como também me proporcionou tempo com papai, e agora o conheço melhor do que jamais o conheci como filho, sob o seu teto — gosto muito dele e o aprovo calorosamente.

Ira, ele me faz lembrar de você — inteligente, franco, comedido, tolerante e cordialmente amável.

Boletim: A noiva estava grávida (um casamento Howard adequado! — numa época em que se supunha que todas as noivas fossem virgens) — grávida de (se não me falha a memória) "Jonathan Brian Weatheral". Está certo, Justin, e quem descende dele? Ajude-me, Atena. Conheci uma porção de pessoas durante os séculos; pode ser até que eu tenha me casado com alguma descendente de Jonathan Brian em alguma ocasião. Espero que assim seja; Nancy e Jonathan são um ótimo casal jovem.

Transferei o "meu" landaulet a eles para uma lua-de-mel de seis dias, depois Jonathan vai se incorporar (incorporou-se) ao exército — porém tarde demais para entrar em combate. O guerreiro de Nancy é herói da mesma maneira; ele tentou.

Um sargento convencido que não conseguiu encontrar o rabo com ambas as mãos quer que eu reúna a esquadra e faça alguma coisa quanto a um abrigo com o qual alguém foi descuidado. Assim...

*Todo o meu amor,
Cabo Amigo Velho.*

Em alguma parte na França

Caro sr. Johnson:

Por favor, faça uma segunda censura nesta; uma parte dela terá que ser explicada ao resto da minha família adotiva,

Espero que a sra. Smith tenha recebido o bilhete de agradecimento que mandei de Hoboken (e possa tê-lo lido — escrever sobre o Joelho, sacudindo no leito da estrada da C & A não melhora a minha letra). De qualquer maneira, agradeço a ela novamente pelas férias mais felizes da minha vida. E obrigado a todos vocês. Diga a Woodie, por favor, que não

vou dar mais a ele um cavalo de vantagem. De agora em diante, ou jogamos em condições iguais, ou ele pode procurar outro otário — quatro em cinco é demais.

Agora, quanto ao resto... note a assinatura e o endereço. Minha lista curva não durou até a França, depois três divisas reduziram-se a duas. O senhor pode explicar à sra. Smith e a Carol (estas duas em particular) que ser rebaixado de posto não desgraça um homem para sempre?... e diga que ainda sou o soldado especial de Carol, se ela me permitir... e, na verdade, sou muito mais do que um soldado verdadeiro; pelo menos estou livre de ser rotulado como "instrutor" e agora estou comandando um esquadrão numa unidade de combate. Gostaria de poder dizer a ela onde... mas, se eu erguer a cabeça acima do parapeito, posso ver alguns soldados alemães, se um deles não me vir primeiro. Não estou morcegando a cem quilômetros na retaguarda.

Espero que o senhor não esteja envergonhado de mim. Não, tenho certeza de que não está; o senhor é um soldado velho demais para se importar com postos. Estou metido nisto e isso é o que conta para o senhor. Eu sei. Posso dizer, sr. Johnson, que o senhor é e sempre foi, desde que o conheci, uma inspiração para mim?

Não vou entrar em detalhes sobre as duas promoções negativas; no exército as desculpas não contam. Mas quero que o senhor saiba que nenhuma das duas resultou de algo desonroso. A primeira foi no navio-transporte e envolveu um rigoroso oficial subalterno incumbido da disciplina, e um jogo de pôquer numa área sob minha responsabilidade. A segunda, enquanto eu estava dando instruções — trincheiras simuladas, terra de ninguém simulada —, e um capitão me disse para dourar a pílula naquela linha de escaramuças e eu disse: "Que diabo, capitão, o senhor está tentando economizar balas para o câiser? Ou não ouviu falar das metralhadoras?"

(Suponho que eu não devia ter dito "que diabo". Na verdade, usei outra expressão mais comum entre os soldados.)

Assim, mais tarde naquele dia, eu era cabo e minha transferência teve lugar quando a requeri, naquele mesmo dia.

Dessa forma, aqui estou, sentindo-me otimamente. Na verdade, não há dívida de que quanto mais perto um homem chega do front, melhor é o seu moral. Tornei-me amigo íntimo dos piolhos, a lama na França é mais profunda e mais pegajosa que no sul do Missouri, sonho com banhos quentes e o maravilhoso quarto de hóspedes para soldados da sra. Smith — mas gozo de boa saúde e estou animado; mando lembranças a todos vocês.

Respeitosamente, Cabo Ted Bronson.

para fora do abrigo, deixando os olhos se acostumarem à escuridão.

— Sim, tenente?

— Serviço de cortar arame. Quero que se apresente como voluntário.

Lazarus não disse nada.

— Você não me ouviu?

— Eu o ouvi, tenente.

— Bem?

— O senhor pediu um voluntário, tenente.

— Não, eu disse que queria que *você* se apresentasse como voluntário.

— Tenente, eu me apresentei como voluntário em 6 de abril do ano passado. Isso esgotou a minha cota enquanto a guerra durar.

— Um advogado de latrina, hein? Lazarus novamente não disse nada.

— Algumas vezes acho que você quer viver para sempre. Lazarus continuou sem dizer nada. (Você está totalmente

certo, seu tenente de meia-tigela — e *você* também, você não subiu naquele parapeito uma só vez. Deus ajude este pelotão quando você fizer isso.)

— Muito bem, já que quer isso da maneira difícil. *Ordeno-lhe* que comande este grupo. Descubra mais três voluntários da sua esquadra. Se eles não quiserem ir voluntariamente, você sabe o que fazer. Uma vez tendo-os escolhido, diga-lhes para se prontarem... depois puxe o rabo até o P.C. e mostrarei o mapa a você,

— Sim, senhor.

— E, Bronson, trate de fazer um bom serviço... porque um passarinho me disse que você vai guiar o pessoal pelos buracos. Dispensado.

Lazarus voltou para baixo sem pressa. Então vamos passar por cima da borda? Grande segredo. Ninguém sabe disso senão Pershing, cerca de cem mil ianques, o dobro disso de boches e o Alto Comando Imperial. Por que eles anunciam um "ataque de surpresa" com três dias de bombardeio de "amaciamento" que não produz nada que valha a pena mencionar, mas diz ao boche para onde trazer suas reservas e lhe dá tempo de pô-las em posição? Esqueça isso, Lazarus, você não é o responsável. Concentre-se em escolher três que possam sair, fazer o serviço e voltaí.

Não, Russell, você vai precisar do seu fuzileiro automático antes da madrugada. Wyatt saiu ontem à noite. Dinkowski bem poderia ter uma sineta em torno do pescoço. Fielding está na lista de doentes, maldito seja! Assim, têm que ser Schultz, Talley e Cadwallader. Dois deles são velhos indestrutíveis e Talley é o único substituto com pouca experiência — é uma vergonha Fielding estar com gripe ou o que quer que seja; preciso dele. Está bem. Schultz leva Cadwallader; eu cuido de Talley na missão.

Era um abrigo para duas esquadras; a dele estava alojada à esquerda, a outra estava jogando cartas à luz de vela, ao lado. Lazarus reuniu sua esquadra num grupo, acordando Cadwallader e Schultz para isso. Russell e Wyatt ficaram em seus catres, porque a reunião se realizou junto a estes.

— O tenente quer que cortemos arame e me disse que pedisse três voluntários.

Schultz concordou imediatamente, como Lazarus sabia que ele faria.

— Eu vou.

Na opinião de Lazarus, seu assistente de comandante de esquadra devia ter uma seção. Schultz tinha quarenta anos, era um voluntário casado e fazendo força para compensar o seu nome, o vestígio do seu sotaque alemão (segunda geração)

— mas fazendo isso firmemente, metodicamente, sem ostentação. Não era nenhum caçador de glória. Lazarus esperava que não muitos dos alemães que eles enfrentavam fossem da qualidade de Schultz — mas sabia que eram, especialmente os veteranos trazidos de volta da frente russa em colapso. Sua única falha aos olhos de Lazarus era ele não gostar de Dinkowski.

— Temos um. Não falem todos ao mesmo tempo.

— O que é que há com eles? — disse Cadwallader em voz alta, apontando o polegar para a outra esquadra. - São os queridinhos da professora? Eles não fazem nada há uma semana.

O cabo O'Brien respondeu pela sua esquadra:

— "Conte os seus problemas a Jesus; o capelão desertou!" De quem é a vez de dar as cartas?

— Quem é o seguinte? Dinkowski engoliu em seco.

— Eu vou, cabo.

Talley encolheu os ombros.

— Está bem.

(Que diabo, Dinky! Por que você não esperou e simplesmente tornou isso unânime? E maldito seja aquele segundo-tenente bobo por ordenar-me que pedisse voluntários. É melhor contar a eles.)

— Vamos ouvir mais algumas vozes. Isto não é o SOS — (Tenente Cabeça de Bagre, seu corrimento nasal, Cadwallader tem razão; não é a nossa vez. Por que você não deu a ordem através do sargento do pelotão e do comandante da seção? Eles são justos na distribuição dos trabalhos sujos.)

Russell e Wyatt falaram juntos. Lazarus esperou, depois disse:

— Cadwallader? Você é o único de fora.

— Cabo, o senhor pediu três voluntários. Como é que quer toda a esquadra?

(Porque quero *ocê*, seu macaco repelente. Você é o melhor soldado da esquadra.)

— Porque preciso de você. Vai se apresentar?

— Não sou nenhum voluntário, cabo; fui convocado.

— Muito bem. — (Malditos sejam todos os oficiais que interferem quando não devem!) — Wyatt, você saiu ontem à noite; volte para o seu catre. Russell, vá dormir um pouco também; pode ser que você fique ocupado em breve. Schultz, vou levar Dinkowski; você leva Talley. Pinte-me de preto primeiro e faça isso depressa; tenho que ver o tenente. Pegue a rolha.

Lazarus passou pelas suas próprias cercas de arame sem muita dificuldade, alargando os rombos que as granadas alemãs haviam feito. Fez todo o trabalho ele mesmo, pedindo simplesmente a Dinkowski para ficar deitado e acompanhá-lo. Ouvia-se o barulho regular da artilharia dos Aliados e dos obuses alemães. Lazarus ignorou-os, por não haver nada melhor que pudesse fazer. O matraquear ensurdecedor das metralhadoras ele também ignorou, já que o ruído vinha de muito longe ao longo dos seus flancos. Com os atiradores de tocaia ele não se preocupou, além de ficar abaixado.

Sua cautela principal dirigia-se às patrulhas alemãs — se houvesse alguma — e às granadas luminosas — que havia demais. As últimas eram o motivo por que ele mantinha Dinkowski de barriga no chão; ele não confiava em que o seu assistente ficasse imóvel e agüentasse, se fosse apanhado de joelhos quando explodia uma granada luminosa.

Em determinado momento, após a última de suas próprias redes de arame, ele levou Dinkowski, ambos rastejando de barriga, até uma cratera de granada, depois pôs sua boca no ouvido do soldado.

— Fique aqui até eu voltar.

— Mas, cabo, não quero ficar para trás!

— Não tão alto; você vai acordar o bebê. Cochiche no meu ouvido. Se eu não estiver aqui em uma hora, volte sozinho.

— Mas não conheço o caminho de volta!

— Lá está a Ursa Maior, lá está a estrela Polar. Volte para sudoeste. Se não encontrar as passagens, você tem o cortador de arame. Lembre-se apenas disto: quando uma granada luminosa explodir, *fique imóvel!* O momento de continuar é só quando ela se apagar, enquanto os olhos deles ainda estiverem ofuscados. E tente ficar em silêncio; você me lembra de dois esqueletos num telhado de zinco. Não vá ser alvejado pelo nosso próprio pessoal no último minuto. Qual é a senha?

— Hein?...

— Ah, diabo, é "Charlie Chaplin". Esqueça-a outra vez e você ficará mais do que incapacitado; alguns dos nossos rapazes são nervosos no gatilho. Agora repita.

— Cabo, vou cortar o arame com o senhor.

Lazarus suspirou fundo. O palhacinho desajeitado queria bancar o soldado. Se eu não deixá-lo vir junto, isso pode matar seu ânimo. Mas, se deixar, isso pode

matar a nós dois. Cadwallader, admiro o seu bom senso — e odeio a sua coragem. E gostaria de ter você comigo.

— Está bem. Nem uma palavra de agora em diante. Bata no meu pé e aponte se for preciso... e fique perto para poder fazer isso. Lembre-se do que eu disse sobre as granadas luminosas. Se vir algum boche, não respire. Se eles nos surpreenderem... renda-se imediatamente.

— Render?

— Se quiser ser avô. Você não pode matar uma patrulha alemã inteira sozinho. Mesmo que pudesse, isso faria tanto barulho que as metralhadoras deles o cortariam em dois. Fique perto e fique abaixado.

Lazarus quase podia tocar a primeira cerca de arame alemã quando explodiu uma granada luminosa e o soldado entrou em pânico — tentou alcançar uma cratera de granada pela qual haviam acabado de passar e foi atingido ao cair dentro dela.

Lazarus ficou imóvel e ouviu os gritos, enquanto a luz ofuscante queimava acima dele. Uma das nossas, meditou ele; uma granada alemã explodiria iluminando por trás as trincheiras americanas. Se esse pobre sujeitinho não calar a boca, o ar por aqui vai ficar cheio de saudações alegres. Não posso cortar o arame com toda essa propaganda. E... ah, que diabo! Sou responsável por ele; tenho que cuidar dele. Provavelmente seria um favor para Dinky acabar com ele, mas Maureen não gostaria disso. Muito bem, vamos levá-lo de volta — depois voltar e terminar este trabalho sujo. Nenhum sono esta noite e por cima da borda cerca das zero-quatro-zero-zero. Da próxima vez entre para a marinha.

O clarão se apagou e Lazarus levantou-se. Moveu-se depressa... quando outra granada luminosa se acendeu. Balas de metralhadora costuraram o seu lado e o derrubaram dentro da cratera da granada. Uma atingiu um implante duro no lado direito da sua barriga, desviou-se e abriu caminho para fora logo acima do seu quadril esquerdo. Outras não causaram danos — nada difícil demais de consertar em 4.291 d.C, mas, sendo esta a Idade Média, qualquer uma delas era o bastante.

Lazarus sentiu-a apenas como um golpe poderoso que o derrubou para dentro da cratera de granada. Não ficou inconsciente imediatamente; teve tempo de perceber que estava mortalmente ferido. Ficou deitado onde havia caído e olhou para as suas estrelas no alto, compreendendo que havia chegado ao seu lugar para morrer.

Todo animal acha o seu lugar para morrer. Alguns o acham numa armadilha, outros numa luta que não podem vencer, alguns poucos, felizes, num lugar sossegado para esperar pelo fim. Qualquer que ele seja, é o lugar final, e a maioria de nós sabe quando chega lá. Este é o meu.

Será que Dinky sabia? Acho que sim, ele parou de gritar — acho que ele procurou isto. Estranho isso não doer. Obrigado por fazer valer a pena, Maureen... Llita... Dorável... Tamara... Minerva... Laz, Lor... Ira... Maureen...

Ele ouviu os gansos selvagens grasnando no alto, ergueu os olhos novamente para

as suas estrelas, à medida em que elas se apagavam.

Coda II

Moderato



— Você ainda não compreende — disse monotonamente a Voz Cinzenta. — Não há nenhum tempo, não há nenhum espaço. O que era, é, e sempre será. Você é você, jogando xadrez consigo mesmo, e novamente deu xeque-mate em si mesmo. Você é o juiz. A moral é o seu acordo consigo mesmo para submeter-se às suas próprias regras. Para seu próprio bem, seja verdadeiro ou estragará o jogo.

— Louco.

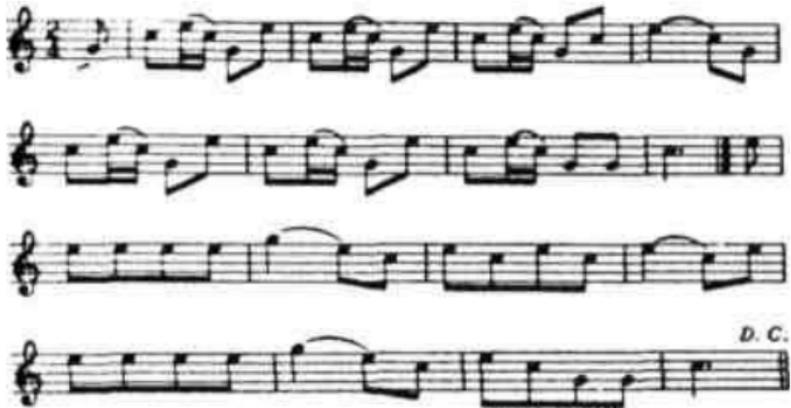
— Então mude as regras e jogue um jogo diferente. Você não pode exaurir sua variedade infinita.

— Se você ao menos me deixasse olhar para o seu rosto — gaguejou Lazarus impaciente.

— Tente um espelho.

Coda III

Adagio



Do *Post*, de Kansas City, de 7 de novembro de 1918: lista suplementar de nossas perdas. Anunciamos com tristeza as do Kansas e do Missouri: MORTOS: Abel Thos J. Sold. Jfsn City; Avery Jno M 2.º Ten. Sedalia; Baird Geo M Sold. 1.ª classe Tpka; Badger F M Sold. St Hosph; Casper Robt Sarg. Aj. Hatfield R S Cabo KCK; Kerr Jack M 1.ª Ten. Joplin; Pfaiher Hans Sold. 1.ª classe Dodge City. DESAPARECIDOS EM AÇÃO: Austin Geo W Sarg. Aj. Hnnbl Mo; Bell T R Cabo Wchtaq; Berry L M Sold. Crthg Mo; Bronson Theo Cabo KCMo; Casper M M 1.º Ten. Lwrnck; Dillingham O G Sold. Rolla; Farley F X KC Mo; Hawes Wm Sold. t.ª classe, Sprngfld; Oliver R C Sold. St. Louis. FERIDOS: Arthur G M Sold. 1.ª classe...

Coda IV

Vivace



- Ira! Galahad! Pegaram-no?
- Sim! Suspenda-nos para dentro! Ah, que sujeira! Ish, cerca de dois litros e um bocado de substância gelatinosa.
- Traga-o para dentro e deixe-me vê-lo. Lor, pode nos levar para fora daqui agora.
- Feche, Dora, c dê o fora!
- Fechado e zunindo! Anteparos abaixados! Que diabo fizeram com o patrão?
- Estou tentando descobrir, Dora. Prepare o tanque; posso ter que congelá-lo.
- Pronto agora, Ish. Laz-Lor, eu disse a vocês que devíamos apanhá-lo mais cedo. Eu *disse* a vocês.
- Cale-se, Dora. Nós dissemos a ele que podia levar um tiro no rabo. Mas ele estava se divertindo mais do que gatinhos...
- ... e não nos teria agradecido...
- ... e não teria vindo...
- ... você sabe como ele é teimoso.
- Tamara — disse Ishtar —, afague sua cabeça e fale com ele. Mantenha-o vivo. Não quero congelá-lo, se puder, até ter feito reparos temporários. Hamadriade, pince ali! Hum... Galahad, uma bala atingiu o localizador. Foi por isso que seus intestinos ficaram tão retalhados.
- Clone-trans?
- Talvez. A maneira como ele se regenera, conserta e suporta pode ser suficiente. Justin, você tinha razão; as datas das cartas dele provam que ele não resistiu a isso; perder o sinal do localizador indicou quando e onde. Galahad, você está encontrando mais fragmentos? Quero fechá-lo. Tamara, desperte-o, faça-o falar! Não quero ter que congelá-lo. O resto de vocês cale a boca e dê o fora! Vão ajudar Minerva com as crianças.
- Com prazer — disse Justin, com *a* voz rouca. — Estou prestes a vomitar.
- *Maureen?* — murmurou Lazarus,

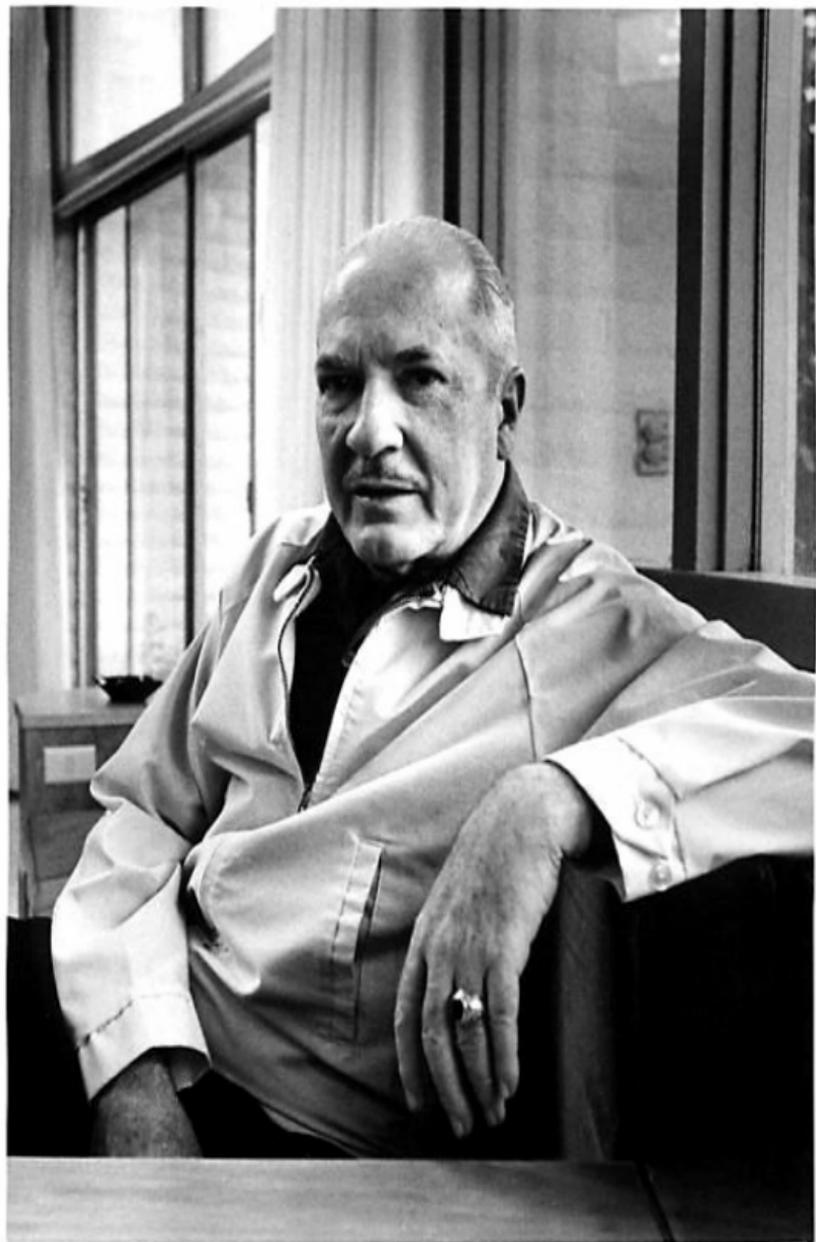
— Estou aqui, querido — respondeu Tamara, aninhando a cabeça dele contra os seios.

— Mau... sonho. Pensei... que estava... morto.

— Apenas um sonho, amado, Você não pode morrer.

* * * *

O Autor e Sua Obra



"*Não temos uma literatura do futuro para ser utilizada nas escolas, mas temos uma literatura acerca do futuro, constituída não apenas das grandes utopias como também da ficção científica contemporânea*", diz Alvin Toffler no seu famoso livro "O choque do futuro" (1972).

E continua: "Nossas crianças deviam estar estudando Arthur C. Clarke, Robert Heinlein, Ray Bradbury e outros, não porque esses escritores possam dizer-lhes algo sobre espaçonaves, foguetes e máquinas espaciais, mas, o que é mais importante, porque podem levar as mentes jovens a uma exploração dos assuntos políticos, sociais e éticos que haverão de desafiar essas crianças quando forem adultas. A ficção científica deve ser leitura obrigatória para o ano I do futuro".

Autor obrigatório dentro desse gênero tão rico de implicações, Robert Anson Heinlein nasceu a 7 de julho de 1907, nos Estados Unidos. Cresceu e brincou como qualquer outro menino, entrou para a Academia Naval e, já formado, serviu na marinha americana, tendo sido reformado por motivo de doença. Em serviço, porém, distinguiu-se por sua habilidade na esgrima, esporte em que chegou a ser campeão.

Voltando à vida civil, casou-se e exerceu várias profissões, entre elas a de corretor de imóveis. O ganho reduzido, porém suficiente para a sobrevivência do casal, levou-o a participar de um concurso de contos de ficção científica, que prometia um bom prêmio.

"Nunca pensei que fosse tão fácil", declarou Heinlein, após deixar emergir sua profunda vocação. Os prêmios — inclusive o cobiçado Hugo — tornaram-se rotina numa carreira que acumulou êxitos até 1964, quando, exausto, parou de escrever por dez anos.

Na década de 50, entretanto, Heinlein causou o maior impacto, com a publicação de "Starship troopers" (1957), num instante de aguda crise política nos Estados Unidos, com o macarthismo obscurantista e a caça aos intelectuais e artistas suspeitos de serem comunistas. Heinlein foi acusado de fascista, porque, nesse romance, a estrutura social do mundo exigia que o cidadão, para votar, tivesse a permissão das forças armadas. Tranquilo, nos debates que se seguiram, o escritor declarou, muito antes da ascensão de Khomeini no Irã dos aiatolás: "Esse é um futuro possível, como também o é a Terra dominada por uma teocracia. Por quanto tempo, não sei".

Em 1974, Robert A. Heinlein reapareceu em plena carga com um romance admirável, "Não temerei o mal" ("I will fear no evil"), seguido de "Amor sem limites", do mesmo nível do seu clássico "Um estranho numa terra estranha", de 1961, já publicado pelo Circulo do Livro.

Outras obras: "Columbus was a dope", "Citizen of the galaxy", "The unpleasant profession of Jonathan Hoaf", "The moon is a harsh mistress", etc.

Do autor, o Circulo do Livro publicou também "A ameaça da Terra".

* * * *

{11} As datas gregorianas terrenas são usadas em toda parte, já que não há certeza de que nenhum outro calendário, nem mesmo o galáctico Padrão, seja conhecido pelos estudiosos de todos os planetas. Os tradutores devem acrescentar as datas locais para esclarecimento. J. F. 45º

{12} Quando as Famílias Howard capturaram a nave estelar Novas Fronteiras, alguns poucos tinham mais de um século e um quarto de idade; e todos — exceto o Sênior — morreram, em ocasiões e lugares constantes dos registros. (Excetuo o caso estranho e possivelmente mítico de vida-na-morte da Velha Mary Sperling.) Apesar da vantagem genética e do acesso às terapias de longevidade, conhecidos coletivamente como "opção da imortalidade", o último morreu no ano gregoriano de 3003. Pelos registros poderia parecer que a maioria deles morreu por recusar novo rejuvenescimento — sendo essa ainda a segunda causa mais comum de morte atualmente. J. F. 45º

{13} Abreviação da expressão latina "Quod erat demonstrandum", "como queríamos demonstrar". (N. da T.)

{14} Gedeão Jerobaal. Na Bíblia (Juizes, 7-8), líder dos judeus que, com um bando de trezentos homens, derrotou os midianitas e libertou o seu povo da opressão; pai de Abimeleque. (N. da T.)

{15} Conjunto de indivíduos originários de outros por multiplicação assexual. Todos os membros de um clone têm o mesmo patrimônio genético. (N. da T.)

{16} Ira Johnson tinha menos de oitenta anos na ocasião em que o Sênior afirma (em outra parte) ter saído de casa. Ira Johnson era, ele próprio, médico. Por quanto tempo clinicou, e se deixou ou não outro médico atendê-lo, não se sabe. J. F. 45º

{17} Ira Howard, Ira Johnson: Isto parece ser uma coincidência de nomes, dados numa ocasião em que os nomes bíblicos eram comuns. Os genealogistas das Famílias não puderam descobrir nenhuma consangüinidade. J. F. 45º

{18} Ira Johnson tinha setenta anos quando Lazarus Long estava com dez. J. F. 45º

{19} Esta anedota é obscura demais para ser explicada aqui. Veja a Enciclopédia Howard: armas antigas, armas de fogo de explosivos químicos.

{100} 1821-1890. Explorador e orientalista inglês. Traduziu Camões em 1880 e As mil e uma noites (16 vols., 1885-88). (N. da T.)

{111} Embora esta passagem contenha contradições internas, o idioma é autêntico da América do Norte do século XX. Ele nomeia certos tipos de desonestidade financeira. Ver "trapaça" sob o título "fraude" no Novo ramo dourado de Krishnamurti, Academe Press, Nova Roma. J. F. 45º

{121} Estes versos de pé-quebrado são atribuídos ao século XX. Ver apêndice para análise semântica. J. F. 45º

{131} Sir Galahad, filho de Lancelot e Elaine de Astolat, foi o único Cavaleiro da Távola Redonda que conseguiu ver o Santo Graal. Foi criado por freiras e era de uma pureza sem par, sendo apelidado de "o Casto" (N. da T.)

{141} Doutrina filosófica segundo a qual a única realidade no mundo é o eu. (N. da T.)

{151} Não há nenhum registro de que o Sênior tenha freqüentado alguma vez

uma escola para oficiais de marinha de guerra, ou qualquer escola militar. Por outro lado, não há prova alguma de que não tenha freqüentado, lista história pode ser autobiográfica até onde ela seja verdadeira; "David Lamb" pode ser mais um dos muitos nomes usados por Woodrow Wilson Smith. Os detalhes são coerentes com a história do Velho Lar até onde a conhecemos. O primeiro século do Sênior coincide com aquele século de guerras contínuas que precederam o Grande Colapso — um século de muito progresso científico, acompanhado de retrocessos em questões sociais. As naves aquáticas e aéreas foram usadas na luta durante todo esse século. Ver apêndice sobre peculiaridades e tecnicismos. J. F. 45.º

[\[16\]](#) Esta palavra tem dois sentidos: (1) pessoa incumbida de impedir os contatos sexuais entre homens e mulheres sem licença para tais contatos; (2) pessoa que desempenha superficialmente esse desserviço enquanto age de lato como observador benigno. Parece que o Sênior usa a palavra aqui no primeiro sentido em vez de no seu segundo sentido antitético. Ver Apêndice. J. F. 45.º

[\[17\]](#) O contexto implica o segundo sentido. J. F. 45.º

[\[18\]](#) Kite, em inglês, significa tanto "papagaio" como "avião". (N. do E.)

[\[19\]](#) Em inglês "dead reckoning", ao pé da letra: cálculo morto. (N. da T.)

[\[20\]](#) Jogo de cartas. (N da T.)

[\[21\]](#) Nome de um matemático que imaginou um computador hipotético com uma quantidade ilimitada de memórias e não sujeito a disfunções. (N. da T.)

[\[22\]](#) Fritz Zwicky, físico suíço residente nos Estados Unidos, conhecido Por suas investigações sobre os raios cósmicos. (N. da T.)

[\[23\]](#) O canhão Gatling (Richard J. Gatling, 1818-1903) era obsoleto na ocasião em que Lazarus Long nasceu. Esta alegação dificilmente é possível se se estipular que uma arma obsoleta pode ser usada em alguma insurreição pequena e afastada J. F. 45.º

[\[24\]](#) Papel-moeda, valor, preço, em italiano. (N. da T.)

[\[25\]](#) Ninfa dos bosques. (N. da T.)

[\[26\]](#) Unidade de comprimento equivalente a 10^{10} m, utilizada em ótica. (N. da T.)

[\[27\]](#) Planalto erodido no centro-sul dos Estados Unidos que se estende do sudeste do Missouri, atravessando o noroeste do Arkansas, até o leste de Oklahoma; tem 460 a 760 metros de altitude e aproximadamente 129 500 quilômetros quadrados. (N da)

[\[28\]](#) Decomposição dos versos em seus elementos métricos. (N. da T.)

[\[29\]](#) Thomas Hobson, 1544(?) - 1611. Inglês dono de uma cocheira de aluguel em Cambridge, cujo hábito de pedir a todos os fregueses que levassem o cavalo que estava mais perto da porta deu origem à expressão "Seleção de Hobson". (N. da T.)

[\[30\]](#) Dia da Expição, feriado judeu celebrado com jejum e preces no décimo dia de tishri, segundo os ritos descritos no Levítico, 16. (N. da T.)

[\[31\]](#) Feriado judeu de oito dias comemorativo da reedificação do Templo de Jerusalém após sua profanação por Antíoco, da Síria. (N. da T.)

[\[32\]](#) No Novo Testamento, irmã de Maria e de Lázaro (João, XI, 1 ff). Na

alegoria cristã medieval e posterior Marta simboliza muitas vezes a vida ativa, e Maria simboliza a vida contemplativa, (cf. Lucas, X, 38-42). (N. da T.)

{33} A seqüência de acontecimentos não pode ser conciliada. Talvez uma nave semelhante? J. F. 45.º

{34} Todos personagens de O mágico de Oz. (N. da T.)

{35} *"Tudo está bem*

Sempunição

É hora de brincar;

Está chegando a hora

Semdenbra

De depor os livros (de estudo)."

Os puristas verão que o Sênior fez uma má tradução destes versos. Mas fica-se imaginando por que ele não continuou na mesma veia com o triplo trocadilho alegremente indecente encontrado no último verso, substituindo "liberos" por "libros". Que ele pudesse ler deixado isso passar parece em desacordo com sua índole. A disposição cáprica do nosso Ancestral está evidente em toda parte; suas profissões ocasionais de ascetismo têm na melhor hipótese um toque de insinceridade. J.F. 45.º

{36} Correção: da Família Hedrick. Esta mulher, Laura (uma das ancestrais do abaixo-assinado), tinha o sobrenome Foote pela tradição arcaica da linha paterna — uma fonte de confusão nos velhos registros, porque o sistema mais lógico da linha materna sempre foi usado pelas Famílias para designação do clã de origem. Mas as genealogias não foram revistas para mostrar isto senão no ano gregoriano de 3307. Este erro de nome oferece um meio de datar tais memórias... não que outros registros mostrem que a rena não foi introduzida em Valhalla senão aproximadamente um século e meio depois da data em que o Sênior — sem dúvida — casou-se com Laura Foote-Hedrick. Mais interessante, porém, é a alegação do Sênior de que usou um campo de pseudogravidade naquele ano para facilitar o parto. Foi ele o primeiro obstetra a usar este método (agora padrão)? Em parte alguma de afirma isto, e a técnica é geralmente associada ao dr. Virginius Briggs da Clínica Howard de Secundus talvez em uma data posterior. J.F. 45.

{37} E descendente do Sênior também (através de Edmund Hardy, 2099-2259), apesar de o Sênior talvez não ter consciência disso. J.F. 45.º

{38} Substância tóxica aminada proveniente da putrefação das matérias orgânicas de origem animal. (N. da T.)

{39} Uma área, principalmente no sul dos Estados Unidos, em que se Mantém fidelidade não crítica e literal à Bíblia; área caracterizada por um fundamentalismo religioso ardente. (N. da T.)

{40} Cromossomos não-sexuais. (N. da T.)

{41} Provavelmente Cornélia Graco, do século II a.C, filha de Cipião, o Africano, e mãe de Tibério e Caio. (N. da T.)

{42} Primeiro faraó da IV dinastia do Egito (2900-2877 a.C). Construiu a maior das pirâmides de Gizé. (N da T.)

{43} Fluido imaginado pelos químicos do séc. XVIII para explicar a combustão. (N. da T.)

- [{44}](#) Paródia de uma frase de Clemenceau, estadista e político francês, ministro da Guerra e presidente do Conselho no fim da Primeira Guerra Mundial. Frase original: "A guerra é um assunto sério demais para ser tratado por generais". (N. da T.)
- [{45}](#) Frase de Karl von Clausewitz (1780-1831), autor de Von Kriege, devidamente "invertida" pelo autor. A frase original é: "A guerra é a continuação da política por outros meios". (N. da T.)
- [{46}](#) Como se sabe, as mulas são híbridos estéreis (N. da T.)
- [{47}](#) Quinto. James Matthew Libby foi o quarto marido dela. J. F. 45.º
- [{48}](#) A menor de um conjunto de perdas máximas possíveis cada uma das quais ocorre no resultado mais desfavorável de uma estratégia seguida por um participante numa situação governada pela teoria dos jogos. (N. da T.)
- [{49}](#) Iniciais de "I owe you". Vale, reconhecimento de dívida. (N. da T.)
- [{50}](#) Grandes dinossauros herbívoros cretáceos com três chifres, uma carapaça ou espinhaço ósseo no pescoço e cascos fendidos. (N. da T.)
- [{51}](#) As you like it, peça de Shakespeare. (N. da T.)
- [{52}](#) Passo de dança com os braços dados. (N. da T.)
- [{53}](#) Frase repelida nas chamadas para dança de quadrilha. (N. da T.)
- [{54}](#) Spouse e spice no original. (N. da T.)
- [{55}](#) Anagrama de Gilbreth Frank Bunker (1868-1924), engenheiro americano especialista em eficiência. Parte componente de um ciclo dos Movimentos que compõem as operações de *todas as formas de trabalho* (N. da T.)
- [{56}](#) Veni, vidi, vici... Palavras celebra com as quais César anunciou Senado a rapidez da vitória perto de Zela sobre Fárnares II, rei Ponto, em 47 a.C. (N. da T.)
- [{57}](#) Deusa grega da sabedoria, filha de Zeus, divindade equivalente a Minerva na mitologia romana. (N. da T.)
- [{58}](#) Samuel Langhorne Clemens, nome verdadeiro de Mark Twain (1835-1910). (N. da T.)
- [{59}](#) William Shakespeare. N. do E.)
- [{60}](#) Príncipe troiano, filho de Tróis e da ninfa Caliróe. Zeus, tendo tomado a forma de uma águia, raptou-o e fez dele o copeiro dos deuses. (N. da T.)
- [{61}](#) Relativo a entimema, silogismo no qual se subentende uma premissa. (N. da T.)
- [{62}](#) Dedução em desacordo com as premissas. (N. da T.)
- [{63}](#) Manto grego antigo preso ao pescoço ou ao ombro por um broche (N. da T.)
- [{64}](#) Deusa da juventude, filha de Júpiter e Juno, encarregada pelo pai de servir aos deuses o néctar e a ambrosia até o dia em que Ganimedes a substituiu nessa junção. Casou-se com Hércules quando este foi admitido entre os deuses. (N. da T.)
- [{65}](#) Ilha ao sul do Pacífico, a cerca de cento e sessenta quilômetros da ilha de

Tuamolu, e equidistante de Taiti e Páscoa; colonizada em 1790 pelos amotinados do navio inglês Bounty, celebrado pelo livro e filme O grande motim. Fletcher Christian, o chefe dos amotinados, e seus seguidores transformaram-se em verdadeiros selvagens nessa ilha. (N. da T.)

{66} Matemático alemão (1845-1918). Criou uma teoria de números irracionais, uma aritmética do infinito e a teoria dos conjuntos de pontos; introduziu os números transfinitos. (N. da T.)

{67} Reprodução fantasmagórica de uma pessoa viva. (N. da T.)

{68} Tabela em intervalos de tempo regularmente espaçados que fornece as coordenadas que definem a posição de um astro. (N. da T.)

{69} Decorrente da ingestão de intoxicantes. (N. da T.)

{70} Dito usado nas forças armadas americanas. (N. da T.)

{71} "Do início", em italiano. (N. da T.)

{72} Nome de um condado no Estado do Missouri. (N. da T.)

{73} Industrial Workers of the "World, sindicato de trabalhadores da indústria fundado em Chicago em 1905 e dissolvido em 1920. (N. do E.)

{74} Membro do WW. (N. da T.)

{75} De maçonaria. (N. da T.)

{76} Grande loja americana de vendas pelo correio. (N. da T.)

{77} Qualquer automóvel antigo, especialmente Ford. (N. da T.)

{78} Charles Evans Hughes (1862-1948). Governador de Nova York (1910-1916). Candidato à presidência, derrotado por Wilson em 1916

{79} Robert Marion La Follette (1855-1925). Líder político americano. Governador do Wisconsin em 1900, 1902 e 1904. Senador em 1906. Contra a entrada dos EUA na Primeira Guerra. Candidato à presidência em 1924. Derrotado. (N. da T.)

{80} Cidade do condado de Boston, a oeste de Dade. (N. da T.)

{81} Agência de detetives particulares fundada em Chicago por Alan Pinkerton em 1850. (N. da T.)

{82} Kansas City. (N. da T.)

{83} Ausência de leis ou regras de organização. (N. da T.)

{84} Cidade do condado de McGraken, no Kentucky, à margem do rio Ohio. (K. da T.)

{85} Wilhelm Steinitz (1836-1900): campeão mundial de xadrez (1866-1894) derrotado por Emanuel Lasker em 1894-1896 (N. da T.)

{86} Em heráldica, o escudo inclinado e a viseira do elmo aberta também indicam bastardia. (N. da T.)

{87} Romance de Francês Eliza Burnell, née Hodgson (1849-1924), escritora inglesa que emigrou para os EUA. Escrito em 1886. (N. da T.)

{88} Zimmermann, Arthur (1864-1940), ministro do exterior da Alemanha (1916-17): enviou em 16-1-1917 um telegrama informando o embaixador alemão no México da guerra submarina iminente e sem restrições, ordenando-lhe oferecer a aliança da Alemanha com o México e apoio para a reconquista dos territórios

perdidos do Texas, Novo México e Arizona; o telegrama foi interceptado e decifrado pelo serviço de inteligência naval inglês e publicado a 1-3-1917 nos EUA e tornou-se um dos motivos principais que levaram este país à guerra. (N. da T.)

{89} "Nem um vintém para a América" Em francês no original (N. da T.)

{90} Filha de Príamo e de Hécuba Recebeu de Apolo o dom de profetizar o futuro, mas depois faltou com a palavra ao deus, e este, para se vingar, fê-la passar por louca, de modo que ninguém acreditava em suas predições (N. da T.)

{91} San Francisco (N do E)

{92} Corruptela de "parlez-vous", ou "falo francês". (N. da T.)

{93} "Lá." Nome de uma famosa marcha militar americana da Primeira Guerra Mundial, de George Michael Cohan (1878-1942), autor também de l'm yankee doodle dandy. (N. da T.)

{94} Luta a pontapés, de origem francesa, segundo certas regras (N da T.)

{95} Recrutas ingleses. (N. da T.)

{96} Recrutas franceses. (N. da T.)

{97} Mulher de Ulisses e mãe de Telêmaco, na mitologia grega. Opôs uma recusa constante aos pedidos daqueles que pretendiam a sua mão durante a ausência de Ulisses, a qual durou vinte anos. Apelando para um recurso, prometeu fazer uma escolha assim que terminasse de bordar uma tela. Mas ela desmanchava à noite todo o trabalho do dia, sem nunca terminar, e manteve-se fiel ao marido (N. da T.)

{98} H.G. Wells (1866-1946), escritor inglês de romances científicos fantásticos como o acima mencionado (1895); O homem invisível (1897) e outros. (N. da T.)

{99} Cidade e universidade no condado de Phelps, no centro-sul do Missouri, (N da T)

{100} Palavras de Horácio (Odes, 1, 11, 8). Significam "Aproveitar o dia de hoje", pois a vida é curta. (N da T)

{101} Pequeno, insignificante. (N. da T.)

{102} Força Expedicionária Americana. (N. da T.)